Numero 1 — Lisboa, 1 de Maio de 1902 — Anno 1

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes ..... 350 réis
6 » ..... 660 »
1 anno ..... 1$200 »
Para o Estrangeiro accresce o porte do correio.

A correspondencia relativa á Redacção e Administração deve ser dirigida a
OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 20 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DE AMARAL

Leonor da Fonseca Pimentel

Quasi desconhecida entre nós pelo grosso publico, a figura energica e bella d'esta mulher, que romancistas e poetas cantaram, alava-se n'um vago de lenda que se vae desfazendo, graças ás investigações que sobre a sua vida, obra e familia se teem feito, principalmente por occasião do centenario da sua morte, passado em 20 d'agosto de 1899.

A *mania* dos centenarios, de que muito conselheiro Accacio diz mal ou ri desdenhoso, tem, álem do seu fim de justiça, esta grande vantagem — pôr em fóco uma certa individualidade historica e fazer convergir sobre ella os inqueritos dos estudiosos e a curiosidade do publico, para que surja á plena luz, com os seus defeitos e virtudes, humanisada, logicamente explicada pelo meio em que viveu, pela sociedade de que foi um producto glorioso, pela familia de que herdou as qualidades e os vicios, embora modificados.

Não haverá já ninguem, crêmos, que ainda tenha a ingenuidade de imaginar que os grandes espiritos surgem por milagre, sem raizes na terra, sem filiação na sociedade em que actuaram; isso seria a negação de toda a sciencia e o mais ignaro despreso por todas as regras fataes da hereditariedade e do meio.

Por isso julgâmos que prestam um grande serviço á patria portugueza aquelles que, como o nosso distincto compatriota senhor Joaquim de Araujo, estudarem e publicarem o que poderem investigar das relações da heroica musa da republica napolitana, com Portugal, o seu paiz d'origem. Pois Leonor da Fonseca Pimentel, a *dolce* poetiza, a intrepida revolucionaria, que ao serviço d'um bello ideal de liberdade e justiça poz a energia e coragem d'uma martyr, é um dos pouquissimos nomes que lá fóra illustram a nossa Patria.

Italiana por nascimento, pela lingua em que escreveu e pelos laços de familia que criou, não deixa de ser portugueza pelo sangue e pela muita sympathia que á patria de seus paes a ligou sempre. Esse vulto sympathico de mulher, que ficou no *Ylos sanctorum* da Liberdade como uma das mais puras glorias da Humanidade, tem duas patrias que a reclamam, tem a alma de dois povos que se conjugaram para fazer um todo perfeito e n'ella se reveem com vaidade.

Filha, como disse, de paes portuguezes, que para Italia foram no tempo do marquez de Pombal não se sabe ainda porque motivo, nasceu em Roma e de lá passou para Napoles quando ainda criança, porque á ordem do marquez, então em guerra com a curia romana, os paes tiveram que mudar a sua residencia.

Em Napoles se criou e educou, sendo desde verdes annos louvada pelo engenho e vivacidade da sua intelligencia. Cantada pelos poetas; collaboradora, segundo se diz, do sabio Spallazani, na descoberta dos vasos limphaticos; muito nova ainda e já considerada poetiza de valor; depressa se tornou conhecida e relacionada com altos espiritos, entre os quaes o celebre Metastasio.

A rainha Maria Carolina fê-la sua secretária, mas parece que se não deram muito bem, como era natural, sendo tão desimelhantes moralmente. O soneto em que a poetiza critica a rainha ficou como estigma de eterna vergonha ligado á memoria da irmã de Maria Antonieta.

Casou em 1777, com um official do exercito Pascuale Fria de Solis, de quem teve dois filhos, que viu morrer, assim como o marido.

As ideias de liberdade que por todo o mundo a França espalhára, levadas embora na ponta das suas bayonetas, fizeram-na uma revolucionaria sincera e ardente, perseguida e encarcerada como conspiradora, libertada depois pela invasão franceza, enforcada mais tarde por ordem dos seus reaes inimigos, quando a reacção os levou de novo ao poder.

Entre outras publicações que se fizeram pelo seu centenario, foram reimprimidos pelo sr. Bernadetto Croce os sonetos e a ode que Leonor da Fonseca Pimentel escreveu por morte do seu ultimo filho e em agradecimento ao medico que o tratou.

Foi um bom serviço psychologico e historico, para nos mostrar uma face mais humana e comprehensivel d'essa figura que se destaca, nimbada de fulva luz gloriosa, no horizonte rubro de sangueira que abafou a mais nobre revolução de quantas a tyrannia tem feito surgir sob os seus pés de ferro.

A poetiza partenopeia, como quasi todos os escriptores do seu tempo, raro fallava na familia e nos sentimentos que a ella se ligavam.

Era moda, a que não podemos chamar pudôr, só considerar digno de ser cantado, como o amôr por excellencia, o amôr entre homem e mulher.

Todos os outros grandes sentimentos que superiorisam o coração humano, escondiam-se orgulhosamente, com prejuizo da Arte, que se amaneirava e soava falso; mas Leonor sentiu tão fundo a vergastada do destino que o seu coração de mãe estremeceu e fallou mais alto do que as preoccupações litterarias.

A formosa mulher que foi a alma — bella e luminosa alma! — d'essa ephemera republica, que teve o fugaz destino de tudo quanto é nobre e generoso; a mulher de energias varonis que redigia o «Monitor napolitano», o jornal official da republica; essa mulher que foi litterata, revolucionaria e sábia, teve a gloria suprema de ser mãe e a dôr maior de assistir á morte dos filhos!

Soffreu esta dôr aguda e interna que se enrosca na alma e a devasta, dando-nos a horrivel convicção de que só nós soffremos no mundo. Que os outros continuam a gosar; que as arvores, as flores, as aguas e o céo não perderam nada da sua belleza e graça, emquanto nós ardemos no desespero do irreparavel.

Mas essa dôr devia tornar-se lhe goso quando em frente do patibulo, pela certeza de que não deixava um filho para soffrer o martyrio que os seus inimigos lhe não poupariam, decerto Poude sorrir para o futuro com a certeza de que o seu nome venceria a morte, essa morte infamante qua lhe deram para a castigar do crime de pensar e luctar pela liberdade—morte que a glorificou bem mais do que os sorrisos e applausos dos cortezãos.

Eis um pallido reflexo do que foi a existencia da nossa quasi compatriota, pois que ella não se esqueceu nunca da lingua nem do paiz de seus paes, traduzindo a *Analyse da Profissão de Fé*, do padre Antonio Pereira de Figueiredo, correspondendo-se com o bispo D. Fr. Manuel do Cenaculo, tendo as melhores relações com o nosso embaixador em Napoles José de Sá Pereira, cantando o marquez de Pombal, que apesar dos seus actos de feroz violencia, que aos nossos espiritos d'hoje se afiguram crimes, representava então o progresso e o odio á intolerancia religiosa.

Começando a nossa revista por prestar homenagem sincera e cultual á insigne musa da liberdade napolitana, inscrevendo-a na sua galeria de figuras illustres, como honra do seu sexo, do seu tempo e das duas patrias que a disputam; cumprimos uma parte do nosso programma, cumprindo ao mesmo tempo um gratissimo dever espiritual.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

OS HEREJES E OS SANTOS

(DE UM LIVRO INÉDITO)

S. Simeão Stelita (em pé n'uma columna)

Aqui n'esta columna, exposto aos ventos,
aos granizos, á chuva, ao raio, ás luas,
— mais alto que dos reis os pensamentos —
sinto o frio cortar-me as carnes núas.

Mas que impórta?— Mais vále isto que as púas
da Luxúria brutal, que em vis momentos
distrahiam do Céo meus sentimentos,
— até nas femeas immoraes das ruas!

Homem, fúge á Mulher — fóge ao Peccádo,
côr da espuma e do marmore rosádo,
toda linhas sensuaes, malicia, e lábia!...

Repélle-a, como ao sol fóge o morcêgo.
Ou traia-a como a besta de carrêgo,
— e açoita-a, noite e dia, como escráva.

Rousseau (n'uma ágoa furtada)

Já que a Mulher é nossa companheira
n'esta vida de rásios, tão cainha,
récto é que partilhe a nossa vinha,
dos fructos da nossa alma e da oliveira.

Já que Deus nol-a deu... por que maneira
é peccádo que a misera e mesquinha
descanse alegre, ao sol, como a avesinha
sentada, ao pé de nós, junto á lareira?

Sente-se Ella, portanto, em nosso lar,
junto aos berços dos filhos que aleitar,
soltando o canto que emoções encerra.

— Aleite-os ella, despresando as gallas!
— Fuja das fátuas seducções das sallas!
— Dê-lhes seu sangue, como a nós a Terra.

O Diabo (ás gargalhadas)

Decerto tem plumágens bem vistosas
a mulher, como as aves das mais ráras!...
— Algumas são pompósas como aráras,
— Outras são, como as rôlas, mui chorósas.

Mas todas — lá no fundo — são vaidósas
do palminho gentil das lindas cáras!...
Homem, tóma o conselho: — empúnha as váras,
e o pó sacóde, ás vezes, d'essas rósas!

Homem, tóma o conselho da Prudencia:
— Nunca a chegues á arvor' da Sciencia,
como eu outr'ora fiz, por mariola...

Visto que és forte, móstra-lhe rijeza.
Seja ella a rara *Ave da Belleza*...
— Que cante, e cante bem... mas de gaióla!

A RAZÃO

Ha uma cousa mais alta que a Energia,
mais graciosa e gentil do que a Belleza:
— é a doçura tenaz da ágoa macia,
— a paciencia do Amor, na Natureza.

Homem! não temas que a Mulher, mal prêsa
dos teus braços, te fúja, se algum dia
pelos astros, ou as nuvens côr do Dia
a vir's voar, sorrindo, alégre, illéza.

Deixa-a voar mais alto que as auróras,
pelas estradas brancas e sonóras,
onde os astros celébram seus noivádos!...

Deixa-a voar, mais alto que as procellas!
Pois que se alto voar pelas estrellas,
— levará' os seus filhos abraçádos.

GOMES LEAL.

A MÃE E O DESENVOLVIMENTO PSYCHICO DO FILHO

A educação dos filhos durante os primeiros annos da sua existencia deve pertencer exclusivamente á mãe.

E' a ella que a natureza confia a preparação da sua intelligencia, para poder receber os primeiros ensinamentos, que serão o germen, e sem duvida a base de toda a educação e instrucção futura.

«O que o berço dá a tumba o leva» diz o aphorismo popular. E, com effeito, a influencia que a mãe exerce no desenvolvimento intellectual do filho, é de tal fórma duradoira e accentuada, que, na maior parte dos casos, reflecur-se-ha sempre nas suas manifestações psychicas, apesar de todas as modificações que lhe advenham mais tarde por outras influencias estranhas, quando se achar subtrahido a ella.

Porém, para que a mãe se possa desempenhar d'esta tão difficil como nobre tarefa, necessario é que a sua illustração esteja á altura da sua grandeza e responsabilidade. Entre nós, infelizmente, a educação que se dá ás meninas, não é a que mais convém, para as fazer desempenhar conscientemente esta missão social e humanitaria.

Voltaremos a este assumpto, que reputámos fundamental na obra de regeneração da actual sociedade, pois estamos convencidas de que será unicamente pela regeneração da mulher, cuja influencia sobre o filho, o cidadão do futuro, é tão importante, que se poderá um dia chegar a alcançal-a. Educar e illustrar a mãe, é assentar em bases eternas o progresso humano.

Desde o primeiro anno da vida da criança, uma mãe previdente deve começar a pensar no desenvolvimento e educação das suas faculdades psychicas. São os brinquedos, adaptados á edade, o melhor, senão o unico meio de conseguir tal resultado. D'elles recebe as primeiras noções do movimento e do repouso; e pelo maior ou menor prazer que ella experimenta em pegar n'um ou outro, aprende a conhecel-os e distinguil-os. E assim, variando as sensações, consegue-se fixar-lhe a attenção, desenvolvendo-lhe as faculdades de observação e a memoria.

Logo que a intelligencia da criança começa a desabrochar, vêmol-a pouco a pouco estabelecer uma relação entre a sensação, que experimenta, e as circumstancias que a fizeram nascer; e, quando esta se repete, conhece-se que a criança conservou a recordação das circumstancias que a causaram Os gritos e os movimentos, com que ella manifesta o desejo de a tornar a encontrar, não são mais do que os primeiros actos da *vontade*. E' por estes que deve começar uma boa e conveniente direcção.

Sendo necessario para o desenvolvimento psychico a variedade das sensações, deve haver toda a cautella em não cahir em exageros. O estado de excitação constante, que d'ahi resultaria para a criança, exercerá sobre ella uma influencia perniciosa e duravel. Emquanto que a criança, que é habituada pela perseverança a tirar todo o partido possivel d'um certo brinquedo, adquire com esse esforço uma grande faculdade de attenção e observação, a outra, porque a multiplicidade d'elles lhe não permitte fixar-se em nenhum, faz-se, com raras excepções, caprichosa e voluvel nos desejos e predilecções. Estas duas modalidades da primeira infancia quantas vezes se fazem sentir mais tarde, nos diversos actos da vida!

Chegada ao periodo em que a mãe póde alargar o seu campo de acção educativa, serão ainda os brinquedos o grande auxiliar. Servem-lhe agora para as lições de *coisas*, para com ellas suave e gradualmente criar e desenvolver-lhe a curiosidade e a vontade de saber, habituando-a a procurar a razão de ser das *mesmas*, dando lhe explicações faceis, e sempre que possivel com objectos visiveis.

Quantas vezes por este meio intuitivo se criam gostos e preferencias, que exercem influencia sobre toda a vida do individuo!

Orientada assim a criança, cuja intelligencia se foi desenvolvendo gradualmente e na comprehensão nitida das *coisas* e das suas *relações*, compete agora á mãe completar a sua missão, ministrando-lhe pelos contos ou quaesquer meios recreativos, as noções precisas para que ella possa facilmente, na edade propria, com utilidade e sem esforço, emprehender os seus trabalhos escolares.

Para complemento do desenvolvimento intellectual, convém não esquecer a boa e harmonica educação dos sentidos, que são os meios com que nos pômos em relação com o mundo exterior. Deve a attenção da mãe dirigir-se particularmente para o ouvido, para a vista, e para o tacto.

De todos os meios que dispomos para desenvolver o sentido do ouvido, o mais efficaz e agradavel é a musica, e principalmente o canto. A musica, além de habituar a distinguir as mais subtis differenças de sons, exerce uma incontestada influencia sobre o systema nervoso geral, que a mãe deve aproveitar, acompanhando o canto de recitações, destinadas a produzir-lhe impressões varias, umas vezes tranquillas, outras agitadas e impulsivas, para lhe incutir os germens de todas as virtudes civicas e moraes que elle, n'este estado de tensão nervosa, facilmente acceita e comprehende.

E bom, ter sempre todo o cuidado em evitar as musicas ou historias demasiado tristes, para lhe não alterar a alegria, que é o seu mais bello dom.

A educação da vista, corrigindo quaesquer vicios ou tendencias viciosas, e a educação do tacto, conseguem se facilmente por meio dos pequenos jogos recreativos, tão agradaveis ás crianças.

Outro ponto não menos importante que a mãe deve attender, é a preparação para a educação moral.

Pela differença de sentimentos que a criança experimenta, quando é recompensada ou castigada, é que ella se vae pouco a pouco habituando a distinguir o *bem* e o *mal*.

Sendo naturalmente egoista, sentimento que n'ella se desenvolve como consequencia dos cuidados exigidos para a sua conservação, e de que por isso mesmo a cercam, logo que nasce, compete á mãe usar da maior prudencia na maneira de recompensar, de forma que nunca, com excessivos elogios, ou premios immerecidos, vá exagerar essa tendencia já de si natural.

Não devem tambem os castigos ser tão severos que impressionem profunda e dolorosamente a criança, cuja sensibilidade é grande, devida á sua constituição fragil. Innumeras são as maneiras suaves de punir, sem lhe deixar no espirito impressão duradoira, sem alterar a sua natural alegria, com os quaes se pode attingir os fins educativos que se tem em vista. Ha, porém crianças que não cedem

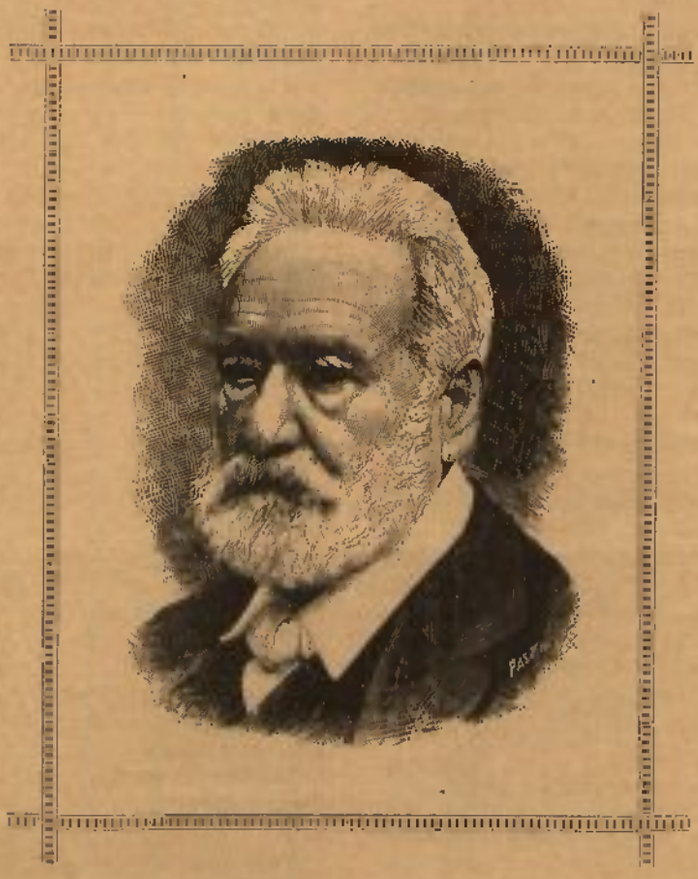
senão aos castigos corporaes, mas felizmente são poucas. Na maior parte das vezes é a falta de bom senso das mães, que arrasta as crianças á desobediencia. Castigadas corporalmente todos os dias e pelas mais leves faltas, acabam por se habituar, tornando-se indifferentes ás pancadas, não fazendo esforços para se corrigirem, porque chegam por fim a não saber distinguir a falta grave da falta ligeira, uma vez que são castigadas egualmente por todas.

Alcançada a noção do bem e do mal, resta completar-lhe a educação moral. Por meio de contos apropriados, de exemplos faceis e incisivos, irá a mãe a pouco e pouco incutindo-lhe idèas de tudo o que è justo, nobre, bello e valoroso, desenvolvendo-lhe as faculdades affectivas, mas corrigindo sempre os exageros doentios do sentimentalismo.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

VICTOR HUGO

(INÈDITO)



Tendo dado expressão a todas as aspirações do seculo XIX, Victor Hugo está para a grande època em que a Revolução tendia para tornar-se evolução, como Dante estava para o fim da Edade media, quando proclamava a renovação de uma nova èra. O poeta da *Divina Comedia* assistia ao inicio da dissolução do regimen catholico-feudal; o poeta da *Lenda dos Seculos* vinha no termo da explosão temporal, annunciando depois do esgotamento das ficções theologicas e do parasitismo das realezas o imperio da Humanidade.

Pela sua larga existencia e pela participação da vida publica, Victor Hugo retemperou o ideal nos sentimentos da Patria e da Humanidade, e como poeta synthetisa o espirito revolucionario nos *Chatiments*, e a nova concepção da Humanidade na *Lenda dos Seculos*, a sua ultima e mais sublime transfiguração.

Quando o talento e o caracter se harmonisam, não é sómente a individualidade do homem que se eleva; a sua vida sendo tambem uma lição, que nos fortifica e alevanta, é como disse Milton, um bello poema. E esta a linha fundamental da individualidade de Victor Hugo, como poeta, como escriptor, como homem publico. Foi o ultimo sobrevivente dos escriptores que romperam com a atonia da Arte classica das escholas humanistas, e o primeiro luctador, que poz a Arte com o seu grande poder unificador ao serviço das ideias modernas, empregando a como uma força social. Entre a *Notre Dame* e a *Histoire d'un Crime* está circumscripta a evolução d'este luminoso espirito, que soube revelar a poesia intima de uma èra nova que se constituia socialmente, e salvar um povo da traição dos proprios depositarios da auctoridade. Nunca se libertou do imperio da palavra e da emphase rhetorica; mas estes defeitos exteriores da sua obra são os modos de ser particulares de uma tão sympathica personalidade, não servindo para se imitarem mas para fazerem conhecer intimamente o homem que ultrapassa os limites das nossas condições ordinarias.

Victor Hugo nasceu em 26 de fevereiro de 1802, sendo seu pae o general Hugo, celebre caudilho das campanhas napoleonicas, e sua mãe Sophia Trebuchet, natural da Bretanha, como tal realista convicta e provada nas luctas da insurreição vandeana. O que havia de contradictorio entre estas duas naturezas, reapparece alternativamente em Victor Hugo segundo a edade, e a maior influencia que exerceu cada um dos seus progenitores sobre uma organisação que se definia. A sua esthetica dos contrastes não provirá d'esta antinomia psychica? O seu largo sentimento democratico e humano não resultaria de antagonismo entre os impulsos do poder baseado na força militar e do poder firmado no privilegio da tradição? Para abandonar os estereis sentimentos do realismo bretão, teve Victor Hugo de admirar o Imperador theatral, porque assim è que se aproximava do grande espectaculo da Republica, que a auréola mentida de Napoleão offuscava. Esta terceira phase da sua vida foi a sublime orientação tomada no exilio de Jersey até á morte, considerado já perante a Europa como umpontifice da Humanidade.

Victor Hugo, depois dos seus grandes triumphos theatraes, com que revolucionara a litteratura dramatica do Romantismo, viu truncada a sua existencia intellectual tendo de abandonar Paris, e o solo da França manchado pela traição do presidente da segunda Republica, que se proclamara imperador. De 1852 até 1870, Victor Hugo resistiu a todas as defecções, e foi por assim dizer, no seu retiro da ilha de Jersey, a consciencia pura e inquebrantavel da França livre. Depois da destituição do Imperio em 4 de setembro de 1870, è que o poeta, que escrevera o esplendido livro dos *Chatiments* e o *Napoleon le Petit*, correu a contemplar a patria, que jazera vinte annos escravisada e que a derrota de

Sedan arrojara ao abysmo. Esses annos de resistencia, de desterro e de protesto são a consagração de um altissimo caracter; a França deveu-lhe alguma cousa no seu resurgimento moral de dignidade, e todas as apotheoses são bem merecidas a esse genio, que acima ainda da sua idealisação sincera de artista, fulgirá pela força moral do caracter que durante os annos do Crime glorioso conservou em si illeza a Consciencia da França. N'esses annos de abjecção, em que uns capitularam, outros succumbiram, ou se accommodavam passivamente, Victor Hugo, como se possuisse a tuba de Roland, levou muito longe o grito da França ferida na sua liberdade; durante as carnificinasda Allemanha, que deslustraram o ultimo quartel do seculo XIX, Victor Hugo, no *Anno terrivel* possuiu a voz da Humanidade, foi o seu interprete. Os seus versos têm a magestade das Gestas frankas, e a suavidade do lyrismo trobadoresco provençal; no seu deismo vago, e na sua fé politica conservou a tenacidade do Bretão. É o representante da França em todos os seus elementos ethnicos. E para nós os Occidentaes, temol-o como um symbolo expressivo das quatro nacionalidades, cujos progressos terão de ser coroados pela *Federação Pan-latina:* da França, Italia, Hespanha *iberica* e Hespanha *lusitana*. E isto reflecte-se nas manifestações de um tal genio: pela imaginaçãoe paixão dramatica é um hespanhol; pela delicada passividade amorosa é um portuguez; pelo esmero artistico da fórma stylistica lembra uma natureza italiana; pelo seu impulsismo progressivo e humanitario é verdadeiramente um francez. Não admira que a sua ultima apotheose se tornasse quasi nacional em cada um d'estes paizes, sendo esse o seu verdadeiro sentido na intenção da internacionalidade.

THEOPHILO BRAGA.

PENSAMENTOS E OPINIÕES

Toda a gente sabe quanto vale para um paiz ter uma população sadia e robusta, o que representa um alto e complexo valor economico e social.

DR. SOUZA REFOIOS.

Não ministram a educação aos filhos do povo, e depois queixam-se de que não ha publico para nada, de que não ha opinião e a eleição é uma burla! Accusam a miseria do povo, e não procuram remedial-a! Mas d'onde viemos todos? e que foi que nos elevou?

DR. BERNARDINO MACHADO.

A felicidade consiste em pôr o coração ao lado do dever.

OCTAVE FEUILLET.

Os escrophulosos não tuberculosos, virão a tuberculisar-se facilmente, se viverem na miseria.

DR. SOUZA REFOIOS.

Uma mulher *coquette* pode muito bem ser virtuosa; mas nunca é innocente.

M.me POTIN.

Só, o homem é um selvagem e um fraco; unido a outros, pelos laços da solidariedade fraternal, é um cidadão civilizado e um forte.

DR. BERNARDINO MACHADO.

O goso dos prazeres não faz mais do que amolecer a alma, corrompendo-a e tornando-a insaciavel.

FÉNELON.

A revolução social que se prepara na Europa, firma-se principalmente no futuro da mulher e do operario.

H. IBSEN.

Não se commover muito com coisa alguma é talvez a unica maneira de ser feliz.

HORACIO.

ENDECHAS DE CAMÕES A BARBARA

Aquella captiva
Que me tem captivo,
Porque n'ella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos
Que para meus olhos
Fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
Nem no ceu estrellas
Me parecem bellas
Como os meus amores.
Rosto singular!
Olhos socegados,
Pretos, e cansados
Mas não de matar!

Uma graça viva
Que n'elles lhe mora,
Para ser senhora
De quem é captiva!
Pretos os cabellos.
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os loiros são bellos!

Pretidão de amor...
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a côr!
Leda mansidão,
Que o siso acompanha,
Bem parece extranha,
Mas .. *barbara* não!

Presença serena
Que a tormenta amansa:
N'ella emfim descansa
Toda a minha pena.
Esta é a captiva
Que me tem captivo:
E, pois n'ella vivo,
E' força que viva.

Cette esclave si belle
Qui possède mon cœur
Quoique je vive en elle,
Je n'en suis pas vainqueur.
Sa beauté tropicale,
A mes regards ardents
Fait pâlir sa rivale,
La rose du printemps.

Ni les astres de flamme,
Ni les bouquets des prés,
N'égalent sur mon âme,
Ses appâts bien-aimés.
Regard calme, impassible...
Visage au fin contour...
Mon cœur bien trop sensible
En est épris d'amour!

Son port de souveraine,
Sa grâce et sa douceur,
La font, d'esclave, reine
De son adorateur.
Je puis briser la chaine
Des plus beaux cheveux blonds,
Car sa tresse est d'ébène,
Ses yeux noirs sont profonds!

La neige est envieuse
De son teint chaud, cuivré:
Sa noirceur radieuse
Ne peut rien envier.
Son charmant caractère
Ses ravissants attraits,
La rendent singulière,
Mais... *barbare*, jamais!

Retrouve enfin le calme
Cœur blasé, cœur meurtri!
Elle est pour moi la palme
D'un désert infini.
Voici l'esclave belle
Dont je suis serviteur,
Et je revis pour elle
Qui m'a ravi mon cœur!

Traducção de ALICE MODERNO.

A REVOLUÇÃO SOCIAL

I

— De rôjo, collando o ouvido ao solo arenoso, o selvagem escuta os passos perseguidores que ainda vêm longe...

— Quem, mais prevenido, puzesse a concha da orelha em contacto com o fremêr do sub-solo, — que é como quem dissesse: a vida subterranea das ideias que se iniciam — havia de sentir, ha bons annos já, que alguma cousa, phenomenalmente extraordinaria, estava a crescer e a engrossar no mysterioso utero em que se germinam todas as grandes causas e todas as grandes transformações...

— O homem civilisado, no meio da complexidade e atordoamento da sua existencia, distrahido e confundido com o Ruido com que elle proprio fez a vida, tal qual está, cheia de violencia e de exigencias infinitas; que é obra sua, e com que orgulhosamente se envaidece e ao mesmo tempo tyrânicamente se martyrisa a si mesmo; o homem culto parece estar inferior ao selvagem quanto a apperceber o que se encontra a mais d'um palmo adiante... do seu nariz investigador.

Com uma instrucção cultural que lhe fornecen lentes de poderosissimo alcance e conhecimentos profundos e transcendentaes; sabedor da Historia e de historias, que são rosarios de exemplos e de escarmentadoras lições; munido de estatisticas, economias—politicas, e de tantas outras sciencias e philosophias de cifras e orçamentos: ao homem culto de hoje parece ainda surprehendê-lo uma crise séria, seja de carestia seja de abundancia, uma grêve geral, um movimento insurrecional qualquer—simples mexer d'hombros do collosso...— como poderia surprehender-nos uma navalha subitâneamente jogada d'uma esquina sem luz...

Porque, no fim de contas, a attitude ainda em geral subsistente, nos individuos como nos estados, essa attitude de quasi total alheamento e indifferença das classes *que estão bem* perante o mal estar das restantes, cada vez mais cavado e mais fundamente tôrvo e iniquo, não obedece a um qualquer systema ou processo de combatividade; não significa strictamente um fechar d'olhos consciente de quem não quer vêr desgraças, ou de quem não está para se ralar, n'um lazaronismo de barriga cheia...

N'essa attitude ha tambem certamente muito de imbecilismo e de vista curta — de quem não sabe apperceber a tormenta, de quem não calcúla a força fermentadora que existe nos preparos, nos elementos, que já ha muito se vêm acumulando, coherentemente, logicamente, mais precipitadamente por vezes pela velocidade adquirida, mas sempre com a logica fatal de todos os grandes factos historicos. Movimento que escolas e partidos e publicismos não engendram e combinam — o movimento explicado, natural, de todas as revoluções e transformações geologicas como politicas e sociaes.

Ao que parece, a Sociedade constituida mal chegou a collar o ouvido ao solo em fermentação, ou, se o collou, não poude ou não soube medir lhe a collossal grandeza.

Não se explica d'outra fórma, como se não explicaria a passividade d'um inquilino dormitando docemente sobre uma abobada, sob a qual todo um deposito de materiaes explosivos começasse a estourar em pyrotechnias tragicas...

— Porque já não é precisamente um simples fermento de rebellião, facilmente apagavel á primeira investida; não é uma singela marcha d'um exercito, embora formidavel, meio em arroubos ingenuos de festa, meio em pé de guerra brava, que avança e faz tremer o sólo. E' Vesuvio que começou já a sua erupção, de guellas escancaradas vomitando fogo e entoando um *sabbat* de exterminio.

PAULINO DE OLIVEIRA.

A MULHER DE HA TRINTA ANNOS E A MULHER D'HOJE

Se perguntarmos aos que ora entram com desplante na vida,—julgando que nada devem ao passado, que o presente é obra sua e que o futuro lhes pertence — o que era a illustração da mulher portugueza de ha trinta annos, não haverá ahi rapaz ou rapariga de medeana educação que não solte uma gargalhada escarninha, ou que, ao menos, não franza a bocca n'um tregeitar de troça.

E' que essa época de romantismo agudo avulta a nossos olhos a turba desgrenhada das jovens que recitavam ao piano com os olhos em alvo, que dormiam de collete para adelgaçarem a cinta, defumavam o rosto para obterem a pallidez interessante que a moda proclamava, sonhavam com o menestrel choroso, que por noites luarentas as viria buscar para uma eterna vida de romance—com *o amôr e uma cabana*.

Essas eram as exageradas de todas as escolas, as desvairadas de todos os tempos; mas ao lado d'ellas, as sãs, as ajuisadas, que liam os mesmos livros, e conheciam as mesmas poesias, não se deixavam levar em excessos de romanticas piegas, mas amavam os seus poetas e comprehendiam a litteratura do seu paiz.

Não ha para ahi senhora da geração de nossas mães, rudimentarmente educada que fosse, que não tenha chorado e rido com os romances de Camillo, que não tenha discutido e amado Julio Diniz, que não conheça Garrett e Herculano, que se não lembre com saudade da *Lua de Londres*, que não tenha recitado Soares de Passos, Castilho, Palmeirim e Thomaz Ribeiro, que não tenha cantado essas poesias, que entraram no ouvido de todos em modilhas e cantatas compostas por musicos ignorados...

Isto n'uma época em que a mulher não tinha, como a d'hoje, em cada canto uma professora de primeiras letras, em que a instrucção por essas provincias fóra era um luxo asiatico, em que os lyceus não lhe tinham franqueado as suas portas, e nas escolas superiores se fallava no exemplo de Publia Hortensia de Castro, que cursou a Universidade vestida de homem, como d'um caso fabuloso, porventura menos provavel do que a sabedoria de Minerva, a deusa mythologica da sciencia...

Quer dizer que a mulher, joven ha trinta ou quarenta annos, conhecia e comprehendia os escriptores do seu paiz — tinha sobre a da geração de hoje essa não pequena superioridade.

E' que os romancistas acabaram e os poetas já não fallam ao coração... uza por ahi dizer-se n'uma d'estas desculpas que se enrolam e doiram como

pilulas, que a todos convem engulir: aos paes que não sabem orientar as filhas, aos irmãos que se vexam da ignorancia das irmãs, aos noivos que procuram na mulher, não a companheira de uma vida laboriosa e util, e a educadora d'uma familia de sãos e honestos, mas a futilissima criatura que os encanta momentaneamente e lhe será escrava obediente ou tormentoso martyrio do futuro, quando não tenham procurado sómente o dinheiro do dote, para se encontrarem com a «alma das almas»; desculpa que convêm ás proprias interessadas que assistem, sem comprehender, ao avançar victorioso da sciencia que ha de expulsar os ignorantes como párias inuteis n'uma sociedade que se encaminha para a luz.

Poetas e prosadores, é certo, deixaram a azinhaga florida do romantismo para caminharem pela estrada de um novo ideal esthetico, para uma arte mais verdadeira e humana. Mas porque os não seguem as mulheres? Porque desprezam, se a arte de hoje lhes desagrada, tudo que de grande e bello tinha a do tempo dos nossos paes?!

É que a mulher portugueza que não está educada bastantemente, (apezar de certos criticos acharem que o está já de mais), ouvindo ridicularisar a romantica descabellada, a pretenciosa ridicula, não soube discernir e escolher o bom caminho que o senso commum lhe apontava: uma educação sèria e fundamentada, começando nas coisas práticas e uteis da vida, acabando na litteratura e na arte em geral que é por assim dizer a alma fallante d'um povo.

Entre os dois extremos quedou-se, á similhança do exemplo de Gil Vicente — entre as duas medidas de cevada, sem saber por qual decidir-se...

Parou, isto é, retrogradou, porque em civilisação não ha paragens que não sejam retrocessos.

E nós assistimos com magua ao divorciar cada vez mais pronunciado da mulher portugueza com a arte e os artistas do seu paiz. Vemos, em geral, a educação das mulheres, que hão de ser as mães das futuras gerações d'homens, feita sem elevação moral nem intellectual — um mostruario vistóso para illudir parvos, ou a mais boçal e crassa ignorancia.

Como poderão sahir, de crianças educadas assim, as mulheres que a sociedade reclama, fortes nas consciencias dos seus direitos e dos seus deveres, que ao lado do homem sejam companheiras e amigas, auxilio e egnia nas horas negras da vida, iniciadoras e educadoras dos filhos, a alegria do lar e da familia?

É urgente que nos convençâmos de que a mulher ignorante é o mais triste e aborrecido verbo d'encher que a sociedade agasalha. Se é bonita, elegante e veste bem, começa por ser um prazer para os olhos e acaba por ser um desprazer maior para o espirito, quando nos responde com o mutismo da ignorancia convicta ou a tagarellice da ignorancia atrevida a uma simples conversa em que pessoas cultas jogam com ideias e conhecimentos, como as crianças com as irisadas bolas de sabão.

O homem sem grande cultura litteraria póde passar, porque a vida pratica, o convivio obrigado da sociedade, a propria technologia do seu mester, tudo isso lhe traz ao espirito umas noções geraes que tornam supportavel e até por vezes agradavel o seu trato. A mulher, não, vivendo na restricta atmosphera da familia, sem uma forte e arejada educação, entretem-se com pequenas e mesquinhas vaidades, torna-se d'uma futilidade, d'uma insignificancia intellectual que causam dó.

Isto olhando-a pelo lado social; que na vida familiar, os effeitos da ignorancia feminina são mais deleterios ainda, como teremos occasião de dizer em subsequentes artigos.

Anna de Castro Osorio.

REGISTRO

Criticas e commentarios

Notas d'um Pae — As crianças, por Bernardino Machado.

Nada mais verdadeiro do que o titulo dado a este livro, escripto com tal delicadeza e frescura que mais se diria distillado por um coração de mãe nas paginas intimas do seu diario.

Feito de notas soltas e apparentemente desconnexas, o seu seguimento é logico e a lição bem clara.

O sr. dr. Bernardino Machado, que é um sabio e um verdadeiro pedagogo porque ensina e faz-se comprehender pelo esforço da propria intelligencia e não arrimando-se ás seccas definições dos compendios, estuda a infancia no exemplo que tem em seus filhos, e d'ahi tira conceitos e infere ensinamentos para a educação racional e intuitiva para que caminhámos.

Doidos e crianças foram já os martyres d'uma sociedade que se julgava civilisada e grande, porque dispunha da força; é tempo de acabar o martyrio d'estas como acabou o d'aquelles.

Vae, felizmente, longe a época em que as casas de loucos eram verdadeiras inquisições onde se torturavam corpos que a razão abandonára; chegou a hora tambem de transformar em risos livres e saudaveis as lagrimas da infancia contrafeita.

E' a nossa vez, paes, professores e educadores! Sigâmos o exemplo dos medicos que a sciencia guiou á piedade, e eduquemos o homem do futuro sem martyrisar a criança e sem lhe arrancar brutalmente, para a esmagar com a feroz estupidez que chamamos razão, a delicada flôr do instincto e da intelligencia.

Façâmos da escola a alegria da criança, do professor o amigo, da mãe a adoravel e adorada mestra e iniciadora dos primeiros annos, do pae o exemplo que se segue e não o tyranno que se teme.

E' isto que nos ensina o livro do sr. dr. Bernardino Machado, e é por isto que o estimâmos como um livro santo.

«Deveres maternos e Educação primeira da Infancia» traducção da 37.ma ed. allemã do livro do dr. Von Ammon, pelo dr. Albino Moreira de Sousa Baptista.

Um livro simples, sem pretenções litterarias, cheio de ensinamento e noções essenciaes a quem desejar criar seus filhos com hygiene, a quem preferir ter crianças alegres e sadias a pobres entes enfermiços que só causam dó. Um livro que dese-

jariamos ver nas mãos de todas as mães, não para o lerem e esquecerem, mas para seguirem seus preceitos e terem n'elle o seu guia.

Uma mulher que é verdadeiramente mãe ou antes que deseja ser, tem a stricta obrigação de ler e estudar algumas noções d'hygiene infantil, e criar os seus filhos com intelligentes cuidados sem os deixar adoecer a cada passo para tambem a cada passo andar a maçar os medicos que, em geral, sentem, e com razão, verdadeiro horror ás doenças das crianças.

Mas é bom não cahir, como muitas, no erro contrario de só chamar os medicos quando o perigo é iminente e o remedio violento ou nenhum. O meio mais seguro de não sacrificar os pobres entesinhos confiados á guarda da mãe, é cria-los com a mais rigorosa hygiene para que não adoeçam, mas quando isso succeda, infelicidade que nem sempre é possivel prevêr e evitar, que nunca o medico seja poupado, porque se elle não salva a criança com o auxilio da sciencia, o que fará a mãe desarmada e impotente perante o mal desconhecido?!...

No prologo com que a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos precede a traducção d'este precioso manual da boa mãe, diz a illustre escriptora que acceitou esse encargo gostosamente:—«com o intuito de contribuir para a regeneração physica e moral de uma raça favorecida por condições climaticas sem egual, outr'ora fecunda e de admiravel robustez, mas hoje depauperada de sangue e tambem de força de vontade.»

Têm razão a escriptora, que é uma gloria nossa, apesar de filha d'outro paiz que trocou por este que o amôr lhe deu; é isso exactamente o que nos falta, a vontade, a energia, o gosto deaprender e progredir.

A mãe portugueza, em geral, depois de ter o filho e quando muito amamentá-lo, sem olhar aos mais rudimentares preceitos da hygiene, cuida a sua missão terminada vestindo as crianças a capricho, e *impingindo-as*, é o termo, para o collegio ou para a *mestra*. Para se livrarem de maçadas...

Nem mesmo teem, ao menos por curiosidade, interesse de saberem o que os outros dizem para bem de seus filhos. Para quê? Seguem a rotina, com modificações... para peor.

A mulher entre nós tem tão pouco o habito de ler e estudar, que os proprios livros feitos para serem distribuidos gratuitamente, como os que tão generosa e benemeritamente tem feito traduzir e publicar o sr. Julio d'Andrade, — *Advertencia ás mães de familia* e outros de grande utilidade para a boa criação da infancia — não são pedidos como deviam ser.

Se o folheto feito para ser dado, *As mães devem amamentar seus filhos*, teve apenas uma senhora desconhecida que o pediu!... Queremos esperar que este doentio estado de apathia moral terminará em breve e que a mulher portugueza se convencerá emfim que se não é boa mãe sómente porque se tem os filhos; mas mais ainda porque se educam e se fazem entrar na vida sadios de corpo e d'alma, bem equipados e municiados para a lucta do trabalho honrado.

E porque queremos conservar esta doce esperança, de boa vontade nos associâmos á *cruzada* a que se refere a illustre prefaciadora dos *Deveres maternos*, aconselhando todas as mães a que o estudem e pratiquem as suas boas regras de hygiene physica e moral.

«*O brazão da mãe de Carlos o Temerario*» por E. A. Stuchelberg. Artigo do archivo Heraldico, 1901 n.º 2.

Separata d'uma noticia que sobre este artigo publicou no n.º 2 do *Instituto* de Coimbra, o sr. Alfonso Hincker.

O sr. Hincker, que é allemão por nascimento, mas portuguez por sympathia, dedica-se ao estudo da nossa lingua e tem o maior interesse em tornar conhecidas mutuamente as litteraturas dos dois paizes.

Este seu curioso trabalho é a traducção do artigo de E. A. Stuckelberg que se refere ao brazão d'armas de D. Izabel filha de D. João I, que foi a terceira mulher de Carlos o Temerario, esse grande louco, flor da cavallaria, que em si resumiu as qualidades e enorme defeitos d'uma epoca de barbaro heroismo

No tempo em que reis e povos se comprehendiam, fallar d'uns é fallar dos outros, por isso a noticia do sr. Hincker tem interesse para nós e d'aqui lhe agradecemos como portuguezes que estimam ver a sua patria citada sem ser sempre por motivos que a envergonhem e magôem.

A. C. O.

Por nos ter chegado demasiadamente tarde, só teremos o prazer de publicar no 2.º n.º d'esta revista, um artigo do illustre homem de lettras e nosso representante em Genova, senhor Joaquim de Araujo.

Esse artigo em que o preclaro escriptor prosegue nas suas pacientes e eruditas investigações, respondendo ao mesmo tempo a algumas observações que lhe foram feitas quando publicou o seu estudo sobre a alta figura historica de que damos hoje o retrato, insere copiosas notas de bem e interessante auxilio a estudiosos.

SOCIEDADE FUTURA

Publicação quinzenal de Litteratura, Sciencia e Arte

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

3 mezes	350 réis
6 »	650 »
1 anno	1$200 »

Preço avulso 60 réis

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente. Para as Ilhas, Africa e Extrangeiro, a cobrança é feita por conta dos assignantes.

Aos illustres damas e cavalheiros a quem enviamos a nossa Revista, e que a não queiram assignar, pedimos o obsequio da devolução para a casa administradora, Rua da Gloria, 51—Lisboa.

Numero 2 — Lisboa, 15 de Maio de 1902 — Anno I

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

REDACTORA
MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Impresso na IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
Editor-HENRIQUE PINTO DE AMARAL

Clémence-Auguste Royer

Nasceu em Nantes, em 1830. Oriunda de uma familia de realistas e catholicos fervorosos, começou a sua educação debaixo d'este duplo ponto de vista, no collegio do Sacré-Cœur, em Paris. Ahi permaneceu por algum tempo, tendo finalmente de o abandonar, pois que o seu caracter independente e a sua intelligencia verdadeiramente excepcional não lhe permittiam amoldar-se ás normas da educação que lhe ministravam.

Deixando o convento estudou, então, na Sorbonne e no Collegio de França, mas em 1850 foi para Inglaterra, e por lá ficou alguns annos vivendo independente da familia, dedicando-se ao estudo da lingua e litteratura ingleza.

Abandonou, mais tarde, a Inglaterra, e veiu fixar a sua residencia na Suissa, onde se entregou por completo ao estudo das sciencias naturaes e philosophicas pelas quaes sentia verdadeira e decidida sympathia.

A sua estreia litteraria foi pouco notavel. As poesias que publicou em diversas revistas tiveram um mediocre successo. Todavia em alguns dos seus escriptos d'essa época havia já a prodigiosa faculdade de critica e observação que se nota nos seus trabalhos posteriores.

Sendo obrigada a permanecer fóra da França, onde não podia entrar por causa das suas ideias avançadas, abriu em 1859, em Lausanne, onde residia, um curso de logica destinado ás mulheres e que mais tarde transformou em curso de philosophia. A lição inaugural d'este curso, que despertou enorme interessse, foi publicada em folheto com o nome de *Introduction á la philosophie*. E' o primeiro da série de trabalhos philosophicos de Clémence Royer, que a fizeram considerar a maior individualidade critico-philosophica do seu tempo.

Privou muito, n'este periodo da sua vida, com o celebre economista Pascal Duprat que era professor de sciencias economicas em Lausanne e que exerceu sobre ella grande influencia desenvolvendo-lhe o gosto por este genero de estudos. Fundou com elle o *Nouvelle Economiste*, para onde escreveu numerosos artigos.

Tendo em 1860 o governo suisso aberto um concurso internacional sobre a theoria do imposto, ella apresentou-se com uma memoria intitulada *La théorie de l'impôt ou la dîme sociale*. A este concurso tambem concorreu Prudhon, o mordaz inimigo da mulher, que fez correr mundo o brutal e injusto aphorismo, que é ainda hoje o bordão a que se encostam muitos espiritos masculinos, — *menagère ou courtisane il n'y a pas de milieu* — e de tão grande valor foi julgado o trabalho de Clémence Royer que o premio foi dividido *ex-aequo* entre ella e o immortal economista.

Mais tarde, em 1862, esta memoria foi publicada com o mesmo titulo, obtendo tal successo que lhe abriu as portas da *Sociedade dos Economistas*. Foi a primeira mulher que ahi conseguiu entrar, não obstante a opposição dos adversarios.

N'uma pequena brochura que appareceu em 1861, com um criterio são e imparcial, expõe o que devia ser uma egreja nacional n'uma republica, e em 1862 publicou o seu romance philosophico — *Les jumeaux de Hellas* — que é collocada a par, senão acima, dos melhores de Renan.

Apesar dos seus trabalhos sobre questões sociaes, é no estudo das sciencias naturaes e dos altos problemas philosophicos que vamos encontrar a nota caracteristica do grande talento d'essa mulher incomparavel. E' sobretudo desde a publicação em 1862, da traducção da grande obra de Darwin *Da*

origem das especies, acompanhada de notas explicativas e d'uma introducção, que os sabios consideram como um trabalho de enormissimo valor, que data a sua universal reputação. N'esta introducção apontou quaes as conseqüencias que se tiram, naturalmente, das theorias do grande naturalista inglez, atrevendo se a dizer aquillo que muitos sabios arreigados ás normas officiaes nem sequer tinham até ella deixado antever.

Como seria de esperar, este trabalho levantou enorme polémica, e até o logico e frio raciocinio com que ella commentou e desenvolveu a obra, não agradou, por completo, ao auctor.

Em 1870 publicou *L'origine de l'homme et des sociétés*, que deve ser considerado como um dos seus mais completos e valiosos trabalhos. Este livro, escripto ha pouco mais de um seculo depois da obra de Jean Jacques Rousseau — *Discours sur l'origine des inégalités parmi les hommes*, é uma completa revisão das ideias ahi expendidas. Enormissima foi a influencia que o livro de Rousseau exerceu sobre os destinos da humanidade, podendo considerar-se como tendo sido pelas suas ideias o inspirador da revolução que no fim do penultimo seculo transformou a face do mundo.

Decorrido, pois, mais de um seculo cheio de grandes experiencias sociaes e importantes descobertas scientificas, tornava-se necessario fazer revisão d'esta obra para a expurgar dos muitos erros que contém e pôr em evidencia meras asserções ahi feitas e que a experiencia tinha tornado em factos. Foi este o principal objectivo de Clémence Royer. Mas para ella a anthropologia é o fundamento das nossas sciencias moraes e sociaes; é do estudo do que fômos e do que sômos que poderá sahir a sciencia do que podemos vir a ser. E' sobretudo n'este ponto de vista que madame Royer se affasta na sua obra completamente das ideias preconcebidas, geralmente admittidas mesmo entre os sabios, e que tão queridas eram ao elemento clerical, que não lhe perdoou nunca a publicação d'esse livro. Tendo-o escripto após o periodo em que se debateram as theorias do heterogenismo e do panspermismo começa por nos dizer que nem admittindo os resultados de Pouchet ficou resolvido o problema da apparição primeira e espontanea da vida, nem as contestações de Pasteur são a negação absoluta da geração espontanea porque Pouchet podia exigir-lhe a prova de que os germens existentes no ar, e accusados de serem a origem da vida nos balões, se não formam espontaneamente na athmosphera. Segundo ella, o debate ficou assim esteril por ter sida posta a questão em termos insoluveis.

Apresentamos tambem a sua hypothese sobre a *vida* que não póde fundamentar, e chegando rapidamente ao apparecimento do homem faz o estudo do seu desenvolvimento intellectual e moral, considerado individualmente para em seguida o estudar como elemento das sociedades. Depois da publicação d'este livro entrou para a sociedade de anthropologia, por proposta dos tres sabios Lartet, Gavarret e Quatrefages, este o adversario mais encarniçado das theorias do transformismo de que madame Royer foi o mais fervoroso apostolo em França. A primeira vez que ahi usou da palavra foi em defeza d'estas mesmas theorias.

Nos boletins da sociedade publicou vinte e quatro memorias originaes, independente de numerosas communicações. A ultima d'estas memorias, já em 1890, tem por objectivo o decrescimento da população em França.

Le bien et la loi morale, dado á publicidade em 1881, foi um livro de protesto contra a corrente de pessimismo em vóga: é obra de altissimo valor e que todavia não despertou o interesse que merece.

Por este tempo começou a elaboração do seu novo trabalho—*La constitution des mondes*—em que consumiu uma grande parte da sua vida. N'este trabalho, explica e refunde a obra genial de Newton, revelando-nos vastos conhecimentos das sciencias mathematicas.

A *Constitution des mondes* é baseada sobre uma hypothese fundamental, sobre um systema geral, da qual, por deducções mathematicas e puramente geometricas, tira todas as suas conclusões. E' um encadeamento logico de deducções, tendo por base uma hypothese, a theoria dynamica dos atomos. Em 1897, exasperada pela crise do mysticismo de que iamos atravessando e que profundamente affectou o seu espirito recto e liberal, escreveu uma pequena brochura intitulada *La question religieuse*.

Sômos chegados ao seu ultimo livro *L'histoire du ciel*. Depois de fazer um bosquejo historico dos systemas astronomicos que tiveram vóga, trata em successivos capitulos, com proficiencia e vasta erudição, dos diversos problemas da moderna sciencia, terminando por nos expôr a sua hypothese sobre a evolução dos mundos. Para madame Royer o estado de nebulosa seria o estado final dos soes e não o seu estado inicial; os mundos em vez de perecerem pelo frio como pretende Laplace, seriam destinados a fundir-se pelo calor, a reduzir-se a nebulosas que dariam os materiaes dos mundos do futuro.

Além d'estas obras publicou muitas outras, que passâmos a innumerar:

Sur la fundation d'um collège internationale nationaliste, em 1863—L'avenir de Turin, em 1864—Zoroastre son époche e sa doctrine, em 1875—Du percement de l'isthme americain, 1875—Les ages prehistoríques, em 1876—Le feu chez les peuples primitives, em 1876—Les rites funeraires chez les peuples primitives et leur origine, em 1876—Deux hypotheses sur l'heridité, em 1877—Du groupement des peuples et de l'hegemonie universelle, em 1877—La nation dans l'humanité et dans la serie organique, em 1877—Les phases sociales des nations, em 1877—Doctrine de l'évolution—L'histoire de l'atomisme—Histoire du pessimisme—L'ordre du monde—Histoire des religions—De la notion du beau—Evolution mentale—Histoire de l'homme, etc.

Um grande numero de obras foram coroadas pela Academia. Collaborou com Littré na *Philosophie positive* e em diversos jornaes, principalmente na *Presse*, no *Temps* e na *République Française*, onde era encarregada da parte scientifica. Ultimamente escrevia na *Fronde*, todas as semanas.

Fez numerosas conferencias sobre sciencias naturaes e philosophicas, e em 1874 emprehendeu uma série de conferencias notaveis sob a denominação de «Entretiens philosophiques», tendo por assumpto a renovação da philosophia, em França.

No ultimo periodo da sua vida madame Royer viveu obscuramente e com difficuldades, queixando se por vezes de se vêr quasi esquecida.

Em 1890, por occasião da publicação do seu trabalho—«La constitution moleculaire de l'eau sous ses etats et les propriétés des gaz d'aprés une nou-

velle hypothese» — ella se lamenta da indifferença e má vontade que tem encontrado nos sabios, dizendo o seguinte:—*Je me heurte partout à l'indifference ou au mauvais vouloir de nos savants officiels qui ne semblent pas pouvoir admettre que je puisse avoir quelque chose a leur apprendre e que j'ai trouvé une vérité qu'ils ignorent.*

Esta supposta indifferença não foi, como julgava, desdem pelos seus trabalhos, mas a consequencia da sua orientação, puramente philosophica.

Emquanto que a hypothese era para ella a base dos seus raciocinios, para elles, que só têem em vista os phenomenos e suas causas e effeitos, a hypothese é muitas vezes um embaraço que têem de pôr de parte.

Dotada de uma memoria admiravel, possuindo larga erudição e conhecimentos profundissimos, a sua conversação era a de um sabio: citava de cór trechos de auctores celebres, datas, problemas, etc.

Tendo um grande respeito por si mesma, foi sempre muito *feminina*. Nunca foi *feminista*, apesar de ter pugnado pelos direitos da mulher, de ter luctado contra as tyranias sociaes que a escravisam.

Em 1897 foi agraciada pelo governo com a cruz da *Legião de Honra*. Um grupo de sabios e escriptores, entre os quaes se contavam Berthelot, Geoffroy, Ribot, Letourneau, Emile Zola, Anatole France e Sévérine, organisaram por esta occasião um banquete em sua honra. Foram buscal-a ao seu quarto no hospicio, onde abrigava a sua pobreza e o seu grande saber, para presidir a este jantar. Não a envaideceu esta tardia prova de apreço do governo, nem a manifestação de sympathia dos seus amigos: — ficou tão modesta como era d'antes, a boa e sympathica senhora!

Clémence Royer falleceu em fevereiro d'este anno na casa de saude Galignani, em Neuilly, onde residia.

A morte d'esta mulher, verdadeiramente genial, de extraordinario valor scientifico e litterario, da livre pensadora que foi um dos mais poderosos cerebros, um dos mais altos espiritos do mundo moderno, passou quasi desapercebida. Apenas os seus amigos e as corporações scientificas de que fazia parte, fizeram commemoração do facto. Esta mulher, que foi mais de meio seculo uma das glorias da França, bem mais merecia da patria!

Ha, pois, para com ella uma dupla divida a saldar...

Fazemos votos para que em breve, na praça publica, lhe seja erigido um monumento que atteste aos vindoiros o que foi esse grande espirito feminino, a que Rénan chamava *o primeiro homem de génio do seu tempo.*

Olga Sarmento da Silveira.

O ar de insolencia com que muitos felizes olham para os necessitados!

Confundem a fortuna com a superioridade.

Dr. Bernardino Machado.

Os homens serão sempre aquillo que agradar ás mulheres.

J. J. Rousseau.

PROBLEMAS LYRICOS

(INÉDITO)

És sorriso feito flôr,
ou flôr feito sorriso?
Sei só que desmaia a côr
de todas, ao teu fulgôr!...
Eu, por mim sinto um langôr
Que me faz turbar o sizo...
És sorriso feito flôr
ou flôr feita sorriso?...

Se tu, em sonhos, córares,
é que a minha alma te beija!
Se as almas nascem aos pares,
a minha atravessa os ares,
busca vêr-te em mil logares,
e em torno de ti adeja...
Se tu, em sonhos, corares —
é que a minha alma te beija!

És lyrio que se fez Graça
ou Graça que se fez lyrio?...
Não sei que aroma esvoaça,
quando a tua imagem passa...
Sei que és a minha desgraça,
meu consollo, e meu martyrio!...
És lyrio que se fez Graça
ou Graça que se fez lyrio?...

Ó minha torre na Lua!
Minha estatua de marfim!...
És o Impossivel que estúa,
a minha existencia crúa!
És a imagem que fluctúa
em roda sempre de mim!...
Ó minha torre na Lua!
Minha estatua de marfim!

És astro que se fez gello,
gello caido de um astro?...
Não sei quem possa dizel-o
se és a luz do Sete Estrello,
se és um gellado castello
se uma torre de alabastro!...
És astro que se fez gello,
gello caido de um astro?

Andorinha feita espuma
ou espuma feita andorinha?
Nenhum corpo ha que resuma
como o teu, a graça summa!
Nenhuma mulher, nenhuma,
tão leve e gentil caminha!...
Andorinha feita espuma,
ou espuma feita andorinha?

Minha torre de brilhantes
cae nos meus braços, desaba!...
Morrem as rôllas amantes
as dahlias de cor's brilhantes,
os lyrios duram instantes,
a flôr do estio se acába...
Minha torre de brilhantes
cáe nos meus braços, desaba!...

Sonhando, vivo acordado
ou, acordado, sonhando?...
Sei que vivo enfeitiçado
d'esse teu sorriso alado,
do teu cabello ondeado,
do teu gesto meigo e brando...
Sonhando, vivo acordado
ou, acordado, sonhando?...

Se tu, em sonhos, corares,
é que a minha alma te beija!...
Se as almas nascem aos pares,
a minha atravessa os ares,
busca vêr-te em mil logares,
e em torno de ti adeja..
Se tu, em sonhos, corares,
é que a minha alma te beija!...

Gomes Leal.

PEDRAS PRECIOSAS

(INÉDITO)

Entre as pedras preciosas a que mais amo é o brilhante. Transparente como a innocencia das crianças, limpido como a agua dos lagos Alpinos, inquebrantavel como o amôr das mães, scintillante como as estrellas que guiam os nautas, será sempre a minha pedra de eleição.

No grau da minha estima, segue-se ao brilhante o rubi, quente como a luz do sol que fecunda a terra, rubro como o sangue que os heroes derramaram em pró da Ideia, vermelho como a Fé e como o Amôr.

Ao rubi segue-se a esmeralda, verde como os campos que nutrem o homem, gaia como a esperança que affaga o coração, como o mar que abraça os continentes e serve de escrinio ás ilhas encantadas.

A perola tambem tem para mim alta cotação. Pura como a alma das virgens, foi roubada ao nacar das conchas para enfeitar as madonas e as donzellas.

A amethista, o sombrio quartzo, symbolisa a magua das viuvas que pranteiam a perda do esposo dilecto; representa a dôr, baptismo formidando de que nos levantâmos fortalecidos para a continuação da lucta da axistencia. Eu tambem amo as amethistas.

Mas a pedra que não terá nunca logar no meu modesto cofre, a pedra que detesto, a pedra que abomino, a pedra para mim mais pedra que as das calçadas, é a saphyra, azul como o ciume, azul como os teus olhos desleaes, tão desleaes que não sei como me não tornei desleal, só de os fitar.

ALICE MODERNO.

ACERCA DE LEONOR PIMENTEL

Reeditando, em homenagem ao centenario da tragica morte de Leonor Pimentel, o seu vivo e curioso drama lirico — *Il Trionfo della virtu,* tive occasião de concorrer, com alguns dados novos, para a biographia da desventurada dama, no capitulo attinente ás relações que ella criou e manteve com o seu paiz de origem. O desambicioso trabalho, a que me refiro, foi ponto de partida a profiquas averiguações sobre a familia portuguêsa de Leonor, determinou a edição critica de outro dos seus perdidos livros, levada a cabo pelo romanista Benedetto Croce, documentou a tradicção da doce poetisa ter escrito versos em latim, com a resurreição de alguns desses ignorados hemistichios, que Annibal Fernandes Thomás encontrara nas suas eruditas investigações, e foi motivo da elaboração da bibliographia, que comprehende o quadro completo da sua actividade literaria. A maior parte dos novos resultados ficou consignada na reedição dos versos de Luis Cicchero consagrados á viril e atormentada martyr.

Não tenho — mal de mim! — novas descobertas biographicas a accrescentar ao meu esquecido epitome; convidado, porém, gentilissimamente a enviar á Revista, que vae ser dirigida pela minha presada e intellectual amiga a sr.ª D. Anna de Castro Osorio, algumas linhas em commemoração de Altidora Esperetusa, aproveito o ensejo para tocar duas ou tres especies, relativas a ascendentes seus, respondendo do mesmo passo, fugitivamente, a algumas reflexões criticas, com que fui honrado.

Acceitando a ascendencia de Leonor Pimentel, como provinda dos condes de Benavento, vê-se que o seu nome de baptismo era historico e tradicional na familia: além da Duquesa de Arevallo, que já citei, e que obteve do rei Affonso V o resgate de seu irmão, prisioneiro do monarcha portuguez, temos, pelo menos, uma terceira Leonor Pimentel, a quem, no seculo XVII, foi dedicada uma das edições de Lope de Vega — «La filomena con otras diversas Rimas, Prosas e Versos, Madrid, en casa da biuda San Martin», 4.º de 221 paginas. A minha nota bibliographica, incompleta, não consigna o anno de impressão. E' interessante ainda fixar que um dos condes de Benavento, Juan Alfonso *Pimentel* y Herrera, governara *Napoles*, por 1604, como vice-rei, nomeado pelo triste Filippe, que succedeu ao grande filho de Carlos V.

Consignadas estas ligeiras noticias, que talvez não sejam para desaproveitar, a proposito da similhança que se me deparou, entre Leonor Pimentel e o seu parente português D. Francisco Alexandre Lobo, impõe-se-me a necessidade de algumas palavras de explicação, visto que um jornalista de talento, reforçando argumentos de um magistrado integro, meu amigo, deu transunto do meu sentir, por modo a transtornar-me o pensamento.

Ideias politicas não se herdam: por maiores que sejam as tradicões familiares, nesse particular, o meio social, mais ou menos, imprime novas direcções de espirito. Para não ir procurar velhos exemplos, vemos irmãos, como os dois Garretts, cada um em seu campo, Saldanhas irreprehensivelmente miguelistas, em face do general João Carlos, D. Pedro capitaneando uma facção, em quanto D. Miguel dirigia a que lhe batia rosto. Isto é de todos os tempos, e não deixa oppôr observações ao facto de Leonor da Fonseca Pimentel apparecer na Historia, em contraposição de ideias a seu primo D. Francisco Alexandre Lobo.

O que os irmana é o *temperamento;* esse, numa e noutro, era profundamente revolucionario. Para fazerem triumphar *ideaes* diversos, serviam-se de um mesmo processo: a revolução. Feita *contra o rei,* como em Napoles, ou *em favor do rei*, como em Lisboa, é sempre *fóra da ordem* que se quer construir. A historia apresenta até contradições eloquentes: no *Dois-de-dezembro* em França, quem simbolisa a Ordem? São os depositarios do pensamento da Revolução, são os representantes do povo, sobre as barricadas, em que Baudin morreu como um heroe; ao passo que quem entra na linha revolucionaria é o Presidente conservador, — triste plagiario do Infante português, guarda, como elle, da Lei e da segurança publica, por um e outro estranguladas.

Disse o distincto publicista, a quem venho aludindo, que das minhas affirmações haveria a dizer o mesmo que do *Portugal Contemporaneo* de Oliveira Martins, isto é que ellas conteem só parte da verdade, sendo a outra parte inteiramente falsa; e que o bispo Lobo é um reaccionario. Mas eu não precisei de ir buscar modos de ver ao *Portugal Contemporaneo,* escrito sobre os livros que emprestei e dei ao seu malogrado autor (1); as minhas

(1) *Meu caro Araujo.*—O Fernando trouxe hontem e anteshontem as duas braçadas de livros e folhetos, que tenho estado a examinar com toda a attenção. Dão, *como V. dizia*

opiniões, no assumpto, enlaçam-se ás dos juristas de 28, que, em França e Inglaterra, pulverisaram o auto de acclamação de D. Miguel: são as da imprensa liberal inglêsa de então, que, pondo a nú as origens revolucionarias do direito *inventado* nos Tres Estados, impediu a victoria da obra de Metternich. O meu juizo sobre o reinado de D. Miguel já em mais que um lugar o illucidei, diametralmente opposto ao de Oliveira Martins. O bispo Lobo foi, sim, um revolucionario, sem que eu queira dizer nesta palavra que tivesse sido um *liberal*, tambem: — longe de mim tal heresia! Falaram me de dissimilhanças de *caracter*, a proposito de *ideias*, ou pelo menos assim entendi a impugnação. D. Francisco Alexandre soccorreu-se de meios tão revolucionarios, que a Europa da Santa-Alliança estacou diante delles. Estavam-lhe no *sangue*, no *temperamento*. Leonor Pimentel irmana-se-lhe em processos, para chegar a fins absolutamente diferentes. Parece-me que *isto*, assim exposto, aclara obscuridades para quem as encontrou.

Um medico italiano, notavel alienista, conhecedor da figura historica de Leonor Pimentel, achou tal justesa ás minhas observações, que tomou entre mãos o trabalho comparativo da *fatalidade hereditaria* da alta e varonil mulher, que fez da Liberdade o verbo da sua acção revolucionaria, e do bispo que se lançou nos braços da revolução, como num caminho para o despotismo.

Outra observação, por egual cortês, me coube em sorte lêr. Em uma das suas presadas cartas (10 de dezembro de 1900), dizia-me o meu eminente amigo dr. Theophilo Braga, accusando o opusculo, em que eu exhumei os versos de Luis Cichero: «Lá fala o meu amigo no meu projectado plano de quadro romantico da Revolução de Napoles e da morte de Leonor da Fonseca. Tenho o esboçado, como já tive occasião de dizer-lhe; mas quando me deixará o trabalho critico-historico bracejar á vontade na elaboração esthetica? Ao menos fica ali consignado que eu vi o lado dramatico desse apagado episodio. Estimei que reproduzisse o Soneto que parece ter motivado a tremenda vingança da rainha Carolina, mas foi pena tel-o mutilado com reticencias, para que se não lesse a palavra *Tribade*, que, na frase *Tribade impura*, é uma marca de fogo. Demais esta frase, vital para o lance romantico, vem no livro do Antonio de Faria — *Portugal e Italia*, p. 370, na transcripção do jornal *La Sera*.»

Do Soneto que o notavel escritor preconisa não éra conhecido mais que esse verso, cuja lição anda assás reprodusida; tomando essa peça poetica no livro do Padre Rainieri, conservei á minha transcripção o córte pudico do sacerdote polemista, certo de que as pessoas que nestas coisas se interessam, de prompto completariam a lacuna. A prova de que me não enganei está no proprio reparo do sr. Theophilo Braga, que immediatamente poude definir o texto, apurado pelo reverendo autor, pouco escrupulôso em combater Benedetto Croce, servindo-se de affirmações e rectificações *minhas*, que aliás desinvolveu nos archivos do Vaticano, sem comtudo citar o obscuro nome de quem o poz na pista da sua documentação.

Genova 4 de abril. JOAQUIM DE ARAUJO.

todo um livro de historia contemporanea, palpitante de *revelações*. Veja se o Cabral ou outro qualquer colleccionador me pode ceder, por emprestimo, o resto dos folhetos do Pizarro.

Se seu pae estiver melhor, o que eu e V... muito desejamos, venha amanhan cá jantar.—*Seu do c.*— Oliv. Martins. — *Sabbado.*

Quem recorrer ao prospecto da *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*, de Oliveira Martins, póde verificar que, ao publical-o, o reputado escritor *não menciona o* Portugal Contemporaneo, *entre as obras que haviam de compôr a sua* collecção.

O CANTADOR DE SETUBAL

Antonio Eusebio (O Calafate)

De longe em longe, d'esta miraculosa terra de de Portugal, surgem espontaneos como a urze e o rosmaninho dos campos, ou como os astros no céo caminhando para um infinito que a nossa alma não attinge, guiados por uma vontade que mal podemos imaginar, almas que tudo vêem, genios que tudo aprehendem, e que nos fazem comprehender como de geniaes incultos teem sahido as grandes religiões que avassalam o mundo e fazem scismar os sabios.

O *Cantador de Setubal* é um d'estes. Grande poeta inculto, a sua palavra rude, onde a justiça é clara e simples como a razão, podia ser a d'um apostolo se elle não fosse antes um artista indifferente ás glorias humanas, cantando como cantam os rouxinoes, sem aprenderem solfa nem escreverem as suas arias.

E' um Bom, e, por isso, o grande poeta Guerra Junqueiro desceu do seu throno de gloria para lhe prestar culto, que é prestá-lo á bondade universal.

Não ha miseria humana, crime d'esta abominavel sociedade que o egoismo governa, desgraça nossa ou dos outros, injustiça ou alegria, que não tenha feito vibrar a sua tôsca lyra, simplesmente, servindo-se do limitado vocabulario que a ignorancia lhe deu — triste miseria nossa, que aos pobres nem a riqueza da sua lingua é dada!

Não sabe escrever o *Cantador;* como o havia de saber, se a mocidade a passou mourejando de sol a sol, calafetando barcos para outros, pobres como elle, correrem sobre as aguas do mar, por um pedaço de pão, para a morte, talvez!...

Não sabe escrever o *Cantador*, e os seus cantos passariam na memoria dos seus conterraneos como as aguas da primavera verdejando e florindo os campos, logo esquecidas no rigor do estio...

Se não fossem os amigos, que o levaram a publicar as cantigas, e a velhice que d'ellas o fazem viver, o que ficava do cantador?

A memoria apagada, como a d'esses milhares de poetas ignorados, cujos cantos, passando de bocca em bocca, formaram o grande fundo da poesia popular, de que genericamente se diz auctor o povo! O pobre povo portuguez, que tudo compra por dinheiro, menos o ar que respira; o pobre povo ignorante, ludibriado, escarnecido, desmoralisado, desorientado, e que sómente de quando em quando, como uma queixa viva, nos mostra um grande espirito que poderia ser uma gloria nacional, fenecer na obscuridade pela criminosa incuria da sociedade dirigente.

Se o *Calafate* vivesse n'um paiz em que a instrucção obrigatoria não estivesse só no papel; em que a vida fosse mais facil ao pobre, em que o pão de cada dia não tivesse de ser tão asperamente disputado ou no qual o pobre tivesse facilidade de instruir-se de graça, frequentando cursos livres, ouvindo conferencias ou palestras de sabios e vulga-

risadores, visitando exposições e museus devidamente catalogados, que lhe podessem ser ensino proveitoso; se, emfim, estivesse n'um paiz em que a arte, a instrucção e a simples leitura não fosse um luxo para os felizes; que radiosa gloria nos daria a sua alma despida de interesse, com uma noção tão grande e clara da justiça!

Porque ser justo é não ter ambições que redundem em mal alheio, dizer a verdade, seja a rico seja a pobre, estar ao lado do fraco contra o forte, castigar com a satyra os que erram e prevaricam; e isso tem feito o *Cantador, o Calafate*.

E que bella missão para um poeta! Fosse elle um culto e podesse escrever para os poderosos, que poucos poderiam empunhar com mais firmeza e graça o azorrague da ironia cortante. O seu livro de versos colleccionado pelo seu generoso amigo o distincto escriptor sr. Henrique das Neves, traz alguns exemplares das muitas satyras com que elle tem ido sublinhando a vida da sua terra, que são modelos de graça ingenua e de justiça flagrante. As decimas por exemplo, commentando a eleição do conde de Burnay, em que lhe diz soberbamente:

.....
«— Vem de fóra um estrangeiro
Carregado de dinheiro.
Comprar homens no mercado,
Aquelles que tem comprado
Não foram votar com fé;
Não se vende assim o Zé,
— Salvo se fôr por engano —
Diga isto ao Marianno
Senhor conde de Burnay »

Depois falla o conde queixando-se do Marianno, e Marianno replica, e o povo ri e comprehende.

Estatuas, arvores, o mar, o ferreiro disputando com o medico primasias d'officio, o orphão e o juiz, os pobres, o engeitado queixando-se da mãe que se apresenta em defeza, accusando o homem que a enganou e abandonou, os seculos velho e novo os vencidos de Cuba e os combatentes do Transvaal, até os vestidos e os chapeus que a moda desprezou, tudo tem voz, túdo tem lamentos que a sua alma de simples genial comprehende e traduz.

Agora, já velho e impotente para o trabalho, espera impassivel a morte, com quem dialoga phylosophicamente e .. canta, apezar de dizer na sua resposta ao grande poeta que o glorificou:

— Illustre Guerra Junqueiro
Homem de tanto talento,
Que dá tanto merecimento,
A um pobre velho rasteiro!...
Elle, o poeta primeiro...
.....
.....
—«Velho, falto de saude,
Já perdi todo o valor
Seja ao pé de quem fôr,
Ache-me onde me achar,
Não devo a voz levantar,
Eu já não sou cantador.»
....

Mas é o sempre, versejando com a simplicidade da agua nascendo da rocha — errando por essas ruas, alheado da vida, ruminando as rimas que são mais do que a expressão individual do seu sentir, porque consubstanciam, nas suas diversas modalidades, a alma collectiva do povo nosso.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

OS GRANDES SALARIOS

Muito pouca gente, mesmo entre a mais culta, comprehende que a elevação de salarios, longe de arruinar as industrias que a põem em pratica, augmenta a sua producção e riqueza. E' o operario americano quem ganha maiores salarios. Todavia, os corretores *yankees* offerecem a todos os mercados da Europa, não obstante as tarifas da alfandega, productos excellentes por preços inferiores aos das industrias européas.

A concorrencia é difficil de sustentar pelas proprias fabricas da Allemanha, onde o proletario é o mais mal remunerado. E' que nos Estados-Unidos um operario, collocado em condições identicas ás nossas, produz no valor de 150 francos, emquanto que, no mesmo tempo, o europeu só produz o valor de 100 francos.

Effectivamente, uma regular hygiene, um certo conforto, uma boa alimentação, que só um salario elevado poderá permittir ao operario, dão a este uma energia superior, uma outra destreza e habilidade, um vigor e um gosto que falta ao nosso proletario embrutecido pela penuria e exposto aos mil inconvenientes da miseria. Pode-se ousadamente dizer que quanto mais o salario se eleva mais a fabrica produz.

M. Daniel Halévy, no seu livro sobre o movimento operario, observa-o e prova-o d'uma maneira judiciosa e completa.

PAUL ADAM.

CHOPIN

(Traducção do original francez de M. Rollinat: «Les Nevroses», pag. 53)

Chopin, irmão do Abysmo, amante mysterioso
das noites de pavôr, dos seus effluvios tragicos:
a Musica pranteia o seu cultor grandioso,
e o Piano, mudo e só, pensa em teus dedos magicos.

A harmonia perdeu um Edgar Pöe feroz
e o mar da melodia um escarcéu potente:
o sol dos sons feraes occulta-se veloz:
sem ti ha-de gemer o Mundo friamente.

Tua musica é sempre, ou mácabra ou dorida,
um hymno de revolta, um nobre canto ousado;
e o rincho do corcel que não se doma á brida
tem menos altivez que o teu grito indomado.

Os delirios sem nome, os beijos demoniacos,
fazendo na penumbra um *cliquetis* carnal,
vagas apparições, entes paradisiacos,
das walsas de Satan a seducção fatal;

A morbida oppressão do branco sol do outomno,
o frio humido e espêsso em fundos subterraneos,
esse fremir que vem sobresaltar no somno
as virgens sensuaes e lhes inflamma os craneos;

A tosse tão cruel do tisico mirrado,
sem treguas perseguindo o misero illudido,
a inexprimivel dôr do pária desgraçado,
e que maldiz o amôr, outrora appetecido;

O odor acre do solo, ao inundal-o a chuva,
das caçadas de outrora as tardes mysteriosas,
angustias de hysteria, o manto da viuva,
o perigoso olor das plantas venenosas;

Tudo isso: torsões de alma, a dor funda e brutal,
pinturas, suggestões, as brumas do terror,
tudo isso exprime a flux teu estro musical,
repleto de paixão, de soffrimento e horror!

Quaes donzellas gentis, mas pallidas, sombrias,
tuas mazurkas teem uns languidos lamentos;
e a tétrica expressão das tuas harmonias
me allucina, e me abysma em longos pensamentos.

Oh! n'esses scherzos teus, nas tuas polonezas,
desabafos de um peito aberto e lacerado,
oiço lagos cantar, rugir forjas accesas,
e, entrando ahi sereno, eu saio desvairado.

Na garupa ondulosa á espera das gammas
arias fazes saltar, fulvas e atormentadas;
e os doces, rudes tons, se tu os amalgamas,
revelam o sabor das coisas requintadas.

Tua musica expande uns bafos infernaes,
mostra a duvida atroz, pinta os remorsos fundos;
e tu, só tu, achaste as notas sepulchraes,
dignas de acompanhar 'stertor's de moribundos.

Alegre ou mergulhado em dor funda e sombria,
minha alma é sempre aberta ao teu cantar genial,
pois sempre encontro n'elle, entre ondas de harmonia,
soluços e sorrir,— e um brado fraternal.

Morreste! E quem te pode a musica expressar?!
Artistas de alfenim, sem nervos, sem calor,
vós não interpretaes o Tisico *avatar*!,
o nobre desgraçado, o grande sonhador!

MARTINS DO SOVERAL.

---

[1] Diz o *Diccionario Popular* que «avatar ou avatara é a denominação sanscrita porque do systema theogonico da antiga India se designa cada uma das multiplas incarnações das suas divindades...»

N'uns versos a Isabel Rattazzi, filha da princeza Rattazzi, alguem disse:

Ta lèvre a le sourire égnimatique et grave
Des races avatars, où vit l'ame des morts;
. . . . . .

Parece-me, pois, que a palavra em questão é applicavel aos individuos sob a influencia de atavismos remotos e tambem áquelles que fóra talvez d'essa influencia teem, como teve Chopin, uma organisação complexa, que se manifesta por fórmas surprehendentemente heterogeneas, representando cada uma d'ellas como uma entidade differente.

A musica de Chopin nas excepcionaes, vibrantes e variadissimas expressões que Mr. Rollinat lhe descobre e tanto aprecia, é, pois, a musica de um avatar.

E visto que fallei em Chopin, direi que esse homem, segundo me consta e me sinto inclinado a crer, foi um verdadeiro e grande poeta na musica. O *Diccionario Popular*, a que me referi, diz no artigo relativo ao original compositor e pianista:

«Chopin era uma organisação essencialmente aristocratica, temia a multidão, comprazia-se nos circulos delicados e restrictos.

O talento de Chopin, como pianista e compositor, era immenso...

Scudo, comparando o com Lisiz, dizia:

«Almas ternas e delicadas, espiritos elevados, verdadeiros artistas, vós todos para quem a musica não é um vão ruido, uma turba multa de sons, que espantam e enebriam os sentidos, mas uma linguagem sublime, que a palavra vulgar não poderia exprimir, deixae Lisiz e as suas difficuldades, e ide ouvir Chopin. Lisiz é apenas um pianista, Chopin é um poeta.»

PENSAMENTOS E OPINIÕES

Melhorar e transformar, embora lentamente, a nossa raça tão depauperada, valerá mais do que a somma de dinheiro e de esforços empregados simplesmente para ajudar a bem morrer os tuberculosos averiguados.

DR. SOUSA REFOIOS.

Os monumentos nacionaes continuam a ser ultrajados, a titulo de beneficio, por esse paiz adeante pela sollicitude das confrarias.

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES.

As nossas ruinas artisticas são olhadas com o maximo desprezo, porque em Portugal está pouco desenvolvido o ensino da historia.

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES.

Os monumentos d'arte são a vergonha das terras que os não sabem respeitar e dos povos que os não comprehendem.

ANN MOORE.

O MOLEIRO

Que alegria tinha d'antes,
Que tristeza agora tem!...
Era alegre como o moinho
Quando o vento lhe dá bem.

Morreu o filho ao moleiro,
Morreu-lhe o filho, coitado!
Por isso anda agora triste
Qual moinho desarmado.

(Setubal).

PAULINO DE OLIVEIRA.

REGISTRO

Criticas e commentarios

(THEATRO)

Terminado o inverno, isto é a época dos theatros na capital; as companhias fragmentam-se e baralham-se, e, ou vão aguas fóra até ás bellas terras de Santa Cruz, ou percorrem as provincias a repetir o que mais agradou durante a época ou o que entendem mais poder agradar ao gosto provinciano.

Vem pois a proposito dizer algumas palavras sobre os successos theatraes do inverno, que, infelizmente para nós, são ainda os do theatro francez.

Comecemos pelo *Suave Milagre*, que não se pode considerar mais do que uma phantasia de litteratos,—que mais e melhor podiam fazer—sem interesse dramatico, mysterio religioso que caberia no altar-mór d'uma egreja, se ainda lá fosse permittido representá-los como d'antes.

Apesar da sua mystica piedade não corresponder a nenhuma das grandes dores e miserias da sociedade moderna,—pois como lindamente diz no prologo o sr. Alberto de Oliveira, é certo que:

—«... para os pobres nunca a vida, como agora,
Foi tão dura, senhores;
Nunca a humanidade que padece e chora
Soffreu mais agonias e mais dores»—

é certo tambem que o doce olhar de Jesus já não desce a consolar os tristes, que, de esperança viverem ha tantos seculos, começaram a desesperar...

Quando se é feliz, quando pelo menos se não soffre a dor brutal da fome e da miseria, é facil prégar resignação...

Como obra theatral nem mesmo se pode considerar, a não ser por se ter representado, mas isso... no mesmo *D. Maria* já vimos representar cantos dos Lusiadas!.

Fallemos no *Tição Negro*, por isso que é bem portuguez e vem escudado pelo nome genial de Gil Vicente, o creador do theatro nacional, o vulto glorioso para o qual se reclama centenario sem que o povo portuguez saiba o que elle foi e quanto deve á sua memoria.

A'parte o entrecho de farça vulgar que o sr. Lopes de Mendonça entendeu dar á sua peça para poder apresentá-la ao publico de hoje — que não é precisamente o do seculo XVI — os typos são perfeitos, são desenhados violentamente a carvão pelo homem que soube castigar rindo, que soube fazer torcer em esgares, sob o tagante do seu talento e do seu altivo caracter, todos os poderosos e os grandes da sua época.

É claro que não é possivel ir buscar á obra do immortal comediographo as scenas cruas e sem nexo que elle apresentava ante as côrtes de D. Manuel e D. João III, mas é d'um bom serviço para a arte portugueza resuscitar esses typos tocados com espantosa verdade, apesar do exagero caricatural, que são ainda de hoje, que são de sempre, porque são nossos, são portuguezes, representam os nossos ridiculos e as nossas virtudes psychicas: o fidalgo que deve, o frade familiar e sabujo, o pobre burguez desfalcado e temeroso do poder do seu devedor, o hespanhol gabarolla e poltrão, a feiticeira espertalhona e sceptica — quem ousará dizer que não correspondem a mascaras verdadeiras n'uma sociedade que na ostentação e na preguiça esbanjava as riquezas preciosas que as aventuras d'Além-mar lhes trazia a rôdos!?

Fazer conhecer o que da obra castigante e altiva de Gil Vicente nos deixaram chegar até hoje as censuras fanaticas, é um bom serviço á arte nacional, repetimos.

D'esta ou d'aquella maneira, conforme o feitio e o gosto do adaptador, mas em todo o caso exhumar da noite das bibliothecas poeirentas o vulto luminoso do homem que teria creado um grande theatro nacional se a inquisição não viesse logo após truncar a sua obra, amaldiçoá-la, transformar a sociedade portugueza n'um carcere, illuminando o povo com as chammas dos autos de fé e ensinando-lhe por musica nacional as litanias e cantochões que acompanhavam os condemnados...

Que Gil Vicente seja consagrado, mas que primeiro se torne conhecido—eis a nossa approvação ao *Tição Negro*.

Temos agora os *Romanescos*, que é quasi um original portuguez pela maneira leve e facil como a traducção está feita, sem lhe tirar a graça do original francez e dando-lhe toda inteira a da nossa lingua.

Traduzir assim verso, e principalmente de Rostand, é tão difficil como fazer original, por isso o sr. Mayer Garção é digno do mais sincero e incondicional applauso.

Nada mais simples do que o entrecho: duas crianças romanescas que procuram na vida o romance, sem lhe verem a poesia na modestia das simples existencias onde as affeições deslisam naturaes e bôas. E' uma leve filigrana, um d'estes grupos de figurinhas graceis de velho Saxe, que olhamos com um sorriso de intimo goso, que nos encantam porque para isso têm a condicção essencial — o serem bellas.

Não é um drama, nem pretende ser uma lição, apezar de o conter muito risonhamente dada, nas pregas dos seus lindos versos; é uma simples obra d'arte para regalo dos olhos e descanço do espirito, é gracioso e ligeiro como as azas brancas d'uma borboleta, enlevador como o riso d'uma criança ou o vôo do passarinho livre.

Junto com os *Romanescos* representava se em D. Maria uma peça de Hervieux: *O enigma*, que fez successo em Paris.

Successo que se comprehende pela maneira habil como as scenas foram dispostas de modo a commover o publico, ainda o menos disposto a commoções. E' uma d'estas peças que brutalisam a alma e esmagam a vontade, não deixando á consciencia a liberdade de discutir. O que prova sómente que o auctor sabe magistralmente da technica de theatro— e não que tenha razão.

O thema tem sido discutido em toda a imprensa, e não ha quem lhe não queira dar um fim moral—nós não lhe achámos nenhum.

Um drama de adulterio como tantos outros, que nada pode interessar ás almas honestas que se não perdem por meandros equivocos de sentimento, achando maior e mais nobre prazer em caminhar pela estrada larga do dever e da verdade.

Como estudo de caracteres tambem nos não parece dos mais felizes, havendo apenas dois typos verdadeiramente humanos: o da mulher innocente e o do phylosopho marquez

A *corrida do facho*, do mesmo auctor, representada no D. Amelia, é uma peça bem mais humana e verdadeira. Duas palavras bastam para explicar o seu grande interesse moral — o amor que desce sempre na cadeia da vida e só excepcionalmente sobe.

O amor, capaz de todos os sacrificios, dos paes, que os filhos retribuem... amando por seu turno os proprios filhos, os maridos ou as esposas.

O drama é um encadeamento de scenas batendo o mesmo assumpto, que é uma verdade de todos os tempos, que tambem tem muitas excepções .. Para provar, mais uma vez, que não pode haver regras nem leis iguaes para todos, e cada individuo tem a sua maneira de ver e sentir. Como os poderemos julgar pela mesma lei, pelo mesmo nivelador raciocinio?!...

As semi-virgens, extrahida do romance de Marcel Prévost, com o mesmo titulo, foi uma das peças que mais gente levou ao D. Amelia.

Como obra de theatro tem o enorme defeito de ser perfeitamente decalcado sobre o romance, não podendo por isso ter o interesse que teem as obras já feitas propositadamente para a scena.

Como critica de costumes é verdadeira. O que para nós, portuguezes, tem de exagero, não o tem para França, onde a acção se passa.

O typo desmoralisado e morbido da *semi-virgem* é verdadeiro tambem por cá, attenuado n'uma simples *silhouette*, como tudo que imitamos de fóra, mas no entanto florescendo como em terreno proprio n'uma sociedade ignorante, empobrecida e desorientada pelo luxo de sobreposse.

A culpa d'este desconcerto moral é da mulher? Será, mas da mulher mãe, não da rapariga que é impelida, por assim dizer, por aquella para a arena social onde o premio das vencedoras é o marido.

Se nas sociedades da raça latina o unico fim da mulher é o casamento, e o homem acceita, e quasi sempre prefere, as *Maud* e as *Jacqueline* á mulher sua igual pela razão e pela vontade, justo é e naturalissimo tambem que as raparigas sigam o figurino moral que mais certo lhes trará o ambicionado marido e com elle toda a facil liberdade da mulher sem escrupulos, só respeitando apparencias e conveniencias da sociedade falsa em que vive.

Escolham os homens a mulher laboriosa e util capaz de prover ás suas necessidades com o trabalho honesto; levantem de sobre as que ficam solteiras esse ridiculo labéo, para fugir ao qual apanham o primeiro que cae na rede, e verão como as *semi virgens* desapparecem. N'uma sociedade em que haja mães, na grande e nobre accepção da palavra, não haverá esse desgraçado e miseravel typo de mulher.

Resta-nos fallar de *Blanchette*, o drama de Brieux que a companhia de Lucinda Simões levou no *D. Amelia*, mas porque elle sobrepuja a todos, pelo primor da factura e riqueza de observação, ficará para um artigo especial.

A. C. O.

SOCIEDADE FUTURA

Revista quinzenal de Educação, Litteratura e Sciencia

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

3 mezes	350 réis
6 »	650 »
1 anno	1$200 »

Preço avulso 60 réis

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente. Para as Ilhas, Africa e Exirangeiro, a cobrança é feita por conta dos assignantes.

Ás illustres damas e cavalheiros a quem enviamos a nossa Revista, e que a não queiram assignar, pedimos o obsequio da devolução para a casa da administração, Rua da Gloria, 51 = Lisboa.

Numero 3 — Lisboa, 1 de Junho de 1902 — Anno I

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

REDACTORA
MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Impresso na IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
Editor-HENRIQUE PINTO DE AMARAL

JOÃO BAPTISTA D'ALMEIDA GARRETT

O Porto vae cumprir o seu dever, elevando uma estatua ao maior artista, ao mais delicado, ao mais portugués e genial escriptor do seculo XIX.

Urge que Lisboa cumpra tambem o seu dever, trasladando Garrett para os Jeronymos e erigindo-lhe um tumulo digno das suas monumentaes obras.

A VONTADE DO POETA

Apesar de poucas, ha ainda nesta nossa terra de poetas e namorados almas sinceras que se deixam levar pelo sentimentalismo piegas e vem gritar nos:—que o morto é sagrado e a sua vontade suprema lei!

Perdão, o morto é sagrado quando representa o que de material fica, na terra, d'um grande espirito, d'uma alma que se alevantou acima da multidão e foi mais alguma coisa de bom e glorioso

Que valor pode ter, que respeito pode inspirar o corpo do traidor, do miseravel que, a troco d'oiro, entregou a Patria e os proprios irmãos?! Menos ainda do que o cadaver do cão innocente, que o bolo de strychnina fez retesar numa ultima e tremenda convulsão.

Porque é hypocrisia repugnante,

Composição feita expressamente pelo pintor Conceição Silva para a «*Homenagem a GARRETT*», publicada por Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira, em 4 de Fevereiro de 1899, e obsequiosamente cedida pelos proprietarios para servir nos diplomas d'honra que a *Sociedade Almeida Garrett* offereceu aos cooperadores da festa realizada na noite de 27 de Abril no Theatro de S. Carlos.

uma das muitas que um povo consciente e digno devia banir dos seus costumes, essa de vir cantar louvores á beira da sepultura ao mesmo homem que na vespera era tido na conta de imbecil ou de bandido.

Lá porque o homem morre, porque soffre os rigores de essa lei fatal e banalissima, tão fatal e vulgar como a vida, fica para todos os effeitos considerado um santo, um puro, um martyr?! Pois então, mais do que nunca, seria occasião para julgar as suas acções, como se fazia no antigo Egypto.

A vontade do morto é já alguma coisa para os seus, mas ainda não é tudo. Porque, já o dissemos, ha homens que não pertencem a si mesmos, como não pertencem á familia. A Humanidade e a Patria reclamam-nos.

Garrett é um d'elles.

Mas vem esses sentimentaes, guia-

dos pelo coração, crêmos, ou enganados talvez — quem sabe?... Teve tantos inimigos em vida, ainda depois de morto, e bastantes annos depois, teve tanto quem o calumniasse e invejasse, que bem pode existir ainda a quem lhe pese a sua gloria!...

E são esses sentimentaes, dizemos, enganados ou não, que vem contrariar o desejo ardente em que andamos empenhados de levar para os Jeronymos e guardar em sepultura digna do seu nome os restos mortaes do que foi tudo quanto quis ser e em tudo grande como ninguem.

Nesse magnifico edificio — entregue de ha muito á turbulencia natural e estragadora da infancia, como se tão ricos fôssemos que assim pudessemos esbanjar as riquezas que possuimos—deveria adaptar-se todo a um museu nacional que recolhesse o muito que ainda se poderia salvar do muitissimo que doidamente se tem deixado perder e roubar por naturaes e estrangeiros, embora a troco de dinheiro.

Um museu que ensinasse os nossos filhos a conhecer o lindo e quasi monumental mobiliario português; a ceramica, tão nossa pela fórma e pelo colorido; os trajos, os livros, a pintura, as joias, as sedas, as rendas, os bordados, e essa multidão de pequenos objectos que, feitos cá ou trazidos pelos nossos marinheiros, nos dão uma pallida ideia do que foi o luxo e o requinte d'arte dos nossos antepassados. Tudo, emfim, que se vae perdendo, cahindo na banalidade barata das coisas modernas.

Mas, para que fallar? Já a voz auctorizada de Garrett se levantou, no seu tempo, clamando contra tal insania, e a verdade é que, muitos annos volvidos já depois da sua morte, o convento dos Jeronymos lá continua quasi todo entregue a um bando de cabecinhas loucas, que nenhuma responsabilidade tem se inutilizarem um dos poucos monumentos d'arte que Portugal conserva.

E' nessa igreja, que elle, primeiro do que ninguem, classificou de estylo *manuelino*, classificação que correu mundo pela bocca do conde de Raczinski e é hoje acceite por todos como um estylo a que imprimimos um cunho nosso, que tem alguma coisa d'outros, mas muito, immenso, da alma portuguesa do seculo XVI; é n'essa igreja, que vem a ser como que o symbolo do que fomos e da grandesa que nos ensoberbeceu, que as cinzas de Garrett devem repousar, entre florões e rendilhados d'architectura, como quem mais e melhor burilou a lingua d'este pequeno povo, que encheu um seculo com a fama das suas aventuras.

O magestoso templo, que elle lembrou, primeiro do que ninguem, para Pantheon nacional, deve recolher no silencio das suas abobadas os restos mortaes de quem d'elle escreveu:

«Um nobre e precioso relicario de tudo quanto «fosse gloria do nome português devêra ser aquella «igreja. Alli o verdadeiro Pantheon. Alli, digo eu, «em Belem, o nosso Poets-corner, para desagravar «os manes de Camões, para dar poiso honrado ás «cinzas de antigos e modernos que, pobres e des«presados toda a vida, deviam ao menos ser aca«tados na morte.»

Assim ficaria, no museu e no Pantheon, o que ainda nos pode consolar de viver — a memoria do passado.

Mas haverá ainda quem, depois de ler aquellas palavras, escriptas com a sinceridade de homem que se conhece, venha ainda dizer-nos que a sua vontade era outra, que se deve respeitar isso que escreveu — se escreveu — n'um momento de lucto e desânimo?

E' não querer ver, é fechar os olhos a toda a evidencia, vir ainda a publico com o sentimentalismo romantico de que a vontade ultima de Garrett seria ficar junto da mulher amada e dos filhos.

Essa carta em que se fundam, escripta a quem mostrou depois não a merecer ter recebido, que o proprio Gomes d'Amorim não viu, nem por suas mãos copiou, e que mesmo lhe suggere duvidas por estar assignada *visconde* d'Almeida Garrett oito annos antes de o ser, essa carta admittâmos que é authentica.

O que prova? que elle quizesse, do fundo inabalavel do seu querer, que o seu corpo repousasse na modestia do pequeno tumulo de familia? Não. Garrett, como homem delicadissimo, verdadeira alma de poeta, comprehendeu que assim daria a maior satisfação, e mesmo uma reparação, á memoria da mulher só legitima para o seu amôr e para aquelles que de ânimo alto e consciencia pura olham as conveniencias da sociedade. Quiz mostrar que ella e só ella era a esposa que o comprehendeu e amou, aquella que estremeceu e lhe fez esquecer, nos poucos annos de convivencia que lograram, as amarguras da sua vida de familia tão tristemente encetada com a outra, a legitima perante a lei, e que ainda separada lhe não dava a liberdade d'acção que taes casos requerem, visto faltar o divorcio nos codigos que nos regem.

Pareceu-lhe a elle e parece-nos a nós e a todos que querem olhar as coisas com olhos de ver, que, dada essa satisfação, ninguem mais teria o direito de duvidar que esse contracto d'almas seria legitimado pela lei, se de permeio não estivesse o phantasma vivo, a esposa separada, a impedi-lo.

Carta de tristeza e lucto, escripta porventura n'um momento de profundo desânimo e descrença, quem o não tem sentido; quem a não comprehende, por maior que se julgue, por mais indifferente que seja ou queira ser ao julgamento dos outros?

Se é, fundados n'essa phrase,—que chegam a dizer *com força de testamento*—que veem fallar, porque não cumpriram logo essa disposição? Porque o deixaram passar annos sobre annos n'um tumulo alheio e em risco de se perder a memoria do logar onde jaz, e vieram, só quando a corrente de opiniões se formou, finalmente, em favor da ideia antiga de o levar para o tumulo que merece, em monumento publico e grandioso, como grandiosa e de publico interesse é a sua obra?! Apparecem agora os sentimentalistas de mau gosto, que os ha bastos n'esta terra sempre atrazada um seculo, a contrariar o nosso empenho, que foi o d'elle — ousâmos affirmá-lo.

Se o não fôra, teria no testamento, e formalmente, dito o contrario.

Se o não fôra, não diria Gomes d'Amorim, o seu melhor e mais constante amigo, que o conheceu pela mais familiar privança e melhor do que ninguem podia avaliar qual a sua intima vontade, o que se lê na nota de paginas 495 do terceiro volume das *Memorias:* — «Prepara-se o monumento a «Herculano e as suas cinzas repousarão, com assaz «de justiça, no mosteiro de Belem. E o grande «poeta do cyclo liberal espera em tumulo d'em«prestimo, que decorram trezentos annos, para que «esta portugueza «raça d'ingratos» lhe faça o que «fez por Camões, depois de perdidos os seus res«tos! Sobre todos os governos d'esta terra ha de «recahir essa perda, com ignominia eterna, se antes

«d'ella não houver uma voz que se levante na ca-«mara dos deputados e faça passar uma lei que «obrigue a trasladá-los immediatamente para o tem-«plo de Belem, onde deviam estar desde muito em «condigno monumento »

Mais adiante, na pagina 642: — «E oxalá que a «geração nova, emendando e reparando todas as «faltas d'aquella a quem succede, pratique o grande «acto de justiça que reclamam as cinzas de Garrett, «fazendo-as trasladar para o templo de Belem, mo-«numento digno do cantor glorioso »

Quando isto não bastasse, pouco custaria tirar das suas obras uma prova moral que a todos satisfizesse.

Garrett conheceu-se como ninguem. E' folhear os seus livros, e na mais leve phrase, na mais insignificante *nota* (que todas são modelo de graça e litteratura da melhor) mostra o amargo despreso com que julga os outros, a superioridade em que se tem, e a ferida, sempre a sangrar, por não se ver apreciado como bem sabe que o merece.

Foi vaidoso e mostrou-o, teve mais essa grande virtude, esse desassombro de caracter no meio das falsas modestias, peores do que as vaidades que sempre cresceram a esmo entre nós.

E' crivel que tivesse suggerido e defendido a ideia do Pantheon, do qual diz na introducção do *Gil Vicente:* — «Fizeram-se escholas e academias, decre-«tou-se o Pantheon. Foi poesia; mas não da glosa «sediça dos taes poetas de outeiro que nos trepa-«nam a cabeça ha tantos annos. Mofaram d'elle os «sensaborões: pois deviam-se envergonhar, que era «um pensamento nobre, nacional, util, excepcional, «necessario, que podia salvar tanto monumento para «a historia, resuscitar tantas memorias que se apa-«gam, levantar tanto animo baixo que decae, fazer «renascer talvez o antigo enthusiasmo portuguez «pela gloria, que morreu afogado nas theorias utili-«tarias.»

Depois continúa naquelle tom, entre ironico e grave, que só da sua bôca sahiu com tanta elegancia e verdade: — «Acanharam-se, recuaram com o Pan-«theon; fizeram mal. E' preciso ter animo para af-«frontar até com o ridiculo: — é o peor inimigo que «ha, mas é necessario encarar com elle de olhos «direitos e não lhe ter medo, quem quer fazer qual-«quer coisa util e boa em terras pequenas, sobre-«tudo, e onde ha tanta gente pequena.»

Ora, é crivel que se excluisse d'esse mesmo Pantheon, a si proprio, quando se reputava tão grande e tão injustamente victima de injustiças e invejas?

E' necessario conhecer Garrett, repetimos.

Que importa que uma vez, uma só, dissesse que queria ir para o tumulo modesto onde tinha os filhos e a mãe d'elles?

E não se riu tantas vezes dos barões e viscondes, não disse mesmo em publico, na biographia de Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato: — «Nem o «honrado nome de seus paes trocou por titulos vãos «e sem historia. Honra grande se os recusou — «honra maior se, por esquecido, não precisou re-«cusal-os.» E não acceitou posteriormente um titulo? E não estimava essas bagatellas, que para nós não tem significação nenhuma — commendas e condecorações?

Não digam que é versatilidade de caracter, que não é. Sempre em coisas serias e de justiça elle foi d'um só rosto e um só parecer. Sempre defendeu o pequeno contra o grande; nunca a sua consciencia se vendeu por dinheiro e honrarias.

Mas se a sua alma d'artista, tão delicada, tão feminil por vezes na emotividade do sentir, se preoccupava com essas pequenas vaidades que não accrescentavam coisa alguma á sua gloria, o que seria tratando-se de perpetuar a sua memoria, de dar um publico e eterno testemunho do muito que lhe deve a sua patria?

Leiam as suas obras, meditem-nas bem e comprehenderão o fel que essa disposição, se por acaso foi feita, resumbra

Tinham-se rido do seu Pantheon, tinham abocanhado e ridicularizado todas as suas intenções de renovador consciente e artista, e elle morreu convencido que não mais se pensaria nessa sua tão querida ideia numa terra em que só vinga o interesse pessoal dos influentes maus. Orgulhoso como era e devia ser, temendo o ridiculo de que o imaginassem esmolando glorificações postumas, era bem capaz de escrever essa carta, que depois devia ser apresentada, como sua defesa.

Mas a geração d'hoje tem todo o direito de não querer ser capitulada de ingrata para com a memoria do homem que neste seculo resume para nós um passado de glorias e um futuro em que ainda tremeluz uma esperança.

Temos o direito de exigir que nem sempre seja verdadeira a sua phrase: — «Em Portugal nem postuma vem a justiça a ninguem».

ANNA DE CASTRO OSORIO.

Á MOCIDADE ACADEMICA [1]

Faz-se noite geral nas nossas almas, vinda
De muito ingrato olvido a exemplos prestigiosos,
De muita força morta e muita crença finda
Na turva estagnação dos tempos pantanosos...

Procuremos assim, em ruidos jubilosos,
A alegria que espanque a nossa noite infinda;
Mas busquemos tambem, lembrando homens gloriosos,
A luz que em nós reaccenda a brasa viva ainda.

Festejêmos Garrett, com alma, com firmeza,
Amando a Arte pura e a terra portuguesa,
Sobretudo pensando, oh bella Mocidade!,

Que Elle, antes que terçasse em Arte a penna ingente,
Luctou d'armas na mão audaz e heroicamente
Pela Patria com honra e pela Liberdade!

PAULINO DE OLIVEIRA.

[1] Publicado, por conta do auctor, e entregue, para ser offerecido aos estudantes de Coimbra que vieram a Lisboa dar uma representação em favor da Sociedade Garrett em 27-4-902.

Não obstante, não chegou a ter egual distribuição á das outras composições poeticas profusamente espalhadas na plateia.

Cremos que nem mesmo ás mãos dos academicos o soneto chegou...

CARTA A UMA INTELLECTUAL

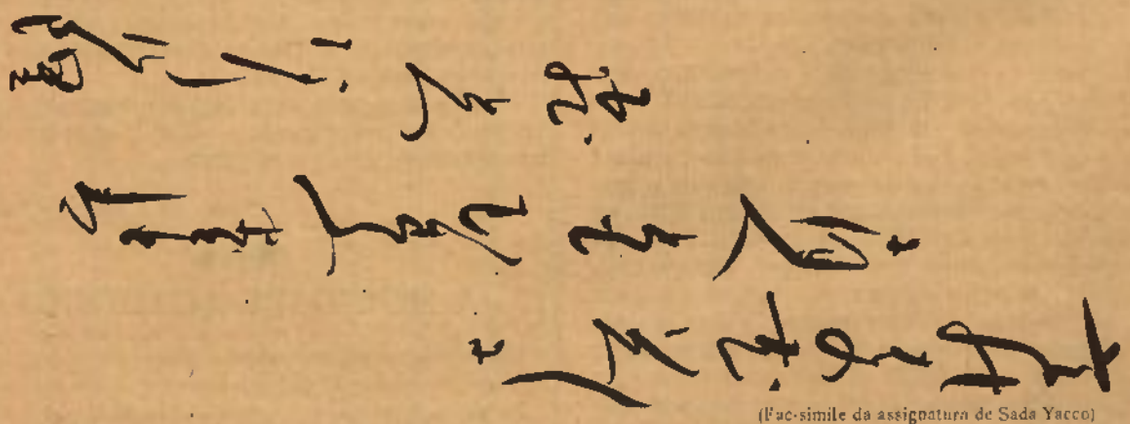
(A minha INTERVIEW com a grande tragica Sada Yacco)

O avido interesse, o intellectual alvoroço com que sempre acolhes as noticias que versam sobre as actualidades artisticas que logram commover os graves habitantes d'esta pacata *cidade de marmore e de granito,* proporcionam-me o ensejo de te ser agradavel delineando-te em pallidas e rapidas pala-

vras a impressão que me deixou Sada Yacco. A tragica japoneza que Paris consagrou e nos appareceu com o exotismo d'uma visão envolvida no mysterioso encanto da phantasia oriental, tornou-se o assumpto obrigatorio a todas as palestras e criticas litterarias.

As recitas a que assisti dadas pela companhia japoneza no theatro D. Amelia e a minha *interviw* com a extraordinaria actriz deixaram-me no espirito impressões gratissimas e indeleveis, com a surpreza de encontrar na celebre japoneza uma intelligencia cultivada com esmero e uma conversação cheia de amabilidade e graça.

Nem as lisongeiras noticias que havia lido na imprensa estrangeira apreciando o transcendente talento da grande tragica, nem as enthusiasticas referencias que me tinha feito uma illustre senhora que a vira no theatro parisiense, me faziam prevêr os attributos artisticos tão excepcionalmente alliados ao talento que Sada Yacco desenvolve em scena.



(Fac-simile da assignatura de Sada Yacco)

Cingindo a aureola fulgurantissima d'uma gloria conquistada com justiça, precedida de estrondosas ovações que echoavam vibrantes na sua alma d'artista, dicidiu-se a gentil japoneza a satisfazer as instancias da empreza do D. Amelia e veiu procurar hospitalidade para o seu grande talento no paiz que lá fóra passa por ser terra de poetas e de sonhadores.

Os factos, porém, occorridos no auditorio das tres recitas dadas pela companhia japoneza, infelizmente para o bom nome da nossa critica artistica, não corresponderam á espectativa; os applausos delirantes de que Sada Yacco fôra alvo nos theatros de Paris e Madrid não retumbaram no de Lisboa. A imprensa, talvez em parte despeitada pelo caracter naturalmente retrahido que a grande tragica manteve inalteravelmente na sua vida particular, destoando das liberalidades caracteristicas das mulheres que em geral pisam o palco, desprestigiou-a. Alguns jornaes mais prudentes dirigiram-lhe comprimentos frios, a que eu chamo banalidades forçadas para descargo de consciencia, e se excluirmos uma ou duas chronicas que vimos escriptas com criterio e alta comprehensão da Arte, nada do que elles dizem te poderá dar um pallido reflexo dos recursos scenicos que tão exuberantemente possue Sada Yacco.

Indubitavelmente a arte dramatica japoneza, nas scenas que nos apresenta, é irrisoria; os lances tragicos são exaggerados e o assumpto das peças theatraes, que na totalidade não admittem a concepção d'uma existencia real, são banaes e destituidos de interesse para nós, europeus, acostumados a ver no theatro factos e ideias, scenas e paixões que sentimos e vemos na vida real.

O scenario, com insignificantes e perdoaveis transformações, amoldado aos habitos do viver japonez, é extravagante mas está em harmonia com as scenas a que serve de fundo. Nunca poderá ser causa de motejo nem manifestação hostil d'uma platéa medianamente civilisada. A companhia no seu todo reune faculdades artisticas bem apreciaveis e dignas de melhor justiça. Se os nossos artistas e dos mais festejados no theatro europeu se apresentárem no theatro japonez é logico que os seus scenarios pareçam extraordinarios ao pensar e habitual modo de viver dos orientaes, visto que o que apresentarem divergirá consideravelmente dos costumes sociaes d'essas regiões longinquas; porém, não ha motivos plausiveis para que a critica imparcial lhes tolha os applausos que conquistarem á força de talento, de estudo e de trabalho.

. Dá-se o mesmo caso com os artistas japonezes: o theatro não se pode discutir, é irrisorio para nós, mas se o publico, préviamente comprehendesse ao que ia assistir, poderia tê-lo imaginado e não deveria tê-lo extranhado acolhendo os espectaculos com uma ironia imperdoavel. O que póde e deve ser analysado, discutido e reconhecido é o privilegiado talento artistico de Sada Yacco como actriz, e a sua peregrina gentileza de mulher; é a expressão arrebatadora no dizer, a supremacia divina que desenvolve na gesticulação e que a identificam com as mais luminosas figuras do theatro contemporaneo. E este conjuncto de estheticos elementos, devidamente apreciados, bastará para se esquecer a inverosimilhança da arte dramatica japoneza, para se relevar a extravagancia do theatro e render-se uma homenagem justa á mulher tão grande na sua Arte, que nos faz admirar sem mesmo lhe comprehendermos as palavras. Bastam-lhe a expressão do olhar, a hypnotisação do gesto.

Estou, porém, a alongar-me com o meu enthusiasmo pela actriz sem que ainda te narrasse a sympathia que a mulher me inspirou na *interview*, que, como te referi, tive com ella no Hotel Bragança, onde esteve hospedada.

Recebeu-me com tão cordeal amabilidade, que me acabou de captivar e me radicou a agradavel impressão que d'ella havia tido nas representações a que assisti. É formosa mas da formosura typicamente oriental que, como a sua arte, não é comprehensivel por quem a queira comparar ao typo

de belleza a que os nossos olhos andam affeitos. Figurinha graciosa e bella, enquadrada admiravelmente pela rica e elegante fórma do trajar, deu me a impressão extranha de a ter visto já... destacando-se hyeratica e linda como um crysanthemo dos jardins imperiaes, das paginas suggestivas dos livros de Loti.

—«Mas afinal — dirás com razão — o que te disse ella, essa mulher de talento nascida n'um paiz que é para nós ainda um sonho de magia, com as suas laccas e porcelanas frageis, as suas *musmés* vestidas de seda, os seus pagodes, as suas damas de inattingivel aristocracia, gestos miúdos, alegrias infantis e amabilidades requintadas?!... O que te disse essa mulher que apesar da sua passagem pelo mundo europeu, não deixou de pertencer ainda a esse maravilhoso Japão que o parisianismo invade e não conseguiu tambem banalisar?!... O que te disse, ella que falla a linguagem que todos comprehendem, que tem a nobreza que subjuga todas, a Arte e o talento?!...

—«Sim, é verdade, o que me disse ella? Offereceu-me a assignatura em caracteres japonezes de que te envio o *fac-simile*, prometteu enviar-me o seu retrato de Paris, e no seu francez e inglez estropiados disse-me bellas palavras de admiração pela nossa terra.

*

Ora isto, é certo, não é uma *interview*, mas vae assim mesmo para te dar a impressão de vago, de incompleto, mas ao mesmo tempo de suggestivamente artistico que deixou na retina e no espirito da tua amiga a passagem de Sada Yacco na capital.

Lisboa, 24-5-1902.

Olga Sarmento da Silveira.

A REVOLUÇÃO SOCIAL

II

De quando em quando, na sua coscovilhice telegraphica de todos os dias, entre varios casos sensacionaes de que por vezes depende a sorte de milhões de homens, vem a *Havas* contar-nos que um homem qualquer, d'essa multidão obscura dos semnome, desfechou, em pleno boulevard, um rewolver, á passagem d'um ministro ou d'outro alto personagem. .

Salvo um ou outro facto, raro, de sérias consequencias, — demonstração prática de acrata, ou vingança de rapariga russa — o caso, amiudado, explicadas ao depois as entrelinhas do laconismo do telegramma, sempre vem a capitular de doido o desfechador do rewolver. São invariavelmente dados por doidos esses homens, e são-no sem duvida. Um homem ignorado, que em plena rua, á luz do sol, entre a turba-multa que passa a mourejar sacrificada e resignada, ou que passeia a sua ociosidade e a sua fartura, puxa d'um pequeno *bull-dog* e o dispara para o ar, é realmente... doido.

Mas como todos os factos, ainda os mais loucos, teem a sua explicação, vem a saber-se que esse *doido* é um desgraçado, — um desgraçado que está farto de esperar por uma collocação mil vezes promettida, emquanto a familia, sempre esperando em vão, succumbe de miseria; um triste *manga-d'alcapa*, demittido sabe Deus por quanta intriga e malquerença; um empregado, que, após annos seguidos de esforços e canceiras no seu mester, é, d'um instante para o outro, sem ser ouvido, sem mais explicações, posto na rua, impossibilitado talvez de governar a sua vida por todo o sempre; um rapaz, victorioso n'um concurso, a poder de sobre-humanos

trabalhos, dez, cem vezes, preterido por pretendentes bem apadrinhados, e com a fome e com a febre trazida pelas privações e pela vontade ansiada e desesperada a devorarem-lhe e a tuberculisarem-lhe a existencia, com os paes, em casa, que se empenharam para o educarem, e com a noiva, longe, esperando... algum operario, que supplica trabalho como um mendigo pede esmola, que n'uma sociedade de gosadores e parasitas considera como uma suprema felicidade ter saude e ter força.. para poder trabalhar, n'um trabalho que muita vez mais parece castigo de forçados, ou expiação de ataviços e facinorosos crimes em épocas remotas...

Esses desgraçados, curtindo amarissimas dôres entre a pompa alegre da natureza e dos homens, que lhes hade cantar aos ouvidos congestionados como uma gargalhada trocista e hostil; esses desgraçados, no egoismo tão natural e tão dorido da sua alma de soffredores, desespera-os a indifferença absoluta de todos os que passam, pompeando mais ou menos as suas alegrias e confortos, dos simples transeuntes, das altas e corruptas figuras do estado constituido, dos *ricalhões* que passeiam os seus cavallos de contos de réis, e que não olham para as suas dôres e para as suas miserias, que não as comprehenderiam mesmo talvez se as enxergassem ou lh'as mostrassem...

D'ahi o tiro para o ar — para que a sociedade que passa, ao menos um instante, n'elle pouse o olhar; para que a segurança, a assistencia e mais *senhoras* publicas se amerceiem alfim do infeliz até alli ignorado, da sua miseria até ali desconhecida.

O tiro para o ar — para que o ministro esquecido se lembre do seu promettimento solemne; para que o magistrado attente no estado em que o pôz uma sua sentença proferida *à coeur leger*; para que a sociedade, emfim, saiba que ha um chefe de familia crucificado de mil angustias e com umas dezenas de boccas que lhe pedem pão.

...Que isto, meus senhores, de ter juizo com a barriga cheia — é virtude facil!

*

— As simples escaramuças aqui e alli travadas, n'uma ou n'outra sociedade, queremos dizer n'um ou n'outro paiz, quando não accusassem uma cousa mais séria, quando não traduzam movimento mais largo e mais *intencionado*, deve ser, pelo menos, considerado como — *tiro para o ar*.

— Aviso á gente que segue descuidada e feliz, para que páre um momento, para que indague um pouco; aviso á sociedade bonacheirona e egoista que passa ao lado, n'uma cegueira e n'uma surdez — não sabemos, afinal, se mais conscientes que inconscientes.

Setubal, 6 de maio-1902.

Paulino de Oliveira.

POESIA E ETHNOGRAPHIA

Em meio de tantos livros de versos que quasi diariamente vem a lume, destaca-se de modo brilhante o *Allivio de tristes*, do sr. Correia de Oliveira, publicado em nitida edição, em 1901, pela casa Aillaud. Encanta-nos neste pequeno volume de 76 páginas a pujança do sentimento poetico e a naturalidade da expressão, ao mesmo tempo que, ao lê-lo, se apodera de nós irresistivelmente a melancolia que o auctor exprime no decurso da obra. Um dos caracteres da nossa poesia é a tristeza. Os grandes poetas portugueses, como Camões e Garrett, vibraram essa corda; e o mais lyrico de todos, o povo, lá diz:

O cantar é para os tristes:
Quem o póde duvidar?
Quantas vezes cantarei
Com vontade de chorar!

O sr. Correia de Oliveira seguiu a mesma senda,

Por esta pobre terra portuguesa,
A mais triste entre as outras...

como refere a pag. 72. Revela-se nisto um curioso facto de psychologia ethnica.

Não é, todavia, do valor geral da obra que pretendo fallar, mas unicamente de parte d'elle.

I

Como verdadeiro poeta, o sr. Correia de Oliveira inspira-se por vezes nas tradições.

Assim, a pag. 40-41, falla de um d'esses *ex-votos* de que estão cheios os santuarios rusticos, e que na sua apparente originalidade christã provém do paganismo (chamados em latim *donaria*):

Representa o painel (e faz tristeza!)
Uma donzella morta no seu leito,
Com seus ares de martyrio e de pureza...

As suas mãos unidas sobre o peito...
Um sorriso na boca, que parece
Aos sorrisos do céo andar afeito...

Aos pés do leito então logo apparece
Numa nuvem de luz Nossa Senhora
Que parece fallar... Ao fundo vê se

Um comido letreiro, aonde agora
Ha só estas palavras: POR. AMOR.
UM. MILAGRE. QUE. FEZ. AQUI. IMPLORA.

Já tambem Guerra Junqueiro nos *Simples*, Lisboa 1898, pag. 69, cantou os *ex-votos* populares, ao fallar da Virgem Maria:

E por isso ex-votos, que relembram dores,
Cobrem de ternura todo o seu altar:
Bustos de meninos, mãos de cavadores,
Tranças de donzellas, soluçando amores,
Corações e peitos de fazer chorar!...

E, antes d'elle, Nicolau Tolentino de Almeida havia em dois graciosos sonetos satyricos (*Obras*, t. 1, Lisboa 1801, sonetos XIV e XXV) alludido ao mesmo costume; num d'elles nem lhe escapam os medicos, que vulgarmente se vêem pintados nos quadros:

Vai piedoso jarreta construindo
Em santo alpendre os votos pendurados:

Alli mostra grilhões despedaçados:
Rotos baixeis aos mares resistindo,
E pallidos doentes resurgindo
D'entre medicos máos! — até pintados!

porque o povo, no seu syncretismo pagano-christão, ao mesmo tempo que nas doenças consulta a medicina, invoca os santos: se os doentes saram, attribue aos santos o milagre; se pelo contrário mor-

rem, inculpa da morte os medicos! Para elle a cura é menos natural que a morte, e por isso a reveste de caracter maravilhoso.

A innocente abusão do *malmequer,* que é um vestigio dos antigos processos de adivinhar o futuro, acha-se, no *Allivio de tristes,* descrita d'esta maneira:

> E a Estrella disse então: «Linda donzella,
> Que estás no teu jardim a desfolhar
> Um malmequer, que sonhas?... E diz ella,
>
> Mas vagamente, como que a scismar:
> «Bem me quer, mal me quer...» E vão voando
> As folhas, uma a uma, pelo ar...
>
> «Bem me quer, mal me quer»: eis que cifrando
> Se vai aqui a ansia incomprehendida
> D'aquelles [1] que vão sonhando, e vão amando.

O povo canta igualmente esta flor numa das suas cantigas:

> *Mal me queres, bem me queres*
> Tenho eu no meu jardim:
> *Bem me queres* já acabou,
> *Mal me queres* não tem fim!

a qual publiquei nas minhas *Trad. pop. de Portugal,* Porto 1882, pag. 116.

A bem conhecida adivinha da *luz,* que o vulgo compara a uma *abelha,* traduziu-a o auctor graciosamente nestes versos de pag. 73, em que falla da gloriosa Terra Portuguesa, que é:

> Pequenina tambem (como uma abelha),
> E que tambem, já como o povo diz,
> «Enche a casa de luz até á telha».

Taes crenças e costumes não apparecem em serie, como menção fastidiosa de factos ethnographicos (*fastidiosa,* por se tratar de poesia): vem sempre a proposito, como explicação ou desenvolvimento de situações moraes. Está nisso o merito do auctor, tanto mais que este foi meramente levado do seu genio, da sua inspiração natural, e não teve por fim prestar serviços ao *folk-lore.*

(Continúa)

J. Leite de Vasconcellos.

[1] O poeta, até nisto seguindo o veio popular, conta «aquelle, aquelles» por duas syllabas, isto é, pronuncia «aquel', aquel's» (e igualmente «el', el's»). Em portuguêz antigo encontra-se effectivamente «aquell, ell», mas o pl. era em «-les»; só os Trasmontanos dizem hoje, e regularmente, «el — éis», «aquel — aquéis».

Palavras de Garrett a proposito de Gil-Vicente

... E todavia Gil-Vicente tinha lançado os fundamentos de uma eschola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da eschola eram solidos como os do «erario novo» á Cotovia; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e cahindo, até que vieram os reformadores como é moda agora, destruiram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construiram nada,— nem sequer deixaram o terreno limpo.

. . . . . .

O povo antes queria as óperas do Judeu.— Tinha razão; mas queimaram-lh'o e o povo deixou queimar.

Coitado do pobre povo!

Com o dinheiro que elle dava para as óperas italianas, para castrados, para maestro e maestrinos, podia ter quatro theatros nacionaes: e o Garção que lhe fizesse comedias que haviam de ser portuguezas devéras, porque o Garção era portuguez ás direitas.

Tinham-lhe queimado o Antonio José porque diz que não comia toucinho; mattaram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez.

E o povo deixou mattar. Por isso ficou sem theatro. Não seja tolo

E eram duas calúmnias atrozes, ambas ellas: o Antonio José comia um prato de torresmos como qualquer christão velho, e o Garção nunca escreveu tal carta em inglez. Com o primeiro foi vingança ignobil de algum frade fanatico; com o segundo foi mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho!

. . . . . .

... Gil-Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de glória, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre na escravidão da côrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigrammas e *chacotas* [1] quanto fidalgo se atrevia a desprezá-lo, quanto frade ou desembargador — e não lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hypocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu stylo era todavia de poeta cortezão: conhece-se. Os cynismos que hoje lhe achâmos, ou não soavam taes nos ouvidos d'aquelle tempo, ou permittia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e devéras.

A vida das crianças

Como a nossa revista se destina, primeiro do que tudo, a educar as crianças e a dirigir a mulher no sentido de a tornar, o que por dever e direito deve ser — a consciente educadora de seus filhos — entendemos dever substituir o receituario de culinaria, que algumas revistas dão, por um resumo de simples noções de hygiene physica e moral da criança.

Sem saude não ha belleza, nem alegria, nem póde haver felicidade; e um povo só é grande quando o desenvolvimento physico das seus filhos segue a par e passo o desenvolvimento intellectual e moral.

Temos a certeza de que não haverá coração de mãe nem espirito lucido de mulher que nos não agradeça a substituição.

Uma boa mãe nunca entregará, sem profundo desgosto, o seu filho a uma ama.

[1] Especie de cantigas satyricas e jocosas — talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francez.

Muito ar, muita luz, alimentação simples e bem regulada, deitar cedo e levantar cedo, eis para as crianças a base de uma saudavel existencia.

Antes dos 12 annos a criança não deve saber que a noite serve para velar depois das 9 horas.

A verdadeira mãe não é a que dá á luz e alimenta o corpo do filho, mas a que educa e lhe alimenta o espirito.

Em algumas familias ha o mau habito de fazerem das crianças espectadores e participantes da vida dos adultos.

Assim, não teremos infancia verdadeiramente ingenua e, por assim dizer, infantil, e muito menos poderemos ter uma robusta e alegre mocidade capaz de todos os heroismos, como de todos os esforços para a regeneração pelo trabalho.

A criança deve ter a sua vida á parte e muito á parte da vida das pessoas crescidas, sem por isso se excluirem da familia e se entregarem aos criados ou fecharem em collegios, como por exagero fazem muitos paes.

Dêmos á criança uma existencia sua, que lhe incuta no espirito desde os tenros annos o sentimento da individualidade propria, a nobreza de caracter e a independencia que só uma educação bem dirigida pode dar, a não ser em temperamentos de excepção.

Como faremos isso? perguntam muitas mães com boa vontade, mas sem estudos bastantes para poderem ser boas educadoras.

Nada ha mais facil nem mais simples. Com muito amôr, uma energica e nunca afrouxada vontade e um cuidadoso ainda que simples estudo, teremos uma educadora.

Começaremos por dar á criança um horario para deitar, levantar, comer e passear, que só muito excepcionalmente deverá soffrer alteração — assim a criança se habituará a ter uma coisa que em toda a sua vida lhe será da maior utilidade: o methodo.

Entregaremos á criança os brinquedos que possâmos comprar-lhe, convindo porém ter alguns mais bonitos guardados, e que só por *empenho* possam obter, para não estragarem. A cada coisa que se estragar far-lhe-hemos notar como era bonito e como depois, por culpa sua, se tornou inutil e feio. E a criança ir-se-há assim habituando a ser respeitadora e poupada.

Vestiremos os nossos filhos com simplicidade, mas com o mais escrupuloso aceio, fazendo-os mudar de bibes todas as vezes que se sujem,—porque se não deve prohibir que brinquem á vontade, com receio de estragarem o fato.

Assim não faremos futuras criaturas inuteis, não trabalhando para não se descomporem, e dar-lhes-hemos o sentimento do aceio, o amôr da ordem, que se deve ter sempre, tanto physica como moralmente.

Não devemos desculpar uma mentira nem consentir que uma criança suge a alma com uma intriga, um dito, que ás vezes das mais simples coisas se origina.

A criança tendo as suas brincadeiras, os seus livros, os seus deveres, que se não deve consentir que tenham em menos conta, não poderá perder tempo a estar na sala quando ha visitas ou a ir para a cosinha conversar com as criadas.

(Continua)

ANN MOORE.

Gil-Vicente

No dia 8 de junho celebra-se o centenario de Gil-Vicente, o fundador do theatro português, hoje tão adulterado e mal enxertado em estrangeirismos.

O nosso numero seguinte trará algumas paginas de consagração a esta figura collossal da nossa litteratura.

ERRATAS

Na carta de Oliveira Martins, transcripta em nota do artigo do nosso muito presado collaborador senhor Joaquim de Araujo — pag. 5. na quinta linha respectiva, — onde se lê: «*eu e V...*», deve corrigir-se: «*eu e a V ..*»

Esta ultima lettra representa a inicial do nome da Esposa do notavel publicista.

Na poesia, traducção de Rollinat, firmada pelo conscienciozo e distincto cultor das lettras senhor Martins do Soveral, e inserta no n.º 2 da nossa revista, veiu um erro importante que urge emendar. Onde se lê — pag. 7, primeiro verso da 11.ª quada —:

«*Na garupa ondulosa á espera das gammas*»

deve lêr-se:

«*Na garupa ondulosa e áspera das gammas*»

Revimos estes versos com o mais cuidadoso interesse, não obstante isto deu-se aquella não pequena diabrura typographica, de que pedimos desculpa ao senhor Martins do Soveral.

SOCIEDADE FUTURA

(Revista quinzenal de Educação, Litteratura e Sciencia)

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

3 mezes	350 réis
6 »	650 »
1 anno	1$200 »

Preço avulso 60 réis

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente. Para as Ilhas, Africa e Extrangeiro, a cobrança é feita por conta dos assignantes.

Numero 4 — Lisboa, 15 de Junho de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

REDACTORA
MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Impresso na IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
Editor-HENRIQUE PINTO DE AMARAL

Centenario do Theatro Português

8 de Junho de 1902

Homenagem a Gil Vicente, seu fundador

O pais que desconhece a sua historia, que despreza a sua arte e desattende os exemplos gloriosos que lhe deixaram os seus maiores;

O pais que não lê os seus escriptores, não comprehendendo os do passado e desconhecendo os contemporaneos;

O pais, indifferente e ignorante, que deixa passar sem uma manifestação de regosijo ou de lagrimas tanto as datas gloriosas como as suas horas amarguradas, — não é digno de occupar logar entre os povos civilizados e livres.

Não querendo contribuir com o nosso silencio para que o fundador do theatro português, de que ora se festeja o centenario, continúe mais ignorado pela maioria, do que se estrangeiro fôra, dedicâmos parte da nossa revista á commemoração da data em que elle revelou o seu genio ante a côrte boquiaberta de D. Manuel, o mais opulento e fortunoso rei de quantos presidiram ás glorias da nossa Patria. Não tentâmos a sua biographia, que outros mais competentes que nós a tem já feito; e mais do que ella, escripta por nós, vale sem duvida o artigo de sapiente investigação e critica com que o nosso illustre amigo dr. J. Leite de Vasconcellos nos obsequiou.

Esta simples homenagem é já alguma coisa para satisfação da nossa consciencia de portugueses e de publicistas.

Gil Vicente e a linguagem popular [1]

Da *Visitação* de Gil Vicente [2]

POR certo é a linguagem um dos caracteres que mais distinguem os homens mutuamente. Ha mesmo denominações ethnicas que se baseiam no conceito que uns povos formam de outros quanto á linguagem: assim o latim *barbaru-s*, que com o correspondente vocabulo hellenico βάρβαρο-ς, significa propriamente «estrangeiro», está aparentado com o sanscrito *barbara-s*, que quer dizer «gago». O contraste que se nota entre linguas estrangeiras nota-se tambem entre as várias phases de uma só lingua, considerada quer em epocas diversas, quer em seus dialectos. Com effeito, uma lingua altera-se com o tempo, por que mudam successivamente os homens que a falam: assim o português de Fernão Lopez diverge do de hoje. Uma lingua, conforme as terras em que domina, apresenta por vezes differenças, pois que differentes são entre si os habitantes das regiões de um mesmo pais: assim, quasi toda a gente em Setubal pronuncia normalmente um *r* (*r* uvular), que noutras localidades de Portugal só esporadicamente se encontra.

Os dramaturgos aproveitaram em todas as epocas, desde a antiguidade, estes contrastes linguisticos, para d'elles tirarem effeitos comicos, — já porque muito faz rir a um homem o elle ouvir fallar uma lingua que não entende, ou que se lhe afigura, embora falsamente, corrupção da sua —, já porque assim se definem melhor os typos apresentados em scena.

Gil Vicente, á semelhança d'esses dramaturgos, — entre os quaes tinha contemporaneamente a estimularem-no os hespanhoes Encina e Lucas Fernandez, que tanto se serviram do fallar sayaguês e salamanquino, — pôs muitas vezes na bôca das suas perso-

[1] Este artigo foi em parte publicado, em 1892, na *Revista Lusitana*, II, 340, sg.

[2] «A primeyra cousa que o autor fez & que em Portugal se representou», como se diz na editio princeps, d'onde reproduzo esta lettra capitular floreada.

nagens plebeias linguagem popular[1], que importa não confundir com a linguagem litteraria da epocha, que elle tambem emprega,—ainda que ás vezes a distincção se torna difficil, porque expressões que hoje nos parecem só do vulgo, como *polo*, *frol*, *fermoso*, *no' mais*, *pera*, eram cultas no sec. XVI, e porque havia, como agora, innumeros termos populares que tinham entrado na lingua culta[2], e outros cultos que estavam a popularizar-se.

Exemplificarei com alguns *Autos* esses dois aspectos da linguagem de Gil Vicente.

No da *Mofina Mendes*[3] principia fallando um Frade, a Virgem, várias Virtudes e um Anjo,—e a linguagem d'estas personagens não destoa nada em geral da que se usava na litteratura quinhentista; quando, porém, entram os pastores, logo começa a apparecer linguagem plebeia, que se revela, ora no vocabulario, ora na grammatica, ora nas phrases e ditos,—como: *atás*, *samicas*[4], *entances*, *bofá*, *por caso*, *magreira*, *dá ó Demo*, *deu olho mau por ella*, *a maleita a toma*, *quiçaes*, *nego*[5] e *nega*, *aramá* (que alterna com *earamá*), *Andrel* (mas nos titulos *André*, pois ahi não é o povo quem falla).—No *Auto pastoril portugués* as primeiras personagens que apparecem são gente do povo, pelo que ellas introduzem nos seus dialogos, entre outros, os seguintes termos, que eram evidentemente plebeus no sec. XVI (e muitos o são ainda hoje): *er*[6], *ronda*, *senos*, *nega*, *emperol*, *dixe*, *aito* (mas nos titulos tem *auto*), *soudes* (nos dialogos cultos *sois*), *bofás*, *casuso* e *acasusa*[7], *a ta mãe*, *trougue*, *contego*, *enha*[8], *Catalina* (mas nos titulos, onde falta o auctor, está *Catherina*), *som*[9], *fige* e *quige*, *caiso*, *omagem* (noutras partes, em lingua culta, *imagem*), etc.,—o que tudo contrasta bem com a linguagem polida de que se servem os clerigos no hymno do fim da peça.—No *Auto da feira*, em que começa a fallar Mercurio, o Tempo, um Seraphim, o Diabo e Roma, a linguagem é litteraria a principio: depois entra um lavrador e mais gente do povo, e eis que o dialogo se salpica de vozes plebeias, como: *e ti* (por «e tu» =«comtigo»), *palornear*, *enha* (na ling. culta *minha*), *hétega*[10], *dixeras*, *catar*, *nego*, *jeitar*, *Gerjalem* (=Jerusalem), *quês*[1], *er*, *Denisio*, etc.—Se agora lermos o *Auto da alma*, em que não entram personagens populares, não acharemos nenhuma das expressões plebeias que temos achado nos outros, mas deparar-se-nos-ha apenas a linguagem litteraria do tempo, embora com as suas fluctuações, como ainda hoje em parte succede.—Nos outros *Autos* que se percorrerem, ver-se-ha que os termos que destoam da linguagem usual da epocha são populares, e empregados por personagens plebeias, ao passo que as personagens cultas se servem de linguagem polida.

Seria interessante saber se Gil Vicente emprega a linguagem vulgar de uma localidade especial que elle de proposito estudou, ou se se serve apenas de um conjuncto de expressões typicas, populares sim, mas que revelam no seu todo um cunho geral de plebeismo. Com quanto elle mostre particular predilecção pela Beira[2], e muitos dos termos que usa, fossem já populares no sec. XVI, como vimos acima, e outros o sejam ainda hoje,—fazendo elle assim d'aquella provincia o alvo das suas gargalhadas, como agora succede no nosso theatro a respeito do Minho, da Galliza e dos Saloios, o que levaria a suppôr que a base da linguagem era essencialmente beirã—, todavia não posso por ora dar resposta decisiva.

Ao lado do conhecimento da vida da Beira, Gil Vicente mostra-se tambem conhecedor da Extremadura e do Alemtejo, o que se explica pelas suas estadas em Lisboa e Evora: no *Auto da Mofina Mendes*, pag. 111, ha varios termos que, se não são da Beira-Baixa (o que não pude ainda verificar), são do Alemtejo hoje; no mesmo auto, pag. 101, tem *peis* (=pés), que é da linguagem do Sul; no *Auto da feira*, pag. 178, tem *conhecei-lo* a rimar com *marmelo*, verbo esse que, se o poeta não quis fazer rima imperfeita, se deve pronunciar *conhecé-lo*, segundo a phonetica meridional; igualmente no *Dialogo sobre a resurreição*, pag. 345, tem *Loures* em rima com *tremores*, a que applico o mesmo raciocinio, pois no Sul se diz *Lôres*; no vol. II, pag. 521, tem *oufano* (onde estará *ou* pela equivalencia phonetica entre *ou* e *ó*[3]; no mesmo vol. está *Alcouchete* varias vezes; a pag. 472 e 475 tem *adés* (que parece *adeus*; cfs. *pardes* a pag. 529); a pag. 473, *mei amigo*, que póde ouvir-se hoje no Alemtejo[4].

Em todo o caso, o estudo da linguagem de Gil Vicente dá-nos bastante luz para a comprehensão dos dialectos portugueses (principalmente da Beira e do Sul) no sec. XVI.

Na propria linguagem culta do poeta ha incertezas, como eu já disse: assim elle ora diz *razão* (I, 194, 348, 349), *leixar* (I, 198, 199, etc.), *sou* (I, 199, 201, etc.), *ide*, *frol*; ora *rezão*, *deixar*, *sam*, *li* (fórma que não se conservou na lingua moderna por causa da sua exiguidade), *flor*. Mas geralmente tem o cuidado de pôr na boca das personagens plebeias umas fórmas, como: *estade*, *embarcade*, *amanhade*, *corregede*, e na boca das personagens cultas

---

[1] Cfr. a minha *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris, Aillaud, 1901, p. 36 sg., onde cito outros exemplos de poetas portugueses haverem empregado a linguagem popular.

[2] Isto é, da *lingua culta* considerada já como tal, mais ou menos fixa e opposta á do povo, pois a origem d'ella é tambem popular.

[3] Para as citações sirvo-me da edição de Hamburgo (1834). Vid. o que adeante digo do valor philologico d'esta edição.

[4] Já Fernão de Oliveira, que é tambem do sec. XVI, tem esta palavra como archaica, posto que dê a entender que ainda com outras se ouvia no seu tempo (*Grammat.*, 2.ª ed., pag. 81).

[5] F. de Oliveira dá esta palavra como arc. na litteratura, mas como popular na Beira no seu tempo (*ib.*, pag 118).—Tanto sobre esta fórma como sobre *samicas*, vid. os meus *Dial. beirões*, II, pag. 8 e 11.—Sobre ellas vid. tambem Fr. Gonçalo da Silva, *Livro da vida e milagres... de São Bernardo*, 1544, no final da obra: «.... eu que não fui criado em côrte, mas nas fraldas da Beira, onde por *si* dizem *samicas*, e por *senam* dizem *nego*».

[6] Sobre *er* cf. J. Cornu, in *Romania*, XI, 87.

[7] F. de Oliveira dá *acajuso* (que parece ser variante de *acajuso*), como archaismo beirão, *ib*, pag. 81.

[8] Cfr. *Dial. extremenhos*, I, pag. 10, n.º 1, e *Rev. Lusit.*, V, 258.—Em Prestes, *Autos*, ha *inha* (=minha), na phrase *da inha terra* (2.ª ed., pag. 461), que deve ler-se *dáinha terra*, como ainda hoje se diz no Sul.

[9] F. de Oliveira dá tambem esta palavra como beirã (*ib.*, pag. 114) Ainda hoje no campo de Coimbra (e no Sul) tenho ouvido *som* por *sou*.

[10] Cfr. *Dial. alemtejanos*, IV, pag. 30; e no proprio Gil Vicente, I, 341, *hetigo*.

[1] Cfr. os meus *Dial. beirões*, VI pag. 15. Nesta palavra houve syncope de *e* e assimilação de *r* a *s* (absorpção): queres, quer's, quês.—O sr. Adolfo Coelho explicou erradamente essa fórma verbal nas *Questões da ling. port.*, I, 419.

[2] Vid. *Mofina Mendes*, *Auto pastoril*, *A feira*, *Serra da Estrella*, *Juiz da Beira*, *Clerigo da Beira*, etc.

[3] Todavia, como aqui *ou* é inicial, não tem o valor provativo que teria em meio de palavra.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 27.

outras, como: *passeae, esperae, andae* [1]. Muitas das fórmas que elle usa na linguagem culta estavam a desapparecer da circulação, como: *entônces* (ainda nos *Colloquios* de Garcia da Orta, em Bernardim Ribeiro, etc.) e *sam;* outras estavam a entrar da linguagem plebeia para lá, como: *assim* e *mim,* que o poeta emprega em concorrencia com *assi* e *mi.* Isto, juntamente com as alterações por ventura devidas á acção da linguagem dos typographos, explica as incertezas do texto vicentiano.

APPENDICE

Sobre o valor philologico da edição de Hamburgo

Como é sabido, as antigas edições das obras de Gil Vicente tornaram-se rarissimas, e hoje os estudiosos servem-se geralmente da que foi feita em Hamburgo em 1834 por Barreto Feio & Gomes Monteiro; todavia esta edição contém inexactidões e falhas, e quem, sobretudo para trabalhos linguisticos, quiser servir se d'ella, precisa de proceder com circumspecção.

Aqui vou apresentar alguns exemplos d'esses defeitos, cotejando o texto da farça do *Juiz da Beira,* segundo a edição de Hamburgo, com o texto da editio princeps. Não faço cotejo completo; só quero dar uma amostra.

Para simplificar, noto por H a edição de Hamburgo, e por P a editio princeps. Os algarismos arabigos representam as paginas d'aquella, e os romanos as folhas d'esta.

canceira, páceiro, assucaradas, H 161 e 162; *canseyra, passeyro, açucaradas,* P ccxx-*v.* e ccxxi. Não é indifferente transcrever os textos antigos com *s* ou com ç, pois esses sinaes representavam pronúncias differentes (além d'isso, neste caso, *passeyro* não é o mesmo que *páceiro*); cf. os meus *Estudos de philol. mir.*, I, 34, n. Pôr *s* em vez de ç, seria como, por ex., pôr *b* em vez de *f.* Os modernos editores não comprehendem isto!

mandar, H 167 e 168; *mondar,* P 222. Aqui alterou-se tambem a pronúncia. Hoje a gente do Minho e a de alguns pontos do Sul é que dizem *mandar.* Tanto *mondar* é a fórma litteraria, embora vinda do lat. mundare, que o substantivo correspondente a este verbo é *monda* e não a *munda.*

alheio, meio, H 178 e 179; *alheo, meo,* P ccxxxiii-*v.* e ccxxiii. Onde o port. ant. tem *eo,* o moderno tem *eio,* em syllaba tonica. E' por isso que deve escrever-se, por ex., *meado, alheado,* e não *meiado, alheiado,* como ineptamente para ahi se escreve; não só estas palavras se formaram das antigas em que ha *eo,* mas hoje a pronúncia é com *i* (valor do *e* atono antes de vogal), e não com *ei.*

pertence, H 162; *pertem,* P ccxxi. Aqui o êrro consiste em substituir uma palavra por outra, pois *pertence* vem da fórma inchoativa de pertinere, ao passo que *pertem* vem de pertinet cujo accento tonico passou para o *i,* segundo a lei chamada *da recomposição,* que, como é sabido dos romanistas, se observava no latim vulgar.

. s'he, H 162; *see,* P ccxxi. Aqui os editores não entenderam o sentido, pois *see,* que elles substituiram arbitrariamente por duas palavras, é fórma verbal archaica, e vem do lat. sedet.

Em H 164 lê-se o verso *dae ó demo a cancella,* com falta de uma syllaba, ao passo que P ccxxi-*v.* tem *day day oo demo a cancella.* Outra omissão: em H 164 falta o *eu* de P ccxxi-*v.* Em H 190 falta uma explicação em prosa, que se lê em P ccxxvi.

Não podendo, por falta de tempo e de espaço, alongar muito este artigo, citarei agora em resumo alguns factos mais:

H: logar, como, p'ra, direito, melhor, peor, d'asno,
P: logo, come, pera, dereyto, milhor, pior, do asno;

H: como, Beatriz, bom, sou, agora, visinha, mi c' o,
P: coma, Breatiz, bo, sam, aora, vezinha, mi'co,

H: buen, por, Lumiar, vi, dizia, mister, nunca.
P: bel, per, Lumear, sey, dezia, mester, nam na;

H: se, tesoura, trovazinhas, mangedoura, arruido,
P: s'eu, tisoura, trovezinhas, manjadoura, arroido.

E ainda não é tudo: assim, onde H tem *Não sei s'he crime ou se que,* p. 166, tem P ccxxi-*v.* a menos o *ou;* a p. 175 tem H um *o* que não está em P ccxxiii; a p. 182 tem H *hum christão,* quando P tem *em christãos,* o que é differente quanto ao sentido e mesmo quanto á rima; em H 189 falta um *o,* que está em P ccxxvi, o que faz que em H haja uma syllaba de menos.

D'aqui se vê que a edição de Hamburgo não satisfaz, e que precisa de ser substituida. A ed. que se fez em Lisboa em 1852 contém, no que toca, pelo menos, á farça do *Juiz da Beira,* os mesmos erros que assignalei na de Hamburgo. Não comprehendo como no prologo d'ella, a p. IX, se possa dizer: «Confrontámos a 1.ª ed. com a 3.ª (a de Hamburgo)... A presente edição é a reproducção completa da 1.ª com as correcções da 3.ª». O que é certo é que ella não reproduz a 1.ª, e que contém os erros da 3.ª.

Há muito que penso em fazer, segundo os preceitos da philologia moderna, uma edição critica e commentada das obras de Gil Vicente; mas ainda não sei quando poderei realizar esse trabalho.

Infelizmente no nosso país apreciam-se pouco estes estudos, e, a julgar de exemplos, por assim dizer, quotidianos, está nelle enraizado o preconceito de que os livros antigos, quando se reimprimem, devem ser totalmente modernizados na phonetica e nas flexões, para que o público os possa saborear. Tal preconceito, todavia, é imbecil e futil: é imbecil, porque cada livro representa o estado mental da sua epocha, — e alterar a lingua d'elle corresponde a dar da epocha ideia falsa; é futil, porque em Portugal o povo não sabe ler, e as pessoas de pouca ou mesmo mediana instrucção não lêem senão jornaes de 10 réis e cartazes de espectaculos. A edição de um livro antigo é unicamente destinada a individuos de certa educação intellectual; e para que esses entendam o que lerem não se torna necessario commetter barbaridades nos textos.

Muita gente ha tambem, que chama discussões *de lana caprina* a estas minucias philologicas. A todos é licito, com effeito, principalmente aos vaidosos e presumidos, pensar como quiserem; mas não ha dúvida que, sem boas edições dos auctores antigos, os trabalhos historicos e grammaticaes, que nelles cegamente se basearem, ficarão sem base solida.

Lisboa, 8 de Junho de 1902.

J. Leite de Vasconcellos.

Entre as joias que da corôa portuguesa nos levou a usurpação de Castella não foi a menos bella esta do nosso theatro. Como o 1.º rei D. Manuel deixou pouco vividoura descendencia, tambem o seu poeta Gil Vicente deixou morredoiros successores.

. . . . . .

Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é começar as grandes coisas do mundo, vê-las acabar por outros — acordarmos depois á luz — distante já — do facho que accendêramos, olhar á roda de nós, — e não ver senão trevas!

Introducção de um auto de Gil Vicente.

Almeida Garrett.

---

[1] Cfr. Adolfo Coelho: *Theoria da conjugação,* 1870, pag. 31; e *Bibliographia critica de historia e litteratura,* 1873, pag. 54.

CALMARIA

Um barco pára ao meio da planura
larga do rio immovel, baço.
Fere a pesada e acinzentada altura
o mastro, num esguio traço.

A vela em bolso, murcha, cae. Ninguem,
parece, dentro está; nenhuma
vela de barco companheiro vem;
nenhuma asa côr de espuma.

Sob o duro fitar do céo, absorto,
todo feito de estanho, em arco,
quedou-se o rio, que é estagnado, morto;
pousa dormente, á espera, o barco.

PAULINO DE OLIVEIRA.

(Setubal.)

(Trabalhos feitos expressa e obsequiosamente para esta revista — aguarella do sr. João Vaz, gravura do sr. Thomaz Bordallo Pinheiro.)

O Frei Luis de Sousa, em Paris

D'uma carta para um diario de Lisboa:

«*Paris, 4 de maio.* — A opinião da critica parisiense foi muito confusa com respeito á obra dramatica de Garrett. Varios jornaes onde a reportagem theatral é feita por jornalistas pouco sympathicos á sociedade dramatica «Les latins», — o grupo theatral que se encarregára da interpretação do «Frei Luis de Sousa» — falaram com pouco enthusiarmo da peça e chamaram ao bello e glorioso drama, — um mysterio ou oratoria, isto é, uma especie de «Santo Antonio» do Bras Martins. Não nos admira isso. Pois não vimos o Sarcey — que Deus haja — alcunhar a «Gran-Via» de revista do anno e chamar zarzuela ao «Gran Galeoto»! Não é portanto para nos causar assombro que varios jornaes d'aqui dissessem que o «Frei Luis de Sousa» é uma peça phantastica que varia entre o dramalhão bolorento e o mysterio religioso.

Outros jornaes affirmaram que o drama possuia notaveis qualidades e que era obra de serio valor.

Mas como estamos longe do quente enthusiasmo que provoca aqui a revelação dos dramas d'Ibsen!

A critica dramatica de Paris não gosta muito de elogiar os dramas estrangeiros que apparecem traduzidos nos theatros d'aqui: — o que de resto é geralmente um caso raro. Quando o drama ou comedia é d'um nome quasi desconhecido, então é peor. Ora Garrett é um desconhecido para a critica dramatica francesa.

Quem conhece em França a litteratura portuguesa? Talvez umas 20 ou 30 pessoas. A prova temol-a no seguinte facto, succedido agora por occasião da representação do «Frei Luis de Sousa» em Paris. Quisemos, nós os membros da commissão, encontrar um escriptor francês que antes do espectaculo realisasse uma conferencia sobre o theatro português. Pois bem, não encontrámos ninguem. Claretie disse que não conhecia a litteratura portuguesa; Catulle Mendès, neto de judeus portugueses de Bordeus, affirmou que não possuia senão limitadissimo numero de notas sobre a litteratura portuguesa; Marcel Fatio, idem; o Gobliart, idem; Hugdmans, idem; Faguet idem, etc. etc.

A litteratura portuguesa é quasi desconhecida em França, não obstante os pequenos artigos que teem apparecido ultimamente em varias revistas d'aqui sobre varios moços litteratos de Lisboa, Porto e Coimbra.

O «Frei Luis de Sousa» foi, em geral, mal comprehendido pela critica. A apreciação do «Temps» foi imbecil.

No entanto, os homens de lettras que estavam no «Nouveau Théatre» na noite do espectaculo, mostraram-se todos muito enthusiasmados com o drama de Garrett.»

*

Não nos admira de que não houvesse em Paris um litterato francês que soubesse ou quisesse fallar na nossa litteratura em geral e em particular da obra monumental de Garrett; os franceses são na maioria muito ignorantes de coisas estrangeiras, fazendo disso motivo de luxo e de orgulho, paga pouco gentil ao que por cá se faz a tudo que elles nos enviam, e que nem sempre é do mais puro quilate.

Mas d'entre os portugueses que lá fóra tanto nos honram e, com sacrificios monetarios mesmo, tanto trabalharam para fazer representar na capital franceza a obra prima da nossa litteratura moderna, não haveria um que quisesse desempenhar-se d'essa espinhosa, mas ao mesmo tempo agradavel missão?

Permittam-me que lhes diga, senhores compatriotas, que não lhes faltou vontade e sim um poucochinho d'essa coragem que nos lançou de olhos fechados no mar das lendas e das trevas...

E' que o *fetichismo* de Paris e da sua soberba civilização á qual teimamos em pertencer, como se não fosse maior honra trabalharmos para voltarmos ao que já fomos, atemoriza ainda os mais bravos.

Pois do pouco que nos resta a dar-nos motivo de legitimo orgulho, justo é que nos mostremos vaidosos — porque é um dos grandes factores da nossa decadencia esta quasi vergonha de nós mesmos que nos dá o aspecto pobre e bisonho de quem está muito convencido da sua inferioridade.

E porque existe essa inferioridade lamentavel?

Exactamente porque nos falta a altivez de quem trabalha conscienciosamente, de quem é livre, e, sem olhar a exemplos de vizinhos, tem os olhos fitos no futuro e para lá caminha com seguro passo.

O que era preciso para fazer em Paris uma conferencia sobre Portugal e a sua historia, condição essencial para se comprehender e admirar a obra prima de Garrett? Simplesmente saber francês e fallar com o enthusiasmo caloroso que dá o amor por esta terra linda que é a nossa, por esta terra e esta gente que foi grande em todo o mundo e em todos os ramos da actividade humana, desde a graça e intelligencia das suas mulheres que no seculo XVI eram tidas como as de mais espirito da Europa culta, até aos artistas admiraveis que talhavam a pedra, o ebano e o marfim com a delicadeza com que burilavam a prata e o oiro: por esta terra e esta gente que Garrett tanto amou e como ninguem comprehendeu, porque era tão português pelas suas qualidades e defeitos que se tornou para nós um symbolo.

Mas a consciencia da nossa decadencia é tão completa, que em vez de nos erguermos num assomo de brio, ainda nos amesquinhamos deante do estrangeiro — como se todos fossemos culpados do descredito dos nossos governos — e tentamos desculpar quem nos aprecia sem intelligencia nem criterio como esse critico do *Temps*. E do mesmo jornal, que é dos mais conscienciosos e respeitados da capital, extráio ainda estas palavras, não como critica, mas como prova da nossa delicadeza para com os que nos tratam mal:

«O sr. Gustavo Larroumet, critico dramatico do «Temps», na sua ultima «Chronica theatral», refere-se á representação em Paris do «Frei Luis de Sousa», e por signal que a sua apreciação não é das mais lisongeiras nem para o talento de Garrett nem para a sua obra prima.

Esta opinião porém não deve susceptibilizar o nosso amor proprio litterario, porque o sr. Larroumet não comprehendeu sequer o entrecho do drama português, como se pode ver das seguintes linhas:

— O drama representado pelos «Latinos», é extrahido da biographia do historiador soldado Luis de Sousa. Feito prisioneiro pelos mouros, D. Luis encontra ao voltar do seu longo captiveiro, por 1590, sua mulher outra vez casada, pois que o ti-

nha julgado morto. Então entraram ambos para o convento, cada um por sua parte.—

Se o drama de Garrett fosse representado em português, ainda se explicariam os deploraveis equivocos do sr. Larroumet, que confundiu D. João de Portugal com Frei Luis de Sousa, mas sendo representado em francês são deveras surprehendentes similhantes inexactidões.»

O que poderia, na verdade, comprehender essa gente, que não sabe a nossa historia, do drama profundamente historico, não nos factos, que é somenos questão em arte, mas no sentimento nacional de que Garrett fez o mais alto padrão da moderna litteratura?!

Só quem conhecer a lucta homerica sustentada por esse punhado de homens, que foram dados em presente nupcial á filha bastarda dum rei; só quem seguir passo a passo o seu avançar victorioso para o sul até expulsar para além do estreito os mouros civilizados e aguerridos em mil combates, transformando o pequeno condado-feudo num reino lindo e glorioso; só quem conhecer o sentimento de orgulho que nos afastou da Hespanha, que egualmente nos pagou aversão com aversão, desprezo com desprezo; só quem, tendo estudado a historia da nossa maior grandeza possa medir a decadencia moral e material que nos arrojou ensanguentados e mal feridos á vergonha da dominação hespanhola, que os nobres de cá mais negra e odiada faziam: poderá comprehender a sublimidade dessa tragedia monumental que, mais do que os dramas de Victor Hugo, synthetiza a alma dum povo e aponta na esculptural e sóbria belleza das suas linhas a moderna orientação dos dramas que a pathologia e a psychologia explicam.

*

* *

O que nos consola é que nem todos os franceses são da força do critico do *Temps*, e ha lá alguns que nos amam e apreciam como merecemos.

Apraz-nos citar muito especialmente o nosso querido amigo mr. Henry Faure que tem sido um dos maiores admiradores de Portugal e da sua litteratura, tendo por Garrett a mais intelligente admiração. No centenario celebrado por nós em 4 de fevereiro de 1899, publicou o illustre homem de letras francês a sua traducção do episodio da «Joanninha» das «Viagens na minha terra» numa das mais lindas edições que se tem feito de coisas portuguesas.

Como num dos proximos numeros desta revista daremos o seu retrato, teremos occasião de apreciar as suas relações litterarias com o nosso pais oppondo á ignorante apreciação do chronista do *Temps* o intelligente juizo do nosso bondoso amigo.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

PENSAMENTOS

— A existencia de senhores é tão absurda como a existencia de escravos.

—Os governos, depois de produzirem uma alluvião de reformas morosamente concebidas, só causaram a divisão da familia portuguesa em duas classes famintas: — a classe dos analphabetos e a classe dos bachareis.

— O homem sem a mulher seria como a terra sem o sol: —um phantasma sombrio.

— Todo o cidadão tem o dever de ser politico, de se interessar pelos destinos da patria. O que não é politico não é patriota.

— Na Suissa, Hollanda e Romenia, nações pequenas como a nossa, ha o ensino obrigatorio. Em Portugal só ha uma cousa obrigatoria: — o pagamento de onerosas e vexatorias contribuições.

E as ridiculas escolas do estado são em numero inferior ás das cadeias!

Vê-se pois que o progresso por cá tem sido de barbaros.

— A ignorancia d'um povo é, em regra, de proporção egual á de quem o dirige.

— A mocidade lusitana, melancholica e anemica, é o maior escarneo que o estrangeiro observa neste povo. E o unico culpado é o estado que não tem instituido aulas para o nosso desenvolvimento intellectual e physico.

— O soldado é o assassino da humanidade. Só tem da vida uma noção — matar!

— O descalabro da litteratura portuguesa é apenas a continuação da voragem vergonhosa que absorve a politica e a mocidade do nosso pais.

— O mal do seculo que anniquilou o espirito de Anthero de Quental, ha de anniquilar todas as almas candidas, como uma das mais flagelladoras epidemias.

— Sinto tão grande nojo pelos mulheres romanticas como pelos homens pretenciosos. Umas e outros são o producto da fatuidade do falso meio que os gerou.

— Alexandre Herculano teve sempre uma grande ambição: morrer onde nasceu. Eu tenho uma ambição maior: nasci pobre e quero morrer honrado, o que é raro nesta nação de parasitas...

— Com o estudo e a leitura de boas obras tudo se aprende.

MARCOS ALGARVE.

IGNORANCIA!

A mãe, doente; o filho, amargurado,
chama o doutor que vem no mesmo instante;
receita umas fricções, e um calmante,
dois frascos. O rapaz volta apressado.

Uso externo diz um; o malfadado
não aprendera a ler; e inconsciente,
d'esse mesmo é que foi dar á doente
que expira em convulsões! Ai, desgraçado!

Meu Deus! elle exclamou, dei-lhe a beber
um veneno talvez!... Conheço bem!
e fui eu que a matei, por não saber!

E fui eu que a matei! Ai, pobre mãe!
que desgraça! que horror não saber ler!
mais infeliz, não ha, não ha ninguem!

JULIA DE GUSMÃO.

Que miseria!

De extremo a extremo do pais, o quadro não pode ser mais desolador.

Por toda a parte e por todos os lados o mesmo espectaculo de tristezas, o mesmo sudario de ignorancia, de desventura, de preconceitos e de fanatismos!

E fere e impressiona profundamente esta antithese: tão fulgurante sol no céo d'esta pittoresca faixa á beira-mar, e tão tenebrosa noite intellectual no craneo de quatro dos seus cinco milhões de habitantes!

Dissérei-lo o *pais da escuridão,* este luminoso pais das esplendentes auroras!

Dissérei-lo o *país da noite*, este radioso pais dos arreboes doirados!

Que contraste!

***

Mas a dor immensa, a que põe de luto a alma dos que pensam no dia de amanhã, é a de vêr nos seus mappas estatisticos, ao lado da mancha negra e enorme do analfabetismo, e como a torná-la maior e a acarvoá-la mais, ir-se alastrando dia a dia outra nodoa medonha e mais negra ainda: a do crime!

A par da vide e da larangeira, vae medrando bellamente nesta linda terra, em grande parte mercê da *rega alcoolica*, o roubo, o estupro, o aborto, o infanticidio e a navalhada...

Isto porque não avultemos senão aquillo que o serviço de reportagem dos nosos grandes diarios põe hora a hora em maior e mais suggestivo destaque...

Sim, calemos, por menos salientes, que não por menos repetidos, os sobornos, as falsificações, as fraudes, as perfidias, as defecções e baixezas de toda a especie, tudo isso que se passa todos os dias sob o olhar de Deus e ao pé de nós, e que fez de uma nação de heroes um viveiro de egoistas e de bandoleiros

Ao mesmo tempo, é vêr como em tal meio, ainda melhor que o eucalypto, se vae aclimatando a intolerancia religiosa!...

E, parallelamente, uma completa desnacionalização: no gosto, na arte, na lingua, no caracter, nas tradições!

O proprio fundo ethnico, tão heroico e tão altivo, é vê-lo como se vae abastardando e pervertendo.

Apoltranado, evilecido!

Dessoramento do sangue; amollecimento das energias; perda quasi completa dos brios.

Passividade idiota; preguiça saboreada; adormecimento das faculdades e do pundonor.

Ainda mais?

Sim: perdida a antiga boa fé: em seu logar a desconfiança.

Falta grande de sinceridade e lisura; ausencia quasi completa de seriedade e caracter.

Que é da nossa antiga galhardia?

Pois se até o brigão «*volteiro*» e cavalheiresco de outr'ora se tornou hoje no ignobil rufião das viellas!...

***

Experimentae-o, que isto é de todos os dias, experimentae-o vós, ó almas candidas, que não quereis sair do casulo da vossa ingenuidade, nem a poder de decepções! Basta que vos recordeis.

Vieram um dia propôr-vos certo negocio, não é verdade?

— Fraude certa... Caistes.

Foi o taberneiro que vos exaltou as qualidades do seu vinho?

— Uma *mistella*...

O padeiro que vos encareceu a alvura do seu pão?

— Tudo gesso...

O negociante que vos deu por certo preço, «*e por ser p'ra vós,*» um córte de tal fazenda, que parecia boa e bonita?

— Uma tela, que, dois dias a cotio, desbotou logo e logo se coçou, não saindo da loja sem deixar pelo menos 40 % de lucro ao vendedor...

E noutro compo:

Lestes um reclamo a gritar-vos a efficacia rapida de certo preparado? Caistes em experimentar?

— Uma aguinha chilra, alguma droga perigosissima, ou então pelo menos uma porcaria que vos derrancou o estomago...

Foi um annuncio no gosto d'aquelle de Tolentino, berrando que: «*chegou Mousieur de tal, chimico em Paris, formado*»...?

Consultastes *Monsieur*? E que tal?

— Um charlatão, nem ao menos capaz de vos tirar, sem ser pela hora da morte, os dentes que o outro «*tirava, de graça, a todo o mundo*»...

***

E aqui está o quadro. Parecendo exaggerado, é tão real e verdadeiro como uma photographia, só com o defeito que tambem nas photographias costuma notar-se: o de estar algo *favorecidinho*...

Resumindo:

Cinco milhões de habitantes.

Quatro de analphabetos.

Um sabendo (?) ler.

Mas d'este milhão, pensante e tendo a alta noção da dignidade humana, uma restrictissima minoria.

O grande numero compõe-se:

De illetrados, não analphabetos, mas peores ainda, porque é *negativo* o saber de tal gente.

***

Mas para tamanho mal, para tamanho horror, já não haverá remedio?

— Ainda ha.

A educação da futura geração, a educação de vossos filhos, mães portuguezas!

Avante, pois, boas almas do meu paiz!

Abril de 902.

AUGUSTO MORENO.

A vida das crianças

Não se deve consentir que incommodem a familia nem os vizinhos com o seu barulho, dando-lhes livros d'estampas para verem e de historias quando souberem ler, *construcções* para fazerem, lapis e papel á vontade para rabiscarem. Mas como o exercicio é uma das condições essenciaes á vida, as crianças devem ter duas ou tres horas de passeio á vontade e permanecerão, de dia, o mais tempo possivel ao ar livre

Temos pois a criança habituando-se a uma vida

hygienica e com exercicio e habituando-se ao mesmo tempo a não incommodar o seu semelhante quando elle mais necessita de socego.

A criança deve ser alimentada pela mãe, exclusivamente do seu leite, durante o primeiro semestre.

Sobre isto é que não ha duas opiniões. Quando a mãe é fraca e precisa de recorrer a outra alimentação, não o deverá fazer sem conselho do medico, porque afinal... tudo isso são tristes remedios. Durante os primeiros seis mezes o estomago das crianças não recebe nem assimila bem senão o leite materno.

Não se enganem com a gordura que a prematura alimentação traz ás crianças que ella não é synonymo de saude.

Quanto mais possivel, os exercicios ao ar livre, uma sobria e regulada alimentação, onde não tenham entrada os excitantes, muito aceio, muita luz, muita alegria; fazem da infancia feliz a velhice saudavel.

Emquanto a criança é pequenina acha-se-lhe muita graça até nas suas birras e pancadas. Mas, cautella! A primeira infancia são dois dias e o que toda a gente tolera ao petisinho de um ou dois annos, acha detestavel num rapaz ou numa rapariga de quatro ou cinco.

As criadas, em geral, tem o costume de ensinar as crianças a baterem-lhe quando pequeninas. Mas depois, quando crescem e usando dos direitos adquiridos, fazem o mesmo, são as primeiras a queixarem-se, a gritar com os pequenos e a darem-lhe até... o seu safanão ás escondidas.

Deve-se pois ter o maximo cuidado em as não deixar cultivar essa *gracinha*, que não tem graça nenhuma e que pode trazer alguns dissabores.

Nas relações entre crianças e domesticos, principalmente as mulheres, é preciso usar da maior circumspecção. Nem afasta-los tanto que seja um motivo de offensa para essas pobres criaturas cujo maior defeito é a falta de educação, nem consentir-lhes tanta intimidade que venham a ser uma influencia deleteria no fragil espirito infantil.

Para não fazer da criança um *menino prodigio*, deixa-la durante os primeiros annos na ociosidade e na completa ignorancia é, para evitar um mal, criar outro mais perigoso.

Expliquemos: a infancia é geralmente serviçal e curiosa, e o dever do educador consiste em aproveitar essas faculdades que, segundo a maneira como são conduzidas, se podem converter num bem ou num mal.

A criança tem a febril curiosidade de quem começa a viver e no mundo não encontra senão novidades. O seu espirito dirige-se naturalmente para aquillo que a rodeia. E' pois necessario não a deixar conviver com pessoas cujas conversas ou actos lhe despertem para o mal a imaginação sempre viva.

Tanto as raparigas como os rapazes tem tudo a ganhar em serem educados com a mais completa honestidade, não só nas acções como nos pensamentos e palavras.

Ha pessoas que na mais criminosa indifferença deixam as crianças aprender tudo quanto é mau, porque — o que hão de aprender ao tarde aprendem-no ao cedo. E' um erro; uma coisa é o que se aprende quando a alma está formada pela educação e pelo raciocinio e por isso tem discernimento para julgar o bem e o mal, outra é o que se aprende intuitivamente por se ver nos outros, e portanto se adapta ao espirito sem experiencia como coisa propria.

Toda a cautella é pouca e toda a attenção de uma boa mãe se deve dirigir neste sentido, principalmente quando tiver filhas.

Não temam o ridiculo da completa ingenuidade que vale bem mais do que a perversa curiosidade e desvergonha de uma *semi-virgem*.

A mulher do futuro — dirão — educada para arcar com as luctas e concorrencias da sociedade que trabalha, tem que conhecer a vida e o crime para lhe saber fugir. E' certo, mas sabê-lo da bocca séria e honesta que lho mostra na sua crueza repugnante, sem lhe macular a alma com detalhes que uma mulher verdadeiramente honesta poderá sempre ignorar e sem tambem lho mostrar tão florido e desculpavel, que mais se torne uma tentação das almas frageis.

Sabê-lo quando tenham razão para o julgar; sabê-lo quando poderem comprehender que embora muita gente o faça é uma falta gravissima e não uma coisa banal que todos podem fazer.

É certo que ha caracteres de primeiro quilate que no contacto com o mal se depuram, e na consciencia se lhes arreiga mais funda a noção do dever e da honra quanto peores são os exemplos que teem. Mas... isso são excepções e é preciso não esperar escontrá-las em cada criança que nos cabe a missão de educar. A maioria das pessôas não são mais do que o producto do seu meio e da educação dos primeiros annos.

A criança é curiosa, melhor! A illustração e o amôr ao estudo não são mais do que a curiosidade bem dirigida.

Querem saber? Ensinam-se; não a procurar as vidas alheias, a ouvir a conversa das pessôas crescidas, a metter o nariz em todos os negocios como cachorro a farejar lambarice; mas a saberem o que os rodeia e lhes constitue a vida.

(Continúa)

ANN. MOORE.

SOCIEDADE FUTURA

(Revista quinzenal de Educação, Litteratura e Sciencia)

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

3 mezes	350 réis
6 »	650 »
1 anno	1$200 »

Preço avulso 60 réis

Todas as assignaturas são pagas adiantadamente. Para as Ilhas, Africa e Extrangeiro, a cobrança é feita por conta dos assignantes.

Numero 5 Lisboa, 15 de Julho de 1902 Anno I

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL
DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

REDACTORA
MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Impresso na IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gavoas, 29 e 31
Editor-HENRIQUE PINTO DE AMARAL

ALBERTO OSORIO DE VASCONCELLOS

Passou no dia 27 de junho o anniversario da sua morte e dir-se-hia que seculos tem decorrido sobre um nome que ha pouco mais de vinte annos era conhecido por todo o país que pensa, festejado como os que mais o tem sido na politica, no jornalismo e na tribuna.

Esquecem depressa os mortos entre nós, que mais parece que os vivos, por lhes ultrapassarem a craveira, os arrojam inevitavelmente para o abysmo das coisas inuteis, e não que por desmemoriados e falhos de educação civica o fazem!...

Não o esqueceremos nós este anno como o não esqueceremos nunca, não porque laços de sangue nos ligam, que esses rapidamente se afrouxam e partem quando diversos são os ideaes e os caminhos seguidos; mas porque na sua vida como no seu caracter encontrámos aquella isempção, nobreza e independencia que o tornam para o nosso espirito o querido morto sempre vivo, presidindo com o conselho da sua obra, ensinando-nos com o exemplo da sua vida, a não desanimar na lucta, a não mentir á consciencia, a resistir aos angustiosos desalentos da hora presente, com a esperança de um futuro melhor...

Porque Osorio de Vasconcellos, que foi um politico honesto, um liberal convicto, era um progressivo — porque era um independente e um forte.

Já no seu tempo o desânimo começava a penetrar alguns raros espiritos, maguados por tanta leviandade, e tão pouco escrupulo na administração publica, por tanta falta de educação e atraso nas classes que mais precisam progredir e trabalhar; mas elle tinha fé na regeneração de uma Patria, que em si contém tanta força viva e que só por preguiça se deixa assassinar.

Acreditava num futuro, para onde nós tambem temos esperança de caminhar, apesar de tudo, em que a dignidade e a honestidade humana não serão um luxo de almas privilegiadas, nem um attributo exclusivo de quaesquer classes, mas o fructo de uma educação racional que tornará os homens verdadeiramente individuos da mesma especie.

Depois, elle foi, indiscutivelmente, um dos mais elevados e lucidos espiritos, um dos mais valorosos combatentes que tem subido nos ultimos tempos á brecha, onde occupou um arriscado e honroso logar, ainda não preenchido depois da sua morte.

Eis o que bastaria, mesmo que nos não guiasse a affectuosa saudade, para que julgassemos um dever nosso, visto que temos possibilidade de o fazer, resuscitar a sua obra truncada e esquecida por jornaes e revistas e fazê-la sahir á plena luz como um todo magnifico que define uma personalidade e um caracter impolluto.

Ha um anno que encetamos este nosso trabalho começando por exhumar dos archivós do antigo «Jornal do Commercio» os quatro folhetins que formaram a brochura «Uma missão do P.e Grainha» que, que se não teve o exito retumbante que noutro país, e mesmo em época mais affastada do nosso, teria, teve pelo menos um successo de estima qec nos anima a continuar, fazendo sahir em breve as «Cartas de um velho democrata» que jazem esquecidas na *Democracia*, de que elle foi um dos mais enthusiasticos redactores.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

BIBLIOGRAPHIA

Alberto Osorio de Vasconcellos aos 23 annos de edade

Uma missão do Padre Grainha, publicado em folhetins do *Jornal do Commercio*, em setembro de 1865, republicada em folheto, e acompanhada por dois retratos do auctor e algumas palavras de Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira, em 1901.

O ermita do Chiado, folheto de critica, publicado anonymamente por occasião do polemica litteraria conhecida por «Escola Coimbrã», 1866, Lisboa.

Revista do Seculo, que dirigiu com M. Pinheiro Chagas, 1863, Lisboa.

Estudos sobre a defeza do paiz, Typographia Universal, 1860, Lisboa.

José Bernardo da Silva Cabral, (biographia), n.º 2 dos «Contemporaneos», Lisboa.

Discursos, proferidos na camara dos deputados em 23 de maio e 12 de agosto de 1871.

Physica e theoria dinamica do calor, «Bibliotheca do Povo e das Escolas», 1874.

Batalhas dos Portuguezes, edição, feita pela livraria Afra, de Lisboa, sem data de publicação.

Maravilhas da photographia, na «Educação Popular», 1875.

Discurso á morte de Victor Manuel, proferido na camara dos deputados em 10 de janeiro de 1878, publicado em italiano, sob o titulo *Portogallo e Italia*, na Tipo-litografico, Lapi, Raschi e C.º, 1878, *Citta di Castello*. E n'outra edição, sob o nome: *Il Portogallo e l'Italia*, parole di Osorio de Vasconcellos, Benevento, Stabilimento di Francesco de Gennare, 1878.

Monographia, sobre a directriz do caminho de ferro de Torres.

EXCERPTO

Ha muito que os grandes exercitos permanentes foram theoricamente votados á execração publica, como origem e sustentaculo de todos os cezarismos e de todas as calamidades sociaes.

O gladio meneiado pelos cezares são affronta da liberdade, vilipendio e offensa dos sagrados direitos do homem, consagração da conquista, a maior de todas as aberrações e das anharmonias.

Quem, perante a philosophia da historia, ousará negar estas verdades dolorosas?

Quem, de boa fé, e sectario convicto da ideia liberal, poderá defender os grandes exercitos permanentes, esses grandes repositarios de força inconsciente e brutal, ameaça constante das livres instituições e dos codigos sociaes?

. . . . . .

É pois mister evitar dois escolhos, dois parceis, ambos egualmente perigosos — o despotismo, pelo exercito; a conquista pela ausencia d'elle.

. . . . . .

E, caso singular: Os filhos d'aquelles pensadores livres, que na religião tiveram um Luthero, na philosophia um Kant e na sciencia um Leibnitz, acolheram o encargo militar, a maior e a mais insoffrida de todas as servidões, não já como cumprimento de um dever, senão como o complemento da educação civil. Para elles o mesmo era saber lêr que conhecer *ex-professo* a escola de pelotão. Eram obrigações parallelas e correlatas.

. . . . . .

Collocados frente a frente os dois exercitos, o resultado não admittia duvida. A milicia cidadã havia de vencer o exercito parasitario, por muita heroicidade e galhardia que n'elle se enxergasse.

(Introducção das *Batalhas dos Portuguezes*).

ALBERTO OSORIO DE VASCONCELLOS.

JALOUSIE

C'est un malheur, sans doute, égal au trépas même,
Que d'attacher sa vie á ce qu'on n'aime pas;
Mais voir en d'autres mains passer tout ce qu'on aime,
C'est un malheur encor plus grand que le trépas.

MOLIÈRE.

CIUME

(Traducção)

Egual á morte atroz, revez entre os revezes,
E' viver junto a alguem a quem se tenha horror;
— Mas bem peor que a morte, inda peor, mil vezes,
E' ver nos braços de outro o nosso unico amor!

ALICE MODERNO.

O desenvolvimento physico no sexo feminino

A necessidade de exercicio, tão importante em qualquer edade do individuo, torna-se principalmente notavel nos primeiros annos em que o movimento é tão preciso como o alimento ou o somno.

Baseados n'este facto de observação tão frequente em toda a serie animal e impressionados pelo estado de depauperamento a que vae chegando a nossa raça, começaram os hygienistas na segunda metade do ultimo seculo a chamar a nossa attenção para a necessidade de se associar os exercicios physicos aos trabalhos intellectuaes.

E' a gymnastica, principalmente a gymnastica hygienica, o meio por elles indicado e que hoje de dia para dia occupará um logar cada vez mais importante na educação da infancia.

Segundo Lagrange, a gymnastica hygienica, tendo em vista o desenvolvimento dos apparelhos e o bom desempenho das suas funcções, e consistindo unicamente em esforços perfeitamente adaptados ao destino normal de cada membro, exige apenas movimentos simples e graduaes, e os seus effeitos reflectir-se-hão sobre todo o organismo, conduzindo-o a um desenvolvimento perfeitamente harmonico. Já a gymnastica athletica, que é composta de exercicios artificiaes, para os quaes são necessarios movimentos a que não estamos habituados, exige attitudes complicadas e na associação dos musculos combinações anormaes, localisando o trabalho n'umas partes do corpo, deixando as outras inactivas; tornando-se pois a origem de desenvolvimentos inharmonicos.

Portanto, só muito excepcionalmente e depois de convenientemente preparado o organismo, póde a gymnastica athletica prestar serviços reaes na educação physica da creança.

Os jogos, a natação, a esgrima e a bicycleta podem, convenientemente orientados, ser magnificos agentes para o desenvolvimento do corpo; porém a natação e a equitação, por circumstancias physiologicas, não são muito convenientes aos individuos do sexo feminino.

Os jogos e principalmente as danças ao ar livre serão os meios de que, a par da gymnastica, se deve lançar mão.

Infelizmente, o pouco que entre nós se tem feito é, por assim dizer, limitado aos individuos do sexo masculino, porque é quasi geral entre nós a tola opinião de que a gymnastica é um divertimento pouco sério para um rapaz da sociedade, e muito menos convem ás meninas, que, alem de tudo, não teem necessidade de se desenvolverem physicamente.

Pois mais do que o homem precisa a mulher d'um corpo vigoroso e são, para poder possuir um cerebro bem equilibrado e transmittir tanto o seu vigor physico como as suas aptidões intellectuaes aos seus descendentes. A mulher anemica, debil e nervosa é incapaz de bem corresponder ás funcções e deveres da maternidade.

O desenvolvimento physico da mulher é, portanto, pelo menos tão importante como o do homem, pois segundo affirma M. French-Brentano no seu livro intitulado *L'homme et sa destinée,* com provas bem concludentes, não é do homem mas da mulher que vem o vigor e o futuro d'uma raça. Quando a mulher se torna debil a raça estiola-se; convem, pois, dar-lhes o vigor, fortificar-lhes a sua constituição, para as tornar aptas ao regular desempenho das funcções maternaes.

Por outro lado, o bom e bem orientado desenvolvimento physico não prejudica a esthetica, pueril receio que leva muita gente a evital-o, antes corrige muitos defeitos e vicios de constituição, dando harmonia aos differentes orgãos.

A belleza das mulheres da Laconia era celebre em toda a Grecia; pois estas mulheres eram quasi tão rudemente educadas como os homens, obrigavam-nas aos mesmos exercicios e ás luctas em publico nos gymnasios, ligeiramente vestidas, até aos vinte annos. Nos nossos dias temos o bello exemplo das mulheres americanas e inglezas, que são seres humanos com que se póde contar, e não pobres doentes physica e moralmente.

Entre nós procede-se d'uma maneira absolutamente contraria, quer a menina seja educada na casa paterna, o que é hoje, felizmente, o caso mais frequente, quer nos collegios, que maior obrigação tem ainda de proporcionar as condições hygienicas em que um organismo se pode embellezar e fortificar para a terrivel lucta da vida.

Na casa paterna as mães cuja educação enfermou já d'este mal, arrastadas pelas suas tendencias caseiras e pelo horror que lhes causa a mais pequena fadiga, procuram desenvolver-lhes habitos d'accordo com os seus gostos, atrophiando-lhes as tendencias naturaes, em vez de reagirem contra esta inercia.

Aqui, como nos collegios, condemnam-as á immobilidade uma grande parte do dia no estudo de lições que em geral contêem trabalho demasiado para as suas forças, e no resto á pratica das chamadas *distracções* das meninas, as *frioleiras* a que vulgarmente se chama *prendas* e que da mesma maneira as fórça ao supplicio da immobilidade.

Com este systema de vida ellas chegam a tomar pelas distracções de qualquer natureza ao ar livre um horror invencivel; sahem de casa quasi unicamente para ir aos professores, ás visitas e a compras nas horas elegantes, e muitas vezes de carruagem para se mostrarem nos passeios publicos.

Como consequencia tornam-se nervosas e debeis, sendo mais tarde incapazes de corresponder á sua missão de mães sádias de crianças triumphalmente saudaveis. É pavorosa a estatistica de mulheres mortas ou arruinadas pelo nascimento do primeiro filho, fonte de alegrias e de encantos para uma mulher sã de corpo e de alma, fonte de amarguras e dores lancinantes, para as desgraçadas que a infancia atrophiada e a mocidade mal dirigida preparou para esse desastre.

Como evitar estes males?

Reagindo contra a indolencia hereditaria e contra os falsos preconceitos da desgraçada educação da mulher no estado actual da sociedade portugueza.

Que ella se compenetre da grandeza da missão que lhe foi confiada como mãe; seja a grande obreira, da sociedade de futuro, pensando a sério, como um dever sagrado, no seu desenvolvimento physico, que é imprescindivel preparação para o progredimento e felicidade dos filhos, que é como quem diz, da raça.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

RUINAS

DAS «*ORAÇÕES DO AMOR*»

Pobre castello antigo, arruinado,
De sonhos construido e de chimeras!
Quanto ditoso eu fui, formoso eras,
Castello da minha alma idolatrado!

Gastei, por construir-te, o meu passado,
As minhas lão ridentes primaveras;
Povoei-te das crenças mais sinceras,
Meu velhinho castello abandonado...

E as crenças debandaram! Tu, sosinho,
Exposto aos vendavaes, sem um carinho,
Desabaste, por noites sybillinas...

Que thesoiros levou comsigo o vento!
Restos de meu castello, sem alento:
— Sois todo o meu amor, feito em ruinas!

S. Miguel — 1902

RAPOSO DE OLIVEIRA

DEPOIS DA MORTE

Feicharão-se-me os olhos e deixei inerte o corpo, e meu espirito afastando se guardou-lhe a forma, o aspecto material, e, logo, sentiu-se abraçado por outro, que, igualmente visivel, em gracioso reflexo, era a sombra de meu pai, como a conservo fiel na lembrança. E logo pelo mesmo modo achei-me deliciosamente em presença de minha mãi, a quem seguia meu irmão. E outros entes queridos desapparecidos da terra sobrevierão do mesmo modo. E todos, em alegria, me festejarão, e senti-me glorificado E perguntei: «Onde estamos?» e unisono responderão: «Na mansão celeste.» E tudo era gozo em mim e em quantos via. Indaguei então: «Mas Deos, onde está Deos?» e todos disserão: «Tudo que vês é Deos, Deos é a gloria, Deos é a beatificação, em que entraste.»

E senti-me feliz, sem lembrança da dôr.

E tudo que depois continuei a ver já não formava senão um todo, e movia-se em perpetua ondulação, suave como um oceano de luz, com as côres do prisma. E meu espirito dissolveu-se, tudo abrangendo, porque tudo era Deos, opala liquida sem contornos, — o Infinito...

Genova, 14 de abril de 1901.

A. V. T. M.

PENSAMENTOS

Saber dar — que rara e inestimavel sciencia! Dar apenas uma boa palavra, um sorriso, se não se pode ou mesmó se não se quer dar mais; mas fazê-lo francamente, amavelmente, com viva alegria, é um dom que vale muitos outros e que sem duvida conquista as almas.

Para adquirir a suave sciencia de bem saber dar, basta seguir o conselho d'uma mulher de coração, Madame Puissieux, que diz com muita verdade: «— Quereis saber como deveis dar? Ponde-vos no logar d'aquelle que recebe.

X.

E' na alma dos artistas que o futuro amanhece mais cedo, e que o passado morre mais tarde. São na humanidade como os pincaros das montanhas, os primeiros beijados do sol quando nasce.

Os ultimos que elle abraça quando se despede.

J. Frederico Laranjo.

Os espiritos somenos como julgam exaltar-se é deprimindo os outros.

Dr. Bernardino Machado

Quanto á capacidade moral da mulher, eu teria vergonha de procurar demonstra-la: aquelles que não a vêem são cegos; creio mesmo que são mortos; deixemos pois os mortos sepultar os mortos e passemos: a salvação está proxima.

Madame Juliette Adam.

O CANTADOR DE SETUBAL

O nosso amigo Antonio Eusebio, se atendermos ao bom numero de janeiros que lhe pesam na carcassa, não nos parece que pertença positivamente á... sociedade futura.

Quem escreve estas linhas, contando já 61 annos d'edade, vê-se bem um *joven-ancião* (classificaria o Rosalino Candido), quanto mais o popular cantador, tendo vindo a este valle de lagrimas, 20 annos antes de nós, o que lhe dá a bonita somma de 81. Elle é pois, por direito de nascimento, antes da — sociedade passada — e tão passada que está pilada.

Um dia na Tabacaria Monaco, mirámos, entre aquella serie interminavel de revistas litterarias que se desdobra sobre o mostrador (a maioria das quaes, simples meteoros que passam fugidios no firmamento da Arte) uma com o titulo *A Mocidade*. Tomámos um exemplar para pôr bem de frente aos nossos olhos o retrato que se exhibia na pagina do rosto e depara-se-nos o Gervasio Lobato.

Sahiu nos involuntariamente um frouxo de riso. O Gervasio era rapaz do nosso tempo, e portanto ambos já maiores de 50 annos. Que mocidade! que frescura! Ao sahirmos da loja, poucos passos andados, surge-nos o retratado.

— Oh homem! (exclamámos ainda a rir). Vi agora a tua vera efigie n'*A Mocidade!* Foi uma lembrança muito sensata, não ha duvida. Agora, o que não é menos justo, é que o retrato a seguir seja o... da Sé de Braga.

Gervasio então esclarecen, que aquelle semanario se chamava assim porque n'elle collaboravam unicamente moços, e que esses moços algumas vezes escreviam dos velhos, quando não escreviam uns dos outros, ou de si. Que era o mais seguro, commentou o resurgidor da antiga farça portugueza.

Tinha havido pois erro nosso na interpretação do titulo.

Ora, d'esta vez, perante o titulo *Sociedade Futura*, parece-nos termos acertado, suppondo da parte da talentosa directora d'esta folha, intenção diversa d'aquella. Aqui, n'estas paginas, a mocidade ou a sociedade futura, não predomina, antes recolhe o ensinamento da philosophia resultante do que n'ellas se disser, e que hade servir a oriental-a no porvir.

Se não o entendessemos assim, claro é que não trariamos para este terreno, onde se ergue o mastro em que tremúla signa tão simpathica, o octogenario cantador popular. Seria risivel. A propria directora quiz ser a primeira a dizer d'elle.

E que bem e eloquentemente o disse.

Sob o criterio particular da sua Revista, ella apresenta aos que hão de constituir a sociedade futura, não sómente a individualidade artistica de Antonio Eusebio, já de si tão extraordinaria, mas conjugada e em perfeito equilibrio com ella, a sua valiosissima individualidade moral... d'elle, coitado, que nunca passou d'um pobre e simples operario.

«Justo,» «Bom,» «Simples,» «Apostolo,» Homem de verdade, taes são entre outras as bellas e radiosas expressões syntheticas, que lhe vem á penna, penna que dir-se-hia ser a propria com que Guerra Junqueiro compoz o tão admirado preludio musical (do Lohengrin, iamos a dizer) dos «Versos» do Cantador, se nas pennas com que escrevem os grandes poetas lhes ficasse a alma

O amigo de Antonio Eusebio, que lhe organisou o livro e conseguiu fosse editado, não tentaria semelhante emprehendimento se as qualidades de caracter do author, reveladas na sua vida social e particular, não fossem o que são. A nota que encerra o livro lá o diz[1].

Está portanto elle muito bem como exemplo moral, para a orientação da sociedade futura, aqui n'esta Revista de educação, em companhia de Victor Hugo, Clemence Royer e outros.

Dada a diffusão de instrucção, tal como ella é

---

[1] Da edição de 600 exemplares d'este livro, lançada no mercado, em junho do anno passado, vendeu-se o ultimo exemplar no deposito da edicção, (Livraria Pereira, Lisboa, em 23 de junho do anno corrente.

Vender se 600 exemplares d um livro de versos dentro d'um anno, é caso rarissimo em Portugal. A verdade porem impõe que diga, que este exito se deve em grande parte á boa confraternidade do povo de Setubal para com o seu conterraneo.

hoje, (relativamente, é claro), os talentos mais ou menos authenticos, germinam como cogumellos; mas, dada tambem a caracteristica da civilisação actual, que mais a mais se acentúa no sentido do goso ou do enriquecimento, os caracteres vão perdendo a integridade.

«Cada um governa-se», é o mandamento da lei da vida social.

De Anthero do Quental, escreveu um seu intimo, no — *In Memoriam* —, como se redigisse o seu epitaphio. «A correlacção entre as suas acções e as suas ideias deram-lhe uma grandeza de caracter sem egual na nossa epoca».

Guerra Junqueiro, vae mais além, actualmente, consoante se lê no prefacio citado. Junqueiro considera a bondade como a substancia mesma, a propria razão do ser do poeta. E' um criterio novo, estranho ao que de ha muito se convencionou chamar Poesia

Vingará, este novo modo de apreciação? Não nos parece. Mas ficará registado como um impulso de reacção contra os pantomineiros do verso... não desfazendo nos da prosa.

Mas agora reparamos, que não foi apreciações da nossa lavra, o que promettemos á dignissima directora d'esta Revista.

Até ao dia de hoje ainda não escrevemos publicamente apreciações criticas, reconhecendo o quanto as faculdades necessarias a essa applicação, são dotes de poucos. E se assim não fosse, que diriamos nós do Cantador de Setubal?

O que temos ouvido em conversas a mais de um critico reconhecido, concordando com o nosso pensar: Que no corrente momento historico da nossa vida nacional, elle, nas lettras, é a personificação mais pura da maioria do povo trabalhador, na sua satyra, na sua philosophia, na sua crença.

E o *amoroso portuguez?* — observarão.

Já Guerra Junqueiro nos interrogava n'este ponto com muito interesse: «Não ha versos da mocidade d'elle, cantando o amor?»

Parece, effectivamente, que a corda do idylio é frouxa n'aquella lyra.

Tolentino tambem foi frouxo no lyrismo e, peor do que isso, fez phrases convencionaes.

No cantador, a nota amorosa apparece apenas por incidente.

> Quando eu te namorava
> Na escada ou na janella,
> Cazei comtigo, tão bella,
> Pois tantas graças te achava.
> Quando eu d'isto me ufanava...

O leitor, entrando n'este enleio, chega ao 6.º verso e .. descarrila. E vê-se então em plena jocosidade erotica. Ora!... Se o seu conterraneo, o Bocage bregeiro, não havia de ter influido nelle.

Já agora não terminaremos estas duas palavras da nossa lavra, apreciativas do «poeta por graça de Deus» (como tão frisantemente escreveu o sr. Joaquim de Vasconcellos), sem fixarmos aqui, que o mote glosado dirigido a Guerra Junqueiro, tal qual o deu *O Occidente*, temol-o como um modelo no genero — *versos de cantador* — pela espontaneidade fluente, pela singeleza no tom do estylo e pelo accento de verdade e sinceridade.

E a promessa feita á directora desta revista?

A promessa foi a de lhe enviarmos, para publicar, alguns fragmentos de cartas, ainda ineditas, que temos recebido de homens de lettras ácerca do cantador. Esses fragmentos, reduzidissimos, pois que na sua integra lhes está reservado outro destino, serão dispersos pelos numeros subsequentes

Não sejamos massadores... de mais.

Carnide.

HENRIQUE DAS NEVES.

BRIEUX

Blanchette

Como promettí, eis-me a fallar mais detalhadamente do drama «*Blanchette*» representado a primôr este inverno em Lisboa, no theatro D. Amelia, pela companhia de Lucinda Simões.

Brieux é um revoltado contra todos os preconceitos e prejuizos d'uma sociedade que urge remodelar para a não vêrmos esboroar-se de velha e roida de crimes.

«*Blanchette*», como as *Remplacentes*, *Robe Rouge* e *Avariés*, é um drama social, um drama que sem procurar a moralidade trovejante dos antigos paes nobres, representa a mais profunda e sã moral.

O thema é um caso da vida real, que tanto poderia passar-se em França como no nosso pais, que tanto se poderia vêr em casa do visinho como no theatro. Nada mais simples: os filhos — que tanto podem ser mulheres como homens — educados fóra do meio em que nasceram e continuam a viver os paes, por desgraça da sorte vêm para junto dos seus soffrer todas as torturas, o verdadeiro martyrio do deslocamento social, numa sociedade civilisada aos safanões.

Não tem mentiras theatraes, não tem effeitos scenicos, não tem malvados, como não tem virtuosos; são seres humanos que vivem e soffrem postos em condições em que todos nós soffreriamos e sentiriamos... pouco mais ou menos o mesmo.

E' flagrante de verdade o pae que educa a filha por orgulho, mesmo quiçá por ambição, para que seja mais do que elle é, a pobre besta de carga a quem os annos só trazem maior miseria.

E' copiada do natural, como se de muitissimos casaes a fossem buscar para a pôrem alli, a mãe — traço de união feito de ternura e passividade entre o querer absoluto do pae e a revolta natural da filha.

E' humana Blanchette soffrendo de uma educação que não procurou, e que, sem ella mesmo dar por isso, a tornou incompativel com aquelles que mais estima e mais quer respeitar e com o modo

de vida a que, na falta de emprego, o pae irritado e brutal a quer sugeitar.

Pobre Blanchette, não é a vontade de trabalhar que lhe falta, não! Ella ficaria alli, já que o despacho que a hade tornar uma senhora professora ainda pelos modos se demorará, e — com que prazer! — se podesse utilisar os seus conhecimentos scientificos fazendo render o trigo o duplo ou o triplo, se podesse alindar a taverna até a transformar num bello café á moda de Paris, se conseguisse fazer do pae, simples taverneiro para os pobres, um gordo industrial a explorar os ricos...

Blanchette não é o typo vulgar do filho que os acasos da fortuna elevam a uma vistosa posição e que por isso tem vergonha dos pobres e ignorantes paes e os faz passar por criados ou os expulsa da sua presença com menospreso. Isso, por vulgar, apezar das excepções, quasi já não constitue motivo para dramatisação.

Blanchette não, é no fundo uma bôa rapariga que soffre a influencia do meio onde a educaram e que se sente mudada sem mesmo dar por isso.

Não ha uma scena que não seja tirada da vida, que nós não tenhamos visto ou sabido passada comnosco ou com pessoas que conhecemos...

E foi de um drama assim urdido com paixão e com verdade que alguns criticos da nossa terra tiraram a conclusão de que o auctor se pronuncia... contra a instrucção da mulher!

E' de pasmar como se tem coragem de dizer em florida prosa barbaridades d'estas! Não é mesmo possivel que fosse falta de comprehensão, porque o entrecho é tão simples e tão verdadeiro que não ha ninguem que não tenha conhecimento de um caso semelhante; mas vontade de aproveitar argumentos contra a educação da mulher que, em bôa justiça, não deveria ter um espirito consciente que se pronunciasse em seu desfavor.

Na pequena esphera dos meus conhecimentos eu tenho, não um, mas dezenas de casos, em que o papel de Blanchette é representado por homens que as familias, á custa de incontaveis sacrificios, conseguiram educar para uma posição superior áquella em que continuam a viver.

Se o triumpho segue de perto o sacrificio, todos se dão por satisfeitos. Os filhos são muitas vezes os primeiros a apresentar, como prova de talento e superioridade propria, a modestia donde partiram; os paes, dão-se por bem pagos de tudo quanto fizeram; visinhos e parentes tem louvores aos venturosos progenitores de tal gloria...

Mas se, por infelicidade, o emprego, o trabalho, o favor do publico não segue logo os diplomas escolares, Jesus o que ahi vae! O pae é um asno, o filho um pedante, um tolo, que despreza os seus eguaes... — como se eguaes fossem os que tem o mesmo berço e não os que tem a mesma illustração!...

O drama, a crise moral, é perfeitamente a mesma, embora o homem não tenha que arrostar com os perigos que tem a mulher, procurando trabalho entre a concorrencia tragica de Paris. O quê, pois não soffrerá o mesmo que Blanchette soffreu o filho do taverneiro educado para doutor, sem clientes, sentindo-se inutil em casa, sentindo-se pesado, vendo-se olhado como um tolo depois de ter sido julgado como um deus?!

Pois apezar d'isso, que me conste, ainda ninguem veiu a publico sustentar a extravagante opinião de que os homens não devem ser educados fóra do seu meio, de que nunca um pobre deve tentar collocar os filhos fóra da sua esphera social. Seria a negação de todo o progresso!

Se os paes de modesta existencia não tentassem educar os filhos, ou por abnegação ou por vaidade, a maior parte dos grandes homens não o viriam a ser, porque das mais modestas classes tem sahido a grande maioria pensante, a enorme maioria dos homens que pelo seu talento se tem enobrecido, brilhando á luz da civilisação que fazem avançar a golpes de genio e deixando quasi sempre no escuro as classes privilegiadas.

O drama, feito com uma sobriedade e firmeza de traços magistraes, não tem nem quer ter *moralidade,* no sentido retumbante e convencionalissimo da palavra, tem verdade e nella se contem todo o ensinamento.

Sim, porque é natural e até louvavel que os paes queiram que os seus filhos mudem de posição, cuidando que é nisso que consiste a felicidade, mas é necessario que tenham mais coragem para os ajudar nos revezes e lhes prestem auxilio, para que seja menos aspera a escalada da fortuna, que tão difficil é por vezes, e tantos julgam caminho de rosas!... E' preciso que tenham além disso o bom senso de se conservarem na sombra até que o filho engrandecido os venha buscar como um trophéo de gloria a mais, isto se tiver senso moral. Se não tem — falta de que é tão culpado como de ter os olhos pretos ou verdes — escusado será irem reclamar a sua parte de beneficios, que apenas colherão amarguras e desillusões.

Se Brieux soubesse, elle o audaz moralisador dos *Avariés,* que quer a mulher tão lucidamente educada como o homem, porque só assim poderão ser companheiros uteis e leaes, que o seu trabalho teve apreciações tão comesinhas como falsas não devia ficar muito satisfeito, não!... Tanto como nós ficámos com a *bella* apreciação das criticas parisienses ao Fr. Luis de Souza. *Bem se diz elle — que onde se dão ahi se levam...*

Anna de Castro Osorio.

REGISTRO

Criticas e commentarios

Portugal Economico por Anselmo de Andrade. Lisboa, 1902. Um vol. in-8.º de X — 503 p.

Acabo de ler esta obra, com o mais vivo interesse, pois é incontestavelmente uma das mais notaveis que, sobre assumptos economicos, se tem publicado em Portugal.

Conheço o auctor desde a Universidade, quasi apenas de vista; mas desde então sei que elle se dedica a assumptos historicos e economicos e, por isso, me não surprehenderam, por demais, os vastissimos conhecimentos que synthetisou n'este trabalho, que, posto tenha um aspecto litterario, é realmente uma verdadeira obra scientifica e como tal deve ser considerada.

Portugal Economico é a 2.ª edição do livro que o sr Anselmo de Andrade havia publicado com o titulo de *Terra,* antes de entrar para o ministerio da fazenda, e que já n'esse tempo deu bastante que fallar.

E' de crêr que o auctor acceitasse a pasta da fazenda, na esperança de realisar algumas das theorias sustentadas

n'aquelle seu livro mas, infelizmente, o homem de sciencia, que é, nada de notavel fez ou lhe deixaram fazer, durante os 5 mezes e 5 dias em que foi ministro, como é facil de verificar, percorrendo a respectiva «Collecção Official de Legislação.» Bem procedeu portanto sahindo do ministerio, onde o seu esforço e boa vontade se inutilisariam de encontro á muralha de interesses e egoismos, de que se forma a politica portugueza, para voltar aos seus trabalhos de erudito e refundir profundamente o seu anterior estudo — a *Terra*.

Continue com a mesma energia e dedicação a grande obra delineada e vingará, a final, o seu bom conselho. Pois nós somos ainda d'aquelles, cuja alma, vibrando de enthusiasmo pelas glorias passadas, tem uma asquerosa repugnancia pela morte moral, que nos querem infligir, e ao mesmo tempo uma viva e ardente crença no futuro resurgimento da nossa Patria, alevantada pelos seus filhos, que uma sã e bem orientada educação fará volver ao que já foi!...

O *Portugal Economico* resume vastissimos conhecimentos; manifesta uma prodigiosa leitura; e, sobre tudo, revela-nos um apuradissimo criterio nas apreciações dos diversos dados estatisticos: está, pois, o auctor, nas circumtancias de prestar os mais relevantes serviços á sua patria, que tanto d'elles carece.

O sr. conselheiro Anselmo de Assis e Andrade, nos 38 capitulos ou paragraphos da sua obra, resume uma vasta bibliotheca; só quem nunca escreveu conscienciosamente uma pagina póde desconhecer o enorme trabalho do auctor.

Não ha alli paginas inuteis ou simplesmente rhetoricas e declamatorias, como na maior parte dos livros portuguezes, especialmente na imprensa jornalistica; é um trabalho sério, de estudo e critica, e não uma obra de arte, cuja forma rendilhada mascare a falta de conhecimentos e ideias.

O auctor torna evidente a enorme pobreza de Portugal em todos os ramos da actividade humana, a par dos seus grandes recursos inteiramente desaproveitados; mostra-nos como a nossa pequena população vive pobrissima, onde podia sustentar-se, na abundancia, o triplo dos habitantes!

Prova até á evidencia como Portugal pode e deve produzir cereaes, assucar, arroz, carne e outros generos, para uma população duplicada ou triplicada, e desgraçadamente nem cereaes produz para um milhão dos seus 5 milhões de habitantes do continente! E' o unico paiz da Europa que podendo produzir assucar, nem mesmo o chega a cultivar!

Sendo um dos paizes mais bellos e mais fecundos — triste é confessa-lo!—tanta tem sido a incuria de governantes e governados, que exportamos quasi nada e importamos quasi tudo quanto necessitamos.

Arroz, o pouco que se produz, é mal limpo — e apezar da sua bôa qualidade tem mau aspecto, vendendo-se hoje pelo preço por que se vende do melhor estrangeiro!

A carne é insufficiente para o consumo. E emfim, eu creio, depois de ler o magnifico livro do sr. Anselmo de Andrade, que só duas coisas temos para dar e vender — o vinho e... o pouco tino.

E' triste o quadro, na verdade, mas apezar d'isso o auctor não é pessimista; a sua conclusão é ainda de esperança, pois diz: «E' certamente Portugal um paiz que se está perdendo, mas não é, por ora, um paiz perdido!...»

Tem razão o sr. conselheiro Anselmo de Andrade, e hade ter justiça se continuar na sua obra suggestivamente patriotica e se fugir de uma politica mesquinha que apenas pode ser nociva a homens de talento e com boa vontade de servir o paiz.

E já agora levaremos a nossa franqueza até lhe dizer que, a par de muito e sério estudo e incontestavel verdade, ha faltas graves na sua obra. Lembraremos a principal: o ponto de partida da obra é falso, porque parte da hypothese errada de que Portugal tem menos de 9 milhões de hectares! Ora se Portugal tivesse apenas a area escassa de 9 milhões de hectares, com uns 5 milhões de habitantes, quasi nem valeria a pena estuda-lo, nem luctar pela sua independencia, pois seria então um dos mais pequenos e insignificantes dos paizes.

Mas tal não succede, pois felizmente, Portugal é ainda uma das maiores nações do mundo, com os seus 200 milhões de hectares nas melhores regiões da terra e com uma população ainda desconhecida, mas certamente superior a 20 milhões.

O sr. conselheiro Anselmo de Andrade, apezar de ser um dos homens mais conhecedores de Portugal, no' seu livro mostra apenas ter visto pessoalmente, desde Coimbra, onde estudou direito, até Beja, onde viveu e tem propriedades. Parece que não conhece Traz-os-Montes, nem os Açores, e nenhuma das nossas provincias ultramarinas, apesar de ter valiosos interesses na de S. Thomé e Principe.

Creio que tem viajado mais no estrangeiro do que no nosso paiz, preferencia que não é para admirar: pois emquanto lá fóra governos e particulares se esforçam por tornar facil e agradavel as viajens em todos os recantos dos seus paizes, no nosso ha uma tal indifferença, má vontade e grosseria para com o publico, que é realmente preciso ter coragem para se percorrer Portugal...

Que o sr. Anselmo de Andrade nos perdôe a franqueza, mas para que a nossa critica tenha o valor da sinceridade e desassombro, sem o qual a critica não é mais do que uma burla, permitta-nos ainda que lhe aconselhemos a visitar, do que ainda é nosso, o que não conhece pessoalmente: as nossas admiraveis ilhas adjacentes, especialmente os Açores; as nossas vastissimas provincias ultramarinas, tão ricas e tão cubiçadas, e que devemos defender com toda a nossa energia e á custa de todos os sacrificios porque só n'ellas, bem administradas e civilisadas, está o futuro da patria portugueza.

Por cada pedra da fortaleza de Diu, dizem as chronicas que o honrado D. João de Castro arriscaria um filho. Paraphraseando esse energico protesto, devemos nós todos os portuguezes que amámos a Patria, sacrificar-nos para defender contra tudo e contra todos o nosso dominio colonial, que sómente nos deve sahir das mãos sem lucta, quando, como a Cuba e o Transvaal, cheguem á sua maioridade consciente e se possam tornar, como o Brazil foi, a maior fonte de riqueza para a metropole, que depois de ser tutora se converte em boa amiga. Que nunca das nossas mãos saiam para o poder d'outros senhores, a quem só a força do oiro dá direitos!

Percorrendo o paiz e estudando-o, com as suas poderosas faculdades de observação e critica, poderá o sr. Anselmo de Andrade conhecer completamente o vastissimo assumpto que se propõe tratar e tão brilhantemente inicia.

As estatisticas e relatorios não são sufficientes, principalmente em Portugal, onde se fazem com pouquissimo rigor para quem pretende escrever sciente e conscientemente.

Terminando o nosso tão despretencioso como sincero trabalho de critica, parece-nos que, para remediar o grande mal da grande atonia agricola de que infermamos, teremos de, como no principio da monarchia, recorrer ás *celebres inquirições*, e impor novamente as velhas leis das *cesmarias* para obrigar os proprietarios a cultivar o que lhes pertence, sob pena de lhes serem confiscadas as terras em favor do estado, que de novo as cederá a quem mostre ter direito a possui las, por isso que as utilisa, cultivando-as. Devendo talvez concederem-se novos *foraes*, segundo as necessidades da nossa epoca e os novos principios da sciencia, para que a cada localidade se concedam as vantagens em harmonia com as suas necessidades agricolas e industriaes.

O auctor do *Portugal Economico* certamente nos orientará n'este sentido em seus futuros trabalhos e conscienciosos estudos. Assim o cremos, porque muito fiamos dos seus altos dotes intellectuaes.

C.

CANCIONEIRO POPULAR

...tanto direito tem o povo a que as suas composições sejam citadas como os litteratos. O povo não deve passar despercebido: elle é a alma das litteraturas e o foco das tradições; é quem forma as linguas e quem perpetua os costumes.

J. Leite de Vasconcellos, *Ensaios ethnographicos*, I, 1865, pag. 23.

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo:
Só canto p'ra alliviar
Penas que trago comigo.

O cantar é para os tristes...
Quem o póde duvidar?
Quantas vezes cantarei
Com vontade de chorar!

Ha lama á minha porta
A' tua porta ha lameiro
Quando fallares dos outros
Olha para ti primeiro.

Se as saudades matassem
Muita gente morreria,
As saudades não matam
Senão no primeiro dia.

A vida das crianças

Quando a criança pergunta deve-se-lhe responder sempre, e o mais claramente, o mais sinceramente possivel, fugindo sempre de lhe incutir no espirito erros e preconceitos grosseiros.

Comecem por lhes ensinar o valor e a significação de cada palavra para que se não habituem a fallar sem nexo, trocando os vocabulos ao sabôr da maré de pessôas com quem mais tratarem.

Façam-nas observar os phenomenos naturaes da vida, reparar no que as rodeia, explicando-lhes, o mais simplesmente que possivel seja, tudo que perguntarem. E quando não manifestem essa curiosidade, é preciso crear-lha, fazendo-as reparar nas coisas, que por as verem a toda a hora lhes podem parecer banaes, mas que ignorando-as ficam sem base para uma pratica e séria educação.

Ensiná-las cêdo a lêr é uma vantagem, não pela gracinha de mostrar prendas ás visitas, mas para o fim utilissimo de lhes fazer lêr historias e lhes criar assim uma atmosphera intellectual que as affaste quanto possivel da mesquinha curiosidade de senhoras visinhas.

Deixando as crianças entregues a si mesmas, andam perfeitamente á tôa como os parvos, gastando a intelligencia, a memoria e o gosto a aprenderem coisas perfeitamente inuteis e a maior parte das vezes nocivas, em logar de aprenderem coisas uteis e verdadeiras.

As crianças que não tem uma cuidadosa e illustrada educação na familia, tornam-se o tormento dos professores quando encetam a sua educação litteraria.

É por esse motivo que não admittimos uma bôa mãe que não seja uma bôa educadora.

Ha no nosso país muitas mulheres que não tiveram, por descuido seu ou de quem as guiou, uma rasoavel educação litteraria e scientifica; mas não ha nenhuma que, com alguma intelligencia e muita vontade, se não possa illustrar. A todo o tempo é tempo, nem para isso deve haver falsas vergonhas.

Convençam se as mães de que o maior beneficio que podem fazer aos filhos é terem conhecimentos bastantes para lhes darem as primeiras lições, que devem ser como que a base de toda a illustração futura; convençam-se as raparigas de que não vem longe o tempo em que os homens escolherão entre as mais illustradas, honestas e trabalhadoras, para serem as mães de seus filhos, as companheiras da sua vida.

A criança é em geral muito amiga de se tornar util e essa boa e generosa disposição de espirito é preciso ser aproveitada pelos educadores.

Desde os mais tenros annos que se póde dirigir e aproveitar o serviço das crianças mandando-as buscar coisas, levar outras, fechar ou abrir portas, faze-las ter as suas obrigações e pequenas tarefas, acostuma-las emfim a tornarem-se uteis a si e aos outros.

O costume de fazer das crianças pequeninos invalidos de quem as pessoas crescidass e tornam escravos, é um verdadeiro acto de loucura para se lhe não chamar um crime.

Exemplo: um pequeno de tres annos queria um chapeu que estava dependurado no fecho de uma porta. — Vá busca-lo, disse-lhe a mãe. — Não chego lá, responde a criança habituada a ser servida. — Pegue numa cadeira, suba para cima e chegar-lhe-ha

A criança fez perfeitamente esta evolução, apesar dos sustos das pessoas que assistiam a esta scena de simples educação physica e moral. No goso da posse o pequeno esqueceu-se de ir collocar a cadeira no logar onde a encontrara, mas a mãe lembrou-lho ainda e elle foi.

O que se tira d'este exemplo? — perguntarão. Simplesmente isto: — primeiro a criança comprehendeu que se não deve pedir que nos sirvam quando nos podemos servir a nós mesmos.

Segundo aprender a vencer as difficuldades materiaes da vida á custa do seu proprio esforço.

Terceiro a ter a noção do arranjo e da ordem.

Podia quebrar a cabeça — diziam. — Podia, mas não é tão perigoso como julgam porque devemos contar com o instincto de conservação primeiro, e depois com o seu pequeno tamanho o que tem a vantagem de lhe fazer pequenas as quédas.

Agora o contrario: uma senhora a quem umas sobrinhas foram visitar na provincia, costumava almoçar ás 10 horas, chegou á 1 da tarde sem as ver chegar á sala de jantar e afflicta foi ao quarto perguntar-lhes se estavam doentes. — Não — respondeu uma por todas — não estamos ainda vestidas porque a criada ainda nos não veio calçar as meias...

Tinham de doze a vinte annos... Vae sem commentarios, para que as mães os façam.

(Continúa). Ann. Moore.

Numero 6 — Lisboa, 1 de Agosto de 1902 — Anno I

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL
DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

REDACTORA
MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Impresso na IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
Editor-HENRIQUE PINTO DE AMARAL

HENRI FAURE

Cavalleiro da Legião d'Honra

Entre a restricta pleiade de homens illustres que lá fóra acolhem com amor as nossas ideias, seguem com desvelado interesse a nossa evolução social e impõem com respeito o nosso nome — sobreleva-se o luminoso e sympathico vulto de Henri Antoine Faure.

Na dilatada propagação que tem feito das obras litterarias dos nossos mais eminentes homens de lettras se revela admiravelmente a profunda sympathia que ao nosso paiz o liga.

Conhecendo, como poucos, a lingua, os costumes e a litteratura portugueza e, finalmente, a nossa feição particular, grande parte da sua existencia tem sido uma consagração febricitante ao estudo e á traducção dos nossos mais monumentaes trabalhos litterarios.

E, como a imposição do nome nacional reside directamente do conhecimento e admiração que se tenha por elle, principalmente no extrangeiro, de onde mais se aspira obter applausos, é indelevel a gratidão que devemos ter por Henri Faure, porque difficilmente podemos encontrar quem mais do que elle tenha procurado impôr o nosso.

Enfileirando, portanto, hoje o seu retrato na nossa galeria, procuramos attingir um duplo fim e cumprir um duplo dever: o de tributar homenagem a uma valorosa e indiscutivel individualidade litteraria e o de debuxar um reflexo de immenso reconhecimento a quem temos uma divida sacratissima.

Nasceu o illustre escriptor a 21 de fevereiro de 1826, anniversario tão tragicamente assignalado n'uma das mais luctuosas paginas da Historia da França.

Foi seu pae um distincto medico de armada, militando com alto valor nas guerras de Hespanha do primeiro Imperio. Passando depois a Portugal, ao fim da guerra da Restauração, o seu genio bellicoso o fez tomar parte activa na causa de D. Pedro IV.

Aqui confirmou o pae de Henri Faure os seus altos creditos de intrepido e a sua legitima fama de valoroso militar.

A morte veiu surprehendê-lo na provação das luctas em que Portugal havia andado envolvido e ás quaes tinha legado os ultimos impulsos do seu coração de heroe.

Entretanto, mercê d'uma extraordinaria precocidade intellectual, seguia Henri Faure, em França, uma bem encaminhada orientação litteraria.

Depois de haver adquirido os primordiaes conhecimentos, bases da sua futura carreira scientifica e litteraria, entrou na Universidade.

Brilhantes e laureados foram os estudos universatarios de Henry Faure; a habil direcção de eminentes professores e a sua inexcedivel applicação fortificavam aquelle espirito já de natural tão lucido e reflexivo.

Foi precedido por este afamado conjuncto de elementos que pouco depois da sua sahida da Universidade o elevaram a professor de Historia d'um dos Lyceus de França, encargo que desempenhou com o seu nunca desmentido valor intellectual e integridade de caracter.

O ensino publico inhibia-o, porém, de seguir com solicitude a educação dos seus dois filhos que tão queridos eram pelo seu coração diamantino.

No intuito, pois, de a elles se consagrar em exclusivo, abandonou o Lyceu onde havia estado grande parte da sua mocidade e onde deixava enraigadas saudades pelas vehementes sympathias que tinham grangeado a affabilidade do seu trato e o seu valor como professor.

Retirou-se então para Moulins, em 1856, decorrendo a sua vida suave e tranquila na agradavel missão de propinar aos seus dois filhos uma vasta bagagem instructiva, para o que estava tão altamente apta a sua capacidade profissional.

E se estes factos fizeram perder á litteratura grande numero de obras que durante esse tempo podia ter gerado o fecundo talento de Henri Faure, em compensação a sociedade franceza recebeu nos seus salões e nos seus principaes meios de sciencia os dois filhos do homem de lettras, tão esmeradamente educados e esclarecidos de espirito como de coração.

E' depois de assistir com infindo prazer espiritual — d'aquelle que só a um pae é facultado gosar — á honrosa collocação dos seus filhos, que a vasta erudição de Henri Faure, tomando uma actividade extraordinaria, entra n'um dos seus mais brilhantes e assignalados periodos.

O nosso paiz, que havia recebido as cinzas de seu pae, e ao qual o ligam hoje laços de estreito parentesco, pois o seu irmão mais velho aqui se estabeleceu, casando com uma senhora portugueza e dando-nos filhos, que já contamos como nossos irmãos, não é esquecido pelo erudito escriptor, antes o estudo da nossa litteratura absorve grande parte do seu tempo.

Robustecendo o seu amor pela nossa patria no intimo convivio dos mais notaveis escriptores contemporaneos e antigos, póde dizer-se sem receio de errar que é elle hoje em França quem mais e melhor conhece a nossa litteratura e lamenta que os seus compatriotas a desconheçam.

Assim os centenarios de Camões, Garrett, Vasco da Gama, foram celebrados em artigos que elle publicou sobre a nossa litteratura e que estão dispersos por varios jornaes de França, documentos flagrantes da admiração que lhe suscita Portugal e de tanto que lhe devemos.

A sua obra é vastissima, mas, para não falar senão nas traducções do portuguez, reservando para outro artigo mais completo estudo, diremos que traduziu de Camões muitos trechos dos «Lusiadas» e algumas poesias diversas; de Herculano «O Bôbo» e algumas poesias da «Harpa do Crente»; de Garret, «Camões,» «Frei Luiz de Sousa», mas não foi a traducção representada nos *Latinos*, o episodio da «Joanninha do Valle,» precedido por bellos versos commemorativos em que junta a sua voz á da patria e pede para o grande morto a reconhecida attenção do paiz. Além d'isso, o seu ultimo livro «Dieu, Famille, Patrie» é, pelas traduções que traz de poetas portuguezes, uma verdadeira consagração á poesia nacional.

Recentemente fez uma irreprehensivel e admiravel traducção da Leonor Telles, romance onde Alexandre Herculano descreveu os desvarios da leviana esposa do rei formoso e inconstante.

Na actualidade reune um livro para a infancia, traducção extrahida de alguns contos «Para as crianças» de Anna de Castro Osorio, de quem já traduziu e publicou a *Bretan*, extrahida dos *Infelizes*, e com agradavel surpreza sabemos da versão que elle fez para francez do livro «Açores» da nossa intellectual amiga Alice Moderno.

D'esta primorosa poetisa tem Faure feito numerosas traducções de poesias onde mantém a sublimidade do seu lyrismo com divina correcção.

Por estas ligeiras notas escriptas á pressa para acompanhar o seu retrato — divida de honra paga por uma revista que se propõe combater por toda a obra de regeneração e justiça, e que portanto não devia esquecer nem espacejar esta — comprehender-se-ha quanto devemos a este nosso illustre amigo e quão mesquinha é a homenagem que hoje lhe fazemos. Mas brevemente será completada pela publicação de trabalhos seus e por um artigo da directora d'esta revista que consagra a este bom amigo de Portugal o mais carinhoso e filial electo.

Assignando o meu nome por baixo d'este artigo nada mais faço do que provar gostosamente a minha admiração, e reconhecimento como portugueza.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

Cartas ao Conde de Rezende[1]

I

Villa do Conde, sabbado.

Meu caro Manuel.

Sou dos que pensam que o tractado é muito desfavoravel para Portugal, mas quer-me parecêr que, no actual estado interno e externo de cousas, nunca poderia sêr muito melhór, fizesse — quem o fizesse. O que é, em todo o caso, positivo é que elle hade sêr approvado pelas Camaras e que a questão deixou, pelas nossas grandes culpas, de sêr uma questão nacional para se tornar numa questão politica. Nestes termos, os *meetings* que se fizêrem tomarão fatalmente um caracter facciôso de opposição, e ninguem, dentro ou fóra do paiz, os considerará como pura expressão do sentimento nacional. O mais que se póde dizêr, em abôno dos taes *meetings*, é que elles serão ao mênos um desabafo e uma questão de protésto, embóra platónico, para aquelles que lá fôrem movidos exclusivamente pelo patriotismo. Eu digo lhe, muito francamente, que prescindo de tal satisfação platonica, tanto mais

[1] Do volume inédito — *Correspondencia de Anthero de Quental, colligida, annotada e prefaciada por Joaquim de Araujo* —, alcançámos publicar em primeira mão estes dois preciosos trechos.

Se bem que a nossa maneira de pensar se revolte com a philosophia pessimista de Anthero e todo o nosso enthusiasmo acompanhe o enthusiasmo do Conde de Rezende, publicamos estas cartas com o religioso respeito de quem publica a palavra de um sincero, porque crêmos que Anthero de Quental o era, de uma das figuras que ainda se conserva alevantada e bella no santuario da nossa admiração. Discordamos do conselho de abstenção que o amargurado desilludido dava ao seu amigo; pelo contrario, protestar é sempre o dever dos honestos e dos justos, embora o nosso protesto sirva interesses alheios, embora a ultima palavra de protesto expire nos labios exangues do martyr sobre o calvario da Patria. Além d'isso, estas cartas têm uma triste actualidade, porque bem pouco tem mudado a situação do país e as exigencias affrontosas dos estranhos.

N. DA D.

quanto o meu protésto teria especialmente por alvo a nação em massa, que, pela sua anarchia moral, deixou chegar as cousas ao ponto a que chegaram, não o governo, que afinal corresponde muito adequadamente á nação d'onde sahiu e que o mantêm. Comprehendo, porém, muito bem que n'isto póssa haver um escrupulo e um verdadeiro caso de consciencia. V. consultará a sua e ella lhe dirá se deve; para ao mênos não deixar sem protesto uma diminuição do dominio e dos direitos de Portugal, associar-se a um movimento sem resultado pratico, e cuja significação, em despeito dos poucos que fôrem a essas reuniões levados só pelo sentimento patriotico, será sempre mui diversamente interpretado. Eu por mim, como já disse, não sinto esse escrupulo: mas é este um ponto tão delicado, que não me atrevo a dar-lhe um conselho e me limito, por isso, a expôr-lhe apênas a minha maneira de vêr, com a qual me proponho conformar a minha conducta. Resumo, pois, o que penso, nas seguintes proposições: o tractado é desfavoravel a Portugal, mas nem por isso deixará de ser approvado, porque assim o mandam as exigencias internas e externas da politica. As representações, por numerosas que sejam, não impedirão este resultado. O valor d'um protésto, n'estas circumstancias, fica decerto limitado á esphera do sentimento pessoal e pode sêr considerado apenas como um descargo de consciencia. E' uma questão de appreciação puramente subjectiva. Não me julgo obrigado a protestar contra um facto, que considéro, sim, desgraçado, mas que a boa razão diz exprimir rigorosamente a situação interna e externa da nação portugueza. Por este motivo, não tomarei parte em manifestações, quaesquer que ellas sejam, relativas a esse facto, considerando me, na minha completa impotencia para alterar o curso necessario da decadencia de Portugal, como perfeitamente irresponsavel. Bem sei quanto isto é triste. Mas está porventura na nossa mão o vivermos num tempo e numa sociedade que nos inspire confiança e contentamento?

Do seu muito do C.

ANTHERO DE QUENTAL.

II

Villa do Conde, segunda feira.

Meu caro Manuel.

Acabo de receber o teu telegramma, com 19 horas de atrazo! Em vista d'este facto não me admira que a minha carta, lançada ao correio no sabbado á noite, ainda hontem ao meio dia não tivesse ahi chegado! E' como tudo isto anda! Como é possivel que ainda a não tenha recebido e até que de todo se haja extraviado, vou repetir-lhe o que nella lhe dizia. No meu intender, o tractado de 20 d'agosto é desfavoravel para Portugal e, mais que desfavoravel, ruinôso. Se fôsse possivel impedir que elle fôsse votado, seria devêr de todos representar n'esse sentido. Infelizmente não é possivel. Por um lado, o mêdo de novas e maiores complicações com Inglaterra, por outro o facciosismo politico, farão com que elle seja votado pelas Camaras. A questão nacional transformou-se em questão politica. Os mesmos protestos, comicios, etc., serão ainda para a maioria dos que entrarem n'isso, apênas uma occasião de guerra ao ministerio, para os republicanos, que em muita parte estão á frente do movimento, uma occasião de guerra á monarchia. N'estes têrmos, considerando inuteis as representações e platonicos os protestos, e deturpada necessariamente pelo facciosismo a significação d'esse movimento pseudo-nacional, não vejo que homens como nós sêjam obrigados a tomar parte n'um movimento ao mesmo tempo estéril e pervertido na sua mesma origem. Tal é o meu sentir, com o qual estou resolvido a conformar a minha conducta. Comprehendo, porem, que, ainda assim, possa haver escrupulos n'este ponto e quem, apesar de tudo, se julgue obrigado, por uma especie de descargo de consciencia, a tomar parte n'este movimento, pura e simplesmente para que se não possa dizer que deixou passar sem protesto um facto gravissimo para a nação. E' este, porém, um ponto tão delicado, que não me atrevo a dar-lhe conselho sobre elle. Limito-me a dizer-lhe o que penso e as razões que tenho para me abster de qualquer manifestação. Você verá se ellas lhe bastam, ou se ainda assim se julga obrigado a tomar parte e associar-se com gente que, seguramente, deseja com isto cousa muito diversa do que o que Você no seu leal patriotismo pretende. Meu caro Manuel, custa me do coração ter de lhe expôr estes raciocinios, que são bem desoladôres; quizera vêr as cousas d'outro modo, mas os factos são terriveis e tenho de me guiar por elles.

Do C.

ANTHERO.

IMPOSSIVEL

(INÉDITO)

Lagrimas cáem dos céos
que são rosários da Luz.
claras pérolas de Deus,
ou diamantes de Jesus.
— Lagrimas cáem dos céos.

Os olhos erguem-se ao alto,
e alto quédam a scismar...
E, de toda a esp'rança falto,
o coração, a sangrar,
— os olhos levanta ao alto!

Soluçam pelo impossivel
das claras cousas divinas,
e a Alma uivante e invisivel
chóra gotas cristalinas,
— soluça pelo impossivel.

Impossivel! torre de oiro!
torre toda de alabastro!
Ao lembrar-me de ti, chóro,
de rastos, ante o teu rastro.
— Torre alta! Torre d'oiro!

Impossivel, ó floresta
em que eu perder-me quizéra!...
Impossivel! Primavéra
que os labios d'alma me crésta.
— Impossivel, ó floresta!...

Impossivel! clara fonte
onde a sêde matar quéro!...
E's qual templo sobre um monte,
que eu, de joelhos, venéro.
— Impossivel! clara fonte!

Impossivel! seda em tranças
que ainda não desnastrei.
Eu guardo de vós lembranças.
Sois minhas Táboas da Lei.
— Impossivel! seda em tranças!

Impossivel! frescos labios
como a fonte do deserto.
Vós que enlouqueceis os sabios,
nunca de mim estaes perto...
— Impossivel! frescos labios!

Impossivel! linda bôca,
feita de rubins e pérolas.
Por ti minha alma anda louca,
soltando mil queixas quérulas.
— Impossivel! linda bôca!.

Impossivel! claros dentes
que me mostraes o Paraizo.
Ah! por teus risos algentes,
trago varrido o juizo.
— Impossivel! claros dentes.

Impossivel! alma linda
clemente como rainha,
que acólhe, com graça infinda,
no seu manto a creancinha...
— Impossivel! alma linda.!

Impossivel! dá-me esmóla,
a esmóla do teu olhar.
Só esse olhar me consóla.
Só por elle, érro a penar.
— Impossivel! dá-me esmóla!

Dá-me a esmola d'essa alma,
e d'esse teu corpo de oiro!
Dá me dos meus ais a palma,
e já que tanto te imploro:
— Impossivel! dá-me a alma!

Dá-me esse amor, Impossivel!
pois que esse amor me dá vida.
Sem elle — estátua impassivel —
pérco a essencia, o sangue, a vida.
— Dá-me esse amor, Impossivel!

GOMES LEAL.

PENSAMENTOS E OPINIÕES

Só a inferioridade da educação civica da mulher explica o casamento de raparigas angelicaes com homens publicos corruptos. Alargue-se o horisonte moral da mulher, desde a eschola primaria, e deixará de haver tantos homens que passem, a um tempo, por bons chefes de familia e por maus cidadãos e governantes.

Alguns hoje em dia parece que esgotam a bondade em familia!

DR. BERNARDINO MACHADO.

O luxo tudo corrompe.

J. J. ROUSSEAU.

Ha duas maneiras de uma mulher se vestir bem.

A primeira consiste em ser escrava da moda, dispender loucamente em luxo o dinheiro e o tempo, ser um manequim das modistas, um reclamo dos negociantes!

A segunda é economica e simples, exigindo apenas... gosto e intelligencia. Ter poucos vestidos, mas escolhidos com criterio e em harmonia com a fortuna, com a posição e com os logares frequentados por quem os usa.

Das modas tirar apenas a linha de esthetica geral, para se não tornar reparada, e deixar o exagero e o uso das mil futilidades que o commercio inventa, mais com mira no ganho do que na educação e na arte, para as mulheres cujo cerebro nada mais possue do que frioleiras, ou para as desgraçadas que de si proprias fazem modo de vida.

A fome medita as revoluções.

WERTHEIMER.

Ha aristocracias que não valem mais do que o que custam no alfayate ou na modista.

DR. BERNARDINO MACHADO.

Qual é a razão porque se devem educar as mulheres? Porque é o melhor meio de educar os homens.

LEGOUVÉ.

Os males do homem vem, não de uma personalidade isolada, mas da organisação da sociedade e da maneira porque os homens se ligam entre si, o que faz que todos estejam sob a dependencia de alguns e muitas vezes de um só.

L. TOLSTOÏ.

O theatro é um grande meio de civilisação, mas não prospera onde a não ha.

ALMEIDA GARRETT.

A Arte consagra e purifica tudo em que toca.

SAINTE-BEUVE.

Não ha nada mais forte que a Humanidade! Doma as forças da natureza, utilisa os ventos e as correntes oceanicas, dá aos metaes a fórma adequada ás suas necessidades, dirige o raio, vence o espaço, corta os isthmos, separa os continentes, aterra paúes, abre canaes, contorna montanhas, sonda os mares, mede as estrellas, decompõe os organismos, eleva se aos ares, inventa o phonographo que reproduzirá a voz mesmo seculos depois de que tiver deixado de funccionar o orgão que a emittiu, descobre o telegrapho, que transmitte o pensamento atravez milhares de milhas no rapido decorrer de um segundo, profunda com o telescopio o infinitamente grande, e analysa com o microscopio o infinitamente pequeno... Ah! Não ha nada mais forte! Nada ha mais fraco tambem! Uma mosca inutilisa um homem, um bacillus extingue uma existencia! Um olhar, uma palavra, um sorriso, subjugam, indefeza, uma vontade!

ALICE MODERNO.

NA SUISSA E EM PORTUGAL

Como tencionasse escrever um artigo para este numero da Revista, sobre a educação em geral e em particular a da mulher portuguesa, tão descurada e insignificante no nosso pais, não encontrei palavras que melhor exprimissem o que desejava dizer, como este trecho da correspondencia de Zurich, assignada por A. M. (iniciaes de um nome que não tenho o gosto de conhecer) publicada no *Diario de Noticias* de 12 de julho.

Ha pessoas que, por muito superiores, não transcrevem nem se referem a coisa alguma escripta pelos outros; e, o que é ainda peor, ha por ahi revistas e jornaes que enchem as suas columnas de transcripções sem dizer d'onde extrahiram o que lhes faz conta e lhes dá até um aspecto de bem relacionados com todos os escriptores portugueses e estrangeiros... Nós, na nossa modestia, usamos processo differente: achamos honroso dar logar a quem tiver razão e fallar segundo o nosso modo de ver, escreva onde escrever, conheçamos ou não a sua identidade *civil* e *politica*.

Queremos vulgarisar ideias e luctar pelo futuro da nossa raça e do nosso pais, não procuramos no nosso trabalho fátuos louros de gloria. Queremos ser uteis aos que nos lêm divulgando coisas que é preciso que se saibam, diga-as quem as disser. Não fundámos uma Revista, que sustentamos com sacrificios, para affirmar nomes litterarios, — embora não seja excluida a litteratura, forma da arte mais superior e educativa, — mas sim para nella vulgarisarmos conhecimentos, ideias e principios racionaes de educação e bom senso.

Eis o motivo porque transcrevemos este trecho da correspondencia do senhor A. M. que é, na sua simplicidade documentada pela rigorosa observação de um pequeno pais, que se torna grande pelo trabalho e pela educação, principalmente a das suas mulheres, a mais pungente e flagrante critica ao desmazello da vida portuguesa desconsolada e pobre por falta de tino e de orientação para se educar a sociedade do futuro nas crianças e nas mulheres de hoje.

Mais tarde bordaremos detalhadas considerações que este artigo nos suggere. Mas antes, que as mães leiam, que as mulheres meditem e que os homens aprendam a procurar companheiras que os auxiliem e não pesados fardos que os assoberbem.

Anna de Castro Osorio.

*

* *

A educação suissa diverge tanto da nossa, que toda a comparação se torna impossivel.

Aqui educa-se o rapaz e a rapariga com um só designio: o de os tornar fortes, physica e moralmente, para todos os acasos da vida.

O desenvolvimento physico começa na escola infantil, aonde a gymnastica, methodicamente ministrada, lhes dá a robustez e a resistencia, ao passo que a educação litteraria, systematica e vagarosa, lhes avigora o cerebro sem lho atrophiar.

De inverno, ás 7 e meia da manhã, com os caminhos cobertos de neve, sob uma temperatura de 10 a 12 graus negativos; é verdadeiramente curioso, nas cidades como nas aldeias, ver rapazes e raparigas de 7 a 8 annos, correndo para a escola, patinhando a neve, que cae a flócos, aggredindo-se com ella, sem temor do frio, despresando o nevão, e vermelhos como rabanetes, riem, ensopam-se, rolam-se, patinam, escorregam, sem que a intemperie pareça exercer sobre elles a mais pequena influencia.

As mães descuidosas, continuam os seus labores, sem receio pelos filhitos, porque sabem que na escola os espera um calor calculado a attenuar os effeitos da immobilidade depois da canceira, e um mestre que lhes prodigalisará cuidados realmente paternaes.

O rapasito que aqui se apresentasse, sob uma temperatura de 15 graus negativos, com toda a bagagem de cache-nez, mantas, capuzes, etc., que acompanham os nossos, a uma temperatura de 5 e 6 positivos, era corrido e apontado como um cão tinhoso. E apesar d'isto, aqui constipam-se uma vez por anno; lá, duas por semana.

A criança, aqui, foge de casa para a escola, porque encontra n'ella tudo o que o seu espirito infantil lhe suggére; colôr, conforto, carinho e alegria.

Pula, canta, salta, corre, lucta, cabriola, disputa, bate, mas tudo sob o olhar vigilante do mestre, que o excita por vezes, para lhe formar o genio, mas que o reprime ao primeiro excesso.

A escola, aqui, é o paraiso das crianças; ahi, por vezes, é o seu inferno.

Deixe-me dizer-lhe, amigo redactor, que vi escolas infantis em Portugal, ás quaes, se tivesse auctoridade bastante, mandaria lançar fogo, para evitar a propagação da anemia e da tuberculose; e professores de tal maneira aptos para educar crianças, aos quaes, apesar da minha natural bondade, não consentiria a sahida, emquanto durasse o incendio...

Na Suissa, a escola é sempre, ou quasi, edificada a proposito. Infelizmente, no nosso bom Portugal, qualquer casarão serve.

Perto da Guarda, por exemplo, vi uma escola infantil cuja entrada era por um chiqueiro; n'uma cidade, estação balnear, ha, ou havia, uma outra, pegada quasi a um forno de cal; não longe da capital do Alemtejo, vi ainda uma outra aonde oito rapasitos tossiam quasi asfixiados pelas fumaradas do cachimbo do mestre.

Isto é deprimente e d'isto resultam a repugnancia pela escola e a ignorancia, que é o travão do nosso progresso, a causa da nossa miseria.

Se muitos dos nossos compatricios, que visitam annualmente a Suissa, extasiando-se ante os seus lagos e montanhas, prados e muzeus, dispozessem de alguns quartos de hora para visitar as escolas infantis e primarias, se inquirissem proficuamente do systema de ensino, das obrigações de mestres e professores; se estudassem com toda a attenção a maneira pratica e intuitiva de aproveitar os dotes

intellectuaes da criança sem grandes esforços que atrophiem ou lhe façam perder o gosto ao saber como a pratica se junta á theoria, como o recreio se intercalla ao estudo, como de classe em classe, tudo melhora, tudo se aperfeiçoa, tudo progride, tudo se segue, sem lacunas, sem intervallos, sem vôos mas sem hesitações, se inquirissem, repito, de como o mestre é pae e o professor amigo, e, se vendo, observando, estudando, conseguissem modelar a nossa, pela instrucção suissa, talvez Portugal saisse da apathia que o definha e surgisse activo e forte, com outras eras de gloria, não se vendo o povo ignorante e pobre forçado a buscar longe da patria o sustento e a escravidão.

Na Suissa não ha analphabetos; entre nós existem milhões.

Na Suissa a criança percorre 2 e 3 kilometros para frequentar a escola, e nenhum pae teme ou hesita, perante a distancia, em a mandar instruir.

E que o fizesse, que a lei lhe tomaria contas sevéras.

Percorri quasi todo o meu paiz, como conheço hoje toda a Suissa. Esta, conta em cada aldeia uma escola; mas infelizmente, em Portugal ha até villas, que a possuem mas sem alumnos!

Na Suissa, cada cidadão sabe os seus deveres e conhece as suas regalias, aprendeu-os na escola. Em Portugal desconhece uns e ignora outros, porque não teve aonde e quem lhos ensinasse.

Aqui a escola e a carreira do tiro, criam cidadãos para a defeza da patria, e por isso a Suissa é respeitada, senão como um paiz grande, como um grande paiz.

Pois façamos nós o mesmo.

Nós, cujas tradições historicas foram a inveja das grandes nações européas, porque nenhuma as possue melhores, não devemos consentir que nos escarneçam da fraqueza e abatimento a que chegámos, pela ignorancia do nosso povo.

O nosso futuro está na escola. Edifique se. A nossa força está no ensino. Remodele-se. É escusado ir longe. A Suissa pode fornecer planos para as primeiras, e regulamentos para o segundo.

É que não sejam só para o sexo forte. A educação da mulher é tão precisa, como a do homem, e aqui é até egualmente ministrada.

A mulher suissa não espera do homem o seu sustento, não funda no matrimonio as suas esperanças. Trabalha em todos os mistéres, mesmo nos de maior responsabilidade intellectual.

Bancos, escriptorios commerciaes, repartições publicas, casas de commercio, cartorios de advogados, escolas primarias e superiores, emfim, todos os logares que em Portugal são exclusivo do sexo forte, desempenha-os aqui a mulher, que possue a illustração bastnnte para os exercer com intelligencia e acerto.

Perguntem á mulher portugueza a causa da sua miseria, a do desalento que se lhe pinta no rosto, a razão porque desce muitas vezes ao mais infimo grau do desleixo ou da devassidão, e ella responderá: — A ignorancia.

Pois illustre-se a mulher, como na Suissa, e, de futuro, só teremos mães que desde o berço ensinarão aos filhos o que se deve á patria e ao trabalho.

Meu caro redactor, o seu jornal não precisa das minhas epistolas para a santa propaganda de instrucção popular; mas, — que quer? — a lembrança de ter visto, na minha ultima visita a Lisboa, bandos de garotos e garotas, sujos, cobertos de andrajos, mendigando, implorando a um tempo a caridade e o vicio, fez me vêr claramente a que distancia enorme estamos ainda da verdadeira civilisação.

Prostituidas quasi desde o berço, vagueiam pelas ruas de Lisboa centenares de raparigas, que mais tarde irão engrossar o já volumoso caderno das toleradas, quando não morrem antes de podridão ou miseria. Corruptos desde a mais tenra idade, encontramos a qualquer hora da noite, rapazes esmolando, por conta alheia, ou empalmando-nos a bolsa, por conta propria.

A uns e a outros faltam a escola, e não será a prisão que os corrija!... Aqui não ha d'isso.

E sabem porque?

Porque a escola lhes deu as noções de que o trabalho regenera e avigora, porque o homem não se apossa dos logares que, por natureza, competem á mulher e esta, illustrada, lucta e trabalha sem descanço, para alcançar a independencia e o futuro.

O homem aqui, busca nas artes, nas industrias, na agricultura, emfim em todos os mistéres que demandam robustez de que a natureza delicada da mulher não pode dispôr, o pão e a tranquillidade; mas deixa á mulher quasi todos os empregos sedentarios.

O cidadão suisso que se lembrasse de estabelecer um armazem de modas com caixeiros ao balcão, por mais empomadados que elles fossem, sabe, amigo redactor, o que lhe aconteceria? Era fechar as portas antes mesmo de as abrir, para se não expôr, elle, e os caixeiros, á irrisão popular.

Nos grandes armazens de Yemolli, Brann, Globus, Old England, Loebe, etc., são meninas e senhoras, que vendem, contam, escripturam. Só os chefes de «rayon» pertencem ao sexo masculino, e ainda estes são destinados a manter em respeito qualquer atrevido e a ajudar as empregadas no transporte de volumes de maior peso.

Por cada homem ha pelo menos 30 mulheres, e tudo corre com a maxima regularidade, decencia e respeito.

Ainda mais: nenhuma dama suissa discutiria qualquer questão de modas ou provaria qualquer objecto de *toilette* com um caixeiro, por mais delicado que elle fosse, por mais perfumado que elle tivesse a «pochette.»

Riem-se de nós os estrangeiros ao ver esta anomalia e perguntam-nos o que faz a mulher no nosso paiz. Que responder? Nada, ou mentir, para occultar vergonhas?

— Não tem aptidões para o commercio, — nos disse alguem.

Pois façam como aqui, criem cursos gratuitos para todos os mistéres, onde a mulher se possa illustrar, sem sacrificios e dispendios, e tel-as-hão aptas para todos os logares que por sua natureza lhes estão destinados.

Com effeito, na Suissa e em Zurich principalmente, existem cursos para todas as occupações possiveis, desde a escripturação e contabilidade commercial, correios, telegraphos e telephones, musica, canto, arte dramatica, pintura, esculptura e desenho, que só dependem do intellecto, até aos de trabalhos manuaes e de gosto, como bordados, passemanerias, lavores, modas, alfayateria para damas, cabelleireiras, e ainda de confeitaria, pastelaria, padaria, salchicharia e cozinha, etc.

Além das occupações que ainda em Portugal são o unico recurso da mulher, como costureira, lavandeira, engommadeira, etc., para tudo ha cursos e a tudo se dedica a mulher.

Ficarei hoje por aqui, a respeito da educação suissa, reservando me para mais tarde dizer o que sobre as suas vantagens fôr observando.

A. M.

IN AMARITUDINE

(INÉDITO)

Eu, desde que te perdi,
Vou andando pelo mundo
N'um desalento profundo
Como, outro egual, nunca vi.

Se acaso tento esquecer,
Se um dia busco olvidar-te
Encontro-te em toda a parte,
E augmenta-se o meu soffrer.

Se olho, vejo-te ; se oiço, escuto
A tua adorada voz ;
Mas, breve, vejo-me a sós
Com a escuridão do meu luto.

Pobre da alma penada
Que viu fugir-lhe o seu bem,
E se vê, só, sem ninguem,
Nas inclemencias da estrada!

Porque eu, — desde que em ti puz
Todo o meu amor profundo, —
Nunca mais, nem um segundo,
Pude fitar outra luz

Invocando o teu amor,
Hoje, embalde estendo os braços,
Erguem se, em meio, os espaços,
Com indizivel rigor.

Levaste, quando partiste,
A força com que eu vencí.
Fiquei sem ella, e sem ti...
Não querem que eu ande triste!

Se ao menos, no ceu escuro,
Visse uma estrella a luzir,
E uma esperança, a florir
Pelas varzeas do Futuro...

Mas nada vejo, e ninguem
Pode avaliar a amargura,
A inexprimivel tortura,
Que o meu coração contem.

Porque eu, desde que em ti puz
Todo o meu amor profundo,
Nunca mais, — nem um segundo,
Pude fitar outra luz!

13-9-1901 ALICE MODERNO.

PELO MUNDO

No dia 28 de junho M.me Rondeau-Luzeau defendeu na Sorbonne a sua these para o doutorado de sciencias naturaes e obteve a menção *très honorable* a mais alta que dão aquelles examinadores. E' a quinta mulher á qual a Faculdade de sciencias de Paris confere o grau de douiora.

— A Academia franceza authorgou o premio Audiffred, do valor de 15:000 francos, a M.me Meyrier, mulher do vice-consul francez em Andrinopla, que se achava em Diarberkir no momento que começaram os massacres da Armenia em 1895 e 1896.

Soccorreu com rara intrepidez os christãos perseguidos pela kurdos e tendo seu marido de ficar na cidade para obstar aos massacres, poz se á testa de uma caravana de 300 pessoas e, no meio de mil difficuldades a conduziu em quinze dias de marcha até Alexandrette.

Tendo os turcos querido impedir os seus protegidos de atravessar o Eufrates, enviou para a frente os seus quatro filhos, dos quaes o mais pequeno era de peito, e declarou que seria a ultima a passar depois de todos os christãos que conduzia, ameaçando as auctoridades da vingança da França se o seu pequenino de mama viesse a soffrer com a demora.

(Da Revue Universelle, Larousse).

A vida das crianças

Ha crianças de uma tão grande sensibilidade ou emotividade que se tornam enfadonhas por estarem sempre a choramingar. Se tem mimo então, não ha quem as ature!

E' necessario, a essas, endurecê-las moralmente, não fazer caso dos seus prantos, troço-las mesmo, nunca nos apoquentarmos com os seus pequenos desastres — porque em geral são cautelosas — fazê-las emfim libertar de esse mau costume lamuriento, que depois de lhes estragar a infancia lhes estragará toda a vida, que se habituam a ver atravez das suas e lagrimas *niquices*.

Um dos cuidados dos paes deve ser o de porporcionar a alegria aos seus filhos.

A alegria da infancia é o bom humor, a serena compostura, a força dos homens e das mulheres durante a vida.

De que serve a tristeza? Amargura quem a sente e entristece quem a vê.

As mães devem ter para os seus filhos, um como curso de alegria prática.

Dêm-lhes alegria na liberdade dos passeios á vontade pelo campo; nos brinquedos que sem sacrificio lhes possam comprar; nas casas limpas e arranjadas com esmero, tendo o cuidado de procurar a arte e o gosto na sua ornamentação, ainda que modesta; no amor das flôres, na graça e no carinho dos seus *interiores*.

Não os comprimam com fatiótasde luxo, não o apoquentem com convencionalismos, não lhes dêm livros de estudo incomprehensiveis, dêm-lhe livros de leitura agradavel; não lhes tirem, emfim, todo o prazer de viver, antes de começar a vida.

Em geral os paes ciudam que os filhos são excepcionalmente intelligentes e que podem por isso, obrigalos a um esforço intellectual superior á sua idade. Pois, para felicidade d'elles, melhor é que os tenham como intelligencias vulgares, porque em educação é que se deve applicar com segurança o dito do Marquez de Pombam=«devagar que tenho pressa».

(Continúa). ANN MOORE.

REGISTRO

Criticas e commentarios

Querendo fallar detalhadamente, e com inteira justiça, de cada livro que nos chega ás mãos — ou sejam offerecidos, ou mais frequentemente, porque os compramos — não podemos fallar ainda dos livros do grande poeta e nosso illustre collaborador e amigo sr. Gomes Leal — *A mulher de luto*, e a segunda edição das *Claridades do sul*. A esses, como ao ultimo da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — *Figuras de hontem e de hoje* — reservamos artigo especial, porque os livros representam para nós não só o que verdadeiramente os seus auctores escreveram, como o que ao nosso espirito elles suggerem e evocam...

Fallaremos d'esses e d'outros mais.

Garrett no Pantheon. — (Representação da cidade de Angra do Heroismo á Camara dos Senhores Deputados da Nação portuguesa). — Angra do Heroismo, 1902.

Esta representação feita pelo sr. Sieuve de Menezes, é pequena e simples na factura, mas na sua simplicidade e pequenez torna-se importante pela lucidez e justa maneira como se refere a Garrett liberal e ás suas relações especiaes com os Açores, nomeadamente com a ilha Terceira.

Guardando a offerta d'um dos poucos exemplares que se tiraram e que em seu nome nos é feita, temos o prazer de reviver antigas dividas de delicadeza que para com o seu auctor contrahimos e tudo lhe agradecermos agora aqui.

LITTERATURA POPULAR

A MOIRA ENCANTADA [1]

CONTARAM-ME que houve uma vez um rei moiro, que vivia e governava em Manteigas; possuia muitos e valiosos thesouros, e tinha uma filha muito boa e formosa, que se chamava *Fatima*, a quem elle amava loucamente.

Os christãos odiavam o rei-moiro e, por isso, faziam todas as diligencias e empregavam todos os meios para captivarem a bella princeza, conquistarem os seus dominios e apoderarem-se das suas riquezas, que eram enormes. O rei, entrincheirado na villa, defendia-se das correrias e ataques dos seus inimigos e, n'este sentido, empregava todos os meios de resistencia; pensando, porém, que mais tarde ou mais cedo seria vencido e cahiria no poder dos christãos, tratou de arranjar as suas malas, onde metteu os seus thesouros e todas as joias e valores que tinha no seu palacio. Num certo dia foi atacado por um poderoso exercito de christãos, e elle, vendo que não podia resistir por muito tempo, resolveu fugir e abandonar Manteigas. Numa noite muito escura, afim de não poder ser visto nem presentido pelos christãos, fugiu pelas mais occultas e intransitaveis veredas da serra da Estrella, levando comsigo a sua querida e formosa filha, os seus vassalos e os seus thesouros. Andaram, andaram muito, tropeçando aqui, cahindo além e, quando estava prestes a romper a manhã, a encantadora *Fatima*, de cançada, tinha desfallecido. Imagine-se o desgosto do rei Kalibab, que assim se chamava o moiro! Via a sua filha, tão amada e de cuja surprehendente formosura tanto se orgulhava, descalça, com os pés feridos a gotejarem sangue e desfallecida por um invencivel cansaço!... Todos estiveram parados, durante algum tempo, sem saberem o que haviam de fazer, a pensarem na triste sorte do grande povo moiro, que havia bem pouco tempo ainda era poderoso e feliz!!! O rei, apesar de guerreiro e austero, chorava como uma criança e supplicava Allah, que era o seu Deus, que o protegesse n'aquella critica situação e que reanimasse sua idolatrada filha, para continuarem a fuga. Os uivos dos lobos e das raposas, que, a pequena distancia os vigiavam como dispostos a banquetear-se com os seus corpos, o sibillo do vento que se quebrava e dividia na anfractuosidade dos rochedos e o sussurro das aguas que se despenhavam da gigantesca serra, pareciam-lhes os passos dos christãos que os perseguiam e os vinham roubar e matar. O rei Kalibab, desvairado, passeava de um para outro lado neste sitio, pedregoso e cheio de matto, quando viu que na sua frente se abria uma formosa estrada, orlada de arvores e jardins e calcetada de pedras muito finas. Deu um ai cheio d'alegria, olhou pela estrada fóra e viu que a não grande distancia oscillava uma luz muito clara que illuminava tão bem construido, quão formoso caminho. O Deus dos moiros, que realmente é o mesmo que o dos christãos, porque Deus é um só, — tinha ouvido as supplicas de um pae amantissimo e attribulado. Aquella estrada e aquella luz foram, para todos, um signal de salvação. A esperança de se ver livre de perigos e de uma morte certa, reanimou *Fatima*, que chamou a si toda a sua energia e que, com a rapidez do relampago, se levantou e se poz a caminho.

O rei, *Fatima* e o seu sequito, mal tinham dado alguns passos, começaram a reconhecer que a luz provinha d'um grande palacio que ficava no fim da estrada. Chegaram a este edificio, que era bello na fórma e sumptoso no seu interior. Estava todo illuminado e tinha vastos salões ricamente alcatifados e luxuosamente mobilados. Ali, havia tudo, tudo de quanto a imaginação mais caprichosa e exigente fosse capaz de appetecer. Todos ficaram deslumbrados com tantas riquezas, tanto luxo e tão boa disposição de todas as cousas.

(*Continua*)

BRANCA DE CAMEIRA.

---

[1] Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno*, em artigo sobre Manteigas, transcreve esta lenda. Mas, como a nossa joven amiga Branca de Cameira na sua simples e elegante versão traz algumas variantes, parece-nos que é de todo o interesse a sua publicação. A nossa revista propõe-se educar o povo, fazendo-o ler os artistas cultos e educar as classes superiores fazendo-as comprehender e amar o povo. Só assim, identificando-se todos com a alma da Patria, com as mesmas aspirações e crença no porvir, como ligação nas tradições do passado, podemos ter ainda um futuro de prosperidade e o glorioso viver de um povo que se respeita.

A. C. O.

Numero 7 — Lisboa, 15 de Agosto de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — ANNA DE CASTRO OSORIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

REDACTORA
MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

Impresso na IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gavoas, 29 e 31
Edictor-HENRIQUE PINTO DE AMARAL

D. ALICE MODERNO

(Carta a D. Olga Moraes Sarmento da Silveira)

Minha presadissima amiga. — Deseja V. E.ª — e a vontade de uma fina intellectual é sempre para mim soberana — que escreva algumas linhas, sobre o perfil litterario de D. Alice Moderno.

De boa vontade lhe direi desde já que a considéro um talento poetico, invulgar entre as intellectuaes portuguezas. Por não a conhecer de perto, não sei se ella medita longas e tardas horas, fitando o plenilunio leitente, ou se vagueia, pelas tardes chorosas, contemplando as rôxas nuvens, côr das violetas esmagadas. O que sei é que a sua poesia vibra de sentimento e de sonho, em que ha, á mistura, com a melancholia da alma portugueza, alguma causa do *intimo feminino*, que nos é agradavel a nós, — homens embotados pelas acrobatices da forma métrica, e as desarticulações rebuscadas da Rima, como as ódes funambulescas de Banville, encontrar suavemente espalhado sempre nas paginas de uma mulher... como um perfume subtil, n'um papel japonez muito guardado e saudoso.

O que eu procuro sempre na poesia de uma mulher é sondar-lhe alguma cousa de particular da sua alma, do seu sentir, das suas predilecções, e mesmo até das suas mais cordeaes antipatias. N'este estudo é que eu me comprázo, n'essas frases que ás vezes irrompem espontaneas, é que eu almejo — sempre que me é dádo — poder saber lêr nas entrelinhas. Porque á senhora que se dedica á poesia, nem tudo é dado dizer, nem tudo é permittido revelar. Por isso é que ordinariamente as poesias femeninas — salvo excepções — são todas mais ou menos pautádas pela convenção, pela *bienseance* e mesmo direi pela mais formalista e cerimoniosa etiquêta. Em taes casos, como é facil de deduzir-se, a poesia feminil tem sempre o ar de constrangimento; — ella sente-se obrigada a ser ficticia n'uma sociedade tambem toda ficticia.

Entre as poesias, porém, da D. Alice Moderno, eu púde felizmente descurtinar alguns d'esses pequenos pormenores da alma, que tem sempre tão penetrante interesse para o psychologista. Foi-me agradavel encontrar esse pequeno recanto de uma alma que se occulta, — ou pretende occultar — como a Isis egypcia, sob o seu vêo hieratico.

E' na poesia do seu livro Trillos, intitulada *Cabellos brancos*. Leiam-a: pag. 149.

Uma noite, no theatro, eu disse-te: — Não creio,
Não posso acreditar em mysticas paixões!
(E ao dizel-o, sentia consumir-me o seio,
Lava egual á que sae da bocca dos vulcões!)

Tenho, naturalmente, a fleugma d'um Burgrave
E rio das paixões olympicas, ideaes;
O meu olhar sombrio, e scismador e grave,
Possue a irradiação gelada dos metaes.

Tenho, porem, no peito um coração ardente,
Sincero, tropical como um paiz do Sul,
Amo do rouxinol a doce voz cadente,
Só me fascina a luz que paira sobre o Azul.

E disseste, esboçando os teus sorrisos francos
Como o sol quando esparge o lucido clarão:
«Se eu não tivesse já tantos cabellos brancos,
Mostrar-lhe-hia que tem sensivel coração.»

E eu disse-te a sorrir, ironica, impassivel,
Possuo um coração mais frio do que o mar...
E tremia ao dizer esta blasphemia horrivel;
Pois quando a pronunciara... eu já sabia amar!

Não é dado a todos, depois da leitura d'estas lindas mas um tanto nervosas quadras, as quaes como que estão trahindo alguma cousa de brusco e glacialmente complicado, não é indubitavel, repetimos, que a sua autora estava n'aquelle momento usando para com o seu venturoso interlocutor de alguma parte d'essa maliciosa, felina e ao mesmo tempo veludosa diplomacia — *jesuitismo* lhe chamam os desalmádos labios masculinos — de que todas as mulheres, por mais nobres que sejam as suas qualidades, usam e abusam tão regia e bismarkiana

mente comnosco, os homens, sempre estarrecidos, e sempre seduzidos pelo seu delicioso mel?... E' claro como duas gotas d'agoa. Pois bem: isto é bello, porque isto é eterno, porque isto é verdadeiro, e isto retráta toda a alma feminina. *Et rien n'est beau que le vrai* disse já Boileau. Haverá talvez n'essas quadras certas palavras que terão já muitos dito, mas não decerto tão bem: poderão objectar-nos que o estilo de que a auctora se serve para fallar ao seu interlocutor é um tanto emfático, mas o espirito da poesia é verdadeiro, e o seu fundo não deixa por isso inegavelmente, de ser o mais possivel realistamente humano. Amar e simular despreso: adorar e simular desdem: ter no coração um brazido latente como o do Etna, emquanto os labios carmineos simúlam gelo como o dos morros nevoentos de Erin, tal tem sido sempre a tactica femenina, desde a loira Eva dos jardins do Euphrates, chamado Eden, até nós os seus descendentes segundo o Pentateuco. Pois bem:—se isto é pérfido e felino, feito contra nós desde seculos, e contra tal perfidia, eu tambem, como um campeador da *Alla dos Namorados* em Aljubarrota, levanto a minha lança em riste e protesto, em poesia é todavia bello, natural, humano logico... e muito até apetecivel. Sobre tudo tendo-se em perspectiva o desenlace final com que rematou a eximia lirica.

Terminando direi que D. Alice é a nossa mais distincta poetisa e a mais conhecida no estrangeiro. Os seus versos teem sido traduzidos por Willelm Storck, Edgar Prestaje, Tommaso Cannizzaro, Göran Björkman, e Achilles Millien. Não significam sempre estas versões, ás veses, verdadeira notoriedade, pois todos nós sabemos que os *cabotinos* são muitas vezes os mais conhecidos lá fóra, por isso mesmo que são os mais impudentes solicitadores de taes honrarias internacionaes:—mas essas notoriedades de cartão pintado, só próprios para effeitos scenographicos, com grandes sombras e efeitos para distancia, facilmente, mais tarde, esborôam por terra os seus pés de barro.

D. Alice tem uma vasta cultura litteraria e os seus sonetos os *Martyres d'Amor* não se olvidam jamais, e hão de ficar entre as bellas cousas nobres e sentimentaes que é dado á alma exprimir e sentir.

Leia-se o seu soneto Camões. Eil-o:—

N'uma sombria rocha, agreste banco,
Sentára-se Camões, e alli scismava
No seu primeiro amor, ardente lava
Que lhe queimára o seio nobre e franco.

Do seu peito saiu mais d'um arranco,
Profundo como a dôr que alimentava,
E á sua voz sonora se juntava
Revolta, a voz do mar azul e branco!

Tinha em volta a soidão eterna, enorme,
Tinha aos pés o occeano multiforme,
Via o sol occultar no Occidente,

E entre soluços, murmurava triste:
—«Alma minha gentil que te partiste,
Repousa lá no ceu eternamente!»—

E' decerto lyrico isto deveras, mas não menos bellos, nem menos melancolicos decerto são os seus outros de *Abelard* e de *Miguel Angelo,* sobretudo, ante Victoria Colonna, morta.

Não é verdade que isto é precioso e raro, e alto, minha querida amiga?!...

Tenho a honra de subscrever-me com a maxima consideração de V. Ex.ª

admirador devotadissimo,

Gomes Leal.

CARTA A UMA INTELLECTUAL

(A' Ex.ma Sr.ª D. Maria Guilhermina de Mesquita)

Não me creia olvidada, minha querida amiga, da enorme divida de gratidão que contrahi com a sua adoravel e penhorante bondade na minha recente e rapida viagem por essas nossas lindas e maravilhosas terras açoreanas.

A amabilidade com que me recebeu em Angra, cidade tão tradiccional na historia d'um povo glorioso como suggestiva á lyra d'elle, ficou-me tão fundamente esculpida no espirito que não logrará esmorecel-a nem uma tão grande distancia, nem jámais apagal-a o decorrer do tempo; antes a saudade reverberá cada vez mais á alma a lembrança viva da sua inexcedivel gentileza e o reconhecimento por ella.

E d'essa formosa ilha Terceira, a mais graciosa perola que surge das aguas côr de esmeralda do Atlantico para se engastar no deadema que o corôa com a suggestiva denominação de Açores, que mais saudosas recordações me desperta a minha ultima viagem.

E' porque n'ella encontrei a belleza e excepcional encanto d'uma natureza exuberante em graças e atavios, alliada á distincção impeccavel e captivante d'uma sociedade illustrada, rica de tradição como ornada de espirito.

A sociedade angrense encheu-me de tão elevadas deferencias, de tão immerecidas homenagens, de tão carinhosas e inequivocas provas de sympathia que, na verdade lhe digo, pela primeira vez na minha vida invejei não ser uma individualidade distincta para me sentir conscienciosamente compenetrada da idéa que lh'as tinha valido.

Eu já tinha ouvido falar da proverbial lhaneza, genio attencioso e espirito culto que caracterisa os habitantes d'essa pittoresca cidade, mas o que agora me foi patenteado, evidenciou-me a realidade exceder muito á espectativa.

Porque Angra na sua natural belleza, na sua magnifica situação e na sua, emfim, multiplicidade de dons magnificentes, deixou-me realmente fascinada.

Eu creio no culto que tenho por ella, que, certamente, copiou alguma coisa do sobrenatural, do divino para nos apparecer assim tão sumptuosamente deslumbrante.

Ahi tudo fala ao coração na linguagem mystica da poesia e do sentimento: essas paysagens que bordam com caprichosas ondulações de verdura os terrenos mais latentes, esses regatos murmurantes serpeando como longas fitas prateadas a luzirem, e até esse céo tão docemente melancholico e tão constantemente ennuveado como se a dôr do luto pesasse n'elle, nos offerece á alma uma prece de amor e implora em troca um hymno de louvor.

Quando antes de ahi ir folheava a historia da lit-

teratura portugueza, analysava com assombro o numeroso contingente que dão os nomes açoreanos para a encherem e nobilitarem. Hoje, depois de me ser facultado conhecer e gosar os encantos surprehendentes dos Açores, admiro simplesmente que não exista em cada espirito d'um habitante um ferveroso preito que a celebre, surprehende-me de não haver em cada coração, por uma prodigalidade divina, cordas sentidas e vibrantes que a cantem.

E, como orgulha, saber-se que n'esse phantastico deslumbramento se pisa solo portuguez de lei, que foram compatriotas nossos que, aventurando-se com extraordinario prodigio em *mares nunca d'antes navegados,* as roubaram, com luctas propicias para elles, ás aguas que as guardavam, cuidadosamente, avaras de tão valoroso thesouro, e lhes levantaram o véo em que a ignorancia dos povos superstitiosos as havia sepultado!

Mas nolo agora que tinha desejado enviar-lhe umas impressões geraes da minha viagem por todos os Açores e, enthusiasmada pela benevolencia dos habitantes da formosa Angra e pela sua natural attracção, n'ella tenho detido a minha penna.

Ainda se eu tivesse conseguido dar-lhe uma idéa completa d'esta fascinação, não me lamentaria têl a incommodado com a leitura d'estas breves e desordenadas linhas. Mas o que tenho dito não lhe dará um perfeito reflexo da minha gratidão e do que sinto relativamente á essas maravilhas e, portanto, releve-me na sua muita transigencia ou então em logar de deixar amortisada a minha divida reforce-a com mais esta minha inutil tentativa.

Para complemento e terminação da minha carta e para descarregar a consciencia do que tinha empenho em dizer accrescentar-lhe-hei que em S. Miguel tive mais uma vez o indizivel prazer de gozar o convivio da nossa querida amiga Alice Moderno, que cada vez mais se confirma uma das legitimas e orgulhosas glorias das lettras portuguezas.

Seria imperdoavel não fazer uma allusão ao acolhimento que tive na sociedade fayalense e que me deixou deveras penhorada, posto que, não surprehendida, porque em tempo já ella me havia dado um alto testemunho do seu valor como povo hospitaleiro.

As finezas que d'ella agora recebi não fizeram mais que rectificar este conceito.

Quereria poder falar detalhadamente dos seus costumes, das suas idustrias, dos seus monumentos e paysagem, que tudo isso se prende com a indole instructiva da nossa revista, mas não me chega o tempo nem o espaço visto que não quero, minha boa amiga, estar mais tempo em falta para com V. Ex.ª Falaremos mais tarde, em artigos successivos, se não nos falharem calculos que temos formados.

E' do conhecimento do paiz, com todos os seus costumes e tradições, que deve vir para todas as almas portuguezas o amor e respeito á terra da Patria.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

P. E. Por uma fineza especial do sr. Sieuve de Menezes, do illustrado redactor da *Semana,* dentro em pouco tenciono inserir n'esta revista, acompanhado de descripções minhas, varias photographias cedidas por esse escriptor de Angra. Agrada-lhe isto, minha querida amiga?

Crianças no collegio

Não são sómente infelizes as crianças que a miseria brutalisa e faz vadias, nem as outras que nos *ateliers,* nas officinas, nas lojas, passam horas amargas de soffrimento agudo e de profundo tedio.

Infelizes, tanto ou mais, porque soffrem sem appellação numa santa illusão de felicidade, são as burguesinhas enfesadas e aperaltadas, duma graça exangue de sombras, que as familias enchem de enfeites e levam para os theatros, para as visitas, para as reuniões á noite; e de dia, para se livrarem d'ellas, mandam para o collegio, para o monstruoso collegio onde se esterilisam a maior parte das crianças portuguesas.

Não queremos fallar dos grandes collegios frequentados pela alta burguezia e pelas jovens descendentes da nobreza hereditaria, esses, com todos os seus defeitos e desvantagens, têm a orientação concernente á classe que os frequenta e não nos interessam por agora, dirigindo-nos á grande maioria trabalhadora e util que póde transformar a nação empobrecida e desanimada em que vivemos, num pais respeitado e imitado pelos proprios inimigos.

Fallemos, por agora, do collegio de que nos dá a triste amostra o annuncio recortado de um jornal e que diz assim: «*Collegio para ambos os sexos: Crianças para sujeição, ao mez 400 réis, etc., etc.*»

Crianças para *sujeição,* quer dizer: crianças para estarem presas, longe das casas onde as mães as não podem ou querem guardar, e que não vão para jardins, — escolas, brincar e correr sob a vigilancia de bôas raparigas honestas, bastante instruidas, para não as deixarem fazer alguma imprudencia nociva á saude, e para lhes irem insinuando, no espirito, simples noções de educação intellectual e social... Não, crianças para *sujeição,* são pequeninos martyres que vão para casas fechadas, onde lhes é prohibido saltar e folgar, sem sol, sem alegria, sem hygiene, e onde outros pequeninos martyres contam as primeiras horas de profundo tedio que lhes dá a vida, essa vida que devia ser para nós todos um trilar alegre de rouxinol e é o *de profundis* da raça humana.

Quando passo por uma dessas ruas da antiga Lisboa, tristes, sem claridade, onde as carruagens sobre a calçada estremecem os vidros e irritam os nervos, e aqui e alli leio uma taboleta de collegio, estremeço de pavôr. Penso nessa revoada de criancitas que alli estão opprimidas, com ligeiras pernas que pedem carreiras para pular, encolhidas em cadeirinhas de costura ou encruzadas deante de carteira, emquanto a cabeça pende na concentração duma escripta; boccas que não podem chalrar e rir, bracinhos leves que não podem arregaçar-se para mergulhar na agua ou para amassarem terra;

criancinhas que são obrigadas a aprender por longa e fastidiosa prática o que mais tarde aprenderiam com duas simples lições; criancinhas que têm de decorar, com os olhos nos livros e a attenção nas bonecas, horrorosas coisas que não comprehendem. Criancinhas duma pavorosa ignorancia das coisas simples e claras da vida, que voz amiga de mãe ou professora lhes ensinaria a rir sob a ramada duma boa arvore e que não mais esqueceriam.

Lá fóra, nos paizes mais adeantados, já se pensa a sério na remodelação por completo da futura sociedade, baseando-a numa educação muito prática, muito clara, feita ao ar livre, onde a criança, entregue ao seu proprio raciocinio, é apenas vigiada para não commetter alguma séria imprudencia, e aprende guiada pelos professores e nunca torturada, as noções de tudo que mais tarde aprenderá por gosto, comprehendendo, segundo a sua vontade e a sua vocação.

Educar crianças de todos os feitios, gostos, aptidões e temperamentos, arregimentadas pela mesma disciplina, como se todas fossem o mesmo boneco de trapos e farinha com rosto de cera ou porcelana que a industria fabrica aos milhares, é mais do que estupido, porque é barbaro.

Entre irmãos, a differença desde que nascem é por vezes tão grande, que nem a alimentação póde ser a mesma. Seguindo habilmente o gosto e a vocação da criança poderiamos ter homens e mulheres instruidos, aptos para todos os serviços, senhores de si, capazes de ganhar honradamente a sua vida.

E o que temos? Uma turba de deslocados, de trabalhadores sem gosto, nem amôr pela profissão.

Bachareis que podiam ser bons marceneiros e são pessimos legistas; militares que seriam artistas de merito, obrigados a instruirem recrutas ou tratarem de ranchos e marchas forçadas; homens que seriam intelligentes agricultores, vergados sobre a carteira d'empregado publico...

Mulheres que podiam ser boas educadoras, professoras, medicas, artistas, caixeiras, bordadeiras, tudo com consciencia do seu saber e não são mais do que uma multidão de contrapesos que nem aos filhos sabem ensinar a ler, e com as quaes o homem se acha muito feliz...

Vocações torcidas pela vaidade e pelo preconceito que ainda hoje repara que a mulher, que não seja do povo, ganhe dinheiro com o seu trabalho, e decretou ser mais *decente* o emprego publico do que o officio, quer dizer: — o homem de cerebrosinho estreito que se sujeita a escrever coisas obrigatorias numa triste repartição publica — porque usa manga d'alpaca em vez d'uma commoda blusa — é mais *decente* do que o operario que trabalha no que aprendeu por vontade e que póde ser um artista na sua obra, o que o outro nunca poderá ser.

Ainda não perceberam por cá, que a falta de educação social é só o que affasta e differencia os homens.

Mas quando nos outros paises se pensa a sério em remodelar completamente a educação, ainda nós consentimos que haja collegios nesta terra de luz, de alegria, de sombras de arvores em avenidas largas, d'aguas azues a estirarem-se em areias brancas, onde crianças passam as melhores horas do seu dia encarceradas entre quatro paredes, ouvindo lições que não comprehendem, ouvindo asneiras, sendo castigadas e passando o *recreio* — que ironia! — numa sala fechada, sem licença de dançar, de pular, de correr, de gritar, como reclamam organismos que se formam cheios d'exigencias, como plantas exuberantes de seiva a sentirem-se crescer.

Faz odio e faz horror á vida.

Como um naufrago que em pleno mar vê sossobrar todos os companheiros, eu quereria ter um grito de tanto horror que todas as mães ouvissem e estacassem na consumação do naufragio d'almas que preparam aos filhos.

Quereria dizer-lhes: O que gastaes a mais em vestidos ricos, antes o gasteis em lhes dar uma alimentação simples mas nutriente.

As horas que á noite lhes roubaes ao somno, trocae-as pelas da manhã, quando o ar é mais puro, e mandae-as passear por esses jardins e por esses campos.

A intelligencia que lhes roubaes fazendo-as educar como animaesinhos de circo, com medo aos castigos e para alegria dos espectadores, dae-lh'a vós instruindo-vos para os educar, chamando praticos que lhes ensinem uma por uma as coisas que devem saber.

Fazei emfim de vossos filhos homens e mulheres, e quando os tiverdes fortes bastante, capazes de pensar, trabalhar e reagir, entregae-os então á sociedade que lhes dê a carreira que elles escolherem.

Fazei-os trabalhar seja em que fôr, contanto que seja honradamente.

Obrigae-os a contar sómente com o seu proprio esforço e que o dinheiro que lhes venha ás mãos seja aquelle que os seus braços ou a sua intelligencia ganharam.

A maior disciplina na maior liberdade individual é a base da educação na sociedade de maior justiça e felicidade a que aspirâmos.

Anna de Castro Osorio.

PELO MUNDO

Em Athenas condemnavam os ociosos com pena de morte; o imperador Valonte com a perda da liberdade.

Sallustio aconselhou como primeira necessidade do governo buscar em que occupar os homens.

Cicero affirmava que durou a gloria de Roma em quanto se observavam as leis contra a ociosidade.

Marco Antonio mandava que todos os homens trouxessem sobre si um signal da profissão que tinham; e quem o não trazia era condemnado a servir as obras publicas.

Nações houve entre as quaes se não dava de cear aos moços que não mostrassem o trabalho em que haviam occupado aquelle dia.

Entre os egypcios houve uma lei que obrigava a cada um dos homens a mostrar aos magistrados de que vivera e em que se occupara aquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos a ser tão approvado este modo de governo que Philippe II condemnou os ociosos ás galés.

Os chins não consentem um só ocioso, e buscam occupação até para aquelles homens a quem as en-

fermidades podem isentar ligitamente do trabalho porque os que não teem mãos trabalham com os pés e os que não teem pés trabalham com as mãos; até os cegos trabalham, e aos sete annos de edade já procuram aproveitar o trabalho das creanças.

Em Amsterdam são suspeitam como deshonestas as mulheres ociosas de qualquer qualidade que sejam.

POESIA E ETHNOGRAPHIA

(*Continuado do* n.º 3)

II

Não é a tradição oral a unica fonte de inspiração do nosso poeta; tambem o é a tradição litteraria. Por exemplo, a pag. 59, diz o sr. Oliveira:

> És como aquella ave de plumagem
> Brilhante como o sol, que em breve canto
> (Pois breve pareceu!) de entre a ramagem
>
> Trezentos annos entreteve um santo,
> Que voltando, de ouvi la, ao seu convento,
> Tudo achava mudado por encanto...

Estes versos exprimem uma anecdota que o Padre Manoel Bernardes (sec. XVII) expôs no *Pão partido em pequeninos* [1], e que, como me parece, constitue uma variante da lenda dos *sete dormentes* de Epheso, que ascende não só á idade-média occidental [2] e oriental [3], mas á antiguidade classica [4],—lenda que é muito conhecida [5].

---

[1] A pag. 6 (t. I) da ed. de 1757. Esta variante vem reproduzida nos *Varios tratados* do mesmo A., Lisboa 1737, t. II, p. 4–5, e, com leves differenças, nos *Sermões*, II (1762), 241. — Quanto ás fontes de que se serviu, diz o oratoriano no *Pão partido* e nos *Varios tratados* apenas o seguinte: «hum exemplo que trazem graves authores»; nos *Sermões* cita: *Speculum exemplorum*, Francisco Costero, e *Alap.*, fazendo porém as citações de tal modo, que não posso de pronto verificá-las,— ainda que supponho que o primeiro livro é o *Magnum speculum exemplorum*, de que falla mais adeante; *Francisco Costero* creio ser Francisco Coster, theologo belga, tambem conhecido pelo nome de *Malleus haereticorum* († 1619); *Alap.* deve ser Cornelio *a Lapide* (= van Steen), outro theologo belga († 1637), auctor de extensos commentarios da Biblia, que tiveram muita voga no sec. XVII. — A anecdota contada por Bernardes vem reproduzida numa das *Selectas* escholares de Caldas Aulete; foi talvez lá que o sr. Oliveira se inspirou.

[2] Vid. Chardry's *Set dormanz*, public. por J. Koch, Heilbronn 1879 (*Altfranzösische Bibliothek*). Chardry ou Chardri: poeta anglo-normando do sec. XIII.

[3] Cfr. J. Guidi, *Testi orientali inediti sopra i sette dormienti di Efeso* (nas *Memor. della R. Acad. dei Lincei*, Roma 1884, p. 343: cl. sc. mor.)

[4] Somno de Epimenides, que se tornou proverbial (*ultra Epimenidem dormis*). Epimenides: poeta cretense do sec. VI A. C. Segundo Plinio, *Nat. Hist.*, VII. 175, Epimenides esteve a dormir numa caverna 57 annos. De Vit, *Onomasticon totius latinitatis*, s. v. «Epimenides», cita a este proposito toda a bibliographia antiga.

[5] Como o sr. Oliveira não se baseia propriamente na lenda, mas numa anecdota que julgo, segundo disse, ser variante d'ella, não tenho de entrar aqui em desenvolvimentos, e por isso remetto o leitor curioso para a obra de Koch, intitulada *Die Siebenschläferlegende*, 1883. — Na lenda propriamente dita se inspirou o sr. Eugenio de Castro para escrever o seu conto *Os sete dormentes*, Lisboa 1895 (Brinde aos assignantes do *Diario de Noticias*, 21.º anno, p. 3 sgg.). Em português, já antes, ella tinha sido tratada mysticamente no *Flos sanctorum* de Fr. Diogo do Rosario, a pag. 263 sgg. da ed. de 1767, conforme o texto de S. Gregorio Turonense e outros.

O facto ethnographico, porém, mais importante para mim no livro do sr. Oliveira,—pois principalmente por causa d'elle escrevo este artigo—, é o que se acha mencionado a pag. 49-56. O poeta, para se consolar da desventura e desamor que, da parte d'aquella a quem consagra intimos canticos, tem sempre encontrado no seu caminho de paixão, diz que vae procurar viver na grande esperança de ainda um dia, por sentença do destino, symbolizado em Deus, colhêr alegrias; e conta *ad hoc* a seguinte historia:

Era uma vez um ermitão que vivia numa serra. Começando a duvidar da justiça divina, que concede na terra felicidades aos maus e atormenta os bons, appareceu-lhe um anjo em figura de mancebo, o qual o convidou a segui-lo. Partiram ambos, e chegaram a uma casa em que vivia um homem pobre, mas virtuoso, que com grande primor os recebeu e tratou, e lhes deu vinho numa taça de oiro, unica riqueza que possuia; foi o anjo, e furtou lhe a taça. Andaram outro dia, e foram bater á porta de um palacio, onde lhes puseram por ceia apenas pão e agua, e por cama o sobrado nu; o anjo, em recompensa, offereceu a taça ao dono do palacio. No terceiro dia hospedaram-se em casa de um bom homem que os tratou bem e os mandou acompanhados por um criado para lhes ensinar o caminho; ao passarem a barca, num rio, o anjo afogou o criado. Por fim dormiram numa casa onde tambem os acolheram com affecto; nessa casa havia uma criança de berço, e o anjo matou-a de noite, ás escondidas, fugindo depois com o ermitão. Este, suppondo que o seu companheiro era o proprio demonio, começou a exorcismá-lo, mas o anjo disse-lhe: «Não sou quem tu cuidas. Só quis mostrar-te os juizos de Deus: roubei a taça ao pobre, para que elle se não prendesse com as coisas mundanas, e só voltasse os olhos para Deus; presenteei com ella o avarento, porque este ha de ser condemnado ás penas eternas,—e era pois justo que recebesse em vida uma recompensa por nos ter acolhido, bem ou mal; afoguei o criado, porque elle estava para assassinar o patrão; matei o menino, porque, sendo d'antes o pae d'elle muito caritativo, se havia tornado mezquinho agora para os necessitados». Tendo assim fallado, o anjo desappareceu, e o anachoreta ficou instruido com esta lição sobrenatural.

Quem houver lido o artigo do sr. Gaston Paris, *L'ange et l'ermite*, publicado no vol. 1.º de *La poésie au moyen âge*, Paris 1899, p. 151 sqq., e composto naquella primorosa linguagem que é um segredo do illustre professor do Collegio de França, e que conserva o mesmo esplendor, quer quando elle escreve, quer quando elle falla, vê immediatamente que o sr. Correia d'Oliveira, para a elaboração dos seus lindos versos, se serviu d'um thema tradicional e antigo, já muitas vezes aproveitado na litteratura; elle mesmo o dá a entender:

> E tiro esp'ranças e energias (eu!)
> D'esta historia que li num livro antigo,
> Onde me juram que ella aconteceu.

Como me occupo, entre outros assumtos, do estudo dos contos e lendas, e de tudo o que tem relação com as tradições, despertaram-me estes versos a curiosidade de saber onde iria o poeta buscar a historia que nos relata, e de seguir o fio d'ella até á origem.

No citado estudo, o sr. Gaston Paris parte do

conto de Voltaire, *Zadig ou o Destino*, onde, no cap. xx, vem a lenda de que estou fallando, — e, de referencia em referencia (Parnell, Percy Herbert, H. More, Antoinette Bourignon, Luthero), chega até á idade-media, em que encontra a lenda na *Scala celi* de Jean le Jeune, sec. xiv, nos *Gesta Romanorum*, sec. xiii, num conto em verso que se suppõe pertencer ao reinado de S. Luis (seculo xiii), e em Jacques de Vitri, arcebispo de Tiro, fallecido em 1240; depois determina as fontes das versões medievaes, a qual fixa numa narrativa que anda annexa ás *Vidas* dos padres anachoretas ou monges do deserto, narrativa que por sua vez se relaciona com lendas orientaes, chegando o auctor por fim a attribuir-lhe origem judaica, pois: «Elle répond merveilleusement à la préoccupation constante et passionée d'Israël: comment concilier la justice de Dieu avec la façon dont les choses se passent dans le monde? Dieu a dit: Je récompenserai le juste, je punirai l'impie; et cependant nous voyons chaque jour l'impie vivre heureux et prospère, le juste souffrir tous les malheurs. Ce problème poignant, la pensée juive a essayé de le résoudre.» (pag. 172).

O sr. Correia de Oliveira não conheceu nenhum d'estes textos, nem mesmo sahiu da litteratura portuguesa para encontrar a lenda. Mais interesse tem por isso os seus versos.

O titulo *Allivio de tristes*, que o nosso poeta deu ao seu volume, é, como se sabe, o de uma obra do sec. xvii, *Allivio de tristes e consolação de queixosos*, do P.e Matheus Ribeiro, cujo 1.º volume se publicou em Lisboa em 1672. D'essa obra ha varias edições. Ora, se o sr. Correia de Oliveira colheu ahi o titulo dos versos, e vária inspiração, como consta das tres citações que faz no principio do livrinho, colheu tambem a lenda ou historia que com tamanho sentimento poetizou. Ella lá se encontra a pag. 36 sqq. do vol. 1.º, da edição de 1764. Para não alongar este artigo não a transcrevo, mas o assunto é o mesmo: só onde o P.e Matheus diz que o criado do hospedeiro do 3.º dia foi lançado de uma ponte abaixo pelo anjo, o sr. Oliveira, certamente por conveniencia metrica, diz que elle foi lançado da barca ao rio, episodio que occorria naturalmente, por isso que um rio se póde atravessar em ponte ou em barca. Por curiosa coincidencia, tambem numa das versões estudadas pelo sr. G. Paris apparece o episodio de uma barca, porém com desfecho diverso.

Determinada a origem immediata da lenda exposta no livro do sr. Oliveira, falta determinar a fonte em que bebeu o P.e Matheus. Aqui é muito facil a determinação, porque elle faz na margem do capitulo a citação seguinte: *Magnum speculum, s. v. «iudicium Dei»*. O *Magnum speculum exemplorum* é uma obra mystica, o auctor da qual se julga que viveu no sec. xv; tenho presente uma edição de 1618, e ahi a pag. 495, exemplo xi, encontro exactamente, no essencial, o conto moral do P.e Matheus; eis o titulo do capitulo: *Angelus apparens in specie hominis cuidam Eremitae, spiritus blasphemiae tentato, patefecit occulta Dei iudicia*. O P.e Matheus só teve o trabalho de traduzir e amplificar. O *Magnum speculum* diz que o referido exemplo xi foi extrahido de Jacobus de Vitriaco. Este *Jacobus de Vitriaco* não é outro senão Jacques de Vitri ou Vitry, que acima citei.

Assim está completamente reatado o fio da lenda, e juntam-se mais uns elementos ao magnifico estudo do sr. G. Paris.

Os versos do sr. Corrêa de Oliveira relacionam-se pois com uma extensa serie de obras em que uma idéa antiga revestiu fórmas variadas, em poemas, em romances, em discursos moraes, nenhuma porém talvez tão bella como a que lhe deu o poeta português, que, seguindo apenas os impulsos do coração, transportou, sem o saber, para as verdes ribeiras do seu patrio Vouga, que (vid. p. 40)

> Vae sob os amieiros, brandamente,
> Chorando de mansinho entre os penedos,
> Como quem tem saudades, anda ausente...

uma lenda nascida entre os seccos areaes dos desertos da Asia!

Lisboa, 13-III-902.

J. Leite de Vasconcellos.

FRAGMENTOS D'UM LIVRO

A mulher intelligente tem em sua conversação, em suas maneiras, em suas attitudes, a graça; e a graça é mais bella do que a belleza, por ser mais duradoira. A graça desafia o poder destruidor do tempo.

—

O maior tormento que póde soffrer um espirito culto é ver-se obrigado a conversar com gente frivola.

—

Ha quem não saiba falar senão de si mesmo; isto é um vicio tão frequente...

—

E' de mau effeito a insistencia em manter uma opinião principalmente tratando-se de coisas frivolas. Diz um autor francez que só Deus é infalivel e só os imbecis pretendem sêl-o; assim como os homens de talento duvidam de si mesmos os nescios de nada duvidam.

—

Conversando, é indispensavel uma de duas coisas: ou prestar uma grande attenção ou simular que se presta, o que tem grandes inconvenientes se a conversação tem logar com pessoas cultas; pódem commetter-se muitos disparates. Em geral a distração só é desculpavel e mesmo indispensavel n'umas conversações enervantes com que o vulgo nos tyranisa, sobretudo, tratando se de charlatões.

Entre pessoas instruidas e intelligentes, e sobretudo discretas, a distração é uma falta imperdoavel, uma impertinencia que revela desconhecimento das regras da boa educação.

Mas mais impertinencia que a distracção é interromper a pessoa com que se conversa... As interrupções põem em relevo a falta de consideração do que interrompe, a sua absoluta ignorancia da urbanidade e a maior grosseria. Nem sequer póde justificar a interrupção com o pretexto de ajudar a memoria do que fala, dando-lhe uma phrase que elle não encontra. E que dizer dos que cortam a palavra ao seu interlocutor para concluir uma communicação por elle começada?

Impõe a sociedade muitos sacrificios. Quantas

vezes temos vontade de dar por finda uma conversação apenas começada?!

Todavia as regras de boa educação mandam soffrer com paciencia as frivolidades que se escutam. Mostrar impaciencia, tirar uma carta da algibeira, puchar pelo relogio, bocejar, são grosserias que na boa sociedade não podem permittir-se. Affectar superioridade falando mais alto ou na escolha dos termos da linguagem, falar, pela vaidade de mostrar um talento culto, de coisas que não estejam ao alcance dos que escutam, é o cumulo do pedantismo.

Muita intelligencia e um grande tacto são necessarios para dirigir uma conversação.

Em geral, a conversação que agrada a uns, aborrece a outros. Os que exercem uma profissão só sabem falar do seu officio o que é insupportavel para os que consagram a sua activida a outro modo de vida. Para que a conversação seja amena é perciso não especialisar.

CONCÉPCION GIMENO DE *FLAQUER*.

(Do seu livro *En el Salon y en el Tocador*).

ADAGIOS SELECTOS PORTUGUESES

moralisados em um soneto a cada adagio

POR

Miguel do Couto Guerreiro[1]

A agoa salobra na terra sêcca — he doce

Moralidade

Tendo o rico fazenda, que lhe sobre,
O pobre não lhe cede no thesoiro;
Que na casa do pobre o cobre é oiro,
E na casa do rico o oiro é cobre.

A cadeira de coiro em casa nobre
Serviria de afronta, e de desdoiro;
Na do pobre a cadeira, que he de coiro,
Em damasco parece que se encobre.

No pobre a çaragoça he um veludo;
Faz vestidos de trapos que melhóra;
O rico n'esta parte é muito rudo:

Qual d'ellas vale mais, pergunto agora,
Se a pobreza, que faz melhorar tudo,
Se a riqueza que tudo deteriora?

Vol. I Cent. I, soneto 12.º

Comei mangas aqui
Que a vós honram, e não a mim

Moralidade

O que tal proferio, era entendido,
Porque deo a entender que distinguia
O fazerem a elle cortesia,
Ou fazella a dinheiro, ou a vestido.

Se fosse a elle o obsequio dirigido,
Sua correspondencia merecia;
Se a dinheiro, ou a fato que trazia,
Esse que se mostrasse agradecido.

Cortezia a vestido se conhece
Que he tolice; e por isso se rejeita;
Cortesia a dinheiro he interesse.

Nem toda a cortesia seja acceita;
Antes ha cortezia, que merece,
Em vez de cortesia, uma desfeita.

Vol. II–V.-27.

[1] Miguel do Couto Guerreiro, era um escriptor e medico distincto que viveu no seculo XVIII. Estes conceituosos sonetos foram extrahidos, dos seus *Adagios selectos*, manuscripto importantissimo que pertence ao sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro que prometteu empresta-lo para se imprimir; que certamente se fará em breve.

Damos esta noticia com o alvoroço de quem traz uma bôa nova ás lettras portuguesas, que embora ricas não o são tanto que possam perder joias de tal quilate.

O sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro facultando o manuscripto cumpre um dever de são patriotismo, por quanto a obra dos artistas, como a dos sabios, como a de todos emfim que estão sob a mesma bandeira não pertence a um individuo nem a uma corporação, nem ao proprio que a faz, pertence á Patria. E' por isso que nos congratulamos de que o manuscripto cahisse em mãos de quem o sabe utilisar a bem de nós todos e não esteja a estas horas n'alguma bibliotheca ou muzeu de Londres...

N. DA D.

PENSAMENTOS E OPINIÕES

Dê-se á mulher a educação civica para que ella possa exercer logo em familia a sua influencia benefica.

Estou convencido de que, deante da esposa, e talvez ainda mais das filhas, quando educadas patrioticamente, ninguem se atreveria a apparecer depois de uma má acção na sua vida publica.

Como ha de a mulher educar os filhos no civismo se o não pratica?

DR. BERNARDINO MACHADO.

Aos homens compete a lucta, ás mulheres o incitamento.

As mulheres de Sparta diziam aos maridos e aos filhos que partiam para defender a patria: *Volta com o teu escudo ou em cima d'elle.*

Na ultima revolução da Polonia, as mulheres do Varsovia impelliam os maridos e os filhos para que se fossem incorporar no exercito libertador. Foram vencidos os polacos; mas na historia, ao lado da injustiça dos vencedores, passa a gloria dos vencidos,

AUGUSTO FUSCHINI.

Os edificios historicos fazem hoje a riqueza e o orgulho das cidades que os possuem.

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES.

As coisas mais futeis, aproveitadas com intelligencia podem ser um factor importante na educação dos povos.

ANN MOORE.

E' difficil a vida do artista e tem muito que luctar quem quizer fazer no mundo uma obra bem acabada.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

A partir d'este numero deixa de fazer parte d'esta redacção a directora — Anna de Castro Osorio.

A vida das crianças

Não hesitamos em aconselhar aos paes de crianças fracas, enfezadas e lymphaticas que lhe façam interromper os estudos desde que apertem os calores de julho.

Então, as crianças pouco podem fazer em classe e muito aproveitarão com uma estada á beira mar.

. . . . . .

A escola Alsaciana, á qual se devem tão uteis inovações, fixou as ferias em 14 de julho, exemplo que se deve imitar. Professores, paes e crianças devem applaudir esta medida liberal, que não prejudica em coisa alguma o estudo.

Dr. Galtier-Boissière.

CANCIONEIRO POPULAR

Raparigas, cantae todas,
Que inda aqui não ha tristeza:
Inda aqui não ha quem tenha
Sua liberdade presa.

Tenho renda que me rende,
Já não quero trabalhar:
Tenho navios no porto
Com janellas para o mar.

Ninguem descubra o seu peito,
Por maior que seja a dôr:
Quem o seu peito descobre
A si mesmo é traidor.

REGISTRO

Criticas e commentarios

Pro Garrett — representação em demanda da trasladação dos restos mortaes do insigne português para o Pantheon nacional — por Joaquim de Araujo. Impresso em Genova no dia do anniversario da morte de Camões, na typographia dos surdos-mudos, 1902.

Temos em nosso poder um dos seis exemplares em papel de linho que nos foi offerecido, não pelos nossos meritos mas por extremos de delicadeza do seu auctor.

Agradecemos a amabilidade do nosso amigo, mas, ainda que ella nos não fosse feita, a nossa critica seria a mesma, desassombrada e livre como nos orgulhamos de a fazer sempre.

E', pois, um folheto de 16 paginas em que o sr Joaquim de Araujo publica a representação que escreveu para ser assignada pelos habitantes de Penafiel e apresentada ás camaras a requerer a trasladação de Garrett para os Jeronymos.

Cabe ao nosso amigo — que merecia, ainda que outros meritos não tivesse, a consideração de todos os sinceros patriotas, por ser o ardente propugnador de esta justa campanha — a honra de ser o primeiro a redigir uma representação que mostrasse ás camaras a vontade unanime do país culto para que Garrett tenha a sua justa consagração no Pantheon nacional.

A seguir vem a relação das terras que apresentaram o mesmo requerimento, as que tiveram representações diversas e os seus respectivos auctores, os nomes dos *combatentes*, emfim, de este pleito que parece estar vencido, visto que o governo decretou a trasladação de Garrett, mas que o não está com as honras de victoria para nós... nem para Garrett — digamo-lo.

O folheto do sr. Joaquim de Araujo é um como catalogo indispensavel a quem quizer comprehender o trabalho de propaganda infatigavel e de boa vontade, que foi preciso ter, e que elle teve como ninguem, accrescendo o estar longe de Portugal, para se conseguir que as representações chegassem ás côrtes em duas legislaturas consecutivas.

Estava no ânimo de todos que: — o escriptor português, que mais e melhor representou o genio nacional, devia repousar no monumento, que marca o nosso passado de gloria, ao lado do seu contemporaneo, o grande historiador, o eruditissimo escriptor, o caracter impoluto, o homem venerado que foi Alexandre Herculano.

Mas... ninguem se mexia. De quando em vez uma voz perdida na imprensa clamava, e tudo voltava a cahir no grande silencio tumular que se tem no nosso pais por tudo que cheira a justiça.

Está emfim decretada a trasladação de Garrett para os Jeronymos e as congratulações tem fervido. Nós tambem nos congratulamos, mas com as restricções que póde fazer um réo que vae a julgamento em que devia sahir illibado e sae... perdoado.

Está nos a parecer que se não fosse a deferencia do chefe do governo para com o sr. conde de Valenças, digno presidente da «Sociedade Almeida Garrett», o decreto não se fazia.

Isto por um lado; que pelo outro a nossa mágua é ainda maior por vêr que as camaras, principalmente a dos deputados, que devia ser a dos representantes da nação, não mettem prego nem estopa no caso! A esta é que competia *decretar*, para que a homenagem fosse, ou parecesse, nacional.

Mais, que a trasladação se faria sem o auxilio pecuniario dos poderes publicos.

D'este modo, a propria consagração official, do governo, fica, da mesma maneira, por fazer. Reduz-se á auctorisação do senhorio que empresta a sua propriedade para uma festa a que dará a honra de assistir. Emquanto a despesas... os governos não são para apreciar homens de lettras nem para curar de taes bagatellas d'arte.

Nós, que nos deliciamos a lêr Garrett, que façamos a festa...

E' ridiculo, mas é assim. As economias em Portugal só chegam quando se trata de honrar um genial artista, de abrir um museu ou comprar para elle qualquer preciosidade artistica ou historica, quando se trata de melhoramentos ou fundação de escolas e hospitaes, ou quando se trata de conservar os monumentos que são os padrões dos países civilisados.

Em definitivo: nem manifestação propriamente nacional, nem preito official dos poderes publicos. Apenas a homenagem de uma sociedade particular, embora muito respeitavel, com licença do governo para fazer o que elle não tem força de realisar.

No entanto, já que temos a licença do chefe policial — que neste caso é decreto — que nos deixa *passar para diante*, levemos até ao fim o nosso emprehendimento enthusiastico de collocar Garrett no seu throno... mais tarde cuidarão que foi para lá levado n'uma apotheose de patria reconhecida...

Poetas, jornalistas, dramaturgos, oradores, romancistas, politicos, tudo o que elle foi, e tão nobremente; mulheres que o leram e que elle cantou divinamente, corramos todos a tornar nacional essa homenagem — que nos deixam fazer...

A. C. O.

ERRATA

A balada ou poemeto em prosa que publicámos com tanto agrado no n.º 5 da nossa revista, sob o titulo — *Depois da morte* — é firmado pelas iniciaes A. S. T. M e não A. V. T. M. como por engano sahiu. Ao seu auctor a nossa desculpa.

Numero 8 — Lisboa, 1 de Setembro de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

Concépcion Gimeno de Flaquer

E' esta gloriosa escriptora hespanhola uma das figuras femeninas mais sympathicas na moderna geração litteraria.

A sua gloria nas lettras pode-se registar como um dos mais valorosos documentos da capacidade feminina e como um dos maiores triumphos alcançados em prol da progressão do ideal contemporaneo.

A sua obra que é vasta e preciosissima, revela alem de fundos conhecimentos litterarios e scientificos e de estudos investigadores em todos os meios sociaes um incomparavel espirito critico e observador que a sua penna rutilante despede como raios doirados d'um sol moribundo ao desapparecerem no occaso n'uma tarde de luz e de amor...

E' á causa femenina a que ella tem mais febrilmente consagrado o seu tempo e a sua prodigiosa intelligencia. E de tal forma tem emprehendido esta sympathica e altruista missão que, tornando-se a mais eximia e laureada apostola d'esta causa a tem em Hespanha evolucionado e imposto aos espiritos mais intransigentes.

As suas conferencias sobre a mulher, admiravelmente discutidas nos annos de 1890, 1892 e 1893, conquistaram uma ovação tão brilhante e collossal que ellas seriam só por si titulos evidentes para attestar e fazer respeitado o esclarecido talento de Gimeno Flaquer e sobreleval-a entre as mais legitimas glorias das lettras contemporaneas.

As obras que escreveu intituladas *Evangelios de la mujer*, *La mujer intelectual*, *En el salon y en el tocador*, *madres de hombres célebres*. *Mujeres*. *Vidas paralelas* e muitas produzidas por uma infatigavel e assombrosa perseverancia e cuja ennumeração rigorosa seria difficil, são confirmações da sua delicada e cordealissima inclinação pelos difficeis problemas da psychologia femenina e em que se tem debatido o cerebro do homem n'uma actividade de tantos annos.

As mais leves veleidades do espirito femenino, as suas phantasias mais secretas e as suas fraquezas mais peculiares não escapam á penna analysta da illustre escriptora que tudo põe em relevo na sua caracteristica e fina raça d'espirito.

Victor Hugo, o eminente homem do seculo da luz e do progresso, que avassallou todo o mundo civilisado, dá-lhe em epistolas vibrantes de eloquente e enthusiastica admiração um alto e indiscutivel testemunho do apreço em que tinha a sua grande individualidade litteraria.

CONCÉPCION GIMENO DE FLAQUER

Como jornalista o seu valor é incontestavel. *La illustracion de la mujer*, *La cultura femenina*, revistas que ella superiormente dirigia, mereceram os mais calorosos applausos do mais selecto meio litterario e scientifico.

Actualmente é directora da magnifica revista *El album Ibero Americano* que, com toda a justiça, se pode considerar a par das melhores que se publicam no mundo jornalistico.

A sympathica escriptora nos seus trabalhos não tem esquecido o nosso paiz e a elle faz sempre referencias muito lisongeiras.

No seu recente livro — *La mujer intelectual* — fala de todas as nossas escriptoras especialisando a grande romancista D. Claudia de Campos e a distincta poetisa D. Alice Moderno cujas obras analysa com profunda admiração.

Os dotes tão brilhantes com que intellectualmente Concépcion Gimeno de Flaquer é ornada são alliados a uma excepcional formosura. Perante o explendor d'ella sentimo nos inclinados a reputar como admissiveis os theorias phenologicas apresentadas por Camper, pois que, os seus encantos physicos se harmonisam com o seu talento tão privilegiadamente culto.

A alta sociedade madrilena tem por ella grande sympathia e professa-lhe uma devotada admiração, franqueando-lhe respeitosamente os seus salões.

Na humilde homenagem que hoje lhe rendemos inserindo na galeria da nossa revista o seu retrato acompanhado d'estas pallidas notas esboçadas á pressa, procuramos simplesmente cumprir um dos nossos fitos, o de evidenciar e impôr notabilidades femeninas e testemunharmos publicamente o fervoroso culto que temos por uma das mais bellas glorias da causa femenista.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

PHASES

Elle tinha ao fital-a uma ancia concentrada,
Um vulcanico ardor.
Ella sorria ao vêl-o, ainda immaculada
Qual uma branca flôr.

Mais tarde, elle manchava epistolas da amante,
Nas bancas dos cafés,
E ella triste, perdida, exhausta, soluçante,
Rojava-se-lhe aos pés!

ALICE MODERNO.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

SONNET CÉLÈBRE

Mas vie a son secret, mon âme a son mystére;
Un amour éternel en un moment conçu:
Le mal est sans espoir; aussi j'ai du le taire
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas, j'aurais passé prés d'elle inaperçu
Toujours à ses côtés et pourtant solitaire,
Et j'aurai, jusqu'au bont, fait mon temps sur la terre
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,
Elle ira son chemin, distraite, et sans entendre
Ce murmure d'amour elevé sous ses pas,

A' l'austére devoir pieusement fidéle,
Elle dira, lisant ses vers tout remplis d'elle:
«Quelle est donc cette femme?» et ne comprendra pas.

FÉLIX ARVERS.

OS NOSSOS BONS AMIGOS

O lobo e a ovelha

(DE ESOPO)

Era uma vez um lobo, que era muito malvado e traiçoeiro. O lobo tinha-se mettido com os cães de um rebanho, mas os cães tinham-lhe dado uma grande tareia, e o desgraçado nem sequer se tinha já nas pernas, por que alem de ferido estava a cahir de fome!

N'isto passa uma ovelha, e o lobo diz-lhe assim a vêr se a enganava:

— O' ovelha! vaes-me áquelle rio buscar agua? Não te peço senão agua, porque a comida tenho-a eu certa.

A ovelha percebeu muito bem a *esperteza* do lobo, e disse-lhe assim:

— Bem sei! A comida era eu, se me chegasse a ti para te dar agua. Pois passa por lá muito bem, e se tens sêde vae tu ao rio!

O burro selvagem

(DE ESOPO)

Era uma vez um burro selvagem, que passou por um burro domestico que estava ao sol e que de gordo que era até reluzia!

— O' burro, parabens! Tu sempre estás mutio gordo! E então todo regalado com esse solsinho, e ahi assim muito descançado, — emquanto eu estou n'esta miseria!

Diz-lhe o outro muito orgulhoso:

— P'ra que saibas!

... Mas vae d'ahi, topou-o outra vez no meio d'um caminho, debaixo d'uma grande carga, e um almocreve á paulada a elle para o fazer andar!

Diz-lhe logo o burro selvagem:

— Pois amigo! o dito por não dito! Por semelhante preço, arrenego eu de tal felicidade!

O burro e as rãs

(DE ESOPO)

Era uma vez um burro, que ia carregado de lenha por um caminho. Em certo sitio — catapruz! — cahiu n'um charco, e por mais que fizesse não se levantava!

Chorava então muito o pobre do jumento:

— Ai, ai, quem me acode! Ai, ai, que eu morro aqui!

Quando lhe dizem as rãs do fundo do charco:

— Que grande lamuria, ó fracalhão! Inda agora cahiste e gritas assim! Que faria se te acontecesse como a nós, que estamos aqui ha tanto tempo!

TRINDADE COELHO.

MAMÃ...

(INÉDITO)

Tem 15 mezes *Bébé*; mas não creiam que elle seja um inconsciente ou um vulgar. Pelo contrario; — *Bébé* pensa, raciocina, deduz. Na sua cabeça pequenina ha um mundo de idéas palpitantes que se lhe reflectem nos lindos olhos, muito negros, muito vivos, franjados de longas destanas setinosas e recurvas.

A bocca em arco de flecha contrae-se por vezes n'um rictus severo; e então, a sua physionomia irradiante assume a gravidade d'um pensador.

Começa a falar apenas. A sua vontade manifesta-se já em phrases curtas e precisas. Não tem choros piegas se o contrariam; mas bate as mãosinhas n'uma grande revolta de impaciencia, soltando monosyllabos destacados.

Com grande pesar seu, mamã resolve desmamál-o. Evidentemente *Bébé* está um homemsinho, que deverá de ser no futuro um grande homem... — ella presente-o — e convém preparal-o desde já para as luctas e tempestades da vida.

De resto, *Bébé* come desenfastiadamente, sem attender á qualidade. Um bocado de pão duro agrada-lhe tanto como as mais finas iguarias. E' ao mesmo tempo um violento e um estoico. Irritavel por temperamento, por natureza moderado.

Esperava-se um grande desgosto quando o desmamaram; *Bébé*, porém, portou-se á altura. Aquella guloseima da maminha, afinal, começava a enfastiá-l'o Não lhe sentia a falta, isso não... comtudo, nos olhos espelhantes reflectiam-se lhe mudas interrogações.

— ... Porque lhe fugira Ella — a Melodiosa, a Querida, a Incomparavel?

Tinha saudades d'Ella, dos seus beijos tão subtis, da sua voz tão meiga, do seu riso tão doce... A' noite, quando acordava, a saudade recrudescia.

E não podia então conter-se sem chorar. Acudia-lhe uma reminiscencia vaga, indefinida, das canções que Ella suspirava para o adormecer.

Eram versos tristes, n'uma toada plangente, que morria a suspirar. Versos d'Ella, que *Bébé* ainda não comprehendia, mas que lhe davam extasis, cantados assim, de manso, no ciciar da suprema ternura.

Involuntariamente calava-se, para escutar melhor a longiqua melodia. E a vózita logo seguia-a, tremolando as notas pequeninas d'um cantico apenas sonhado...

De dia procurava-a com o olhar.

— ... Onde estava? porque fugira? Ah! se elle podesse dizer o que sentia! se elle se soubesse explicar!...

Imaginavam que *Bébé* chorava muito se a visse, e por isso o traziam desterrado.

— ... Chorar! porquê?! Elle já não se lembrava d'aquella semsaboria da maminha... Esquecera-a completamente.

Experimentaram-n'o ao cabo de tres dias. Ella appareceu-lhe de repente, muito séria, — uma seriedade contrafeita a ver se *Bébe* se recordava.

Illuminou-se-lhe o olhar no clarão suavidade de uma aurora. Estendeu-lhe os bracitos, alvoraçadamente, e pôz-se a rir e a gritar:

— ... Mamã...!

MARIA VELLEDA.

A D. Mariquinhas Bustorf da Silva[1]

(INÉDITO)

Á mais linda das Marias, cá da terra

Fiquei *maluquinho* — lendo
as suas cáras rabiscas!...
Quér falando, ou escrevendo,
sua alma espálha faiscas.

Dos seus olhos seductores
a luz só témem corûjas.
Eu amo-os. — Cheiram a flores
suas lindas garatûjas.

Não tema ser importuna!...
Se há nos seus olhos grilhões
ha sempre elegancia summa
na graça dos seus borrões.

Post-Scriptum

Não preguei olho. — Seu canto
trina em mim, qual cotovia.
Meu Deos! — Que suáve encanto
na ausencia da orthografia!...

GOMES LEAL.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

Notas d'um pae

A companhia d'uma mulher espiritual, artistica, modestamente graciosa de maneiras, é tão attrahente, que é só isso o que explica a acceitação que certos homens antipathicamente grosseiros veem a achar na sociedade. Ha filhas a tal ponto encantadoras, que esbatem e quasi apagam com a irradiação da sua figura as feias sombras do caracter dos paes.

As nossas meninas ricas, que fazem á musica e á pintura que aprenderam? Casam, e esquecem-nas; quando, até para educação dos filhos, deviam fazer por cultival-as. E' que as estudaram tambem só para ficarem approvadas no seu exame, para casar.

Pois, para ter certo o voto de muitos, bastava-lhes ser ricas.

A maior parte do nosso ensino não faz homens, mas faz muito egoista, muito covarde, muito perverso. E' mister pos-

[1] Estes versos foram feitos a uma gentilissima creança de quatro annos, muito graciosa e intelligente, que mandou ao auctor uns rabiscos, que elia dizia ser uma carta em que pedia ao poéta que a fosse visitar outra vez.

suir talento, sobretudo grande coração, para resistir-lhe.

Se alguem nos vem convidar para um trabalho commum, não nosdeixemos illudir pela paixão associativa. Para certa gente a associação é uma prêza, querem-na para a devorar.

O povo, apesar da sua vida de miseria, é ainda quem è briosamente capaz dos maiores sacrificios. Porquê? porque está tão habituados a elles, que nenhum lhe mette medo.

DR. BERNARDINO MACHADO.

FRAGMENTOS D'UM LIVRO

A mulher é encarregada de despertar o sentimento do bello, a inspiradora da poesia.

Existem dois generos de formusura: a que se deve á natureza e a que se adquire á força de intelligencia e arte.

A mulher muito formosa quando não possue um bom e são criterio, satisfeita com a fascinação que causa, descendo-se de adquirir bellas qualidades e perdido o explendor da sua belleza encontra-se desprovida de attractivos. Desdenhosa emquanto possue o talisman da belleza, convencida de que tôdas as homenagens que lhe tributam são poucas, nada agradece mas quando a terrivel acção do tempo cava as rugas no seu rosto, torna-se antipathica, porque nunca procurou adquirir méritos, que o tempo não consegue anniquillar.

Uma mulher intelligente é bella se o deseja ser: estuda qual o enfeite que mais a embelleza, sabe olhar e sorrir, pela cultura do seu espirito torna-se attrahente, espirituosa pelos seus ditos, põe em evidencia o seu talento sem afetações ou pedantismo, deixando no animo dos que tratam com ella uma impressão mais profunda do que essas bellezas perfeitas que merecem um pedestal mas não despertam sentimento.

Uma das mais imprescindiveis delicadezas sociaes é evitar conversações que possam offender a qualquer pessoa presente: uma pesssoa bem educada não ataca uma classe ou corporação em certa ou determinando individuo.

Se uma mulher começa uma conversação declarando ser muito franca é isto uma desculpa por detraz da qual se abriga para dizer alguma impertinencia. A franqueza é trevial nos indiscreptos. Dizer sempre a verdade todas as verdades, em qualquer occasião, e ás vezes com grande oportunidade, pode deixar de ser franqueza para ser grosseria. Uma verdade que pode causar desgostos ou ferir o amor próprio, deve calar-se.

Todavia não poderá nunca dizer-se a verdade? Ha de falar-se sempre mentindo? Não, por certo. Porèm ha verdades que agradam e verdades que molestam. Entre mentir por cortezia e dizer uma verdade que moleste deve preferir-se a primeira. Mas o verdadeiro bom senso está em evitar cuidadosamente ambas as coisas.

A educação é qualidade tão necessaria no homem que nenhuma mulher que se prese pode amar o que careça d'ella: é tão importante a educação que ás vezes supre a falta de talento na vida da sociedade.

Se não podermos ser perfeitos sejamos susceptiveis de perfeição, vivamos corrigindo-nos.

CONCÉPCION GIMENO DE FLAQUER.

(Do seu livro —*En el salon y el tocador)*

A Senhora de Brabante

Tem um leque de plumas gloriosas,
na sua mão macia e scintillante,
de anneis de pedras finas preciosas
a Senhora Duqueza de Brabante.

N'uma cadeira d'espaldar dourado,
escuta os galanteios dos barões.
— E' noite: e, sob o azul môrno e calládo,
concébem os jasmins e os corações.

Recorda o senhor Bispo acções passádas.
Fallam damas de joias e setins.
Tratam barões de festas e caçádas
á moda goda: — aos tóques dos clarins,

Mas a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
vêla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céo...

Dizem as lendas que Satan vestido
de uma armadura feita de um brilhante.
ousou fallar do seu amor florido
á Senhora Duqueza de Brabante.

Dizem que o ouviram ao luar nas agoas,
mais louro do que o sól, marmóreo, e lindo,
tirar de uma viólla estranhas mágoas,
pelas noites que os cravos veem abrindo...

Dizem mais que na seda das varetas
do seu leque ducal de mil matizes...
Satan cantára as suas tranças pretas,
— e os seus olhos mais fundos que as raizes!

Mas a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
vêla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céo...

O que é certo é que a pallida Senhora,
a transcendente Dama de Brabante,
tem um filho horroroso... e de quem córa
o pae, no escuro, passeando errante.

E' um filho horroroso e jamais visto!
Rachitico, enfézado, excepcional,
todo disforme, excentrico, malquisto,
— pellos de féra, e uivos de animal!

Paréce irmão dos cerdos ou dos ursos,
abôrto e horror da brava Natureza...
— Em vão tentam barões, com mil discursos,
desenrugor a fronte da Duqueza.

Sempre a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
vêla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
Cantando, os rouxinoes lembram o céo...

Ora o monstro morreu. — Pelas arcadas
do palacio retinem festas, hymnos.
Riem nobres, villões, pelas estradas.
O proprio páe se ri, ouvindo os sinos.

Riem-se os monges pelo claustro antigo.
Riem villões trigueiros das charrùas.
Riem-se os padres, junto ao seu jazigo.
Riem se nobres e peões nas ruas.

Riem aias, barões, erguendo os braços.
Riem nos pateos, os truões tambem.
Passeia o duque, rindo, nos terraços.
— Só chóra o monstro, em alto chôro, a mãe!...

Só, sobre o esquife do disforme morto,
chóra, sem trégoa, a misera mulher.
Chama os nomes mais ternos ao abôrto...
— Mesmo assim feio a triste mãe o quér!

Só ella chóra pelo moriol .. A mágoa
lhe arranca gritos que a ninguem mais deu.
— Ao luar, sobre os tanque chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céo...

GOMES LEAL.

RINDO...

Je ris du mal qui me dévore
Je ris sur terre et sur les flots,
Je ris toujours, je ris encore,
Avec le cœur plein de sanglots.

ROLLINAT

N'esse dia os cartazes, collados em todas as esquinas, annunciavam, com grandes letiras escarlates, o debute de mademoiselle Ophélia, — uma celebridade que a França nos enviava — com a *Périchole*.

Esse nome romantico, immortalisado por Shakspeare fôra me sempre sympathico. Ophélias no palco, tinha eu conhecido muitas; fóra d'elle, porém, nenhuma. Pelo meu espirito, predisposto a devaneios, perpassou logo uma delicada figura de mulher, vaporosa e loura como um seraphim de Klopstock, o rosto de uma belleza ideal, illuminado por dois grandes olhos azues e limpidos.

A' noite reclinado no meu *fauteuil*, esperava impacientemente que o panno subisse dominado pela inexplicavel curiosidade que me inspirava essa actriz, que eu idealisava desde pela manhã.

Ella entrou afinal em scena, e eu recebi mais uma desillusão para juntar ás outras com que a experiencia da vida me tem mimoseado...

Era absolutamente differente da Ophélia que eu sonhara e que ella deveria ser, por causa d'aquelle nome...

Não que fosse feia ou desastrada. Pelo contrario.

A mais bonita e graciosa *Périchole* que póde imaginar se, capaz de fascinar todos os vice-reis d'este mundo. Mas faltava-lhe o olhar vago e dolente, a voz apaixonada e meiga, a expressão de suave e profunda melancholia em que o poeta inglez envolvêra a sua doce heroina.

Esta era uma Ophélia buliçosa como um diabrete, animada como uma faisca, alegre como um passaro, sublinhando maliciosamente os *couplets*, e rindo, rindo sem cessar, rindo com os olhos, com a bocca, com o gesto!

Logo no primeiro acto, durante a leitura da carta em que se despede do amante, apesar de

se ver forçada a estar séria, sentia-se a alegria adejar, como uma borboleta, em torno da sua cabeça airosa e petulante. Adivinhava-se que a commoção, mal fingida, expluiria em breve n'um esfuziar de gargalhadas. Tudo n'ella ria: riam-lhe as rosas anichadas entre os seios nús, muito abertas, quasi a desfolharem-se, riam-lhe os cabellos d'um castanho dourado, agitando-se em anneis revoltos sobre a testa branca e estreita, ria-lhe no seu decote atrevido, o corpete de velludo azul, salpicado de lantejoilas, riam-lhe as notas cristallinas, lançadas doidamente no espaço, em redopiantes volatas...

Retirei-me sobre uma impressão desagradavel.

Eu sinto a irremediavel tristeza dos que duvidam de tudo, negando a felicidade e conhecendo apenas de positivo, n'este mundo todo composto de illusorias apparencias, o soffrimento e a morte, não comprehendia como uma mulher intelligente e educada podesse, mesmo durante as scenas mais patheticas, conservar sempre vontade de rir. Jurei não tornar a vêl-a Devia ser uma creatura fria e má, de um cynismo revoltante. A alma humana, porém, é tão complexa e difficil de entender nas suas dolorosas e obscuras contradições!

Jurára não voltar mais áquelle theatro, e logo na seguinte noite—arrastado por que mysteriosa força?—quebrava esse juramento e sentava-me de novo no meu *fauteuil*, na anciosa espectativa de ver subir o panno.

—Quem sabe? pensava eu, talvez tenha sido profundamente injusto na opinião que d'ella formei; é possivel ter havido, na primeira noite, uma razão justificada para semèlhante hilariedade,

Mas não.

Ophélia appareceu com a mesma alegria despreoccupada, os mesmos risos provocantes, contagiando os espectadores que a applaudiam com frenesi. E como ella lhes agradecia, curvando-se a rir, a rir, mostrando duas fileiras de dentes brancos e eguaes e a deliciosa curva dos seus seios alabastrinos!...

Não restava duvida, a minha primeira ideia fôra justa. E esta certeza arrancou-me do coração um d'esses bocadinhos de crystal, que, como disse Beyle, representam uma esperança de felicidade... Apoz o desejo de não tornar a vêl-a, veio-me o desejo de conhecel-a de perto.

Pedi uma apresentação, e comecei a frequentar assiduamente o camarim da esphynge, que me attrahia e preoccupava. Ella conversava deliciosamente, tinha phrases scintillantes de espirito, gestos d'uma graça inimitavel, mas rindo, *helas!*. rindo sempre! Sombrio, como um fervente discipulo de Shopenhauer, inhabil physiologista, miseravel psychologo, eu sahia d'alli irritado por aquella alegria, despeitado por não poder decifrar o enygma vivo, que tinha deante dos olhos.

Uma noite, aproveitando uma occasião em que nos deixaram sós, atrevi-me a perguntar-lhe que risonhas visões lhe povoavam o cerebro, para assim lhe afugentarem os pensamentos tetricos, pousando-lhe nos labios um sorriso eternamente feliz.

—A pergunta é indiscreta, e a outro qualquer recusar-me-ia a responder. Mas o senhor é um artista, um ente á parte, merece que eu abra, a seu favor, uma excepção. Vae admirar-se, quando lhe disser que tenho soffrido muito, que tenho sido extremamente desgraçada. Comtudo, essa é a verdade. Fui uma boa e honesta rapariga, amando a virtude e acreditando no bem. Perdi, muito nova, meus paes. O homem que amava, em quem depositara uma cega confiança, ouvindo-o jurar á cabeceira de minha mãe moribunda, ser o meu protector na vida, trahiu vilmente todas essas promessas, abandonando-me para casar-se com uma herdeira opulenta. Deshonrada, desamparada e pobre, não sei o que teria sido de mim, sem a protecção de uma das actrizes da *troupe* ambulante, que chegaram n'essa occasião á minha terra. A pobre mulher, conhecendo a minha desdita, prodigalisou-me todas as consolações que estavam ao seu alcance, ensinou-me a sua arte e levou-me comsigo. Como era natural, deixei-me guiar pela unica creatura, que sincera e desinteressadamente de mim se compadeceu.

—Boa e generosa amiga, é por ti, só por ti, que tenho coragem de fingir o que não sou! Foi a tua santa amizade que, fazendo me acreditar de novo em Deus que renegara, do fundo do meu desespero, me impediu de dar um desenlace tragico á minha existencia; trabalho para rodear-te de affagos e confortos, pagando-te assim a divida de gratidão, comtigo contrahida.

—Apesar de ter algum talento, continuou ella tristemente, fui, a principio. uma actriz detestavel, estragando todos os papeis que me incumbiam, com os meus ares lugubres, as minhas sentimentalidades ridiuclas, os olhos amortecidos e vermelhos á força de chorar. Comprehendi bem depressa que, por esta forma, não fazia carreira. Era forçoso occultar ao publico que me pagava, sob o falso aspecto d'uma alegria postiça, as angustias pungentes que me torturavam a alma. Afivelei então, resolutamente, a mascara que me conhece, e que retirei um instante. para lhe ser agradavel; e dizendo isto, Ophélia mostrou-me o seu formoso rosto banhado de lagrimas, ao qual a commoção imprimia um encanto divino.

Por um impulso expontaneo, curvei-me cheio de admiração perante a mulher que acabava de patentear-me a sua bella e nobre alma, mortalmente desilludida, fazendo-me ver mais uma vez que, se o prazer pode esquecer-se, a dôr não esquece nunca,

—O senhor é poeta, continuou ella depois de um longo silencio, sabe crystallisar os seus pezares e os seus jubilos em versos elegantes, caprichosamente burilados. Pois bem, eu, por um esforço supremo, transformo as lagrimas que me queimam e não choro, as dôres qae occulto e me dilaceram o coração, em sorrisos maliciosos e gargalhadas argentinas...

A campainha soou pela terceira vez, chamando os actores. Ophélia limpou os olhos e. sahiu apressadamente, ensaiando um trillo, emquanto èu, sem me importar com o espectaculo fiquei por muito tempo alli, sósinho, pensando na admiravel rapariga que sabia soffrer... *rindo!*

Claudia de Campos.

BEIJOS DE CREANÇA

Velho e triste, mal coberto por sordidos andrajos, sentado á beira da estrada, um homem pedia esmola.

Alguem passou por ali, alguem que era riquissimo, que varios creados seguiam com passamanes de brocado.

—Uma esmola! uma esmola, por caridade! Eu n'outro tempo tinha cofres cheios de moeda e de pedrarias. Agora nem um real na minha sacola. Por caridade, senhor.

E o rico enternecido, deu uma esmola ao pobre velho.

—Obrigado, opulento bemfeitor! Graças a esta moeda, pensarei na opulencia passada, daes-me com ella a illusão das riquezas que perdi.

Passou pela estrada um soldado em seu bello uniforme; seguia-o uma escolta, soprando em trombetas heroicas; tinha na mão direita um ramo de folhas de loureiro, que estremeciam gloriosamente no ar.

Um esmola! uma esmola, por caridade! Eu fui n'outro tempo um vencedor altivo, a quem as acclamações envolveram; e as fadas dos triumphos agitavam bandeiras sobre a minha fronte.

O glorioso transeunte, enternecido, deu ao pobre uma folha de loureiro.

—Obrigado, illustre guerreiro! Graças a esta folha de loureiro, sonharei com as victorias de outr'ora, daes-me com ella a illusão das batalhas esquecidas.

Passou uma namorada, de 16 annos — e que linda! — com o seu namorado. Abanando a cabeça, o mendigo disse-lhe:

—Eu fui amado n'outro tempo por lindas raparigas, louras como tu, *mignone!* e cujos labios eram tão frescos como os teus. Hoje, velho e feio, já nem me lembro do perfume do beijo que pousa nos labios como a borboleta na flôr!

Mas o velho não implorou caridade.

A namorada que passava ficou commovida.

Se o meu companheiro consente, volveu ella ao mendigo, darei á sua bocca triste a esmola de um beijo juvenil.

E o namorado com misericordia:

—Consinto, disse.

Mas o mendigo:

—Não! não! foge com teus labios, creança que passas! Uma moeda de ouro e uma folha de loureiro pódem fazer renascer a illusão das opulencias ou das victorias. Mas um beijo juvenil em labios de velho não restituem o amor. Os corações extinctos são mortos que não resuscitam. Parti! parti depressa enamoradas creanças! Que eu nem ouça sequer vossos risos e falas ternas! porque, nada mais cruel para um defunto, adormecido sobre o relvado murcho, que o arrulhar de duas pombas no cypreste da sua lousa.

Catulle Mendès.

EDUARDO COIMBRA

Impossivel? talvez; mas eu vi-te gelado,
Pallido, inerte, morto, os olhos já sem côr ..
Sorrindo, tinhas dito:—È breve o meu noivado,
Não tarda a vir a Morte, a Noiva, o meu amôr!

E chegou, finalmente, o instante desejado
Ou timido talvez, meu pobre sonhador!
O luar commovido, e triste, e macerado,
Nos ciprestes, chorava a sua immensa dôr.

Nós dissemos-te adeus! beijámos-te chorando
Um Christo glacial, os olhos alongando,
Tremia, quando ouviu fechar o teu caixão,

Ao rithmo virginal da simples elegia,
Que uma santa criança, inanimada e fria,
Entoava soluçante o nosso coração...

Joaquim de Araujo.

NOTAS DA MINHA CARTEIRA

Quantos sacrificios se não fazem á convenção mundana!

E' preciso muitas vezes mais coragem para afrontar um olhar do que uma bala, e não são heroes sómente aquelles que morrem nos campos de batalha.

*

Para que o ouro não passe do metal vilissimo, digno apenas da adoração dos impios, merecedor sempiterno do despreso dos sabios, basta não podermos com elle comprar a intelligencia, nem o talento, nem a vida de nossas mães, nem o coração da pessoa amada!

Alice Moderno.

Numero 9 — Lisboa, 15 de Setembro de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 360 réis
6 » ..... 660 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51—RUA DA GLORIA—51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

Brito Capello

Celebrar condignamente o homem illustre, de quem publicamos hoje o retrato, não é facil tarêfa, para quem é leigo em assumptos africanistas. Uma causa porem resalta á evidencia, e se impõe a emaginativa publica, depois de ter assombrado os doutos, é que a exploração emprendida fez este sabio audaz, d'uma evergadura d'aço, não ficou áquem da de Cameron, de Stanley, nem dos nossos mais audazes navegadores, nos seus antigos galeões, de vêlas paudas. Se bem que a arte nautica tenha progredido muito e por esse lado a travessia dos mares seja menos porfiosa, o que não mudaram foram as epidemias palustres: as emanações fétidas dos grandes charcos: as lutas acerrimas com os sertões e as féras: as interminaveis campanhas com o gentio inculto: as terriveis hecatombas que disimam as caravanas europeas, trucidadas de subito por um raio de sol de mais, ou um pugilo d'agua de mênos... A tragica insubmissão é que ainda não foi vencida: a vaporação miasmatica dos grandes pantanos é muito mais perfida decerto do que as dos ministros do Samorim que contrariaram o grande Vasco. Brito Capello venceu todas as feresas, todos intempérios todas as fébres, todas as difficuldades, todos os perigos... até mesmo o do profundo *desalento*, o mais insidioso de todos! Foram importantissimos os seus estudos sobre as origens dos rios Cunene, Cubango, Luando, Cuanza e Cuango. Devido a elle, e a Ivens, as duvidas geographicas desappareceram; o que era problematico ficou assente por meio de trabalhos technicos incontestaveis; tiraram-se cartas nunca emprehendidas, ou mal tracejadas: — uma nova luz pairou sobre a face da *Dirindade Negra*, desvendado do seu véo secular.

Os labores, as canceiras, os tedios, as doenças, as sêdes, emfim, tranzidas por estes dois atheletas modernos do qual Brito Capello foi sem duvida, senão o mais intemerato sómente, como tambem o de mais conselho, o de mais sciencia, e o de mais paciencia, o de mais genio, bastam a endensal-o já em vida, como nós endensamos o grande Vasco, o grande Henrique, o grande Bartholomeu Dias, e o grande Diogo Cão. A todos estes grandes factores proprios para fazerem a somma de um homem de genio, ha-os tambem — e de oiro e azul — para lhe extremarem as de um altissimo *caracter*.

Ha poucos mortaes que mereçam ser endensados em vida. Brito Capello é d'esses raros que já o são — mas dos *emêritos*.

E', pois, um ornamento scintillante da nossa armada este official cuja individualidade está indissoluvelmente cingida ás mais gloriosas paginas da historia contemporanea.

A longa lista de relevantissimos serviços que tem prestado a Portugal impõe-se ao respeito e á admiração das nações

Contra-almirante
HERMENEGILDO BRITO CAPELLO
Ajudante de Campo de S. M. El-Rei

mais cultas da Europa das quaes tem recebido orgulhosos testemunhos de indiscutivel apreço e homenagem.

E é porque feitos audaciosos como os de Brito Capello não aproveitam só ao paiz do heroe que os praticou, engrandecendo se: dilatam a orbe da civilisação hodierna e, não vivem só na historia da humanidade dando ao mundo uma licção gigantesca do poder humano.

O seu animo e valentia, a sua intelligencia prodigiosa e vastos conhecimentos scientificos evocam-nos ao espirito a estatura collossal e desmedida dos nossos ascendentes historicos, aviventando-nos a transcendente fama que ha tantos annos aureola fulgurantemente a nossa nacionalidade.

As viagens exploradoras que emprehendeu em regiões longinquas e inhospitas desprezando arrojadamonte os perigos mais temidos, soffreando o tormento physico de crudelissimas provações, luctando com os espinhos dilacerantes da amarga saudade do sol ridente da patria e da familia estremecida — seriam citações sufficientes para, sem discrepancia, o illustre official ser considerado um vulto de extraordinario valor.

Mas tão assignaladas provas de dedicação e de heroismo são ainda realçadas com a rigorosa exposição de factos que o arrojado explorador deu á publicidade sobre as suas viagens e d'onde se infere clara e logicamente a importancia monumental dos seus assombrosos feitos.

Não morrerão na historia olvidados os vultos nobres e energicos de Brito Capello e Roberto Ivens, não naufragrá a memoria d'elles no decorrer tumultuoso e accelerado dos tempos. Como os Albuquerquese os Gamas e os Colombos ella ficará indelevelmente estreitada ás nossas almas de patriotas para a transmittirmos ás gerações futuras de que será um exemplo altruista e um estimulo valoroso.

Brito Capello tem desempenhado commissões importantes, entre ellas: — Plenipotenciario junto do Sultão de Zanzibar — Delegado de Portugal no congresso anti-esclavista, em Bruxellas — Encarregado pelo Governo da construcção do cruzador D. Carlos, em Newcastle. Regressou ha pouco da Hollanda onde foi tratar da delimitação da Ilha de Timor.

E' condecorado com a Gran Cruz de S. Thiago, grande official e commendador da ordem de Aviz, Gran Cruz do Merito naval de Hespanha, medalha de bons serviços e comportamento exemplar. Commendador da Ordem de Santo Estanislau da Russia, medalha de serviços relevantes no Ultramar — Por decisão das Camaras proclamado — *Benemerito da Patria*.

El-Rei nomeou Brito Capello seu ajudante de Campo, em 1898. Já tinha desempenhado edentico logar junto do fallecido Rei D. Luiz. E' actualmente o Presidente da Commissão de Cartographia e Vice-presidente do Instituto Ultramarino de que é Presidente Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

Humilde é a homenagem que hoje rendemos ao distincto explorador. Simples, sim, mas sincera.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

ADIEU

Adieu! je crois qu'en cette vie
Je ne te reverrai jamais.
Dieu passe, il t'apelle et m'oublie,
En te perdant, je sens que je t'aimais.

Pas de pleurs, pas de plainte vaine.
Je sais respecter l'avenir.
Vienne la voile qui t'emmène,
En souriant je la verrai partir.

Tu t'en vas pleine d'espérance,
Avec orgueil tu reviendras;
Mais ceux qui vont souffrir de ton absence,
Tu ne les reconnaîtras pas.

Adieu! tu vas faire un beau rêve,
Et t'enivrer d'un plaisir dangereux,
Sur ton chemin l'étoile qui se lève
Longtemps encore éblouira tes yeux.

Un jour tu sentiras peut être
Le prix d'un coeur qui nous comprends,
Le bien qu'on trouve á le connaitre,
Et ce qu'on souffre en le perdant.

ALFRED MUSSET.

OS NOSSOS BONS AMIGOS

A formiga e a pomba
(DE ESOPO)

Era uma vez uma formiga que tinha muita sêde, e foi beber á borda de um regato. Quando estava a beber, descuidou-se e cahiu na agua; mas uma pomba que a viu cahir, atirou-lhe um raminho para a salvar, e a formiga subiu para o raminho e salvou-se.

—Obrigada!—diz-lhe a formiga muito grata.

—Não tens de quê!—responde a pomba.—Devemos ser todos uns pelos outros.

... Passado pouco tempo, a pomba ia outra vez no ar, e um caçador viu-a e apontou-lhe. Mas pontaria não era feita, a formiga picou n'um pé o caçador, e elle doeu-se da picada e não deu o tiró, e a pomba escapou d'aquella.

—Bem!—dizia então a formiga.—Agora estou satisfeita! Amor com amor se paga!

O gato e os ratos
(DE ESOPO)

Eram uma vez uns ratos muito matreiros, que todas as noites desciam do tecto de uma casa, iam á despensa e comiam tudo! Uma vez saltou n'elles um gatarrão, e fez nos ratos um grande destroço, e os que escaparam disseram assim:

—Não! Lá baixo é que nós não tornamos! Deixem nos andar cá pelo tecto, porque aquelle maldito dá cabo de nós, e elle cá cima não póde vir!

... D'ahi por deante, o gato levou noites em claro a vêr se os ratos desciam do tecto, mas elles não cahiam n'essa,—e então o gato disse comsigo:

—Espera! Dependuro-me n'um prégo e faço-me morto! Os ratos pensam que é um sacco e descem cá baixo, e eu depois papo-os a todos!

E se bem o disse melhor o fez;—mas os ratos assomam a cabeça, conhecem o gato e dizem-lhe logo:

—Olha o gato que é sacco! Espera lá que nós já descemos!...

O leão e a raposa
(DE ESOPO)

Era uma vez um leão muito velho, e que de velho que era já não ia á caça. Lembrou-lhe então fingir-se doente, e animal que o ia visitar comia-o logo, e foi assim comendo muitos!

Mas um dia uma raposa conheceu lhe a malicia, e em vez de entrar disse-lhe da porta:

—O' sr. leão, está melhorsinho?

—Não—respondeu o bicho.—Cada vez peor! Entra e descança um bocadinho, ó comadre...

Mas diz-lhe a raposa a mirar o chão:

—Nada, compadre; n'essa não caio eu! Aqui ha o rasto de muitos que entraram, mas não o vejo dos que sahiram!

TRINDADE COELHO.

NA BARRICADA

I

Não te assustes, minha Amiga;—por muito bellicoso que este titulo te pareça, afianço-te que a minha barricada é de porcelana de Sévres, e os meus projecteis pequeninos ramos de cravos vermelhos...

Não fujas de mim com terror, nem me julgues co seclaria das Sorgues, Dèraismes e quejandas. No fim de contas, a emancipação feminina ha-de ser sempre a desvairada utopia que o Homem calca desdenhosamente aos pés.

No entanto, em que dôa a todos sabios que nos pesam o cerebro e nos abysmam na gelida treva da misera ignorancia, nós temos direitos inconlestaveis, que devemos defender, mesmo na tepidez cor de rosa dos nossos elegantes *boudoirs*.

As *outras*, as *emancipadas*, como ellas pomposamente se prenominam, que falem para a galeria, na promiscuidade aviltante dos arruaceiros. Porque essa absurda liberdade, gritada aos quatro ventos do ceo por Soledad Gustavo, a ardente adversaria do casamento, parece-me a mim e deve de parecer-te a ti—ó doce amiga, que vives como uma pomba no casto remanso de teu lar,—o desatino mais immoral e a perversão mais estupenda.

—Mas—ai de nós!—esse risonho lar, que as nossas mãos afôfam em setins, estrellam em rosaceas, recortadas sobre os nossos utensilios de costura e sobre os adoraveis nadas do nosso feérico gabinete, esse risonho lar tão cheio de conforlos e de recordações, converte-se ás vezes n'um penoso ergástulo, onde a miseria espreita anciosamente.

E depois, a Mulher, a Timida, a Doente, vê-se compellida a sahir para a rua, a ser acotovellada pela villanagem e requestada malìciosamente pelo ignobil *D. Juan* de *trottoir*.

Para a Mulher que abandona o seu ninho todo molhado de lágrimas e despido de *bibelots*, abrem-se apenas dois caminhos:—o da Deshonra e o do Trabalho.

O primeiro—infelizmente!—attrahe o maior numero. E a culpa não é decerto da Mulher, ente fraco e sujeito ao despotismo retrogrado do seu natural amigo .. e senhor... Que nos pede o egoismo d'esse colosso, senão que sejamos garridas e bellas?

Por isso, logo que o nosso pé inaeostumado de bater asphalto, avança o primeiro passo na rua, eis que a turba obsequiosa do sexo poderoso nos rodeia e cumula de galanterias, impellindo-nos docemente para a estrada da perdição.

—Mulher! pobre passarito multicor! que te ha-de sempre seduzir o falso brilho de uma gaiola doirada!

E ámanhã, a que trocou o pranto que redime, pelo riso que envileee, a casta madona de um templo ideal, será levantada por mãos profanas ás culminancias ouropélicas de um throno vacillante, entre o gargalhar champagnoso da deosa Loucura, e os brilhantes cascaveis do deos Milhão...

Poucas mulheres se aventuram a tomar o segundo caminho, essa via dolorosa do Trabalho, eriçada de abrolhos e escancarada de abysmos.

Depois, se a Mulher que quer deshonrar-se, encontra milhares de braços que a levam em triumpho, a Mulher que trabalha—essa—é quasi sempre abandonada, e sobre abandonada... escarnecida!...

De resto, e no nosso paiz, se alguma de nós pretende viver com independencia, poucas hesitações lhe custa a escolha de profissão. E' um dilemma:—costureira ou mestra de meninas. As que têem dinheiro e coragem formam-se em qualquer faculdade; mas a ironia masculina não as poupa nem respeita:—«Uma doutora?! ohhh!...»

Se por necessidade nos masculinisamos, perdendo a linha feminil, a deliciosa *moue* das mulheres ociosas, trocando por um chapéo á ingleza e um commodo *watter proof* os nossos vestidos recamados de vidrilhos, espumantes de rendas, e ás nossas *toques* artisticas, *S. Ex.ª*—o Homem—dispensa-se de nos fazer a côrte, finma deante de nós sem licença previa e permitte se pequenas liberdades de linguagem, resaibando Rabelais. (Claro está que me refiro á maioria e não ao todo, porque—mercé de Deus!—ainda ha homens razoaveis, civis e dedicados...)

De sorte que não temos por onde optar. Se cosemos, somos frivolas:—desprezam-nos. Se escrevemos e defendemos os nossos ideaes, chamam-nos *bas-bleus* e *desiquilibradas:*—guerreiam-nos!

Os nossos dedos picados pela agulha ou callejados pelo attricto da caneta, hão de ser sempre o objectivo de um crudelissimo desdem.

Para lisongear o gosto do Homem e excitar-lhe a vaidade, havemos de ter mãos transparentes, olympicas, ainda que a agua de Lubin com que as perfumarmos, desça de algum incognoscivel manancial...

E' este orgulho masculino que nós não devemos supportar nem soffrer. Comprehende-se que *elles* contenham a aspiração desenfreada da *Mulher-Homem*, da revolucionaria e da iconoclasta; que despedacem a irrisoria tribuna d'onde a anarchista arenga á gentalha; mas que formem quadrado deante do trabalho honesto, que é o pão de nossas mães, o leite de nossos filhos, o caldo de nosso marido enfermo—isso não! mil vezes não!

—Temos tanto direito a entrar nas secretarias e a desempenhar cargos officiaes, como *V. Ex.as*, meus senhores! E quando fossemos para a repartição, methodicas e cuidadosas como somos, levar-vos-iamos a vantagem de... nunca faltarmos ao ponto...

Aqui ha tempo, o illustre escriptor Silva Pinto, censurava os do seu sexo por disputarem ás mulheres certas profissões a que ellas se dedicariam com mais tacto e delicadeza, voltando as a trabalhos incompativeis com a sua debilidade, e resfestelando-se, elles, em revoltantes e molles preguiças. Estão n'este caso, a meu ver, os mariquenios caixeiros, vivendo entre flores, rendas e setins, quando seria preferivel que fossem soldados, missionarios, tabelliães... Estão no mesmo caso muitos inuteis burocratas, cuja intelligencia esterilisada a uma secretária rotineira, se poderia applicar a mais altos destinos, visto que nós (curvemo-nos ante o escalpello ..) não temos capacidade cerebral para resolver complicados problemas ..

Acabe por uma vez esta servil passividade com que nos curvamos aos pés da força bruta

— nós que temos talento. nobreza e orgulho.

Esmaguemos sob o nosso tacão microscopico a cabeça de vibora da Ociosidade, que desenrola as faiscantes espiraes sobre o chão lamacento da Deshonra.

A Mulher póde e deve trabalhar. E se o Homem, no seu feroz egoismo nos repelle, fechando-nos o caminho do Trabalho, a estrada do Bem, pugnemos pelos nossos ideaes, annullemos pela penna, pelo exemplo e pela coragem, o preconceito insensato.

... As armas são de flores e de vidro a barricada...

No entanto, sobeje nos em arrojo o que em forças nos ha de faltar.

E por isso, ó minhas amigas!...

... ás armas! á barricada!

MARIA VELLEDA.

VENDEDORA DE OVOS
(Açores—Ilha Terceira)

ABELARD

Scisma um frade na cella humida e fria,
Ao pé de uma janella gradeada;
Na sua fronte vasta e calcinada,
Fundas rugas traçou a hypocondria.

A luz do seu olhar, tenue e sombria,
Traduz uma saudade amargurada,
Na amplidão brilha a lua prateada,
A lua, a companheira da agonia!

Abelard fita o ether. De repente
O seu profundo olhar torna-se ardente,
Parece que nos ceus alguem divisa...

Geme a brisa do outono entre o arvoredo,
E elle ouve, balbuciando-lhe um segredo,
Uma voz semelhante á de Heloisa!

PETRARCA

Á' sombra de um cypreste verdejante,
Na enorme solidão de um cemiterio,
Sobre a lage que fecha atro mysterio,
Ajoelhou Petrarca soluçante,

Tem alli o ideal puro e siderio,
Alli repousa Laura — a sua amante —
Aquelle cujo olhar inebriante
Parecia um clarão de outro hemispherio.

O sol empallidece no horizonte,
No entretanto, Petrarcha, erguendo a fronte,
Onde brilham clarões immorredoiros,

Brada, cravando o olhar na immensidade,
— Não succumbo ás torturas da saudade,
Para enfeitar-te a campa com mil loiros...

ALICE MODERNO.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

Notas d'um pae

Quando as instituições precisam de que as defendam em publico, quer em particular as infamem, estão moribundas.

A constituição aristocratica da sociedade tinha d'antes esta vantagem: é que era ao mesmo tempo militar. O nobre era tambem cavalleiro e homem d'armas. É necessario chegar hoje democraticamente á mesma unidade moral.

Do desalento moral não se vae longe á devassidão. Descer da virtude é a transição para ceder ao vicio. Quanto mais os homens nos hostilizem, mais necessitamos de toda a coragem para luctar e vencer.

A posteridade começa na fronteira, diz-se. E é verdade. A's vezes basta apenas sahir da terra natal, para n'ella receber justiça.

Cautella com as ligações! Todas as provas de affeição que dermos a certas creaturas, só servem para na primeira occasião em que se indispozerem comnosco por não podermos comprazer com os seus desejos illegitimos, ellas nos atirarem ao rosto que somos nós que, pela nossa versalidade, as repellimos, que nós é que mudámos para com ellas.

Tudo se vae conseguindo da nossa gente, menos que ella tenha a coragem de rebater a calumnia. Receia que lhe espirre tambem por cima. Mau signal! Não ha como os corruptos para pusillanimemente fazerem cara á infamia.

O povo, para salvar a patria, tem de combater não só para cima os que o escravizam, mas tambem para baixo a plebe assalariada e cumplice dos poderosos. E' a matilha do crime.

Ha pessoas que não fazem senão intrigar; e nada deixam fazer, porque todo o tempo é pouco para desarmar as suas intrigas. Pobres collectividades onde se mettam!

UM TRECHO DO JARDIM PUBLICO
(Açores—Ilha Terceira)

Como o servilismo perturba e ames quinha a intelligencia! Um illustre naturalista vi eu, numa questão de facto, hesitar em presença d'um erro manifesto aventado por um jactancioso sabichão qualquer a quem elle pedira um favor, chegando mesmo em seguida a dar-lhe momentaneamente razão.

E parecia sincero.

Ha pessoas que, no orgulho da sua importancia, difficultam-se e isolam-se tanto, que não servem de nada a ninguem.

Tão importantes como nullas.

Um rapaz pacato que não fale á mulher, nem pelos rasgos do seu coração,

LEITEIRO
(Açores—Ilha Terceira)

nem pelo brilho do seu talento, nem sequer pela originalidade das suas gravatas, arrisca-se a que ella lhe prefira outrem que ao menos as ponha impertinentemente.

Muitas raparigas se apaixonam pelos extravagantes, por amôr ás aventuras que, logo em imaginação, começam a correr com elles. Se não as ensinaram a correr os perigos do dever e do bem! Pois esses é que são nobremente dramaticos; para esses é que é preciso ter coragem.

A todos cumpre manter briosamente a sua linha, sem a minima intratavel rapidez, pelo contrario com toda a flexuosidade da benevolencia, mas sem abatimento nem curvaturas servis. Não levemos tão longe a nossa bôa vontade complacencia por alguem, que, para o servir, desertemos do posto social, exclusivamente confiado á propria guarda de cada um de nós, que é o da honra, da dignidade, do pundonor.

O homem cria machinas fóra de si, para se dispensar de o ser. E assim cada vez é menos um automato e mais uma vontadè livre.

Nada de eschola, lyceu ou universidade que roube o homem á vida do trabalho; mas bibliothecas, jardins e museus, mas laboratorios e officinas modelos, onde a cada trabalhador vá iniciar-se em todos os segredos da industria, arte e sciencia, e pedagogos, que lhes dêem conselhos e tracem directorios, como um corpo de instructores.

Em Portugal, deviamos andar todos de lucto pelas nossas glorias.

Quanto estamos atrazados! Dá-se tudo por qualquer emoção, por um prazer e até por uma dôr; regateia-se o preço dos serviços; e quasi ninguem dá nada por uma idéa. E' ainda o sensualismo.

DR. BERNARDINO MACHADO.

TROVAS

(INÉDITO)

Eu sonhei que o teu amor
A' cova me seguiria;
— Vivesse eu milhares de annos...
Que curta a vida seria!

Sonhei depois que esse amor
— Folha solta — voaria...
— Ai, que longa então a vida,
Se a vivesse mais um dia!

Disseste-me, hontem, louquinha,
Com o teu ar descuidado:
— «Tu... a triste viuvinha...
Vestida, assim, de encarnado!

Creança! bem vês... sorrio
A essa tua indiscrição;
... — Que o fato negro... tingi-o
Com sangue do coração!

Quando eu disse ao meu Amor
Todo o bem que lhe queria,
Subiu-lhe a alma á flor dos labios,
Murmurou: — *Avé-Maria!*

No branco templo — a minh'alma —
De profundis canta a Dôr;
No esquife da Mocidade,
Está morto o meu Amor!

MARIA VELLEDA.

UMA LOUCA

Os loucos podem exercer uma attracção poderosa sobre os sensatos.

Os seres privados da razão vivem n'um paiz mysterioso de sonhos estranhos, n'essa bruma impenetravel da demencia, em que tudo o que se tem visto sobre a terra tudo o que se tem feito, volta a tomar vida n'uma existencia imaginada, fóra de todas as leis que governam as coisas e regem o pensamento humano.

Para os dementes o impossivel não existe, o inverosimil desapparece, o phantastico é coisa corrente, o sobrenatural converte-se em familiar. Essa velha carreira, a logica, essa velha muralha a razão, esse velho parapeito das ideias, o bom senso, rompem-se, abatem-se, desmoronam-se deante da sua imaginação libertina, que vageia pelo paiz illimitado da phantasia.

Para os loucos tudo succede e pode succeder. Não fazem esforço algum para vencer os acontecimentos, domar as resistencias, remover os obstaculos.

Basta-lhes um capricho da sua vontade illusoria para que sejam principes, imperadores ou deuzes, para que possuam todas as riquezas do mundo, todas as coisas saborosas da vida, para que sejam fortes, sempre formosos, sempre jovens, sempre queridos. Só elles podem ser ditosos na terra, porque para elles não existe realidade

Eu gosto de abeirar-me do seu espirito vagabundo, como a gente se debruça sobre um abysmo, no fundo do qual ferve uma torrente que vem e vae de stios para sitios ignotos.

* * *

Um dia em que visitava um hospital de alienados, o medico que me acompanhava disse-me.

— Vou mostrar-lhe uma louca interessante.

E mandou abrir uma cella onde uma mulher dos seus quarenta annos, ainda bella, sentada n'uma grande poltrona, contemplava obstinadamente o seu rosto n'um pequeno espelho de mão.

Quando nos viu, levantou-se, correu ao fundo da habitação em procura d'um veo que tinha sobre uma cadeira, envolveu n'elle a cara com grande cuidado e voltou depois, respondendo com uma inclinação de cabeça aos nossos cumprimentos.

— Como vamos esta manhã? — perguntou o doutor.

Ella deu um profundo suspiro.

— Oh! mal, muito mal. Os signaes da variola são cada vez maiores.

— Nada vejo, replicou o doutor.

— Asseguro-lhe que se engana.

Approximou se a louca para segredar-lhe quasi ao ouvido:

— Não estou certa. Contei dez buracos, esta manhã: tres na face direita, quatro na esquerda e outros tres na fronte. E' horrivel! horrivel! Já não poderei ver ninguem, nem meu filho, principalmente. Estou perdida, desfigurada para sempre.

E caiu sobre a poltrona começando a soluçar.

O medico pegou n'uma cadeira, sentou se ao ao seu lado, e disse-lhe com uma voz doce e consoladora:

— Vejamos isso. Digo-lhe que não é nada. Com uma ligeira cauterisação farei desapparecer tudo.

Ella respondeu, accenando com a cabeça, e com a voz desfallecida que *não*. O medico quiz levantar-lhe o véo, mas a demente agarrou o com as duas mãos com tanta força, que o rasgou onde poz os dedos.

— A si mostrarei a minha cara; porém a esse cavalheiro que o acompanha...

— E' tambem medico, — apressou se a responder o doutor.

Então descobriu o rosto; todavia o medo, a emoção, a vergonha de ser vista tornou-a córada em extremo até ao pescoço, que se fundia no seu vestido de luto.

Baixou os olhos, voltou o rosto para a direita e para a esquerda, para evitar os nossos olhares e balbuciou:

— Oh! soffro horrivelmente quando sou vista sem veu na cara.

Eu contemplei-a, bastante surprehendido, pois não tinha signal algum, nem mancha, nem cicatriz.

Voltou os olhos sempre baixos e disse-me:

— Cuidando de meu filho pegou-se-me esta espantosa enfermidade. Salvei-o, porém, perdi a minha belleza. Depois de tudo cumpri o meu dever; a minha consicia está tranquilla.

Levantou-se o medico, e, saudando-a, sahimos do seu quarto.

— Agora escute-me, disse. — Vou contar-lhe a historia atroz d'esta desgraçada.

* * *

E' viuva. Foi muito bella, muito *coquette*, muito amada.

Era uma d'essas mulheres para quem a sua belleza e o desejo de agradar constituem a aspiração da vida.

Tinha um filho que um dia adoeceu com variola. Apenas o soube sua mãe, começou para aquella mulher, consagrada exclusivamente ao cuidado da sua formosura, uma batalha espantosa.

De muito longe perguntava á mulher, que cuidava de seu filho pela sua saude.

A mulher respondeu-lhe uma vez:

— Muito mal. Quer vêl-o?

— Oh! Não, isso não.

E sahiu fugindo.

Tomou todo o genero de precauções. Foi a casa d'um pharmaceutico e sortiu-se de desinfectantes.

Um dia, por fim, o medico disse-lhe: Seu filho morre. Quer vêl-o? Ainda que seja pela janella? Entre os dois haverá uma porta de crystaes.

Consentiu n'isso a mãe, cobriu a cabeça, tomou seu frasco de saes, deu tres passos para a janella, e, occultando a cara nas mãos, gemeu,

— Não... não... me atreverei a vêl-o jámais... Morro de medo...

O moribundo esperou longo tempo com os olhos voltados para a janella para vêr o rosto sagrado de sua mãe, pela ultima vez. Porém, aguardou em vão. Veio a noite, então, voltando-se para a parede, não pronunciou mais uma palavra.

Quando amanheceu estava morto.

No dia seguinte a mãe estava louca.

GUY DE MAUPASSANT.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos os seguintes livros, que muito agradecemos, acompanhados de amaveis dedicatorias dos seus auctores cuja critica faremos dentro em breve, nos proximos numeros da nossa revista.

In Illo Tempore, de Trindade Coelho.

Claridades do Sul, de Gomes Leal.

A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella, de D. Claudia de Campos.

Os meus amores, de Trindade Coelho.

A mulher de Luto, de Gomes Leal.

Les Femmes Dotées — La Rue des Feuillantines — Dans les Vosges — Le Fiancé d'Elvire — Coeur Heroïque, (traducção do *Frei Luiz de Sousa*, de Almeida Garrett) de Henri Faure.

Theophilo Braga e a Alma Portugueza (critica aos *Doze de Inglaterra*) de Fernandes Agudo

Pelo Abysmo, contos de Pinto Ribeiro.

De Benguella ás terras de Iácca, de Hermenegildo Brito Capello.

De Angola á Contra-Costa, de Brito Capello.

Camoens, — *Comité Vasco de Gama du département* de l'Hllier, de Henri Faure.

Almanach dos reporters, e o *Almanach das Senhoras*.

Numero 10 Lisboa, 1 de Outubro de 1902 Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 360 réis
6 » ..... 650 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA
Os originaes que não sejam publicados, restituem-se

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Michel'angelo Lambertini

Este abalisado artista que tem legado ao meio musical portuguez uma infatigavel actividade em cujos fulgores transparece um preclarissimo e invulgar talento, nasceu a 14 de Abril de 1862. De tenra edade começou a manifestar rara vocação e inexcedivel gosto pela musica, entrando aos 10 annos no Real Conservatorio onde logo nos primeiros exames a que foi submettido, deu, com desusado brilho, provas intuitivas da sua precóce intelligencia.

Depois de ter concluido com premio e louvor o curso elementar e complementar de piano e o de harmonia, frequentou laureadamente a aula de violoncello em cujo instrumento corroborou as suas extraordinarias aptidões pela arte musical.

A personalidade fulgurante de Lambertini deve, portanto, legitimamente ser registada como um dos mais orgulhosos triumphos alcançados nas aulas do Conservatorio visto ali desabrocharem e fulgirem os primeiros alvores do seu robustissimo talento.

Os seus successos, porem, não se restringem exclusivamente á Arte musical, as ovações prodigalisadas á sua poderosa e fecunda intellectualidade não retumbaram só na comprehensão do nosso acanhado meio artistico. A' medida que ia adquirindo um nome festejado na musica, desabafava o desejo ávido que o consumia, de saber, de possuir solidamente uma vasta e complexa instrucção nos diversos ramos litterarios e scientificos, cursando o Lyceu e o Instituto Commercial onde affirmou a sua scintillante intelligencia já tão devastada e applaudida.

Na posse d'uma tão precisa bagagem instructiva, se bem que ainda muito novo, e cercado de sympathias enraigadas e leaes que havia grangeado pelo seu caracter impolluto e proverbial affabilidade, entrou Lambertini no Commercio, sendo actualmente o seu estabelecimento uma das mais conceituadas casas commerciaes do nosso paiz, em pianos, e mais utensilios de technica musical.

Enthusiasta ardente pela Arte, no intuito de expandir as vibrações do Ideal que lhe radia no seu espirito diamantino, tem impulsionado com o mais acrisolado e immarcessivel amor, desinteresse e criterio todas as iniciativas que dimanam do nobre pensamento de ampliar, entre nós, os restrictos dominios da Arte da musica. A apresentação dos mais bellos talentos artisticos, subtrahidos á critica e as mais das vezes trucidados logo ao nascer por uma sociedade ignorante e por isso mesmo implacavel, deve-se a Lambertini que as acata com devoção de artista e estimula com a magnanimidade do seu caracter, sempre bom e generoso.

Em Março de 1901, devido á sua efficacissima influencia, foi pela primeira vez, artisticamente conhecida do publico lisbonense Guilhermina Suggia, a laureada discipula do eximio violoncellista allemão Kleagel, e que desde então ficou sendo reputada, por nós, uma celebridade do mundo musical e uma gloria nacional, pois que, a notavel artista é nossa illustre compatriota.

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Difficillimo nos seria citar todos os serviços que este benemerito artista tem prestado ao meio musical do nosso paiz. Na impossibilidade de o fazermos por completo, lembraremos sómente a vinda em maio de 1901 da Orchestra de Berlim, sob a direcção do eminente maestro Nikisch e os dois festejadissimos concertos em que se exibiu e que o tiveram como principal e apaixonado iniciador. Deve-se tambem, a Lambertini, o termos ouvido o inverno passado o grande violoncellista Marix Loevensohn.

Ainda nos echoam na alma os applausos que teve a serie de brilhantissimos concertos realisados na epocha transacta, nos salões do theatro normal e Real Colyseu, e que se deve ao seu fanatismo musical que na sua iniciativa acabou de conquistar as sympathias do publico, a admiração da critica e um dos louros mais fulgentes para adornar a sua corôa de artista.

Como escriptor distincto, o seu valor é de todos que se interessam directa ou indirectamente pela evolução litteraria, conhecido e enthusiasticamente admirado. A sua notoriedade como tal resalta nas paginas elegantes da revista *Arte Musical* que proficientemente dirige, e onde a sua penna frequentes vezes nos vem encantar com as irradiações da sua vasta erudição.

Os seus artigos sobre a «monographia do orgão» e a «arte de acompanhar» são de reconhecidissimo merito e proficuidade technica, e n'elles se reflecte com nitidez a grande somma dos seus conhecimentos e a profundidade das suas investigações em assumptos concernentes á Arte da musica. Como pianista attestam os seus méritos a magistral interpretação das sonatas de Grieg op. 45 e Mozart, n.º 11, do Quartetto em sol, de Mozart — Quintetto op. 16 Benhoren — o de Klughardt etc.

Deu á publicidade, recentemente, um livro escripto em lingua franceza, sob a epigraphe de *Chansons et Instruments* (renseignement pour l'etude do Folklore Portugais) e que é um estudo desenvolvido e interessantissimo sobre canções e instrumentos populares do nosso paiz.

Em paizes onde a concepção do gosto musical esteja radicada, como completamente imprescindivel á esthetica, não é raro nem surprehendente surgirem vultos que enalteçam a Arte, porque lá tiveram estimulos que desenvolveram e fortificaram as suas naturaes inclinações artisticas; mas n'um paiz, como o nosso, onde muito escassamente ha noção da importancia capital que constitue a sympathia pela arte no seio das nações civilisadas, e aonde abortam muitos talentos estiolados por falta de estimulos, é Lambertini um motivo de dupla admiração visto que além de se extremar com deslumbrante fulgor no nosso meio musical, excita o talento inculto dos novos, descortinando-lhe os primeiros alvores.

Na pallidez d'estas linhas lhe deixamos consignado o testemunho da nossa funda e devotada admiração pelas suas arrojadas iniciativas, no nosso meio musical.

Olga Sarmento da Silveira.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

A UNE FEMME

Enfant! si j'étais roi, je donnerais l'empire,
Et mon char, et mon sceptre, et mon peuple à genoux,
Et ma couronne d'or, et mes bains de phorphyre,
Et mes flottes, à qui la mer ne peut suffire,
Pour un regard de vous!

Si j'étais Dieu, la terre et l'air avec les ondes,
Les anges, les démons courbés devant ma loi,
Et le profond chaos aux entrailles fécondes,
L'éternité, l'espace, et les cieux et les mondes,
Pour un baiser de toi!

Victor Hugo.

NA BARRICADA

II

Carta a uma mãe

Se te apraz, minha amiga, falemos hoje dos nossos pequeninos... queres?

Ei-lo, o irrequieto Bebé, com os olhos interrogativos fixos em nós... a sua boquita ideal levemente entreaberta, como uma rosa que viesse lentamente a desabrochar.

Que traquina insupportavel!... Hontem, Bébé, quebrou o relogio, emquanto tu recebias uma visita familiar; destruiu-te uma roseira que era o teu enlevo; queimou um livró, e por pouco se não despenha da janella do teu modesto quarto andar

Tu affliges-te, coitada! Bebé, o mais velho dos teus petizes (- já vieram tres depois d'elle, pobre mãe! —) é tambem o mais travesso do grupo. Dizem as vizinhas que o teu pequeno está malcreado; aquellas para quem a vida não é um problema de todas as horas, as que vivem independentes, muito regaladas de descanço, e de meios e de tudo, censuram-te porque não fazes como ellas, que se dedicam exclusivamente á educação dos seus garotos. Dize-lhes tu, triste mulher! que troquem durante um dia, um dia só — a sua existencia desafogada pelo teu viver de amarguras. Que se levantem quando o sol assoma por entre as montanhas a sua immensa face aureolada; que moirejem na cozinha; que lavem a roupa, engommem os collarinhos, cosam, remendem — que se multipliquem! Dize-lhes a ellas — as felizes ociosas — que troquem pelos quatro diabretes, a quem a tua vigilancia não pode bastar, porque a trazes repartida por mil cuidados, dize-lhes que troquem o seu menino, o *enfant gaté*, que lhes occupa todos os instantes da vida.

— Está malcreado Bébé... Olhem a admiração! Nem que tu podesses ser, simultaneamente, dona de casa, creada de teus filhos, escrava do teu *ménage*, e mest a, e educadora... olhem a admiração!...

Mas ouve cá, minha amiga: — porque não mandas o teu rapaz ao collegio? Bem sei; vaes objectar-me com as modernas theorias: O collegio estraga, o collegio assassina»... Pois sim... Estraga menos, então, o teu quarto andar insalubre, os cinco aposentos onde tu vives — se é que vives... — em companhia do teu marido, tuberculoso, e dos teus pobres pequeninos famintos?

Como podes, misera creatura! — reunir um tão consideravel cabedal de energias, que consigas alimentar tanta gente, por trinta mil réis cada mez, e sobre ser honesta e recatada, ter vagar e paciencia para reger um curso de pedagogia intima?

Vamos, deixa-te de phantasias! O collegio de hoje não é peor que o d'outras eras, d'onde sairam risonhas e aptas para os combates da vida, aquellas que são hoje — nossas mães.

O ar livre, os exercicios gymnasticos, a liberdade, a luz, — meu Deus! — não se fizeram para os pobresinhos... Para elles, o collegio é já uma felicidade, relativa, se no teu modesto erario encontrares a moeda infima, com que remuneres outra creatura tão pobre como tu, como tu tão miseravel, que para dar de comer aos seus, tenha que aturar os teus filhinhos.

Sim, deixa te de phantasias... Quando o collegio deixasse de ser necessario, teriamos equilibradas as forças motrizes que regem as sociedades. Teu marido em vez de receber um ordenado irrisorio á mesa do orçamento, estaria gordo, risonho seria cómmerciante, industrial, banqueiro.. E a infecta gaiola do teu 4.º andar, converter-se-ia n'um palacete cheio de confortos, com um jardim efflorescente, um lago de marmore, sobre o qual deslizasse o leve barquinho, onde os teus filhos aprendessem a remar.

«...Está malcreado Bébé»... Dize ás tuas vizinhas que te empresiem, pelo menos, pelo menos... — as suas creadas...

Maria Veleda.

Carta ao Ex.mo Sr. Gomes Leal

Dizer a V. Ex.ª que foi para mim uma surpreza agradabilissima o encontrar na *Sociedade Futura* o meu *perfil litterario* subscripto por si, não lhe será por certo causa a admiração. Um elogio traçado pela penna illustre que escreveu as *Claridades do Sul*, e a *Vida de Jesus*, e o *Fim de um mundo*, e tantos outros poemos, que ficarão fundidos em bronze na litteratura de Portugal, corresponde a uma consagração.

Considero o seu juizo, com respeito ás minhas aptidões poeticas, como um incentivo a novos e a melhores trabalhos.

Antigamente, os pagens recebiam as esporas de cavalleiro depois de haverem sido ungidos pelo baptismo do fogo. E esse grau, na hierarchia medieval, representava um direito a tomarem logar em novas pistas, a disputarem o premio em novos torneios.

Assim eu considero os elogios de V. Ex.ª como uma obrigação moral que me fará diligenciar merecel-os. E como outr'ora o grau de cavalleiro impunha deveres imprescindiveis, aos que haviam sido armados, lembrar-me-hei, sempre, ao descer para a arena, que recebi tambem da mão do mestre, as esporas de oiro.

C. de V. Ex.ª 31-VIII-02.

Alice Moderno

UM VELHO A UMA CRIANÇA

(INÉDITO)

A noite cae ao sol posto.
Tu negas-me a luz, criança,
Por que a minha noite avança
E eu vejo a aurora em teu rosto!

Serás, na feição moral,
O que a sciencia procura,
E que um dia porventura,
Nos dês o eterno ideal?! ..

Que o teu ar, e a luz serena,
Que vejo radiar em ti,
Eu no mundo nunca vi
Tomar a fórma terrena.

Monte de Caparica, Torre, 902.

Bulhão Pato.

CONVERSA INTIMA

(Inédito)

Diz-me pessoa que muito estimo
(E eu toda, ouvindo-a, me desvaneço)
Que os pobres versos que, ás vezes, rimo,
Tem-nos Vocencia n'um certo apreço.

E ainda accrescenta (maior vanglória!)
Que alguns decóra, que alguns recita...
— Nunca sonharam com tanta glória!
— Nunca tiveram tamanha dita!

E a confirmal-a (lisonja extrema!)
Traz-me o seu Album para estreiar.
— Bem merecia melhor poema
Quem assim veio por sobre o mar

E andou exposto, nas ondas cerullas
Ás tempestades, aos vendavaes...
Como eu quizera mandar lhe perolas
E diamantes phenomenaes!

Ou, então, dignos dos labios quenies
Que os haveriam de recitar,
Versos aládos, resplandecentes,
De um romantismo peninsular,

Rimas doiradas, rimas sonóras,
Estrophes ricas, brotando a flux,
Contendo imagens encantadoras
E pensamentos cheios de luz.

Mas, sem engenho (bem me conheço!)
Que hei de enviar-lhe? Que posso dar?
—Umas quadrinhas que não têm preço,
Boas, apenas, para queimar!

Alice Moderno.

Ponta Delgada, Junho, 12, 1902.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

O amor é um jogo infrene. Riquezas e bellezas são os trunfos. O namoro a vasa O casamento o ganho, quando não é a perda. Os parceiros são o homem e a mulher.

Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder a sua mesquinhez: porem de taes nunca fallou a posteridade.

Visconde de Almeida Garrett.

Se os prazeres mundanos, perversamente seductores, podem dar uma felicidade ephemera, ha alguma coisa que elles não darão nunca: a tranquilidade da consciencia que desconhece o remorso.

Querer é sempre uma virtude, e é muita vez poder.

Não ha educação completamente forte e viril sem um pouco de lucta e de adversidade. Para conhecer a vida, preciso é haver soffrido. A dôr tudo ensina, tudo faz sentir, tudo póde inspirar e crear.

Claudia de Campos

Será só pela Associação, despida de mesquinharias e represalias, que a intelligencia collectiva das mulheres poderá cooperar efficazmente na grande obra de regeneração que urgentemente está pedindo o trabalho de todos.

Caïel

Os velhos agarram-se ás suas affeições e aos seus habitos, com a tenacidade desesperada dos naufragos.

GUIOMAR TORREZÃO

A poesia, a pintura e todos os sublimes gosos da imaginação, teem sobre os espiritos elevados direitos imprescriptiveis.

HONORÉ DE BALZAC

O coração humano é o alvo de todas as impressões, e é impossivel prever qual será a circumstancia frivola que possa mostrar as suas alegrias ou os seus pesares.

CHATEAUBRIAND

O IDEAL

— Se soubesses como me sinto feliz! exclamou Fernando, saltando ao pescoço de Roberto, que n'aquelle momento acabava de entrar no *restaurant*, onde ambos ceiavam habitualmente.

— Que te succedeu? perguntou Roberto, muito surprehendido com esta repentina expansão.

— Vaes saber, disse o poeta, largando finalmente o amigo, quasi suffocado pela violencia do abraço.

«Via-a, pela primeira vez, ha um anno, em S. Carlos.

«Dezesete annos apenas, branca como a immaculada flôr dos Alpes, loura e vaporosa como as Valkyrias da lenda escandinava; uma alma innocente, reflectindo-se toda na transparencia de um olhar suavissimo.

«Amei-a apaixonadamente.

«Era a realisação tangivel de todos os meus sonhos de adolescente, de todas as minhas aspirações de poeta. Amou-me tambem.

«E' filha unica; possue um nome que a dispensava d'uma fortuna, e uma fortuna que a dispensava d'um nome. Passei muito tempo em uma tortura cruel; não ousava pedir a sua mão, receiando ser mal recebido. Pouco mais lhe podia offerecer do que um amor profundo e illimitado. Elisa, porém, com o seu fino instincto de mulher apaixonada, comprehendeu as causas da minha irresolução. Ella mesma falou a seu pae, e tão bem soube advogar a nossa causa que, recebido hontem em casa dos condes de V***, fiz o meu pedido e acceitaram-me.

«Vou, portanto, casar-me, continuou Fernando com enthusiasmo. Ella vae ser minha; sou eu que vou colher o primeiro beijo d'aquelles labios puros, que vou fazer palpitar aquelle coração virginal, que vou satisfazer as curiosidades d'aquelle espirito povoado de sublimes ignorancias! Que feliz sou, meu amigo! Como é boa a vida, como é bello o amor e como é divina a realisação do nosso Ideal!

— Ainda bem, volveu Roberto, muito satisfeito, apertando a mão a Fernando, por quem tinha uma sincera affeição.

*

Alguns mezes depois do casamento de Fernando, os dois amigos tornaram a encontrar-se uma noite no mesmo *restaurant*.

— Santo Deus! exclamou Roberto, desde que andas nadando em um mar de felicidades, não ha quem te veja. Conta-me cá...

— Em um mar de felicidades?... redarguiu Fernando tristemente, como te enganas! Considera-me antes o homem mais infeliz d'este mundo...

Roberto olhou-o estupefacto, balbuciando:

— Então tua mulher?... tua mulher?...

— Minha mulher é um anjo, atalhou o poeta, cumpre com todos os seus deveres e soffre resignada; o desgraçado sou eu, que não sei amal-a! A vida de celestiaes delicias, que eu tinha imaginado, o duetto d'amor, que eu julgára ingenuamente só poder terminar com a morte, esvahiram se. Deixei de apreciar no momento em que a possui. E sabes porquê? Porque toda a alma poetica e ardente é fatalmente o ludibrio d'uma miragem. Porque é lei commum ás creaturas humanas estar sempre o prazer em desproporção com o desejo. Porque, poetas, escriptores, nós todos, emfim, que vivemos a vida intensa do pensamento, habituámo-nos a conceber a imagem da realidade, antes de a termos conhecido, a imagem dos sentimentos e sensações, antes de as havermos experimentado. Atormentados por gozos e pezares ficticios, o mundo apparece-nos atravez um prisma illusorio. O nosso espirito, ávido de infinito, alimenta-se com devaneios impossiveis de realisar, com sonhos perturbadores; e, como essas phantasticas decorações de theatro, que de longe nos parecem lindas e que vistas de perto não passam de uns borrões de tintas, assim esses sonhos transportados á realidade, perdem todo o magico prestigio de que a imaginação os revestira. O viver conjugal, que se me afigurara, ao lado d'essa mulher encantadora, um delicioso paraizo, metamorphoseou-se em um verdadeiro leito de Procusto. Que saudades da minha antiga liberdade, da minha vida bohemia de rapaz solteiro, sem deveres penosos e, sobre tudo, sem remorsos! Como o ermita Santo Antonio, sobre a montanha da Thebáida, fitando com olhar desolado o horisonte, ao sentir extincta a fonte de emoções piedosas que o céo lhe havia derramado sobre o coração, precisamente quando acabava de realisar a sua chimera mystica, assim eu contemplei, pela vez primeira, os mysteriosos abysmos da minha alma, ao sentir-me vergar sob o pezo d'essa irremediavel tristeza: a realisação d'um sonho!

«Meu radioso Ideal, despenhaste-me desapiedadamente das alturas vertiginosas a que me elevaras, em um precipicio mais profundo do que o Maëlstrom...

O bom Roberto, burguez até á raiz dos cabellos, percebendo da vida apenas o lado real e pratico, escutava Fernando com espanto comico.

— Explica-me então, disse elle afinal, o que vem a ser esse Ideal de que ha tempo me fallaste e que te causou agora tantos soffrimentos?

— Ah! o Ideal, meu amigo, é, como disse Houssaye, a mulher vista de longe, atravez dos vapores azulados da aurora, ou illuminada pela luz d'ouro do sol que vae morrer no occaso. E' a Verdade que se affasta do pôço, lançando sobre os hombros nús a faxa fluctuante da mentira. O Ideal, concluiu o poeta com um suspiro, é... é aquillo que não possuimos!

CLAUDIA DE CAMPOS.

OS NOSSOS

BONS AMIGOS

A corça

(DE ESOPO)

Era uma vez uma corça, que ia perseguida por dois caçadores. Em certo sitio, escondeu-se debaixo de uma cepa que tinha muita folha, e os caçadores passaram e não a viram.

— D'esta escapei eu! — dizia a corça muito satisfeita.

Mas vae senão quando, a tola põe-se a roer nas folhas da cepa, e os caçadores ouvem o ruido e voltam atraz.

— Ali! — diz um d'elles apontando para a cepa.

O outro põe a arma á cara e desfecha, e a corça ficou muito ferida.

Dizia então ella quasi a morrer:

— Bem feito! P'ra que não mordesse quem me salvou!

O roubo do colmeal

(DE ESOPO)

Era uma vez um homem que tinha umas colmeias, e olhava por ellas com todo o carinho. Um dia entrou um ladrão no colmeal, e roubou os favos que pôde roubar; e quando chegou o dono e deu pela falta, ficou muito triste e apoquentado, e com muita pena das pobres abelhas!

— Coitadinhas! — dizia elle a olhar para o cortiço. — Tanto trabalho para vir um ladrão e roubar lhes tudo!

... Mas n'isto vem o enxame do seu passeio e dá logo pela falta dos favos; — e logo que dá pela falta dos favos, atira-se ao dono ás ferroadas pensando que era elle o ladrão, e põe-lhe a cara como uma melancia!

Dizia então o pobre a gritar de dores:

— Ora ahi está paga o justo pelo peccador! O que roubou os favos ficou-se a rir, e eu então é que pago as favas!

TRINDADE COELHO

O HOMICIDA

(INÉDITO)

— Acórda, acórda, ó coveiro
que tanto dormir não médra!...
Ressónas como arreeiro
borrácho de Pontevédra!
Somno ou mórte é flor sem cheiro,
que ao gêlo da lua empédra!..
— Quér's vêr bôca que não ria?
— Olha esta fáce sombria!...
Pois, dentro, a alma é mais fria
que as tuas campas de pédra!

— Narra, ó maldito coveiro!
historias de arrepiar...
que eu quéro vêr se estes olhos
ainda pódem chorar!

Ergueu-se o coveiro lento,
a este fallar descomposto,
do seu somno turbulento...
e viu ante si um rosto
mais tôrvo do que um sol posto,
do assassino violento.

Vira-o brincar pequenino,
mais tenrinho do que um vime,
com o seu riso argentino,
seu ar de loiro *bambino*,
mãos puras inda do crime!...

E assim responde ao assassino,
com voz que o pezar oprime:

Aquella cruz do relvádo
cruz tosca, rude, singéla...
encobre a alma mais béla
que houve cá n'este povoádo!
Era teu pae — vinhateiro,
simples, récto, sobranceiro
a tudo que é torpe e erróneo,
alma sã de cavaleiro
— sob o briche de um campónio!...

Á sombra d'este cruzeiro,
dorme ahi sêco e mirrádo,
mais branco do que um tocheiro,
aquelle santo ovelheiro,
aquelle aldeão honrado,
— talvez raládo de penas...
— talvez de mágoas raládo!...

Nuvem negra de repente
do assassino enturva o olhar...
mas torcendo a amarga boca
n'uma gargalhada louca,
bráda ao coveiro em voz rouca:
— Narra, ó maldito coveiro!
historias de arrepiar...
que eu quéro, vêr se estes ólhos
— ainda pódem chorar!

Responde, baixo, o coveiro,
n'uma voz um tanto agréste:

Aquella cruz que ali pousa
junto d'aquelle cypreste...
sem ter letreiro, nem lousa,
nem rásto, vestigio, ou cousa
que sequér um nome atéste,
tápa a alma mais clemente,
mais carinhosa e inocente
que viu a Cúrva celéste.
Foi tua amante — a Etelvina —
a loira ceifeira fina,
a que tão máos trátos déste!...
— Deixa que réguem meus prantos
raizes do seu cypreste!

— Nem um só nervo me treme,
ás tuas palavras fátuas!
Eu tenho o *rictus* da hyéna.
Nada me faz riso ou pena.
Ninguem faz chorar estátuas.

Narra, ó maldito coveiro,
historias de arrepiar..
que eu quéro vêr se estes olhos
— ainda pódem chorar.!

— Aquella cruz solitaria,
junto d'esse gásto múro,
tal como a sombra de um *pária*
que se escôa pelo escuro
das trevas, pelas esquinas,

cóbre as formas mais divinas
que o sol de Deos ha creádo!...
cóbre o cadaver geládo
da tua irmã, coitadita!
a fiandeira mais bonita
da nossa remota aldeia...
que ahi finou-se ao abandono,
qual folha sêca do outono,
qual herva que léva a cheia...

Deixou-a o noivo, ao saber
teus crimes. — Misera Andrea!

— Nem um só nervo me treme
ás tuas palavras fátuas!
Eu tenho o *rictus* da hyéna.
Nada me faz riso ou pena.
Ninguem faz chorar estatuas.

— Narra, ó maldito coveiro,
historias de arrepiar...
que eu quéro ver se estes olhos
ainda podem chorar.

Aquella cruz pequenina
de simples madeira preta...
humilde como a bonina,
escura como a violeta,
junta ao caixão da Etelvina,
tem uma historia mofina.
— E' da tua filha Julieta.

Com vestidinho de chita
de fúio... toda andrajósa...
andou por ahi essa rosa,
orfanáda de carinhos,
por balsas, sêrros, caminhos,
de noute e dia, a esmolar...

Já viste andar passarinhos?...
— Pois era assim seu pisar.
Seus pésinhos, qual dois cirios,
ou dois pequeninos lirios,
sangrávam pelos calháos...
Morreu gelada á noitinha,
sem pão, nem lume, ou caminha,
a tossir e encolhidinha
da ermida sobre os degráos...

— Não sentes a alma roida
á noite, de sonhos máos?...

Nem um só nervo me tréme
ás tuas palavras fátuas!...
Eu tenho o *rictus* da hyéna.
Nada me faz riso ou pena.
Ninguem faz chorar estátuas.

Narra, ó maldito coveiro,
historias de arrepiar...
que eu quero vêr se estes olhos
— ainda pódem chorar!

Aquella cruz carunchosa
de tôsco lenho e tombáda,
como uma alma lutuosa,
por algum raio varáda...
não te diz cousa nenhuma
mais macio que uma pluma,
mais fresco que uma orvalháda?...
grito que a ancia resúma,
folha de sangue rasgáda...
— Não te lembra nada, em summa?...
— Nenhuma dáta apagáda?...

Pois ahi tua mãe dorme.
Foi ali que eu lhe lancei,
cheio de emoção enorme,
— as seis pás de cal da lei!

Quando soube dos teus crimes
que apregôa o vulgo inteiro,
que te faz qual forasteiro.
a monte errar, solitario...
abriu os lábios hiantes..
deu tres passos cambaleantes...
e finou-se, em dois instantes...
á porta do seu larário.

— Quer's um caso mais romantico,
e ainda mais funerário?...
— Ó santa Mãe!... rompe em chôro
desabaládo o assassino:
Quem déra o teu canto d'ouro,
mais suave que os orválhos...
os teus conselhos, teus rálhos...
quando eu éra pequenino!
Ah! santa Mãe, eu matei-te,
ou matou-te o meu destino!...

Não quéro, com mãos de sangue,
a tua campa laivar!...
Eu quero, n'estes abrólhos,
asgar aqui meus giolhos...
que o remorso faz dobrar,
e, pondo em cruz as mãos frias,
sobre estas relvas sombrias,
de pura mágoa, estalar...

— Coveiro! céga estes olhos,
já que os não céga o chorar!...

GOMES LEAL.

EDUARDO COIMBRA

Impossivel? talvez; mas eu vi-te gelado,
Pallido, inerte, morto, os olhos já sem côr...
Sorrindo, tinhas dito:—É breve o meu noivado,
Não tarda a vir a Morte, a Noiva, o meu amôr!

E chegou, finalmente, o instante desejado
Ou temido talvez, meu pobre sonhador!
O luar commovido, e triste, e macerado,
Nos ciprestes, chorava a sua immensa dôr.

Nós dissemos-te adeus! beijámos-te chorando
Um Christo glacial, os olhos alongando,
Tremia, quando ouviu fechar o teu caixão,

Ao rithmo virginal da simples elegia,
Que a uma santa criança, inanimada e fria,
Entoava soluçante o nosso coração.

JOAQUIM DE ARAUJO

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

La Fronde—Directora: Margarite Durand.

El Album Ibero Americano—Directora: Concépcion Gimeno Flaquer.

Serões—revista mensal, illustrada.

A Illustração Moderna—Director: Oliveira Passos.

A Arte Musical—Director: Michel'angelo Lambertini.

Revista de Lisboa—Director: Oscar Leal.

A Chronica, revista quinzenal, illustrada—Directores: Luiz da Silva, Ribeiro de Carvalho, Santos Junior.

Gil Braz—redactor: Joaquim Vieira Junior.

A Semana—Director: Sieuve de Menezes e Lemos.

Revue Française—Director: Eduard Marbeau.

A Tradição—revista mensal, d'ethnographia portugueza, illustrada.

Revista das Revistas—Director: Bernardo Lucas.

Correio Juridico—Director: Armelim Junior.

A Moda Illustrada—Directora: Verginia da Fonseca.

O Instituto—Orgão do *Instituto de Coimbra*.

ERRATAS

O soneto que publicamos no numero 8 da nossa revista, do distincto poeta, Senhor Joaquim de Araujo, nosso illustre consul em Genova, sahiu com uns erros typographicos que alteraram deploravelmente estes bellos versos, por isso publicamos hoje, mais uma vez, o bello soneto—*Eduardo Coimbra.*

Pela impossibilidade de se ter feito uma revisão rigorosa, pela ausencia da directora d'esta revista, o numero passado sahiu com muitos erros typographicos, de que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Numero 11 — Lisboa, 15 de Outubro de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51—RUA DA GLORIA—51
LISBOA
Os originaes que não sejam publicados, restituem-se

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Eugène Ysaye

O celebre violinista que tem assombrado toda a Europa e America com as scintillações do seu extraordinario talento musical e a quem hoje rendemos uma simples homenagem, nasceu em Liege a 16 de julho de 1858.

Em tenra infancia já Eugene Ysaye fazia gemer, sob os seus pequenos e debeis dedos de creança, as cordas do violino com um rythmo tão impecavel e com uma vibração tão sentimental, como só o faria a pericia d'um artista consumado.

Levado para Bruxellas, depois de haver recebido de seu pae as lições primordiaes de musica, ali na capital do sympathico paiz da Belgica poude o novel e talentoso artista fortificar a sua extraordinaria propensão, estudando sob a proficiencia de Wieniawski.

Tendo sido ouvido, mais tarde, em Antuerpia por Vieuxtemps, tão funda e agradavel impressão suscitaram as suas notaveis aptidões musicaes no espirito culto do grande maestro, que o estimulou a ir para Paris onde o teve por um dos seus discipulos mais dilectos e laureados. A Allemanha, porém, a rainha victoriosa da arte, o fóco irradiador onde se vão ungir os talentos musicaes de todo o universo, atrahia Ysaye com o seu fulgor magico.

Para ahi foi, pois, em 1899 fazendo a sua apresentação artistica em Colonia debaixo da inflencia efficaz de Fernando Hiller. A estreia do moço violinista, a quem o amor sacrosanto da Arte havia impellido a procurar novo céo e nova patria, foi uma elevada e completa consagração do seu excepcional talento musical.

Consecutivamente tocou em Francfort, acompanhado de Clara Schumann, e em Leipzig. Depois de ter dado uma serie de brilhantes e applaudidissimos concertos na patria de Seibuitz, foi-lhe offerecido um logar na Orchestra Bilse, de Berlim, logar que desempenhou até 1881 com o criterio são e a intelligencia lucida que o caracterisam e que de tão afamada reputação gosam no mundo musical.

Em todos os concertos de que fazia parte Ysaye, os mais festejados talentos musicaes da Allemanha se curvavam perante o insigne violinista que, tão ousadamente, cingindo só a aureola do genio e do trabalho, vinha d'aquelle restricto canto da Europa encravado entre duas nações collossaes, disputar louros á Magestade da Arte para engrinaldar o pequeno paiz de que é um filho tão legitimamente prestigioso.

EUGÈNE YSAYE

Depois de ter adquerido um alto e solido conceito no mundo musical, e precedido de delirantes ovações, visitou a Suecio, Noruega, a Russia, e em 1884, fazia novamente a sua entrada em Paris. No cerebro poderoso do mundo civilisado, exibindo-se nos concertos de Colonne e do Conservatorio, recebeu mais uma vez Eugene Ysaye applausos tão vibrantes e ruidosos, que echoaram em todas as nações onde a musica é objecto de ferveroso culto, e o fizeram ser universalmente conhecido como um dos «astros» mais fulgentes da constellação artistica.

Foi então que regressou ao solo querido da patria, carregado de triumphos e tendo a sua imaginativa de artista povoada dos ideaes de oiro e de azul da inspiração.

A Belgica, em testemunho do indiscutivel apreço em que tem sempre os filhos que a glorificam, acolheu-o com unanime sympathia e pouco tempo depois convidou-o a assumir o alto cargo de professor do Conservatorio de Bruxellas.

Desde a sua nomeação, tem consagrado Eugene Ysaye todo o seu tempo a honrar artisticamente o seu paiz, desenvolvendo uma febril e incansavel actividade.

A fundação em Bruxellas, em 1885, da Sociedade dos Quartettos, onde se realisam annualmente concertos de piano e de violino, interpretando-se, primorosamente, musica dos mais eminentes classicos antigos e contemporaneos, deve-se á iniciativa do grande artista que lhe deu o seu nome.

Actualmente dirige a sociedade de Concertos Symphonicos, de que é tambem violinista, e onde tem alcançado, nos successivos concertos ali effectuados, demonstrações geraes de admiração e de respeito.

Durante o periodo de tempo feriado deleita-se em fazer digressões musicaes a differentes pontos da Europa e da America onde é invariavelmente alvo de supremas deferencias e enthusiasticas e sinceras homenagens. Alem de violinista distincto Eugène Ysaye é um primoroso chefe d'orchestra. Os amadores de boa musica, em Paris, disputam a presença do *Mestre* em todos os concertos quando Ysaye visita a grande capital da França e não é raro vêl-o nos aristocraticos salões do Boulevard de Saint Germain.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

A MADAME J. F. W.

SONNET DÉDICACE

De la femme dotée on nous peint l'âme noire,
On prétend qui sa tête outrage la raison,
Qu'un cœur à peine bat sous sa robe de moire,
Qui près d'elle l'air pur se transforme en poison:

On soutient que le luxe est son amour, sa gloire,
Et qu'à l'Ange du mal fait la leçon;
On scrute la nature, on commente l'histoire,
Mais la malignité respecte une maison

Où s'est enfin fixé le bonheur éphémère,
Où la vertu s'ignore, ou fille, épouse, mère,
Une femme va droit, sans faillir en un point:

Grâce, beauté, talents, tout plaît, tout charme en elle,
Mais comme elle est encor plus modeste que belle,
Divine qui pourra, je ne la nomme point.

HENRI FAURE.

¡SOLEDAD!

SONETO

¡Soledad sin dolor!... Triste, muy triste,
pero dolor y soledad... ¡Qué espanto!
¿D'onde buscar consuelos al quebranto
si el que pudo prestarlos ya no existe?

Solo está el monte que la nieve viste,
solo el mar, tan amargo como el llanto,
mas de estas soledades al encanto
el corazón se postra y no resiste.

La verdadera Soledad, María,
la que á todas excede en amargura,
y no la sueña igual la fantasía,

es la que simboliza tu hermosura
en que se unen al duelo y la agonia
el amor, la esperanza y la dulzura.

MANUEL DEL PALACIO.

Carta á Ex.ma Sr.a D. Alice Moderno

Minha muito presáda Senhora.

Não tem V. Ex.ª que agradecer-me as verdades que disse, —ao traçar o seu perfil litterario, —do seu radioso talento. Eu sou avêsso a lisonjas faceis e palacianas, acerca dos astros do ceo da arte, onde alguns só veem hediondas e outros claridades auroraes.

O que eu disse, é unicamente e lidimamente o que sinto: e muito mais vále o estro de V. Ex.ª, do que aquellas toscas linhas desataviadas, que só traduzem sinceridade. A sinceridade é que faz toda a minha força, e a força de toda a minha obra. Mesmo os erros de opinião, que eu mais tarde tenho corrigido em livros subsequentes, attéstam toda a força sincera que em mim reside. Pela sinceridade só é que eu espéro ser aquilatado algum dia. Porque toda a minha alma tem sido sómente um conjuncto de gritos sincéros no meio de uma geração de mentiras. E quanto ao final da carta de V. Ex.ª rectifical-a-hei n'um ponto. E' em que eu não me considero o Mestre que deu a V. Ex.ª as esporas de oiro, — pois que ha muito já o estro de V. Ex.ª as tinha ganho, —mas sim o cavaleiro de S. Graal que indo em perigrinação á Terra Santa, ao passar ante as cathedraes do seu caminho, as de Burgos ou de Colónia, ao contemplar n'um róseo vitral góthico o vulto magestoso da *Madona*, curva a cabeça e entôa devotamente uma *Ave Regina*, encomendando-lhe com fervor a sua romágem.

De V. Ex.ª o maior admirador e servidor.

GOMES LEAL.

PERFIS FEMININOS

Viscondessa d'Almeida Araujo

Eu quereria que do meu tinteiro desbordassem a flux ondas de cores e de perfumes, que este liquido prosaico de que me sirvo para transmittir ao papel os meus pensamentos, se convertesse em um Pactolo olympico, irradiando milhares de palhetas douradas...

Para descrever a Viscondessa d'Almeida Araujo, tudo isto não seria ainda bastante. Que importa que a lyra seja de ouro, se a não pulsar a divina mão de Orpheu?...

—Formosa, phantasticamente formosa, d'essa belleza modellar, radiosissima, que tem azas de sonho e nos transporta, enlevados, ao sétimo céo do ideal; aristocratica, salientando-se na alta esphera onde vive pela sua elegancia inédita, illustrada como poucas, e sobre tantas perfeições — cultualmente, invulgarmente artista!

Não é, pois, um perfil trivial este que desejariamos esboçar com feéricas scintillações miliunanoitisaes.

Artista, a Viscondessa d'Almeida Araujo, tem porém, o raro coudão de prender as almas ás notas vocalisadas pela sua esplendida garganta. Perguntar-se-lhe ha, ouvindo-a, se todas as harmonias do universo não se teriam dado rendez-vous...?

E n'essa triplice cadeia de encantos — desde a formosura que fascina, á distincção que se impõe, e á mystica radiação da arte que deslumbra, — a Senhora Viscondessa d'Almeida Araujo é sempre a fina personificação da bondade — esse adoravel attributo sem o qual não pode comprehender-se o poder suggestivo de uma alma feminil.

LA DAME VOILÉE.

A DESMORALISAÇÃO DO ALUMNO

A juvenilidade só é encantadora quando se mostra ingenua, esperançosa e crente.

Desilludidos de quinze annos repugnam. Cynicos impuberes constituem um espectaculo repellente, contrario á natureza e desprestigiador da especie.

Aberrativa, monstruosa como é, deveria tal entidade conhecer-se como mero typo de excepção. Ao contrario, enxameia pelas nossas escolas, dando á mocidade portugueza o seu tom *pardo*, de todo destituido de gentileza e de graça.

Não ha outra lepra mais contagiosa que a invasora lepra do cynismo. Em cerebros inexpertos, inscientes, onde o mal se não discute, se não combate, ella vence, mercê de instinctiva imitação. Em tão desprovido meio, que admira que os estragos sejam enormes, que alastrem prodigiosamente?

A triste e logica verdade é esta: a creança portugueza é a primeira victima das condições viciadas do seu meio social.

Nasce n'uma atmosphera de baixo utilitarismo, de impudencia, de descredito.

Esta tristissima casualidade do seu advento na vida, ninguem se occupa de escondel-a aos seus olhos innocentes, á confiante expansão da sua alma pura. Antes, de todos os modos e em todas as situações, n'um afan que é um requinte de inconsciencia, como que se procura iniciál-a precocemente em todos os segredos d'essa romaria de torpezas que fatalmente conduz á insignificancia, á pequena craveira que é hoje o typo da degenerada raça portugueza.

Felicidades — dizem — são o que assim se forja.

Mas que felicidade póde ser essa que não ousa levantar para o ceu o olhar claro e sereno, nem erguer altivo o busto ante as grandezas da terra e os exemplares da virtude austera?

Triste espectaculo o das aulas portuguezas! *Congerie* de aleijados! Rachitismo de corpo e rachitismo precoce da alma!

Este amarellinho! E' o typo, com pequena variante, repetido por centenas.

Nos labios d'essa pseudo-creança paira já, n'um arremedo de sabedoria desilludida, o sorriso da incuravel descrença; no seu andar lasso e quebrado vae implicita a convicção de que... não vale a pena correr.

Desconfia egualmente do mestre e do examinador. Tem na mesma suspeição degradante o zelo e sciencia de um, a boa-fé e justiça do outro.

Sabe — isso sabe elle! — que é necessario chegar — *parvenir*. Mas tudo o que ouve aos grandes lhe aconselha moderar o esforço honesto, cuidar de vencer as difficuldadas, mettendo fortes empenhos e cruzando em seguida os braços.

Sabe, de sciencia certa, que a vida é, pouco mais ou menos, uma farça, em que se arriscam muito a ser vergonhosamente ludibriados os que a tomarem a sério. E com essa frandulagem cerebral o desgraçadinho deixa em breve de ser creança para converter-se inconscientemente n'uma miniatura da indignidade.

Este cancro, minando até ao amago a sociedade portugueza, é a mais grave ameaça imminente ao vigor da nossa independencia nacional.

Quando esta geração de fracos e inuteis fôr, dentro de poucos annos, *a nação portugueza*, que papel nos será dado representar no mappa dos progressos humanos, ou sequer na carta da politica europeia?

Eis um quadro, mais do que nenhum outro, digno das attenções dos verdadeiros potriotas.

Da massa dos adultos hoje existentes muito pouco ha a esperar como actividades productivas e reconstituintes. A obra de regeneração d'este paiz ou se não chega a fazer, ou tem de preparar-se nos que *viverão* ámanhã.

Importa levar essa convicção ao espirito dos paes portuguezes, para que moderem no lar da familia os desabafos do seu deprimente cynismo. Procurar communical o a outros — não é isso um crime?

Mas procurar incutil-o nos filhos? — Isso é depravação do sentimento, ou, com mais justiça talvez, depravação completa do sentido visual.

E' indispensavel — vae n'isto a salvação, a *vida* — nobilitar a geração futura. E não se é nobre senão porque se tem algum ideal muito alto e se trabalha incansavelmente para attingil-o.

Para que se tonifique a febra da mocidade portugueza ha que injectar-se-lhe

fé, começando a operação na *escola*, que deve ser a officina onde laboriosamente comece a construir-se o nome honrado, não o primeiro mercado da honra e da dignidade, onde cada um se industrie a enganar o melhor que lhe fôr possivel o seu visinho.

Na regeneração da escola, de que principalmente depende a rehabilitação nacional portugueza, ha muito que organisar no que respeita ao *quanto* e *como* se ensina. Mas não ha menos que reformar no *quanto* e *como* se aprende.

MANTOS *(Trajo indigena)*
(Açores—Ilha Terceira)

Ambicionamos o engrandecimento do mestre? Nada mais legitimo e racional. Mas é egualmente importante, senão mais, curar ao mesmo passo, com solicito disvelo, da dignificação do alumno.

ALICE PESTANA (CAÏEL)

A condessa Palatina

A condessa Palatina e a sua criada atravessam o Rheno numa barca ligeira, á luz da lua. A criada rema, a condessa diz-lhe: «Não vês estes sete cadaveres, que nos seguem a nado? Como os mortos nadam tristemente durante a noite!

«Eram outr-ora os cavalleiros brilhantes da alegria e do amor, — Caíram perdidos nos meus braços, e juraram-me fidelidade eterna.—Para ter a certeza de que nunca quebrariam semelhante juramento, mandei-os prender e mandei-os afogar immediatamente. — Como os mortos nadam tristemente durante a noute!»

A criada vae remando sempre, a condessa estala uma gargalhada que o echo das montanhas repete n'um tom sarcastico e lugubre. Os cadaveres que fluctuam saem fóra das aguas até á cintura; olham com os seus olhos vitreos: e estendem a mão como para prestar juramento.—Como os mortos nadam tristemente durante a noute!...

H. HEINE.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

Não ha prazer que valha o d'uma consciencia tranquilla, nem ventura estavel quando não tenha por base o Bem.

As creaturas não se medem pela formosura, pela fortuna, pela elegancia e pela intelligencia; mas tambem e principalmente pelas qualidades moraes que possuem e pela delicadeza de sentimentos que revelam.

Os sentimentos da mulher podem e devem irradir para além das paixões, para além do limitado circulo a que lhe tem cingido a actividade.

CLAUDIA DE CAMPOS.

Sem a mulher, o homem na sua soledade seria um ente grosseiro e bravio. A mulher é que em torno dispõe as flores da vida, á semelhança do Cipó que nas florestas engrinalda e perfuma o tronco dos carvalhos.

Não ha como o estudo para dissipar as maguas do coração e restituir ao perturbado concerto da alma a sua perfeita harmonia.

O homem que legou á sociedade um preceito moral ou um sentimento relativo ás cousas terrenas tornou-se por isso mais util do que o geometra que descobriu as mais bellas propriedades do triangulo.

Quem um dia experimentou os soffrimentos da pobreza teve logo a noção da desegualdade social; quem passou a andar de carruagem, sentiu logo despreso pelos que andam a pé.

Entre o dever e o interesse ha esta differença: o primeiro é um facto, o segundo apenas uma ficção.

O temor e a fraqueza do homem geram as religiões; o fanatismo dá-lhes vida; a indifferença traz-lhe a morte.

As sciencias, consoante os tempos, geram a liberdade ou são filhas d'ella.

CHATEAUBRIAND.

UM TEAR
(Açores—Ilha Terceira)

OS NOSSOS BONS AMIGOS

A corça

(DE ESOPO)

Era uma vez uma corça que era cega d'um ôlho, e andava a pastar á borda do mar. O ôlho cego voltou-o para o mar, porque d'ali não receiava perigo; e o ôlho são, esse tinha-o muito arregalado para o lado da terra, á espreita dos caçadores...

CAPOTES *(Trajo indigena)*
(Açores—Ilha Terceira)

Mas n'isto—*pum!*—vem um tiro da banda do mar, d'uns caçadores que andavam de barco, — e a pobre corça cae muito ferida!

Dizia então ella a chorar-se muito:

—Vão lá fiar-se, andem! Vem o perigo d'onde se não espera, e d'onde o esperamos é que elle não vem!

A coruja doente

(DE ESOPO)

Era uma vez uma coruja, que todas as noites entrava n'uma egreja pela janella, e bebia o azeite das alampadas todas.

Um dia adoeceu e estava muito mal, — e dizia então para outra coruja que era mãe d'ella:

—Mãe! O' minha mãe! Peça a Deus que eu não morra!

Responde-lhe a mãe:

—Isso! Roubavas-lhe o azeite todas as noites, e agora queres que te acuda!

A formiga

(DE ESOPO)

Era uma vez um lavrador que trabalhava muito, mas furtava aos visinhos o que podia.

Deus disse-lhe um dia:

—Se continuas a roubar faço te em formiga!

Elle continuava a roubar, e Deus fel-o em formiga.

Mas nem assim deixou de roubar, e tudo o que apanhava levava-o para casa.

Dizia então Deus ao vêr aquillo:

—O que o berço dá a tumba o leva, é bem certo! Mudei-lhe a figura, mas os costumes ficaram os mesmos!

TRINDADE COELHO.

HYGIENE

As creanças

(FRAGMENTOS D'UMA CARTA)

E' preciso findar de vez com essa maneira d'ensacar carne de creanças. A camisa, o mandrião, o casaco, a fralda, as fachas, os coeiros, papagaios e mantilhas, têm de acabar e hão de dar logar a coisa mais pratica e menos incommoda.

Simples véstes compridas, sem comprimirem, pela sua grossura, nem as carnes nem os vasos sanguineos, e sem resfriarem as creanças por essa immobilisação a que as sujeitam hoje. O movimento é a base de toda a saude. Prendel-o, constrangel-o, destruil-o, é caminhar para uma vida má e fragil. As carnes arroxeiam-se; os membros arrefecem; a circulação difficulta-se,... mas não pára aqui. Ha orgãos que se deslocam e os proprios ossos, que parecem tão resistentes e petrosos, esses mesmos hão de deformar-se.

E veja; basta o bater de uma arteria de encontro a um osso, para abrir n'elle o sulco da sua passagem; basta a tracção de um musculo para crear, no ponto de inserção ao osso, uma apophise; basta a um osso, como o humero, ter de rodar d'encontro á omoplata, para a escavar, tornando-se elle hemispherico...

D'aqui se deprehende a fragilidade de todo o corpo humano, fragilidade que augmenta com a indecisão que se nota nas primeiras edades.

Quero eu concluir que uma pressão por muito continua e demasiada n'um certo ponto do organismo, ha-de encetar forçosamente uma deformidade. E atraz d'essa deformidade, atraz de uma parte do corpo que se encolhe para defesa de uma compressão, vem a ectopia de muito orgão que se desloca e se deforma por sua vez, ficando tudo lá por dentro desalinhodo e desarrumado como uma casa em dia de mudança.

E depois, como apilogo, um descalabro de saude e talvez uma vida compromettida. Acredite me, minha senhora, mais uma vez lh'o peço Deixe-se de todas essas formas ancestraes de mantilhas e de fachas, e dê ao seu filho uma roupa largo que o aqueça e não se lhe torne um torniquete. Faça com que todos os seus movimentos sejam possivelmente os mais livres e defendo o da inação, que representa, para elle o mesmo que o silencio para uma criatura que quizesse aperfeiçoar a voz. A inação traz-lhe o frio, e para um *bebé* de mezes o frio é um inimigo mortal.

Se, mais tarde, procurará, com certeza, enrijar-lhe a alma para a lucta das paixões,—é já tempo de começar a enrijar-lhe os musculos para que elle chegue a essa lucta. Cuide-lhe do corpo e consiguirá um bom terreno para depois lhe botar a semente moral. Não o deixe enfezar, nem procure fazel-o menino prodigio antes de o fazer menino forte. Esteja certa de que só mais tarde isso se vê,—e recorde-se da sabedoria das nações: «de pequenino se torce o pepino».

E, com esta, ponho ponto, não sem lhe lembrar, minha senhora, aquelle imbecil do Euzebiosinho, que tambem só agora me veio á memoria,—o Euzebiozinho dos *Maias*, do Eça de Queiroz,—que, por muito ennovellado em algodões e saias de tia, sahiu um patiforio de marca maior, como muitos que andam por esse mundo sem quebrar um prato, —e ainda em cueiros ao que apparentam».

DR. MANUEL PENTEADO

JUNHO, JULHO, AGOSTO

(A Coquelin Cadet)

Amai-vos uns aos outros.
Novo testamento.

Era um egoista meticuloso.

Usava flanella e cautchouc, seguia um regimen determinado, purgava-se em epocha fixa, fazia tudo por conta, peso e medida, e a sua vida era regrada como um papel de musica.

Sabia de cór os preceitos da escola de Salermo, tinha como palavras do Evangelho os adagios populares que têm relação com a saude.

Nada de parentescos prejudiciaes, nada de ligações embaraçadoras. Da amisade e camaradagem só adoptava o necessario para tornar alegre a sua existencia. Teria sacrificado o mundo inteiro ao seu conforto.

Um dia, comtudo, foi obrigado a romper com os seus queridos costumes. Uma avultada herança chamava-o á America. Não havia que hesitar. Era um pequeno mal por um grande bem. Graças a uma mudança e alguns dissabores, de resto pouco importantes, ganhava de repente com que dar um tratamento de rei ao seu egoismo.

Embarcou, mas não sem se ter munido de tudo que podesse tornar menos penosa a viagem: provisões de gulodice, pharmacia d'algibeira; cinto gypogastrico contra o enjôo do mar, apparelho de salvação em caso de tempestade. Apezar de tudo não foi feliz.

As provisões foram avariadas pelo bolôr, a pharmacia quebrada por um balanço brusco, e o cinto facilitava os vomitos.

Só o apparelho de salvação foi util no regresso.

Naufragaram com effeito. Quasi ao chegar ao porto, o navio bateu contra um escolho e sossobrou.

Mas levou um quarto de hora a submergir se e o nosso homem teve tempo de armar-se contra ao mar. Vestira o seu costume de guttapercha, soprou-lhe o sufficiente para fazer d'elle uma bexiga e conseguiu boiar.

Um companheiro de infortunio a quem elle no navio tratava como amigo quiz agarrar-se a elle: repelliu-o com indignação.

Uma pabre mãe que levantava acima das ondas uma creança de peito, estendeu-lh'a para que lh'a salvasse e desappareceu engulida por uma vaga: elle pegou na creança deixou-a cahir de novo depois de se ter apoderado do seu biberon.

Tornou-se feroz para salvar a sua preciosa pelle. Custou-lhe a salval-a. Levado para o largo pela ressaca, via a terra sem poder approximar-se d'ella. Batido pelos ventos e marés, defendeu-se durante dois dias contra as vagas.

O sangue subira-lhe á cabeça.

Tinha o estomago vazio, febre no pulso, os membros entorpecidos pelo frio. Outro menos tenaz, teria esvasiado o apparelho e deixar-se-hia afogar antes que soffrer as torturas por que passou. Mas elle teve a coragem do seu egoismo e não quiz renunciar á vida.

Emfim, pôde ser arremassado á praia. Extenuado, moribundo, agarrou-se ao rochedo com mãos aduncas, e reuniu todas as suas forças para gritar por soccorra.

Era noite. Ninguem vinha.

—Ai! pensava elle, agora que poderia ser salvo, vou morrer aqui? Ah! se tivesse fôrça para me arrastar até áquellas casas onde a minha voz não chega! Ah! se pudesse comer um pouco, ao menos! recuperava as forças.

Como chorava de raiva e de fraqueza os seus dedos encontraram sobre o rochedo marisco, mexilhões e ostras.

A fome dá vigor. Teve energia bastante para os arrancar e abrir. Era o soccorro pedido, era a força, era a vida.

Prudentemente, sensatamente, com temperança, comeu a carne saborosa e pôde alimentar-se.

Assim confortado, começou de novo a gritar. D'esta vez a sua voz mais sonora foi ouvida. Uns pescadores vieram buscal-o, e dentro em pouco foi installado n'uma boa cama, proximo d'uma fogueira. Deram-lhe a beber um cordial que acabou de reanimal-o.

Estava salvo!

De repente, uma dôr atroz apagou-lhe o sorriso dos labios. Os olhos voltaram-se-lhe, os membros contrahiram-se-lhe. Uma caimbra de estomago, seguida d'uma colica, abalou-lhe o corpo todo. Tinha fogo nos intestinos, e e ventre estava como que contorcido.

Chamaram um velho medico da visinhança.

Entre suspiros, ranger de dentes, e sobresaltos, o doente contou o seu naufragio e as suas quarenta e oitò horas passadas sem alimento na agua glacial.

—Não foi isso, disse o patricio. Vejamos: tomou alguma coisa desde que aqui está?

—Demos-lhe um pouco de rhum em caldo de couves, interromperam os pescadores.

—Não á preciso mais nada. Ora eis um caso verdadeiramente exiravagante.

—O que? O que? murmurou o doente, preso do terror da morte.

Mas o medico não lhe respondia, e absorto no seu pensamento, murmurou por entre dentes:

—Já vi afogados por asphixia, mas é a primeira vez que vejo afogados por envenenamento.

—Por envenenamente, gritou o nosso homem. Por envenenamento! Ah! percebo. Em que mez estamos?

—Em junho.

—Como aterrado par esta resposta, começou a deitar sangue pela bocca. Eram os arrancos da agonia!

E tomaram por suspiros do estertor o dito imcomprehensivel que elle pronunciou ao morrer:

Pendant juin, juillet et août
Ni femmes, ni huitres. ninchoux.

JEAN RICHEPIN.

TASSO

Quando elle adormecia tristemente,
No carcere sombrio enclausurado,
Um vulto vaporoso e delicado,
A seus olhos, surgia de repente.

Vinha envolto n'um tulle rendilhado,
Tinha um raio de sol no olhar ardente,
E' a trança longa, farta, rescendente,
Era lhe diadema perfumado.

Deixara os diamantes e os arminhos,
E no chão magoava os seus pésinhos
Que nem a Arte em marmore talhara...

E o pobre trovador, ebrio de goso,
N'um sonho encantador e delicioso,
Contemplava a princeza de Ferrara.

ALICE MODERNO

Numero 12 — Lisboa, 1 de Novembro de 1902 — Anno I

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes ..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno ..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA
Os originaes que não sejam publicados, restituem-se

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

D. Claudia de Campos

Eis uma grande escriptora, e uma verdadeira *grande dame!*

Isto é: para falarmos portuguesissimamente — uma senhôra de uma distincção nata: distincção de raça: distincção pelas linhas fisionomicas como pelo pórte, pelas maneiras, e pelo espirito. Se o escrevémos em francez é por que nos fáz lembrar uma d'essas bellas figuras da galeria aurea dos salões de madame Récamier: uma espirituosa Madame Desbores Valmore: uma poetisa como a Girardin: ou uma sonhadora loira de loiras utopias, como a caprichosa e bella Sand. Fundas dissemelhanças nos temperamentos separam—porém—estas verdadeiras sumidades femininas do talento real e solido de D. Claudia Campos. E' uma fantasista, é uma naturalista, é uma humorista, ou é uma sublime idealista pura?... Não é nenhuma d'estas cousas em absoluto: e é todas ellas simultaneamente, em dados momentos nas suas obras: — ás vezes na mesma pagina, no mesmo periodo, na mesma linha! E' humorista por exemplo no *Rindo*: é naturalista na *Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*: é ainda fantasista no *Rindo*: e é idealista finalmente, no *Ultimo Amor*, na *Esphinge* e no *Elle*.

D. Claudia de Campos

O que caracterisa mesmo, o que espiritualisa, e o que aljófra de uma divina puálha de prata e oiro todas as suas creações, mesmo, nas cruezas torturantes das autopsias: sobre a meza de marmore onde ella deita as suas bellas estatuas brancas—*mas não frias, oh! nunca frias!* — o que espiritualisa, repetimos, essas magnificas carnações onde a vida, o sangue, e por vezes o cachoar das vesanias magicas acendem éstos dementados de paixão, é o seu idealismo puro que mais a aproxima de Bourget, do que do grande Zola — d'esse Zola macisso, por vezes brutal — a não ser n'essa magnifica e briosa, e olorósa *Page d'amour*.

Eu não sei se Ella leu, alguma vez, Victor Cherbulliez: é possivel que não: — mas as suas mãos delicadas e esmaecidas: mãos de verdadeira patricia costumada ás finas côres, ás finas telas, e ás deliciosas miniaturas, podem todavia, sem nunca haver lido esse grande feiticeiro, terem buriládo habilmente sobre marfim, ou sobre ágatha, perfis tão primorosos como elle. O seu genio que não foi ainda de resto assás *verificado*, isto é, assaz definido e comprehendido, pelas deficiencias do meio critico, é no fundo um genio essencialmente *feminino*, isto é: poetico-artistico —. Tem todas as delicadezas, como todos os transportes: todas as minucias, como todas as syntheses: todos os grandes arrancos dramaticos da alma como todos os esbatidos dos crespusculos outonaes. Como é uma artista essencialmente patricia não se compraz muito nas côres berrantes: mas não desdenha, todavia, nas suas paisagens bucolicas, a nota aguerrida da papoila cortando a monotia dos trigaes maduros e das margaridas candidas. Quer dizer: D. Claudia de Campos tendo um genio másculo, possue em alto grão isso que tem distinguido todos os grandes poetas humanos, quér sejam dos ciclos classicos, ou dos ciclos do Romantismo, e que distinguirá, crêmos, todos os ciclos universaes, tem na sua alma perigrinamente feminina: — o transcendente *sentimentalismo*. Ajuntese a isto: uma formosura grega: um ar olympico: umas maneiras suavissimas e dolentes: um coração flébil e dorido de

todas as bellas dôres atravessadas pelas suas heroinas, e terão alguma cousa vaga, incoercivel, fugáce... mas no entanto algo parecido com o que é essa verdadeira Rainha do naturalismo em Portugal.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

(Traduction de la Baronne de Tallenay)

Le ciel, o mon soleil, le combla de vertus;
Ton âme rayonnait en ton noble visage,
Et ta parole fut comme un divin message
Dont les échos, hélas! pour jamais se sont tus.

Mille désirs ardents de gloire revêtus
Naquirent en mon âme à ta parole sage,
Car tu fis resplendir comme un astre ou passage
Ton flambeau d'amour pur, sur mes sens abattus.

Ce flambeau lumineux que ton amour fit naître
Eleva ma pensée au niveau de ton être
Et traversant mon cœur de mille rayon d'or,

Comme un glaive laissant une empreinte certaine,
Me fit l'esprit si fier et l'âme si hautaine
Que seul un penser vil peut l'offenser encor!

VITTORIA COLONNA

A MARGARITA FEIJÓO Y RUBIO

SONETO

Bello es el sol, cuyos destellos rojos
derraman por doquier luz y alegria;
pero es más bello aún, dulce alma mia,
el limpio azul de tus divinos ojos.

La azucena gentil sintiera enojos
y mustia su corola inclinaria
si tu faz, que á la nieve desafia,
viera lucir, causándola sonrojos.

La flor del terebinto encantadora
junto á tus lindos labios palidece,
y el dorado cabello de la aurora,

á par del tuyo, sin color parece:
¡que tú eres, niña, en su expresión más pura,
el perfecto ideal de la hermosura!

ERMELINDA DE ORMAECHE.

Gibraltar.

A MULHER MODERNA

O espirito do tempo presente, pense-se o que se pensar do seu valor e da efficacia da sua agitação, é animado d'um amor sincero pelo melhor, e de modo nenhum mais ardentemente se manifesta que trabalhando pela reforma do organismo social.

Por toda a parte foi batido em brecha o principio da authoridade, outr'ora tão omnipotente, e levanta-se em face d'elle o direito sagrado do respeito individual.

Entre as manifestações d'esta corrente nova, ha uma que mais do que nenhuma outra resolutamente se affirmou — a *Emancipação da Mulher*.

Hontem ainda, docil guarda do lar, soffria a mulher com resignação a inferioridade a que a tinham votado os costumes e a lei; hoje, mostra cada vez mais vontade em participar da vida social, sem ser apenas por intermédio dos filhos que dá á communidade.

Appoia as suas pretenções no melhor dos argumentos, mostrando praticamente que possue aptidões incontestaveis para todas as funcções sociaes que o homem até aquí para si só reservava.

MARIA CHELIGA.

PERFIS FEMININOS

D. Emma Aline Jérvis Pereira

Alta, distinta, elegante, esta formosissima senhora que tem o pôrte de uma Rainha, parêce uma filha loira do Norte: um d'esses anjos loiros que cantou o divino Moore: e de tal guisa o seu pisar é invulgar e nobre, que faz lembrar o verso do melodioso Virgilio, a respeito da radiósa Venus: Incessu patuit dea!...

E' uma esculptura perfeita! — A regularidade e a harmonia das linhas: a tez finissima, — leite e rosas, — o aperolado dos dentes, a boca talhada em arco côr de rosa, d'onde despéde a flexa maviósa do sorriso: a conversação mais scintillante do mundo fazem d'ella um d'estes tipos deliciosos de mulher, que são inolvidaveis, porque vistos uma vez jámais esquecem: — a sua memoria em nós torna se imperecivel, como o marmore, o ferro, o granito, ou o bronze famoso de Corintho.

Acrescente-se a isto: um espirito que é uma peréne cascáta de scintillações, como aquelles lagos luminosos das grandes Exposições da feiticeira Paris: o cantórno delicado e fino que esta amavel senhora dá sempre á fráse: quér seja para deichar escorrer o mel da amabilidade: quer seja para assetear alguem com um dito burilado de espirito — cheio de vérve ou de humour *— mas sempre delicado, e terão o typo ideal da mulher da sociedade, da mulher elegante: —* rainha dos salões, quando lhe apraz sêl-o! *Este, o typo da mulher* exterior: *da mulher que se admira: da mulher que se lisongeia: da mulher ante quem se curvam os anlicos, em etiquetas e* salamaleks.

O tipo, porem, da mulher interior, *da mãe da familia amoravel e infatigavel: da bella dona de casa que tem todos os segredos mágicos de tornar o seu* ménage, *o seu* home, *o seu* chez soi, *um elegante ninho encantador e um verdadeiro paraiso de fadas: esse tipo é muito mais admiravel ainda para nós, digamos a verdade, e muito mais selécto. E', quanto a nós, a coróa santa e espiritual d'esta encantadora dama. Se a sua illustração é copiosa, a sua caridade é inesgotavel. Poderiamos dizer muito se fossemos indiscretos e inconfidentes, mas preferimos para complemento d'este perfil desataviado e incapaz de traduzir pelo verbo o seu vulto delicado e aério, terminar-mos dizendo-lhe: —* Ave! ó clemente, ó piedosa, ó doce mãe dos rôtos e dos pobresinhos!... *E com isto, ficaremos muito aquem da verdade... e não seremos uns monstros de lisonja!*

O AMOR NO CASAMENTO

....

O amor no casamento, o viver de esposa, viver todo feito de suaves e intimas alegrias, de muita doçura e abnegação, e de imperiosos e obscuros deveres não convinha á sua indole.

O scenario apropriado á baroneza, e que ella buscava com ancia, não era o scenario complicado de um palco, onde se exhibisse, onde, désse largas á sua assombrosa verbosidade e mostrasse a um publico fanatisado as prendas naturaes e adquiridas que possuia.

As paixões de madame de Staël, — a menos exclusiva das creaturas em todo o sentido, — não podiam conciliar-se com as virtudes de pureza, de submissão, de fidelidade e de doçura, requeridas para tornarem bem feliz no casamento a mulher; e ella propria se encarregará de o demonstrar em *Corinna*.

As suas paixões eram fatalmente dramaticas, theatraes; pertenciam ao reportorio das Phedras, das Arianas, das Hermiones; precisavam para se alimentarem, para se desenvolverem e attingirem toda a sua amplidão tragica, bastidores, galeria e ribalta.

Limitadas á simples vida caseira, romperiam em breve os diques ou morreriam asphyxiadas, como as pobres flores de estufa definham e perecem ao ar livre, n'um clima hostil.

A mulher verdadeiramente fascinadora e superior é aquella que, bem dotada pelo lado intellectual, tendo o poder de raciocinio e de concepção de um talento altamente educado e viril, possue ao mesmo tempo, em subido grau, e cultiva todas as graças, todos os encantos, todos os delicados attributos do sexo a que pertence.

Aquella que reune estes dons é a grande dominadora, a incomparavel feiticeira, sempre segura de si mesma, porque sabe conhecer-se, analysar-se, comprehender o seu papel, reprimir, os seus defeitos e educar as suas qualidades; sempre certa de vencer, pois que para esse fim emprega só os meios suaves, e por isso mesmo irresistiveis, com que a natureza a dotou: os meios que a sua pessoa encarna.

Em face do homem, prefere ser Celiméne a ser Corinna; em face do homem, evita fazer-lhe sentir superioridades que humilham; não pretende dispensar-lhe protecções incompativeis com o natural orgulho masculino; recusa o papel improprio de iniciadora e de mestra.

Em face do homem, a sua principal preoccupação é mostrar as graciosas qualidades que mais o captivam e que a elle lhe faltam para se completar.

Sentida a subtil attracção dos contrastes, d'onde deriva a sympathia mutua: feita a conquista incondicional da força, pela meiguice e pela graça, ella pode então, sem receio, deixar ver a profundeza da sua alma, o poder do seu criterio, a elevação do seu espirito, porque todas essas vantagens só podem engrandecel-a e augmenta-lhe o prestigio.

CLAUDIA DE CAMPOS

Do livro *A Baroneza de Staël.*

Que é o amor?

Não é essa illusão vulgar, que inflora
Uma ternura vã e refalsada,
Que nas salas se arrasta decotada,
Que o tempo mata e em fumo se evapora.

Não. O amor é uma musica sonóra
Que nos vibra na alma enamorada,
Uma ventura nóva, não sonhada,
Como luz de immortal, sublime auróra!

Nasce do Sonho, e em sonhos se alimenta:
Não ha poder humano que o destrua,
Que nem a morte destruil-o intenta!

É o fogo ardente que em meu seio estúa,
Um laço eterno, essa paixão violenta,
Que para sempre uniu minh'alma á sua...

ZULMIRA DE MELLO.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

Os prazeres do pensamento são remedios contra as feridas do coração.

MADAME DE STAËL.

A felicidade ou infelicidade da nossa velhice é muitas vezes o resultado da nossa vida passada.

MADAME DE NECKER.

A mais honesta mulher não resiste á tentação de parecer seductora; e sem querer dar esperanças, não desgosta de deixar saudades.

MADAME DE GIRARDIN.

Geralmente, e bem o sabem as mulheres, um homem que fala de amor, com espirito, está pouco amoroso.

GEORGE SAND.

As mulheres seriam mais felizes se cuidassem tanto no seu espirito como no seu rosto.

MADAME DE FEÉ

No dominio do *menage*, a mulher casada com um homem pouco abastado, deve auxiliar o seu companheiro, partilhando dos seus trabalhos e utilisando a sua intelligencia a favor do casal, em qualquer ramo de actividade productiva.

GUIOMAR TORREZÃO.

Conhecemos a morte pela primeira vez quando ella accommette quem nós amamos.

MADAME DE STAËL.

O amor ennobrece ou envilece segundo o objecto que o inspira.

MADAME DE BEAUMANT.

CINTRA — Chalet da Sr.ª Condessa d'Edla

NA BARRICADA

III

Emquanto o mundo proseguir a sua viagem methodica, em volta do grande astro incandescente, emquanto o mundo existir, ha-de haver mulheres que o poetisem pela sublimidade do seu espirito, e que o enlameiem com a abjecção dos seus vicios; ha-de viver o anjo, agonisar o demonio e vegetar a femea — esse meio termo collocado entre o Bem e o Mal, entre o Ceo e o Inferno.

Onde se vê uma mulher, adivinha-se todo um poema de lagrimas, presente se a grandeza da epopeia ou a desordem bacchica do dithyrambo. A mulher, em tudo, — no vicio como na virtude sorrindo ao primeiro vagido da creança e envenenando o ultimo suspiro do homem; a suprema consoladora do desgraçado, ou a derradeira gotta de fel no seu cálice de amarguras.

A existencia do homem anda ligada aos bons e aos maus instinctos da mulher; é ella que o governa, que o domina e até que o escravisa. *Cherchez la femme*, dizem os francezes. Nos grandes commettimentos, como nas grandes degradações—*cherchez la femme*. O feminino: = eis a vida e a morte. O feminino; — eis tudo!

Infelizmente, em a nossa desordenada sociedade, sobram os demonios e abundam as femeas. A Mulher — esse ente meio empyrico, meio terrestre—é quasi um milagre e o pasmo das multidões.

De onde parte essa onda desmoralisadora, que ameaça subverter a sociedade? Qual foi o Génesis de Rigolboche?

— A Miseria — dirão muitos.

— A Ignorancia — responderá a minoria sensata e judiciosa.

A depravação não se atreve a invadir a casa da mulher illustrada. E, se bem que a historia possa (apontando Catharina da Russia e outras) destruir pela base esta affirmativa, nós estamos no plenissimo direito de duvidar da pseudo illustração de Catharina... e quejandas. De resto, e isto é indiscutivel — d'onde penetra um livro sae a inutilidade.

As mulheres devem estudar talqualmente como os homens, e talvez ainda mais.

Temer a illustração da mulher, vedar-lhe a estrada luminosa dos grandes destinos, é fazer causa commum com as aberrações retrogradas de nossos avós e cooperar para o fatal desmembramento da virtude. Dêem livros ás mulheres, criem-se lyceus só para ellas, organisem-se escolas onde o feminismo aprenda a luctar com a miseria e a vencel-a, onde todas as artes se cultivem e todas as intelligencias se desinvolvam. A mulher Artista nunca descerá ao bordel, nem creará ao Homem situações difficeis. Se a doença ou desanimo fizerem fraquejar o braço do homem, ficará a mulher a substituil-o. A mulher, a unica e verdadeira amiga do homem, deve saber um officio, se não pudér estudar uma sciencia. O seculo do *struggle for life*, o seculo iconoclasta, que derruba os velhos preconceitos, deve fazer raiar para ella a esplendorosa aurora do Trabalho.

Quando a mulher souber comprehender a sua brilhante missão de educadora, esposa e mãe, ha-de decrescer o commercio das frioleiras e baixar o preço dos farrapos doirados; mas a mãe de familia dará ao mundo o exemplo prestigioso da sua força moral.

Desenganae-vos A mulher educada nunca será um elemento revolucionario que pretenda a vós, homens, arrancar-vos o vosso indiscutivel direito de superioridade. Apenas, quando o pão faltar em vossa casa, não vos sentireis irritado pelas lagrimas pueris de vossa esposa, nem pelas suas recriminações de ociosa.

E' preciso que a mulher se convença de que não nasceu unicamente para vegetar á custa do suor do homem, para ostentar nos theatros e nos passeios o luxo fantasioso dos seus vestidos, conquistados — sabe Deus! — com quantas horas de vigilia de seu marido.

Não contesto ás mulheres o direito de serem elegantes; mas desejaria que os museus de pintura e de esculptura, as officinas, osprelos, as academias encerrassem o segredo da sua elegancia.

Queixa se a maioria dos homens de não poder supportar o *fardo* do matrimonio! — Tendes razão; — o matrimonio, como vós o contrahides, é, effectivamente, um fardo; mas a culpa é só vossa. Porque não educaes vossas esposas vossas filhas, e até as vossas amantes?

Saber escolher uma esposa, constitue, por si só, uma sciencia. Se a estudardes, vereis como cessam todas as vossas contrariedades.

Nunca confieis na vossa força para dominar a femea. A mulher ignorante possue-vos, arrasta-vos e enterra-vos. E' o vampiro da vossa existencia, o parasita que engorda, emquanto vós definhais.

Homens e mulheres devem unir-se para o mesmo fim: — o Trabalho! para o mesmo ideal: — o Dever!

Deixemos ás idiotas a loja de modas e os romances de Ponson. Nós, mulheres do seculo, caminhemos para a luz das grandes revoluções; emancipemo-nos do jugo pesadissimo do preconceito.

E no dia em que os homens tiverem em nós — mais do que uma esposa — uma amiga, um conselho, uma consolação e um auxilio, — Messalina occultará na treva a sua morte de maldita, e raiará o eterno arrebol da nossa Liberdade!

MARIA VELLEDA.

DEUS TE PAGUE!

A suavissima luz do teu olhar,
Qual timida oração compadecida,
Cahiu sobre a minha alma entristecida
N'uma chuva divina de luar.

E a minha alma sombria, a soluçar
Constantemente a resa dolorida
Da paz da sepultura, amortecida,
Sentiu-se reviver ao teu olhar.

Os martyrios sem fim das minhas penas
Mudou-os a tua voz cariciante
N'um canteiro de rosas e açucenas...

Deus te pague esse olhar, e a celeste
Expressão do teu sorriso amante...
Ah! Deus te pague o bem que me fizeste!

DOMITILLA DE CARVALHO.

Ingerencia da mulher no problema social

Jules Bois, o brilhantissimo pensador francez, escreveu algures *La société future ne sera régénérée que par le concours conscient de la femme*. Ha muito está esta convicção arraigada no meu espirito.

A natural sinceridade, os probos instinctos, o ingenuo enthusiasmo da mulher, são elementos salutares, ainda não contaminados, que devem aproveitar-se amplamente na obra de regeneração e reforma social.

Houve um tempo em que muito se receava do perigo de interessar o *sentimento* na solução dos mais altos problemas sociaes. Mas esta dura, e um pouco sophistica theoria, começou ja a perder terreno. Começa a pensar-se, ao contrario, que o *sentimento* ha de ter representação effectiva nos parlamentos sociaes.

E nem me parece já extremamente ousado affirmar que, em muitas circumstancias, o coração, muito mais depressa do que a razão, vê claramente a justiça.

A vida do homem é uma situação de equilibrio entre as solicitações do sentimento e da razão. D'aqui se deduz, sem mais argumentos, a necessidade de elevar o espirito da mulher até essa situação de equilibrio, unica condição em que poderá já estabelecer-se o parellelismo dos sexos, indispensável á felicidade individual e á dignidade da familia. O bem estar social depende essencialmente d'esta circumstancia.

Vae-se dizendo muito pelo mundo fóra, e de diversos modos, que um dos *deficits* mais senciveis na vida das sociedades existentes é o do caracter. Não ha infelizmente grande exagero de rhetorica n'estes assertos.

O egoismo, claro ou mascarado, consciente ou rotineiro, tem sido sempre o primeiro mobil da grande massa humana.

Pelos deprimentes effeitos d'essa preponderancia, levou seculos a desabrochar o doce sentimento de *humanidade*, cupula graciosa, gentillissima, do progressivo aperfeiçoamento moral a que o homem não logra esquivar-se.

Acima da acanhada politica dos partidos, dos estreitos interesses da familia, brota nos corações, sob a influição magnetica de uma moral nova, flor de requintada justiça, a devoção da *politica humana*, aspiração incessante para um estado social de equitativo equilibrio, em que, nas relações de todos os individuos, predomine a noção culta e decorosa da fraternisação e do respeito.

D'esta evolução moral não podia deixar de surgir bem clara a necessidade de fazer entrar a mulher, directa e effectivamente, na obra tão afanosa e tão esperançosa da reconstituição das modernas sociedades. E, quando mais essa influencia se tornar effectiva, alastrando e affirmando-se tanto mais se reconhecerá que o que durante muito tempo a injustiça dos homens inculcou desvantagem e inferioridade na mulher são apenas excellencias da sua pujante natureza, que imprudentemente se tem malbaratado e desprezado.

Como fará porém a mulher para exercer efficazmente a sua methodica, a sua reguladora influencia nos maiores interesses sociaes?— perguntarão alguns animos alvoraçados.

Combaterá encarniçadamente? — Antes evangelisará com perseverança e doçura.

Dará ás luctas de fóra, tão violentas, as mais das vezes tão estereis, alguma vez tambem tão aviltantes, as delicadezas do seu sentimento e do seu pensamento? — Antes se concentrará no estudo, na reflexão, deixando de comprovar o judicioso conceito de Dona Concepción Arenal, quando affirmava que a educação dada geralmente á mulher se podia definir — *a arte de perder tempo*.

E já que recordámos o nome d'esta gloriosa mulher, honra preclara da Hespanha, e devoção de quantos ajoelhamos commovidos ante os mais bellos exemplares de elevação humana que têm existido, tomemos ao acaso, de um dos seus preciosos livros, qualquer pensamento que dê força e calor ao nosso:

«*Lo primeiro que necesita la mujer es afirma, su personalidad, independiente de su estado, y persuadirse de que, soltera, casada, ó viuda tiene deberes que cumplir, derechos que reclamar, dignidad que no depende de nadie, un trabajo que realisar, e idea de que es una cosa seria, grave, la vida, y que, si la toma como juego, ella sera indefectiblemente juguete.*»

Os que já se não atrevem a depreciar a mulher, maldizendo das qualidades de primeiro quilate com que, na maior prodigalidade, dotou a natureza, contentam-se com chamar-lhe evasivamente *uma doente*.

E não vêem, ou não querem vêr, que ella se tem principalmente debilitado pelo tedio, pela inacção das suas faculdades mais elevadas, por uma hygiene, absurda, pela falta de cultura geral, por carencia de todos os recursos fortalecedores, e até, tantissimas vezes, por sobrecarga de trabalho material, incompativel com as suas forças.

Da revolta contra este estado anti natural, proveiu logicamente a reacção, a despeito de toda a imposição arbitraria. E a mulher, quando resolveu olhar de frente, viu claro: viu que lhe era indispensavel fortificar o sentimento e a consciencia, dilatando a intelligencia

A poder de esforços, contra todas as hostilidades de um meio social ainda escassamente illuminado pela verdadeira luz, as mulheres dos ultimos trinta annos evidenciaram a mais irrecusavel prova de capacidade. Hoje contam no seu *activo* dois assignalados serviços á causa social:— á propaganda contra o *alcoolismo* e a propaganda em favor da *Paz* e do *Desarmamento*.

No seu brilhante livro *La Femme contre l'alcool*, o grande propagandista Louis Frank, depois de descrever o tenaz, intelligente e bem organisado trabalho com que as mulheres do mundo teem, no ultimo quartel d'este seculo, feito guerra exterminadora ao alcoolismo, nomeadamente pela mais poderosa das suas associações congeneres, a Federação Feminina Universal de Temperança, com séde em Chicago, affirmou:

«*Non moins que la justice, l'intérêt social bien compris, commande d'ailleurs à l'homme d'avoir recours à la coopération des femmes pour détruire ces fléaux jumeaux: l'alcoolisme, la débauche et le militarisme.*»

O que têm feito as mulheres nos paizes mais adiantados, não só para minorar e suavisar os horrores da guerra, mas na propaganda da Paz e do Desarmamento, é immenso, como já tenho tido occasião de referir ás minhas patricias.

E no fim... *Utopias*! — dirão fleugmaticamente muitos portuguezes.

Animemo-nos, recordando o espirituoso conceito de Frédéric Passy — *Le progres n'est pas autre chose que la série des utopies realisées*.

Eleve-se a mulher, se se quer fazer obra social duradoura e forte. Eduquem se todos os individuos, homens e mulheres, para a independencia da razão equilibrada e para a consciencia inflexa do dever social.

Então, poderá haver esperança de rehabilitação para as nações abatidas. De outro modo não.

ALICE PESTANA (CAÏEL)

UM RETRATO

(A Laura Cortines)

E' alta e esbelta, pallida e franzina,
De grandes olhos cheios de tristeza;
Corôa-lhe a cabeça altiva, presa
Em farta trança, a cabelleira fina.

Não tem a formosura que fascina,
Nem as linhas correctas da belleza
E é preciso que diga com franqueza:
Falta-lhe ainda a graça feminina,

No trato é fina, e ás vezes descuidosa;
Detesta o baile e as valsas doudejantes;
Gosta de versos e tambem de prosa.

Poderia ajunctar mais um defeito...
Mas supponha que os traços são bastantes.
— Dou-lo, pois, o retrato como feito.

Deante de um quadro

Vendo o espaço cobrir essa treva, que a Historia
Diz que a scena cruel do Calvario envolveu,
E de que se destaca a alvura merencória
Do teu bello perfil, ó misero judeu!

Vendo da tua face a placidez marmórea
Da morte sob o triste e mysterioso véu,
E a corôa pungente, acerba e derisória,
Sob o peso da qual tua fronte pendeu...

Lembra-me, a meu pezar, das follias da Escriptura,
Como de alguma noite immensamente escura,
Rasgada pela luz de um sinistro clarão...

Vejo-te, o olhar acceso em um odio profundo,
O braço alevantar, colérico e iracundo,
Em um gesto de império e de verberação.

Rio de Janeiro. JULIA CORTINES.

ERRATAS

Na carta que o distincto poeta sr. Gomes Leal escreveu a D. Alice Moderno, no ultimo numero da nossa *Revista*, ha um pequeno erro typográphico. Onde se lê: estrellas do céo da arte onde alguns veem hediondas, deve ler-se: — *onde alguns veem manchas hediondas*.

Numero 13 — Lisboa, 15 de Novembro de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes ..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno ..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA
Os originaes que não sejam publicados, restituem-se

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
na das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

A NOSSA GALERIA

D. MAFALDA MOUSINHO D'ALBUQUERQUE
(Modesta)—Poetisa

D. CACILDA PINTO COELHO E CASTRO
(Escriptora)

D. ZULMIRA DE MELLO
(Poetisa)

D. BEATRIZ PINHEIRO
(Escriptora)

D. ANNA DE CASTRO OSORIO
(Escriptora)

D. ADELIA HEINZ
(Pianista)

D. ALBERTINA PARAISO
(Poetisa)

D. GUILHERMINA SUGGIA
(Violoncellista)

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

AU LECTEUR

Ce livre est toute ma jeunesse;
Je l'ai fait sans presque y songer
Il y paraît, je le confesse,
Et j'aurais pu le corriger.

Mais quand l'homme change sans cesse,
Au passé pourquoi rien changer?
Va-t-en, pauvre oiseau passager;
Que Dieu te mène à ton adresse!

Qui que tu sois, qui me lira,
Lis-en le plus que tu pourras,
Et ne me condamne qu'en somme.

Mes premiers vers sont d'un enfant,
Les seconds d'un adolescent,
Les derniers á peine d'un homme.

ALFRED MUSSET.

OS NOSSOS
BONS AMIGOS

Os dois cães

(DE ESOPO)

Era uma vez um sujeito que tinha dois cães, e ensinou um a guardar a casa e o outro a caçar. O que guardava a casa comia tambem do que caçava o outro; mas o cão caçador levava isso muito a mal, e um dia disse para o companheiro:

— Ora isso é que é sorte, sim senhor! Eu cá, trabalho todo o santo dia; e tu, feito fidalguinho, vives do meu trabalho e não fazes nada!

Responde lhe o outro:

— Quem tem a culpa?! Queixa-te do nosso dono, que te ensinou a trabalhar e a mim não!

Os rapazes e o cosinheiro

(DE ESOPO)

Eram uma vez dois rapazes que entraram n'uma cosinha, e um d'elles furtou um pedaço de carne e passou-o ao outro. N'isto vem o cosinheiro e diz assim:

— Quem tirou d'aqui um pedaço de carne?!

Diz o rapaz que o tinha escondido:

— Eu cá não fui!

E diz o que o tinha tirado:

— Eu não o tenho!

— Juraes?!

— Juramos!

Diz logo o cosinheiro conhecendo a malicia:

— Pois sim, sim. A mim ainda vocês me podiam enganar; — mas Deus é que sabe muito bem que jurastes falso!

A gallinha dos ovos d'oiro

(DE ESOPO)

Era uma vez uma gallinha, que punha todos os dias um ovo d'oiro. O dono ia assim enriquecendo pouco a pouco; mas um dia bate de repente na testa e põe-se a dizer:

— Tóla! Isto é mina dentro da gallinha! O melhor então é apoderar-me da mina, e do pé para a mão fico riquissimo!

E se bem o disse melhor o fez, porque se foi á gallinha e abriu-a; mas mexendo e remexendo lá dentro, só lhe encontrou o que tinham as outras — e a respeito d'oiro nem um pó!

Dizia então o grande ambicioso:

— Bonito, sim senhor! Agora então, nem gallinha nem ovos d'oiro! Bem diz o dictado: «de vagar se vae ao longe»; e «quem tudo quer tudo perde»!

TRINDADE COELHO.

PERFIS FEMININOS

Condessa de Proença-a-Velha

Perfeitamente adequado será o proverbial dito de CANTA E ENCANTA, *referindo-nos a esta distinctissima e gentil dama tão conhecida, admirada e sympathica na sociedade mais selecta e illustrada.*

A' sua voz melodiosa sabe imprimir, com indizivel encanto, todas as suaves inflexões da sua alma divinisada pelas auroras flugentes d'uma inspiração dulcissima e etherea. Dir-se-ha, ao ouvil-a, que lhe foram por uma graça divina, revelados todos os mysticos arcanos da Arte; affirmar-se-ha, ao contemplal-a, que a natureza se despojou de todos os adornos e de todas as galas para, prodigamente, lh'as reflectir na expressiva melancholia do seu olhar sempre meigo, pensativo e errante como procurando sofregamente fitar as torrentes de irradiações estheticas em que o seu espirito transcendente anda sempre absorto e embevecido.

Decerto que lagrimas deslisadas d'aquelles olhos d'uma ascetica formosura e irresistivel attracção se devem converter, — como as das Heliades, filhos do Sol, pranteando a morte de Phaetonte, — em materiaes valorosos e preciosissimos.

O livro que a penna aristocratica e rutila, manejada pela sr.ª condessa de Proença, escreveu recentemente, foi-lhe suggerido, em candaes de ouro liquido, pelo seu espirito tão invulgarmente culto e está, em todas aquellas paginas elegantes, repassado da subtilissima rescendencia que se desprende do seu coração magnanimo e volitante ininterruptamente em volta do bello, como a mariposa em volta da luz.

LA DAME VOILÉE.

Pobres pequeninos

O mais genial symptoma de civilisação é o respeito pela criança. A mais lucida comprehensão da existencia moral está no disvelo por essas embryonarias unidades sociaes, que são a esperança viva das nações.

Trabalhando a alma infantil, moldavel como cera molle, trabalha-se o futuro da patria. Fortificar a geração nascente é levantar o alicerce inquebravel das sociedades de ámanhã.

Aconselha este norte a consideração do bem commum, a simples lucta pela vida, o mero instincto de conservação individual e nacional. Mas, acima de tudo, impulsão mais pura e mais altruista, aconselha o aquelle alto principio de solidariedade humana que de ha tempo para cá, vem vituperando todos os abusos, recommendando os seres fracos á consciencia carinhosa dos sabedores e poderosos

A criança concretisa a maior fraqueza humana. No corpo e no espirito tem todas as propensões para o desequilibrio. Os graceis membros vacillam ao menor embate. Uma palavra, um olhar, um nada, volta a bussola d'aquelle entendimento sensibilissimo do norte para o sul.

Por isso as creanças serão sempre a maior preoccupação activo no seio de qualquer sociedade crente, esperançosa e vividoura.

E' rigoroso, é justissimo, aferir hoje o grau de civilisação de um povo, auscultando attentemente o viver das suas creanças.

Miserando Portugal!

Basta, para julgar-te, comtemplar o tremento estendal de pequeninos desgraçados, espreguiçando-se, hediondamente nas suas soalheiras de Lisboa. E' o sangue, que encerra a força vital, a escoar-se desaproveitado, anemiando cada vez mais o organismo!

Pranteia-se que abrigue esta linda terra quatro milhões de analphabetos. E' justificadissimo esse lamento.

E quantas centenos de milhar de pedintes!

Esta ainda por fazer a vergonhosa estatistica.

O analphabeto é um cego do entendimento.

O mendigo, no geral dos casos, é o maior cego da dignidade e do pudor. Execrando espectaculo o d'essa legião pequeninos maltropilhos que nos tolhem o passo ás esquinas!

Inconscientes victimas da mais indecorosa especulação!

O legitimo padroeiro da creança é o Estado. Nenhuma mais alta funcção lhe póde ser commettida do que a d'essa tutoria em que elle recebe da natureza a materia prima com que ha de formar — se soube — um producto sadio, resistente e formoso.

Cumprissem sempre os poderes publicos esta sua primaria obrigação, comprehendessem e usassem elevadamente esta sua incomparavel prerogativa, construindo o foturo sobre largos planos sem constante recurso a meros expedientes de facil laboração mental e nenhum alcance humanitario, e a solução do grande, complexo problema moral estaria já muito mais adiantada, e a creança viveria ha muito livre da boçal tyrannia dos seus oppressores.

No estado de relativo atraso em que ainda se encontram as sociedades humanas, governadas na maior parte por interesse egoistas, só «a lei» póde salvaguardar a fragueza nativa, prevenindo vexames e extorsões malevolas ou inconscientes.

E' pela «lei» — parallelamente á propaganda sentimental dos factos e das idéas, tarefa, por excellencia, feminina— que a creança terá garantido o leite conveniente á sua primeira alimentação; que terá a luz da escola; o ensinamento do respeito, do decoro, da actividade ennobrecedora.

E' pela «lei» que o seu trabalho ha de ser regulado, nas fabricas, na agricultura, no commercio, por toda a parte, negando se, a quem quer que seja, o direito nefando de impedir o desenvolvimento physico, moral e intellectual, propinando aos indefesos pequeninos, a troco de miseravel pagamento — o pedaço de pão secco que lhes enganará a fome do estomago, deixando os sempre famintos — uma existencia que é um precoce martyrio, em que todas as valedoras faculdades, degenerando, se estiolam.

E' pela «lei» — como ha poucos mezes succedeu em Madrid — que ha-de travar-se o hediondo abuso de exhibirem-se no tablado de um theatro companhias de infantis comediantes, sujeitos a violento e incessante trabalho, forçados, ainda

peior! a arremedarem paixões e sentimentos que são, mercê de Deus, inteiramente estranhos á sua idade. Completa degradação de corpo e alma! Roubados do somno, da alegria, da innocencia. «Chocar» na materia humana estes hybridos seres é o mais sacrilego feito da inconsciencia social. Nada mais refractario á natureza do que esse abjecto espectaculo, tolerado por algumas sociedades viciosas, torpissima especulação em que muitos são cumplices, desde os emprezarios, varridos de escrupulos, aos embrutecidos paes das victimas, e ao publico ignaro que applaude e patrocina o repellente escandalo...

A existencia humana será sempre um triste espectaculo — affirma-se. Nunca a luz da justiça fusilará tão intensa que os seus raios penetrem nas minas e nos subterraneos. Chorar é condição indispensavel da vida. As lagrimas são precisas ao homem como á sementeira os aguaceiros. O bem germina a custo ao planeta que habitamos —

De tão opprimentes pensamentos vae a muitos o desanimo para luctar.

Sensiveis, porém fracas almas são essas!

Reconhecendo implicavel a «Dôr», qual nol-a pinta «O Poema de um morto» de Guilherme Santa Rita, maior deve tornar-se a nossa força de resistencia.

Por mim, quanto mais penso n'essa abominavel «Dôr» que nos espreita nos provoca, nos esmaga e contorce tanta vez na sua garra cruel, mas mal lhe quero. Heide sempre brevemente guerreal-a, frustrar-lhe as ciladas, sobretudo quanto a vir encarniçada a encher de lagrimas e de vincos precoces -- imbelles e inconscientes victimas!—esses mimosos rostinhos espavoridos, a quem os homens devem parecer feras e o somno passageiro o unico doce refugio contra o terror.

Pobres pequeninos!

ALICE PESTANA (CAÏEL)

Do livro *Commentarios á Vida*.

Oração ao pão

POR GUERRA JUNQUEIRO

Do festejadissimo auctor da *Musa em Ferias*, *Morte de João*, *Velhice do Padre Eterno* e outros tantos poemas, monumentos gloriosos da litteratura contemporanea, recebemos esta bem inspirada obra poetica recentemente gerada pelo talento fecundo do notavel poeta.

Seria superfluo fazermos o seu elogio, visto que o cinzel tão laureado que a produziu, dispensa-nos de traçar quaesquer palavras que tentem pôr em foco a nova composição d'um genial artista como é Guerra Junqueira.

Restringimo-nos, portanto, ao imprescindivel dever de lhe deixarmos aqui consignado, pallidamente, um reflexo do perduravel reconhecimedto a que nos vem impôr a offerta do exemplar que nos enviou.

A Folha

Recebemos, com grata surpreza, os n.os 1, 2 e 3 d'esta nova revista semanal que se começou a publicar em Ponta Delgada proficientemente dirigido pela distincta escriptora D. Alice Moderno.

Attendendo aos bellos auspicios em que se nos apresenta pelo primor da collaboração e pela notoriedade tão corroborada da illustre directora que já, por diversas vezes, nos tem evidenciado o seu merito no mundo jornalistico, prognosticamos uma longa existencia á *Folha*, cuja offerta registamos com cordealissimo prazer.

CINTRA — ENTRADA DO CASTELLO REAL DA PENA

Com o regresso da viagem que emprehendeu ao estrangeiro o sr. Michel Angelo Lambertini, notabilissimo iniciador das melhores emprezas que se teem feito em prol da dilatação do nosso meio artistico, serão brevemente reorganisados os *Concertos da Musica de Camara*.

Sem duvida que, com o brilhante successo que vão obter, como nos annos transactos, mais uma vez o infatigavel artista que os inicia será alvo das mais enthusiasticas homenagens, tributadas, justamente, por todos os cultores de boa musica.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

«O hypocrita é um santo pintado; tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão, mas não lê; os olhos no chão, mas não se desestima... E' o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avarento sollicitador das suas pretenções; o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miseravel.»

PADRE MANUEL BERNARDES

A amisade é uma religião: tem o seu culto, os seus fanaticos, os seus incredulos e tambem os seus martyres.

MARIA VALEYRE

Vinte annos de vida são para nós uma lição bem cruel.

MADAME STAEL

O amor, no coração da mulher, é o diamante no carvão. Acha-se n'elle o fogo, a morte, a luz.

ARSÉNE HOUSSAYE.

E preciso saber ser tranquillo; a tranquilidade é a força. Só com ella pode existir um longo dominio.

MME. ANCELOT

A recordação é o perfume da alma. E' a parte mais delicada, mais suave do coração, que se desprende d'elle para abraçar outro coração e seguil-o por toda a parte. O affecto por um ausente é apenas um perfume, mas como é doce! Como traz ao espirito imagens bemfazejas e adoradas esperanças.

GEORGE SAND.

VIDA...

Apóz a symphonia olympica e bemdita
Que inunda lentamente a aboboda azulada,
Como um banho de Paz onde se unge e palpita
A doce languidez aerena da alvorada,

Rasgam-se largamente em chammas os horizontes,
E na amplidão sacode a cabelleira ardente,
Polvilhando de luz o alto dorso dos montes,
O rutilo Sultão dos Páramos do Oriente.

Na caricia subtil de pastoris gorgeios
A Natureza ostenta a Curva forte e nua,
Como sultana dá-lhe os palpitantes seios
Onde um desejo arfante insaciado estúa...

E ao calor zodiacal da luz que anima o espaço
Estrelta-se o Connubio e cantam as Venturas...
E o espirito e a materia, o pensamento e o braço
No mar das Illusões naufragam, ás escuras...

Ó luz, ó luz, ó luz, descerra a funda treva,
A treva onde vagueia a Nave das Chimêras,
E enche de astros o abysmo — a estrada que nos leva
Ao sonhado paiz ideal das Primaveras!...

OSORIO GOULART

Claudia de Campos

ULTIMO AMOR

(ROMANCE)

I

Fôra muito tempo assumpto de todas as conversas, na pequena villa alemtejana onde este drama vae passar-se, a subita chegada de uma senhora ainda nova, muito conhecida em Lisbôa, pela sua fortuna, pela sua gentileza e pela posição social de seu marido, de quem acabava de separar-se. Desde que se apeára da carruagem que a conduziu, e tomára posse da vasta casa já velha, construida ao centro de uma quinta quasi inculta, a dois kilometros da povoação, a curiosidade e a maledicencia provincianas fizeram d'ella o seu alvo.

Diziam uns que Margarida de Lencasire [1] escolhera e mandara adornar luxuosamente essa residencia para melhor occultar as suas aventuras; outros eram de opinião que o marido a obrigara a ir para ali penitenciar-se do seu desregrado procedimento; em summa, formulava cada qual uma hypothese mais ou menos absurda, sem que ninguem ao certo soubesse a verdade.

Podiam elles, porém, inventar o que quizessem, crivando-a de calumnias e desdens, que Margarida não lhes prestava a menor attenção, toda entregue como estava á sua agonia moral.

E que terrivel agonia!

Quando o marido,—ao ler as cartas por ella escriptas ao visconde de Lauriac (o amante que a arrastára ao adulterio, para em seguida a abandonar) e que a viscondessa de Lara lhe fizera chegar ás mãos,—a chamou, e mostrando lh'as, accrescentára sêccamente que d'ahi em deante não podiam continuar mais a viver sob o mesmo tecto, Margarida comprehendeu que a sua sorte estava decidida, que já nada tinha a esperar na terra.

Orgulhosa de mais para buscar na mentira uma desculpa, escutára em silencio as phrases de justa indignação que lhe eram dirigidas, acceitando, sem discutir, as imposições do esposo ultrajado, que lhe dera a escolher: ou partir immediatamente para o extrangeiro, ou ir viver nas Fontainhas, a propriedade abandonada que possuiam no Alemtejo.

Margarida preferiu este ultimo alvitre.

Essa residencia despretenciosa, que tinha em volta, a limitar-lhe o horisonte, uma vasta e arida planicie, de tons cinzentos e amarellos attrahia-a insensivelmente. A monotonia das charnecas sem fim, e do mar que gemia proximo convinha aos seus soffrimentos, que não podiam nem procuravam ter allivio. Sentia-se melhor, só, n'esse deserto, como só estava no mundo.

Precisava chorar livremente, sem testemunhas, até morrer ou matar em si alguma cousa: a consciencia ou o coração.

Porque a dôr de Margarida era tanto maior quanto mais puras foram as suas intenções, N'ella tudo tinha sido expontaneo e sincero; a sua falta não fôra devida a uma depravação instinctiva, mas sim ao seu temperamento romanesco e á sua absoluta inexperiencia. Illudira-se e iludira, é certo; mas tudo de boa fé; por isso o castigo era muito superior á culpa. As suas aspirações eram nobres, os seus ideaes elevados, e desde que os perdera, desde que lhe não era possivel acreditar em ninguem nem em cousa nenhuma, a vida tornára-se-lhe um fardo, uma inutilidade sem interesse nem encantos.

Mas os grandes passeios na quinta, abandonada como ella, sentindo sob os pés o estalar das folhas mortas, emquanto os olhos se lhe erguiam como dois pontos de interrogação para um ceu nublado, nem lhe attenuavam o desespero do seu destino perdido, nem lhe incutiam a resignação precisa para supportar o pêso das horas, dos mezes e dos annos sem alegrias, que lhe estavám, talvez, reservados.

O suicidio principiava a sorrir-lhe como um ponto de salvação, quando uma visita inesperada veiu de subito modificar os seus funebres pensamentos.

O dr. Macedo, antigo medico da familia de Margarida, e que a conhecia e estimava desde creança, estabelecido e residente n'aquelles sitios havia muitos annos, ao ter conhecimento da sua chegada e dos verdadeiros motivos que ali a traziam, resolveu procural-a, protegel-a e aconselhal-a.

Era elle um homem de sessenta annos feitos, em quem a experiencia dura da vida não tinha annniquilado os thesouros de uma fina sensibilidade, e que, depois de ter amado as mulheres e soffrido por ellas, as considerava agora, indulgentemente, como irmãs e companheiras, a quem era necessario amparar. O sentimento de desprezo que, em geral, os do seu sexo, sempre severos com as faltas femininas, mostram pelas levianas que se affastam do aspero caminho do dever, era n'elle supplantado por uma indulgencia e uma piedade infinitas.

— «Nós somos peiores do que ellas...» era a sua resposta quando lhe falavam d'aquellas que se haviam despenhado por ignorancia, por miseria, ou por amor.

Elle não ignorava que os soffrimentos de Margarida eram d'aquelles que esmagam o passado, o presente e o futuro, gravando-se na physionomia em traços indeleveis, e depondo n'alma um principio de repulsão para todas as cousas mundanas; mas sabia, tambem, que por uma lei irrevogavel da natureza, sobretudo tratando se de uma mulher ainda nova e bella, esses soffrimentos podiam attenuar-se.

Tinha salvado muitos doentes, que alguns dos seus collegas reputavam perdidos; ia emprehender agora uma cura mais delicada, visto tratar-se de uma doença moral.

Era possivel que os seus cuidados de nada valessem; mas que fazer para elle, que era justo e bom, se conseguisse vêr coroados os seus esforços!

A primeira difficuldade a vencer era tornar-se agradavel e inspirar confiança a Margarida. Ella, porém, recebeu-o a principio tão friamente, que lhe não deixou duvida sobre a impressão produzida.

A verdade é que, com as suas longas barbas de patriarcha, o seu ar grave e as suas maneiras um pouco provincianas, o doutor Macedo nunca lhe fôra muito sympathico.

Depois, quando elle frequentára a casa de sua mãe, fôra na epocha feliz da sua adolescencia, quando a sua cabecita sonhava com heroes e heroinas de *Shakespeare*, achando grotescos todos os homens que não tivessem vinte annos, cabellos ondeados, figura esbelta, phrases dôces e olhares languidos.

— «Que detestaveis creaturas! costumava ella dizer, quando lhe apresentavam alguem que não correspondesse ao typo idealisado

— «Não digas isso, olha que é gente honrada e bôa,» observava-lhe a mãe.

Margarida callava-se e encolhia os hombros, sorrindo.

Duvidava, n'esse tempo, da bondade, sem uns certos attractivos exteriores, acreditando cegamente nos dotes moraes dos que possuiam a bellesa physica.

Essa illusão fôra causa de quasi todos os seus erros. Faltava-lhe o sentimento de uma esthetica, independente de todas as convenções.

Mas quando o medico, repetindo as visitas, lhe deixou perceber que sob a sua apparencia rude, palpitava um coração generoso e um caracter dignissimo, quando lhe trouxe alguns livros, d'esses que demandam esforço e obrigam a meditar, levantando o espirito para uma ordem superior de ideias, e sobretudo quando, no momento em que todos d'ella se affastavam,

(Continua)

[1] Leia-se o conto *Segundo Amor* do livro *Rindo...*

O ULTIMO GOLPE DE LANÇA

Quando elle emfim morrendo, Elle, o cordeiro
rola mansa no ar calado e immundo,
penden, bem como um lirio moribundo,
sobre a haste do tragico madeiro...

quando lançando o espirito profundo
ao reino bello, grande, verdadeiro,
cahiu emfim chagado, justiceiro,
ainda, ainda perdoando ao mundo...

um soldado romano vendo-o exposto,
e já morto na Cruz, livido o rosto,
com um golpe de lança o trespassou.

Sahiu d'aquella chaga sangue e agua:
-- Sangue que inda quiz dar a tanta magua.
—Agua de pranto ainda que choroul

GOMES LEAL.

A mulher na familia

A familia é ainda hoje a abrigo dos que, ao fim de leviana jornada das dissipações e prazeres factuos, sentem eflorescer no seu peito o nenufar de umas aspirações mais justas e a nimpheia-alba de uns affectos, mais intimos e recatados.

Todo o homem, que ao fim de 30 annos de cambalhotas pelas veredas dos amores duvidosos, sente ainda no craneo bruxolear-lhe a lampada da rasão, volta insensivelmente as suas esperanças e os seus arroubos, para esse templo dotico, em cujo altar se eleva o nucleo da familia e a base das sociedades — a mulher, melhor, — a esposa.

Tudo quanto é grande, puro, casto e digno, provém da esposa, provém da mãe, provém da *menagére*. O lar é o grande fóco onde se retemperam os animos abatidos, as convicções vacillantes, os enthusiasmos recalcados e as crenças que se sentem oscillar pela base.

Todos os cidadãos, os vulgarisadores, os martyres, os divinos apostolos d'algumas d'essas ideias lucidas, que se archivam na historia, como patrimonio da humanidade, devem a firmeza dos seus principios, a justeza das suas convicções e o inabalavel heroismo, que ostentam nos lances difficeis, ao refugio do lar, á reeoncentração da familia, á castidade immaculada da esposa e á innocencia da prole côr de rosa.

O homem deve ver na mulher, por conseguinte, o centro inicial dos grandes commettimentos, o Deus da familia, a educadora dos filhos, que preparando os espiritos condensa, para as evoluções futuras, as forças latentes e vitaes da humanidade.

FIALHO D'ALMEIDA.

FLORES E VERSOS

Eis aqui um *bouquet* e uma violeta escura,
Duqueza. Não traduz, por fórma alguma, creia,
Este mimo gentil a mais pequena ideia
De alcançar o fim que o meu rival procura.

Feriu-me a austera luz da sua formosura
E a sublime altivez dos typos da Judeia,
Mas, quanto á distincção que de mim fez, tomei-a
Por uma cousa ideal, muito innocente e pura.

E dou-me por bem pago e fico satisfeito
Se vir o meu *bouquet* nas curvas do seu peito
Entre os flocos subtis das rendas transparentes.

E a violeta, meu Deus, que phantasia louca!
Entre os finos carmins da sua fresca bocca
Sob a casta pressão dos seus pequenos dentes..

CONDE DE MONSARÁS.

Numero 14. Lisboa, 1 de Dezembro de 1902 Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA
Os originaes que não sejam publicados, restituem-se

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

A Mulher de luto

POR

GOMES LEAL

Finalmente, após não sei quantos falsos annuncios de immediata apparição, eis que o novo poema de Gomes Leal, essa estranha e fantastica *Mulher de Luto* de que já tive ensejo de falar aos leitores d'*A Revista do Norte*, surge nas *montres* das livrarias, entre o montão já esquecido das banalidades que de ordinario as enxameiam, e illuminando-o dum clarão de talento, como um raio de luz atravessa, por vezes, ás mais caliginosas trevas. Tal apparição é, sem duvida, por mais que o tentem contradictar os inimigos literarios, do poeta, sem todavia se atreverem a trazer para a imprensa a expressão das suas invejas e dos seus rancores, um facto de importancia nos dominios da boa arte, e por esse motivo cumpre dedicar-lhe, senão a admiração que o sentimento inspira, pelo menos a analyse que o criterio artistico reclama.

A Mulher de Luto é um livro dum lyrismo assombroso. Custa conceber mesmo como uma alma de poeta moderno, levado pela sua emotividade, consegue fazer as dispersas sensações da sua alma, sempre amorosas e doridas, mais do que um leixe de cantos da melodias estranhas e estranhas imagens, — um corpo de theorias, definindo-se numa doutrina! E' esse o seu erro, e é essa a sua grandeza. Os maiores poetas teem-nos apresentado as suas idealisações, recamando-as de todas as joias de que a arte dispõe para as tornar bellas e amadas, e nesse campo a sua fantasia tem vogado de vela inchada por todos os ventos, — desde as meigas virações da Sul aos sopros tragicos do Norte. Mas o que elles não fizeram foi, depois de architectarem essas idealisações, que mais ou menos se evadem ao Real e ao Conhecido, procurar justifica-las, impô-las, não já como subtis criações do espirito, mas como solidas affirmações do raciocinio. E' isso o que faz Gomes Leal, poeta, grande e extraordinario poeta, que é poeta em tudo, e que, como tal, invade o campo das especulações scientificas e o proprio terreno dos assentes positivismos, para, com palavras musicaes, floridas e idéas não menos floridas e harmoniosas, nos construir todo um systema em que as mais audaciosas tentativas de explicação a factos pouco observados e averiguados se convertem em affirmações irrecusaveis e terminantes

Do *Espiritismo*, o vulgar espiritismo, que tantas charlatanices tem desacreditado aos olhos dum publico liberto de preconceitos, Gomes Leal, embora repellindo-lhe a tabolêta, o titulo, que julga pouco apropriado, e recusando-se mesmo a admittir o sobrenatural, extrae as formulas principaes e acceita as evidenciações metaphysicas. Assim, para elle, a immortalidade das almas é um facto; as suas communicações com as almas das pessoas vivas — permitam-me a frase, para tornar mais nitido o pensamento — são um facto; as suas intervenções nas cousas naturaes deste mundo são um facto. Essas almas surgem em tudo, demonstram a sua presença em tudo. Falam nas plantas, brilham na luz, vivem no espaço, corporisam se mesmo na

GOMES LEAL

materia. Deixando de parte a theoria espiritista, o facto é que, ha milhares de annos, milhares de poetas dizem isto. Não se comprehende mesmo a poesia sem este poder da idealisação, que a colloca acima de todas as leis da Natureza e da Sciencia. Não ha poeta que não seja um fantasista. Se o deixar de ser, deixará de ser poeta, e esta é a razão do fracasso dos temperamentos positivos nos dominios da Poesia. Que sentimento, que alma se tem attribuido ao pranto, e todavia, tirada a imagem das paginas dos poemas, Richepin teria razão em rir-se, contrapondo-lhe a secca formula da sua composição chimica. Comtudo, esse mesmo Richepin, quando teve que falar em lagrimas na sua obra lyrica, forçoso lhe foi impregna-las do mesmo idealismo de que cruelmente escarnecera.

O leitor comprehende ao que eu quero chegar. A theoria a que me estou reportando e que Gomes Leal explana largamente numa nota do seu poema, estaria muito bem, dentro das admiraveis laudas dos seus tercetos por vezes tão majestosos e bellos como os do Dante. Em prosa, e com o caracter de affirmação scientifica, afigura-se-me deslocada. Se, como eu disse, os espiritos positivos, que se propõem fazer poesia a compasso e regra, não podem por mais illustre que se tenham demonstrado na sua especialidade, esquivar-se ao fracasso que fatalmente os aguarda, da mesma forma o poeta que se aventura no frio e rigoroso terreno da logica scientifica é sempre recebido com um sorriso. Para mim, a situação é clara e os campos estão bem extremados. Como o dizia Haeckel, se se trata de cousas reaes e palpaveis, só o positivismo scientifico pode se admittir; se se trata de idealisações, sonhos, fantasias de espiritos anciosos, a Sciencia nada tem que ver com elles, emquanto, é claro, se apresentem como taes. Nada, nem mesmo a Sciencia, pode reger o pensamento e a alma. São azas que se não prendem, e que nem mesmo aquelles que as abrem na immensidade do Mysterio teem o poder de agrilhoar. Animam-as, para assim dizer, uma vida propria, e nunca param nem cançam.

Quer isto dizer que eu entenda que na nota de Gomes Leal, que affirma a existencia positiva da alma e consagra a omnipotencia da Vontade, não haja uma relativa ou mesmo uma absoluta verdade? Não sei, e não me pronuncio porque não sei. Tomada nesse aspecto, e é nelle que deve ser tomada, a nota da *Mulher de Luto* evade-se á critica litterária. Pertence a outra critica, pertence a outra analyse, que terá de vasar-se em moldes de criterio scientifico. A esse tribunal não comparecerá o poeta Gomes Leal, mas sim outro Gomes Leal, que perdeu as prerogativas de poeta, para assumir as responsabilidades de inovador. Comtudo, para nós, artistas, nunca lhe fallecerá, no successo ou no insuccesso, uma attenuante, que a nossos olhos é um prestigio. E' que, sinceramente, porque Gomes Leal é incapaz de proceder com insinceridade, elle foi, elle é tão poeta que na sua vasta expansão lyrica não respeitou uma só fronteira para exaltar o Amor e a Bondade!

Grande poeta, grande lyrico! — com paginas tão formosas, gritos tão sentidos e emoções tão ternas como outras se não encontram na poesia portugueza! Nesse ponto, áparte uma ou outra fraqueza, como as que o proprio genio soffre. A *Mulher de Luto* é admiravel. Não se critica: lê-se; admira-se e, ainda mais, *sente-se*. E' o seu campo, o lyrismo, — melhor direi: é o seu reino. Como um soberano, empunha um sceptro, que é uma lyra. Por vezes, é certo, o artista, com os seus processos, pode prejudicar o poeta; mas, quando o poeta surge, sem atavios de forma, que não teem mais duração do que os figurinos das modas, quando elle nos surge, só com a sua belleza propria, é ouro virgem. Não tem uma mancha, porque não tem um retoque. E' bello, porque é bello. E' o canto alado, Phenix para o qual o mais leve fio será uma prisão e a mais doce caricia uma tyrannia.

Por isso, a obra de Gomes Leal é lyrica, e

assim ficará nas admirações do presente e do futuro. E' certo que elle, como artista, tem revestido outros aspectos. Em nenhum, porém, sopreduja essa primitiva e fundamental qualidade do seu espirito. A satyra, por exemplo, a que elle tem querido dar uma nova fórma e uma superior intenção, não se lhe tem moldado com perfeição sob os seús dedos de estatuario.

Por mais que faça, vê-se que para elle a satyra é um esforço. E a razão é clara: na Satyra ha sempre uma relativa crueldade. Fere-se com ella; trucida-se com ella. Quem? Miseraveis? Que importa! E' precisa uma certa dóse, ainda que pequena, de maldade humana. Para se ser um grande poeta, é preciso ter uma alma divina. As expressões divinas da alma encontram-se no Lyrismo, e o Lyrismo é, por seu turno, a mais alta expressão da Poesia. Gomes Leal é um extraordinario poeta, porque é um extraordinario coração.

MAYER GARÇÃO

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

A MA FILLE

LE JOUR DE SON MARIAGE

Aime celui qui l'aime et sois heu ense en lui.
Adieu! sois son trésor, ô toi qui fus le nôtre!
Va, mon enfant béni, d'une famille à l'autre,
Emporte le bonheur et laisse nous l'ennui!

Ici l'on te retient; là bas on te désire,
Fille, épouse, ange, enfant, fais ton double devoir,
Donne-nous un regret, donne leur un espoir,
Sors avec une larme! entre avec un sourire!

VICTOR HUGO.

GRADACIÓN

Hacer el bien con generosa mano
Tan sólo por el bien, sin otra idea,
Fué siempre nobilísima tarea
Que á Dios levanta el corazón humano.

Hacerlo á un enemigo, que, villano,
Temor y no virtud tal vez lo crea,
Es mas subido mérito, aunque sea
Lo mismo que sembrar el aire vano.

Partir con el desnudo é indigente
El escaso alimento y el vestido,
Es accion que ya toca en lo eminente.

Pero hay mayor grandeza en el olvido
Sepultar el bien hecho, y juntamente
El mal en recompensa recibido.

AGUILERA

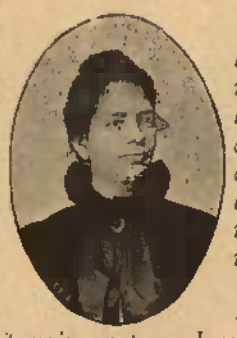
Mayer Garção, correspondente da *Revista do Norte*, do Maranhão, critico de um talento superior e vincadamente saliente n'uma terra onde escasseiam os criticos; critico, tanto mais notavel, que é elle um supèrior artista tambem, Mayer Garção escreveu ácerca de Gomes Leal, e a respeito da *Mulher de Incto*, no artigo que hoje na nossa revista reproduzimos, por que elle tanto honra o critico como o poéta:

N'uma cousa divergimos: é a respeito das satyras. «As satyras de Gomes Leal ficarão eternas, se eternas se poderem manter as indignações dos seculos e dos homens.»

Damos a palavra á critica no artigo que transcrevemos.

PERFIS FEMININOS

D. Leonor Lazary



E' uma das pianistas mais distinctas da nossa constellação artistica. A uma profunda erudição musical alia uma fina sensibilidade impreguada dos mais deslumbrantes reverberos estheticos.

Chopin, Beethoven, Slmbert e todos os notaveis mestres classicos revivem para nós com todos os fremitos da paixão e com todo o fulgor do seu imperecivel prestigio quando esta distincta artista os interpreta com a pericia impeccavel do seu talento consumado.

Pode-se dizer com convicção, que Leonor Lazary nascen para existir entre as exoticas rescendencias da Arte e para desvendar os segredos mysteriosos da interpretação do Ideal que inflammon a alma dos grandes sonhadores.

Quando as suas mãos percorrem o teclado ha nos acordes que desfere um imperio tão vibrante, uma influencia magica tão irresistivel que o espirito ajoelha n'uma prece cheia de culto.

D. Leonor Lazary, sobre tantos preciosos dons artisticos, possue uma vasta e cultivada intelligencia com a nitida intuição de todas as concepções esthetiticas que crystallisa nos melodiosos trillos que arranca ao piano.

Quando nos arrebatamos, ouvindo-a, a nossa imaginativa deraneia pelas requintadas essencias do Pindo onde só, condignamente, se poderiam tecer flores maravilhosas para jmicar o pedestal onde ella se destaca como apostola agraciada pela Magestade da Arte.

LA DAME VOILÉE.

O LEQUE

E elle para a mulher, o que o charuto é para o homem; e assim como a um se conhece pela especie de tabaco que fuma, a uma se distingue segundo o leque que usa.

Se no charuto encontra o homem, tanto o potentado como o pária, a sua maior distracção; o leque é sempre na mulher o seu melhor amigo, o seu confidente, e com certeza não ha nenhuma desde a alta camada, até á mulher da baixa esphera, que não tenha consultado nas varetas do seu leque se é ou não amada por aquelle em quem fixam os olhos.

Quando um homem tem nas mãos o leque d'uma formosa, parece-lhe que possue alguma coisa d'elle, no sentido projectivo da palavra.

Com o leque occulta o seu rubor a pudica virgem aos ouvidos da qual chegou o rumor d'uma phrase com sal...

Recolhe os suspiros d'aquella que se encontra ante as alvoradas de mulher...

Fechados ou abertos, expostos n'uma loja nada dizem áquelle que o mira; nas mãos d'uma mulher cada movimento seu é uma palavra eloquente que exprime melhor do que tudo o estado da sua alma...

Já repararam que é raro o leque que não tem uma vareta quebrada ou presa por um fio?...

Não tenham a menor duvida: foi a sua dona que assim procedeu com furia para tranquillisar os nervos porque assim como o homem fuma mais e com toda a pressa quando uma idéa o preoccupa, assim tambem a mulher, se excitada, imprime um brusco e continuo movimento ao leque.

RUY GOMEZ.

Temos hoje o prazer de inserir, na nossa revista, parte de um primoroso artigo que nos enviou o notavel escriptor inglez — Edgar Prestage — e onde expõe, com admiravel intuição e imparcial critério, as impressões que lhe suscitou a sua recente viagem ao nosso paiz.

O artigo com que nos distinguiu a amabilidade de Edgar Prestage, poeta primoroso, e a que damos publicidade, foi-nos gentilmente vertido para portuguez pela illustre escriptora D. Claudia de Campos a quem aqui deixamos consignado os nossos agradecimentos.

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
Os olhos baixos, e um sorrir modesto
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto
Ella curvara a fronte delicada,
E dizia-lhe baixo e socegada
De sua vida o deslizar honesto.

Mas subito uma nuvem cor de rosa
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteoro!
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa.

E pude ver, sombrio Lovelace,
Essa palavra — amor — em lettras de ouro
Traçadas no carmim de sua face.

GONÇALVES CRESPO.

PORTUGAL VISTO POR UM EXTRANGEIRO

Se depois de uma ausencia de sete annos, nós voltamos a rever uma pessoa querida, cuja amizade nos seja preciosa, com que anceio lhe examinamos a physionomia, procurando n'ella as alterações que o tempo comsigo traz! Que prazer o nosso, se lhe não encontramos mudança sensivel, nem no aspecto physico nem nos sentimentos que nos tribulava, e quanto nos é grata á alma a sua carinhosa maneira de nos receber, de nos dar as boas vindas. E se isto é verdadeiro tratando-se de affectos humanos, não o é menos tratando-se de logares: tratando-se de um paiz que ha muito se conhece e se ama — paiz do qual embora se viva tão distante, nos empolgou de todo o espirito e o coração.

Foi o que me succedeu ao desembarcar em Lisboa, por um dia formoso e quente, ha pouco mais ou menos seis semanas, ao jornadear por esse «jardim da Europa á beira mar plantado», parando aqui e ali, para reatar relações com antigos conhecimentos, ou para fazer conhecimentos novos. Que immensa alegria a minha, quando tornei a encontrar-me em solo portuguez; quando tornei a respirar o ar puro do seu clima; quando tornei a banhar-me na luz do sol que o doira; quando admirei, do palacio da Pena, o grandioso panorama da terra, do ceu e do mar; quando contemplei, das altitudes do Monte Sameiro, as colinas e os ferteis vales do Minho, que lhe ficam aos pés.

Não andava, por assim dizer, voava, insensivel quasi á fadiga, possuido por uma especie de exaltação espiritual ao relembrarem me os grandes nomes que teem brotado d'esta pe-

quena nação: Nun'Alvares Pereira, Albuquerque, D. João de Castro, Camões, o arcebispo Santo, Pombal, Herculano e tantos outros.

A estes sentimentos veiu juntar-se um sentimento de pura adoração, quando me encontrei sobre o monte de Santa Luzia, olhando embaixo Vianna do Castello, e divisei, misturando-se com o Atlantico, o historico Lima, o rio que os poetas amaram e a que os romanos puzeram o nome de «Oblivio». E a minha adoração augmentou ainda, fitando a estatua do Salvador, collocada no ponto mais elevado da montanha — estatua que parece estar d'ali protejando este reino Catholico fidelissimo, e velando pela formosa porção da obra sahida das suas mãos, pois que: «A natureza é a obra d'arte de Deus».

* * *

Passemos, porém, agora, para cousas mais materiaes e vejamos qual o progresso economico de Portugal, n'estes ultimos tempos. Se preciso fosse desculpar-me d'esta brusca transicção, allegaria o exemplo de Guerra Junqueiro, o qual, depois de escrever *Patria*, abandonou os attributos de poeta e transformou-se n'um prozaico vinicultor—n'um exportador de vinhos para mercados inglezes!

Em Lisboa, chamaram a minha attenção o serviço de carros electricos, talvez o mais bem organisado da Europa; os trabalhos para o parque da Avenida; a quantidade de novas e bonitas habitações, dentro e em volta da cidade; e bastantes casas apalaçadas, umas já construidas outras em via de construcção, tanto em Cintra como em Cascaes.

Mas, apezar dos importantes melhoramentos que se notam em Lisboa e nos seus arrebaldes, desde 1895, esperava-me um desapontamento em Belem, onde fui, em piedosa romaria, para visitar o monumental Pantheon dos Jeronymos. As ruinas da parte central do edificio são tristes de vêr e estragam por uma forma lamentavel o aspecto da capital aos viajantes que, passando a barra, entram no Tejo. Qualquer brazileiro abastado, desejoso de illustrar o nome, teria uma excellente opportunidade offerecendo do seu bolso os fundos necessarios para a restauração de tal monumento: «Os Lusiadas em pedra e cal». Todavia, não sendo isto possivel, talvez o dinheiro fosse facil de obter por subscripção publica.

Antes de deixar este assumpto, quero ainda dizer alguma cousa sobre a attracção que Lisboa exerce, pelos seus contrastes, mesmo pondo de parte as memorias do passado. Aqui, predomina o mourisco; além depara-se-nos uma egreja gothica, das epocas medievaes, dominando traços de ruas mandadas construir por Pombal; ao passo que outros logares pertencem tão sómente ao seclo XX.

Apezar de todos os seus melhoramentos, Lisboa não é — felizmente para ella — apenas uma cidade cosmopolita: é um logar *sui generis*, se assim posso expressar me. De facto, Lisboa é Portugal. A belleza da sua posição, só comparavel a Constantinopla, enthronizada como está sobre alcantiladas collinas, sobranceira a um nobre estuario, com a atmosphera constantemente renovada pelas brisas maritimas, com os seus edificios marmoreos, com os seus pittorescos jardins, adornados de palmeiras e de arbustos floridos, conjuntamente com a relativa barateza do viver, fazem de Lisboa a cabeça e o digno centro da raça portugueza. Ha nos habitantes de todas as classes uma urbanidade, uma ausencia de pressa, de penoso cansaço pelo duro labutar da vida, que repousa e delicia os homens do norte, provando á evidencia que os portuguezes ainda não aprenderam a perniciosa maxima dos nossos dias: «o tempo é dinheiro». Uma das cousas que mais me tem impressionado são os affectos domesticos d'este povo, cabendo por elles toda a honra á mulher. O encanto suave e a dedicação despida de egoismo das senhoras portuguezas, quer como esposas, quer como mães, mal pode ser exaggerada e é digna do maior elogio.

(*Continúa*). EDGAR PRESTAGE.

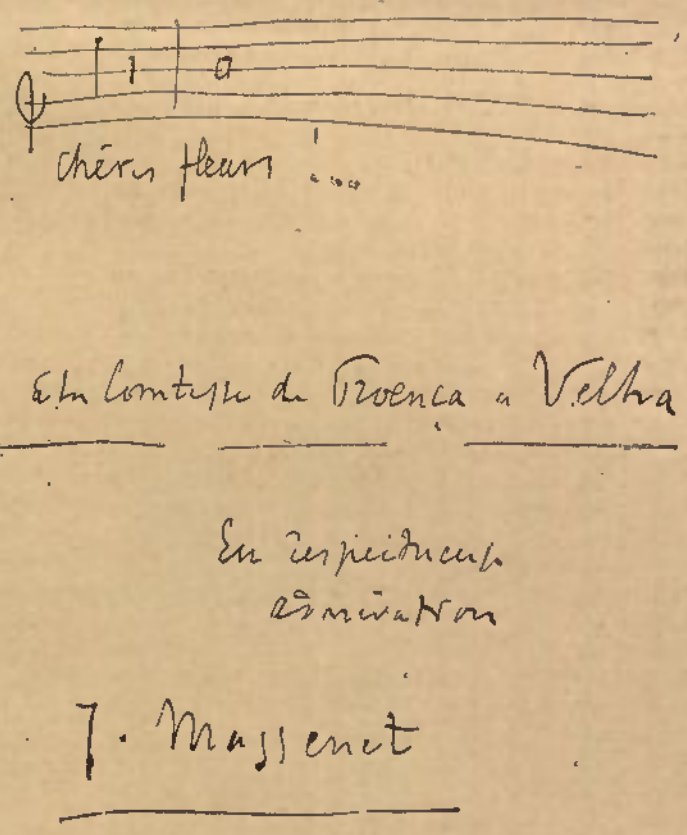
OS NOSSOS CONCERTOS

(IMPRESSÕES DE ARTE)

PELA

Condessa de Proença-a-Velha

Recebemos este livro d'arte que amavelmente nos enviou a sua preclara auctora, no qual se faz a descripção dos concertos musicaes executados sob a sua direcção, e para os quaes têem collaborado os maestros e os escriptores mais afamados, incluindo o genial Massenet.



N'este livro impregnádo de um grande sopro de ideal, e em que o espirito se ála ás regiões mais translucidas da divina Harmonia, historiam-se muito syntheticarmente, a grandes traços, poder-se hia mesmo dizer a largas pinceladas, a historia da arte musical e os seus elementos, e que tornam os espiritos mais alheios á Musica aptos a comprehenderem o valor das quatro *matinées* musicaes dadas, sob a direcção da condessa de Proença-a-Velha e coadjuvada por grandes artistas.

Honra seja feita á intellectual titular que inaugura entre nós um genero de concertos nacionaes, com musica nossa, e artistas tambem portuguezes, que vem dar um grande alento salvador áquelles que cultivam a arte do grande Marcos de Portugal e do maestro Casimiro. Pena é que existam em Portugal tão parcos elementos para assegurar o pleno desenvolvimento d'este genero de diversões artisticas, como a senhora condessa muito justamente se queixa n'uma carta escripta no mais elegante e genuino francez ao maestro Massenet. O notavel maestro tem um alto culto pelo talento musical e o purissimo canto da auctora do livro, e nós aproveitamos o ensejo para dar-mos aqui o *fac simile* d'uma dedicatoria que acompanhou uma musica que Massenet lhe dedicou. Abençoados e benemeritos são de certo tidos por nós todos os que coadjuvaram, embora poucos, tão gloriosa tentativa e á sua aristocratica e patricia organisadora as nossas felicitações pelo seu bello trabalho artistico e litterario.

PEDROUÇOS

(Noticia historica e descriptiva)

Amavelmente offerecidos pelo auctor, o sr. Ratolla, recebemos os dois primeiros fasciculos d'esta primorosa obra, que põe em relevo os profundos conhecimentos scientificos d'este novel e talentoso escriptor.

Os fasciculos que temos á vista são, na realidade, as primicias d'um trabalho auspicioso e que estamos certos de que bastará para firmar os créditos litterarios da penna que os traçou.

Agradecemos a gentileza da valiosa offerta.

Hygiene Infantil

Da distincta e illustrada medica, D. Emilia Patacho, recebemos a offerta gentil d'este folheto, resumo da conferencia realisada no Atheneu Commercial de Lisboa. Aconselhamos a todas as mães a sua leitura e á sympathica médica, uma das nossas glorias femininas, os nossos parabens sinceros por este seu trabalho scientifico e litterario.

Antonio Padula

D'este distincto escriptor italiano, um grande amigo da litteratura portugueza, acabamos de receber umas obras valiosas de que desejariamos fallar n'este numero da nossa revista. Só a absoluta falta de espaço nos obriga a não satisfazer este desejo espiritual.

OS MEUS AMIGOS

Amigos cento e dez e talvez mais,
Eu já contei! Vaidades que eu sentia!
Pensei que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes.

Amigos cento e dez, tão serviçaes.
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que eu, já farto de os ver, me escapulia
A's suas curvaturas vertebraes.

Um dia adoeci profundamente.
Ceguei. Dos cento e dez houve um sómente
Que não desfez os laços quasi rotos.

Que vamos nós (diziam) *lá fazer?*
Se elle está cégo, não nos póde vêr...
Que cento e nove impavidos marotos!

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Claudia de Campos

ULTIMO AMOR

(ROMANCE)

levou sua filha, interessante menina de dezoito annos, em quem se concentrára a felicidade inteira do pae, a frieza cessou, e Margarida sentiu-se para sempre conquistada. Tinha, emfim um amigo sincero, sem desejos offensivos nem absurdas pretensões, e esta certeza despertou-lhe uma alegria inexperada, que suavisou um pouco a tristeza do seu viver.

Quem lhe diria a ella, que esse habil e honesto physiologista, de cabellos brancos e parecer austero, que outr'ora se lhe affigurava um personagem grotesco e importuno, havia de encantal-a ainda pelo seu bom senso, pela sua erudição, pelas suas raras qualidades affectivas, fazendo assim o milagre de transformar, a pouco e pouco, a dôr violenta que a trucidava, n'uma dôce e supportavel melancholia!

II

A villa, proxima da velha propriedade, escolhida para sua residencia e para seu exilio, assente em terreno de charnecas a tres leguas do mar, é, como todas as villas alemtejanas, construida sem elegancia, traçada sem arte nem commodidades, no meio de terras mal cultivadas e de paizagens rachiticas. Mas, insignificante como é, tem as suas pretensões, ostentando um bom *club*, onde se dansa com phrenesi e se discutem assumptos politicos; um theatro onde se exibem de vez em quando as estrellas cadentes da capital; e um passeio publico onde aos domingos se vae mostrar, ao som de uma charanga desafinada, a alta sociedade alemtejana, composta de dois ou tres titulares, cheios de pergaminhos e preconceitos, e de uma duzia de familias burguezas, com fortunas solidas e habitos patriarchaes.

Havia proximamente trinta annos que alguns extrangeiros tinham começado a explorar, com proveito, as cortiças do nosso paiz, até ahi tão desaproveitadas, quando Mr. Salter, pertencente a uma illustre familia ingleza, mas precisando refazer a fortuna que o pae estragára em especulações ruinosas, construiu na villa, que lhe pareceu bem situada para esse fim, uma fabrica de rôlha, que cedo principiou a dar bons lucros.

Sendo em pouco tempo o resultado do trabalho superior a toda a espectativa, Mr. Salter, com o espirito eminentemente pratico que distingue os homens do seu paiz, fingiu esquecer-se que descendia em linha recta de uma familia de lords, democratisou-se e estabeleceu se definitivamente em B***, fraternisando com a burguezia, e fazendo, sob a firma de Salter & C.ª, o negocio em grande escala.

A fortuna do habil negociante augmentou em poucos annos, tornando-se deveras importante pelo seu consorcio com a filha do Dr. Abreu, rapariga mal educada pela mãe, com idéas falsas e maneiras desengraçadas, sem belleza real nem espirito; mas filha unica e a mais opulenta herdeira d'aquelles arredores.

Foi uma união relativamente feliz, porque Salter, que não estava apaixonado, nem fôra illudido, nunca pediu á esposa mais do que ella podia dar.

D'este casamento nasceram dois filhos, que o pae quiz educar á sua vontade, não obstante as demonstrações de D. Josepha Salter, que não comprehendia para que era necessario saber tanto, pois que ter dinheiro significava, para ella, ter tudo.

O marido, porém, que não esquecêra os annos da sua mocidade, os aristocraticos salões que atravessára, as espirituosas conversações que ouvira, as graciosas mulheres que de longe amára, os homens de talento que de perto conhecêra e os sonhos de grandeza com que sua mãe o embalára, resolveu dar ao filho mais velho, Mario Salter, uma educação primorosa.

Que felicidade para elle, poder, á custa do seu trabalho, realisar no filho estremecido tudo quanto em vão para si ambicionára!

Assim, pois, logo que o rapazito completou dez annos, fez o sacrificio de separar se d'elle, mandando o para Londres, recommendado a sua irmã mais nova, uma interessante senhora de trinta e cinco annos, casada com lord Palmers, capitalista e politico distincto.

Quanto a sua filha Fanny, quatro annos mais nova que o irmão, Mr. Salter resolveu mandar vir uma mestra ingleza e educal-a em casa sob a vigilancia da mãe, que não consentiu em separar-se d'ella.

O soffrimento porque Mario passou n'esta mudança brusca dos seus habitos de creança, transformou-se depressa n'um bem estar immenso, porque a tia, que o adorava, tinha para elle mil attenções.

Aos quatorze annos, depois de uma instrucção elementar, recebida n'um bom collegio, Mario começou a aprender literatura. Este estudo constituiu para elle um verdadeiro prazer. A sua sensibilidade, aguçada pelos habitos de elegancia e pelos cuidados tão femininos de que se via rodeado, vibrava intensamente sob a magia dos livros.

As obras dos mestres incutiam-lhe uma d'essas curiosidades de imaginação que marcam, em certas creaturas, o desabrochar da adolescencia.

Desde então no seu cerebro, occupado em leituras e devaneios, principiaram a esboçar-se poeticos idyllios e tentadores romances, habituando-se por esta forma a achar insignificante tudo quanto não dissesse respeito á paixão do amor — do cruel e divino amôr, inimigo da razão, reclutador da loucura e da morte. Mas, apesar das amorosas tendencias do seu espirito, era absoluta a innocencia physica das suas noites e dos seus dias. Aos vinte annos, quando tantos rapazes já estão gastos, Mario era ainda uma creança, timida e sonhadôra.

O ser feminino apparecia-lhe ainda mysterioso na sua graça, perigoso na sua belleza, dando-lhe a impressão de um terno e encantador enygma — impressão que foge do coração do homem para não mais voltar, ao mesmo tempo que bate as azas e vôa a divina chimera dos nobres e puros amores.

Quando algum dos amigos lhe fazia confidencias, fallando das mulheres em tom livre, Mario affastava se córando, indignado e incrédulo.

Sentia-se á beira da vida; ouvia-lhe o rumor sem vêl-a, como por detraz de um massiço de arvores se ouvem os murmurios de uma cascata. E esse rumor tinha para elle harmonias de irresistivel seducção.

Lady Palmers afagava ha muito um projecto, que tambem sorria a Mr. Salter; o casamento do sobrinho com Annie, sua filha unica.

Miss Palmers, porém, com os seus olhos côr do ceu, os seus cabellos côr de oiro, a indifferença dos seus gestos e a impassibilidade do seu rosto, se por vezes atirahia o primo, intimidava-o sempre, não logrando inspirar lhe a paixão necessaria para que o gelo se rompesse e elle lhe cahisse aos pés. Comtudo, sob a sua apparente frieza, havia no intimo do coração de Annie uma terna sympathia por Mario, sympathia que elle, na sua inexperiencia, não lográra advinhar, e que ella, orgulhosa e reservada, não ousava patentear-lhe.

Quando, a instancias do pae, Mario Salter resolveu passar o verão em Portugal com a familia, miss Palmers, contrariada, entretinha-se ridiculisando as portuguezas, e inventando pretextos que obstassem á partida.

Mario, porém, tinha dado a sua palavra e não podia a ella faltar.

Depois, a perspectiva d'aquella viagem, agradava-lhe e distrahia-o.

(Continua).

PENSAMENTOS E MAXIMAS

Eu defino assim a poesia: a sublime expressão d'impressões sublimes.

O que nós sabemos é acanhado; o que nós presentimos é immenso; é por isso que o poeta ultrapassa o erudito.

JOSEPH ROUX.

Pela escuridão da noite, nos logares ermos, e ás horas mortas do alto silencio, a phantasia do homem é mais ardente e robusta.

A. HERCULANO.

Os devotos são poltrões e covardes. Prostrados deante de um Deus iniquo e caprichoso, não teem senão um fim: dobra-lo por qualquer preço.

LUIZA AKERMANN.

O primeiro de todos os bens não está na auctoridade, está na liberdade.

J. J. ROUSSEAU.

O genero humano durará sempre; a patria ha da acabar.

DIDEROT.

«A pretendida ausencia de *direitos* por parte dos animaes, a falsa idéa de que a nossa conducta para com elles não tem importancia moral, a affirmativa de que não ha *deveres* a cumprir para com semelhantes creaturas, eis aqui a maior inconveniencia e a mais requintada barbaria da nossa torpe e mesquinha civilisação.

As religiões são como os pirilampos; precisam de escuridão para darem luz. Um certo grau de ignorancia geral, é a condição de toda a religião, é o unico elemento em que ellas podem viver,

SCHOPENHAUER.

A natureza não produz uma classe de capitalistas e outra de proletarios; é a organisação da sociedade que estabelece as desegualdades.

KARL MARX

O desprezo é uma pilula que se pode engulir bem, mas que ninguem mastiga sem fazer caretas.

FOURCROY.

Ha silencios oscillantes de vibrações secretas, e cheios de alvoroços mysteriosos.

G. VERGA

Sobre o seio materno repousam o espirito dos povos, os seus costumes, os seus prejuizos, as suas virtudes, em outras palavras a civilisação do genero humano.

AIMÉ MARTIN

Sabe-se que se ama; porém ignora-se porque se ama, quando se começou a amar, e quanto, e como.

PAUL BOURGET

Numero 15 — Lisboa, 15 de Dezembro de 1902 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

Secretaria — VIRGINIA GUKURA QUARESMA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

PORTUGAL VISTO POR UM EXTRANGEIRO

(Continuação do numero 14)

Deixando Lisboa, dirigi-me a Coimbra, levando commigo *In illo tempore*, de Trindade Coelho, para lêr pelo caminho. Guiado pelo meu amigo Eugenio e Castro, passei algumas horas de vivo prazer artistico na Sé Velha e em Santa Cruz, restauradas com bastante gosto, e, depois, no Museu do Instituto, com os seus despojos da Coimbra Romana e da Coimbra medieval, e no Museu da Diocese, onde se encontra uma collecção magnifica de prata de egreja, o relicario de coral e as recordações da Rainha Santa.

No Porto não se evidenceia o progressso que eu esperava do seu caracter emprehendedor. As ruas continuam mal calçadas, cheias de teimosos mendigos; e o serviço de carros é muito inferior. Em compensação, Gaya, a Foz e Mattosinhos estão transformadas, e os melhoramentos do porto de Leixões fazem agoirar um brilhante futuro para o commercio do norte.

Apoz alguns dias passados em Braga, segui para Vianna do Castello, notavel em muitos sentidos, mas principalmente pelas suas casas, de estylo manuelino. Comtudo, não obstante os bellos caes e o porto que possue, estou convencido que não é n'elles, mas sim nos viajantes que forem procurar distracção e saude junto do Lima, que a cidade de Vianna pode fiar-se para o seu futuro engrandecimento. E, uma vez convencido d'isto, pareceu-me muito sensata, sob o ponto de vista especulativo, a construcção do hotel no monte de Santa Luzia.

Eu teria, decerto, muita pena de vêr Portugal transbordando de *touristes*, carregados de Boedekers e fallando todas as linguas excepto a melodiosa lingua de João de Deus. Mas se por motivos de ordem financeira, esssa invasão for desejavel, tornar-se ha necessario melhorar e facilitar as condicções de desembarque e os serviços de alfandega, que são deveras inadequados, e tambem urge modificar consideravelmente o regulamento de quarentenas, que é obseleto e vexatorio, e abolir a *poll-tax* sobre os passageiros que deixam o Tejo, o que lhes causa um descontentamento que não está de modo nenhum em proporção com o producto de tal imposto.

«O paiz é prospero, o governo, porém, não é bom, disse ainda ha pouco um portuguez distincto, e se a um extrangeiro é permittido formular o seu juizo, parecê-me que o diagnostico está correcto.

Os impostos aduaneiros, que são um excellente» indicador das condições economicas, accuzam grandes augmentos, de 1901 sobre 1897, tanto na exportação como na importação de generos, emquanto que a industria e a agricultura teem, na ultima decada, feito notaveis progressos. Ao presente, a principal necessidade parece ser um estadista energico, o qual, com o apoio da Corôa, fizesse parar os ruinosos *deficits* annuaes e diminuisse gradualmente o excessivo numero de empregados publicos. A nação contem em si todos os elementos de riqueza natural: trabalhadores do campo alegres, bondosos, pacientes como os seus formosos bois, um terreno fertil, um bello clima. Falta-lhe sómente uma boa administração, a qual conseguiria mais do que todas as medidas repressivas para acabar com a propaganda republicana e para fazer recuar a onda de pessimismo que se tem alastrado pelo paiz, e que tem sido a nota predominante da litteratura, nos ultimos quarenta annos.

Mas eu já tenho deixado a pena alongar-se demais. Concluirei, pois, dizendo a Portugal, não adeus, mas—*au revoir*. E despedir-me-hei com os versos de um poeta inglez:

Era ali que eu queria estar, ali sómente, ali emfim!

EDGAR PRESTAGE.

UMA ROMANA—Quadro do pintor florentino Carlo de Servi

CONDESSA DE PROENÇA A VELHA

È com prazer espiritual que sabemos do lisongeiro acolhimento que o valioso livro d'esta titular tem alcançado no estrangeiro.

Diz H. Faure, um grande critico francez, n'um extenso artigo que temos presente: — *Non moins distinguée par ses qualités personnelles, que par l'éclat de sa naissance, riche, belle femme intelligente, enthusiaste de l'art, la comtesse de Proença a Velha a pris à tache de réveiller chez ses concitoyens l'amour de la belle musique, surtout de la musique religieuse des grandes maitres.* Depois de traduzir um trecho das *Impressões de Arte*, o critico termina, dizendo: — *Voilà, rapidement esquissé, ce qu'a fait une femme de goût, d'intelligence et de cœur, qui, au lieu de jouir en egoïste des avantages que procurent, partout et surtout au dela des Pyrenées un grand nom et une grande fortune s'est donné la noble mission de faire connaitre et aimer les belles oeuvres musicales, dans son pays, et n'y a épargné ni ses demarches, ni sa bourse, ni son repos, montrant que, presque toujours, vouloir fermement c'est pouvoir, et n'est-ce pas un bel exemple à imiter?*

E, sendo para nós causa de infindo enthusiasmo estas amaveis referencias, não o são, porém, de grande surpreza, visto que a critica mais imparcial não podia tolher applausos a um talento robustissimo. O livro da Condessa de Proença, esse vulto de mulher suggestivo e extraordinario que ornamenta admiravelmente a nossa sociedade elegante é, na verdade, uma obra primorosa que eleva a alma.

Ha n'elle, sem a mais leve sombra de lisonja, a luz mais intensa e vivificante que, modernamente, tem projectado no nosso acanhado meio artistico. E nós, que seguimos com ávido interesse as manifestações intellectuaes do meio feminino, não podiamos deixar de testemunhar o culto que nos impõe a individualidade da Condessa de Proença, acompanhando enthusiasticamente as ovações de que ella tem sido alvo e que resoam aos nossos ouvidos n'um grato e perduravel echo.

Compraz-nos em saber quê, d'essa envaidecida pleiade femenina julgando fascinar, espiritualmente, com o fatuo brilho de pedrarias falsas, se destacam graciosas personalidades que deslumbram com um esplendor verdadeiramente diamantino—o *talento*.

Mas a Condessa de Proença não veiu só, repetimos, com a publicidade das *Impressões de Arte*, arrancar applausos aos sonhadores do Ideal artistico. Ella veiu tambem implantar, na nossa sociedade, um estimulo efficacissimo e um exemplo artnista, felizmente seguido.

Outra senhora das mais aristocratas e queridas acaba de publicar um livro predestinado, incontestavelmente, a ser objecto d'uma grande admiração, intitulado — *Soeur Marthe*.

Referimo-nos á Condessa de Almedina, senhora invulgarmente illustrada.

Pugnando, pois, a nossa revista pelo ideal educativo e desejando, ferverosamente, vêr a mulher, esse ente meio terrestre meio aereo, segundo a phrase consagrada por Castilho, alar-se no mundo mental — já que é dada a voar — será, para nós, motivo do mais enthusiastico prazer registarmos, como hoje, as evoluções que se façam em prol do nosso Ideal.

Satisfazendo as mil perguntas que nos teem sido feitas temos a dizer ás nossas leitoras que o pseudonimo dos *perfis femininos* — *La dame voilée* — é da directora d'esta Revista.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

CECI EST MON TESTAMENT

Sonete de Rosemonde Gérard (M.me Edmond Rostand)

Je vous laisse, ami cher, la très mignarde estampe
Que vous aviez trouvé me ressembler beaucoup,
La mèche de cheveux qui frisait sur ma tempe,
Les medailles d'argent que je portais au cou.

Et je vous laisse aussi ma robe en mousseline,
Celle que vous aimiez, mes souliers de satin,
Et mon petit manchon, et puis la capeline
Dont je m'emmitouflais pour sortir le matin.

Je vous laisse mes gants et mon ombrelle rose,
Et je vous laisse encor, n'ayant pas autre chose,
Tous mes petits rubans de toutes les couleurs,

Le missel que pour vous je lisais á la messe
L'anneau d'argent bruni, sceau de notre promesse,
Et ma tombe, ami cher, avec toutes ses fleurs.

Fragmento do poema SONNETS FROM THE PORTUGUESE, da grande poetiza ingleza Elisabeth Browning, e vertido para francez por M.me Mary Duclaux (Mary Darmstteter.)

.....
Ah! si tu veux m'aimer, que ce soit par amour!
Ne dis pas: «J'aime en toi ses yeux et ton sourire,
J'aime ces mots heureux que ta lèvre a su dire...»
Ne me dis pas: «J'évoque en un doux souvenir
L'accord mystérieux qui semble nous unir...»
Tout brise de l'amour les chaines trop légères,
Quand il est né pour nous de choses passagères.
.....
Ne m'aime pas non plus par pitié de mes larmes.
Car trop vite, á la voix j'oublierais mes douleurs:
Tout ha eiue en mes yeux secherait tous les pleurs,
Et je perdrais pour toi ce qui faisait mes charmes...
Non, si tu veux m'aimer, que ton amour soit tel:
Adore uuiquement ce que j'ai d'immortel.

PERFIS FEMININOS

D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso

Não é exclusivamente como dama da aristocracia que nós vamos encontrar a nota caracteristica da nossa perfilada, posto que estes attributos a adornem por excellencia.

É tambem na Arte que o fulgor do seu espirito translúz com os mais irradiantes deslumbramentos e que a sua individualidade, aureolada, realça admiravelmente.

Como pianista o seu talento é fecundo, scintillante e extraordinario. Nunca Bach Grieg e Shumann idealisaram, para as suas creações geniaes, uma interpretação sentimental, mais rigorosa e mais identificada com a febre ardente que lh'as geron.

Se, quando fala, a sua conversação graciosa e insinuante nos avassala o espirito, quando a ouvimos como artista, o seu merito priviligiado transporta-nos a alma a uma região olympica toda saturada de Ideal e de Harmonia.

Quando toca espraia-se, pelo seu rosto formosissimo a luz suavissima que imprimia nas telas das suas Virgens o pincel divino de Raphael.

A bondade e a modestia fazem no seu caracter um élo tão estreito e tão inquebrantavel que seriam só por si sufficiente para lhe erigirem um pedestal de fervoroso culto.

Ha, portanto, na sua personalidade como que uma antithese: a sua modestia approxima a da timida graciosidade da sensitiva e o seu talento de artista evocam-nos aquellas plantas onde parece mais intensamente ter perpassado o fluido divino — fitando amoravel e onsadamente o rei dos astros que as vivifica e resplandece. O astro que ella se compraz em contemplar, enamorada e extatica, é o da Arte... e trabalhando sempre, estudando com amôr, élla que já é uma consagrada, disse-me ha dias: — A Arte não tem limites...

La Dame Voilée

OS NOSSOS BONS AMIGOS

A Doninha e a lima

(De Esopo)

Era uma vez uma doninha, que entrou de noite na forja de um ferreiro, e foi-se a uma lima e poz-se a lambel-a, e ao mesmo tempo ia dizendo assim:

— Deixa! Tanto hei-de lamber, que te hei de morder, que um bocadinho ao menos heide-lh'o comer:

Mas, d'ahi a pouco a lingua já lhe pingava sangue, e a tola sempre na sua e muito satisfeita:

— Deixa! Tanto hei-de fazer, tanto hei-de lamber, que um bocadinho ao menos hei-de-o comer!

Mas não comeu; e ás duas por tres gastou a lingua e morreu; — e a lima ficou como era.

Dizia depois o ferreiro quando viu aquillo:

— Ora, ahi está! Aconteceu-lhe como aos que dizem mal para desfazer nos outros: gastam a lingua e não fazem mais nada, e os outros ficam-se a rir!

O Leão e o Urso

(De Esopo)

Eram uma vez um leão e um urso, e foram á caça e apanharam um machinho. O leão queria ficar elle só com o machinho todo, mas o urso tambem queria o mesmo; — e tanto questionaram, tanto gritaram, que por fim já se não tinham nas pernas, e deitaram-se ambos muito estafados!

Vem uma raposa e vê aquillo, e depois diz assim:

— Olá! o leão e o urso tão cançados, e um machinho tão gordo ali entre os dois!

E poz-se a dançar e a cantar, — e depois agarra no machinho e foge com elle.

— Diziam então os dois grandes teimosos, que nem podiam sequer mexer uma pata:

— Ora ahi está para que servem as teimas! sim senhor! Trabalhamos ambos para o levar a raposa!

O Lobo e o Grou

(De Esopo)

Era uma vez um lobo que tinha um osso atravessado na garganta, e por mais que fizesse não o podia tirar! N'isto passa um grou e elle diz-lhe assim:

— O' grou! como tens um pescoço muito comprido, mete me aqui a cabeça pelas guellas abaixo, e tira-me um osso que me está a engasgar! Se m'o tirares pago-te bem!

O grou assim fez: metteu a caheça pelas guellas do lobo, e tirou-lhe o osso — e no fim pediu-lhe a paga conforme o ajuste.

— A paga! — diz-lhe o lobo a arreganhar a dentuça. — Então não te corto o pescoço, e inda achas pouco!?

O grou foi-se logo andando, e dizia baixinho:

— Ora aqui está! Basta não nos fazer mal, já o mau se tem na conta de nosso bemfeitor!

Trindade Coelho.

ASTROLOGIA E ASTRONOMIA

Antigamente a astronomia, sob o nome de astrologia, estudava a posição dos astros, pretendendo inferir da sua comparação meios para ler no ceu acontecimentos futuros relativos a pessoas e mesmo a cousas. Fazia parte das sciencias occultas e era então consultada como hoje se consulta o *Borda d'agua* sobre as mudanças do tempo. O astrologo de longas barbas e chapeu afunilado, manejando um descomunal compasso sobre um globo não menos descomunal, não podia deixar de ser um elemento essencial na constituição d'uma côrte d'outr'ora. Os reis tinham o seu astrologo como tinham o seu bobo. Aquelle lia sinas, este macaqueava e o rei, rindo, não raras vezes fazia pagar com a cabeça do primeiro, alguma prophecia contraria á politica do estado ou á sua propria.

Com o andar dos tempos, a liberdade do pensamento vigorando os espiritos, deu cabo da pretendida sciencia, e mudando-lhe o nome, para que nada ficasse do charlatanismo antigo, encetou com o seculo 17 a era da verdadeira sciencia, da sciencia que baseada só em factos d'observação positivos e reaes, procurou no seu conjuncto descobrir as leis immutaveis reguladoras do Universo, submetteu a Terra, onde vivemos, ao movimento prescripto n'essas leis assimilhóu-a aos outros corpos celestes, collocou-a n'esse mesmo ceu para onde os antigos viam evolar-se os espiritos dos poderosos, subjeitou-a emfim á acção irresistivel do astro central, do mesmo modo que a pedra na funda está por esta subjeita á mão que a prende.

Com effeito, da mesma fórma que a Lua gira em volta da Terra completando uma revolução

em 29 dias, revolução esta em 365 em torno do Sol, acompanhando o no seu desconhecido movimento para o infinito, subjeito talvez a outro astro mais poderoso que o arrasta como elle nos arrasta a nós e nós a Lua, levando a vida através dos espaços com a extraordinaria velocidade de 700 *mil* kilometros por dia e n'um isolamento tal que milhares de annos n'esse prodigioso caminhar, só lhe altera a distancia ás estrellas mais proximas, d'uma quantidade, que de pequena bem pode considerar-se nulla, quando compassada a sua mesma distancia. Ainda ha pouco tempo, a proposito d'um cometa cuja revolução em volta do Sol foi avaliada em *mais de cem mil annos*, calculei que, percorrendo a luz 300 mil kilometros por segundo, se este cometa, na sua maxima distancia ao Sol podesse ser visto da Terra, a sua luz gastaria a percorrer a distancia que o separa de nós *um dia e meio*; pois bem: a luz da estrella mais proxima precisa quatro *annos* para cá chegar. Quatro annos! e o anno tem 365 dias, o dia 24 horas, a hora 60 minutos e o minuto 60 segundos e a velocidade da luz é tal que daria quasi oito vezes a volta á Terra em um segundo!

Mas o espectaculo da noite estrellada é demasiado trivial e a magnificencia dos factos passa desapercebida pelo habito da observação. O sol só tem espectadores quando se eclipsa, já dizia um philosopho antigo.

Mas, mesmo para o espirito sonhador e poeta, a sciencia actual, a verdadeira, a real, não deixa por isso de ser mais seductora, de ter mais attractivos do que a antiga, com todos os seus deuses imaginarios e acontecimentos mithologicos de metamorphoses e transfigurações.

Basta conhecel-o, mesmo superficialmente.

E de todas as sciencias a que certamente mais deleita a alma e mais se presta á meditação, é sem duvida a Astronomia.

A ideia de espaços immensos, incomensuraveis, que o espirito não abrange e a intelligencia não comprehende e onde a imaginação vagueando de mundo em mundo, vae procurar n'um infinito, que se vê obrigado a admittir, o terminus de toda a creação, é de molde a fazer desesperar o cerebro mais poderoso e tornar pensativo o espirito mais indiferente.

Seneca, o maior philosopho da antiguidade depois de Pythagoras, dedica-lhe as suas bellas paginas das suas «*Questões naturaes*,» e Victor Hugo, o maior poeta dos tempos modernos define-a: «la plus magnifique des sciences ... Dans toutes les sciences auprès de la partie eclairée il y a le coin tenebreux. L'astronome seule n'a pas d'ombre, ou pour mieux dire, l'ombre qu'elle a est ebleuissante. Chez elle le prouvè est evident, le conjectural est splendide.

L'astronomie a son coté clair et son coté lumineux, par le coté clair elle trempe d'ans l'algebre par le coté lumineux dans la poesie.»

Estas expressões do grande poeta, escriptas com a penna na mão e a imaginação no infinito, por onde agora lhe vagueia a alma, lançou-as elle no *Post scriptum de ma vie* como para provar a alliança que a sciencia e a arte podem fazer n'um cerebro d'artista, do mesmo modo que as melodiosas poesias do celebre mathematico d'Alembert nos mostraram, que a austeridade scientifica nem sempre embala a sensibilidade aos encantos das musas.

MELLO E SIMAS.

SONETO CAMONEANO

Alma minha gentil, que te partiste
Do céo da minha rútilla illusão;
Deixando-me sósinho, ancioso e triste,
Cheio de magua e lucto o coração!...

Quem póde assim viver n'esta soidão,
Se a tua imagem sempre em mim persiste.
Quem é que abrandará esta afflicção
Do dia em que para sempre me fugiste?...

Para mim todo o mundo é infinda treva...
A minha alma, sangrando, só se eleva
Das azas da saudade, que me abriste...

Sumiu-se a dôce luz da minha vida
Depois que te não vejo alma querida,
Alma minha gentil, que te partiste!

OLIVEIRA PASSOS.

FRAGMENTOS

Um dos motivos imperiosos e que deve impôr aos espiritos cultos e sensatos entender sobrelevar a educação femenina, é o da transcendencia que a mulher tem na faculdade de imaginativa e que vem os argumentos tão aridos e tão desapaixonados da philosophia, de ordinario tão severos para com ella, teem logrado negar-lhe.

E' indubitavelmente verdadeiro que, quando uma educação esmeradamente orientada não preside ao desenvolvimento d'esta faculdade intellectual, a imaginação em vez de ser uma poderosa alavanca de grandes emprehendimentos civilisadores é uma fertil productora de assombrosos inventos que reflujam o progresso com scintillações auroraes,—é um cancro phafeelenico que só pode, insidiosamente gerar no seio da sociedade o cataclysmo moral, ensombrando com laivos de ignorancia as paginas da historia da magestosa obra da evolução da humanidade.

***

Ha sorrisos sardonicos e revoltantes mais amargos e dolorosos que prantos gemebundos ou maceradas expressões physionomicas que repassem o espirito de compaixão. Nem sempre um sorriso errando incessantemente n'uns labios frios e desdenhosos revela uma sensibilidade, descortinando ao philosopho um accessivel estudo psycologico.

Como as camadas de gelo que teem impenetravelmente latentes as lavas fervidas do Hecla, quantas vezes um sorriso indifferente e glacial, que fuzila corações e trucida existencias,—é a mascara insondavel d'uma alma abrasada por uma paixão febricitante, violenta e secreta, sangrando de illusões assassinadas e morta para toda a esperança!...

(Do livro inédito—*Notas de um triste*).

VIRGINIA QUARESMA

SALÃO NOBRE DO GOVERNO CIVIL. (Açores—Ilha Terceira)

MULHER

(EXCERPTO DO POEMETO «A SIBYLA»)

.....

Prondhon, grande Prondhon, terrivel orgulhoso,
Que em teu cruel desdem, banias impiedoso,
O feminil espirito, ao qual tu, só marcavas
A orbita do lar, ó grande fronte austera,
O que sentis-te, diz, quando ascendendo á esphéra
Do grave pensador, politico, estadista,
A pallida Royer, a sabia economista,
No ágape grandioso, humanitario gremio,
Soberba, ao lado teu, foi partilhar teu premio?!..
O que sentis-te, diz, pungir-te a consciencia,
Ao vêl-a irradiando a luz, a intelligencia?...

S. Jorge.

M. BELMIRA D'ANDRADE.

ONDAS

Hontem um dia mau, pluvioso e triste,
Hoje, a manhã d'um sol que esplende e alaga...

Eis a imagem de tudo quanto existe!
A nossa vida é sonho de creança:
— Outro sorriso vem, mal um se apaga...
A nossa vida é mar, e o mar — esp'rança
— Mal uma vaga vem, foge outra vaga
Mal um sonho fugiu, logo outro avança...

LUIZ OSORIO.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

Cada um de nós possue um vocabulario pessoal e especial, uma syntaxe que lhe é propria.

JULES CASE.

No tempo d'afflicção se conhece quaes nossos amigos são.

GERSON.

Zombaria e motejo são armas de almas pequenas.

PINHEIRO CHAGAS.

Nenhuma abertura de cratera é comparavel á erupção de um hypocrita.

Só o que tem abnegação é grande: com ella pode se estar sereno no infortunio e ser ditoso na desgraça.

VICTOR HUGO.

Claudia de Campos

ULTIMO AMOR

(ROMANCE)

Quando a tia, depois de lhe ter feito mil recommendações com maternal solicitude, foi fiscalizar o arranjo das bagagens, Annie, tão pallida como o seu vestido branco, entrou subitamente no escriptorio onde Mario traçava á pressa um telegramma, deu-lhe duas pequeninas rosas que trazia no peito, e fitando-o com o seu olhar claro, onde pela primeira vez elle viu perpassar uma expressão suave, murmurou: *Come soon and write me often, will you?*[1]

Surprehendido com as inflexões acariciadoras d'aquella voz, de ordinario tão secca, elle ia dar uma resposta, quando Jady Palmers chamou de dentro: «Mario»!

Miss Palmers, córando, estendeu a mão ao primo, e fugiu toda confusa, indo fechar-se no seu quarto.

Rapido e eloquente adeus, que a fazia soffrer muito, embora lhe ficasse a esperança do proximo regresso; mas se ella podesse advinhar que na vida não tornaria a vêl-o!...

Oh! Não haver uma voz ignota que nos advirta a tempo da desgraça imminente! não existirem braços protectores e invisiveis, que nos arranquem ao precipicio onde cégamente nos despenhamos!

Horas depois, no vapor que o conduzia a Calais, Mario entretinha se em reconstruir pelo pensamento, o pequenino episodio que acabava de passar-se, e, perplexo, perguntava a si mesmo se sua prima o amava e se elle a amaria tambem...

Pergunta ingenua de que mais tarde, quando conhecesse o amor, Mario deveria rir-se...

II

—«Fanny Josepha, aqui está Mario» gritou Salter alegremente, subindo a escada pelo braço do filho, a quem tinha ido esperar a meio caminho.

Fanny, bastante desenvolvida para os seus dezesseis annos, fresca e sympathica, sem comtudo ser bonita, veiu, correndo, beijar o pae e o irmão. Logo atraz, appareceu D. Josepha, que desfazendo-se em exclamações abraçou o marido e o filho ficando em seguida parada e muda a contemplar este ultimo.

—«Aqui tens um verdadeiro *gentleman*, como os mais finos de Rotten-Row e Hyde Park, exclamou Mr. Salter, com desculpavel vaidade,

«Bem vejo! não pareces o mesmo rapazinho que mandei para Londres ha dez annos; e dizendo isto, D. Josepha, andando em volta do filho, examinava-lhe a alta e esbelta figura, robustecida pela esgrima, pela equitação, pelo *lawn-tennis*, emfim, por todos os habitos do *sport*, contrahidos pelos rapazes da classe rica ingleza; as mãos brancas e cuidadas, as feições delicadas e viris, a finura da pelle, a que a regularidade da vida imprimia tons rosados, o elegante córte do fato de viagem, e o bigode louro e sedôso que sombreava uma bôcca escarlate e fresca. Não lhe encontrava semelhanças com a familia de Portugal. Parecia-lhe mais nobre e mais bello, como se pertencesse a outra raça. Fazia-lhe pena ter um filho que se não parecia comsigo nem com os seus. Affigurava-se-lhe ser de especie differente, esse fructo das suas entranhas.

Entretanto Mario baixava os olhos para occultar a impressão de doloroso desencanto por que acabava de passar, ao ver aquella creatura nutrida, de feições grosseiras, voz forte, e mãos pouco tratadas, a quem tinha de chamar «Mamã». As suas recordações de creança não lhe representavam a mãe destincta e formosa como lady Palmers, é certo; mas, ou porque ellas estivessem quasi apagadas, ou porque os habitos adquiridos lhe tornassem agora mais sensiveis estas cousas, ou porque á medida que os annos passavam e a gordura augmentava, D. Josepha adquirisse uma apparencia mais vulgar, a verdade é que Mario experimentou uma desillusão grande, que o esfriou subitamente.

Parece que desde aquelle momento se estabeleceu entre os dois uma instinctiva e mysteriosa antipathia, explicada talvez por contradictorias hereditariedades, que faziam com que não houvesse um traço commum entre a estructura mental e a physica d'esses dois seres.

Estavam tão distantes um do outro, como se os separasse um abysmo, e ambos sentiram isso ao primeiro relance.

—«Mario deve ter appetite; manda preparar o almoço, emquanto eu o acompanho ao seu quarto, disse Mr. Salter, cujo rosto brilhava de satisfação.

Ficando só com a filha, D. Josepha perguntou:

—«Que tal achas teu irmão?

—«Um rapaz muito gentil, mamã, que se não parece nada com os que por aqui ha.

—«Sim, mas ou eu me engano muito, ou aquella gentilêza ha-de custar cara a teu pae... Depois, vivendo lá com a tal nobreza deve achar tudo aqui reles... Verás como ninguem na terra gosta d'elle.

—«Isso não admira, são todos tão invejosos! Veja a mamã quanto me escarneceram e criticaram por eu fallar aos domingos, no passeio, em inglez com a miss Williams.

—«E achas que não tinham razão? atalhou a mãe; lá diz o proverbio: na terra onde viveres faze o que vires fazer... Nunca foi por minha vontade que andaste pelas ruas a fallar as linguas, e menos ainda que teu irmão estivesse uns poucos de annos no extrangeiro, a aprender cousas que lhe não servem para nada».

E fazendo em tom sentencioso, esta observação, como se fosse um evangelho, D. Josepha, bandeando-se muito no seu vestido de *setinette* aos raminhos foi á cozinha dar ordens.

Fanny sentiu-se, como sempre, contrariada, pelas inconscientes injustiças da mãe. Gostava muito do irmão, e reconhecendo-lhe a superioridade, respeitava o e admirava-o, comparando-o, na sua imaginação infantil, a um d'esses heroes hellenicos descriptos na historia grega, que andava estudando. Magoava-a, por isso, tudo quanto podesse molestal-o, e previa já, nas apreciações que acabava de ouvir, uma fonte de conflictos incessantes, que não via modo de evitar.

Era muito amiga da mãe, é certo; mas isso não a impedia a ella, que era intelligente e bôa, de lhe reconhecer a mesquinhez de caracter e as indisculpaveis ignorancias. O pae era melhor e mais fino. Sem a sua iniciativa, ella seria uma tola cheia de ridiculas pretenções, como tantas meninas que conhecia. Devia-lhe muito, muito. Contristava-a ter de confessar que devia muito menos á mãe.

—«Em que estás pensando? perguntou Mario que já mudara de fato, entrando na sala onde sua irmã, encostada ao parapeito de uma janella aberta sobre o jardim, fazia estas reflexões.

—«Penso que te vaes aborrecer muito e que por conseguinte nos deixarás cedo, respondeu Fanny córando. Em seguida fitou timidamente os olhos nos do irmão, que se approximara, e accrescentou:

—O papá tem por ti uma adoração... e eu tambem...

Mario passou-lhe um braço em roda da cintura, beijou-a na testa e disse:

—«Como queres que me aborreça ao pé de ambos?»

Ella percebeu a intenção, o rosto illuminou-se-lhe, e sem dizer mais nada retribuiu-lhe o beijo.

(Continua).

[1] Volte depressa, e escreva me muitas vezes, sim?

AOS QUE A AMARAM

Tão boa e tão gentil! Parece que a ventura
Devia ungir-lhe a vida em fronte perennal;
Mas veio a Febre, e abrin-lhe a cava sepultura...
Choram o esposo e os paes a sua dôr lethal.

Cantava-lhe na alma o seu amor primeiro,
Brotavam roseiraes no seu caminho em flor,
E, hoje, dorme, tranquilla, o somno derradeiro.
Não conheceu ocaso o seu primeiro amor!

Cobrimol-a a chorar de flores orvalhadas,
E o seu veu transparente, o veu das desposadas,
Que, ainda ha tão pouco tempo, ella levou ao altar,

Levou-o junto a si, no caixãosinho estreito,
Qual um mimo subtil, que se aconchega ao peito
E nem mesmo ao morrer se póde abandonar.

ALICE MODERNO

Maria Vasconcellos Camara

Pour ceux qui l'ont aimée

Elle était belle et bonne, et le Bonheur pour elle
Semblait avoir cueilli le rameau toujours vert:
Mais la Fièvre a sévi; le cercueil s'est ouvert,
Et les siens ont au cœur une douleur mortelle!

De son premier amour l'hymne chantait encor,
Et les fleurs sous ses pas, à plaisir, semblaient naître:
Avant le soir, amour, fleurs, tout doit disparaître,
Pour son dernier sommeil, tranquille, elle s'endort!

Sur son corps, en pleurant, nous avons de la rose
Effeuillé la corolle, et mis dans le tombeau
Son voile nuptial et le fidèle anneau
Qu'on emporte... à jamais quand la paupière est close!

Traduit de Mademoiselle Alice Moderno par

HENRY FAURE

A PREGUIÇA

O vicio fundamental do homem é a preguiça. Nos homens instruidos este vicio occulta-se sob a mascara de um scepticismo sombrio, com fingimentos de philosophico, representando o typo de Hamlet.

Isto é a renuncia de nós mesmos, é a morte voluntaria. O despertar da energia individual é a condição da saude e da vida.

Este pensamento é do excellente livro *Hygiene da alma* do Barão de Feuchtersleben.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

De Oliveira Passos—*Livro intimo* e *Lux et Umbra*.

De Antonio Padula—*I Nuovi Poeti Portoghesi*—*Camoens ei nuovi poeti portoguesi* e as traducções do portuguez—*Illusioni Perdute* de Alberto Bramão *L'oudina del Lago* (de Theophilo Braga) *Salomé e Il Re-Galaor* (de Eugenio de Castro).

De Edgar Prestage—*The Letters Of A Portuguese Nun* (Marianna Alcoforado).

Anthero de Quental—*Sonnets*, «*Brother Luiz de Sousa*».

Do dr. Bernardino Machado—*Notas d'um pae*.

De M. Greaves—*O Meu Tempo*.

De Domingos Ferreira—*Adejos* (versos).

De Maria Velleda—*Emancipação Feminina* (opusculo).

Numero 16 — Lisboa, 1 de Janeiro de 1903 — Anno 2

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes ..... 360 réis
6 » ..... 650 »
1 anno ..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

Secretaria — VIRGINIA GUERRA QUARESMA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
61 — RUA DA GLORIA — 61
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31

EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTECA NACIONAL

PABLO CASALS

Pablo Casals é um dos violoncellistas mais enthusiasticamente reputados nas criticas modernas do mundo musical.

São, para nós, bem recentes as gratas impressões que o genio extraordinario de Pablo Casals deixou perduradas a nossa alma, visto que o insigne vialoncellista acaba de fazer uma digressão ao nosso paiz, recebendo ligitimamente de todos os cultores e admiradores da Arte Musical, as ovações que inspiram as scentelhas do seu vasto talento.

Pela leitura de diversas chronicas estrangeiras, firmadas pelos criticos mais abalisados, já haviamos tido conhecimento do alto conceito artistico de que está aureolada a individualidade de Pablo Casals; todavia, essas referencias eram defecientes para nos fazerem prever o privilegiado, indiscriptivel talento que, com surpreza, encontramos no joven violoncellista.

Foi-nos proporcionado o feliz ensejo de lhe sermos apresentados e de o ouvirmos nos deliciosos e inolvidaveis concertos que, entre nós, organisou e que consoante nos disse, constituem um dos mais gloriosos e indeleveis triumphos obtidos na sua carreira artistica, tão fertil n'elles.

Achamol-o, na realidade, admiravel, typico, mesmo, na forma de interpretar as mais difficeis e exigentes composições dos classicos celebres.

A technica musical não tem para elle segredos. E' um artista na verdadeira accepção da palavra e ao seu talento fulgurante e excepcional está, decerto, reservado um grande prestigio.

Todas as vibrações apaixonadas de que está repassada a musica que elle tão distinctamente interpreta, se lhe translusem nos gestos e lhe reflugem no olhar como acompanhando, com a sua penetrante intuição e divino sentimento artistico, os transportes mais febricitantes ou mais idealmente alados dos grandes mestres.

Quer seja na execução da musica vibrante de enthusiasmo, de Beethoven, quer nas fantasticas e excentricas concepções de Shumann, quer na paixão extraordinaria e impressionante de Chopin, em todas as interpretações musicaes, Pablo Casals é sempre o artista impeccavel e apaixonado que, com sublime pericia, nos sabe transmittir as variadas emoções affectivas da Arte.

Dir-se-ha que toda a sua sensibilidade está ungida com o mesmo fogo sagrado de arte e que as situações psychicas dos compositores classicos revivem com todo o colorido e intensidade na sua alma repleta d'um vehementissimo enthusiasmo.

A sua rara vocação pela arte começou-se bem cedo a revelar, pois que sendo ainda hoje muito novo, já é um artista laureado pela sua vasta e profunda erudição musical.

Os primeiros alvores do seu precoce talento foram-lhe descortinados por seu pae, um organista distincto, que lhe propinou as licções rudimentares de musica.

PABLO CASÁLS

Aos 10 annos, com a alma juvenil cada vez mais sedenta de Arte, proseguiu os seus estudos predilectos sob a direcção proficiente de D. José Garcia.

Foi, então, que a rainha de Hespanha travou conhecimento com o moço estudante e, ouvindo-o, tão agradavelmente impressionada ficou com as suas notaveis aptidões musicaes que lhe concedeu uma pensão e se incluiu na numerosa lista dos seus fervorosos admiradores.

Sempre no meio de triumphos, o talento de Pablo Casals foi-se estimulando e desenvolvendo, chegando, bem depressa, ao seu auge de força e de fulgor.

Depois de diversas digressões artisticas pelo extrangeiro, sempre acolhidas com profunda admiração e notavel exito, o talentoso violoncelista foi nomeado professor do Conservatorio de Barcelona.

Esta nomeação, posto que a comprehendesse honrosa e lhe lisongeasse o seu lucido espirito, não se amoldava ao seu genio essencialmente artistico e ávido de viver entre os applausos tumultuosos das multidões.

Era o meio gigantesco do cerebro do mundo que o attrahia com uma fascinação irresistivel e, em 1898, fixou definitivamente, a sua residencia em Paris onde tem alcançado brilhantes successos.

D'ali faz, frequéntemente, *tournées* a differentes pontos da Europa e da America do Norte onde o seu nome artistico se vae avigorando.

Em todos os paizes onde se tem exibido, tem recebido evidentes testemunhos de apreço, conservando religiosamente valiosos presentes feitos por alguns soberanos da Europa. Entre estes brindes recorda-nos de citar o violoncello em que Pablo Casals toca e que foi offerta da Rainha de Hespanha. No arco tem cravejada uma lindissima saphira, dadiva tambem da mesma soberana.

E' agraciado com as ordens de Isabel a Catholica, Santiago de Portugal, Palma academica de França e Carlos III de Hespanha.

Na modesta homenagem que hoje tributamos ao glorioso violoncellista, comquanto delineada com desmaiados e fugitivos traços, lhe deixamos registrada a admiração que nos suscitou a sua gran de individualidade artistica.

A MENTIRA

A mentira é filha primogenita do ocio. Vêde como se forma em vôs mesmos este monstruoso parto. Quem está ocioso não tem mais que fazer, que pôr-se a imaginar; da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação nasce a suspeita, a mentira. Quem trabalha trata da sua vida, quem está ocioso trata das alheias.

Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade porque diz as coisas como são.

O ocioso, como não tem mais que fazer, mente; porque diz o que imagina.

P. ANTONIO VIEIRA.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

Fragmento da ÉTERNELLE CHANSON

Versos de Rosemonde Gérard (M.me Edmond Rostand)

. . . . . .

Vous êtes mes espoirs et mes dèsespérances;
Vous êtes mes pensers, très graves ou très fous,
Vous êtes mes bonheurs et toutes mes souffrances,
Car rien ne m'atteint plus que ce qui vient de vous.

Vous êtes mes gaietés, vous êtes mes tristesses,
Et tout mes souvenirs, très amers ou très doux;
Vous êtes mes amours et toutes mes tendresses,
Car je n'aime plus rien en ce monde que vous.

. . . . . .

Et, comme chaque jour je t'aime davantage,
Aujourd'hui plus qu'hier et bien moins que demain,
Qu'importeront alors les rides du visage,
Mon amour se fera plus grave et plus serein.

Songe que tous les jours des souvenirs s'entassent,
Mes souvenirs à moi seront aussi les tients,
Ces communs souvenirs toujours plus nous enlacent
Et sans cesse entre nous tissent d'autres lieus.

C'est vrai, nous serons vieux très vieux, faiblis par l'âge,
Mais plus fort chaque jour je serrerait ta main;
Car vois-tu, chaque jour je t'aime davantage
Aujourd'hui plus qu'hier et bien moins que demain.

Et ce cher amour, qui passe comme un rêve,
Je veux tout conserver dans le fond de mon cœur;
Retenir, s'il se peut, l'impression trop brève,
Pour la ressavourer plus tard avec lenteur.

J'enfouis, ce que vient de lui comme un avare,
Thésaurisant avec ardeur pour mes vieux jours:
Je serai riche alors d'une richesse rare:
J'aurais gardé tout l'or de mes jeunes amours!

Ainsi de ce passé de bonheur qui s'achève
Ma mémoire parfois me rendra la douceur,
Et ce cher amour qui passe comme un rêve,
J'aurais tout conservé dans le fond de mon cœur.

A MULHER ENFERMEIRA

Nunca é tão cheia de attractivos a mulher, como ao velar sollicita por o doente que estima. A's mais leviadas reve-se-lhes então a grandeza e sublimidade da sua missão na terra. O coração, que as vaidades podiam trazer abafado, estremece e acorda ao primeiro grito de dôr; o instincto feminino revive com toda a sua espontaneidade de abnegação; dá-lhes á voz inflexos de ternura, ao olhar requebros de meiguice, e aquella deliciosa fraqueza d'animo, que nos pedia protecção e amparo, transforma-se em coragam heroica, deante da qual nós, os que nos suppunhamos fortes, cedemos subjugados.

Um momento d'estes na vida da mulher, absolve-a de todos os pequenos defeitos, que temos por costume censurar n'ella. Quando o imperio do amor e da piedade deve reger a vida, acceita então ella de nós, com sorrisos de brandura, o sceptro de soberana.

E n'essas occasiões bem conhece que o prestigio, que exerce, é absoluto; per de então a timidez habitual e olha-nos desassombrada.

JULIO DINIZ.

(Pupillas)

PERFIS FEMENINOS

D. Leonor Atalaya

Distincta por gerarchia, por formusura e por um espirito esmeradamente culto, a nossa perfilada de hoje é um dos mais rutilos ornamentos da sociedade elegante.

Possue uma lucida intelligencia e a sua conversação affavel e insinuante tem as emanações captivantes do seu espirito ornado.

E' uma pianista consagrada e, em todas as interpretações das notabilidades classicas, os vôos irrequietos da sua alma de verdadeira artista, se alam aos mais transcendentes ideaes do sentimento.

O seu sorriso meigo e acariciador, como o perfume de uma violeta perigrinamente rescendente, parece reflectir, n'uma revelação intuitiva, toda a sua infinita bondade crystalisada com limpidez, nas suas multiplas acções magnanimas.

E, para realçar tão excelsos attractivos, a nossa illustre perfilada é, invariavelmente, a modestia personificada, attributo valoroso que lhe ergue um pedestal em todos os espiritos dos que a conhecem e que, n'um élo inquebrantavel, prende todos os corações que teem a ventura de receber os vibrantes influxos do seu doce convivio.

LA DAME VOILÉE

L'HISTOIRE DU CIEL

(CLÉMENCE ROYER)

Quand le ciel mon probleme
et l'homme mon étude.

VICTOR HUGO.

. . . . . .

Tudo quanto tenha por fim tornar conhecido entre nós o nome de Clémence Royer, parece-nos um dever de gratidão á memoria d'esse vulto genial, cuja vida foi a mais brilhante e cabal demonstração do quanto pode tambem a mulher quando convenientemente dirigida e educada. Que triumpho e que desmentido não é a sua obra, ás affirmações, hoje felizmente quasi esquecidas, dos que diziam a mulher incapaz de assimillar os altos problemas e as grandes concepções das sciencias abstractas e da sociologia!

Isto fez Clémence Royer e sem sacrificar nenhuma absolutamente, das qualidades psychicas e moraes, proprias do seu sexo, que mais de uma vez tem servido de argumento, aos que pretenderam por ignorancia ou egoismo, negar á mulher, capacidade intellectual e faculdades de trabalho eguaes ás suas.

Não precisa pois imitar o homem, masculinisar-se, para cooperar com elle na grande obra da civilisação e do progresso: pode fazel-o conservando-se *mulher*.

. . . . . .

Não é na *Historia do céo*, um dos ultimos trabalhos de Clémence Royer, que vamos encontrar essas scintillações de genio que a caracterisaram tão nitida e individualmente no campo scientifico. *Historia do céo*, livro simples, é apenas uma exposição rapida, deliciosa mesmo, dos diversos problemas da astronomia e da sua evolução atravez dos tempos. Despido de pretenções, visa, principalmente, á vulgarisação d'esta sciencia e fazer a luz sobre alguns pontos ainda obscuros e controversos. Começando por nos dizer como e porque associação de ideias se originou a sciencia dos astros entre os povos primitivos, segue depois passo a passo a historia dos diversos problemas que se foram apresentando á observação e natural curiosidade do homem, até ao momento actual.

Faz n'esta altura uma ligeira critica das leis fundamentaes do systema em voga indicando os erros resultantes da má interpretação que vulgarmente se dá á lei de Newton.

E' com justificada razão que ella se insurge contra a forma por que esta lei corre enunciada e ensinada. Nunca a ideia de Newton poderia ser a que assim lhe attribuem, pois que é elle o primeiro a affirmar que a attracção, a distancia da materia pela materia é contraria aos principios da mechanica: se ella fosse verdadeira quando duas massas chegassem ao contacto a sua attracção seria infinita; as duas massas não se poderiam mais separar.

N'outro e interessantissimo capitulo trata a questão tão debatida de habitabilidade dos planetas. Nova não é esta ideia, pois já ha perto de 150 annos, Kant, na sua obra celebre «*Histoire Naturelle et théorie generale du ciel*» dizia: «*Je suis d'opinion qu'il n'est pas même besoin de discuter que toutes les planètes sont habitées... Au milieu de tants de sphèrs il n'y a de parages déserts et inhabités que ceux impropres jusqu'à present à porter les êtres raisonables qui sont dans le bout de la nature.*»

Como se vê, Kant, restringiu a questão collocando-a n'um campo absolutamente insustentavel hoje, desde que a terra não é considerada o centro do mundo emquanto que Clémence Royer vae mais longe e, em face das condições physicas dos diversos planetas, que ella deduz de leis habilmente estabelecidas, estuda as suas condições de habitilidade e a maneira de ser racional dos mesmos habitantes.

O ultimo capitulo consagrado á resolução do problema da *evolução dos mundos* é deveras notavel. Depois de expôr as hypotheses pelas quaes os philosophos de todos os tempos pretenderam resolver a questão e a critica a que estas mesmas hypotheses estão sujeitas, termina Clémence Royer por nos dizer assim a sua maneira de encarar o problema: *L'état de nebuleuse serait donc l'état final des soleils et non leur état initial... Les nébuleuses serait de vieux mondes riduits en poussièrs, qui, dans l'infinit de l'espace et l'éternité du temps, preparent les materiaux des mondes à venir.*» Theoria deveras seductora que não é mais do que o renovamento e generalisação da theoria dos stoicos, mas que ella fundamenta e demonstra com raciocinios habilmente deduzidos.

Embora finalmente o universo astronomico mais d'uma vez haja sido descripto por sabios eminentes e cantados pelos poetas, entre os quaes citaremos Homero, Dante, Goethe, Hugo, Lamartine, desde os planetas do nosso systema até ás constellações, aos longinquos soes, deslumbrando com as suas chammas as ultimas regiões do infinito ás nebu-

losas do Oriente e da Via Lactea, o livro de Clémence Royer, proficiente e simples como é, ficará sendo uma pagina de oiro entre as mais brilhantes da epopeia dos ceus.

Olga Sarmento da Silveira.

Cartas da religiosa portugueza

(Inédito)

Com este titulo, foram denominadas pela consagração de tres seculos as cinco Cartas de amor que appareceram publicadas em 1669, talvez pela indiscreta vaidade d'aquelle a quem foram dirigidas como expressão incomparavel de um sentimento profundo e não comprehendido.

A Europa achou n'essas Cartas traduzidas do portuguez o grito da estrangulação de uma alma, e admirou-as incessantemente; não são uma obra de litteratura, filha da reflexão que procura dar fórma a um ideal, mas sim um documeno humano, segundo a phrase de Zola, apanhado em surpreza tal como caiu em poder do livreiro Claude Barbin, que as explorou commercialmente. De *cinco* cartas constava a edição de 1669, então denominadas *Lettres portugaises;* mas n'este mesmo anno foram publicadas mais *sete* Cartas, expressamente attribuidas a *une femme du monde,* com um estylo rhetorico, com um sentimentalismo postiço. Ainda em 1672 foram reproduzidas as *cinco* Cartas authenticas em separado, mas os livreiros baralharam-as, reunindo as *Lettres d'une Religieuse portugaise* e as *d'une femme du monde* na edição de 1686. D'aqui resultou o chegar-se a duvidar da authenticidade de todas ellas, como aconteceu a Rousseau, e mesmo a negar a existencia da Marianna Alcoforado, como fez Herculano. Quem escreveu estas Cartas? A quem foram dirigidas? E em que tempo?

Parece que o nome de Marianna Alcoforado nunca fôra esquecido; Barbier citando uma edição das Cartas de 1778, explica a designação de *Chanoinesse portugaise* com as palavras «traduzidas de Marianna Alcoforada, religiosa, pelo Conde de Lavergne de Guilleragues». O nome de Marianna consta das proprias Cartas; o appellido de Alcoforado provem de informação historica, porque mão intelligente escreveu em um exemplar de 1669, que veiu parar á mão do erudito Boissonade, a seguinte nota manuscripta: «La Religieuse qui a écrit ces Lettres se nommait Marianne Alcoforado, religieuse à Beja, entre l'Extremadure et l'Andalusie. Le Chevalier à qui ces lettres furent écrités était le Comte de Chamilly dit alors le Comte de Saint Leger.» Boissonade publicou esta nota no *Jonrnal de l'Empire* de 5 de janeiro de 1810.

O nome do francez já apparecia indicado nas edições de 1671, 1678, 1681 em *Le Chevalier de C.;* e na de 1682 vem: «écrites au *Chevalier de C. Officier F. en Portugal;* e na edição de 1699 a inicial *C* já não é segredo, lendo-se ahi: «O nome d'aquelle a quem foram escriptas é Monsieur *Chevalier de Chamilly,* e o nome d'aquelle que fez a traducção d'ellas é Guilleraque.» Resta precisar quando foram escriptas as Cartas: determina-se no texto d'ellas a data, por uma referencia historica apontada por Luciano Cordeiro: «Na que se considera a segunda, regista-se a noticia de que *a paz da França* estava feita. — ... èssa paz era a que terminou rapidamente a guerra da devolução pelo tratado de Aix-la-Chapelle em 2 de maio de 1668. E' sabido que o episodio decisivo d'essa guerra fôra a brusca e rapida invasão em pleno inverno (fevereiro de 1668), de Luiz xiv no Franche Comté, em que já tomou parte Chamilly, que pouco antes chegara de Portugal.» Foi portanto em fins de 1667, que Chamilly sahiu de Beja, como se comprova por um conflicto da cavallaria franceza na povoação, e passaram-se seis mezes, sem que Marianna recebesse noticias. Pelos documentos descobertos por Luciano Cordeiro em Beja em 1887 se esclareceu o quadro historico do vivissimo drama de amor que inspirou essas Cartas, que são um assombro de espontaneidade e de paixão soffrida.

Real Palacio das Necessidades

Theophilo Braga.

Cartas da religiosa portugueza

(SOROR MARIANNA ALCOFORADO)

I

Considera, meu amor, como foste excessivamente descuidado!

Ai malaventurado!—Trahiram-te esperanças fementidas e com ellas me enganaste.

Uma paixão em que bordavas tantos deleitosos projectos só pode dar-te, agora, um mortal desespero, apenas comparavel á crueldade d'esta ausencia. E ha de este desterro para o qual todo o requinte da minha dôr não acha um nome assás funesto, privar-me para sempre de embeber-me n'esses olhos em que via tanto amar e que me fizeram conhecer enlevos que me enchiam de contentamento, que eram tudo para mim, que emfim me abastavam a vida? Os meus olhos éque perderam nos teus a unica luz que os animava. Só lhes restam lagrimas, nem eu lhes tinha dado outro emprego senão o de chorar continuamente desde que sube que estavas resolvido a um apartamento para mim tão insupportavel que cedo me fará morrer.

E comtudo parece-me que tenho o quer que seja de enamorado apego ás magoas de que tu só és a causa. Consagrei-te a vida desde qu em ti descançaram meus olhos, e sinto em sacrificar-t'a um mystico prazer.

Mil vezes ao dia te procuram meus cançados suspiros e não me trazem, os tristes, outro allivio a tantas tribulações do que o aviso cruamente sincero da minha desventura que me não consente uma esperança e me repete a todos os instantes: — «deixa, deixa de consumir-te em vão infeliz Marianna! deixa de anhelar um amado que não tornarás a vêr, que passou o mar para te fugir, que está em França no meio dos prazeres, que não pensa um momento mas tu as penas, que te dispensa de todos estes transportes que nem sabe agradecer-t'os.»

Mas não.

Não posso resolver-me a cuidar tão mal de ti.

Sou muito interessada em justificar-te. Nem quero imaginar que me tenhas esquecido!...

Não sou eu já bem desgraçada sem me torturar com falsas suspeitas?

Porque hei de esforçar-me em apagar da memoria todos os desvelos com que te esmeravas em me provar amor?

Ai tanto me deleitavam elles que bem ingrata! fôra se não te amasse ainda com os mesmos arrobamentos em que a minha paixão me enlevava quando lograva os testemunhos da tua.

Como é possivel que lembranças de tão doces momentos se tenham tornado tão amargas. E' que contra tode sirvam somente suratn etaz, agora para dilacerar-me o coração?

Pobre d'elle! A tua ultima carta pol-o n'um estado singular: taes saltos me dava no, peito que parecia forcejar por arrancar-se de mim e voar para ti.

Tão quebrantada fiquei, de todas estas moções violentas que por mais de tres horas estive de todo alienada dos sentidos.

Era como se me defendesse de voltar a vida que devo perder por ti, já que para ti a não posso conservar.

Com bem pesar tornei a mim.

Regalava-me sentir que morria de amor, e sentia-me bem, finalmente, por ver cessar de flagellar-me a alma a dôr da tua ausencia.

Depois d'estes abalos tenho soffrido muitas enfermidades, mas posso eu viver sem males em tanto que não te vir?

Supporto-os sem murmurar pois que de ti proveem. Coitada de mim! é esta a recompensa que me dás de te haver tão carinhosamente amado?

Não importa.

Estou decidida a adorar-te toda a vida e a não querer a mais ninguem.

Digo-te que farás bem, egualmente, em não amar outra.

Porventura poderia contentar-te uma paixão menos ardente do que a minha?

Encontrarias talvez mais formosura — e comtudo dizias me outr'ora que eu era bonita,—mas não encontrarias, nunca, tanto amor... e tudo o mais é nada.

Não enchas as tuas cartas de coisas inuteis, e não me digas mais que me lembre de ti.

Eu não posso esquecer-te, e não me esqueço, tão pouco, de que me fizeste esperar que virias passar algum tempo comigo

Ai porque não queres tu passar comigo toda a tua vida!

Podesse eu sahir d'este aborrecido convento, que não esperaria, não, que se comprissem as tuas promessas!...

Iria, sem escrupulos, procurar-te e seguir-te e amar-te por toda a parte. Não ouso mesmo pensar que fosse possivel.

Não quero nutrir uma esperança que me daria algum allivio, e não quero entregar-me senão ás penas d'este infortunio.

Confesso-te, porem, que a occasião que meu irmão me proporcionou de te escrever me fez um alvoroço alegre e suspendeu por um momento o desespêro em que vivo.

Conjuro-te porque me digas porque te empenhaste em enfeitiçar-me tanto, sabendo bem que terias de me abandonar um dia?

Ai, porque tanto te encarniçaste em fazer-me desgraçada?

Porque me não deixaste tranquilla no meu convento?

Fizera-te eu algum mal?

Mas perdôa, meu amor.

De nada te culpo.

Nem estou em condições de tirar vingança de ti, e accuso sómente o rigor do meu destino.

Tambem... separando-nos, parece-me que nos fez todo o mal que poderiamos receiar d'elle.

Não conseguirá separar os nossos corações:— o amor que póde mais do que elle uniu-os para toda a vida. Se algum interesse tens pela minha, escreve-me muitas vézes.

Bem te mereço que tenhas algum cuidado em me informar do estado do teu coração e da tua vida.

Ah, sobretudo. . vem ver-me.

Adeus! não posso resolver-me a largar este papel para que vá cahir-te nas mãos.

Quizera eu ter essa dita!

Que loucura a minha! Bem sei que não é possivel.

Adeus: não posso mais.

Ama-me sempre.

E faze padecer, mais ainda, a tua pobre Marianna.

FLOR DE ESTUFA

(INÉDITO)

Em tardes mansas, pela Avenida,
Onde a carruagem roda serena,
Pela vidraça toda corrida
Avisto-a ás vezes, tão combalida,
Tão feiasinha, que até faz pena.

Duas velhinhas, que bem supponho
Quanto não mentem com seus olhares,
Mostram-lhe, heroicas, um ar risonho;
Mas nada distrae do sonho
Seus olhos d'ella crepusculares.

D'amor vivendo n'uma atmosphera,
Nas sedas molles deitada, inerme,
Tristinha scisma no mal que a espera,
Quando ouve os beijos da primavera
Dar luz ao lyrio, calor ao verme.

Contam que, um dia, vendo uma rosa
Dentro d'um copo de cristal fino
Perder o lume de côr viçosa,
Em tal desgosto cahiu, nervosa,
Que faz a casa n'um desatino.

E' que bem sabe que, um dia, breve,
Do frio outomno que se avisinha,
N'um beijo, a morte, branca de neve,
Ha de colhel-a, muito ao de leve,
Como o abrir d'azas d'uma andorinha.

E o beijo frio, murmurio brando,
Pôr-lhe-ha no rosto socego infindo,
Tanto que as velhas piedosas, quando
Forem vestil-a, virão chorando:
«Olhem, parece que se está rindo!

«Que bem a morte meiguinha a trata
«Que tão bonita faz vel-a á gente!»
E ella a sorrir-se, feliz e grata...!
Caixão de mogno, fechos de prata,
Forros tão lindos do ninho quente!

Irá formosa no seu passeio
Ao campo immenso do bom repouso.
Tal como os outros, do céo nos veio
O dia curto, do inverno em meio,
De sol mais baço, mais amoroso.

D. João da Camara

SEM RODEIOS

Champfleury notavel romancista contemporaneo, indo um dia a casa do grande pintor Eugenio Delacroix, encontrou-se ali com uma interessante menina, afilhada do celebre artista, e, sentindo-se apaixonado por ella, escreveu-lhe no dia seguinte uma carta n'estes termos:

— *Mademoiselle.* Se acreditaes que um ser humano, no estado de solteiro é semelhante á metade de uma tesoira, que nada póde fazer sem a outra metade, permitti-me que eu vos offereça as minhas sympathias e a boa vontade para que possamos juntos *cortar*, do melhor modo possivel, *o tecido da vida.*

A graciosa pessoa a quem esta missiva foi dirigida, enviou ao escriptor, por unica resposta — uma linda tesoira, dentro de um estojo muito elegante.

Tres semanas depois realisava-se o casamento.

BIBLIOGRAPHIA

SŒUR MARTHE

Eis um delicioso livrinho, elegante e doce, perfumado como um ramo de violetas frescas, d'esse fino aroma de bondade que todas as suas paginas rescendem.

Original de uma illustre senhora estrangeira — a condessa de Almedina — que pela sua aturada permanencia entre nós, e pelo seu casamento com um portuguez, bem podemos considerar portugueza, — *Sœur Marthe* representa como que um annel doirado d'essa cadeia de propaganda, que se intitula Caridade.

Ah! se todas as mulheres soubessem e quizessem utilisar os seus ocios como a condessa de Almedina, as nossas estantes ganhariam em brancas pérolas de sentimento o que a nossa alma experimentásse em ineffáveis alegrias...

—A' sua auctora agradecemos o exemplar que gentilmente nos offereceu.

O livro está fora do mercado.

***

CATERINA DE ATHAYDE

(Traduzione dal porloghese, di Antonio Padula)

Lendo, devorando estas fulgurantes paginas, de um interesse tão vivido, de um conforto tão suave para quem ame a litteratura da sua pátria e se deixe embevecer no encanto de vêl-a desdobrar as azas n'outras regiões, levando lá muito longe o nome dos nossos queridos Artistas, — lendo estas páginas sentimos que o coração se nos dilatava, desbordando ondas de enternecimento.

Antonio Padula não *verteu* sómente para o seu musical idioma o suavissimo poema que todos nós conhecemos. Antonio Padula, entrou, por assim dizer, na ama do conde de Monsaraz, escutou-lhe as vibrações, e déu-nos em seguida o esplendido trabalho, cujo titulo encima esta breve noticia. Quereriamos, desenvolvendo-a, dizer da traducção de *Catharina de Athayde*, algo de mais profundo e mais vasto; mas esta secção, de sua natureza exigua, comporta a millessima parte das manifestações do nosso enthusiasmo infinito. De resto contamos apresentar brevemente aos nossos leitores um magnifico retrato de Antonio Padula; e n'essa occasião renderemos, litteralmente, a este grande amigo de Portugal, a homenagem de que nos é credor.

***

DESCANTES

È o titulo d'um pequeno livro todo elle palpitando de emoções trovadorescas, impregnado do aromal e quente devaneio, que canta e soluça nas cordas suspirantes de uma guitarra sonhadora...!

Não ha como a mocidade para construir sobre um átomo o rendilhado alcáçar da luminosa phantasia.

Nos *Descantes* deparam-se-nos versos felicissimos, quadras que se impõem á grande consagração popular. João Osorio é um lyrico, incontestávelmente de purissimo quilate. Há-de ir longe, prognosticâm'-lh'o. E para fechar, esta quadrasinha adoravel:

Cinco estrellas ha no céo
Que se vêem noite e dia,
São as lettras com que Deus,
Teu nome escreveu, Maria!

ULTIMO AMOR

A absoluta falta de espaço obriga-nos a retirar, n'este numero, o explendido romance da distincta e illustre escriptora D. Claudia de Campos.

PEROLAS SOLTAS

Cobre-se-me o coração,
Cada vez que me anoitece,
De uma grande escuridão;
Com ella passo o serão
E com ella me amanhece,
.....
Lembram-me casos passados
E quantas passadas dei;
Horas bemaventuradas,
Que inda choro e chorarei,
Emquanto forem lembradas.
.....
E ponho os olhos no chão
Quando me os cuidados vêm;
Uns vêm, e outros se vão,
Mas outros nem vão nem vêm,
Que sempre commigo estão!
.....

(*Eglogas*—Fragmentos).

Bernardim Ribeiro.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

De Theophilo Braga — *Os doze de Inglaterra.*

Da Condessa de Almedina — *Soeur Marthe.*

De Wilh. Storck — *Aus Portugal und Brasilien.*

De João Osorio — *Descantes.*

De Antonio Padula — *Caterina d'Athayde,* traduzione dal portoghese.

De Claudia de Campos — *Elle.*

De Henry Faure — *Les Femmes dotées.*

De Euclides Costa — *Lirios* (contos)

Numero 17 e 18 — Lisboa, 1 de Fevereiro de 1903 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes ..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno ..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

Secretaria — VIRGINIA GUERRA QUARESMA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTECA NACIONAL

D. Carolina Michaelis de Vasconcellos

A sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, embora não seja uma escriptora ainda bem conhecida e devidamente apreciada entre nós, se não de um restricto publico de lettrados e de eruditos, póde, sem duvida, contar-se entre as mais superiores mulheres de lettras de Portugal, tendo sobejos direitos a que se lhe archive o nome entre aquelles que mais se hajam assignalado por meritorios serviços á litteratura portugueza, já pelo alto valor dos seus trabalhos historicos e philologicos, já pelo rigor de observação dos seus estudos criticos.

De nacionalidade allemã, D. Carolina Michaëlis naturalisou-se portugueza pelo seu casamento, em 1876, com o distincto escriptor e philologo, o sr. Joaquim de Vasconcellos.

Desde então, a illustre senhora, queja no seu paiz conquistára nomeada como polyglotta e dedicada cultora da filologia romanica, adoptou d'alma a sua nova patria e empregou todo o seu vasto saber, e os seus educados processos criticos, na elucidação da nossa litteratura e da nossa lingua.

Não nos é possivel, n'um pequeno artigo de jornal, dar uma idéa perfeita da vastissima obra d'esta escriptora, da sua orientação mental especialissima, dos seus processos de analyse, da sua profunda instrucção. Diremos apenas que, além de importantes trabalhos de glottologia, de estudos sobre litteratura hespanhola, de edições de textos italianos e castelhanos, de subtis inquirições etmologicas e ensaios folkloricos, de pacientes investigações sobre os cancioneiros medievaes, elaborou em varias revistas allemãs numerosas apreciações de escriptos e escriptores portuguezes, e publicou, entre outras cousas, a edição critica de Sá de Miranda, a traducção, por ella annotada, da grande obra de Storck sobre Camões, e a «Obra Inédita do Condestavel», D. Pedro de Portugal, filho infeliz do Regente.

Conhecendo a fundo os monumentos da nossa litteratura, desde os cancioneiros até hoje, a sua attenção tem se voltado especialmente para o exame e a critica philologica desses monumentos. O seu cuidado principal consiste em esclarecer as origens e os principios, ainda mal conhecidos, da litteratura portugueza.

Ultimamente, a sr.ª D. Carolina Michaëlis publicou um belissimo livro, muito bem documentado:

A Infanta D. Maria, primeiro de uma serie de volumes, tendo por fim o estudo consciencioso das *Mulheres Illustres de Portugal.*

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Eis, em resumo, a obra consideravel e tão bella de saber e de intelligencia da eminente escriptora, de quem aqui damos o retrato, e que, por iniciativa de Sua Magestade a Rainha, foi ha pouco agraciada com o officialato da ordem de S. Thiago.

N'estas simples palavras tributamos homenagem devida a uma valorosa e indiscutivel individualidade litteraria.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

Eis a origem da palavra franceza *silhouette:*

Estevam de Silhouette, financeiro francez, fallecido em 1767, foi ministro de Luiz XV, mas as suas medidas economicas, pareceram tão mesquinhas e futeis ao publico do seu paiz, que os satyricos e trocistas começaram a dar a denominação de *à silhouette* a tudo que apresentava um caracter de seccura, de ridicula parcimonia, ou de inanidade. Assim, por exemplo, as calças esguias e sem bolsos e os sobretudos estreitos e sem pregas, que então se usavam, foram chamados *silhouettes.* Tambem os retratos, n'aquelle tempo muito em voga, traçados em perfil, pelo contorno da sombra, receberam egualmente o nome de retratos *à silhouette.*

D'ahi ficou a palavra para designar não só essa especie de retratos, mas tambem o desenho do simples contorno de qualquer objecto, ou mesmo o proprio contorno, pois é frequente dizer-se *a silhouette* d'uma montanha, d'um monumento, d'uma cidade, etc.

TRAOUTTORE-TRAOITORE

Entendida *à lettra*, esta phrase proverbial italiana significa — traductor traidor. Isto é: ordinariamente o traductor atraiçoa o pensamento do auctor, não o reproduzindo com fidelidade.

São curiosos os descuidos que têm escapado a alguns traductores.

Du Pinet, traduzindo Plinio, na parte em que se refere ás duas especies de marmores—*lapis mundicus* e *lapis sinaudicus,* apresenta estas denominações como sendo os nomes de dois nobres romanos.

Coeffeteau, traduzindo Flores, fez da cidade *Corfinium* o capitão *Corfinius.*

O abbade Thiers, apesar de ser um grande erudito, sustentando uma polemica litteraria com Mabillon, citou a phrase de Fhilon — *Omnis bonus liber*, traduzindo-a d'este modo: — Todo o livro tem sempre alguma coisa de bom. Mas o que Philon diz não é isto: é que — Todo o homem é livre.

O abbade Prevost, traduzindo a viagem de Towstons, encontrou um trecho onde se diz que o navegador inglez, não

tendo vélas inteiras, serviu-se d'uma *bonnete* (vela pequena), e com ella navegou.

O auctor de Manon Lescaut traduziu pela seguinte fórma: — Towston suspendeu em um mastro um velho *bonnét*, com o qual se transportou para a ilha de Wight.

Finalmente, temos no proprio Evangelho um exemplo frisante d'estas *descalhidas*.

E' bem conhecida a phrase biblica — E' mais facil passar um *camello* pelo fundo da uma agulha, do que entrar um rico no reino do ceu.

Pois saiba-se que quem traduziu o trecho do grego para o latim, confundiu os dois termos *Kamelos* (camello) e *Kamilos)* calabre ou corda grossa), e d'ahi proveio ficar a phrase disparatadamente transtornada.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

A UNE ARTISTE

Puisque les plus heureux ont des douleurs sans nombre,
Puisque le sol est froid, puisque les cieux sont lourds,
Puisque l'homme ici-bas promène son cœur sombre
Parmi les vains regrets et les courtes amours,

Que faire de la vie? O notre âme immortelle,
Où jeter tes désirs et tes élans secrets?
Tu voudrais posséder, mais ici tout chancelle;
Tu veux aimer toujours, mais la tombe est si près!

Le meilleur est encore, en quelque étude austère
De s'enfermer, ainsi qu'en un monde enchanté,
Et dans l'art bien aimé de contempler sur terre,
Sous un de ses aspects, l'éternelle beauté.

Artiste au front serein, vous l'avez su comprendre,
Vous qu'entre tous les arts le plus doux captiva,
Qui l'entourez de foi, de culte, d'amour tendre,
Lorsque la foi, le culte et l'amour, tout s'en va.

Ah! tandis que pour nous, qui tombons de faiblesse
Et manquons de flambeau dans l'ombre de nos jours,
Chaque pas a sa ronce où notre pied se blesse,
Dans votre frais sentier marchez, marchez toujours.

Marchez! pour que le ciel vous sourie,
Pour y songer vous même avec saint plaisir,
Et tromper, le cœur plein de votre idolâtrie,
L'éternelle douleur et l'immense désir.

LOUISE ACKERMANN.

Fragmentos d'um livro

A mulher só necessita emancipar-se da sua ignorancia para se collocar no mesmo nivel que o homem illustrado e tornar-lhe grata a existencia. Não basta ser honrada, necessita ser agradavel e para o ser é preciso cultivar o espirito.

Uma mulher illustrada e uma vulgar aborrecem-se profundamente se convivem uma com a outra: a mulher de talento, pelas frivolidades que ouve, e a vulgar pelas subtilezas que não entende.

A mulher formosa, em vez de se consagrar a contemplar a sua belleza, deverá dedicar-se a cultivar a sua intelligencia, a elevar o seu criterio e a formar a sua razão, com o fim de se tornar sympathica e agradavel a todos os que a cercarem quando o tempo tiver imprimido ao seu rosto rugas profundas.

O peor que pode succeder a uma mulher é ter fama de talento na sociedade. Se emitte a sua opinião ácerca de qualquer acontecimento que se commenta, accusam-na de que pretende absorver a attenção; se fica calada, cedendo a palavra ás mais pessoas, sentem-se offendidas porque reputam de desdem o seu silencio; se fala attribuem-lhe a pretenção desmedida de se impôr, se emmudece é porque considera que lhe é inferior o publico e, portanto, indigno de a escutar.

A' mulher de talento estão vedadas as expansões sinceras, porque as phrases que seriam relevadas, ditas por outras mulheres, a ellas ondam-se, procuram lhes a peor intenção, suppondo-se que usa sempre d'uma linguagem de duplo sentido, ironica, sarcastica e amphibologica.

Deus a livre de incorrer n'uma d'essas distracções que a sociedade encontra tão desculpaveis n'uma mulher frivola, porque n'ella a culpa é gravissima.

As suas melhores amigas exclamam com severidade: *essa distracção é imperdoavel n'uma mulher de talento.* Note-se que só lhes concedem este attributo quando se trata de fazer cair n'ella o rigor da critica.'

A mulher de talento, para conservar a amisade das mulheres, tem que se impôr grandes sacrificios, grandes abnegações.

O tempo em que vivemos docemente enganados, somos felizes.

Impõe-se á mulher superior a hypocrisia chamada modestia, obrigam-na a que abdique da sua intelligencia perante as outras mulheres, pois, se desenvolve as suas ideias com brilho, dizem que pretende salientar-se.

O que a sociedade chama modestia não é a virtude recommendavel que tanto enaltece o merito, mas sim uma falsa virtude, inventada pelos nescios, para que não sejam advertidos da sua inferioridade intellectual.

A mulher frivola *mata* o tempo, a mulher intelligente emprega-o.

Uma mulher formosa que não esteja adornada de excellentes qualidades moraes, poderá inspirar um amor sensual, porém, nunca um affecto como o ambicionam os seres delicados.

O amor sensual degrada a quem o sente e a quem o inspira; só o amor inspirado pelas bellezas da alma é eterno, porque a alma não envelhece nunca.

Não existe nenhuma mulher completamente feia; todas possuem graça, e a graça é mais bella que a propria belleza.

Sendo a belleza tão fugaz, a mulher deve esforçar-se em adquirir meritos solidos, que resistam á acção do tempo e que possam sobrelevar-se ás adversidades e miserias da vida.

Uma mulher que não possua altas qualidades moraes, não pode ser respeitada.

CONCEPCION GIMENO DE FLAQUER.

(Do seu livro «*En el Salon y en el Tocador.*»)

A EDUCAÇÃO DA MULHER

I

De ha muito que ouvimos pugnar pro e contra a nova orientação que alguns espiritos mais avançados, ou talvez mais generosos, ambicionam dar á educação actual da mulher, libertando-a d'uma situação injusta de inferioridade. Infelizmente, porem, embora alguma coisa se haja conseguido n'outros paizes, entre nós tem ficado tudo em estereis declamações. Boas e generosas ideias não tem faltado, verdadeiras dedicações por esta cruzada; mas, triste é dizel-o, não vimos ainda sahir do seu indifferentismo as nossas compatriotas, que nem sequer pensam em medir o alcance do beneficio que lhes adviria.

Como o pelle-vermelha que prefere deixar-se exterminar a tentar qualquer trabalho, um esforço regular, que lhe permitteria resistir em condições vantajosas, á acção absorvente da raça branca, ellas vão preferindo tambem continuar n'um papel de *comparsas* que na realidade é apparentemente seductor e commodo, deixando entregue ao homem o cuidado de prover ás suas necessidades e até o trabalho de pensar por ellas! Teem pouco a pouco adquirido a incapacidade absoluta de qualquer esforço permanente, pois, como diz M. Jules Payat no seu livro — «*L'education de la volonté*» «*La cause de presque tous nos insuccés, presque tous nos malheurs est unique, et c'est la faiblesse de notre volonté; c'est notre horreur pour l'effort, principalement pour l'effort durable.*»

Não é d'ellas, bem sabemos, toda a culpa. A maior parte cabe áquelles que, sem procurar se as causas do estado de atraso relativo da mulher provinham da deficiencia propria ou da deficiencia da educação que lhes ministraram, resolveram logo a questão, como Prudhon, fazendo correr mundo com a sua auctoridade incontestavel o celebre aphorismo: — *La femme, courtisane ou menagère,— il n'y a pas de milieu:* — cabe a esses que a condemnavam sem procurar primeiro, augmentando-lhe o grau de cultura intellectual, eleval-a ao seu nivel!

Não devia decorrer muito tempo sem que elle soubesse por experiencia pessoal que para mais alguma coisa podia servir a mulher! Todos conhecem o celebre concurso de Lausanne, em que elle teve por competidora uma mulher, a grande Clémence Royer — *La demoiselle au chapeau de paille* — como ali era conhecida, e qual o resultado d'esse concurso!

Não quiz o celebre economista que quando emittiu o seu aphorismo, que a mulher, essa a que elle chama a *menagère*, ha de ser totalmente na constituição da familia muito mais do que isso. E' a ella que a natureza confiou a missão delicada e mais importante, — a missão de crear e desenvolver as faculdades psychicas da creança, estabelecendo os primeiros alicerces de todo um edificio futuro, que.

será tanto mais solido e magestoso, quanto mais habil e conscienciosamente esses alicerces hajam sido lançados.

Dotou-a, para isso, d'uma sensibilidade mais elevada que a do homem, de grandes e expontaneos sentimentos, identificou-a um pouco sob este ponto de vista com a creança, e, estabelecendo assim uma harmonia natural entre a educadora e o educando, fâcultou-lhe o melhor meio de conseguir realisar a sua missão.

E não é só na infancia que a influencia do sentimento feminino se faz sentir; é tambem nas edades adultas, onde ella, quer como esposa quer como mãe ou irmã, é o sentimento da familia, o coração da casa, seja-nos licito dizer assim. Posto que então o educador do espirito esteja nas escolas, ella continua sempre a ser o instrumento da alma, no lar domestico. E como diz Herbert Spencer *«é o sentimento que domina o mundo»*

Ora, se ella é tudo isto, se a sua influencia sobre a familia actual é manifesta e sobre a familia futura tão grande, impõe-se a necessidade de lhe dar uma educação em harmonia com a sublimidade da sua missão, que ella cumprirá tanto mais dignamente quanto para ella melhor preparada se ache.

Não querem os adversarios da emancipação feminina, que ainda os ha, por egoismo e receio de perder uma supremacia que afinal foi sempre virtual—todos o sabem, ver com bons olhos—esta corrente de reacção que tem levado ao espirito de algumas mulheres a esperança da conquista d'essa emancipação, não como elles o entendem ou fingem entender, mas como nós o comprehendemos—a emancipação de preconceitos absurdos e d'um servilismo que não são compativeis com a dignidade de entes racionaes. E uma vez que ella seja racional e convenientemente educada e como o homem apta portanto para as luctas da vida, acabará a dependencia servil em que hoje se encontra, e entre os dois restarão apenas as dependencias de dois individuos que se associam por compatibilidades de sentimentos e qualidades moraes e coordenação de aptidões para o bom exito d'essa mesma lucta.

Hoje que a questão economica é tão capital na vida das sociedades, parece-nos poder afirmar que mesmo o aproveitamento de todas estas forças agora por effeito de educação, estereis, e ás vezes mesmo esterelisadoras, será além de todas as diversas vantagens, tambem economicamente uma conquista para o homem e para o progresso.

Comprehendemos assim, não a independencia, porque independencia não existe socialmente; mas a autonomia da mulher: queremol-a capaz de, por si, só, sem o auxilio do homem, poder como elle emprehender a lucta em condições similares de exito.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA,

(Continua).

SONETO

Era um pobre rapaz, um simples operario.
Perdera a companheira ainda na flôr da edade
e, entregue á sua dôr, morria de saudade,
entre um pequeno berço e um leito solitario.

Deu em beber. A' noite, ao ebrio visionario,
apparecia-lhe «ella» e que felicidade!
que delirios! que amôr! que beijos!. . Temerario,
não via o filho a olhar fremente d'anciedade!

Uma noite bateu... bateu... Tudo calado!
Arromba a porta... Horror! Junto á effigie da mãe
vê estirada a creança e uma garrafa ao lado!...

«Que fizeste, ladrão?» lhe grita como quem
ia esmagal o alli. Responde o desgraçado:
«Papá, não batas, quiz vêr a mamã tambem!»

FERNANDO CALDEIRA

Cartas da religiosa portuguêza

(SOROR MARIANNA ALCOFORADO)

II

O teu tenente acaba de dizer-me que uma tormenta te fizera arribar ao Algarve.

Receio que tenhas soffrido muito no mar, e esta apprehensão tão vivamente me absorveu que não tenho pensado em todas as minhas penas.

Imaginas acaso que o teu tenente se interesse, mais do que eu, no que te succede?

Porque está elle melhor informado, e, em summa, porque não me tens escripto?

Bem infeliz sou se, para o fazer, não tens tido occasião alguma, desde que partiste, e, mais ainda, se, tendo-a, não me escrevesie.

São desconformes a tua injustiça e a tua ingratidão; mais me pesara, porém, que ellas te acarretassem alguma desgraça.

Prefiro que fiquem sem castigo, a que me vinguem.

Resisto a todas as mostras que deveriam convencer-me de que não me amas, e sinto-me bem mais disposta a abandonar-me cegamente á minha paixão, do que ás razões que me dás de me lastimar da tua frieza.

Quantas mortificações me terias poupado se as tuas maneiras fossem tão remissas nos primeiros dias em que te vi, como me teem parecido desde algum tempo!. .

Mas quem não se illudira com tantos extremos e quem os não tivera por sinceros?

Quanto custa e tarda que nos resolvâmos a suspeitar da lealdade dos que amamos!

Eu bem vejo que a menor desculpa te satisfaz, e sem que te dês ao incommodo de a engenhar, o amor que te tenho serve-te tão fielmente que nem posso consentir em julgar-te culpado, senão para gosar o ineffavel prazer de te justificar eu propria!

Consumiste-me com a porfia dos teus galanteios, abrazaste-me com os teus transportes, enfeitiçaste-me com as tuas finezas, renderam-me os teus juramentos, seduziu-me a minha inclinação violenta, e as continuações d'estes principios tão ledos e tão felizes não são mais do que lagrimas, cançados suspiros, uma funesta morte, sem que eu possa encontrar-lhes remedio!

Certo, logrei não imaginadas delicias, amando-te, mas custam-me agora, bem desmedidas penas.

São sempre excessivas todas as emoções que me causas.

Se tivera resistido obstinadamente ao teu amor, e se te houvera dado qualquer motivo de pezar e de ciume para mais te inflammar e prender;—se tivesses notado em mim qualquer esquivança artificiosa;—se eu tivesse querido, em summa, oppor a minha razão á inclinação natural que para ti me impellia, e que logo me fizeste perceber,—embora as minhas diligencias tivessem sido inuteis, sem duvida;—poderias então castigar-me severamente e abusar do teu poder sobre mim, com mostras de justiça.

Mas pareceras-me digno do meu amor, antes que me houvesses dito que me amavas, mostraste-me uma grande paixão, senti-me deslumbrada, e abandonei-me a amar-te perdidamente.

Não estavas cego, como eu:—porque me deixaste cahir n'esta misera condição em que agora me vejo?

Que querias tu fazer de todos os meus enlevos, que não poderiam deixar de te ser importunos no seu mesmo exagero?

Sabias perfeitamente que não havias de ficar para sempre em Portugal.

Porque me quizeste escolher para me tornar tão desgraçada?

Encontrarias, sem duvida, n'esta terra qual quer mulher mais formosa com a qual gozasses os mesmos prazeres, pois que, sómente, os grosseiros procuravas;—que te amasse fielmente emquanto estivesses com ella;—que o tempo pudesse consolar da tua ausencia, e que tivesses deixado sem aleivosia e sem crueza.

Este teu comportamento é mais de um tyranno acirrado em perseguir-me do que de um amante que só deve pensar em captivar.

Ai, porque tratas com tanto rigor um coração que é teu?

Vejo muito bem que és tão facil em te deixares mover contra mim, como eu o fui em me deixar convencer em teu favor.

Sem precisar valer-me de todo o meu amor, e sem querer saber se terias feito por mim alguma coisa de extraordinario, eu teria resistido facilmente a muito melhores razões do que podem ser as que te moveram a deixar-me.

Ter-me-hiam parecido muito fracas, e nenhumas haveria que tivessem podido arrancar-me de junto a ti.

Mas quizeste aproveitar os primeiros pretextos que se offereciam para voltares a França.

Partia um navio.

Porque não o deixaste partir?

Escrevera-te a familia.

Não sabes tu as perseguições que soffri dos meus?

A tua honra obrigava-te a deixar-me.

Cuidei eu da minha?

Tinhas de ir servir o teu rei

Se quanto dizem d'elle é verdade não tem ne-

CONFIDENCIAS

cessidade alguma do teu auxilio e haver te-hia dispensando d'elle.

Ai que ventura a minha se juntos houvessemos passado a vida!

Mas já que era fatal que uma cruel ausencia nos apartasse, creio que devo comprazer-me, ao

DR. BERNARDINO MACHADO

menos, em não ter sido infiel, e não quizera, porquanto ha no mundo, ter praticado uma acção tão negra.

Como! pois conhecestes o fundo do meu coração e da minha ternura, e podeste resolver-te a deixar-me para sempre, e a expor-me aos terrores de que não te lembres mais de mim... senão para me sacrificar a uma nova paixão?!

Sei bem que te amo como uma doida.

Não me queixo comtudo de toda esta furia insana do meu coração.

Costumei-me ás suas tribulações, e não poderia viver sem este prazer a que me apego de te amar no meio de mil penas.

Mas atormenta-me sem cessar o enojo e o desgosto que tenho por tudo...

A minha familia, as minhas amizades, este convento, tudo se me tornou insupportavel.

É me odioso quando sou obrigada a ver, quanto é mister que eu faça.

Tão ciosa me sinto da minha paixão, que me parece que todas as minhas acções, que todos os meus deveres te pertencem.

Sim, tenho escrupulos em não empregar em ti todos os momentos da minha vida.

Que faria, coitada de mim, sem tanto odio e sem tanto amor, quaes me enchem o coração?!

Poderia acaso sobreviver ao que incessantemente me absorve, para levar uma vida tranquilla e descuidada?

Ai que não poderia, não, conformar-me com esse vacuo e com essa indifferença.

Toda a gente tem reparado na completa mudança do meu genio, das minhas maneiras, da minha pessoa.

Minha Mãe falou-me n'isto, a principio com asperesa, depois com algum carinho.

Não sei o que lhe respondi.

Creio que lhe confessei tudo.

As freiras mais severas compadecem-se do meu estado. Move-as a uma certa contemplação, a uma certa piedade por mim.

A todos commove o meu amor, só tu persistes n'uma profunda indifferença... sem me escreveres senão cartas frias, cheias de repetições, metade do papel em branco, dando grosseiramente a conhecer que morres por terminal-as...

Dona Brites tanto me amofinou n'estes dias passados, por me fazer sahir do quarto, que julgando distrahir-me lá me levou a passear na varanda d'onde se vêem as portas de Mertola.

Fui, e logo me assaltou uma lembrança cruel que me fez chorar todo o resto do dia.

Trouxe-me outra vez para o quarto, e lancei-me sobre a cama, reflectindo nas poucas mostras que vejo de me curar um dia. O que me fazem por alliviar-me acirra a minha dôr, é nos proprios remedios acho razões particulares para me affligir.

Vi-te, por alli, passar, muitas vezes, com ares que me enfeitiçaram, e estava n'aquelle miradouro, no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros effeitos da minha desventurada paixão.

Parecia-me quereres agradar-me, posto não me conhecesses ainda.

Persuadi-me que havias reparado em mim, entre todas as minhas companheiras.

Imaginei que, quando passavas, estimavas bem que te visse melhor, e que admirasse a tua destresa e o teu garbo quando fazias caracolar o cavallo.

Toda me assustava, se o obrigavas a fazer algum passo difficil.

Emfim, intimamente me interessava em todas as tuas acções.

Sentia já que não me eras indifferente e tomava para mim quanto fazias.

(Continua).

XAVIER DE CARVALHO

Jornalista de pulso inquebrantavel, de fogosas convicções politicas, e dotado de

OLIVEIRA PASSOS

um talento do mais puro quilate, Xavier de Carvalho é um dos mais prestimosos vultos do mundo jornalistico. Residindo de ha muito em Paris, onde é redactor correspondente dos nossos jornaes diarios mais importantes, e onde collabora nas melhores publicações litterarias que veem á luz na grande capital de França, a sua vasta erudição e o seu criterio resaltam nos seus artigos mais singelos, nas suas phrases mais espontaneas.

Alia a um tão poderoso cerebro um coração diamantino e um trato affavel que o tornam querido de todas as celebridades artisticas e litterarias com quem tem um convivio persistente.

Xavier de Carvalho é um dos raros que comprehende, com nitidez, a levantada missão do jornalismo.

A sua penna scintilante e vigorosa é um fustigo do despotismo e um defensor desvelado dos opprimidos, e n'este lemma litterario, a cuja elaboração preside a sua consciencia inalteravelmente limpida, elle é um intransigente. Na sua longa vida jornalistica, ainda ninguem o accusou de ter resvalado n'uma injustiça ou de ter corroborado n'uma calumnia que é tão frequente no mundo jornalistico, tão devassado mas tão incomprehendido!

O erudito escriptor é um apostolo dedicadissimo da causa feminista, que tem para com elle contrahida uma enorme divida de gratidão. Em França tem um convivio assiduo com as mais notaveis escriptoras, que teem por elle uma viva sympathia.

Clémence Royer teve com Xavier de Carvalho cordeaes relações, deixadas perduravelmente assignaladas nas dedicatorias das suas obras, que amavelmente lhe offertou.

Na desataviada homenagem que tributamos hoje ao notavel jornalista, que não temos o prazer de conhecer pesoalmente, lhe consignamos o muito que o admiramos e o muito que lhe devemos.

O DESCONHECIDO

Ainda agumas palavras sobre o livro de Camille Flammarion.

Os factos acham-se alli agrupados por ordem, obedecendo a ideias certas e determinadas, cujas explicações scientificas, variando nos detalhes, conservam comtudo o mesmo principio fundamental.

Se me não falha a memoria, principia Flammarion por apresentar manifestações de moribundos, quer sobre individuos perfeitamente acordados, quer em sonhos; segue-se, não me lembra a ordem: manifestações de vivos; allucinações propriamente ditas, sem relação alguma com qualquer facto exterior, parecendo antes produzidas por um estado morbido do cerebro do individuo; finalmente manifestações de mortos.

O facto de manifestação de moribundos que mais sensação me causou, foi o seguinte (nomes varreram-se-me da memoria): Achavam-se quatro ou cinco pessoas n'um mesmo quarto conversando; repentinamente ouvem-se estrondosos golpes na porta d'entrada; um dos da companhia abre e não se vê pessoa alguma; de resto ninguem da casa podia fazer similhante brincadeira. Fechada de novo a porta, fazem-se immediatamente ouvir novas pancadas com tal força que parecia vir a casa abaixo; por tres ou quatro vezes se repetiu o phenomeno, até que tudo entrou no socego habitual e nada mais se ouviu. Passados dias sabe-se que á mesma hora agoni-

XAVIER DE CARVALHO

sava e morria, a leguas de distancia, um parente ou amigo dos moradores da casa.

Isto é contado por uma auctoridade incontestavel que lhe liga todo o credito. Devemos duvidar do facto? Pois duvidemos; mas nem por isso deixemos de attender á sua explicação.

Seria acaso? E' possivel; mas muito improvavel. Podiam apostar-se milhões contra um, em como uma allucinação dos sentidos se não daria no momento preciso da morte de um amigo. E quatrocentos e tantos factos similhantes seriam todos obra do acaso? Aqui a probabilidade torna-se tão pequena, que bem póde responder-se com a impossibilidade. E' muito mais acceitavel a hypothese de que pancadas não as houve, existindo só no cerebro dos presentes, e admittir a acção de uma transmissão telepathica de cerebro a cerebro, de transmissor a receptor. Telegraphia sem fios, emfim.

N'esta ordem de ideias, é convincente o seguinte facto, coincidindo egualmente com o momento preciso de uma morte a distancia. Reuniam-se umas poucas de pessoas em uma casa cujas varandas estavam abertas; repentinamente, todos vêem as vidraças de uma d'ellas fecharem-se com estrondo e abrirem-se novamente. Ora as vidraças não podiam fechar-se sem derrubar um vaso existente entre ellas; o vaso não se moveu, e por conseguinte o phenomeno não podia ser real.

Acodem-me agora as citações a monte; mas o espaço, necessariamente limitado, não as permitte. De resto, o livro é realmente interessante e merece ser lido.

Sobre manifestações de vivos, todos os espiritos illustrados conhecem a auto-suggestão tão habilmente domonstrada por Charcot, e a suggestão mental hoje explorada por theatros e feiras.

Suppostos milagres antigos e mesmo modernos que se explicam á evidencia, observações cuidadosas e até experiencias de gabinete, levam a crer que do cerebrohumano parece irradiar-se, em todas as direcções, uma força capaz de actuar a distancias immensas, torneando montanhas, atravessando obstaculos, vencendo resistencias.

O livro é egualmente rico em cirações d'este genero, muitas que o auctor, com razão, classifica de presentimentos; mas por ora basta relembrar o dictado que, sob varias formas, a sabedoria das nações deve á perspicacia popular:

Fallae no mau, apparelhae o pau.

Antes de terminar desejava tambem fallar n'um genero de phenomenos muito controverso e que entra directamente nos de telepathia. Refiro-me aos que se observam em sessões de espiritismo.

Pondo de parte os casos muito vulgares de charlatanismo, os factos em si já não são discutidos, existem, são reaes; mas os espiritos é que, parece, não entram ahi para nada Assiste sempre uma pessoa cujo cerebro é apto para receber impressões exteriores; chamam-lhe o *medium*. E' o que responde ás perguntas, sendo condição, *sine qua non*, que o interrogador conheça a resposta. Ora isto entra, *ipso facto*, na gestão mental e a seguinte anecdota succedida com Victor Hugo, publicada pelo proprio Flammarion n'um jornal scientifico, parece não ser-lhe contraria.

O grande poeta não perdia scena de espiritismo, o que até certo ponto confundirá um pouco aquelles que, conhecendo a sciencia só nas suas obras parasitas, ridicularisam tudo o que não comprehendem.

Fazia-se espiritismo com uma meza; Victor Hugo assistia e invocou o espirito de Molière, este apresentou-se, e poeta a poeta, a pergunta foi em verso.

Admirem agora a resposta. Analysem-n'a. Será d'um charlatão? Uma só faisca cahindo do ceu seria bastante para compôr taes versos?

A resposta que Flammarion *livre á l'attention eds plus indifférents* é a seguinte:

«Esprit qui veut savoir le secret des ténèbres,
Et qui, tenant en main le terrestre flambeau
Viens, furtif, à tâtons, dans nos ombres funèbres,
Crocheter l'immense tombeau:
Rentre dans ton silence et souffle tes chandelles;
Rentre dans cette nuit dont quelque fois tu sors:
L'*oeil vivant* ne lit pas les choses eternelles
Par-dessus l'épaule des morts.

Victor Hugo levantou se e saiu furioso.

Chamarem-lhe escarafunchador de tumulos! Acreditou, comtudo, sempre n'uma influencia superior.

Mas, terminando com o popular auctor do «Desconhecido» *pourtant ne sentons-nous pas là ses pensées et même son style?*

MELLO E SIMAS.

DR. BERNARDINO MACHADO

E' principalmente nas lides pedagogicas tão arduas e mal comprehendidas ainda hoje, que as scintillações do extraordinario talento de Bernardino Machado fulgem com intenso brilho.

Podemo nos orgulhar de ter n'elle, como a Suissa em Pestalozzi e a França em Girard, um apaixonado innovador dos mais transcendentes e problematicos assumptos de educação.

Em todas as obras que a sua primorosa pena tem traçado, se aspira o perfumado ambiente d'um coração profundamente sentimental, e se focalisam as centelhas do criterio philosophico do grande pensador.

BARCO DE PESCA

Leiam-no, por exemplo, nas *Notas de um Pae*. Já viram uma alma crystalisada tão subrilmente? uma concepção psychologica, exposta n'uma forma tão doce, tão affectiva e tão singella?!

Em cada pagina, em cada periodo, em cada phrase, que de harmonia de sentimentos deliciosos não vibram nos corações dos que as lerem.

N'estes tempos modernos em que as intelligencias, cedendo ao caracter da epocha, se acorrentam a um angustioso desalento e a um egoismo condemnavel o nome do grande pedagogista, illeso de toda a mancha, imprimido em todo o mundo culto, deve ser proferido, entre nós, com a devoção d'um fanatico e o enthusiasmo d'um idealista; deve ser escripto em lettras diamantinas para que a posteridade quando tiver concretisado os dois mais queridos ideaes, ajoe-lhe, lembrando-se de quanto lhe deve a evolução intellectual portugueza.

Da poetica Coimbra o seu espirito lucido acompanha com a fé d'um sincero patriota todas as luctas que se façam em prol da Educação Popular da que elle é o primeiro propagandista do nosso paiz. Onde se levanre o ruido d'umas algemas de ignorancia, tentando despedaçarem-se, lá está a alma do Dr. Bernardino Machado fortificando todas essas tentivas com o seu estimulo efficaz e conselho auctorisado.

Quando em 1898 o brado das correntes das Caixas Economicas Escolares veiu despertar o mundo educativo do symptomatico lethargo em que estava mergulhado, este brado foi acolhido com grato prazer espiritual por Bernardino Machado.

Foi elle que animou esse nobre impulso que devia de começar por ser um acontecimento banal para, no decorrer do tempo, se converter n'um facto de profícuas vantagens na dilatação e nas condições das nossas escolas primarias.

As sympathicas instituições surgiam pobremente, sem prenuncios accentuados d'um futuro gerador de fructos sazonados. Estavam arriscadas a perderem-se no vasto e agitado oceano das sublevações mundanas como um sonho risivel e ephemero alimentado por um espirito utopista... Mas isto não era sufficiente para intimidar o eminente amigo da educação. Onde os outros viam só mais uma esperança absurda que o tempo havia de fatalmente estiolar perante a realidade inexoravel, elle divisava uma luz frouxa e longiqua mas susceptivel de se transformar n'um facho irradiante que projectasse nos mais importantes elementos constitutivos da Educação Popular.

Este facto frisa bem o amor que caracterisa a individualidade de Bernardino Machado no campo da instrucção. Muito mais teriamos a dizer sobre o philosopho tão enthusiasticamente laureado lá fora, e o homem, na sua vida particular, tão querido de todos.

Falta-nos o espaço para o fazer.

No que dissemos, porém, deixamos sufficientemente esculpida a affirmação de que Portugal lhe deve muito.

Porque, por mais apathico ou refractario que o nosso povo esteja á sua educação, o reconhecimento das suas vantagens pode ser classificado uma verdade universal radicada em todos os espiritos.

Infelizmente, porém, nem todas as raizes são fecundantes...

Temos hoje o maior prazer de inserir na nossa galeria o retrato de Bernardino Machado — Sendo a nossa revista, essencialmente, dedicada a uma orientação educativa, é uma divida sacratissima apontarmos, em especial ás mães da nossa terra, o mais fulgurante vulto do nosso mundo pedagogico.

RISO E PRANTO

Sorrir é quando a gente tem no peito
Alvoradas de luz, as melodias
D'algum sonho vibrante de harmonias
Sempre sonhado e nunca satisfeito

E' quando vêm poisar por sobre o leito
Das nossas illusões só alegrias.
N'um bercito ideal d'amor perfeito
Dormitam, se as ha, melancolias.

Mas sorrir quando chora amargurado
O coração no peito, e á garganta
Vêm soluços de magua comprimida

E' ver no proprio riso amortalhado
O benefico pranto—esmola santa
Que a nossa dôr gerou compadecida.

DOMITILLA DE CARVALHO

OONNA AMELIA O'ORLEANS

Regina di Portogallo

Abre este sympathico estudo, original de Antonio Padula, distincto escriptor italiano, por um esplendido retrato da formosissima e egregia Senhora, cujo nome bastaria, por si só, para o illuminar de um radioso clarão auroreal. Antonio Padula diz da nossa graciosa Rainha coisas bem sinceras, bem verdadeiras e doces; e o que torna o seu trabalho duplicadamente interessante, é sem duvida uma collecção de cartas, trocadas entre Sua Magestade e o Rev.mo Bispo Conde, seguidas de um artigo brilhantissimo devido á magica penna do nosso grande e inolvidável Eça de Queiroz.

Que bello livro! e que bem soube Antonio Pádula organisal-o, pondo em cada pagina todo o seu enternecido affecto pelo nosso florescente e adorado paiz!...

Agradecimentos pelos exemplares com que fomos distinguida.

ILLUSIONI PEROUTE

Mais uma traducção de Antonio Pádula e como *Caterina d'Athayde* um primor de elegancia, identificação passional e probidade artistica.

Illusões Perdidas, de D. Alberto Bramão o melancholico poeta portuguez, que tão docemente sabe falar á alma feminina, encontrou em Antonio de Padula quem maravilhosamente o soubesse respeitar.

Os seus versos, na traducção italiana, em prosa, não deixaram de ser versos— embora isto pareça um paradoxo... E' que no idioma de Tasso e Dante não ha perfume que se evole, não ha nota que se perca nem brilho que amorteça. São assim as *Illusioni Perdute* — um feixe de suspiros maguados, de um seio colial desprendidos.

PENSAMENTOS E MAXIMAS

Amar é deixar de viver em nós para vivermos n'outro ente.

ARISTOTELES.

Quando o amor, no casamento, se transforma em amisade, a indissolubilidade dos laços é o seu maior encanto.

DAVID HUME.

A virtude enrija e vence a natureza.

SENECA.

Para a morte não ha dispensa de Roma.

MOLIÈRE.

O homem só não crê na Verdade, na Honra e na Virtude, quando tudo isto lhe falta.

J. J. ROUSSEAU.

Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario do que em todas as constellações do firmamento.

GUERRA JUNQUEIRO.

D'uma boa acção póde resultar uma acção má: quem salva um lobo, causa a morte das ovelhas, quem cura as feridas d'um abutre é responsavel pelo mal que causam as suas garras.

VICTOR HUGO.

RACHEL LUISELLO

Anno triste, anno descaroavel. este. que findou ha pouco!

Quantas covas abertas e quantas esperanças caídas ao longo do caminho andado!

Mal reposto o coração e levemente serenado o espirito pelos choques de hontem, e já agora de chofre, e á hora doce em que o sol se esconde e o ceu se envolve n'uma nuvem d'ouro, esbatida e vaga, alguem me diz: — morreu a Rachel.

Este pequentno e tão melodioso nome talvez já bem pouco diga ás gerações que vem surgindo, e porventura ellas perguntarão quem era...

E' que tudo segue apressado e inattento nos dias descorados de hoje, e a multidão que passa nem sequer tem tempo para se informar dos que vão tombando.

Ora pois permittam que um dos que ainda por cá mourejam lhes fale então d'essa Rachel Luisello tão insinuante e tão distincta, tão pessoal e tão viva, tão progressiva e tão sincera...

Filha que herdara dos seus a mysteriosa e sagrada *piqûre* dos predestinados da arte, ella póde bem cedo revelar-se um talento delicado e raro, simultaneamente malleavel e firme, e penetrada do divino amor do Bello...

Fontana, o inolvidavel harpista extinto, fizera-a a dilecta da sua alma a continuadora do seu ser artistico, e Rachel Luisello foi por um momento, a depositaria enthusiasta e devotada das melhores tradições do mestre.

Todos os que então lidavam em coisas de musica poderam apreciar o que já era e o que promettia ser em breve a juvenil harpista, que mal chegava ao instrumento... Depois a doenda veiu, minaz e traiçoeira, e ella teve de deixar tudo, amigos, patria, estudo e percorrer ora os laranjaes floridos da Andalusia, ora o ambiente tepido da Madeira, ora o frio desabrido de Berlim, á procura da saude e da vida...

Quando um pouco de sangue mais quente e de energia mais muscular vinha sustentar-lhe ou pelo menos *illudir-lhe* os nervos, ei-la que lá se deixava ouvir n'um concerto, ou n'um serão e para logo os applausos irrompiam calorosos e abundantes, e então todos se ficavam presos d'aquelle encanto unico que longamente se evolava da sua delictosa harpa que mãos de fada parecia haverem tangido; mas a Fatalidade espreitava sempre e por fim acabou por vencer.

Um d'esses innumeros paranoicos que pelo mundo correm propagando credos ou propondo inventos surgiu lá entre as brumas densas da velha Germania algente e começando a catechisar ingenuos ou a convencer descrentes, levou um cerebro, que tão lucido se nos affigurára a todos, á tensão morbida que devia para todo o sempre inutilisal-o, e a pretexto de curar a pobre illudida, matou-a.

Quando Rachel Luisello ha annos voltou de Berlim virtualmente já vinha morta porque trasia comsigo o damninho e pertinaz microbio de uma infecção lethal... Não queria comer carne nem ovos, nem pão, nem leite, vivia de certos fructos e de determinadas hervas e pretendia que todos nós eramos doentes pois que a comida nos matava.

E como apesar de cheia de illustração e de intelligencia não possuia a preciosa faculdade de criticar e de applicar, d'aquillo que póde em casos especiaes constituir uma verdade incontestavel extrahiu uma generalisação perigosa e tão dissolvente que primeiro lhe atacou o espirito e por ultimo lhe demoliu o corpo!...

D'um methodo que applicado a um sanguineo ou a um congestivo é susceptivel de produzir resultados efficazes, ella só tirara a inutilisação da sua saude que nunca fôra talvez demasiado florescente mas que porventura estaria longe de ser precaria, e o seu final desapparecimento de entre quantos a admiravam e lhe queriam como nem sempre no mundo se é admirado e querido!

Lamentavel contradicção de um altás tão luminoso espirito!

Ah! Eu nem força tenho para criminar esse inconsciente auctor de um quasi suicidio lento, embora não esteja disposto a absolvel-o, apesar da morte de ha muito lhe haver tambem cerrado os olhos, mas quando penso que cerebros embora ricos como sem duvida era o de Rachel Luisello, podem soffrer na vida o influxo delecterio e fundo de falsos ou pretendidos evangelicadores, todo eu me sinto confranger e vergar e pergunto a mim proprio de onde nos ha de vir o remedio pará a cura de tão perniciosos e tão absorventes males...

Ahi teem essa pobre rapariga, que eu conheci cheia de aspirações e de sonhos, radiante de promessas que se converteriam em realidades, de esperanças que viriam a florir-lhe e a juncar-lhe o caminho; tendo mesmo tido um instante o antegoso abençoado, a antevisão inconfundivel dos triumphos que a esperavam, pois que os convites e as propostas chegaram a chover-lhe de muitos pontos, e contava se com ella como se conta com o que está certo e não se deve fajhar: pois que porque lá n'uma longinqua terra um doido ou um dulcamara se lembrou de proclamar como panacea maravilhosa a ingestão de algumas maçãs ou de meia duzia de folhas para a cura de todos os reaes ou imaginarios achaques que affligem e martyrisam a pobre humanidade, logo d'aqui uma incauta e confiante doente parte d'abalada á procura da suspirada salvação, e nem perante a dura realidade dos factos desarma ou se desengana!

Pobre Rachel! Eu que conservo como uma das melhores recordações da minha vida as horas de inestimavel prazer intellectual que na hospitaleira casa dos seus passei outrora, e que directamente lhe devo a ella sensações de arte que ficarão indeleveis e que pareciam divinas, se é que o não eram — e entre essas registo o celebre *Agnus Dei* de Mozart, que tocado na sua harpa era positivamente indefinivel — eu, n'esta hora escura em que escrevo, mais nada sei dizer senão que ao vel-a fechada no pequenino caixão que a levou e que montes de flores todoenvolviam, foi como ver cerrado para sempre um pedaço da minha propria mocidade e das illusões que ao seu calor viviam, e que agora — pobre de mim — emmurchecidas e desfeitas, já nem sequer servirão para alimentar aquellas que dentro de cada coração mais ou menos tentam hrotar de novo.

O humus bemdito que havia de fazel-as germinar está por demais encharcado em lagrimas, lagrimas que já do passado vem e que ainda o presente augmenta, para que seja possivel renascerem mais.

Assim, é com a saudade e com a tristeza que naturalmente proseguirei no resto da viagem que acaso me caberá realisar na existencia, saudade e tristesa que dia a dia serão maiores, á maneira que me forem enquadrando na memoria perfis amados e bondosos como o d'essa inolvidavel e gentil Rachel, querida artista mallograda que mal comprehendeu o mundo e que o mundo não comprehendeu tambem...

AFFONSO VARGAS.

De *Lingrée*:

Por via de regra os maus só prejudicam os seus inimigos, os indiscretos prejudicam a todos.

CLIVEIRA PASSOS

É um poeta portuense, com a alma alada ao auge do Sentimento, comprehendendo e interpretando a alma humana.

Os seus *Sonetos Camoneanos* dão-nos uma ideia nitida da intuição sentimental com que elle penetrou nos trillos inconfundiveis do nosso Camões.

Em cada verso traçado pela sua penna de ouro, desprendem-se a jorros as vibrações mais commoventes que tem sido facultado ao coração experimentar nas poesias dos vates modernos.

A sua poesia umas vezes soluça pelas estradas amargas d'este valle de lagrimas, outras palpita de esperança e de devaneios n'uma existencia toda ideal, infinitamente deliciosa. E tão bellos são os seus gemidos como os seus sorrisos. Tudo é revestido d'um indefenivel gosto artistico em que transpira a sublimidade d'uma grande alma.

O seu lyrismo toca as raias do divino nas paginas nitidas do seu *Livro Intimo*. São, decerto, paginas que só se devem lêr quando a alma está vibrante de poesia e aspira elevar-se a um mundo Ideal; porque só assim se podem comprehender nitidamente. O *Livro Intimo* são as horas d'um triste, as febres d'um idealista puro, os gritos espontaneos d'uma alma, que a sêde de expansão, deixa a nú. N'elle estão lançados os segredos mais reconditos do seu temperamento de sonhador meridional.

Nós sentimos na sua leitura rasgar-se o coração com a dôr do poeta ou deliciar-se na perspectiva d'um sorriso ephemero mas dôce como só brota da alma apaixonada d'um pensador.

As obras de Oliveira Passos hão-de ficar como primores de linguagem poetica, porque n'ellas ha uma intensa luz e uma arte extraordinaria. Ellas hão-de ser os sacrarios n'essas horas em que o espirito vagueia pelas regiões do sonho e quer sahir d'este ambiente inquinado para se embriagar com a chamma sagrada d'um idealismo divino.

TRABALHOS DE CAMPO

MOZART E O CHAPEU DE CHUVA

Por Harvery

Quando o inspirado maestro contava apenas dezoito annos, foi passar uma tarde a uma quinta em Aigem, em companhia da irmã e de uma amiga d'esta, chamada Thereza.

Emquanto as duas jovens se entretinham em compor uns raminhos de flores colhidas na azinhaga, Mozart rabiscava uma aria n'uma folha da carteira.

Thereza, que até então só acolhera com discretos sorrisos os galanteios do futuro maestro, parecia n'essa tarde corresponder-lhe com desusado affecto, quem sabe se commovida pela harmonia da nascente composição que o seu namorado cantarolava.

—Thereza! Nanette! vejam quem ahi vem! exclamou de repente o joven compositor. E' o genuino Xéxé do carnaval!...

O homem que se approximava do grupo era Schikaneder o empresario de um theatrinho de Satsburgo, homem bemquisto de todos e que se tinha tornado notavel pelo seu guarda-chuva, um chapelão collossal, um zimborio de panno, um verdadeiro monumento, emfim, com um massiço cabo de nogueira, terminando por uma ponta de veado, varetas de barba de baleia, que terminavam n'uma pequena esphera de metal reluzente, panno escarlate assanhado e uma ponteira de latão de um decimetro de comprido. Um perfeito obelisco! Completamente aberto era de offuscar a vista mais robusta! O chapeu constituia uma parcella do dono: eram inseparaveis.

Escusado é dizer que as duas jovens apenas encararam o honrado emprezario acompanhado do formidando guarda-chuva, desataram ás gargalhadas, que Deus sabe quanto tempo durariam, se n'esse entanto não começassem a cahir grossas pingas de agua que chamaram as duas alegres raparigas á realidade das miserias d'este mundo.

Levantaram-se, pois, subitamente, e largaram a correr para a cidade.

A batega d'agua era já intensissima quando viram a uns cincoenta passos na frente o enorme chapeu vermelho ovante, abrigando sob a vasta copa o emprezario, triumphando magestosamente da tempestade. Inspirados pela mesma idéa precipitaram-se todos tres sobre o homem para se abrigarem debaixo do guarda-chuva.

Sobresaltado com o encontrão que soffrera, o pacifico director, mal equilibrado ainda do choque, olha para traz e encara com Mozart e as duas raparigas, vermelhas como papoulas, offegantes e já com pouca vontade de rir.

Restabelecido do sobresalto, Schikaneder offerece-lhes com o mais amavel dos sorrisos o guarda chuva, dá o braço á irmã de Mozart este offerece o seu a Thereza e caminham ambos atraz dos primeiros, meio abrigados apenas, muito chegados um ao outro, importando lhes pouco a chuva.

Apenas chegaram a Satsburgo, Schikaneder começou a scismar em como era que tendo elle e a sua companheira de braço chegado completamente enxutos, Mozart e Thereza vinham como uma sopa!

Não lhe dava menos em que entender, o motivo porque Mozart se desfazia em agradecimentos tão rasgados e lhe apertava tanto a mão, confessando-se eternamente grato, declarando: — que *jamais* se esqueceria do *relevante serviço* que lhe havia prestado, quando afinal lhe não tinha dispensado mais do que um obsequio trivial.

«Nunca mais, meu *prestantissimo* amigo me ha de esquecer esta tarde. Considerar-me-hei muito feliz se em qualquer occasião na minha vida, tiver ensejo de lhe testemunhar a minha gratidão.

Schikneder contemplava attonito o futuro maestro e sem tratar de devassar o mysterio fez os seus affectuosos cumprimentos ás meninas, apertou a mão de Mozart e desappareceu na companhia do seu inseparavel e ensopado amigo, o guarda-chuva.

Passaram se doze annos, o infeliz emprezario depois de soffridos mil revezes e esgotados todos os recursos voltou a Vienna.

A esse tempo attingia Mozart o apogeu da gloria: tinha elle então acabado de compor *As Bodas de Figaro*.

Schikeneder dirige-se a casa de Mozart, annunciando-se como velho emprezario de um theatro.

—Schikeneder?... não conheço, disse para comsigo Mozart; emfim mande entrar o homem.

O infeliz emprezario entra, desfez-se em cumprimentos e fazendo das fraquezas forças, sacca do famoso baluarte vermelho, que até então conservára occulto atroz das costas, e abre o com solemne magestade!

O inimitavel maestro, apoz a inesperada apparição d'aquella oitava maravilha do mundo, já sua conhecida, não poude suster uma estridente gargalhada!

Schikaneder depois de fazer o extenso lamurioso relatorio das suas desgraças, desculpou-se de tamanho atrevimento e recordou-lhe o tal *assignalado serviço* que lhe prestara no dia do aguaceiro em Aigem.

Mozart durante a narração tinha cahido pouco a pouco n'uma meditação profunda, de maneira que pouca attenção prestava ao emprezario: recordavase d'aquelle dia feliz em que o guarda chuva de Schikaneder tinha sido tambem... um guarda beijos. Parecia-lhe sentir nos braços o corpo flexivel da joven Thereza e nos labios o tépido calor do seu primeiro beijo...

Mozart, em memoria d'esse dia, e como grata recompensa compoz para o arruinado emprezario: *A Flauta Encantada* em que inseriu a aria composta debaixo das tilias de Aigem.

A opera foi cantada um sem numero de vezes, dando ao emprezario uma fortuna. Não a gosou por muito tempo, porque morreu pouco depois, legando ao insigne maestro o magico guarda-chuva, aquella Mascotte de nova especie.

Diz bem o rifão: «Faze o bem não olhes a quem.»

GARRETT

Eu comparo-o ao abéto, que nos Andes
Seus ramos ergue, n'amplidão, augustos:
Todos nós somos, incluindo os grandes,
Ao pé d'elle, uns misérrimos arbustos!

João Penha.

Claudia de Campos

ULTIMO AMOR

(ROMANCE)

Estava quebrado o constrangimento do primeiro instante. Haviam-se comprehendido.

A' mesa, emquanto Mr. Salter, no seu fato claro acubado de estrear, fazia mil perguntas ao filho sobre a familia, sobre Annie, sobre os costumes inglezes, D. Josepha Salter vinha sempre com uma phrase ironica interromper o marido.

— «Annie deve estar bonita, parece-se com a mãe?

— «Bastante, respondeu Mario; sobretudo no busto bem lançado e nas maneiras distinctas, embora um pouco altivas.

— «Chama-lhe antes affectadas, acudiu D. Josepha; eu bem vi o retrato que mandaste.

— «Perdão, mamã, Annie não é affectada, respondeu Mario; é fina, o que é muito differente.

— «Sim, fina porque não faz nada, fala as linguas, toca piano, enfeita se como uma boneca e... é ingleza, redarguiu ella desdenhosamente.

Mario ia responder quando o pae, descontente com as observações da mulher, e sem poder reprimir-se completamente, disse:

— «Filha, não falles de cousas, que não entendes...

— «Ah! não entendo... Tenho agora de estar callada, visto faltarem-me intelligencia e estudos para conversar com Mario... Nada ha tão triste como filhos mais instruidos que os paes.

E dizendo isto, assomaram-lhe duas lagrimas aos cantos dos olhos pequenos e vermelhos.

Fanny tornou-se pallida. Via recomeçar a eterna dissidencia sobra instrucção e educação, em que sua mãe dizia sem razões que se a sós a envergonhavam, diante do irmão eram-lhe intoleraveis.

Felizmente o creado appareceu n'esse momento, annunciando o dr. Macedo e a filha.

Satisfeitissima por aquella interrupção tanto a proposito, Fanny levantou-se e foi-lhes ao encontro.

— «Mario, a minha amiga Angelina Macedo... Meu irmão, em quem tanta vez te tenho fallado

Emquanto ella dizia isto, os dois curvavam-se ligeiramente.

— «Doutor, apresento-lhe o meu rapaz, exclamou Mr. Salter. O dr. Macedo sorriu com bondade, e estendeu a mão a Mario, dizendo: — «Felicito-o por ter um pae tão bondoso. Depois, para Salter: e ao meu amigo por ter um filho que lhe dá tanta felicidade.

— «Obrigado, meu caro doutor. Mario é effectivamente muito bom. Minha irmã, lady Palmers, não se cança de lhe render elogios.

O dr. Macedo voltou-se para D. Josepha.

— «Tanbem lhe dou os parabens, minha senhora — ella inclinou-se friamente — e ao mesmo tempo peço-lhe mil desculpas por não ter vindo hontem á noite, quando me mandou chamar.

«Não era nada de cuidado, atalhou D. Josepha; uma creada que se sentiu indisposta depois de jantar. Hoje está melhor.

E como para desviar a conversa do asssumpto que a oborrecia, continuou:

— «Mas onde esteve, que ninguem sabia de si?

— «Fui chamado ás Fontainhas.

— «Ah! sim, á tal senhora que está separada... E que teve ella?

— «Um accesso febril sem importancia; mas, como é extremamente nervosa e fraca, o menor soffrimento physico reveste-se logo de uma apparencia grave.

— «Não admira. Creada sempre á sua vontade em bailes e festas, gastando rios de dinheiro e satisfazendo todos os caprichos, é natural sentir-se assim nervosa, como o doutor diz... Já me disseram que o segredo da sua vinda para aqui era uma doença muito má, que a tinha desfigurado.

— «Mente-se anto, respondeu tranquillamente o medico; a sr. D. Margarida de Lencastre escolheu a vida que leva, porque se sente tão bem no isolamento, como outras pessoas no bolicio.

«Essa predilecção representa mesmo uma aristocracia de sentimentos pouco vulgar.

— «Predilecção... é bôa! Predilecção á força, para encobrir o castigo que o marido lhe deu e que a ella lhe não convem confessar, retorquiu D. Josepha.

— «Josepha, não acredites as calumnias sem fundamento que por ahi correm, acudiu logo Mr. Salter, interrompendo o dialogo; e depois, para o dr. Macedo, que ia replicar;

«Estou projectando acompanhar meu filho a Londres e demorar-me por lá com elle umas semanas... Tenho saudades do meu paiz .. Só lá fui tres vezes desde que estou em Portugal. Mas receio que os meus rheumátismos se aggravem. Que he parece, doutor?

— «Tomando todas as precauções... Em todo o caso, não se deve demorar muito, porque este clima é para si bem melhor.

— «A que senhora alludiu a mamã? perguntou Mario a Fanny, interessando-se naturalmente pela desconhecida, ao ouvir sua mãeaccusal-a.

— «Uma senhora a quem pertence a quinta das Fontainhas, onde algumas vezes passeámos em pequenos, recordas te? Dizem aqui muito mal d'ella; mas eu não acredito nada. A Angelina, que a conhece, affiança-me ser encantadora.

— «E' verdade, confirmou a filha do dr. Macedo; não faz idéa quanto Margarida de Lencastre é sympathica e distincta. E, sendo tão bôa é tão infeliz! ..

— «Infeliz porque? interrogou Mario.

— «Ella é muito reservada e eu não me atrevo a fazer-lhe perguntas, embora perceba que soffre. Mas, segundo tenho ouvido ao papá, um mau casamento e um desgosto de coração, entristeceram-n'a e aborreceram-n'a para sempre de tudo.

Elle ia ainda fazer mais perguntas, com a curiosidade que tal assumpto disperta nos rapazes da sua idade, quando a mãe, dirigindo-se a Angelina, os veiu interromper

N'essa tarde, emquanto o pae lhe móstrava os armazens, dando-lhe explicações e apresentando-o aos empregados, Mario, absorto, mal o escutava.

Quem conhece a nação ingleza, sabe que essa raça é composta de dois typos distinctos; um, prodigiosamente rebusto e positivo, o outro, de um idealismo incomparavel; e o filho de Mr. Salter pertencia a este numero. Não admira, pois, que a sua imaginação estivesse toda preoccupada com a desconhecida de quem lhe haviam fallado, e que o attrahia instinctivamente, pelo prestigio que ha-de sempre exercer a mulher nova e formosa, que se torna celebre pela nomeada fatal das suas aventuras amorosas, arrastando atraz de si um cortejo de desprezos, de odios e de admirações.

IV

Os primeiros dias da sua chegada passou-os Mario em visitas, em jantares e *soirées* offerecidos por Mr. Salter para apresentar o filho a todas os pessoas importantes da localidade,

A impressão que essa gente lhe fez, foi, com pequenas differenças, a mesma que lhe produziu sua mãe. Achava todos desengraçados e ordinarios, passando-lhe despercebida a dóse de philosophia que existe no viver da provincia, no socego de habitos logicos, e, sobretudo, na ignorancia dos requintes luxuosos, sem os quaes a mulher não tinha, para elle, seducções.

Mario pertencia á especie delicada e pouco vulgar de homens, que só comprehendem o prazer e o amor no meio de todas as elegancias e de todas as superioridades femininas.

(Continúa)

DISPERSOS

Espreitei á tua porta,
Quiz ver-te a dormir, sorrindo...
Mas ai! só vendo te morta,
Saberei como és dormindo!

O coração apodrece,
Apodrece como o mais
Mas a dor, ai! reverdece,
Essa não morre jamais.

ANTONIO NOBRE.

SELDA POTOCKA

De harmonia com a promessa qne nos foi feita por esta illustre escriptora polaca, contamos inserir, n'um dos proximos numeros da nossa revista, uns artigos de propaganda feminista devidos á sua penna scintillante.

Seria superfluo fazermos uma apresentação mais detida da nossa nova e gentil collaboradora visto que, além das numerosas revistas allemãs e polacas que se teem honrado com a sua primorosa collaboração, os romances do grande Sienkiewiez, auctor do *Quo Vadis*, que que ella verteu para portuguez com impeccavel intuição da nossa lingua, attestam os seus meritos no mundo litterario.

As penas dos mais, pesei as,
E pelas minhas, medi as;
Quem déra as alheias
Para minhas alegrias.

CAMPOAMOR.

Trad. de FERNANDES COSTA.

O proximo numero da nossa revista publicará uma musloa para oanto, que temos em nosso pudêr, original d'uma senhora da mais alta aristrocacia do nosso paiz. E' dedicada á memoria da infeliz filha dos Condes de Sabugosa, D. Maria de Mello. A letra é a do Soneto que hoje publicamos «O' lagrimas, chorae!» de Martinho Brederóde.

Ó LAGRIMAS, CHORAE!

A' morte de D. Maria de Mello (Sabugosa)

Queimam-me o peito as lagrimas que vejo
E sinto que os meus olhos vão chorar.
O' lagrimas, chorae!... Correi sem pejo,
Maiores, mais amargas do que o mar!

O' lagrimas, chorae!... — Ondas do Tejo,
Não è mais triste o vosso soluçar! —
Morreu a Flôr! — o encanto, o riso, o beijo
Dos pobres paes, do desditoso lar!

O' lagrimas, chorae!... Chorae por ella
Aves do ceu, chorae vossa irmãsinha
Madresilvas, violetas, laranjaes!

Pensar que era tão linda e tão singela,
E pensar que era mesmo uma andorinha,
E que voou, e que não volta mais!!

MARTINHO DE BREDERODE.

Numero 19 e 20 — Lisboa, 1 de Março de 1903 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes..... 350 réis
6 » ..... 650 »
1 anno..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

Secretaria — VIRGINIA GUERRA QUARESMA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31
EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Condessa de Proença a Velha

(M GRISALDE)

Na aristocracia portugueza a Condessa de Proença destaca-se ainda mais do que pelo nascimento, pelo excepcional temperamento artistico, pela sua elevada intuição esthetica, pela paixão que liga a todas as manifestações do Bello. E' uma organisação delicada, vibrante, em que o sentimento unifica o genio, a graça, a gentileza da sua individualidade feminina. Passou a infancia descuidada no solar principesco de seus avós, os Marquezes de Graciosa, e ahi n'esse eden adquiriu aquella tendencia contemplativa, que a levou á visão poetica da vida, e a accumular os conhecimentos que lhe suscitaram os vivos interesses intellectuaes, que ainda a incitam constantemente a instruir-se, a pôr-se ao corrente das ideias modernas, para o que a têm auxiliado as suas viagens. Quando entrou no contacto do grande mundo, na larga sociabilidade, é que deu disciplina ás suas singulares aptidões; a Arte era a anciedade da sua alma, principalmente a musica, tornando-se o Canto a mais absorvente preoccupação. Dotada de uma voz maviosa, de timbre sympathico, e de um poder de expressão dramatica, não se contentou com ficar com a prenda natural: recebeu lições regulares, cor.seguindo uma consciente perfeição a que a conduziu a celebre professora Mathilde Marchesi (Marquise de la Rejata de Castrone) de cuja escola sahiram as mais afamadas cantoras como a Fricci, Smeroschi, Bernstein, Dorn, Krauss e outras. Essa summidade musical, que depois de ter professado nos Conservatorios de Vienna, e de Colonia, tem escripto numerosas obras sobre Vocalisação e Arte de Canto, ainda hoje conserva uma animada correspondencia com a Condessa de Proença, interessando-se pela saude d'aquella a quem chama *chère fauvette*. Foi pelo estudo bem dirigido, que a Condessa de Proença chegou a ser a nossa primeira conhecedora da arte do *bel Canto*, e por este motivo mereceu o mais caloroso interesse a Massenet, que lhe escreve constantemente, confessando com franqueza quanto o lisonjeia saber que as suas composições, com que a brinda, são cantadas por ella. Avançando no seu desenvolvimento artistico, a Condessa de Proença serviu-se da sociabilidade aristocratica para nas suas Matinées musicaes revelar obras primas dos grandes compositores, susceptiveis de serem executadas em salão; n'este intuito, cada Matinée era uma encantadora surpreza, pelo interesse da novidade. Foi em sua casa que se fez a primeira audição do maravilhoso *Stabat Mater* de Pergolesi, precedido de uma conferencia historica e esthetica feita pelo grande e eminente escriptor, Dr. Theophilo Braga, e as *Chansons de Miarka*, de Alexandre George. Querendo levar mais longe este impulso esthetico que alevantava o gosto e o criterio, fundou a Condessa de Proença a Sociedade artistica *Concertos de Canto*, na qual reuniu perto de quarenta senhoras que liam musica á primeira vista, e com tão precioso elemento viria a tornar-se possivel a realisação de um delicioso Orpheon, e de uma Escola de Canto coral. A Sociedade artistica de Canto durou apenas de 9 de abril de 1900, em que se inaugurou com o surprehendente Oratorio da *Resurreição de Lazaro*, de Perosi, uma novidade em Portugal, até 24 de Março de 1901, em que se cantou o quadro de Grieg *Olaf Trigvason*. Por fatalidade para a nossa cultura artistica, inesperadas contrariedades fizeram com que a Sociedade succumbisse desde que

CONDESSA DE PROENÇA A VELHA

a sua iniciadora, por uma gravissima doença, que a teve proximo da morte, a afastou da sua fundação querida. Foi completar á Suissa a convalescença, e ao regressar viu que a sua obra fora desnaturada. Recolheu-se ao seu intimo mundo domestico, continuando com affecto as bellas Matinees musicaes, que revelaram uma nova tendencia no seu espirito: o estudo esthetico das fórmas musicaes, na sua evolução historica, desde os elementos populares até ás altissimas elaborações artisticas Saudavel influxo, que trouxe esse espirito a uma superior serenidade. No livro *Os nossos Concertos*, em que se revelou uma escriptora, consignou sob o titulo *Impressões de Arte* as ideias e dados criticos com que nos seus programmas esboçara o intuito das Matinées que organisava. Como escriptora, possue um estylo conciso, nitido e espontaneo, como se tivesse vivido na lucta da imprensa. Os conhecimentos da technica musical, que é evidente na consciencia e pureza do seu canto, conduziram a a um novo estudo: a investigação da tonalidade portugueza nas melodias populares nacionaes, e a tentativa de reunir essa tonalidade á palavra apaixonada dos nossos grandes poetas lyricos. Bella aspiração, e sinceramente tentada. Mas para que melhor avançasse para a realisação d'este alto problema da renovação da Arte portugueza,a Condessa de Proença a Velha completou a educação do seu espirito dedicando-se corajosamente ao estudo da Harmonia, através dos grandes tratados de Durand e de Lavignac. Assim se achou levada á composição musical, em que se estreiou pondo em musica *As minhas azas, de Garrett*, em que revelou a sua excepcional vocação. Depois, proseguindo sempre no mesmo ideal, realisou a preciosa Matinêe de 24 de Janeiro de 1903, apresentando todas as fórmas musicaes do seculo XIV a XX, com lettra dos nossos poetas, e transparecendo em todos os generos sempre a tonalidade portugueza. Foi um triumpho. Na sua juventude a Condessa cantou muito os *Lieder* de Shubert; isto lhe suggeriu a paixão pela Melodia portugueza, e assim se acha possuida de um grande pensamento que hade encher a sua vida artistica, e darlhe o poder de actuar no seu tempo.

Olga Sarmento da Silveira.

PLEBISCITO

No intuito de proporcionarmos um agradavel passatempo ás nossas leitoras começamos, no presente numero, a formular diversas perguntas que versarão sobre individualidades femininas no campo das Lettras, Artes e Sciencia.

Inauguramos, pois, hoje esta secção com as seguintes:

Qual é a nossa mais distincta poetisa, escriptora, jornalista, pintora, pianista, esculptora, medica e cantora-amadora?

Aguardamos respostas a fim de, no proximo numero e outros successivos, publicarmos os nomes das senhoras de quem nos for enviado maior numero de votos.

Publicaremos qualquer carta que nos enviem, mesmo que venha assignada com pseudonimo, comquanto que venha de molde a não ferir susceptibilidades.

PERFIS FEMININOS

D. Carolina Alzina

Discipula dilecta e laureada de Rey Collaço, a nossa perfilada herdou do mestre aquelles extraordinarios attributos que o elevaram ao pedestal da Arte portugueza.

A facilidade prodigiosa de execução, o ardente sentimento que faz tornar vividas entre nós as concepções dos mestres eminentes e, finalmente, um inédito enthusiasmo que se communica a todos os que teem a rara ventura de a ouvirem, ao piano, fizeram de D. Carolina Alzina, em plena juventude, uma artista do mais puro quilate.

A sua interpretação é das mais completas que conhecemos. Vibram na sua alma todas as cordas do divino sentimento d'esse Ideal deslumbrante que se chama Arte.

Se nas composições de Listz ella comprehende, com maravilhosa intuição, as doçuras e os encantos deliciosos mais subtis, não é menos comprovado o seu mérito como interpretadora irreprehensivel das delicadas e coloridas ironias de Berlioz.

Se ás qualidades artisticas que pallidamente delineamos da nossa perfilada accrescentarmos a sua bondade, que a todos captiva, e a sua formosura, a que todos rendem homenagem, teremos conseguido, n'um fugace reflexo de culto, apresentar aos nossos leitores uma individualidade invulgarmente privilegiada pela esthetica.

La dame Voilée.

A MULHER POLACA

Perfis do passado

A Polonia não teve nem damas namoradas pelas trovas dos menestreis, nem mulheres celebres pelos seus amores, nem personalidades inspiradoras de poetas notaveis,—conta na sua historia algumas rainhas intrigantes e senhoras da côrte que fizeram falar a chronica, mas não muitas.

No emtanto, abundam nos seus annaes mais gloriosos mulheres, que deixaram nomes inolvidaveis sacrificando as vidas e o melhor das suas faculdades ao estudo e á arte.

Os nossos cavalleiros passaram sem Dulcineas, os poetas sem Lauras nem Beatrizes; as favoritas dos soberanos eram apenas sombras pallidas de Diana de Poitiers, da Montespan, Maintenon, etc e muito menos se pode evocar o passado e — rememorar Aspasia ou Hypathia.

Tivemos, porém, como figura rutilante, metade pertencendo á tradição, metade á historia, Wanda, a rainha suicida.

O allemão Ryligier, queria a sua mão para obter com ella o dominio do paiz. Para fugir a uma alliança que teria sido fatal á sua patria, deitou-se á corrente do Wisla, onde encontrou a morte. Será uma lenda, mas é na lenda com toda a sua brumosa poesia que se encontra o germen da verdade historica. Sôa n'ella o echo das primeiras guerras da Polonia com as tribus teutonicas, e a distancia, nimbado, ascendido até ás nuvens, apparece o vulto heroico da primeira patriota.

Durante muitos seculos, nas noites de inverno, ao fiar das rocas, ao calor da lareira, as mulheres mais edosas contam ás jovens a historia de Wanda e de Ryligier; então, pelo vigamento das casas pouco altas, onde vibra o roçagar do linho, repercute a canção tão conhecida nos palacios como nas cahanas: «Wanda está enterrada em terra polaca, porque não quiz o allemão.»

Como a aurora em presença do sol, Wanda empallidece em frente de Hedaviges do seculo XIV, personalidade absolutamente historica Esta amava ternamente um nobre allemão e casou-se com um barbaro lithuano para trazer milhões de gentios á Egreja christã, acabar com as continuas e sangrentas guerras das duas raças, e terminar com distincções fronteiriças em ambos os paizes. Não fez isto sem um primeiro impeto de revolta.

O amor pelo fidalgo allemão armou-a d'uma hacha d'armas com a qual quiz derrubar a porta do palacio real, sair e unir-se a quem lhe subjugára a alma, mas os seus estadistas rodearam-n'a e bradaram: « Regina pro fide et patria.»

Rendeu-se.

Depois, quando o seu esposo, oriundo da distante Lithuania, trouxe para o gremio da Egreja os seus selvagens vassallos, ella, á frente do exercito recebeu d'esses antigos inimigos uma das provincias polacas que fôra arrebatada á mãe patria. Em seguida pediu que indemnizassem o seu povo das perdas soffridas, e conseguindo isto pronunciou as seguintes palavras, caracteristicas do seculo em que viveu :» As provincias foram-me devolvidas, mas quem me devolverá as lagrimas?»

No seu testamento recommendou que renovassem e engrandecessem a academia de Cracovia.

Morreu nova.

Ainda hoje existe na antiga cathedral d'esta cidade uma grande cruz preta, aos pés da qual esta formosa mulher chorava, de corpo e alma, o seu funesto amor, agradecia a força que lhe dera para cumprir tão alta missão, e entre orações e lagrimas, breve deixou esta vida, sacrificada pelo «fide et patria».

No seculo XVI, as polacas tomaram vivo interesse pela grande propaganda religiosa, que muitas seitas protestantes levantaram contra a Egreja catholica. Em vez de latim serviam-se da lingua patria na liturgia, nos canticos, na interpretação do Evangelho.

Foi este o inicio da poesia nacional; até então as publicações só eram feitas em latim.

Depressa se espalharam por todo o paiz folhas com psalmos e orações em verso, escriptas em linguagem vulgar. Entre os creadores d'esta rica poesia religiosa, encontram-se alguns nomes de mulheres polacas conhecidas na Historia. Houve, com certeza, ainda mais que ficaram na sombra ou esquecidas, porque a mulher n'aquelles tempos dispunha de uma tão alta coragem e inspirava-se d'um tão profundo enthusiasmo, que chegaram a subir ao pulpito.

A polaca, no seculo XVI não só tomou parte no movimento protestante que veio da Allemanha, mas ainda concorreu para a implantação da seita que surgiu na sua patria e que absorveu quasi, por assim dizer, todos os pensamentos durante este seculo. Não é vulgar saber-se que d'esta seita polaca chamada *socianismo* se originaram as seitas espalhadas pela Inglaterra e America do Norte, a dos unitarios e antitrinitarios.

Quando o soberano e a assembléa do Estado puzeram cobro aos movimentos religiosos na Polonia, os sectarios que não voltaram para o seio da Egreja catholica, foram expulsos e os seus bens confiscados. As *socianistas*, sós, ou com as suas familias, deixaram os seus bens, quebraram laços que lhes eram caros e emigraram para terras estrangeiras.

Não quero dizer que a doutrina que elles defendiam era a verdadeira, mas sim que os seus defensores eram sinceros na defesa d'essas idéas religiosas, e capazes de se sacrificarem por uma causa que ellas suppunham justa.

(*Continúa*).

Selda Potocka.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

LE PIANO

Puis-je te célébrer autant que je le dois,
Cher interlocuteur au langage mystique?
Hier encor, le chagrin ruisselant de mes doigts,
T'arrachait un sanglot funèbre et sympathique.

Sois fier d'être incompris de la vulgarité!
Beethovem a sur toi déchaîné sa folie,
Et Chopin, cet Archange ivre d'étrangeté,
T'a versé le trop plein de sa mélancolie.

Le rêve tendrement peut flotter dans tes sons;
La volupté se pâme avec tous ses frissons
Dans tes soupirs d'amour et de tristesse vague;

Intime confident du vrai musicien,
Tu consoles son cœur et son esprit qui vague
Par ton gémissement, fidèle écho du sien.

EDGAR POE

Edgar Poe fut démon ne voulant pas être Ange,
Au lieu du Rossignol, il chante le Courbeau;
Et dans le diamant du Mal et de l'Étrange
Il cisela son rêve effroyablement beau.

Il cherchait dans le gouffre ou la raison s'abîme
Les secrets de la mort et de l'Éternité,
Et son âme où passait l'éclair sanglant du crime
Avait le cauchemar de la Perversité.

Chaste, mysterieux, sardonique et féroce,
Il rafline l'Intense, il aiguise l'Atroce;
Son arbre est un cyprès; sa femme, un revenant.

Devant son œil de lynx le problème s'éclaire;
—Oh! comme je comprends l'amour de Baudelaire
Pour ce grand Ténébreux qu'on lit en frissonnant.

MAURICE ROLLINAT.

GALILEU

Faz hoje annos que um dos vultos mais importantes da historia da sciencia e mais infelizes na historia da humanidade morreu pobre, cego, amesquinhado n'um isolamento em que o lançou a maldade dos conterraneos e a cegueira ou o amor proprio de uma instituição.

Galileu Galilei nasceu em Pisa em 1564, já lá vae um bom par d'annos, e Pisa reclama-o; mas a Italia não lhe foi Patria, a Italia foi-lhe madrasta e a humanidade reivindica-o.

Quando a sociedade forma o homem admitte-se que essa sociedade se sinta orgulhosa da sua obra e elevando-a se eleve a si; mas quando ella o não comprehende, quando o homem erguendo-se á custa do seu trabalho só encontra inimisades, vinganças e ignorancia, quando, procurando elevar-se é rebaixado, pelos conterraneos, procurando instruir perseguido pelas instituições, esse homem não glorifica a sociedade em que viveu nem eleva as instituições que o vexaram; envergonha-as.

Galileu foi o primeiro homem que se atreveu a defender o movimento da terra, que se arrojou a argumentar com os dados da experiencia e da observação as ideias dos mestres que seculos de ensino tinham dogmatisado, que teve a imprudencia de querer harmonisar as suas doutrinas com os dictames da escriptura sagrada e sobretudo de pulverisar e rebater todos os adversarios. Perdoam-se todas as feridas, menos as feitas no amor proprio. Dizia, não me lembro quem, que o amor proprio sempre senhor dos homens, corrompe os fortes por orgulho a os fracos por vaidade.

Galileu foi poeta, pintor, musico, physico, phylosopho e sobretudo astronomo.

Em tudo grande, não deviam faltar-lhe os inimigos.

Era theoria geralmente acceita n'essa época que a terra estava fixa no centro do Universo e o sol, lua, planetas e estrellas rodando em torno d'ella, separavam-n'a d'esse ceu destinado a morada e recompensa dos merecedores da bemaventurança. Galileu revolta-se contra a theoria, parte as espheras de cristal que serviam de corrediças aos cinco planetas conhecidos, lança o setimo ceu para alem das estrellas fixas, para além do infinito e, suprema heresia! põe a terra rodando, como qualquer astro, sujeita á acção d'um poder superior, como se podesse existir maior poder do que a intelligencia do homem.

Uma multidão de fanaticos apoiados na infallibilidade de um papa, que se rodeava de ignorantes para que prevalecesse a sua fraca intelligencia, clamando impiedade, lançam-se como abutres famintos sobre a presa odiada, e por melhor que fosse a sua defeza, por mais extraordinaria a sua logica, lá estava a espada de Brennus prompta a ser lançada na balança e o *vae victis* na bocca dos algazes.

Por pouco que as aras do sacrificio não foram ensanguentadas mais uma vez como havia pouco o tinham sido com o sangue de Giordano Bruno

Ainda escapou por aquella vez; mas a vingança não se fez esperar muito.

MAESTRO ALBERTO FRANCHETTI
(Auctor da opera *Germania*)

Alguns annos de ociosidade forçada levaram-no a publicar o seu melhor trabalho, o seu *Dialogo sobre os systemas do mundo*, onde o genio por tanto tempo reprimido se levanta emfim e lança ao mundo inteiro, n'uma linguagem chã e accessivel a todas as intelligencias, os elementos de uma sciencia até ahi confinada ao pequenissimo grupo de adeptos.

Foi a sua perdição.

Condemnado pela inquisição, veio a morrer cego e desamparado sob as vistas do santo officio.

Havia alguns annos, já no seu tempo, que o maior genio da litteratura portugueza tambem morria pobre e abandonado nas enxergas de um hospital.

Julgavam fazer desapparecer uma doutrina fechando a bocca a um só homem; mas, notavel coincidencia, no mesmo anno em que morria Galileu nascia Newton e estava para breve o golpe final nas theorias peripatheticas, o dogma devia ser banido da linguagem scientifica, e a infallibilidade ia receber um golpe rude.

Foi uma epoca gloriosa aquella.

Bacon e Descartes na phylosophia, Galileu, Kepler; Leibniz e Newton nas sciencias, Camões, Gil Vicente, Mileon, Tasso e Cervantes na litteratura, todos pela sua parte contribuiram para que a liberdade de pensamento se libertasse dos grilhões qne a traziam subjeita a um terror que o fanatismo impunha.

O fanatismo de um louco honesto é mais prejudicial do que os esforços de vinte velhacos reunidos, dizia um litterato no começo do seculo passado.

Comtudo, quando o fanatismo obra por si, não é difficil evitar-lhe as consequencias; mas aguilhoando-o a cubiça ou o ciume é capaz de todas as tyrannias.

Fundado em ideias contrarias ás suas proprias, vimol-o retardar a progressão da liberdade e o culto do pensamento, transformar n'um lago de sangue os circos da antiga Roma, envolver a França no fim do seculo 18 n'um veu de lucto e terror e ainda hoje o vemos constantemente nas mãos da politica como arma sempre prompta para acalmar odios, contentar invejas, satisfazer ambições.

Mas a Terra segue o seu curso subjeita a leis immutaveis. Passa um anno, passam dois, um seculo e o tyranno d'então jaz agora no pó, no nada, mais esquecido, mais ignorado do que esses que elle despedaçou em vida. Odios, inimizades, paixões, riqueza, tudo passa, tudo desapparece na rapidez da evolução; mas emquanto o frio da morte não vier lançar o seu manto funebre sobre a nossa humanidade, emquanto, na Terra, um raio de calor sustentar a vida e a intelligencia, nunca, por completo, desapparcerá a memoria d'esses genios que pelo talento e obstinação sahem triumphar da propria fatalidade.

E se vão da lei da morte libertando.

Ponta Delgada 8-1-03.

MELLO E SIMAS.

ELEGIA DA NOVIÇA

Do poema lyrico —*A's Ave-Marias*
(Musica de M. Grisalde)

(INÉDITO)

Vôam as borboletas
Beijando-se no ár;
Se em tamanho pesar
Eu podesse voar?!

As aguas vão inquietas
Confundir-se no mar;
Sinto meu peito arfar...
E eu heide aqui ficar?

Sólta a flôr o perfume
Ás auras ao passar;
Faz-me o frio tumular
N'um thalamo sonhar.

A rôla em seu queixume
Vae á busca do par;
Tudo anda a revelar
Que o viver é — amar.

SOROR MARIANNA

(RACCONTO)

Eu tive a ideal miragem
Do amor, sonho dourado;
Ficou n'essa voragem
Meu coração quebrado.

A flôr da minha bocca
Eu dei-a de vontade;
A perfidia, a vaidade
Só encontrei em troca.

Nem recordar me atrevo
Do seductor transporte;
Do namorado enlêvo
Guardo cinzas de morte.

Gentileza, frescura,
Que aos sentidos agrada,
Isso inspirou loucura...
Eu nunca fui amada!

Dr. WILHELM STORCK

Da pallidez a tinta
Annuvia-me o rosto;
Abafa-me o desgosto
De uma esperança extincta!

Do impulso do desejo,
Das emoções serenas,
No claustro em que me vejo
Vegeta o corpo apenas.

THEOPHILO BRAGA.

A EDUCAÇÃO DE MULHER

II

Vejamos agora d'uma maneira rapida e sob um ponto de vista geral; como deve ser educada a mulher para conquistar estas vantagens.

Diz Stuart Mill no seu livro — «Assugétissement des femmes» — «Uma sensibilidade intensa é o instrumento e a condição que permitte exercer sobre nós mesmos um poderoso imperio, mas para isso ella tem necessidade de ser cultivada». Quando receber esta preparação não formará sómente os heroes do *primeiro impulso*, mas os heroes da *vontade que se domina*. A historia e a experiencia provam que os caractéres mais apaixonados mostram mais constancia e rigidez no sentimento do dever, quando a sua paixão foi dirigida n'este sentido.

A educação hoje ministrada á mulher não é, absolutamente nada d'isto. Parte-se da ideia errada de que o seu cerebro é apenas uma *coisa* que é preciso enfeitar, engrinaldar, adornar, como se faz com a sala da nossa habitação, por exemplo. E com a mesma leviandade que hoje preside a esta operação, enchendo-a de moveis os mais preciosos e de elevado custo, mas entre os quaes se notam as maiores incongruencias do estylo e bom gosto, collocados a esmo, sem a symetria que é propria a cada um d'elles, dando-nos a impressão desoladora da casa do adello que os vendeu, armasenam-se no cerebro da mulher carissimas prendas (quantas mais, tanto mais completa se diz a educação) em que as familias gastam rios de dinheiro formando um verdadeiro *bric-à-brac* scientifico, donde lhe não é possivel deduzir noção alguma da difficil sciencia de *saber viver*. Educação assim serve mais para satisfazer o capricho e as vaidades dos que a dão, do que de utilidade a quem a recebe.

E queixam-se de que a mulher é frivola, quando de ha muito a sua educação, favorecida pela tendencia natural que temos para evitar todo e qualquer esforço persistente, pelos exemplos e até pela linguagem, a leva inconsciente para ahi, obscurecendo-lhe com espesso veu a realidade da vida.

A maior parte dos conhecimentos que hoje lhe ministram e a fórma porque a fazem obedecer quasi exclusivamente ao fim egoista de a preparar apenas uma *coisa* que dê tom ao que mais tarde for o seu senhor legal, deixando-a n'uma dependencia necessaria, esquecendo por completo a sua principal missão como mãe, como educadora dos filhos.

E se no regimen actual de educação algumas mulheres se teem avantajado mesmo aos seus comtemporaneos, devem-no ao seu extraordinario talento e tem sido á custa de encarniçada lucta em que, devemos confessal-o para sua gloria, nem sempre as armas foram eguaes. Estas luctas, porem, foram restrictas as condições particulares d'um individuo excepcional e d'ellas nunca poderá concluir-se uma lei de generalisação. Não é pois para essas mulheres excepcionaes, para os genios, que lança-

Comm. ANTONIO PADULA

mos as nossas vistas, porque essas em todas as circumstancias que appareçam, hão de occupar o logar a que as suas invulgares qualidades lhes dão direito, mesmo que o espirito das sociedades lhes seja contrario; é para a geral das mulheres, para aquellas que se não elevam a cima do nivel intellectual commum e que hão de ser as mães dos futuros membros da sociedade.

Pretendemos que se lhes dê uma educação que as identifique com o seu papel physiologico e social, attendendo a todas as multiplas funcções que lhe estão confiadas, mas despida das exterioridades que hoje a envolvem e de todo o seu feitio theatral; que seja o producto de esforços conscientes e d'uma laboração intellectual e não um amontoado de coisas sem nexo.

A grande sensibilidade feminina, que tantas vezes tem servido de argumento contra a mulher, por aquelles que não quizeram ver se o emprego que d'ella se faz é ou não racional, será o mais poderoso auxiliar d'esta obra. Cultivemol-a, transformando a n'esse *instrumento util* a que se refere Stuart Mill, e só então nos parece que a mulher se achará preparada de modo a poder pôr ao serviço da causa da humanidade todos os thesouros da sua sensibilidade e transmittir aos filhos os beneficios e resultados que lhe hão-de advir do dominio d'essa enorme força, até aqui distrahida do seu emprego natural, a educação da vontade formando os caractéres. E é nella que se divide o segredo do éxito; pois que as mais brilhantes qualidades que se attribuem a intelligencias excepcionaes, são na realidade apenas o producto da energia e constancia no querer. Querer é poder, com effeito — o poder de quem não desespera é maravilhoso!

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

PEROLA

(INÉDITO)

Concha perdida em arenosa praia,
sinto gelar-me o frio esquecimento,
em quanto o sol, fugindo-me, desmaia,
em quanto a onda expira num lamento...

Ás vezes vem beijar-me friamente
a espuma alvinitente
do túmido escarcéu,
e as espirais da alcione plangente
ligam os dois desertos, — mar e céu...

*

Na pobre concha, desprezada, fria,
nunca poisou o olhar do viandante!
invejada porém ella séria,
e mais rica que um fúlgido diamante,

se o teu olhar, baixando caricioso,
ali gerasse a pérola mimosa,
que converte em tesoiro precioso
a pobre concha de uma praia areosa.

E a pérola diria á concha obscura:
— Fundi-me no teu sêr; que mais desejas ?—
E a concha, enebriada de ventura,
diria á pérola: — Bendita sejas! —

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Cartas da Religiosa Portugueza

(SOROR MARIANNA ALCOFORADO)

II

Ai que em demasia conheces as continuações d'estes começos, e embora nada tenha a poupar-me, não devo lembrar-t'as com receio de fazer-te mais culpado, se é possivel, do que tens sido, e de ter de reprehender-me por tantas diligencias inuteis para que me fosses fiel...:

Dr. GORAN BJORKMAN

Não o serás, não!

Posso esperar porventura das minhas cartas e dos meus lamentos o que o meu amor e o meu abandono não poderam contra a tua ingratidão?

Estou bem certa da minha desventura.

O teu comportamento injusto não me deixa a menor razão para d'elle duvidar, e tudo devo receiar pois que me deixaste...

Acaso só para mim terás encantos e não se elevarão em ti outros olhos?

Creio que me não pesará que os sentimentos de outras justifiquem, de algum modo, os meus; e vê tu a contradicção d'esta alma! quereria que todas as mulheres de França te achassem adoravel, e que nenhuma te amasse, e que não te agradasse nenhuma.

É ridicula, é impossivel esta idéa, sei.

Mas, demais tenho experimentado que não és capaz de uma grande affeição e que poderás bem esquecer-me, sem nenhum auxilio e sem que te obrigue a isso uma nova paixão.

Talvez quizesses, comtudo, ter algum pretexto rasoavel... É verdade que eu seria mais desgraçada, mas tu serias menos criminoso.

Vejo que permanecerás em França, sem grandes prazeres, n'uma inteira liberdade.

Retem-te a fadiga de uma grande viagem, alguma pequena conveniencia, e o receio de não poderes corresponder aos meus ardentes transportes.

Ai não o receies!

Contentar-me-hei em ver-te de tempo a tempo, e em saber sómente que estamos na mesma terra.

Mas illudo-me naturalmente, e quem sabe se não te haverá enleado mais do que as minhas finezas, o rigor e a esquivança d'alguma outra!

Será possivel que mais te inflammem os maus tratos?

Antes, porem, de te empenhares n'uma grande paixão pensa bem no excesso das minhas penas, na incerteza dos meus projectos, na contradicção das minhas cartas, nas minhas confianças, nos meus desesperos, nas minhas saudades, no meu ciume...

Olha que vaes soffrer muito!

Conjuro-te que aprendas n'este exemplo que te estou dando, e que, ao menos, não te seja inutil quanto padeço por ti.

Fizeste-me ha cinco ou seis mezes uma confissão modesta:—disseste-me muito francamente que amaras uma senhora no teu paiz.

Se é ella quem te impede de voltar, dize-m'o, sem escrupulo, para que eu não me consuma ainda mais.

Ampara-me por ora um resto de esperança, e preferira, se ella não deve reanimar-me, perdel-a inteiramente e perder-me, eu, com ella.

Manda-me o retrato d'essa senhora com algumas das suas cartas.

Conta-me o que ella te diz.

Acharei n'isso, talvez, motivos para me consolar ou para mais padecer.

Não posso continuar n'este estado, e não ha mudança que não me seja benefica.

Quereria possuir tambem o retrato de teu irmão e de tua cunhada.

Tudo o que te é alguma coisa, me é caro. Sinto-me inteiramente devotada a quanto te respeita. Não me deixei nenhuma disposição de mim propria.

Momentos ha em que me parece que me resignaria até a servir submissamente a que amas.

Tanto me teem quebrantado os teus maus tratos e os teus desprezos que ás vezes nem me atrevo a pensar em que possa ter ciumes de ti, com receio de desagradar-te, e chego a cuidar que é a maior impertinencia d'este mundo, permittir-me, eu, fazer-te censuras.

Convenço-me muitas vezes de que não devo exprimir-te amargamente, como faço, sentimentos que recusas.

Ha muito que um official espera por esta carta.

Fizera o firme proposito de t'a escrever por maneira que a podesses ler sem aborrecimento. Mas bem extravagante vae ella já; deve encerral-a.

Ai que me não sinto com forças para o fazer. Parece-me que te falo, quando estou escrevendo-te, e que, de algum modo, estás commigo.

A primeira que te escrever não será tão extensa nem tão importuna. Podes abril-a, com esta certeza que te dou.

Seguramente, não devo falar-te de uma paixão que te desgosta, e não te falarei mais n'ella.

D'aqui a poucos dias vae fazer um anno que toda me entreguei a ti, sem recato.

Muito ardente e muita sincera me parecia a tua paixão, nem por sombras podera cuidar que tanto enojo te causassem os meus favores que te obrigassem a fazer quinhentas leguas e a expor-te aos perigos do mar para te alongares de mim.

De ninguem poderia esperar-se tal.

Deverias lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha vergonha, mas, ai de mim! de nada te lembras que possa, a teu pesar, obrigar-te a amar-me.

O official que deve levar-te esta carta, pela quarta vez me manda dizer que precisa partir.

Como está apressado!

Abandona, sem duvida, n'esta terra, alguma desgraçada!...

Adeus.

Mais me custa a fechar esta carta, do que te custou deixar-me, talvez para sempre.

Adeus.

Não me atrevo a dar-te mil nomes d'amor, nem a entregar-me, sem constrangimento, a todos os meus impetos.

Amo-te mil vezes mais do que a vida e mil vezes mais do que penso.

Como me és querido e como me és tyranno!

Não me escreves...

Não pude cohibir-me de te dizer isto, outra vez!

Vou recomeçar, e o official que se vá embora.

Que importa? Que parta...

Escrevo mais para mim, do que para ti.

Busco apenas aliviar este coração.

CENTRO PORTUGUEZ (Santos—Brazil)

Tambem, o comprimento d'esta carta vae metter-te medo . .

Não a lerás.

Que fiz eu para ser tão desditosa?!

E porque me envenenaste assim a vida?

Ah porque não nasceria eu bem longe d'esta terra.

Adeus; perdoa-me.

Não me atrevo já a pedir-te que me ames.

Vê a que me reduziu o meu destino!...

Adeus.

Condessa de Alto Mearim

Devido á amabilidade d'esta senhora, cedendo nos a copia photographica d'uns dos seus melhores trabalhos, temos hoje o prazer de inserir uma gravura reproduzindo o quadro que, com grande successo, expoz no *Salon* esta illustre titular.

N'este trabalho, cujo motivo é de todos os portuguezes bem conhecido pela vivida e lancinante historia de amor e de soffrimento que nos evoca, conseguiu-a sr.ª Condessa de Alto Mearim deixar perduravelmente esculpido, n'uma expansão intensa de Ideal, o mais alto testemunho do seu invulgar e festejado talento artistico.

DR. WILHELM STORCK

Pela vastissima erudição e invulgar talento de que é dotado é um dos mais apreciaveis escriptores da Allemanha e um dos que, com mais respeito e admiração, teem conseguido impor a sua scintillante individualidade em paizes estrangeiros.

Nas suas primorosas obras rutilam os feericos clarões d'uma alma illuminada pela intuição profunda dos mais altos problemas sociologicos e dos mais nebulosos segredos psychicos.

Professor de litteratura da Universidade de Münster tem com inexcedivel intelligencia e criterio desempenhado-se tão bem d'este cargo com que o seu paiz honrou o seu indiscutivel merito, que em todos os allemães cultos existe uma verdadeira admiração e respeitosa sympathia pelo grande mestre.

Não obstante os numerosos louros de que está aureolado, caracterisa-o a mais intransigente modestia.

As ovações ruidosas da critica apaixonada a que se procura eximir, não se coaduciam com a idiosyncrasia de Storck, tão vincadamente philosophica.

O seu bello caracter está inteiramente depurado dos fatuos brilhos da vaidade, e o trabalho a que se entrega, com febricitante ardor, não o deixam preoccupar com o pensamento consciencioso de quanto vale: é como que um olhar sedento de luz que, á medida que vae descortinando novos e luminosos horisontes, vae olvidando-se da gloria do que avistou para se embriagar com a espectativa do que póde vir a ver...

Já tivemos ensejo em precedentes registos bibliographicos de falar de alguns dos trabalhos elaborados pelo fecundo talento de Storck e, principalmente, dos que se referem ao nosso paiz, pois que é um dos vultos estrangeiros que, com mais acrisolado amor e desvelada dedicação, tem contribuido para dilatar o conhecimento da nossa litteratura lá fóra.

Resta-nos, pois, na homenagem que hoje lhe vimos render n'estes leves traços, deixar simplesmente assignalado um reflexo da funda admiração e perduravel reconhecimento que votamos a uma das mais fulgurantes individualidades da Allemanha.

MANAS

(INÉDITO)

Carinha a mesma, mesmo vestido,
Muito eguaesinhas, suspeita a gente
Que o vento, em girias velho sabido,
D'algum fragrante pomar florido
As trouxe um dia n'um beijo ardente.

E as trez, tão lindas, lembram as fadas,
Que alegres passam n'uma opereta.
Mas chega um carro todo ás bordadas,
E logo param, muito assustadas,
Em fila todas e de luneta.

Depois, n'um mesmo gentil compasso,
Muito eguaesinhas, as trez alfaias,
Uma traz outra, marcando o passo,
Passam com muito desembaraço,
De pedra em pedra, soerguendo as saias.

Tal similhança, deve ser certo
Que outra por demiro lhe corresponda:
Egual anceio, sonho encoberto,
Noivo em jornada, já muito perto,
Principe insigne da Trehizonda.

D. JOÃO DA CAMARA

ANTONIO PADULA

Filho do privilegiado e delicioso paiz — a Italia — onde o azul immaculado do firmamento parece imprimir-se na inspiração dos seus poetas, Antonio Pádula, em todas as manifestações do seu bello talento revela a feição particular á sua naturalidade.

Absorvendo-nos na leitura das suas obras, vê-se a grande alma do artista.

O seu nome não está só gravado nas paginas brilhantes da litteratura, italiana; deve-o estar tambem nas almas de nós, portuguezes, porque elle é um grande amigo do nosso paiz.

As versões que tem feito das obras das nossas mais gloriosas individualidades litterarias, ratificam bem accentuadamente as nossas palavras. Elle sente, enthusiasticamente, as pulsações das almas dos nossos poetas e, quando os traduz, acompanha-os nas mais vivas emoções ou nos mais reconditos segredos.

O encantador livro do Conde de Monsaraz cuja traducção elle fez recentemente, dá um bem alto testemunho do primoroso lyrismo que é a nota frisante que aureola a sua personalidade.

Foi tambem por iniciativa de Antonio Padula que se fundou em Italia a *Sociedade de Luiz de Camões* onde se realisam, frequentemente, conferencias que teem por fim dilatar o conhecimento da litteratura portugueza e pôr em foco a grande e immortal obra do cantor das nossas glorias nacionaes.

Esta sympathica associação tem admiravelmente attingido o seu fito e correspondido ao pensamento altruista que presidiu á sua fundação. A propaganda que até então ali se tem feito do nosso material litterario, tem sido a mais elevada e manifesta consagração ao nome da nossa patria.

Se é um legitimo orgulho sabermos o fervor com que tem sido acolhido o impulso que tende a vulgarisar os conhecimentos da nossa litteratura nos intellectos cultos da Italia, não é um dever menos imperioso registar nos nossos corações o benemerito nome de quem tem contribuido para esta vulgarisação. E' elle, Antonio Padula, o preclarissimo escriptor a quem hoje tributamos esta modesta homenagem e a quem o nosso governo fez ha pouco evidente justiça em agraciar com o officialiato de S. Thiago.

Esteja, portanto, a alma portugueza não só cheia de admiração, mas vibrante de reconhecimento para com este bom amigo a quem as nossas desesperadas agonias não afugentam nem os nossos angustiosos desalentos intimidam a enfraquecer a sympathia devotadissima que tem pela nossa querida patria.

A MORTA

Amára-a doidamente! Porque é que se ama?! Que coisa tão extragavante não se ver no mundo mais que uma creatura, não se ter no espirito mais que um pensamento, no coração mais que um desejo, na bocca mais do que um nome: — um que sobe incessantemente, que sobe, como a agua d'uma nascente, das profundezas da alma, que sobe aos labios, e que se diz, que se rediz, que se murmura sem cessar, em toda a parte, como se fôra uma oração!

Não contarei a nossa historia. O amor só tem uma historia, que é sempre a mesma. Encontreia-a e amei-a. Eis tudo. E durante um anno vivi da sua ternura, nos seus braços, nas suas caricias, no seu olhar, nos seus vestidos, na sua voz, dominado, enleiado, preso por tudo o que vinha d'ella, de um modo tão completo, que eu nem já sabia quando era dia ou quando era noite, e se estava morto ou vivo, na velha terra ou em outro mundo!

E eis que ella morre! Como... não o sei; já o não sei.

Regressou a casa, molhada, n'uma tarde de chuva; e, no dia seguinte, tinha tosse. Tossiu durante uma semana, e recolheu-se á cama.

Que se passou!? Já o não sei.

Os medicos vinham, escreviam, retiravam-se. Chegavam remedios; uma mulher fazia-lh'os tomar. As suas mãos estavam quentes, a testa ardente e humida, o olhar brilhante e triste. Fallava-lhe e respondia-me. Que foi o que um ao outro dissemos? Já o não sei. Tudo esqueci, tudo, tudo! Ella... morreu! Lembro-me muito bem do seu ultimo suspiro, um pequeno suspiro, tão debil... o ultimo. A enfermeira disse: Ah! comprehendi, comprehendi!

Nada mais soube. Nada. Vi um sacerdote que me disse estas palavras: *a sua amante*. Pareceu-me que elle a insultava. Visto que estava morta, ninguem tinha direito de saber isso. Pul-o fóra de casa. Veiu outro, que se mostrou muito bom, muito delicado. Chorei quando me fallou d'ella.

Consultaram-me sobre mil coisas para o enterro. Já o não sei. Lembro-me todavia do caixão mortuario, das pancadas de martello, quando a deitaram dentro. Ah! meu Deus!

Foi enterrada! Enterrada! Ella, n'aquella cova! Assistiram algumas pessoas, algumas amigas. Fugi. Deitei a correr. Caminhei por muito tempo atravez dos ruas. Depois, entrei em casa No dia seguinte, partiu para uma viagem.

***

Hontem, regressei a Paris. Quando tornei a ver o meu quarto de dormir, o nosso quarto de dormir, a nossa cama, os nossos moveis, essa casa toda, em que ficará tudo o que fica da vida d'um ser depois da sua morte, fui assaltado por um novo accesso de dôr tão violenta, que estive quasi para abrir a janella e deitar-me á rua. Não podendo permanecer por mais tempo no meio d'essas coisas, d'esses paredes, que a tinham encerrado, abrigado, e que deviam conservar nas suas frinchas inpercepetiveis mil atomos d'ella, da sua carne e da sua respiração, peguei no chapeu, para fugir. Todavia, ao transpor a porta, passei diante do grande espelho do vestibulo, que ella tinha mandado collocar alli para se ver, dos pés á cabeça, todos os dias, ao sair, para examinar se a sua *toilette* ia bem, se era correcta, e elegante, desde as botinas até ao penteado.

E parei de subito, em frente d'esse espelho,

que tantas vezes a tinha reflectido· Tantas vezes, tantas, que devia ter conservado em si a imagem d'ella!

Eu estava ali, em pé, tremente, com os olhos fixos sobre o vidro, sobre o vidro plano, profundo, vasio, mas que a continera por inteiro, que a possuira como eu, como o meu olhar apaixonado. Pareceu-me que amava esse espelho —apalpei-o; estava frio. Oh! a recordação! a· recordação! espelho doloroso, espelho ardente, espelho vivo, espelho horrivel, que faz soffrer todas as torturas! Felizes os homens, cujo coração, em que deslisam, e se apagam os reflexos, esquece tudo o que conteve, tudo o que diante de si passou, tudo o que se contemplou, se mirou, nos seus affectos; no seu amor! Que soffrimento!

Sai de casa; e, machinalmente, sem o saber, sem o querer, fui dar ao cemiterio.

Achei o seu tumulo, singelo, encimado por uma cruz de marmore, com estas palavras: *Amou, foi amada e morreu.*

Ella estava ali, ali debaixo, na podridão? Que horror! Desatei a soluçar, com o rosto sobre a terra.

Assim fiquei muito tempo, muito tempo. Depois, percebi que caira a noite. Então, um desejo extravagante, louco, um desejo de amante desesperado se apossou de mim. Quiz passar a noite perto d'ella, a ultima noite, a chorar sobre a sua campa. Mas, se me vissem, expulsar-me-iam. Que fazer? Recorri a um estratagema. Levantei-me, e puz me' a vaguear por essa cidade dos desapparecidos. Caminhava, caminhava. Que pequena que é essa cidade ao lado da outra, d'aquella em que se vive! E todavia, quanto mais numerosos são que os vivos esses mortos! São-nos precisas grandes casas, ruas, tão grande espaço para as quatro gerações, que contemplam o dia, e que ao mesmo tempo hebem a agua das fontes, o vinho das vinhas e comem o pão dos campos. E, para tantas gerações de mortos, para toda a escala da humanidade que chegou até nós, quasi nada, um campo, quasi nada! A terra de novo se apodera d'elles, e volvido os apaga. Adeus!

Ao fim do cemiterio habitado descobri de repente o cemiterio abandonado, aquelle em que os velhos defuntos acabam de se misturar com a terra, onde as proprias cruzes apodrecem, onde ámanhã serão sepultados os ultimos que chegarem Está cheio de roseiras livres, de cyprestes vigorosos e negros, um jardim triste e soberbo nutrido de carne humana.

Estava só, perfeitamente só. Aninhei-me n'uma arvore verde. Fiquei de todo escondido entre os seus ramos folhudos e sombrios.

Esperei, agarrado ao tronco, como um naufrago sobre um destroço.

***

Quando a noite se fez escura, muito escura, deixei o meu refugio e puz-me a caminhar levemente, a passos lentos, a passos surdos, sobre esta terra cheia de mortos.

Vagueei por muito tempo. Não com ella! Com os braços estendidos, os olhos abertos, tocando nos tumulos com as mãos, com os pés, com os joelhos, com o peito, com a propria cabeça, caminhava sem dar com ella. Tateava, apalpava como um cego que procura a sua vereda, apalpava pedras, cruzes, grades de ferro, corôas, flores fanadas! Lia os nomes com os meus dedos, passeiando-os por cima das lettras. Que noite, que noite! E não a encontrava!

Não havia luar! Que noite! Tinha medo, um medo horrivel, n'aquellas ruas estreitas, entre duas linhas de tumulos. Tumulos! Sempre tumulos! Á direita, á esquerda, em frente de mim, em volta de mim, por toda a parte, tumulos. Sentei-me sobre um d'elles, porque já não podia andar, de tanto que os meus joelhos vergavam. Ouvia bater o coração! E ouvi tambem outra cousa O quê? um ruido indefinivel! era na minha cabeça allucinada na noite impenetravel, ou debaixo da terra mysteriosa, debaixo da terra semeada de cadaveres humanos, que nascia esse ruido? Olhava em roda!

Quanto tempo estive assim? Não o sei. Estava paralysado pelo terror, ebrio de espanto, prestes a urrar, prestes a morrer!

E de subito pareceu-me que a cobertura de marmore sobre que me assentára se mexia. Sem duvida, mexia-se, como se alguem a levantasse. D'um pulo, lancei-me sobre o tumulo proximo, e vi, sim eu vi a pedra que acabava de deixar erguer-se a pino, e o defuncto apparecer, um esqueleto nú, que com o dorso curvado a erguia. Eu via, via muito bem, apezar da escuridão da noite. E sobre a cruz pude lêr:

«Aqui jaz Thiago Olivant, fallecido na edade de cincoenta e um annos. Amava os seus foi honrado e bom, e morreu na paz do Senhor.»

O defuncto lia tambem as palavras escriptas sobre o seu mausoleu. Em seguida, apanhou uma pedra na rua, uma pequena pedra aguçada, e poz-se a riscar cuidadosamente aquellas palavras. Apagou-as de todo, vagarosamente, mirando com os seus vasios o sitio, em pouco antes estavam gravadas; e, com a extremidade do osso, que tinha sido o seu dedo indicador, escreveu em lettra luminosas como essas linhas que se traçam n'um muro com a extremidade d'um phosphoro:

SOROR MARIANNA
Quadro da Condessa do Alto Mearim

«Aqui jaz Thiago Olivant, fallecido na edade de cincoenta e um annos. Por seus maus tratos, apressou a morte de seu pae de quem queria ser herdeiro torturou sua mulher, atormentou seus filhos, enganou seus visinhos, roubou sempre que pôde e morreu miseravel».

Quando acabou de escrever estas palavras, o defuncto, immovel, quedou-se a contemplar a sua obra E percebi então, relanceando os olhos em volta, que todos os tumulos estavam abertos, que todos os cadaveres tinham sahido, que todos tinham apagado as mentiras inscriptas pelos parentes sobre a pedra funeraria, restabelecendo a verdade.

E via que todos tinham sido os algozes dos seus proximos, odientos, sem honra, hypocritas, mentirosos, malvados, calumniadores, invejosos; que tinham roubado, praticado actos vergonhosos, actos abominaveis — todos esses bons paes, essas esposas fieis, esses filhos dedicados, essas donzellas castas, esses commerciantes probos, esses homens e essas mulheres, que se inculcavam como irreprehensiveis.

Escreviam todos ao mesmo tempo, sobre o limiar de suas eternas moradas, a cruel, a terrivel, a santa verdade, que toda a gente ignora ou finge ignorar sobre a terra.

Pensei que *ella* tambem a devia ter traçado sobre o seu tumulo. E então, sem medo, correndo por meio dos cadaveres, por meio dos esqueletos. procurei o, certo já de a encontrar

Reconheci a de longe, sem lhe vêr o rosto, envolto no sudario.

E sobre a cruz de marmore, em que, pouco, antes eu tinha lido:

«Amou, foi amada, e morreu».

Li então:

«Tendo um dia sahido de casa para trahir o seu amante, a chuva causou-lhe um resfriamento, e morreu».

***

Creio que me ergueram sem sentidos, ao nascer do dia, perto d'um tumulo!

. . . . . .

Guy Maupassant.

DR. GORAN BJORKMAN

Formado em philosophia desde de 1894, o preclarissimo escriptor a quem hoje vimos tributar singella homenagem, é conhecido e admirado em todo o mundo culto pelos invulgares conhecimentos e pela extremada actividade que tão accentuadamente o individualisam no campo das lettras e da sciencia.

A Suecia Norruega, esse bello paiz d'onde nos ultimos tempos teem dimanado tão nobres impulsos e que tem gerado no seu fertil meio intellectivo as mais valorosas concepções pedagogicas, pode com justificado orgulho contar no dr. Goran Björkman umas das suas mais brilhantes glorias scientificas e litterarias.

As mais importantes collectividades intellectuaes do mundo teem visto no grande escriptor uma personalidade de um merito tão real que o teem nomeado seu membro e conferido-lhe as mais elevadas honras que podem ser dispensadas a um talento de tão puro quilate.

Assim a Allemanha, a Inglaterra, a Hespanha, o Brazil e a França teem agraciado com honrosas ordens o grande escriptor sueco.

Do nosso paiz é um amigo devotadissimo, sendo na Suecia o unico traductor da nossa litteratura, tendo feito numerosas versões para a sua lingua das obras dos nossos mais eminentes escriptores.

Fez um estudo interessantissimo sobre Anthero do Quental, e que pode ser aquilatado d'um valor incontestavel pela analyse minuciosa com que o abalisado critico profunda a obra d'este nosso grande e immortal poeta.

Tem traduzido tambem numerosos sonetos de Camões, vertendo admiravelmente para a sua lingua as divinas inflexões lyricas que levaram á posteridade o grande cantor das maravilhosas aventuras do ousado espirito portuguez, em todos os corações onde fulge a dubia claridade da aurora do sentimento.

Actualmente, tem no prélo a versão do *Suave Milagre* do Conde de Arnoso e a brilhante peça theatral, *Ceia dos Cardeaes*, de Julio Dantas, que foi ultimamente levada á nossa scena com desusado successo.

Polyglotto distinctissimo, tem tambem traduzido grande numero de obras litterarias do castelhano, italiano, francez e allemão.

Esboçando a largas e fugitivas pinceladas estas linhas para acompanhar o retrato que hoje inserimos do dr. Goran Björkman, procuramos, fugazmente, reflectir a profunda admiração que tributamos a um dos mais valorosos e laureados vultos que, justamente, avassallam o mundo intellectual.

(DE BYRON)

O amor feliz não dura; a saciedade
Em breve carcomeu suas raizes;
Mas, amor como o nosso, d'infelizes,
Atravessa os humbraes da eternidade!

Trad. de Alice Moderno.

Claudia de Campos

ULTIMO AMOR

(ROMANCE)

Labios que não articulem banalidades ou tolices; mãos brancas e vibrateis, por onde a pureza da raça se distingue; corpos esbeltos e bem lançados, gentilmente vestidos. Para esses, as mulheres que taes predicados não possuam, são como se não existissem. Junto d'ellas não ha prazer, nem amor, que seja possivel.

Em Mario, o amor só podia desabrochar rodeado de um scenario condigno, que as provincianas, relacionadas com sua familia, ignoravam absolutamente.

A principio todas diligenciaram agradar a esse rapaz silencioso, de olhar velado, como perdido em longiquas visões, com melancholias brumosas do norte, para o detestarem em seguida, humilhadas pela sua completa indifferença.

—«E' um tolo, um impostor... Julga-se talvez um principe... O que será elle mais do que nós? Commentavam ellas entre si, mordidas de despeito.

Quando alguma d'estas observações chegava, pela irmã, aos ouvidos de Mario, elle ria sem dizer nada, limitando-se a evitar encontros que, dado o seu feitio, lhe não podiam agradar. Logo que poude esquivar-se a esta convivencia, principiou a dar, com Fanny e Angelina, que pela sua bondade e pelo seu bom senso era uma companheira agradabilissima, longos passeios pelas circumvizinhanças.

—«Se nós fossemos até á praia das Mouras? propôz Fanny um dia.

—«E' talvez já tarde, observou Mr. Salter. Olhem que d'aqui lá são tres leguas.

—«Não importa, respondeu Mario, consultando o relogio. São duas horas apenas, partimos sem demora, levamos *lunch* e jantamos á noite...

Está combinado?

—«Sim .. sim... respondeu logo Fanny, contentissima, batendo as palmas. E lançando os braços em volta do pescoço de Mr. Salter:

—«O papázinho dá licença?...

—«Com teu irmão podes ir onde quizeres.

Ao ouvir esta resposta onde se adivinhava um profundo affecto, Mario, agradecido, beijou a mão ao pae.

Para esconder a commoção que o dominava, Mr. Salter uniu n'um abraço os dois filhos, acrescentando:

—«Então saiam sem perda de tempo.

—«Vou mandar um bilhete á Angelina, que ha-de gostar muito de ir, e avisar a mamã...

—«Levamos creada?

—«Não, volveu Mario, tem mais graça assim.

—«Muito bem .. encarrego-me de servir a todos. E verás que tenho geito... Vae mandar pôr a carruagem, emquanto eu trato do resto; e dizendo isto, Fanny desappareceu, ligeira, pelos corredores, emquanto o' irmão chamava um creado.

A ida foi muito agradavel. O tempo estava esplendido. A praia das Mouras — praia espaçosa e bella no seu isolamento, que nenhuma embarcação e nenhum banhista vinham perturbar — é flanqueada por altos rochedos, abrindo-se em pequenas grutas, onde se póde descançar e procurar abrigo contra o sol. Depois do *lunch*, muito bem servido por Fanny, alegre e viva como um passarito, com o seu grande avental claro, foram todos sentar-se sobre um massiço de rochas, contemplando ora o ceu azul, onde o sol, áquella hora, espalhava uma poeira dourada, ora o lento arfar do vasto oceano, onde as ondas, de um verde transparente, se rasgavam em espumosos rendilhados. Recordando-se n'aquelle momento, de uns versos de Longfellow, que havia pouco lera, Mario ergueu a voz, e recitou a poesia que principia assim:

Ah! what pleasant visions haunt[1] me
As I gaze upon the sea!
All the old romantic legends,
All my dreams come back to me.

Quando elle acabava de dizer as últimas palavras d'estes versos encantadores, os quaes tanto se relacionavam com o estado da sua alma em frente das grandezas do oceano, que ali se lhe estendia aos pés, e que tão attentamente eram ouvidos pelas intelligentes e doces companheiras do seu passeio:

Till my soul is full of longing
For the secret of the sea
And the heart of the great ocean
Sends a thrilling pulse through me[2]

um molho de rosas veiu cair no regaço da filha do dr. Macedo, que soltou um pequeno grito, levantando-se immediatamente.

—«Assustei-te? perguntou uma doce voz feminina.

—«Ah! Guida, és tu? Que boa surpreza! E, dizendo isto, Angelina saltou para a praia, emquanto uma senhora nova principiou a descer, apoiada a uma vara, a ingreme ladeira cortada na rocha.

Angelina foi-lhe ao encontro e beijando-a:

—«Onde estavas, que te não vi?

—«Lá em cima, cheguei ha pouco. Ouvi vozes, debrucei-me... recitavam... escutei... reconheci-te; e não quiz retirar-me sem te dizer adeus.

Quando Margarida de Lencastre acabava de dar esta explicação, Mario e Fanny approximaram-se.

Angelina apresentou-lh'os. Ella saudou-os com altivez—altivez que a sua posição melindrosa explicava e absolvia—e voltando-se para a amiga:

—«Vou deixar-te...

—«Já! Não... fica mais um bocado!

Fanny, toda preoccupada em ser agradavel ao irmão, lembrando-se logo do interesse por elle testemunhado quando ouvira falar n'aquella senhora, que agora viam pela primeira vez, e muito innocente para se prender com as pequeninas formalidades convencionaes, dirigiu-se, com a sua captivante meiguice, a Margarida, dizendo:

—«Junto o meu pedido ao de Angelina. Gostava tanto que nos acompanhasse o resto da tarde..

Margarida olhou bondosamente para a creança que lhe falava; em seguida os seus olhos ergueram-se um instante para Mario, que esperava, ancioso, a decisão, fazendo, com a bengala, arabescos na areia.

—«Não saberia recusar um pedido tão delicado e espontaneo... respondeu ella depois de uma breve hesitação, sorrindo para as duas meninas e virando propositadamente as costas a Mario, como para lhe significar que elle não influira em nada na sua resolução.

Fanny, contente de ver, pela physionomia do irmão, que lhe advinhára os desejos, agradeceu a condescendencia de Margarida, e propoz darem um passeio até á outra extremidade da praia, onde os rochedos agrupados faziam lembrar um castello em ruinas.

Emquanto ellas caminhavam entretidas a conversar, Mario, um pouco mais atraz, contemplava a figura alta e esbelta de Margarida, apertada n'um vestido de flanella azul escuro com barras de seda creme, harmonisando-se, na sua elegante simplicidade, com a côr da pelle, de uma pallidez baça, como se fora polida pelas lagrimas choradas, e a côr dos cabellos, de um castanho dourado, que o pequeno chapeu *canotier* deixava livremente admirar.

Continúa.

[1] Ah! Que agradaveis visões me acodem ao espirito quando contemplo o mar; todas as velhas lendas romanticas, todos os meus sonhos me recordam

[2] Até que a minha alma fica cheia de anciedade por conhecer o segredo do mar, e eu sinto dentro de mim o pulsar penetrante do coração do grande oceano.

UMA VELHA ARIA

Sob a minha janella solitaria,
Cabello ao vento, o rosto bronzeado,
Canta um bohemio uma soturna aria
Ao som d'um violão desafinado.

E é da minha provincia essa aria linda
No seu tosco solemne de linguagem;
E traz seu sol a escachoar ainda;
Mascarrou-a de luz sua paysagem.

Abre-me o céo a bocca irreflectida,
D'esse bohemio audaz que por ahi passa,
No seu violão que chora a minha Vida,
Na sua voz que diz minha desgraça,

E eu que sou um artista insaciado,
Eu que orgulhoso sou e intelligente,
Quizera eu ser o musico ignorado
D'essa aria mediocre, plangente.

Que de recordações, mortas esp'ranças
Me não vêm d'aquelle violão:
Talvez encordoado d'umas tranças,
Taboa que tenha sido um coração.

E elle chora-me tanto e diz-me tanto
No seu triste cantar claro e profundo,
Que me não custa a crer que sob o pranto
Viva alli uma alma do Outro-Mundo.

Estupido, boçal, a bocca torta,
É o bohemio audaz que alli passou;
E, mundo em fora, vae de porta em porta
Vender em cantos o que alguem chorou.

Falla na dôr; e a sua vida é calma;
Não ha alli coração: ha só garganta...
Mas que importa, se a voz me entra na Alma,
Que não sinta, se eu sinto o que elle canta!

E eu qu'ria ser um boemio ainda,
Imbecil como elle e sem soffrer,
A cantar uma aria assim tão linda...
A tropeçar nas Almas, sem as ver!

GUEDES TEIXEIRA.

A disposição para crêr no maravilhoso procede de duas causas: d'um sentimento religioso muita desenvolvido, ou da falta de equilibrio entre a imaginação e a razão. Os phantasmas só nas trevas apparecem; um paiz ignorante é sempre miraculoso.

LAMARTINE.

SERÕES

Recebemos o n.º 17 d'esta revista illustrada, a qual continua a ser uma publicação esmerada, pela escolha e variedade de assumptos, como tambem pela belleza e bom gosto da sua numerosa illustração e magnifico papel de arte. Revista popular de vulgarisação de conhecimentos e de leitura amena, sustenta brilhantemente a comparação com as publicações extrangeiras de genero similhante, em qualidade e no preço.

EXPEDIENTE

Só no proximo numero poderemos publicar a musica para canto, dedicada á memoria de D. Maria do Mello (Sabugosa).

Numero 23 e 24 — Lisboa, 1 de Maio de 1903 — Anno I

Sociedade Futura

REVISTA QUINZENAL

DIRECTORA — MARIA OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
3 mezes ..... 330 réis
6 » ..... 660 »
1 anno ..... 1$200 »
Numero avulso 60 réis

Secretaria — VIRGINIA GUERRA QUARESMA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
51 — RUA DA GLORIA — 51
LISBOA

IMPRESSO NA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua das Gaveas, 29 e 31

EDITOR
HENRIQUE PINTO DO AMARAL

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

FRAGMENTO D'UM PROGRAMMA MUSICAL

II

Quando a Allemanha estava oppressa, Schubert illumínou o lyrismo dos seus Poetas com o colorido melodico da ionalidade popular, vivificando d'esta fórma o genio germanico.

Como a *Allemanha* no tempo de *Schubert*, tambem *Portugal* atravessa agora uma crise de pressiva, e para levantar o genio nacional é preciso communicar-lhe a consciencia da sua individualidade ethnica e historica.

A revelação dos seus Poetas torna-se uma necessidade; a essa palavra genial tentaremos ligar a melodia espontanea, emoldurando-a simplesmente, para melhor se evidenciar.

A poesia lyrica portugueza desde a epoca dos seus Trovadores até ao presente é de uma belleza incomparavel pelo encanto da fórma, e sobretudo pela emoção ardente e apaixonada que encerra.

As Canções de D. Diniz, os Vilancetes de Christovam Falcão ou de Bernardim Ribeiro, Sonetos e redondilhas de Camões e Rodrigues Lobo, as Lyras de Gonzaga, ou as estrophes de João de Deus, não acham rival em nenhuma litteratura moderna.

E' ahí que se nos manifesta a alma portugueza, fazendo-nos entrar na comprehensão da melodia simples mas tambem repassada de *sentimento*.

E' da palavra, que exprime a situação, que deve sahir o contorno da phrase musical, que se desenvolverá no discurso melodico.

O canto da lingua nacional tem-se tornado obrigatorio; a revolução de Wagner não consistiu tanto no desenvolvimento symphonico do Drama musical, como na adaptação da lingua allemã ao canto, trabalhando essa lingua com o emprego da *rima*, da *assonancia* e da quasi abandonada *alliteração*.

Importa pois preparar a expressão verbal para ter condições musicaes, e destruir o preconceito que a nossa lingua não é cantavel.

Para que as palavras sejam musicaes é preciso que possuam um caracter uma côr e um rythmo harmonico e regular.

Os versos curtos são em geral os mais favoraveis á musica; os de dez e doze syllabas convém principalmente a motivos largos ou recitativos; os de oito não servem para *couplets*, exceptuando certos casos em que ha conformidade de rythmos e concordancia de todas as estrophes nas syllabas de apoio.

A mistura de versos, de rimas ou metros differentes, é por vezes de feliz resultado, quando habilmente agrupados.

Os nossos poetas despreoccupados de toda a relação da poesia com a musica, não escolhem metros certos, apropriados a phrases melodicas de pequeno ambito, nem escolhem a palavra que tenha consoantes menos duras ou chiantes; visando simplesmente ao discurso fallado, dão uma extensão a cada poesia que excede todo o quadro musical.

O MINUETE — Quadro de SCHMUTZLER

E' pois de grande alcance para a arte, que poetas e musicos se aproximem, e de mutuo e consciente accôrdo trabalhem para a creação de uma musica artistica nacional.

Seguindo este caminho, quer dizer, ligando a versificação e o canto, veremos surgir para as duas artes uma epoca de vigoroso renascimento.

E' este o ideal que nos dirige, n'esta tentativa de apresentação de *Melodias portuguezas*.

CONDESSA DE PROENÇA A VELHA.

O NOSSO ANNIVERSARIO

Completa hoje o primeiro anniversario a nossa revista.

Convictas de que temos cumprido o nosso lemma, de que nos temos mantido inalteravelmente no nosso posto e orgulhosas pelo indulgente acolhimento que o publico nos tem dispensado, registramos com prazer esta data.

Não representa, decerto, uma victoria gloriosa em prol do nosso Ideal; sabemos, e bem, que não pode a Historia da evolução do femenismo aureolar-se com mais um louro pelo que, no nosso humilde trabalho, temos feito em seu favor. Todavia representa, para nós, um anno de luctas e de novos estimulos adquiridos para mais accentuarmos a nossa tentativa, para proseguirmos, fitando o olhar no horizonte esfumado do porvir, com mais amor na nossa empreza.

A nossa revista tem sido para todos e o publico intelligente e illustrado assim o tem comprehendido.

Temo-nos esforçado para que a todos dê uma parcella de interesse; e assim nas diversas secções insertas apenas temos visado que tão lida seja na modesta habitação do simples operario onde lhe vá suavisar as escassas horas de ocio, como no elegante *boudoir* da dama aristocrata onde vá, por momentos, preoccupal a com a reflexão do papel elevado que a futura sociedade culta lhe imporá.

O caracter instructivo aliado ao recreativo tem sido o nosso fito.

A orbe intellectual do nosso paiz é ainda muito restricta para que n'ella fortifiquem ideias aridas e sopros gélidos de philosophias excessivamente graves e pesadas. O methodo esthetico para esclarecer espiritos embryonarios ou incultos é, sem duvida, um processo efficaz e cujas vantagens hão-de ser reconhecidas n'esse futuro tão indeciso da nossa tão querida Patria onde agora, idealmente, mergulhamos os olhos sedentos da luz da razão e da justiça.

Não podemos fazer chegar o nosso povo ao conhecimento d'uma verdade que lhe abra os humbraes do seu viver feliz e da sua autonomia individual sem que, primeiramente, procuremos, por meios habeis, illuminar-lhe o espirito e fazer vibrar-lhe as fibras mais delicadas do sentimento.

O louvor, tambem, ao merito é um dever intellectual para quem o dá e, simultaneamente, um prazer e um estimulo para quem o recebe e para quem o ouve ou lê. E' por isso que nós, propondo-nos a trabalhar em defeza da educação da mulher, temos aberto galerias onde pretendemos focalisar as individualidades femininas mais em preeminencia no mundo das Artes das Lettras e da Sciencia.

Começa o nosso anno novo e com elle novos alentos e doiradas esperanças entrevimos para continuarmos mais intensa e confiadamente na nossa lide.

Multiplos e vastos melhoramentos pensamos em introduzir na nossa revista e, n'esta lucta amoravel e desinteressada, apenas nos bafeja a esperança de continuarmos a merecer as sympathias dos nossos estimaveis leitores e os applaude a nossa consciencia.

PERFIS FEMININOS

Condessa do Alto-Mearim

No mundo da Arte e na mais alta esphera social destaca-se, soberanamente, esta illustre dama pelos dotes de espirito e de coração que a adornam.

As concepções artisticas onde tem concretisado um sentimento tão subtilmente esthetico e esmeradamente cultivado, são a mais cabal demonstração do seu formoso e peregrino talento. As suas telas parecem estar todas empregnadas das rescendencias espirituaes que se emanam da sua sympathica individualidade.

Pode affirmar-se, convictamente, que é uma pintora consagrada. Tanto em exposições nacionaes como nas estrangeiras tem echoado, gratamente aos nossos ouvidos de portuguezas, vibrantes applausos ao indiscutivel valor artistico da nossa gentilissima compatriota.

Residindo habitualmente em Paris, ali, no grande centro intellectual tem a Sr.ª Condessa de Alto Mearim podido dar expansão ao seu requintado gosto pela Arte, orientando-o admiravelmente.

E, ao vermol-a tão maravilhadamente suggestiva de esplendôr e formosura, evoca-se-nos a reminiscencia da suavidade etherea e dos coloridos rosicleres com que Rafael traçou as suas Virgens = essas creações divinas que a alma da nossa illustre perfilada, sedenta de luz, tem de certo, idealmente entrevisto nas aladas phantasias do seu culto pela Arte.

CANTARES

Dichas, amor y esperanza
del alma inquieta delirios
lagrimas y desengaños
forman los cantares mios.

No me finjas la pasión
pues seria una crueldad
abrir la puerta del cielo
para volverla á cerrar.

Cuando recibo tuas cartas
me parece que recibo
en cada linea un abrazo
y en cada letra un suspiro.

Tu dices que no me has visto
hace lo menos un año
yo te veo á cada instante
á fuerza de desearlo.

Fué tu amor como relámpago
que mis ojos deslumbró
tan sólo duró un instante
y por siempre me cegó.

Todo presidiario canta
cuando rompe su cadena
yo quiero cantar alegre
que se acabaron mis penas.

(Do livro — *Notas del Alma*).

CARMEN DE BURGOS Y SEGUI.

«MISERERE NOBIS!»

In illo tempore — havia em Coimbra um velho chamado dr. Nunes, que era lente da Universidade. Este dr. Nunes tinha sido por signal, professor de D. Pedro V, e já eu o não conheci por lá

Mas era pelos modos um santo velho, muito amigo dos rapazes, deixando-os fazer na aula tudo o que elles queriam!

Estudar, nem palavra! Bem podia moer-se o dr. Nunes a explicar-lhes a *Encyclopedia*, que os rapazes não queriam saber de *Encyclopedia*, todos os dias iam para a aula completamente em branco; jogavam de porta; quando o dr. Nunes chamava algum, esse respondia — *não vi!* — e se sempre havia um que dava lição, o pandego disparatava á larga e sem se importar; — fóra o mais!

O mais, era, por exemplo, judiaria grossa dentro da aula: espirros geraes do curso quando o dr. Nunes fungava a sua pitada, um — *atchim!* — monumental que era de ir abaixo a Universidade; e tiroteios com balas de artilheria feitas de jornaes velhos de bancada para bancada, acompanhados, já se vê, do ruido do tiro — *Pum!* — *Pum!* — *Pum, pum!* Em certos momentos de silencio outras vezes, quando cada um lia o seu romance e o dr. Nunes explicava *Encyclopedia* unicamente ao seu lenço de assoar, ouvia-se de lá um — *Ai!* — como de viuva, muito gemido, que era de cortar o coração!

... Atraz do ai, uma gargalhada geral!

E o dr. Nunes, coitado, — moita!

Lá ia moendo a *Encyclopedia* até dar o quarto; e quando a arruaça é como se a não ouvisse.

Moita, o dr. Nunes!

Deixar brincar os rapazes!

Quando apparecia algum *ouvinte* o ouvinte tinha que ver com os rapazes; e outras vezes, era o *bode expiatorio* o proprio bedel! Quando o bedel se punha a ver quem faltava, passando os olhos, muito de vagar, pelas bancadas do curso, havia sempre meia duzia de rapazes que se agachavam — fingido que tinham faltado .. O bedel, é claro, marcava-lhes faltas, e o dr. Nunes tambem. Mas no fim, quando o bedel repetia os numeros dos que *faltavam*, cada qual defendia-se logo.

— Não senhor! Estou aqui!

— Não senhor! Estou presente!

— *Adsum!*

— *Ecce!*

Um grande banzé!

E o bedel... a bufar!

E o dr. Nunes... moita!

Mas um dia, de que demonio se haviam de lembrar os rapazes? De cantar na aula uma Ladainha!

E rompe o n.º 1:

— *Santa Virgo Virginis!*

E logo o curso todo, em grande instrumental, uns de baixos, outros de tenores, outros de contraltos, e os restantes formando a orchestra — responde n'um alarido medonho:

— *Ora pro nobis!*

... E o pobre do Nunes, — moita!

Mas quando chegou ao fim a Ladainha, — parece que o Nunes accordou, e sahe-se com esta para o curso todo!

— Muito bem! muito bem! Os senhores agora dizem *Ora pro nobis*. Pois no fim do anno, no fim do anno dirão — *Miserere nobis!*

TRINDADE COELHO.

HENRY FAURE

Publicamos hoje no nosso *Cancioneiro estrangeiro* a traducção franceza d'um fragmento do poema — *Doze de Inglaterra*, essa extraordinaria poesia de engenho e de arte que é mais um producto glorioso da gigantesca erudição do sr. dr. Theophilo Braga.

O grande prazer que experimentamos, em inserir esta versão inédita, devêmol-o á amabilidade do seu traductor e illustre poeta o nosso presadissimo amigo, Henri Faure, que muito gentilmente nol a offereceu.

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

DOS DOZE DE INGLATERRA

Versos de Theophilo Braga

AU DÉFILÉ DE RONCEVAUX

La fureur du combat en ce moment redouble.
Au fort de l'action, Roland, que rien ne trouble,
Du vaillant Olivier fait la rencontre.
Il dit:
«Frère d'armes, tes coups portent tous; il suffit
«Pour battre ces payens du talon de la lance.
«Cependant contre toi plus nombreuse s'élance
«La mente de ces chiens: mets donc hors du fourreau
«Hauteclaire, et fais en un massacre nouveau,
«Afin que, sain et sauf, tu forces le passage.

«—Ne tremble pas pour moi; je me ris de leur rage,»
Lui répond Olivier, toujours en combattant;
«Ils ne m'ont point laissé le répit d'un instant.
«Jusqu'ici, pour porter la main à ma ceinture;
«Mais je les châtirai sans pitié, je le jure!»

S'étant fait jour, enfin, par un suprême effort,
Il saisit Hauteclaire, et du fourreau la sort:
La bonne lame brille, et d'estoc et de taille,
Couche à terre des rangs entiers.
Cette canaille
Duroi Marcile fuit, craignant le coup fatal.

De son côté, Roland a brandi Durandal:
D'or en est la poignée, et de saintes reliques,
Ineffable trésor, en forment les appliques.

Rien ne peut arrêter l'élan des deux héros:
Le troupeau de l'abject Mahom tourne le dos,
Sinon il périrait de leur main vengeresse.

Les chevaliers français dans une forteresse
Ne sembleraient pas plus en sûreté!
Soudain
Roland part comme un trait: voyant dans le loin main
Olivier entouré par une troupe épaisse,
Qui fait un bruit d'enfer, d'accourir il s'empresse.
L'acier de Hauteclaire en l'air brille toujours,
Mais ses coups sont moins sûrs, moins dangereux, moins lourds:
Par le sang aveuglé, sans voir, frappe son maitre.
Roland vient l'assister, et le sauver peut-être,
Quand un coup furieux de lance dans le flanc
Blesse à mort Olivier!

A flots coule son sang,
Et chancelant, livide, il se soutient à peine.
Mais tant qu'un peu de vie encor bat dans sa veine,
Il agite son glaive...
Un dernier coup atteint
Son compagnon chéri, qui tendrement l'étreint,
«Frère d'armes, dit-il, que fais-tu!»
«Toi? Pardonne!
«Roland, je n'y vois plus... Je ne connais personne...
«Pardonne... Je me meurs!»...

Le prenant dans ses bras,
Son ami le soutient, pour qu'il ne tombe pas.
Doucement il l'assied sur l'herbe.
A la rivière
Il remplit l'Olifant. Relevant la visière
Du casque d'Olivier, il lave, tout en pleurs,
Son visage sanglant...

La mort perçait deux cœurs,
Car, fixant son regard sur la livide face,
Roland exhale ainsi sa douleur à voix basse:
«Frères d'armes, tous deux nous avions fait serment
«De vivre et de mourir unis: en ce moment
«Olivier meurt; Roland ne doit pas lui survivre!
«Olivier, avant peu ton frère va te suivre:
«Redoutant la valeur de mon bras, le payen
«Pour triompher de moi n'a trouvé qu'un moyen,
«Te tuer! Il l'a pris!...
«Tu savais, race impure,
«Que mon sang coulerait par sa propre blessure!»

O DESTERRADO — Escultura de Soares dos Reis

Vers la France tournant un regard filial,
Dans un transport pieux, il baise Durandal
Et ses reliques .. c'est sa dernière prière!
Puis, d'un pas assuré, d'une démarche fière,
A travers la vallée il s'avance au-devant
Du mécréant qui fuit, comme poussière au vent.

Tous les preux ont péri! De l'immense hécatombe
Il reste seul vivant...
Avant qu'il ne succombe,
Au milieu des payens revenus Durandal
Sans relâche frappant, en met bon nombre à mal.

Comme Olivier n'est plus, contre Roland se porte
L'effort des Africains.
Leur nombre est grand? Qu'importe!
Jusqu'au dernier soupir ce Lion se defend;
Et quand sur lui la nuit éternelle descend,
D'un accent dédaigneux il crie à cette engeance:
«Sois maudit Mahomet! Charlemagne, vengeance!

Trad. de

HENRI FAURE.

A EDUCAÇÃO DA MULHER

IV

Não ha sentimento mais fortificante e maior estimulo para o trabalho do que o que nasce da ideia da familia, quando o casamento tem logar entre duas pessoas que se comprehendem e se completam

Porque é que a cada passo, porem, estão os factos em tão manifesta opposição com esta verdade, e desde remotas eras, mas principalmente nos ultimos tempos, não se fala em casamento que lhe não vejamos logo associados o espectro do adulterio, o flagrante delicto, o divorcio...?

As curiosas, embora ás vezes phantasiosas estatisticas que tem apparecido de quando em quando a este respeito, são de tal forma aterradoras, que custa a crer, como em face d'ellas, haja ainda quem tenha coragem de tentar a experiencia do matrimonio! E' desanimador! Quando a mulher é honesta, é o homem que a engana; o que é vulgar se elle é o honesto, é tambem o enganado... e ás vezes, enganam-se mutuamente...!

Onde está pois a origem de todos estes inconvenientes, de todos esses males?

Não é na ideia fundamental do casamento, na ideia da associação; está somente nos individuos que se associam, que se não acham convenientemente preparados para poderem realisar o seu ideal. Provém tudo dos erros, proconceitos e deficiencias da educação actual.

A mulher, é educada de tal maneira, que se torna absolutamente incapaz de por si só poder encetar a luta pela existencia, habituada pelo uso á protecção do homem, encara o casamento apenas como o meio, em perfeito accordo com as exigencias sociaes, de alcançar d'elle essa protecção que lhe é indispensavel. Naturalmente, sendo ahi que lhe ensinam a pôrto das as suas esperanças e ambições, obsecada por esta ideia, producto immediato do reconhecimento da sua incapacidade, trata somente de obter marido, de o conquistar; não importa qual! N'este afan, quantas vezes se abandona a prudencia para seguir após uma illusoria vantagem!

Por isso, não raro, passado o enthusiasmo que procura na realisação d'este ambicionado sonho, se lastima ella e se insurge contra os errados principios de essa educação que a não collocára em condições de poder antes,—dispondo livremente de si, sem carecer de protecção,— apreciar desassombradamente as vantagens e inconvenientes do contracto que realisa e em que os deveres e direitos na pratica não são, como lhe diziam, eguaes!

Mas está já presa nas emmaranhadas malhas da rede, de que lhe aproveita entrever agora o verdadeiro caminho que devia ter seguido, e ha de continuar victima da educação frivola e hypocrita que recebeu!

E' então que n'estas circumstancias de desaccordo inevitavel com o seu companheiro, a visitam as traiçoeiras miragens que a seducção hypocritamente lhe vem offerecer, como compensação dos seus insuccessos matrimoniaes! E a infeliz, n'esta situação, nem sequer tem a escudál-a a força que provém da certeza intima de poder contar apenas comsigo para não perecer na lucta!... Cheia de illusões que perdeu já, foi arrastada para

A' Senhora Condessa de Sabugosa e de Murça

O' Lagrimas, chorae!

Poesia de: *Martinho Brederode*

Musica de: M. Grisalde
(Condessa de Proença a Velha)

Tempo de Marcha (Metr. ♩=50)

Vox

Piano

Queimam-me o pei-to as la-gri-mas que ve-jo E sin-to que os meus o-lhos, vão cho-rar O' la-gri-mas cho-rae, correi sem

pe-jo mai-o-res mais a-margas do que o mar! O' la-grimas cho-rae! Ondas do Te-jo Não é mais

Tris-te o vos-so so-lu-çar Mor-reu a Flôr o en-can-to o ri-so o bei-jo, Dos po-bres Paes Do des-di-to-so lar!

O' la-grimas cho-rae! Cho-rae por el-la Aves do Céo! Cho-rae vossa ir-mã-si-nha Ma-dre-sil-vas, vio-le-tas la-ran-

-jaes! Pen-sar que era tão lin-da e tão sin-gel-la E pen-sar que era mes-mo ma an-do-

-ri-nha, E que vo-ou e que não vol-ta mais! não vol-ta mais!

um casamento irreflectido por uma fatalidade de que não é culpada; agora terá de viver na dependencia do marido, entre as suas decepções intimas, d'um lado, e as ignominiosas promessas de compensações do outro...!

E revolta-se a sociedade, se esta mulher não é honesta!

Pela sua parte o homem não se acha melhor preparado do que a mulher para realisar o ideal no casamento. Habituado a ser o seu senhor mais do que o seu companheiro, considera-a em geral como um ente secundario, que não pode prescindir da protecção do seu braço, e olha o casamento, não como uma associação de que vae auferir vantagens eguaes ás que concede, mas como o definia Balzac —«uma especie de porta por onde a mulher vae entrar na sociedade e por onde elle sahe d'ella»!...

Com esta orientação que ideal pode elle buscar no casamento? Umas vezes, se é rico, o complemento da familia que as suas condições sociaes lhe impõem; outras, a satisfação da vaidade ou do egoismo; e n'outras ainda, vantagens de fortuna que se não acha disposto a conquistar com o seu trabalho. Não são já só as mulheres que, por carecerem do apoio do homem, commettem o erro de olhar principalmente para as suas condições de fortuna, tambem n'elles se vae radicando a idéia de que a mulher deve comprar o marido; e hoje raros são os homens que querem affrontar um matrimonio sem dote, que têm coragem de contar apenas com o vigor da sua mocidade com o fructo do seu trabalho para fazer face ás exigencias e encargos que impõem a constituição d'uma familia.

A proposito, lembra-nos de ter lido algures que, ha annos, faleceu em Inglaterra uma tal Miss Hetly Bloomer a qual, apesar dos seus desejos e tentativas não conseguira matrimoniar-se, deixando disposto em testamento para de certo modo, dizia ella, remediar a infidelidade dos homens, que os rendimentos da sua fortuna fossem divididos annualmente por cinco mulheres solteiras de mais de 40 annos, de irreprehensivel comportamento e que provassem que, apesar dos seus bons desejos, não tinham conseguido casar. Mas o mais curioso é que, das contempladas com o legado, e que antes não haviam podido agarrar marido, a maior parte têm-no conseguido depois! Admiravel poder d'esse dote que maior influencia parece exercer do que a mocidade com os seus dotes physicos! Insurgimo-nos contra uma tal orientação, contra esta tendencia reciproca de escolher companheira, não tendo em vista o accordo das qualidades physicas e moraes, mas olhando tão sómente á importancia dos bens de fortuna!

É verdade que infelizmente hoje, porque a mulher não está educada para ser o auxiliar do homem, antes o é para viver parasitariamente á custa do seu trabalho, o casamento traz-lhe encargos taes que, até certo ponto, o desculpariam nesta ganancia do dote, se elle não fosse o principal agente e culpado da sua educação actual.

É preciso remediar estes males, e o caminho a seguir está indicado no sympathico ideal da mulher moderna que, emfim cançada de ser subsidiada pelo trabalho alheio, aspira modificar a sociedade, de forma que, postas em actividade as faculdades de trabalho que possue adormecidas e sem emprego, se veja emfim liberta d'essa dependencia e realisados os seus sonhos de egualdade.

E estamos convencidas de que tambem o homem, quando reconhecer que já lhe não é absolutamente indispensavel; que ella privada do apoio do seu braço não ficará irremediavelmente exposta a ser vencida na luta, uma vez que pode viver autonoma, isto é sem carecer de ir mendigar o seu apoio ao casamento, visto que o seu trabalho será factor tão valioso como o d'elle proprio... abandonará sem reluctancia os habitos de senhor e ha de comprehender então que o casamento não é uma instituição apenas util á mulher.

Só assim, —livres já dos preconceitos e erros actuaes, tendo chegado pela reciproca comprehensão dos seus meritos a apreciar o valor do auxilio que mutuamente podem dar-se um ao outro, outhorgando-se deveres e direitos perfeitamente eguaes, uma vez que não são levadas ao casamento por outra influencia que não seja a concordancia dos caracteres, — poderemos ver realisar-se o ideal do casamento. Está tudo na educação da mulher; a do homem virá fatalmente depois, e ella propria o fará.

Olga Sarmento da Silveira.

CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA

E'-nos hoje facultado o infindo prazer de inserirmos na nossa revista a musica que, n'uma tão alada vibração de sentimento, compoz recentemente esta illustre senhora, dedicando a á memoria da infeliz filha dos condes de Sabugosa.

Esta tocante concepção artistica fará parte d'um livro, contendo valiosos trechos de musica todos originaes da condessa de Proença-a-Velha, que dentro em pouco, serão publicados com o titulo de *Melodias Portuguezas*.

GOOD BYES WEETHEART! (Adeus, meu doce amor!) — Quadro de Marcus Stone

RENASCENÇA

É o titulo d'uma nova revista habilmente dirigida por tres rapazes cheios de talento e com uma decidida vocação litteraria.

A sua collaboração é primorosa, subscrevendo-a quasi toda, vultos laureados da geração dos novos.

Saudamos em tão bons auspicios a «Renascença», desejando que encontre um caminho juncado de rosas e que os espinhos inherentes a esta lide não façam desanimar os seus talentosos directores na que tão brilhantemente encetaram.

CARMEN DE BURGOS Y SEGUI

Entre a brilhante pleiade de vultos femeninos, que no paiz visinho, glorificam as paginas da Historia da Litteratura, é dever sagrado nosso incluirmos o nome d'esta sympathica escriptora, um dos seus mais scintillantes e notaveis ornamentos.

Varonil, persuasiva e profundamente philosophica nos numerosos artigos que tem disperso pela imprensa do seu paiz e d'uma singeleza e d'um sentimentalismo inconfundivel nas suas suaves lyricas, Carmen de Burgos é, simultaneamente, uma polemista invencivel e uma estheta por excellencia.

Amargos e ferteis em cruciantes espinhos teem sido os seus dias; porem a virilidade do seu animo inquebrantavel e a rigidez do seu extraordinario talento, não só a tem amparado no trilho accidentado e tortuoso da sua existencia, mas até mais a tem valorisado e engrandecido nos espiritos e nos corações dos que a conhecem.

Torturando-a logo em tenros annos uma doença cruelissima e desejando a sua familia subtrahil-a a qualquer trabalho intellectual ou physico que demandasse fadiga, a precoce intelligencia da illustre escriptora ficaria como tantas outras — principalmente femininas — estiolada, se a precocidade tambem d'uma energia como a de Carmen de Burgos não houvesse triumphado.

Levada para um formoso logar isolado da Andaluzia, para se robustecer, foi ali tambem aos fulgores rutilos d'aquelle sol meridional e da melancholia poetica d'uma natureza rescendente, que a sua alma se fortificou para as lides e pelejas litterarias.

Quando a saude lhe foi restituida, regressou á Almeria, sua terra nativa, onde na sociedade selecta a que pertence, foram justamente celebradas a formosura insinuante, o talento excepcional e os proverbiaes dotes de coração que tão adoravelmente a caracterisam.

Não se deixou a novel litterata, de uma mocidade phantasiosa, etherisar com as homenagens que tão prodigamente lhe foram tributadas; antes foram ellas estimulos efficazes para fecundar o seu bello talento.

Sobrelevando-se sempre magestosamente das desgraças que continuaram a feril-a, collaborou, com admiravel actividade, nos periodicos mais conceituados do seu paiz e escreveu alguns livros que hão de prevalecer entre as bellas e preciosas coisas que é facultado a alma humana sentir e concretisar.

Entre elles publicou um volume de versos todos repassados d'aquelle amor e d'aquella melancholia sincera que tão bem o coração feminino sabe expandir, porque é o brado expontaneo d'uma alma revoltada que não pode mais suffocar a dôr da existencia.

E' um elegante e perfumado *bouquet*, lembrando o subtil aroma das violetas, a natural tristeza dos martyrios e a pureza gentil dos lyrios côr das nuvens muito pallidas que, ao alvorecer dos dias de primavera, esmaltece a rosa aurora...

Notas del alma tal foi o titulo suggestivo e perfeitamente adequado que ella lhe deu. Sim, são, com effeito, simples notas de alma, mas atravez da sua diaphaneidade luminosa, nas linhas simplices do seu véo sideral e indiscreto, entrevê-se toda a psychologia d'uma devaneadora enamorada, abrindo o coração ao ardente sol d'um paiz do Meio Dia.

Hoje o *Mundo Latino*, um dos mais acreditados jornaes de Hespanha, conta em Carmen de Burgos um dos seus mais valorosos elementos. N'um estylo primoroso e vibrante de enthusiasmo collabora, assiduamente, na *Seccion feminiministe*, inaltecendo ali as individualidades intellectuaes do mundo feminino.

Recentemente levou Carmen de Burgos a sua requintada amabilidade a traçar algumas palavras bastante lisongeiras para a mulher portugueza contemporanea.

A vida da brilhante escriptora, consagrada á educação d'uma filhinha que é todo o seu amor, pode ser citada como um modelo edificante de dedicação e de honestidade; e, não obstante a sua formosura, ainda ninguem ousou alvejar a sua reputação immaculada com a sede desenfreada da maledicencia ou, sequer, empallidecer com a sombrad'uma calumnia.

CARMEN DE BURGOS Y SEGUI

Erguendo-se hieratica e fascinadora, ao pedestal da Historia da mulher intellectual moderna os seus compatriotas adoram-n'a e respeitam-n'a como se pode adorar e venerar uma irmã que combate na mesma communhão de Ideal, para o engrandecimento civilisador e fraternal dos povos.

Cartas da Religiosa Portugueza

(SOROR MARIANNA ALCOFORADO)

IV

Certo, que é uma grande violencia que faço aos sentimentos do meu coração, diligenciar ainda, escrevendo-te, fazer-t'os comprehender.

Como eu fôra feliz se bem os podesses avaliar pela vehemencia dos teus!

Mas não posso fiar-me em ti, e não posso tambem deixar de dizer-te, bem menos vivamente do que sinto, que não devias mortificar-me tanto, com este esquecimento que me enlouquece e que é até uma vergonha para ti.

É muito justo, ao menos, que atures os lamentos d'esta desolação que eu previ logo, vendo-te resolvido a deixar-me.

Sei muito bem que me illudi pensando que terias para commigo um proceder mais leal do que é costume, porque, em summa, o excesso do meu amor parece que me devera pôr acima de todas e quaesquer suspeitas e que merecia mais fidelidade que a de ordinario se encontra.

Mas a disposição em que estavas de me trahir, venceu a justiça que devias a quanto fiz por ti.

Não deixaria de ser malaventurada se me amasses apenas por eu te amar.

Quizera dever tudo, sómente, á tua expontanea inclinação.

Mas como estou longe d'isto, que até são passados seis mezes sem receber de ti uma só carta!

Atribuo todos estes infortunios á cegueira com que me abandonei a amar-te.

Não devera prever que as minhas deleitações acabariam mais cedo do que o meu amor?

Poderia esperar que ficasses toda a vida em Portugal e que renunciasses á tua fortuna e ao teu paiz para só cuidares em mim?

As minhas penas não podem ter allivio, e a lembrança de quanto gosei enche-me agora de desespero.

Pois todos os meus anhelos serão malogrados, e nunca mais te verei no meu quarto, em todo aquelle ardor, com todo aquelle arrebatamento que mostravas?!

Coitada de mim que me illudo, e que demais conheço agora que todos aquelles enlevos que me enebriavam a cabeça e o coração eram em ti apenas excitados por alguns prazeres, e logo se extinguiam com elles.

Fôra necessario que n'esses momentos de suprema felicidade, eu podesse implorar em meu soccorro a razão para moderar o funesto excesso das minhas delicias e para que me fizesse antever quanto padeço agora.

Mas entregava-me toda, a ti, meu amor, e não me achava em condição de cuidar no que teria de envenenar o meu contentamento, quando gostava plenamente as mostras ardentes da tua paixão.

Deleitava-me muito sentir-te commigo para que pensasse em que um dia te apartarias de mim.

Lembra-me, comtudo, de te haver dito algumas vezes que me fazias desgraçada, mas estes terrores desvaneciam-se, rapidos, e sentia gosto em sacrificar-t'os, abandonando-me ao encanto e á aleivosia dos teus protestos.

Vejo claramente qual poderia ser o remedio para todas as minhas penas.

D'ellas me livrara, logo que deixasse de te amar. Mas ai de mim! que remedio!...

Não. Prefiro soffrer mais ainda do que esquecer-te.

E depende isto de mim?

Se nem posso reprehender-me de ter imaginado, um momento que fosse, não continuar a amar-te!...

Que ainda mais digno de dó és tu, do que eu, porque mais vale penar quanto soffro, do que gosar os languidos prazeres que hão de dar-te as tuas amantes de França.

Não invejo a tua indifferença, e fazes-me lastima.

Desafio-te a esquecer-me inteiramente.

Prézo-me de te haver posto em estado de não teres, sem mim, senão prazeres imperfeitos, e sou mais feliz do que tu porque mais occupada ando d'este amor.

Fizeram-me, ha pouco, porteira do convento.

Todas as pessoas que me falam, julgam-me louca. Não sei o que lhes respondo, e é necesario que as freiras estejam tão doidas como eu para me julgarem capaz d'algum emprego.

Como invejo a sorte de Manuel e de Francisco!...

Porque não estou eu, como elles, sempre comtigo?

Haver-te-hia seguido, e certo, haver-te-hia servido mais extremosamente.

Nada appeteço n'este mundo, senão ver-te.

Ao menos, lembra-te de mim.

Contento-me com a tua lembrança, mas nem tenho a certeza d'ella!

Não limitava a tão pouco as minhas esperanças, quando te via todos os dias... ensinaste me bem a submetter-me a tudo quanto queres.

Não me arrependo, comtudo, de te haver adorado.

A tua ausencia rigorosa, talvez eterna, não diminue em nada a violencia do meu amor.

Quero que toda a gente o saiba; não faço d'elle mysterio, preso-me de ter feito tudo o que fiz, por ti, contra toda a especie de decoro.

Em nada mais faço consistir a minha honra e a minha religião do que em amar-te perdidamente, toda vida, já que comecei a amar-te.

Não te digo estas coisas para te obrigar a escrever-me.

Ai não te consiranjas!

Não quero de ti senão o que expontaneamente venha, e regeito todas, todas, as mostras de amor a que possas escusar-te.

Sentirei gosto em desculpar-te porque talvez tenhas prazer em não te dares ao incommodo de escrever-me, e sinto uma profunda disposição para te perdoar todas as faltas.

Um official francez teve a caridade de me falar, esta manhã, de ti, por mais de tres horas.

Disse-me que a paz de França estava feita.

Sendo assim não poderias vir ver-me, e ir e var-me para França?

Mas não o me reço Faze o que te aprouver.

O meu amor não depende já da maneira por que me tratares.

Desde que partiste não tive um só momento de saude, nem sinto allivio senão em repetir o teu nome mil vezes ao dia.

Algumas freiras que sabem o estado lastimoso em que me lançaste, falam-me de ti muitas vezes.

Saio o menos possivel do meu quarto onde tantas vezes viveste, e estou sempre a contemplar o teu retrato que me é mil vezes mais querido do que a vida.

Dá-me isto algum allivio mas dá me tambem muita magoa, quando penso que talvez não te veja mais.

Como será possivel que não torne a ver-te?!

Abandonar-me-hias para sempre?

Mata-me esta idéa.

A tua pobre Marianna não pode mais.

Sinto-me desfallecer ao acabar esta carta.

Adeus. Adeus.

Tem piedade de mim.

LUIZ DA SILVA

Não o conheciamos pessoalmente mas nem por isso nos deixou de impressionár a noticia do seu fallecimento.

Comquanto já de ha muito fosse sabido de todos o terrivel soffrimento que lhe minava a existencia, a sua morte constituiu um angustioso lance para todos que estimavam e apreciavam, devidamente, as excellentes qualidades do seu carácter diamantino.

A vida de Luiz da Silva, absorvida pelo trabalho, foi um exemplo edificante de dedicação e de lealdade. Até quasi aos ultimos momentos de existir legou ao engrandecimento das letras portuguezas o seu intelligente concurso.

Depômos, commovidamente, uma sincera saudade na campa do mallogrado jornalista.

PERFIL

(INÉDITO)

C. de P. a V.

Belleza, talento, graça,
tudo a fortuna lhe deu;
não lhe foi a sorte escassa
em tão raros dons do ceu.

Votada a um Ideal risonho,
desse Ideal nada ha que a aparte!
Tem um bem:— vive do Sonho!
e um prazer:— adora a Arte!

Mimosa, correcta, grave,
sua divisa é — Primor.
Se canta, lembra uma ave;
se sorri lembra uma flôr.

E porque não perecesse
uma tão perfeita herança,
ella, que ainda floresce
e nos lembra uma creança,

O CASTELLO DE WINDSOR — Residencia do Rei de Inglaterra.

tem uns filhinhos que adora
e que a adoram tambem,
como enlevados na aurora
desse coração de mãe.

E eu, rendendo a taes delicias
um sincero e humilde preito,
osculo-lhe as mãos patricias
com o mais devoto respeito.

1895:

CHRISTOVAM AYRES.

ANTHERO DE QUENTAL

—Um genio que era um santo—

A's vezes, lendo a descrição da exterioridade d'este homem, ou ante o seu retrato, que mo apresenta duma construção herculea, loiro e de olhar azul como o tipo do norte, parece-me quase impossivel que o seu corpo estremecesse em agonias, ao vibrar doloroso das cordas da sua alma, sequiosa do Bem, da Perfeição...

A Perfeição! o Bem!— Coisas que elle via affirmadas pelos oûtros, mas que nunca os seus olhos poderam vêr na realidade...

E extraordinario se me affigura tambem que aquelles olhos azues, limpidos e serenos como o olhar duma criança, chorassem, dia a dia, lagrimas de fogo e sangue, que o seu genio e a sua arte —arte e genio verdadeiramente sublimados!— sabiam transformar em quatorze perolas, dentro do escrinio dum soneto!

Mas a verdade é que na geração de poetas que atravessou a ultima metade do seculo XIX, nenhum como Anthero soube chorar tão convictamente «as miserias da terra,» nenhum possuiu uma organisação tão intensamente nevrotica, e, por isso mesmo, tão profundamente exigente...

Anthero sonhava sempre, sonhava o Bem; e como pretendia a realidade do sonho, que nem um só momento entreviu, toda a sua vida foi um tormento, e elle um atormentado, um desesperado!

Dessa dôr moral, a que uma dôr fisica se ajuntou depois, nasceu a idéa de morrer mais depressa, de mais depressa pôr um termo á duvida...

Era um affétuoso: e como a estas almas mais dôe a alheia dôr do que a sua propria, a tranquillidade era-lhe um impossivel.

Não foi dissidente nem crente: apenas se debatia entre estes dois principios, nas fases diversas da sua vida moralmente angustiada. E se amaldiçoava, no «Hymno da Manhã,» a luz e a vida, era banhado de fé, e não creio que num «humorismo transcendente,»—para me servir da frase de Oliveira Martins — que elle exclamava no ultimo soneto do seu melhor livro:

Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Abençoado coração aquelle!

Ponta Delgada.

RAPOSO DE OLIVEIRA.

ETERNA LÛCTA

(INÉDITO)

De que debil argila somos feitos,
E em que medonha vasa mergulhâmos,
Homens, que n'este mundo em vão buscâmos
A claridade azul dos céus perfeitos!

Um por um, cáem, rapido, desfeitos,
Os sonhos ideaes que architectâmos!
Mas, ai, debalde aos echos nos queixâmos,
E choram pranto e sangue nossos peitos!

Debalde, sim, que as nossas vis paixões,
Feras sem freio, a esphacelarem vidas,
Nós lhes quebrámos, loucos, os grilhões!

Agora vém, ardentes, aguerridas,
Dar-nos a morte em negras convulsões,
E escancarar, crueis, as nossas f'ridas...

AFFONSO VARGAS.

Claudia de Campos

ULTIMO AMOR

(ROMANCE)

— Procurar uns papeis que perdi, respondeu elle descendo a correr, receioso de que a irmã reconhecesse que lhe estava mentindo.

Porque não era esse o motivo que o fazia voltar de novo á praia; mas sim guardar as pétalas de rosa desfolhadas pela mão de Margarida — essa pequenina mão que ella não quizera estender-lhe ha pouco, e que elle tanto desejava estreitar nas suas.

V

All the old romantic legends,
All my dreams, come back to me.

murmurava Mario sosinho, repetidas vezes, no dia seguinte, ao recordar-se do passeio da vespera e da ventura que elle lhe proporcionara.

As inflexões que a voz de Margarida soubera dar a estes versos, repercutiam-se-lhe ainda no ouvido como uma harmonia embriagadora. Elle tinha sentido passar em cada phrase a agonia pura de uma alma incomprehendida, mas resignada, sonhando com as delicias de um amor que em vão procurara, quando ella recitou a poesia de Longfellow com um accento ironico, para encobrir a tortura que lhe infligia todo o homem parecido com o seu ideal.

Assim germinava já em ambos a planta que daria mais tarde venenosos futuros: a impossibilidade de se conhecerem, lendo bem na alma um do outro.

Mario não comprehendia os estragos irreparaveis que a experiencia dolorosa da vida fizera no coração de Margarida de Lencastre.

Ignorava que a mulher, por mais honesta que seja, não atravessa crises d'esta ordem sem uma profunda mudança no seu modo de sentir; e que, faltando-lhe a religião necessaria para lhe levantar os pensamentos ao ceu, sempre que entre na sociedade, que para ella já não tem segredos, é para mentir ou representar um papel, retirando-se aos bastidores quando queira chorar, rir, ser sincera, emfim.

Margarida tambem não sabia, nem ousaria suppor n'elle os dotes moraes que lograriam prendel-a para sempre. Como conseguiria ella, tão cruelmente enganada pelo visconde de Lauriac, adivinhar que Mario Salter era a antithese do seu bello e cynico amante? Como poderia elle convencel-a? Como poderia ella acreditar-o?

Se tantos esforços são necessarios a um espirito de homem para quebrar o circulo da experiencia pessoal e considerar a humanidade sob um ponto de vista geral e desinteressado, como exigir que uma mulher fraca e doente, e um rapaz no desabrochar da adolescencia, possam julgar essas cousas senão pela miragem das suas illusões, ou das suas venturas?

Mario nada sabia dos conflictos da vida e das mysteriosas metamorphoses por que ella faz passar a creatura humana. Aquella mulher agradou-lhe; a sua imaginação revestiu-a de perfeições, e a unica preoccupação que o devorava consistia em se approximar d'ella, tornar a vel-a, falar-lhe. Mas quando, e como? Sob que pretexto? Pedir ao medico uma apresentação? Não se atrevia. Para se apresentar sósinho faltava-lhe a coragem.

Procurando a todo o custo vencer os obstaculos que se erguiam como espectros diante d'elle, principiou a dar, de manhã cedo, passeios em volta da quinta das Fontainhas, ora espreitando por uma fenda aberta no muro, ora em contemplação defronte das janellas de *stores* corridos, esperando que um accaso romanesco lhe permittisse entrar ali.

Passeios infructiferos, que duraram duas semanas, dando apenas em resultado que a mulher enterrada n'aquelle ermo crescesse no seu pensamento, pondo-lhe cada vez mais em sobresaltos os sentidos e a alma.

Pensou ainda em escrever. Mas que havia de dizer-lhe? Temia, mais do que a morte, o desdem humilhante de um silencio quasi certo.

Debatiam-se n'elle mil desejos, mil idéas contradictorias, que lhe tiravam o repouso.

Cada vez procurava mais a conveniencia do dr. Macedo, que sempre lhe falava de Margarida e lhe contara minuciosamente a sua romantica e dolorosa historia

—«Tu vaes esta noite sem falta commigo ao theatro, não vaes? disse Fanny uma tarde, no jardim onde passeiava com o irmão, dirigindo-se a Angelina, que acabava de chegar.

—«Não posso, replicou a filha do medico. Fizeste-me tarde o convite. Já tinha promettido á Guida ir acompanhal-a; ella espera-me. Vinha dizer-te isto mesmo...

—«Que contrariedade! Não gosto de ir sem ti... O papá e a mamã não podem faltar, porque é uma festa de caridade a beneficio do hospital. Vou estar tão aborrecida! Mario não pára lá um instante, com certeza, e o espectaculo deve ser massador... Vem!... pódes avisar, e ir'ámanhã ás Fontainhas...

—«Não tenho agora quem lá mande. O papá foi ao campo vêr uns doentes... respondeu Angelina hesitante.

—«Se a sr.ª D. Angelina me permitte, vou já montar a cavallo e encarrego-me da mensagem, que deseja para a sua amiga... E ao dizer isto, o coração de Mario palpitava apressadamente.

—«E' boa idéa, redarguiu Fanny, que percebeu logo ser aquelle passeio agradavel ao irmão. Depois, para a amiga:

—«Vae escrever depressa, muito depressa, para seres boa menina... E beijando-a, impelliu-a docemente para a porta do escriptorio aberto sobre o terraço, onde se encontravam.

Angelina, condescendente e meiga como era, não pensou em recusar. Approximou-se da secretaria, traçou á pressa algumas linhas, pedindo desculpa a Margarida, e accrescentando: «*Não te zangues commigo, Guida; os culpados são Mario e Fanny que me tentam constantemente e a quem não sei resistir*». Mettendo a folha de papel n'um sobrescripto, voltou ao jardim, onde d'ali a pouco appareceu Mario.

—«Aqui está, disse Angelina entregando-lhe a carta; se ella se zangar, já sabem, ficam ambos responsaveis.

Mario guardou a preciosa missiva, e pegando nas duas mãos de Fanny, obrigou-a a dar um pulo.

—«Estás mau, disse ella.

—«Estou contente, volveu elle.

—«Commigo?

—«Comtigo... E dizendo isto beijou ternamente a irmã, que assim lhe proporcionava uma felicidade tão grande.

A tarde estava lindissima; o campo todo em flôr, perfumava o ar, dando ao espirito uma embriaguez suave.

Pela estrada que Mario percorria ao trote largo do seu cavallo, os louros trigaes balouçavam-se todos semeados de papoulas vermelhas, emquanto pintasilgos, pardaes e andorinhas, desferindo o vôo, dos altos pinheiros, trinavam alegremente,

Quando saira de casa, a perspectiva d'essa visita atordoava-o de ventura, e agora, á medida que o seu cavallo se approximava das Fontainhas, o coração opprimia-se-lhe quasi dolorosamente, e foi tremendo como uma creança, que tocou a campainha.

E' que em certas creaturas delicadas a inesperada realisação de uma esperança assusta-as e entristece-as.

VI

Eram seis horas da tarde.

Margarida voltava do jardim, onde o sol, descendo no horisonte, derramava a sua luz vermelha como fogo.

(Continua).

OLHOS VERDES

São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha. Eu, que professo a religião dos olhos pretos, que n'ella nasci e n'ella espero morrer... que alguma rara vez que me deixei inclinar para a heretica gravidade dos olhos azues, soffri o que é muito bem feito que soffra todo o renegado... eu firme e inabalavel, hoje mais que nunca, nos meus principios, sinceramente persuadido que fóra d'elles não ha salvação, eu confesso todavia que uma vez, uma unica vez que vi dos taes olhos verdes, fiquei hallucinado, senti abalar-se pelos fundamentos o meu catholicismo, fugi escandalisado de mim mesmo, e fui retemperar a minha fé vacillante na contemplação das eternas verdades, que só e unicamente se encontram aonde está toda a fé e toda a crença... n'uns olhos sincera e lealmente pretos.

ALMEIDA GARRETT.

Os teus olhos que eu adoro
Têm comigo desafio.
Pois só choram quando eu chóro
E só riem quando eu rio...

Cahiu-te um beijo no chão,
Tornou-se em amor perfeito:
Assim foi meu coração
Quando cahiu no teu peito.

Por te amar ando perdido
E perdido sem saber,
Se por ti tenho vivido
Ou por ti hei de morrer...

RIBEIRO DE CARVALHO.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Do Dr. Göran Björkman *Ekon Fran Portugals Parnass.*

De Carmen de Burgos y Segui—*Notas del alma.*

De Archer de Lima—*Sonnets et le reveil de l'ame par L'amour.*

De Ribeiro de Carvalho—*Terra de Portugal.*

Do Dr. Wilhelm Storck—*Anthero de Quental—Sonette*

EXPEDIENTE

Por motivos alheios á nossa vontade sahe atrazado este numero. Pedimos desculpa aos nossos assignantes.

*

A nossa revista visto com este numero terminar um anno de publicação passa a sahir mensalmente, com 16 paginas e em optimo papel. Mudamos de formato e melhoramos todas as secções em vista do bom acolhimento que o publico nos tem dispensado. O preço continua o mesmo.

1 de Julho de 1903 — Anno II, N.º 25

7

Sociedade Futura

Revista d'Arte

Directôra: *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

SUMMARIO:

A Redacção — *Homenagem a Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia.*
Padre Senna Freitas — *A creança.*
Anthero de Quental — *Mors amor.*
Maria Amalia Vaz de Carvalho — *Fragmentos d'um livro.*
José Newton — *Lição.*
Ramalho Ortigão — *A dança.*
Christovam Ayres — *Madrigal realenga.*
Olga Sarmento da Silveira — *Educação da mulher.*
Maria Velleda — *Mater Dolorosa.*
Dante, Tasso, Petrarcha } *Cancioneiro estrangeiro*
Cartas da religiosa portugueza Soror Marianna Alcoforado.
Condessa de Proença a Velha — *Notas d'Arte.*
Claudia de Campos — *Impressões d'Arte.*
Theophilo Braga — *Voz do Destino.*
Claudia de Campos — *Ultimo amor.*
Publicações recebidas.

ILLUSTRAÇÕES:

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia; Luiz de Camões (busto de Gerace); Marqueza de Bellas; Marie-Louise Néron; Natalia Muñoz; Largo do Jardim Municipal, na Madeira; Na eira; Praia da Nazareth.

Redacção — *LARGO DAS TAIPAS, 87*

LISBOA

1 de Julho de 1903 — Anno II, N.º 25

Sociedade Futura

Revista d'Arte

DIRECTÔRA: *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

SUA MAGESTADE A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA

Honra-se hoje a nossa revista, inserindo o retrato da mãe do Rei de Portugal.

Difficil missão a de traçarmos palavras que o acompanhem; quem, como Sua Magestade, a Rainha Senhôra D. Maria Pia, tem visto juncado o seu caminho de nobilissima princeza das mais rescendentes flôres de rhetorica, tem ouvido resoar ao seu throno os echos vibrantes dos mais altos louvores e das mais enthusiasticas sandações, passará, sem duvida, como um pallido raio de luz offuscado por myriades de astros deslumbrantes, a homenagem que Lhe ousamos offerecer.

E todavia tão conscias da humildade da nossa offerta emprehendemol-a com infinito prazer porque julgamos dever imprescindivel da natureza da nossa publicação render homenagem a um vulto feminino que alliando a magestade da sua realeza á da mais suave caridade tão nobres e amoraveis exemplos de magnificencia de alma tem implantado entre nós. Na historia da mulher portuguêsa contemporanea tem a caritativa Rainha um logar bem elevado, já pela sua suprema gerarchia, já pela singular doçura do seu espirito; e não teremos nós a pretenção de mais uma vez lhe pormos em relevo tão brilhante individualidade, mas sim de patentearmos que modestamente nos associamos ás legitimas orações que o povo português lhe tem feito.

Bondosa e caritativa Rainha, a Senhôra D. Maria Pia, repetimos; mas a par d'essa luminosa caridade que a envolve quasi n'um suggestivo e tradicional vêo de lenda como o d'aquella poetica figura de rainha que em epochas medievaes convertia o oiro em rosas deixando um imperecivel e assombroso prestigio da sua passagem pela Historia, a par d'isso temos uma alma vogando irrequieta e sonhadora pelas phantasias da Arte.

E como não haria de ser uma esthela, por excellencia, se é filha d'aquelle privilegiado paiz onde os artistas deixaram fundidos em bronze os resumos das suas creações assombrosas nos annaes gloriosos de todo o mundo culto, onde cada obra de arte se conta por uma maravilha.

E quer o seu auctor seja Raphael ou Miguel Angelo, Petrarcha ou Ariosto tudo são sublimidades produzidas por um esforço divino e supremo da natureza infatigavel em coroar prodigamente de exoticas maravilhas o paiz d'aquelle céo tão azul e bello que é todo um lago de sonho e de poesia.

E fomos nós, portuguêses, que tivemos a honra de ver sentada no throno ao lado d'um Rei muito querido e bondoso, o vulto cheio de magestade da força e da magnanimidade de espirito e de coração da distincta princeza italiana.

Laços de doce affecto a trouxeram a Portugal, por elles sacrificou a ventura querida de estar no Seu formoso paiz para nos vir enriquecer a tradição com a sua sympathica e augusta individualidade.

Com extremo amor, portanto, o povo português que Lhe continue a pagar, fazendo na sua alma echo carinhoso do merecido epitheto que a nossa Historia contemporanea lhe den chamando Lhe — Anjo de caridade!

A Redacção.

LUIZ DE CAMÕES

(BUSTO DE GERACE)

A Antonio Padula, o distincto escriptor italiano, tão amigo de Portugal, fundador da grande sociedade *Luiz de Camões*, em Napoles, a esse devotado propagandista de tudo quanto é português, deve a *Sociedade Futura*, o prazer de apresentar ao seu publico illustrado, essa obra monumental d'um dos maiores esculptores de Italia — o busto de Camões.

Ha n'êsse pedaço de marmore um não sei quê de estranho, de sublimemente bello, a imprimir-lhe um aspecto cheio de vigôr, quasi vida, que nos põe bem claramente em relevo o artista que n'um rasgo de talento modelou essa cabeça sulcada pelo génio, insuflando-lhe alma.

Eis aqui patenteada uma verdadeira obra de arte que por si só bastaria para collocar na vanguarda dos mestres o nome illustre do seu auctôr.

MARQUEZA DE BELLAS

Entre as damas mais illustres da nossa sociedade elegante destingue-se a sr.ª Marqueza de Bellas pelo formoso conjuncto de predicados que a ornam e impõem ao culto de todos que teem o prazer de a conhecer.

O seu bello perfil, illuminado de graça e de magestosa elegancia brilha em todos os salões aristocraticos onde a sua conversação scintillante, cheia de *verve*, tem o magico poder de espontaneamente conquistar todos os corações.

Dama camarista de Sua Magestade, a Rainha Senhora D. Maria Pia, a quem a Historia contemporanea deu justamente, o titulo de Anjo da Caridade, na grandiosa obra da Soberana, tem uma collaboração muito activa e louvavel.

A sua phisionomia atrahente está sempre realçada por um sorriso que é bem a expressão d'uma alma muito bondosa e que é uma essencia indiscreta emanada d'um espirito culto.

E', finalmente a distincta senhora cujo perfil em tenuas e rapidas palavras tracejámos, uma d'essas radiosas figuras idealisadas por Lavater para provar a celebre concepção phrenologica da harmonia que existe entre uma individualidade admiravelmente esthetica com o porte insinuante e irresistivel de attracção do que a possue.

A creança

Minha senhora:

V. pede-me um pequeno artigo, dando ao seu pedido timido quasi a intonação de uma supplica. Mas é porque ignora que esse pedido tem para mim a doçura de um *Sim* a um pedido que eu proprio lhe fizesse, e que o prazer de me ver n'uma companhia tão distincta e gentil, e de ser introduzido n'um salão *d'élite*, povoado pela porção mais amavel da nossa especie e isto pela mão de uma musa, não é uma condescendencia minha aliás facil, é antes um prazer e não só um prazer mas uma honra que eu solicitaria bem lónge de a outorgar. A minha palavra, que por tanto tempo, nos sertões da America do Sul, se dirigio a espiritos rudes, tão rudes como era bella e pujante a natureza que os rodeiava; a minha penna que tantas vezes, em torneios litterarios se collocou em riste contra escriptores onde dominava talvez mais o sésiro do amor proprio que o amor da verdade, ambas ellas se encontram aqui n'um verdadeiro oasis, depois do areal adusto, aqui, sim, onde o sentimento dos que me leem é mais delicado, a percepção mais rapida, o coração mais puro, a hospitalidade mais urbana e affavel, e o ambiente social mais destoldado dos preconceitos e sophismas em que o nosso abunda.

Mas não basta, bem sei, este preludio e esta confidencia para me desempenhar da acquiescencia dada ao pedido que me foi feito.—Ora, não sei bem porque, pensando n'este momento na mulher, pensei nas mães, mas sei perfeitamente porque, pensando nas mães, pensei logo nas creanças. N'este pensamento me detive e me embrenhei um pouco mais do que pretendia. Encàntadora meditação. Acórdo d'ella como de um sonho divino, que me teve por uma hora inteira debaixo da acção de uma estase dulcissima. A creança é um dos mysterios mais profundos que seja dado ao cerebro humano meditar e o ciclo da sua existencia, desde a concepção do pequenino ser até á idade da razão e da educação moral (corôa da realeza materna), é o mais interessante que se possa imaginar. Quem diz realeza diz throno. Pois eu desço d'este throno até ao berço infantil, seu primeiro degrau, para subir d'elle até ao reflexo fulgurante de um throno constituido pela parte mais difficil mas mais gloriosa da missão das mães.

Onde é que vou descobrir o germen da flôr humana? N'uma cella informe; pouco depois n'um organismo reduzido e indeciso, quasi enigmatico. Ainda alguns dias e já a forma humana se determina e se desenha na sua exiguidade de botão, na quasi immobilidade de uma vida por ora dependente, empresiada, que respira por um labio alheio e por elle se alimenta; que é mais somno que vida, que se completa na inconsciencia e se abandona confiante no mysterio do calix materno. Até que finalmente o nascimento se opera como a expressão formulada do amor conjugal; e a pouco trêcho os olhos se abrem, e os movimentos se accentuam, e os primeiros sorrisos se ensaiam, em que os pais enlevados esquecem mil trabalhos, e os primeiros vagidos irrompem e a primeira revelação do amor filial se articula, por instincto, n'aquella palavra *mamã* Phase de impotencia absoluta, em cujo auxilio providencial vem a desvelada solicitude dos paes e para onde convergem todos os seus amores. A educação inicial a elles fiada limita-se por algum tempo quasique á méra physiologia, ao desenvolvimento organico e ao perfeito equilibrio da saude do filho de poucos annos. Que não lhe falte o alimento apropriado, cujo fraccionamento prévio lhe seja uma especie de estomago exterior! Que não lhe falte o vestido hygienico, segundo as estações, o ar salubre, o exercicio gymnastico, que tambem é saude e vigor, muito mais n'aquella edade de formação! Que os cuidados paternaes se agucem é se fixem, se a doença vier affectar essa existencia infantil que «por muito tempo é uma morte provavel», no dizer de Michelet. Que a prudente vigilancia d'aquelles modere apenas, mas não supprima a efflorescencia febril e as pequenas diabruras de uma creança que precisa tanto de movimento como de ar, tanto de alegria como de luz, e de ruido como de somno.

No entretanto, o botão da flor humana principia a abrir, e a despontarem os primeiros lampejos auroraes da intelligencia, da razão, do senso moral. Nova e capital phase da educação.

E' o homem a succeder á creança, a vida hominal a irromper a crysalida da vida puramente animal, e o alto relêvo onde sobrelevava o espirito triumphando do esboço imperfeito. Será o buril da educação materna que dará a demão conveniente, que imprimirá o traço fundo n'esse homensinho incompleto, e que um dia será util ou inutil, prestimoso ou prejudicial, um candidato da fome ou da fortuna, da gloria ou da penitenciaria, segundo a influencia materna na creança tiver sido positiva ou nulla.

Lisboa. PADRE SENNA FREITAS.

Marie-Louise Néron

A escriptora franceza a quem hoje vimos render modesta homenagem é uma das personalidades litterarias que, contemporaneamente, mais se teem evidenceado no meio feminista d'esse admiravel paiz tão rico de preciosas concepções mentaes.

Directora da importante revista litteraria *La Famille* e collaboradora assidua da *Fronde*, a sua penna rutila e impeccavel tem sido um valoroso elemento na conquista da causa feminista que ella advoga.

Cultiva com esmero todos os generos litterarios; e assim os seus artigos umas vezes apparecem repletos de um delicioso rosicler de sonho esthetico, d'um lyrismo apaixonado que emociona, outras, cedendo aos impulsos do seu espirito revoltado pela lucta desleal que a civilisação moderna ainda mantêm contra a mulher — alista-se nas fileiras da peleja feminista com a fé verdadeira d'um combatente inspirado pelo amor d'um ideal sagrado.

Em França, o seu nome está já hoje vinculado nas grandes sociedades de lettras onde o seu incontestavel merito de escriptora tem justa consagração.

Multiplos e diversos são os documentos do valor litterario de Louise Néron e muito acanhado o espaço de que aqui dispomos para ennumerar todos; porem, a evidente proficiencia e dedicação com que tem dirigido a *Famille* bastam para nos dar o mais cathegorico argumento da individualidade da nossa talentosa perfilada e para a considerarmos um legitimo triumpho da mulher intellectual franceza.

Natalia Muñoz

E' um sympathico vulto de mulher que, aliando a nobreza d'uma jerarchia illustre ao amor acrisolado que vota á Arte de Raphael, se impõe á critica de todos os abalisados artistas portuguêses.

E' encantador entrar-se no seu elegante *atelier* onde estão admiravelmente bem dispostas as numerosas creações do seu fecundo e apaixonado espirito de artista.

Toda aquella multiplicidade de finos coloridos que o pincel em traços seguros, magistralmente, cinzelou e a que um gosto requintadamente esthetico imprimiu uma expressão vibrante de sonho e de poesia, nos revella a individualidade da nossa perfilada.

Nos salões aristocraticos da nossa sociedade elegante apparece Muñoz deliciosamente fascinadora pela inalteravel affabilidade do seu trato e pela graciosidade impeccavel do seu porte tão distincto e attrahente.

E' finalmente, uma verdadeira artista que a gloria já consagrou e uma dama a que o meio social mais elegante e illustre tem rendido evidentes provas de alto apreço:—com o seu bello talento enriqueceu o mundo da Arte e com a sua esmeradissima educação e fino espirito é um formôso ornamento, manifestando, cabalmente, o indiscutivel valor da mulher em todos os meios quando, devidamente illustrada, vôa até ás ethereas regiões da Arte.

Mors-amor

Esse negro corsel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce
E, passando a galope, me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle ? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas ?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido, no porte,
Vestido d'armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor
E o corcel negro diz: — «Eu sou a Morte !»
Responde o cavalleiro: — «Eu sou o Amor !»

ANTHERO DE QUENTAL.

Fragmentos d'um livro

A mulher de genio póde ser, deve ser, melhor dona de casa, melhor mãe, melhor esposa, melhor amiga de que a mulher ignorante ou mediocre.

*

O que tem feito muito mal ao pobre sexo feminino, sempre opprimido ou pervertido, lisongeado ou tyrannisado, é a pessima educação que o homem lhe dá, apreciando n'elle ou a vaidade e a *coquetterie* damninhas, ou a ingenuidade ignorante, ou a submissa paciencia que compete a escravos, não a seres pensantes.

*

O homem até hoje nunca quiz elevar a mulher, senão obrigado, forçado, por circunstancias superiores á sua vontade pessoal.

*

Toda a mulher intelligente que tenha feito da sua cultura intellectual, da sua faculdade artistica de qualquer ordem, do habito de pensar, de meditar, de comparar, de conhecer, um uso adequado ; que se tenha servido do seu talento como de um bello instrumento de trabalho, de um bello meio de propaganda moral ou de ensinamento artistico; que pela intelligencia ou pelo genio bem applicado se tenha tornado conhecida, respeitada, amada, admirada, não deve renegar de modo algum, nem as dores nem as alegrias que por tal preço comprou, e deve sentir-se orgulhosa e feliz se uma filha tiver o talento que ella teve, o applicar ao bem dos seus e ao bem da humana especie, como ella o applicou, e conseguir a nobre notariedade que ella laboriosamente adquiriu.

Tudo o mais seria a negação do que ha de mais bello na terra : a Rasão, que não tem sexo; o Genio, que é a luz suprema da Vida; a Arte, que é a flor que a alma humana desabrocha para Deus !

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Lição

Chamaste-me poeta um d'estes dias ;
E, intimamente, filha, tu sorrias
Satyrica e mofina.
Sorrias, que eu bem vi, na prega honesta
De teu labio assomar, travêssa e lesta,
Uma ironia fina.

Cuidado, flor, que ser poeta é nobre !
E' ser, talvez, um esfarrapado, um pobre,
Um pária, um visionario...
Mas é tambem, contra o soffrer terreno,
Ter o sublime olhar do Nazareno
Nos transes do Calvario.

Olha, é saber amar ! E' como o Dante,
Voltar a vida a uma visão distante,
Riso de amor escasso;
E amando assim, sem ser amado um pouco,
Acabar preso, enamorado e louco
Como o divino Tasso.

E' gemer o *Intermezzo*, e condemnar-te
Como Hugo, o nome vil, ó Bonaparte,
A's irrisões da Historia.
E como Arvers, nos versos de um soneto,
Formulando os gemidos de um affecto,
Escravisar a Gloria.

E' no folgar da estrophe alevantada
Eternisar Nathercia, a doce amada
Que á côrte o louco immola ;
E quando a patria entre baldões expira,
Depois de á patria consagrada a lyra,
Morrer pedindo esmola !

Se apesar de tudo isto o ser poeta
Só te merece risos, borbolêta
Solta de ramo em ramo.
Ri-te, que o sou—protesto o verso embora—
Porque, emfim, para o ser, basta, senhora,
Amar como eu te amo.

Basta, afinal, soffrer; rir, e ser forte
Para affrontar ludibrios, odio e morte;
Amar a desesperança,
E, em paga de ludibrios, de odio e tudo,
Ajoelhar como eu, tremente e mudo,
Aos risos teus, creança !

JOSÉ NEWTON.

A dança

A edade média teve a *dança dos fachos* e a *pavana*, oriunda das Hespanhas e predecessora do *menuete*, o qual entrou pelo pé do celebre Lauzun na côrte de Luiz XIV o rei da mesura e da symetria, da linha curva no espinhaço dos aulicos e da linha recta nos Jardins de Versailles.

A dança, que fez a reputação de Lauzun, deitou a perder a de Anna de Austria. O cardeal de Richelieu, quasi no ultimo quartel da vida, conservava, entre as suas fraquezas senis, uma paixão violenta pela esposa de Luiz XIII — restos mal extinctos, talvez, da chamma ateada noutro tempo em seu coração pelo sorriso complacente da viuva de Henrique IV. Anna, a amada de Buckingham, vingou-se das enfatuadas solicitações do cardeal, obrigando-o a dançar uma *sarabanda* no interior dos seus aposentos.

O grande homem que dizia: — *quando tenho um projecto na mente, derrubo quanto me estorva o caminho e cubro tudo com a minha sotaina vermelha* — o incomparavel ministro de Luiz XIII que preparou, com a sua politica, profundamente revolucionaria os elementos do seculo de ouro da civilisação franceza, obedeceu infantilmente ao capricho extravagante d'uma mulher que o despresava, deixou se guiar pela maliciosa senhora de Chevreuse, e entrou, á meia noite, no quarto particular da rainha. Estava a scena de antemão preparada para o receber. Uma orchestra encoberta entoou a *sarabanda*. O cardeal arremessou fóra o chapeu desabado e deixou cair a capa de cavalleiro aventuroso. Estava trajado como os dançarinos da côrte: uma meia de séda encarnada e outra amarella; calções de setim, golpeados de amarello e vermelho, gibão egualmente listrado, terminando, por baixo do cinto, em recortes guarnecidos de chocalhinhos de prata; tacões de metal, dentro dos quaes tilintavam os cascaveis; grande tope nos sapatos e garridos laços de fitas nos calções. Ao compasso dos violinos, ergueu a cabeça, alteou os braços, fez estalar entre os dêdos as castanholas de marfim, e rompeu na dança.

Quando os musicos déram a derradeira arcada nos instrumentos, o cardeal, com a fronte aljofrada pelo suor, livido pelo esforço quasi sobrehumano que fizéra, com as pernas e os braços trémulos, o peito arquejante e a bôca aberta pelo cansaço, dobrou um joelho aos pés de Anna de Austria, cingiu-lhe a cintura para manter o equilibrio da estremecida ossada, e fitou nella os olhos cançados pelos annos, pelas vigilias do estudo, faiscando-lhe então no olhar o derradeiro lampejo da mocidade, sacudido, entre uma nuvem de cinza, do rescaldo intimo do coração.

A rainha desfechou lhe no rôsto uma gargalhada crúa, estridente, mephistophélica, que o obrigou a erguer-se, a recuar de golpe, como se a lingua d'uma vibora repentinamente se lhe houvesse embebido no peito.

O velho ministro, atalhado e immovel, circumvagou machinalmente a vista pelo aposento. A tapeçaria que forrava as paredes, achava-se franzida e levantada em alguns pontos, e quatro ou cinco espectadores, alegres, e sarcasticos, seguiam curiosamente os movimentos do principal actor desta scena.

Richelieu ergueu a capa que deixára cair; metteu o chapeu na cabeça, cravou na rainha um d'esses olhares que são o tacito protesto d'um odio inquebrantavel e eterno e saiu dos aposentos régios, pasmado e mudo, profundamente ferido pela mais violenta dôr que póde varar o coração d'um velho.

A sotaina do cardeal cobriu discretamente a vingança do amante humilhado. O marido de Anna de Austria, pagou, porem, essa aversão entranhada a sua mulher, a divida contrahida n'essa noite por aquelle que quizéra constituir-se representante delle nos camarins da soberana. O ministro valido tinha despedaçado a reputação da princeza, como um brinquedo antipathico...

RAMALHO ORTIGÃO.

Madrigal realengo

Quando a vê passar altiva,
mas insinuante e singella,
lembrando uma estatua viva,
o artista chama lhe: — Bella!

Quando dos seus dotes raros
a justa fama ressôa,
contando os feitos preclaros,
o povo chama-lhe: — Bôa!

Porém quando ao lar afflicto
leva o pão, o amor, o bem,
dão-lhe um nome mais bonito;
o pobre chama lhe: — Mãe!

1884.

CHRISTOVAM AYRES.

Educação da mulher

V

Está hoje scientificamente demonstrado que nenhum valor tem o facto anthropologico, de ser o cerebro da mulher mais pequeno que o do homem, o qual por muito tempo foi a base dos argumentos com que se pretendeu affirmar a sua inferioridade de intellectual. Apenas a sexualidade, que tão profundas modificações anatomicas e physiologicas produz, lhe imprime egualmente algumas modificações psychicas; mas, porque estas modificações originam um valor mental diverso, não se pode logicamente concluir que esse valor mental seja inferior. Todavia diz Mr. G. Tarde no seu livro «La Philosophie Pena-

Ella, vivendo sempre confinada nos acanhados limites das suas obrigações para com o seu companheiro, não intervinho nas lutas, não soffria com elle a cada passo a influencia directa dos progressos realizados pelos adversarios, que eram um constante estimulo para a realisação de novos intentos.

Acceitava-os quando lhe eram impostos e porque lhe eram uteis, mas nunca teve, como o homem, a occasião de sentir a sua necessidade antes de realizados. Tendo assim caminhado atravez dos tempos e vivido em condições tão profundamente dessimilhantes, não podiam ter ambos adquirido egual desenvolvimento e aptidões intellectuaes identicas.

No entretanto ninguem contestará que a mulher, apezar de todas essas causas remotas que a levaram a uma actual inferioridade, possue mui valiosas fa-

LAGO DO JARDIM MUNICIPAL, NA MADEIRA

le«— *Au point de vue morale, la femme semble avoir eu dans le developpement humaine une influence remarquable, comme pour contrebalancer l'insignificance toujours croissante, ce semble, de son apport sociale au point de vue intellectuel. Il n'y a pas une seule invention civilisatrice tout soit peu importante qui soit due à une femme*

Não nos deteremos na primeira parte desta affirmação que a cada momento se confirma; procuremos apenas ver se alguma causa ha que nos possa explicar essa inferioridade. Não terá ella a sua origem, unicamente, na differença que desde as mais remotas eras existia entre a maneira de vivêr do homem e da mulher e na orientação que consecutivamente d'ahi devia resultar para as suas aptidões?

A mulher physicamente mais fraca do que o homem, achou-se por isso, logo de principio, votada a um papel secundario e afastada das lutas em que elle, pelas exigencias crescentes das suas necessidades, foi educando o seu engenho e adquirindo tôda essa aprendizagem que vemos desde logo fazer falta á mulher

culdades de observação, não raro superiores ás do homem. A ellas se refere Schopenhauer quando diz que—*La femme est affligée d'une myopie intellectuelle qui lui permette, pour une sort d'intuition de voir de une façon pénétrante les choses prochaines. Pour nous (les hommes) au contraire, notre regard dépasse sans s'y arrêter les choses qui nous crèvent les yeux et cherche bien au delà...* Não será isto que elle classifica de *myopia* intellectual da mulher, antes a primeira das consequencias do seu viver acanhado desde o principio, de tal fórma que ella, por falta de causas determinantes, nunca teve condições para attingir o pleno desenvolvimento das suas faculdades psichicas? E tanto mais isto se nos afigura assim, que algumas mulheres, cuja educação se tem por circumstancias especiaes approximado da do homem pela conquista do campo sufficientemente vasto para a cultura e emprego da sua intelligencia, nos dão a auspiciosa esperança de que o futuro ha de confirmar esta maneira de ver. Citaremos como exemplo a celebre Hypathia, filha do mathematico Theon, que viveu no seculo III

da nossa era, em Alexandria. Educada pelo pae desde creança, recebendo as suas lições, bem nova se tornou notavel pelos seus profundos conhecimentos scientificos avantajando-se aos seus contemporaneos. A ella se devem valiosos tratados sobre mathematica e astronomia e a invenção de importantes instrumentos destinados ao uso destas sciencias. E dos nossos dias, nos Estados Unidos, onde os effeitos da educação baseada n'um regimen de egualdade se vão accentuando, vemos vir a mulher intervir já efficazmente na resolução dos grandes problemas sociaes, quando em todo o mundo civilisado, mas principalmente neste paiz, se debatia a importante questão da escravatura, escreveu Mistress Beecher Stow o seu livro «Uncle Fom's labin» genial creação cuja influencia social, foi tanta, que podemos considera-l-a um dos mais importantes agentes da realisação deste passo gigantesco do progresso e da civilisação.

Porêm o que mais vulgarmente vêmos é a mulher victima da educação e sob a orientação actual da sociedade não podêr ainda rivalizar com o homem; e por isso ella pouco ou nada cria, ainda ella pouco ou nada inventa. Encontra a vida demasiado facil, que elle lhe enche de commodidades sem lhe deixar sequer percebêr como as conquistou e quanto trabalho dispendeu para isso; e ella que póde satisfazer, quasi sem sacrificio, os seus desejos e caprichos, não tem donde lhe venha o estimulo que a impelliria como o homem para a conquista dessas mesmas commodidades. Afastada a principio pelas suas condições physicas das lutas da concorrencia ainda o está hoje pelas normas sociaes!...

Mas mudem-se as circumstancias actuaes, estabeleça-se em condições perfeitamente iguaes essa luta de concorrencia e só então depois de feita a sua aprendizagem é que se poderá vêr se ella é capaz de crear e inventar a par com o homem.

Terminaremos, finalmente, dizendo como Stuart Mill—«*Je crois que les relations des deux sexes,qui au nom de la loi, subordonent l'un des sexes à l'autre sont mauvaises en soi*, e *forment aujourd'hui l'un des principaux obstacles qui s'opposent au progrès de l'humanité. Je crois, qu'elles doivent faire place a une egalité parfaite, sans previlège ni pouvoir pour un sexe sans incapacité pour l'autre.*

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA.

Mater Dolorosa

Lançae-me á vala, Amigos! Que me importa.
Apodrecer com párias, lá no fundo?
Hâ-de ser como um fardo sujo, immundo,
O cadâver da vossa infeliz Morta.

Atirae-me... e esquecei-vos d'esse dia!...
— Que eu não quero deixar-vos um desgosto —
Esquecei o meu riso, a voz, o rosto.
— Máscara alegre que vos illudia.

E quando não houver, emfim, ninguem
Que o meu nome recorde ou me lamente,
Vós vereis arrastar-se, lentamente,

Caminho d'essa vala uma velhinha,
Carregada de flores, — coitadinha, —
E chorando por mim — a pobre Mãe!

MARIA VELLEDA.

Cancioneiro estrangeiro

Per più liate gli occhi ci sospinse
Quella lettura, e scolorocci il viso:
Ma solo um punto su quel che ci vinse.

Quando leggemmo il disiato riso
Esser baciato da cótanto amante
Questi, che mai da me non fia diviso,

La bocca me baciò tutto tremante:
Galleotto fu il libro e chi lo scrisse.
Quel giorno più non vi legemmo avante.

Mentre che l'uno spirto questo disse,
L'altro piangea si, chè di pietade
Io venni men così com io morisse;
E caddi, come corpo morto cade.

(Inferno)

DANTE.

—◇—

Eostazio lei richiama e dice: Omai
Cessi, vaga donzella, il tuo dolore;
Che tal da noi soccorso in breve avrai,
Qual par che più richiegga tuo timore.
Sereno allora i nubilosi rai
Armida, e si ridente apparve fuore,
Ch' innamoro di sue bellezze il ciélo,
Asciugandosi gli occhi col bel velo.

Rendè lor poscia in dolci e care note
Grazie per l'alte grazie a lei concesse,
Mostrando che sariano al mondo note
Mai sempre, e sempre nel suo coressuo impresse:
E ciò che lingua esprimes ben non puote,
Mat a eloquenza ne suovi geste espresse;

E celò si sotto mentito aspetto
Il suo pensier, ch,altrui non diè sospetto.

(La Gerusalemme liberata)

TORQUATO TASSO.

—◇—

SULLA MORTE DI MADONA LAURA

Rotta è l'alta Colonna, e'l verde Lauro,
Che facean ombra al mio stanco pensero:
Perdut'ho quel che ritrovar non spero
Dal Borea all'Austro, o dal mar Indo al Mauro.

Tolto m'hai, Morte, il mio doppio tesauro,
Che mi fea viver lieto, e gire altero;
E ristorar nol può terra, nè impero,
Nè gemma oriental, nè fozza d'auro.

Ma se consentimento è si destino;
Che poss'io, se no aver l'alma trista,
Ulmedi gli occhi, e'l viso chino?

O nostra vita, ch'è si bella in vista,
Com, perde agevolmente in un mattino
Quel che'n molt' anni a granpena s'acquista!

PETRARCHA.

Cartas da religiosa portugueza Sorôr Marianna Alcoforado

V

Escrevo lhe pela ultima vez e espero fazer lhe perceber na differença dos termos e na maneira d'esta carta, que logrou convencer-me, finalmente, de que não me amava já, e que, assim, tambem, devo deixar de o amar.

Enviar-lhe-hei, pois, pelo primeiro portador que haja, quanto de si me resta.

Não receie que lhe torne a escrever.

Nem serei eu quem escreva o seu nome na encommenda.

lhe devo, consegue-se sempre chegar ao cabo do que se quér...

Puz tudo nas mãos de D Brites. Quantas lagrimas me custou isto!...

Depois de mil penas e mil contradições, que não imagina e de que certamente não lhe darei conta, exorei d'esta que não me falasse mais n'aquelles objectos, que m'os não tornasse a dar, ainda que eu lhe pedisse para os contemplar outra vez, e que, emfim, lh'os enviasse sem me prevenir sequer.

Não conheci bem o excesso do meu amor senão quando quiz empregar todas as diligencias para me curar d'elle, e creio que nem ousaria tental o se tivesse podido prever tantas difficuldades e tamanha violencia.

Estou convencida que sentiria emoções menos penosas, amando o, ingrato como é, do que deixando-o para sempre.

NA BEIRA

Encarreguei de tudo D. Brites.

A bem differentes confidencias a habituara eu...

Os cuidados d'ella ser-me-hão menos suspeitos do que os meus.

Ella tomará as precauções necessarias para que eu fique certa de que o senhor recebeu o retrato e as pulseiras que me dera.

Quero porém que saiba que me sinto ha dias perfeitamente disposta a queimar e a despedaçar todos os penhores do seu amor, que tão queridos me eram.

Tenho-lhe revelado tanta franqueza que naturalmente não acreditará que eu podesse tornar-me capaz d'esse extremo, não é verdade?

Prefiro pois gostar toda a pena que tive em separar-me d'elles, e fazer-lhe sentir, ao menos, este pequeno despeito.

Confesso lhe, para vergonha minha e sua, que me achei mais presa, do que quero contar-lhe, a estas bagatellas, e que senti que me eram novamente precisas todas as minhas reflexões para me separar de cada objecto, quando mesmo, me comprazia de não me importar já comsigo.

Mas, em summa, com tão boas razões como as que

Vi que me era menos caro de que a minha paixão, e tive magoas desconformes em combatel-a, depois ainda que os ruins procedimentos do senhor o tornaram para mim odioso.

O orgulho natural do meu sexo não me ajudou a tomar quaesquer resoluções contra si.

Triste de mim!

Soffri os seus despresos; houvera supportado a sua aversão; devorara commigo o ciume que me tivesse inspirado a sua affeição por outra.

Ao menos, sentir-me-hia affrontada por um sentimento vivo!...

Mas a sua indifferença é-me insupportavel.

Os seus impertinentes protestos de amizade, e as ridiculas finezas da sua ultima carta fizeram-me ver que o senhor recebera todas as que lhe escrevi, e que nenhuma impressão lhe causaram.

E... leu-as...

Ingrato!

Muito doida sou em amofinar-me ainda por não poder regosijar-me de que não lhes tivessem chegado ás mãos; de que não lh'as tivessem entregue!

Abomino a sua franqueza.

Pedi-lhe porventura que me dissesse sinceramente a verdade?

Porque não havia de deixar-me a minha paixão?

Bastava que me não escrevesse.

Não me era sufficiente a desgraça de não ter podido obrigal-o a ter algum trabalho a enganar-me... e de já não poder desculpal-o?...

Saiba que me convenço de que é indigno de todos os meus sentimentos, e que agora conheço todas as suas ruins qualidades.

Mas se quanto liz pelo senhor pode merecer lhe que tenha alguma consideração pelos favores que lhe peça, imploro lhe que não torne a escrever-me, e que me ajude a esquecel-o inteiramente.

Se mostrasse, frouxamente que fosse, que tivera algum pesar em ler esta carta... poderia talvez acreditar o!. .

Talvez tambem a sua confissão e o seu contricto me fizessem pena e me incitassem... e tudo poderia inflammar me de novo.

Por piedade lhe peço que não se importe com a minha vida. Destruiria, sem duvida, todos os meus projectos de qualquer fórma que quizesse intrometter-se n'ella.

Não quero saber o resultado d'esta carta Não perturbe o estado que me preparo.

Parece-me que pode dar se por satisfeito com os males que me causou, fosse qual fosse o intento que formara em me desgraçar.

Não me arranque á minha incerteza. Espero fazer d'ella com o tempo, alguma coisa parecida a paz do coração.

Prometto-lhe não o odiar. Desconlio muito de sentimentos violentos para que me aventure a esse.

Não duvido de que encontrasse n'esta terra um amado mais fiel... mas quem poderá fazer me amar?!

Poderá acaso enlevar-me a paixão de outro homem? Que ponde no senhor a minha?...

Não experimentei já que um coração amante nunca pode esquecer o que primeiro lhe revelou os transportes de que era susceptivel e que não conhecia? — que todas as suas intimas noções ficam enleadas no idolo que para si creou? — que as suas primeiras idéas e que as suas primeiras feridas não podem curar-se e esquecer? — que todas as paixões que se offereçam em seu soccorro e que forcejem por enchel-o e reanimal-o, lhe promettem vãmente uma sensibilidade que elle não pode rehaver mais? — que todas as deleitações que busca, sem nenhum desejo de as encontrar, servem apenas para fazer-lhe sentir profundamente que nada é tão caro como a lembrança das suas penas?!

Porque me fez conhecer a imperfeição e os amargores de um affecto que não deve durar eternamente, e os tormentos que acompanham um amor violento quando não é reciproco?

E porque é que uma inclinação cega e um destino cruel se afervoram de ordinario em determinar-nos aquelles que só a outras seriam sensiveis?

Quando mesmo podesse esperar qualquer recreação em novas relações, e que encontrasse um coração leal que me quizesse, tenho tanto dó de mim propria que sentiria grandes escrupulos em lançar o homem mais infimo no estado a que o senhor me reduziu...

E embora não tenha que lhe guardar respeitos, não poderia resolver-me a uma desforra tão crua, quando mesmo ella depende de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro n'este momento desculpal o, e comprehendo que uma freira não é nada amavel, de ordinario.

(Continúa).

Notas de arte

O *Auto do fim do dia* é uma série de quadros caracteristicos da vida do nosso povo, descriptos pela delicada paleta impressionista de Antonio Corrêa de Oliveira.

O primeiro quadro — *Tarde de Junho* — é uma paysagem quente, animada pelos cantos das ceifeiras de trajos garridos e a alegria sã do trabalho campestre.

N'um interessante desafio esboça-se gracioso idyllio, entre commentarios sentenciosos do coro; a proposito do amor uma *Velhinha* conta uma xacara.

Ao esfusiar de maliciosos ditos succede a emoção que desperta nas almas simples a triste narrativa

Esmorece o dia, e no povoado, toca a *gaita de foles*, encaminhando-se para alegre romagem. .

O segundo quadro — *Ao cahir do sol* — é ainda a mesma paysagem, mas á luz crepuscular, envolta em mysteriosas sombras, impregnada de tristeza e de saudade...

Por entre a ramaria dos castanheiros, uma campainha resôa pausadamente ..

As ceifeiras ajoelham, e as vozes do *Benedito* acompanham a procissão do *Viatico*, como um presagio de morte.

Continua a ceifa, mas os cantos são mais angustiados, sobre os eccos longiquos do funebre cortejo.

Um pobre rapaz, que acaba de se alistar, como soldado, vem despedir se da namorada; em fórma resignada com que acceita o seu destino, revela bem o espirito fatalista do nosso aldeão.

N'isto passa o regimento, e n'um grito de enthusiasmo, todos saudam a bandeira — *symbolo da patria* — aconselhando o soldado a ser fiel ao seu amor e á sua terra.

Procurando identificar nos com o pensamento do poeta, puzemos de parte toda a preoccupação de fórmas ou de artificios contrapontícos, chamando simplesmente em nosso auxilio, reminiscencias da mocidade passada no campo

Intercalámos mesmo alguns motivos de pura melodia popular; para accentuar melhor a côr rustica, esforçando-nos sempre por não prejudicar com o trabalho artistico a deliciosa *aguarella* pantheista de Corrêa de Oliveira.

Com as differentes obras dos poetas illustres, a quem prestamos a homenagem do nosso trabalho, seguimos sempre o mesmo processo artistico: — Completa identificação, entre a poesia e a musica, que deve illuminal-a communicando lhe vida, sem nada alterar da sua essencia.

CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA.

(*Do programma musical da ultima matinée em casa dos condes de Proença.*)

Impressões de arte

(De um livro inédito)

Succede frequentes vezes ser o artista sensivel a todas as manifestações da arte, saber devidamente apreciá-las na sua essencia, no seu conjuncto e na multiplicidade das suas formas, livre de enthusiasmos especiaes por determinadas theorias esthetícas, desembaraçado de dogmas, deixando a alma commover-se perante todas as expressões do Bello, sem distincção de escolas, de nacionalidade e de credos philosophicos. Goëthe é um artista d'esta ordem.

Admirou e comprehendeu, na sua viagem pela Italia, tanto os monumentos da arte antiga como os da arte moderna. Protestante e amante do paganismo, nem por isso deixou de apreciar quanto as artes devem á inspiração religiosa e catholica. As nobres proporções de S. Pedro, as pinturas de Miguel Angelo na capella Sixtina, e outras obras da arte catholica, inspiraram-lhe a mesma admiração que o Pantheon, o tumulo de Cecilia Metella, o Coliseu e o Apollo de Belvedere.

Shelley, o grande poeta inglez, é mais parcial e, n'este ponto, mais limitado tambem.

As obras primas italianas que devéras o encantaram, são as que tratam de assumptos pagãos ou allegoricos e que, portanto, melhor se harmonisam com as suas doutrinas. O seu ideal era a belleza grega, á qual faz convergir todas as concepções artisticas. Tudo que se afastasse d'ella, merecia-lhe menos sympathia.

«Um dos primeiros effeitos da religião christã, parece ter sido destruir toda a belleza na arte» escreveu elle.

Este poeta subtil e mystico, amante do sobrenatural, evocador de formas impalpaveis, deveria ser, como ninguem, capaz de apreciar o suave encanto da primitiva arte italiana, deleitando-se de preferencia com os Christos, de Giotto, os Seraphins, de Fra Angelico, os Anjos de Lorenzo di Credi, as Madonas, de Simone Menui e de Botticelli, das quaes Bourget compara a seducção ideal á seducção dos mais subjectivos poemas de Shelley. Não é, porém, esse o caso.

Em virtude das suas theorias, Shelley nunca apreciou a pura poesia do culto catholico, nunca entrou, como artista, no pensamento dos crentes, não quiz jámais fazer um esforço de imaginação para se identificar com os sentimentos dos orthodoxos. Com tudo, o previlegio do verdadeiro artista, é poder penetrar nas mais diversas disposições de espirito e

PRAIA DA NAZARETH

expressal-as com tanta verdade como se lhe fossem inherentes.

Datam de Bolonha as primeiras cartas de Shelley, aos amigos de Inglaterra, com as suas opiniões sobre pintura e esculptura. Antes da viagem a Italia, o poeta não tivera ensejo de se occupar de bellas artes. Mas o espirito, avido de conhecer o Bello, sob todos os aspectos, não podia descurar muito tempo tudo que lh'o representasse. Os museus de Italia aguçaram-lhe a curiosidade innata, procurando elle, tanto na pintura como na estatuaria, «as leis, segundo as quaes essa belleza ideal, de que temos em nós uma percepção tão intensa, e, comtudo, tão obscura, se realisa nas fórmas exteriores».

Na maravilhosa galeria de Bolonha, os dois pintores que mais o deslumbraram foram o Correggio e o Guido. Admirou, do primeiro, o quadro representando *Quatro Santos* e um *Christo beatificado*, de «inexprimivel belleza». Do Guido, que, segundo elle, «em logar d'esses assumptos horrivelmente estupidos, que todas as injurias do mundo não rebaixariam bastante, só deveria pintar o que pode ver se de mais formoso», admirou, acima de tudo, *O rapto de Proserpina*, o *Sansão victorioso*, e o quadro da *Fortuna*, que o Amor vae seguindo. Admirou ainda, mas sem enthusiasmo, a *Matança dos Innocentes*, que lhe pareceu fraca para o assumpto que representa, e o *Christo agonisante*, que lhe suggeriu esta reflexão: «Fatigâmo-nos de vêr, qualquer que seja a concepção, e a execução do thema, esta fórma agonisante e monotona, eternamente estereotypada n'uma attitude de tortura prescripta.» Mas, da figura da loura e desolada *Magdalena*, aos pés da Cruz, murmura o poeta: «Uma pessoa nunca se cançaria de a contemplar»

Deante de São Bruno, de Guerchino, pergunta, indignado: «Para que serve escrever livros contra a religião, quando se podem expôr quadros d'estes? Mas o mundo não não quer ou não póde vêr!»

O bolonhez Franceschini, notavel discipulo do Guido, prendeu a attenção de Shelley, na egreja de Santa Catharina. O colorido das suas pinturas dava-lhe a illusão de haver Franceschini molhado os pinceis nas côres de algum crepusculo sereno e resplandescente de estrellas, para produzir toda aquella graça etherea, todos aquelles cherubins, cupidos e anjos, e a Virgem, «doce, modesta, e simples». A Santa Cecilia, de Raphael, extasiou-o.

«Esquecemo-nos que temos deante dos olhos uma pintura, e, comtudo, ella em nada se assemelha áquillo a que chamamos realidades. E' alguma cousa de inspirado e de ideal, que parece concebido e executado n'um estado de sentimento analogo áquelle que produziu, nos antigos, esses especimens completos de poesia, de pintura e de esculptura, modelos que desafiam as gerações vindouras. Ha-ali uma unidade e uma perfeição inimitaveis.»

Ao passo que exaltou a graça penetrante e o genio do Guido, do Correggio e de Raphael, Shelley não gostou do Dominicano e do Carracci, e sentiu-se frio ante toda a obra de Miguel Angelo, «o Titos Andronico da pintura», como lhe chamou. Foi, até, injusto na sua primeira opinião — opinião que depois modificou — a respeito d'esse grande artista

Shelley applicava á arte o axioma moral: «doce e forte», mostrando uma predilecção accentuada por todos os artistas que se prendem mais ao bello do que ao horrivel, e preferem a graça á força. Ora Miguel Angelo synthetisava, para elle, o typo da força, não temperada pela graça.

«Quanto a Miguel Angelo, dizia Shelley n'uma carta a Leigh Hunt, não posso enfileirar-me na opinião commum que o eguala a Raphael e a certos respeitos o colloca acima d'elle. Parece-me que não tem sentimento algum da dignidade moral e da belleza; e, a força, que tanto o fez ser apreciado, apparece-me como uma qualidade vulgar, exterior e mechanica, em comparação com as qualidades que distinguem Raphael e outros artistas menores. As famosas pinturas da Capella Sixtina, parecem-me faltas de belleza e de magestade, quer na concepção, quer na execução. Chamaram-lhe o Dante da pintura. Mas, se nós encontramos em Miguel Angelo alguns dos traços grosseiros e rudes que caracterisam os mais repellentes personagens do *Inferno*, onde encontramos nós Francesca, onde encontramos o Espirito que vem sobre o mar, n'um barco, onde encontramos Matilda, colhendo flôres, e toda a delicada ternura, a delicada sensibilidade, a belleza ideal, pelas quaes o Dante ultrapassou todos os poetas, excepto Shakespeare?

A *Medusa*, de Leonardo de Vinci, agradou infinitamente a Shelley, não só pelo assumpto, mas porque ali, a força, em contraste com a graça, produz um conjuncto de belleza ideal. «E' admiravel a descripção de Shelley, na poesia que tem o titulo do quadro, d'esse rosto de mulher, fitando na morte o céu; d'essa cabeça cortada, que acaba de exhalar o ultimo suspiro, com a bocca

aberta, o olhar perdido no terror da agonia, ao passo que os cabellos «feitos de serpentes vivas, torcem os seus esverdeados anneis, mostrando nas interminaveis evoluções, o brilho das escamas, como para escarnecerem a tortura e a morte...»

Shelley entristeceu-se de ver, n'algumas capellas, quadros de subido valor destruidos pelas bayonetas francezas.

«São symptomas da condicção mortal de todas as coisas, observa elle. Poucos trabalhos existem mais ephemeros do que a pintura. A esculptura conserva o seu frescor durante vinte seculos. O Apollo e a Venus estão como eram. Os livros são, talvez, as unicas producções do homem, contemporaneas da raça humana. Sophocles e Shakespeare pódem reproduzir-se eternamente. Mas que ephemeras são as pinturas! As de Zeuxis e de Apelles já não existem, e, decerto, têm a mesma relação com Homero e Eschylo, que as do Guido e Raphael têm com Dante e Petrarcha. Ha só um refugio á tristeza d'esta contemplação. E' forçoso que pereça a parte material d'esses trabalhos, como a de todos os trabalhos artisticos, mas elles viverão na memoria dos homens, e as recordações que lhe estão ligadas serão transmittidas de geração em geração. O poeta encorpora-as nas suas creações, os systemas philosophicos suavisam-se contemplando-as, a opinião, esse legislador, penetra-se da sua influencia, as creaturas tornam-se melhores e mais sensatas, e assim ficam espalhadas as invisiveis sementes que hão de produzir uma planta mais perfeita do que aquella d'onde cahiram.»

Nos museus de Napoles, o poeta inglez só encontrou digno de louvor o museu de esculptura e, n'elle, em especial, uma Venus, um Baccho e um Satyro. Quanto ao museu de pintura, exceptuando os estudos do julgamento final, de Miguel Angelo, uns quadros de Raphael e dos seus discipulos, algumas pinturas de Annibal Carrache, uma *Magdalena*, de Guido, e a *Danae*, do Ticiano, tudo lhe parece inferior.

Em Roma, «a capital de um mundo extincto», o que mais admira, o que mais impressiona Shelley, como é de suppôr, é a Roma antiga. A moderna Roma pouco o interessa. N'estas disposições, S. Pedro não lhe falla á alma. Reconhecendo aliás que, o edificio, no seu conjuncto, forma «uma combinação de architectura sem egual no mundo». Em compensação, tudo quanto diz respeito á arte antiga o enleva. O Pantheon pareceu-lhe: «A imagem visivel do universo. A idéa de grandeza absorve-nos e perdemo-nos na perfeição das suas proporções emquanto olhamos a incommensuravel cupula do céu.

São das mais eloquentes paginas das suas cartas aquellas que dedica ás collossaes estatuas de Castor e de Pollux, ao arco de Tito, que depois se chamou arco de Constantino, ás magestosas ruinas do Coliseu, e ás ruinas do Forum, semeadas de tantos destroços de templos consagrados outr'ora por uma nação ás abstracções do espirito.

Ao passo que Goëthe, em face das ruinas de Roma, escrevia, com a sua olympica serenidade: «As ruinas não são tristes; é forçoso que as cousas d'este mundo pereçam»; Shelley contempla-as como sonhador, e deixa se penetrar pelas melancholicas suggestões de Roma; Roma, como elle descreve, na sua phrase colorida, a cidade dos murtos, ou antes d'aquelles que não pódem morrer e que sobreviverão ás gerações inferiores que ali habitam e que passam pelo logar que elles deixaram sagrado para a eternidade.»

Claudia de Campos.

Voz do destino

Imagem de um sonho vago,
E s tu a ondina do lago
De crystal?
Quem tanto amor me confessa?
O ecco repetiu: — *Essa!...*
Pelo val.

Essa voz pura e suave
E' como um cantico de ave
Ao luar!
Sentirá de mim saudade?
Longe o ecco se ouvin: — *Hade!...*
Murmurar

Hade o amor desencantar te?
Que mão condão, em parte
Se sumiu?
Responde, harmonia branda?
E o ecco gemendo: — *Anda!...*
Repetiu.

Ando... e sem saber aonde
A fada gentil se esconde
Cego vou!
Como heide ver quem me chama?
E o ecco dizendo: — *Ama!...*
Expirou.

Theophilo Braga.

CLAUDIA DE CAMPOS

Ultimo amor

(ROMANCE)

Margarida relanceou os olhos para o bilhete, e ficou um instante perplexa.

Seria um pretexto de Mario Salter para se approximar d'ella? Era provavel. Em todo o caso, sendo portador de uma mensagem da filha do medico, não podia recusar se a recebêl-o.

— «Mande entrar para a sala, disse ella á creada — a boa e fiel Luiza, que ha tantos annos a servia; e dirigiu-se ao seu quarto, indo direita ao espelho.

Foi tão instinctivo este impulso, que ella córou intensamente ao cair em si, e ao reparar na sua feminil ligeireza.

Que lhe importava já o mundo, para estar com preoccupações de parecer bonita, e a quem? Aos entes que mais desprezo lhe mereciam!

— Não, não, exclamou ella um momento indignada, devo antes tornar-me feia e desagradavel se é possivel...

Mulher, porem, até aos mais fundos imos do coração, ella tinha o desejo innato de agradar, o natural sentimento da *coquetterie*, o gosto invencivel de todas as elegancias.

Por isso, n'uma revolta de todo o seu sexo contra os raciocinios de ha pouco, escolheu no guarda roupa bem guarnecido — porque o marido, que era opulento, enviava-lhe todos os mêzes uma quantia avultada, permittindo-lhe assim gastar á vontade no que, apesar das suas desditas, tinha ainda o poder de interessal-a: a *toilette* — um delicioso vestido de estar em casa, em seda e renda branca.

Depois do cabello enrolado e do ultimo laço atado, Margarida olhando de novo para o espelho, tornou a córar e a sorrir: córar da sua fraqueza, sorrir da sua belleza.

Oh! formosura, dom sagrado, realeza absoluta que tanta ventura dás, valendo a pena mesmo a morte para te possuir um só instante, tu fazes da mulher uma circe que escravisa, governa e metamorphoseia, ao sabôr do seu capricho, aquelles que se lhe approximam. Comprehendo que uma mulher de espirito se resigne a perder a belleza, visto que tudo é transitorio e ephemero; mas que tenha nascido sem ella, e não soffra pela falta d'esse dom, que nada póde substituir, e que ninguem poude dár-lhe, não creio.

Se no céu existe um Deus justo e bom, como compensará elle as grandes, as verdadeiras desherdadas da terra: — as feias?

Entretanto Mario, feliz e commovido, examinava os objectos que o rodeavam, como se elles podessem responder ás suas mudas interrogações, ás suas ardentes curiosidades.

Era para elle uma impressão deliciosa e unica encontrar-se n'aquella sala artisticamente mobilada, cercada de todos esses *bibelots* ricos e inuteis, que se alastravam pelo tapête, sobre as mesas e *étagéres*, e pensar que era o logar por ella habitado

O piano onde os seus dedos pousavam, as cadeiras onde se sentava, os livros que folheava, as flores cujo aroma respirava, tudo isso exercia n'elle uma attracção mysteriosa e tão absorto estava ao lado da *chaise-longue*, onde as almofadas guardavam ainda os contornos indecisos da cabeça ha pouco ali deitada, que não sentiu erguer se o reposteiro.

Ao vêl-o tão entretido na contemplação d'esse logar, Margarida avançou, dizendo com brandura — brandura proveniente da natural indulgencia que todas as mulheres teem para as paixões ou loucuras que inspiram:

— Está admirando os bordados das minhas almofadas, sr. Salter! São Renascença ..

Mario voltou-se córando, e timidamente, depois de uma sandação:

— Nada entendo de bordados e não era n'elles que reparava...

— O que merecia, pois, a sua attenção? insistiu ella maldosamente.

— Lembrar me as horas tristes que aqui deve ter passado, minha senhora.

— Passo effectivamente n'este logar muito tempo. folheando recordações que me pungem, rememorando alegrias extinctas — redarguiu ella, sentando-se e indicando-lhe um fauteuil.

— E entregar-se assim á amargura de um isolamento incompativel com os dotes que a distinguem, quando tem tanto a esperar do futuro, — ousou elle dizer.

— O futuro! Palavra para mim sem valor, porque já nenhum bem me póde trazer...

— Não diga isso. E' elle que ha de largamente recompensal-a, minha senhora, de tantos e tão immerecidos tormentos. .

— Que só póde avaliar quem uma vez os experimentou, volveu ella um pouco abstracta, como falando consigo.

— E que hão-de modificar-se, proseguiu elle. E' injusto desesperar da vida, que em si contém tanta coisa bella!...

— Para si, para mim não. E deixe-me fazer-lhe esta confidencia sr. Salter, que o ajudará a conhecer-me: é que sou demasiadamente orgulhosa para tentar, por quaesquer distracções banaes, minorar os meus mais obscuros martyrios. Victima das leis pelo casamento, victima dos homens pelas decepções soffridas, quero e devo viver como vivo, para conservar a estima de mim propria. Sacrifiquei-me, illudi-me, fui trahida, nada me resta...

(Continúa).

Publicações recebidas

LIVROS & REVISTAS

Do dr. Candido Figueiredo — *O que se não deve dizer.*

Do dr. Leite de Vasconcellos — *In Germania.*

Do Padre Senna Freitas — *Luctas da Penna*

Do dr. Bernardino Machado — *Homenagens.*

De Ribeiro de Carvalho — *Dolores.*

De Göran Björkman — *Den Nye Profeten.*

De João Osorio — *Folhas ao Vento*

De Concepcion Gimeno de Flaquer — *El Problema Feminista.*

*

La Famille — Directora: Marie Louise Néron.

El Album Ibero-Americano — Director: Francisco Paula Flaquer.

Renascença — n.º 3

Revue Franco-Italienne.

A Illustração Moderna — Director: Oliveira Passos.

A Chronica — Redactor: Ribeiro de Carvalho.

A Semana — Director: Sieuve de Menezes.

A Arte Musical — Director: Michel Angelo Lambertini.

Revue de l'Europe.

Revue Française.

EXPEDIENTE:

D'hoje em diante toda a correspondencia relativa á Sociedade Futura *deve sér dirigida pára a nova séde da redacção — Largo das Taipas, 87, 2.º — LISBOA.*

CONDICÕES DE ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

3 mezes.....	350 réis	1 anno.....	1$200 rëis
6 »	650 »	NUMERO AVULSO.....	100 »

Impresso na IMPRENSA LUCAS

Rua Diario de Noticias, 93

Editor — *Henrique Pinto do Amaral*

Secretaria — *Virginia Guerra Quaresma.*

1 de Agosto de 1903 — Anno II, N.º 26

Sociedade Futura

Revista d'Arte

Directôra: *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

SUMMARIO:

De Couto Nogueira — *Poente*
Camões, João de Deus, Camillo Castello Branco } *Sonetos celebres*
A Redacção — *Homenagem ao Dr. Theophilo Braga*
João Passos — *As Revistas.*
Catulle Mendés — *Risonha.*
A. F. Castilho — *A mulher.*
Maria Velleda — *Carta (versos).*
A Redacção — *Christovam Ayres.*
Alice Moderno — *Problema difficil.*
Joaquim de Araujo — *Refugio Eterno*
Olga Sarmento da Silveira — *Educação Infantil.*
Manuel Ribeiro — *Invocação.*
Edmond Rostand, Alfredo Musset } *Cancioneiro estrangeiro*
A Redacção — *Problema Feminista.*
A Redacção — *Os nossos poetas.*
Cartas da religiosa portugueza Soror Mariauna Alcoforado
Francisque Michel — *Portuguezes em França.*
Perfil de D. Laura Sauvinet Bandeira.
Claudia de Campos — *Ultimo amor.*

ILLUSTRAÇÕES:

Sua Magestade a Raínha Senhora D. Amelia; Dr. Theophilo Braga; Christovam Ayres; Villa Franca de Xira; Serra da Estrella (Uma caravana); Castello da Villa da Feira; Concépcion Gimeno de Flaquer; D. Laura Sauvinet Bandeira.

Redacção — *LARGO DAS TAIPAS, 87*

LISBOA

1 de Agosto de 1903 — Anno II, N.º 26

Sociedade Futura

Revista d'Arte

DIRECTÔRA: *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

A VIDA EM PARIS

Cliché de Léon Bouet

SUA MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA

(A' porta da egreja «Notre Dame», na manhã da sua partida para Lisboa)

Poente

(Impressões)

A'quella hora, em que o sol no agonizar supremo dêste dia de janeiro se purpureava no rosado bello dum ultimo adeus, a paisagem era linda.

Da janella dum terceiro andar antigo, alli pâra as bandas do cais, baixa, de diâmetro transverso muito largo, sentia-me arrebatado, olhos fixos na doce marinha, por essa ténue aguarella, em que as aguas frescas punham um tom esverdeado, agitando-se nervosamente.

Ao largo um enorme vapôr, a expellir fumaças do seu cano grôsso, como incensava a suprema graça do fundo, perdendo-se á vista, lá muito longe, no cinzento esbranquiçado dos montes e da casaria debruçados sobre a agua na religiosidade immensa, incomparavel, duma belleza natural!

Bandos de gaivotas esvoaçantes no ar ou deixando-se ir na corrente timida, baloiçantes, azas brancas pintalgadas de nêgro a acenarem um «até breve» de esperança no dia de amanhã, ao sol despedindo-se no ultimo alento dêsse dia, apagada já a luz aureo rosada da sua vida.

Vélas enfunadas das fragatas á aragem fria, lembrando-me, idêa acariciante, êsses homens fortes, músculos rijos purificados pelo mar través grandes derrotas, tempestuosas tantas vezes, no vogar da sua existencia.

Como eu admiro êsses exemplos jorrantes de vida, símbolos vivos, do que é o — Trabalho!?

E vai pâra longe, muito longe mêsmo, tôdo o meu pensamento trasplantado por um gôso estético de doçura finita.

Passam pelo meu cérebro numa claridade de revolta, tôda a multidão dos inuteis, dos que não trabalham, dos que escarnecem a miséria, dos que assassinam a vida, no que ella tem de bom, de natural, na negação imbecil do seu procedêr inconsciente ás vêzes, hipócrita quasi sempre.

Cáe a noite.

O céu ainda é roseo ao sentir-me despertar da letárgia do sobêrbo quadro, pelo ruido da rua, em que começam a tremêr nos candeeiros as primeiras chamas amarellas do gaz.

Oiço umas badaladas fortes ecoando tristemente, e fico-me ainda a olhar a morte parcial dessa vida, que nos aquece e illumina, desapparecida além no poente ensaguentado.

COUTO NOGUEIRA.

1903

Sonetos celebres

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente;
Repousa lá no Céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor, que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

LUIZ DE CAMÕES.

*

A VIDA

Foi se me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella annuviando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuviava;
Desponiava ella apenas, desponiava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do Céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me vôou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

JOÃO DE DEUS.

*

A MAIOR DOR HUMANA

(Á MORTE DOS FILHOS DE THEOPHILO BRAGA)

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o Céo que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora

Depois, um pae que em trévas vae sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!...
Desastre infando!

Ao teu abysmo, pae, não vão confortos.
És coração que a dor impedernin
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Dr. Theophilo Braga

A Sociedade Futura, *publicando hoje o retrato do Dr. Theophilo Braga, presta assim homenagem ao maior — entre os maiores vultos — da litteratura portugueza*

As revistas

Foi devéras sintomática a inpressão que me ficou da nossa geração nôva de literários, quando numa hora de pachôrra me alembrei de vêr essa meia duzia de anémicas revistas, que por ai brotam numa sentimentalidade de sumários denunciadôres, únicamente, da embriaguês de fazer que se apossou dos môços.

Tôdas ellas são orgãos de nóvos que, apesar dos altivos e imodestos dísticos que sobrelinham os titulos, não passam de angariadôres de notabilidade. Simples repositórios onde qualquer literatinho escreve duas coisas em prosa, contando-nos balôfas tristezas que nunca sentiu, mas que achou que lhe vinha dar um ar de genio pelo macerado do sentir, isto tudo a par de imagens descoloridas e de neologismos desastradissimos, e onde infantis poetas se liminam a preocupações de banalidades estupantes vibrando sempre nas mesmas emoções já tão regastas que eu não sei que encontrarão êlles nisto de novo.

Sucede, ás vezes ver-se algum trechosinho encantador de arte, a salientar-se como entre tójos um lirio, mas quando nós esperavamos ver essa arte a favor duma idéa justa, vem-nos um bordado poético de frases a tapar a neblusidade réles e batida dum tema velho.

A arte pela arte não basta! Quere-se mais!

Já vai longe o tempo em que nos sentiamos bem a ler absintadas divagações de amores platónicos ou de idealismos transcendentes.

*

Das nossas revistas nenhuma ha que se nos imponha pela firmesa e justiça da sua orientação!

Houve uma, a Revista Nóva que foi a mais bem feita e orientada revista que nestes ultimos tempos appareceu, mas se analysarmos a frio, fóra os entusiasmos que as idéas nóvas sempre trazem comsigo, nós só vemos ali um campo aberto pâra uma luta de demolição e não pâra o trabalho activo duma edificação.

E por isto a Revista Nóva conseguiu pouco, quasi nada, porque, em vez de orientar, vergastava, corroia lançando a baixo. E nada peor do que vir, sem apresentar razões de uma idéa nóva deitar por terra reputações feitas (sabemos) pelo embasbacamento tolo de meia duzia de adepios prontos a enaltecerem asneiras.

*

Ha agóra uma *nonchalance* tôrpe por todas as nossas revistas.

Umas limitam-se a rebuscar por todos os cantinhos da Terra de Portugal ainda mais um poeta, ainda mais uma escriptora pâra lhes estamparem os retratos com horrendos elogios a par de horrendos versos, e depois terem o arrojo de vir cá para fóra pavonear-se em espaventósos reclamos em *normando gordinho e preto* de serem as primeiras revistas (!) e colaboradas pelos melhores escritores (que irrisão)!.

Outras publicam agora uma coisa deste, depois daquelle e assim enchem numeros e numeros, como um trapeiro o saco com diversos panos de diferentes cores.

E nisto se resumem as revistas de hoje, revistas de elogio mútuo, que nos auguram uma bôa literatura para o futuro, pois que todos elles são uns talentos a fazerem prosas e verso de «primeira água» e a prometerem-nos um milhão de livros geniaes.

Se não fossem êstes elogiosinhos mútuos, de amigo para amigo, quantos génios desconhecidos, perda irreparavel para o país!

JOÃO PASSOS.

Risonha

No pequenino cemiterio que cerca a egreja, fresco, lindo, enflorado de rosas brancas e dourado a flux pelo sol, vi uma vez uma rapariga — que nova que ella era! dezesete annos? nem tanto — uma rapariga que se ria junto de uma sepultura.

Nada se poderia imaginar mais gracioso que essa creança, fluida, pequenina, com os seus cabellos louros, um pouco curtos, encaracolados, com os seus olhos ingenuos e a sua bocca de eglantina tenra. O que porêm me desgostou, foi vel-a rir; não é coisa acceita isto de se mostrar alegria ao pé das covas em que os mortos dormem-; approximando-me, não pude deixar de lhe dizer assim: «Fica-lhe mal o riso, minha senhora. Indubitavelmente não conheceu o homem que jáz debaixo d'essa pedra!»

— Como? Não o conheci?! disse ella. Se elle era meu namorado, se estava para ser meu marido?! Se não havia para mim felicidade que não fosse d'elle, esperança que elle não tivesse... se, quando elle morreu, eu julguei que tambem morria!...

— Comtudo, vejo-a rir! tornei.

— Ah! disse ella, é que eu não me esqueço. Emquanto vivo, a unica alegria d'elle era ver-me contente, e estou certa de que, se chorasse sobre a sua sepultura, havia de magoal-o tanto, tanto...

CATULLE MENDÉS.

A mulher

Reuniu Deus para compôr a mulher — remate, coroa e epilogo da creação — a quinta essencia de tudo quanto derramára de melhor no paraiso, onde a collocou, e do qual, ainda depois de perdido, as descendentes de Eva ficariam avivando recordações. Quiz elle, o supremo factor, fundir-lhe o espirito brilhante e suave dum raio de oiro do sol e dum raio prateado da lua. Deu-lhe a pureza da cecêm, a alvura do lyrio, o pudor e a graça da rosa, a modestia da violeta; accendeu-lhe no olhar brilho de estrellas, descerrou-lhe auroras de carmim e pérolas no sorrir; para falla, concentrou todas as melodias, balbuciadas no frémito das viração, no murmúrio das fontes e no cantico das aves; modelou-lhe a estatua pela dos arbustos mais esbeltos e mimosos: arrendou-lhe as fórmas que lembrassem os fructos mais gentis e appetecidos; diffundiu-lhe os cabellos como as ramas pendentes e movediças do salgueiro aquático; impregnou-lh'os de electricidade; embebeu-os dum aroma que falla, revestiu os de brilhantismo; tam esmerado e prodigo os dotou que as perólas e o oiro, as pedrarias e os perfumes, as sedas e as flores ambicionando realçal-os recebessem d'elle novo preço.

Este ente, meio positivo, meio aerio, meio terrestre, meio ceu; que volteia por entre nós como anjo desterrado, saudoso mas contente, tendo por falla um canto, a sujeição e a humildade por imperio; em que a fraqueza é graça e a graça omnipotencia; cujo encargo é mais que eternisar a especie — é entertecel-a, domesticál-a, refinar-lhe o gosto, os instinctos do bello, os arrojos para o bom e para o sublime; a mulher, em summa, fadada de alguma sorte a ser mãe e mestra, guia, arrimo, lampada, conselheira, prophetisa, esforçadora, modelo e premio não só de seus filhos mas de seus irmãos tambem, de seu consorte, de seu proprio pae, de todos que de perto ou de longe lhe pudessem receber directas ou reflexas as instituições; a mulher, a mulher, da qual, depois de tantos mil volumes de panegyrico, depois duma idolatria universal de seis mil annos, ainda se não exhauriram os louvores nem jámais se hão-de exhaurir — não seria a vice providencia que devia ser, e que é, no meio da sociedade, se não possuisse este complexo ineffavel de seducções para toda a especie de indoles, de espiritos, de gostos um laço infallivel para cada sentido; um milagre para cada incredulidade; para cada infortunio, seu balsamo; para cada edade, seu ramilhete; sua estrella para cada noite; mão inesperada e macia para cada desamparo, e, para cada fronte que se despedaçaria ao cair, a almofada subita de um braço todo extremos, dum seio todo suspiros, dum coração todo divindade!...

A. F. de Castilho.

Carta

A Magdalena de C.

Quando te vejo, irrequieta,
Minha santa pequenina,
— Modesta, candida, fina, —
O teu perfil de violeta,

Os teus ares de creança,
Dão me serenos desejos
De beber com os teus beijos
O doce phylltro da esp'rança

Foi um encanto, decerto,
Do teu olhar de velludo...
— 'Stás lá tão longe, e comtudo
Eu sinto-te aqui, tão perto... !

O teu 'stylo meudinho,
As tuas cartas serenas,
Cheiram mesmo a açucenas,
Cheiram mesmo a rosmaninho ..

Trazem nesgas de luar,
Trazem retalhos do ceu...
— Minha amiga! quem te deu
Essa arte de fascinar,

De prender a vida inteira
A quem te viu uma vez ? !
— Não digas que «não»... tu és...
E s decerto feiticeira.

Tens um tal ar de candura,
N'esse teu modo de ser,
Que eu, por mim, só de te ver,
Sinto me melhor, mais pura!

Oh minha Estrella do Norte!
Protege-me. . e tu verás
Que á sombra da tua Paz
Não me irá buscar a Morte!

Maria Velleda.

CHRISTOVAM AYRES

Não temos o intuito pretencioso, ao virmos-lhe render esta modesta homenagem, de traçarmos com o rigor d'um critico todas as linhas caracteristicas á sua abalisada individualidade litteraria.

Tem cabido a pennas de mais auctoridade a honra lh'a evidenciar como parlamentar insigne, erudito profundissimo, e estylista primoroso

Ao inserirmos portanto, hoje na nossa galeria o seu retrato visamos exclusivamente o fito de fazermos écco aos justos applausos que a imprensa tem despensado a um dos mais illustres vultos do nosso mundo litterario e politico.

Quem analysar com o meticuloso cuidado que requer a sua vasta obra achará na sua individualidade como que uma anthitese e achar-se-hia em graves embaraços se tentasse definir a sua feição litteraria.

E' realmente extranho e ao mesmo tempo admiravel que a penna que delicadamente cinzelou as *Indiavas* seja a mesma que fundiu em bronze a colossal obra da *Historia militar*.

Assim como faz reviver das cinzas do tumulo os heroes que se nos assignalaram na historia, traçando as suas virtudes ou os seus vicios tão imperecivel e regidamente como se os esculpisse em marmore do Corinho, quando a sua alada phantasia se ergue ás regiões da poesia faz-nos entrever nas suas suaves lyricas cambiantes de ouro e purpura.

Na sua gloriosa missão de historiador parece coberto duma envergadura de aço; quando, porém, o historiador dá logar ao poeta a sua penna torna se de juiz implacavel em escravo indefezo. Como historiador a sua penna é intransigente quando se levanta a pronunciar a condemnação ao criminoso ou a absolvição ao justo calumniado; como lyrico sentidissimo curva-se ao sorriso meigo da aurora, escravisa-se pela mais simples gotta de orvalho.

Problema difficil

Como discutissem nomes, elle sustentou, muito serio, que o mais formoso de todos era, sem duvida, sem contestação, o nome de Margarida.

— E a prova — disse elle — a prova é que Goethe, o immortal poeta, o grande auctor do *Werther*, o imperecivel cantor do *Fausto*, o escolheu para a mais encantadora das heroinas. Margarida! Mas cada uma das lettras d'esse nome desperta uma ideia, acorda uma lembrança, resuscita uma saudade, symbolisa um poema! E são nove, como as Musas!

Intimamente lisonjeada, ainda que sarcastica, na apparencia, Margarida continuava a sorrir sem, todavia, interromper o fluxo do seu enthusiasmo.

E, proseguiu, que me darás tu, se eu te provar irrefutavelmente, mathematicamente, que em cada uma das letras do teu nome existe, consubstanciada, uma ideia, uma suggestão?

— Eu não me comprometto a dar-te coisa alguma. Prova, e veremos depois.

Mas, como o olhar e o sorriso de Margarida fossem de molde a deixar entrever os mais risonhos ideaes, começou:

— Vamos ao M! A primeira letra do teu nome significa Meiguice. A infinita meiguice dos teus abraços e dos teus beijos, que me vencem e subjugam.

— Passemos ao A, interrompeu ella.

— O primeiro A symbolisa Amor, o Amor unico, o Amor ardente, o Amor sem limites que me inspiraste a primeira vez que se encontraram as nossas epidermes e se trocaram as nossas phantasias.

— Adiante!

— O primeiro R, proseguiu, quer dizer Rosicler, e não necessito, decerto, dizer te o que é um Rosicler...

— E depois? interrompeu Margarida.

— Depois, surge-nos um G, inicial da divina Graça com que a fada, tua madrinha te dotou, para mal de muitos.

— E o segundo A, que quer dizer?

— O segundo A consubstancia a Altivez, a Altivez com que esmagas, deusa intangivel, os tristes vassallos que desmerecem aos teus olhos caprichosos...

— E o segundo R? interrompeu ella, ainda.

— O segundo R inicia a Rima, flor pallida e perfumada, em torno da qual esvoaça, sequiosa abelha, a Inspiração dos poetas.

— Passemos ao I.

— O I, não é mister dizer-t'o, significa Iman, o Iman que em ti existe e me attrae como o polo norte ao ferro magnetisado.

— E o D? Que explicação dás tu ao D?

— Representa o Dom que te foi outhorgado, de a todos fascinares, com a luz do teu olhar, e com a força do teu sorriso!

— Falta-te ainda um A; objectou Margarida.

— Essa ultima lettra refere-se ao Aroma capitoso que me embriaga sempre que oscúlo os teus labios ou beijo os teus cabellos. E agora, agora que definí uma por uma as nove lettras do teu nome, que recompensa me espera?

— Dar-te-hei, respondeu Margarida, — e não poderás dizer que não te pago com generosidade os teus madrigaes, — dar-te-hei noventa beijos. Mas vê bem não te enganes na conta. Serão noventa, unicamente... nem mais um!

Quando iam, porém em meio, levantou-se entre os dois uma grande altercação. Ella sustentava ter já dado 46; elle jurava só ter recebido 44... E foi mister recomeçar!

A essa duvida seguiram-se outras, muitas interminaveis, e não puderam ainda chegar, de commum accordo, ao numero convencionado.

Alice Moderno.

Refugio Eterno

Uma dor insondavel me tortura,
Meu amor! meu amor! e eu sinto apenas
Consolação e alivio ás minhas penas,
Na tua doce e virginal figura.

Por isso, é que minh'alma te procura
E te bemdiz, irmã das assucenas,
Com teu limpido olhar, tu asserenas
O immenso mar da minha vida escura.

Não sei porque, ao pé de ti, a Vida
É para mim ventura indefinida,
A dor sombria bate as azas, vôa...

Não sei porque? Ah! na verdade eu sei-o;
Consola a gente descançar no seio
Duma creança generosa e bôa...

(*Das Occidentaes*)

Joaquim de Araujo.

VILLA FRANCA DE XIRA

SERRA DA ESTRELLA — UMA CARAVANA

Educação infantil

Mens sana in corpore sano.

Chamámos no numero cinco da nossa revista a attenção dos nossos leitores para a imprescindivel necessidade do desenvolvimento physico nas creanças, referindo-nos então principalmente ao sexo feminino, que, devido a sediços preconceitos e a uma má comprehensão da sua futura missão lhes é systhematicamente negado, e indicámos a largos traços as enormes vantagens que d'ahi provêm tanto para ellas como para os seus filhos. Hoje procuraremos sómente dizer algumas palavras sobre a influencia que elle exerce nas suas aptidões psychicas.

Sabemos que nas creanças os primeiros esboços da vontade se manifestam por movimentos, por actos myologicos e, posto que esses actos mais tarde percam alguma coisa da sua importancia e exclusivismo na evolução das suas manifestações psychicas, não deixam todavia de ter sempre intima relação com ella e uma influencia bem evidente sobre a sua maneira de ser. Ninguem desconhece os effeitos da falta de movimento, da preguiça muscular, tão bem traduzidos no adagio popular *«a preguiça é a mãe de todos os vicios»* !

Além das innumeras perturbações de ordem physica, conduz-nos a esse deploravel estado de aborrecimento e tedio por tudo em que as ideas são morosas em evolucionar e imperfeitamente defenidas, sem se conseguirem fixar com a persistencia necessaria.

Ora os successos da nossa vida dependem principalmente de persistencia infatigavel nas idéas, que só é realisavel, quando haja perfeita harmonia entre o desenvolvimento physico e intellectual, mas para que o trabalho traga o bem estar physico moral, é necessario que, executando se á custa das forças do organismo não as esgote; se pelo contrario, o esgotamento se der, o individuo experimenta immediatamente, com a sensação da sua fraqueza o tedio inevitavel que vem do soffrimento consecutivo. E' por isso que os individuos debeis são incapazes de persistencia nas suas ideas; tudo n'elles é incompleto no dominio psychico. Uma saude florescente é condição essencial para uma florescente vida, e o exercicio physico, além de robustecer os organismos debeis, dando-lhes a força de que carecem para a luta, é necessario tambem ao bom funccionamento dos diversos orgãos e desempenho das suas funcções

Vemos em geral encarar as suas vantagens apenas debaixo do ponto de vista dos seus effeitos sobre o desenvolvimento dos musculos, confundindo-se a saude com a força muscular, sendo crença corrente que o individuo dotado de grande força muscular é o que possue melhor saude.

Não é porém assim: o que a constitue não é o grande desenvolvimento muscular, mas a perfeita harmonia entre os diversos orgãos, de modo que as suas funcções se executem, collocando-o em condições de vantajosa resistencia á acção do meio exterior, e estas condições nada tem evidentemente com ella, pois é frequente vermos verdadeiros athletas, de saude debil, e homens franzinos com uma saude de ferro a par d'uma força muscular mediocre. Não é pois necessario desenvolver nas creanças uma exagerada força muscular para a conservação da saude, antes convirá evital-a porque ella, quando não dependa de condições de robustez congenitas, só se adquire á custa de exercicios violentos, e esses prejudicam o funcionamento regular dos orgãos, principalmente dos aparelhos respiratorio e circulatorio, parecendo-nos superfluo innumerar aqui a serie de inconvenientes que disso resulta.

E é assim que, tendo-se descurado por completo durante muito tempo, os exercicios physicos, chegou-nos emfim o periodo da reacção, e hoje sob o impulso desta sua orientação vamos frequentemente recahindo no campo opposto tão perigoso como o primeiro. A moderna tendencia para fazer das creanças athletas, sem vantagem para a saude, e em

CASTELLO DA VILLA DA FEIRA

detrimento evidente do seu desenvolvimento psychico, porque os exagerados esforços physicos são incompativeis com os esforços intellectuaes, é uma retrogradação ás primitivas épocas em que tudo se resolvia pela força. Desde que ella perden a sua antiga importancia, sendo substituida pelas machinas com manifesta vantagem para o progresso e bem estar da humanidade, porque tudo o que era preciso dispender nos esforços musculares que ella exige, era em prejuizo do que hoje se dispende em trabalho intellectual, só o rejuvenescimento das antigas tradições e a satisfação de vaidade pelo deslumbramento que as exibições da força produzem nas multidões ignorantes, podem explicar uma tendencia em que o homem prejudica a sua superioridade intellectual, em proveito d'um desnecessario exagero de vigor physico que o nivela á simples machina ou ao possante animal

Se é finalmente pelo trabalho intellectual e não pelo vigor physico que se resolvem os grandes problemas, deve dar-se lhe apenas o desenvolvimento bastante para que haja a perfeita correlação entre o corpo e espirito afim de que todo o trabalho se execute sem fadiga e que apoz elle reste ainda ao individuo a força precisa para gosar da satisfação do dever cumprido.

OLGA SARMENTO SILVEIRA.

Invocação

São teus olhos, Maria que me prendem
A esta vida que levo de amargura,
Onde passamos e nos não attendem,
— Os enteados da sorte, os sem ventura.

São teus encantos doces que rescendem
Os encantos da vida ingenua e pura,
Que alargam o meu Sonho e o distendem
Num infinito calmo de ternura.

Tu, que és na nossa aldeia pastorinha
D'almas, estende a vista para a minha,
Que á herdade do Mal se não afóre.

Quando depois teu coração me chame,
Serei um forte para que me elle ame,
Serei um santo para que me adore.

MANUEL RIBEIRO.

Cancioneiro estrangeiro

VERS QU'ON NE FINIT JAMAIS

Mes vers pour qui je sens la plus grande tendresse
Sont tous les non-finis qui vont par un, par deux...
Ces vers dont, on remet l'achèvement sans cesse,
Qu'on retrouve en fouillant dans les papiers poudreux
Quand on est un poète, on èst un paresseux.
On n'est point patient comme un graveur sur cuivre:
Souvent, quand la beauté d'un sujet vous enivre,
On se met au travail; mais le feu tombe, mais,
Les vers vont faiblissant si l'on veut les poursuivre.
Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais.

L'idée est délicate, et la forme la blesse
Des poèmes trop faits. Elle préfère ceux
Qui ne l'ajustent pas avec trop d'étroitesse:
Elle court moins danger de s'abîmer en eux.
Quand on veut achever, cela devient chanceux;
La mort du sens exquis bien souvent doit s'ensuivre;
Il fond comme fondrait une étoile de givre
Qu'on voudrait prendre ou bien la neige des sommets!
Dans des vers terminés le Rêve peut il vivre?
Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais.

C'est vous, vers commencés et puis que l'on délaisse,
Rondels abandonnés, refrains harmonieux,
Auxquels on n'a pas fait de chansons, par mollesse,
Tercets jamais finis de sonnets merveilleux,
C'est vous que le poète aime toujours le mieux.
Et tel alexandrin qu'un second n'a pu suivre
Dit un charme, un parfum léger dont on fut ivre,
Mieux qu'un poème long. Ce sont les plus mauvais,
Les vers que du tiroir pour la foule on délivre...
Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais.

ENVOI.

Lecteur, je suis navré. Ces vers que je te livre,
— Dont peut être on vendra le papier à la livre —
Ne sont pas, il s'en faut hélas! ceux que j'aimais.
Car les meilleurs, comment les mettre dans un livre?
Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais.

EDMOND ROSTAND.

—o—

JAMAIS

Jamais, avez-vous dit, tandis qu'autour de nous
Resonnait de Shubert la plaintive musique;
Jamais, avez vous dit, tandis, que, malgré vous,
Brillait de vous grands yeux l'azur mélancolique.

Jamais, répétiez vous, pâle, et d'un air si doux
Qu'ont eût cru voir sourire une medaille antique.
Mais des trésors secrets l'instinct fier et pudique
Vous couvrit de rougeur, comme un voile jaloux

Quel mots vous prononcer, marquise, et quel dommage!
Helas! je ne voyais ni ce charmant visage
Ni ce divin sourire, en vous parlant d'aimer.

Vos yeux bleus, sont moins doux que votre âme n'est belle,
Même en les regardant, je ne regrettais qu'elle,
Et de voir dans sa fleur un tel cœur se fermer.

ALFRED MUSSET.

Concépcion Gimeno de Flaquer

Problema Feminista

E' um dos problemas que mais tem preoccupado os sabios, é uma das questões que mais se tem debatido no campo das polémicas sociologicas E a concepção d'este problema não foi de hoje nem de hontem; não é de um nem de dois paizes; é de todos os dias e pertence a todos os meios.

E — caso extranho! — posto que por cada phase de evolução porque a humanidade tem passado mais factos se accumulem para evidenciar a elucidação d'este problema de transcendente importancia psychico-social, ainda hoje para alguns, é insoluvel, para outros, infundado.

E, comtudo, as conquistas do moderno espirito scientifico alliadas aos factos luminosos da Historia bastam para aclarar a solução do problema e para determinar o alto papel que a mulher tem na sociedade.

Os falsos preconceitos anthropologicos que lhe negavam a capacidade de intellectual desappareceram e as opiniões controversas que ainda hoje se levantam não tardam a anniquilarem-se por falta de argumentos e confundidas pela justiça e pela verdade.

A conceituada opinião de que educar a mãe é educar o filho encontra ecco vibrante em todos os juizos sensatos.

E não ha hoje ahi ninguem medianamente illustrado que sustente, com consciencia, que a creança no futuro não reflete, com nitidez, a rudimentar orientação educativa que lhe foi dada pela mãe ou — o que é mais ainda — que os defeitos ou virtudes da mulher se não radicam d'uma fórma perduravel na alma do filho

Já Rousseau disse que os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que sejam — e como complemento, accrescentou o nosso glorioso Castilho que antes que o homem seja cidadão é filho primeiro. E logo aponta Gracho, Corneille, Voltaire, Kant e Cuvier e uma enorme multidão de nomes illustres como fieis continuadores das qualidades psychicas peculiares ás mães.

Estas verdades tão triumphantemente conquistadas pela psychologia moderna sepultaram as antigas doutrinas de Aristoteles e de Hippocrates que consideravam a mulher um ente imperfeito.

O dito brutal que Molière faz apparecer n'uma das suas comédias, visando ridicularisar a mulher — *elle est detestable parce qu'elle est detestable* — é suavemente combatido por Aimé Martin quando diz d'ella «*os povos se hão de embrutecer em seus braços ou civilisar a seus pés.*»

Parece que ha um não sei quê de justiça ou de piedade da providencia que reage contra o falso criterio de que é victima a mulher. Quando se negava que ella não tinha alma appareceu uma Isabel da Baviéra e uma Joanna d'Arc. Quando a intelligencia lhe foi contestada appareceu na Historia da litteratura uma Sapho, uma Staël, uma Sevigné e finalmente o cerebro extraordinario de Georges Sand.

Quando se julgou a mulher impotente para assimilar os pesados e graves problemas das sciencias abstractas, e da philosophia, logo nos appareceram trez génios — nas mathematicas, Sophia Kovalewski, na astronomia, Maria Mitschell e por ultimo — Clémence Royer, que Augusto Comte, essa athleta colossal da sciencia moderna não levou de avançada.

Mas porque é então que estes exemplos fortificantes não esclarecem o problema e não definem decisivamente o papel que a mulher tem a desempenhar na sociedade educando-se e patenteando-se lhe á sua actividade e intelligencia todas as carreiras onde possa angariar, honestamente, meios para se sustentar equitativamente com o homem? Porque é então que essa fraternidade que o Christo proclamou em nome do amor humano, não passa, ainda hoje, na prática da vida, d'um ideal debil e esteril preludio? Porque é que sendo a Historia a luz da vida, como disse o orador romano, não projecta n'esta questão de alta importancia sociologica mais que as trevas e amalgama da iniquidade? Tanto que se tem feito em prol do progresso e este ponto envolto n'um denso véo secular continua velado porque as concessões a favor da mulher são raras, improlicuas. E é justamente nas raças latinas onde mais accentuadamente se nota esta apathia. Um profundo desalento a que não se procura subtrahir, enoda a sua civilisação ameaçando esta mancha ser transmittida n'um triste e vergonhoso testamento e n'um fatal anathema ás gerações futuras.

. . . . . .

No meio d'esta symptomatica inacção em que está vergonhosamente mergulhada a raça latina no que respeita á educação da mulher, um talento feminino acaba de tratar triumphalmente, esta questão, preferindo no *Atheneo* de Madrid uma brilhante conferencia subordinada ao titulo que epigrapha estas linhas e dedicada a Sua Alteza a Infanta D. Eulalia de Bourbon.

Concépcion Gimeno de Flaquer, essa legitima gloria das lettras hespanholas foi a auctora do brilhante discurso a que nos acabamos de referir e que foi applaudido por todo o mundo culto.

Conferencia verdadeiramente notavel que resumiu toda a historia da mulher intellectual, sendo um estimulo efficacissimo para a posteridade. Nunca nos traços condensados d'um discurso se expandiram ideias mais ricas e alvitres tão verdadeiramente seductores. Não se limita a definir a mesquinha situação da mulher contemporanea; não se cinge somente a demonstrar o desprezo que lhe inspira a perseguição de que ella é victima, vae mais longe, attingindo uns horizontes mais dilatados quando presente os perigos funestos que a assaltam no futuro gerados pela vergonhosa educação que recebe.

Cada phrase proferida por Gimeno de Flaquer é uma torrente de luz derramada n'este desolador fóco de maledicencias, de ambições e de invejas.

Quando a illustre escriptora diz que *escravisar a mulher é escravisar a raça* resume n'este justo conceito a condemnação lançada áquelles que a avaliam como escrava.

A posição vergonhosa em que está classifica a, devidamente, quando diz nas palavras que transcrevemos textualmente a fim de não alterarmos o que n'ellas ha de verdadeiramente bello e simultaneamente triste:

No podemos resignarnos las compatriotas de Teresa de Jesus á ser juguete de amor, bibelot *social*, *domingo del hombre*, *cosa con vida o cuerpo sin alma.*

Queriamos definir mais nitidamente o *Problema Feminista* que Gimeno de Flaquer brilhantemente tratou. Falta-nos espaço para o fazer. Terminamos, portanto, congratulando nos pela conquista de mais uma gloria litteraria que o seu insigne talento acaba de alcançar e de lhe agradecermos, reconhecidissimas, a amavel lembrança da offerta do opusculo onde deixou d'uma maneira imperecivel, concretisada a sua conferencia que representa indubitavelmente um alento espiritual para esta triste condição em que se encontra parte do genero humano.

Os nossos poetas

(MELODIAS PORTUGUEZAS)

A publicação das melodias portuguezas composta pela condessa de Proença-a-Velha, e já ouvidas com grande applauso nas suas *matinés* musicaes, vem demonstrar á evidencia que Portugal possue uma tonalidade caracteristica, que a lingua patria é perfeitamente cantavel e que a sua poesia, de incomparavel belleza, não encontra rival em nenhuma litteratura. São estas as bases para a creação de uma musica nacional que nos collocará a par das nações mais cultas da Europa; importa que os artistas envidem todos os esforços para realisarem esse fim. — Seria, para isso, um dos meios praticos a creação de um *fundo editorial* destinado á publicação de musicas portuguezas de reconhecido merito; e coadjuvar a impressão de composições sobre themas ou palavras portuguezas, mal apreciadas commercialmente. Na presente edição da obra *Os nossos poetas* a distincta e sympathica compositora visa a iniciar este pensamento deveras altruista; consagrando a esse *fundo editorial* quaesquer lucros que póssão porvir da sua publicação para a qual, brevemente será aberta uma assignatura.

Os nossos poetas (melodias portuguezas,) constará de dois pequenos volumes brochados contendo, além das inspiradas melodias, um prologo do grande e eminente escriptor Theophilo Braga — e a série de poesias escolhidas entre as mais bellas da nossa litteratura. — I *Ecos do Passado.* II *Vibrações de hoje.*

Cartas da religiosa portugueza Sorôr Marianna Alcoforado

(Continuação)

Parece-me comtudo que se os homens podessem ter mão na razão quando escólhem os seus amores, mais se inclinariam a ellas do que ás outras mulheres.

Nada as impede de pensar incessantemente na sua paixão; não as distrahem mil coisas que no seculo absorvem e consomem os corações.

Quer-me parecer que não será muito agradavel ver as amadas, sempre distrahidas por mil frivolidades, e é preciso ter bem pouca delicadeza de alma para soffrer sem raiva que ellas não falem senão de rendições, de atavios, de passeios.

Está-se, sem cessar, exposto a novos ciumes, porque, emfim, ellas são obrigadas a attenções, a complacencias, a conversas com todos.

Quem pode assegurar que não sintam prazer algum em todos esses lances, ou que soffram sempre desgostosas e de má vontade os maridos?!..

Ah! como ellas devem tambem desconfiar de um amante que não lhes toma conta rigorosa de tudo, e que acredita, facilmente e sem inquietação, o que lhes dizem; — que tranquilla e confiadamente as vê sujeitas a todos aquelles deveres da sociedade!

Mas não intento provar-lhe com boas razões que deveria amar-me. Pessimos meios são, e bem melhores empreguei eu que não me aproveitaram!...

Conheço muito bem o meu destino para diligenciar vencel-o.

Serei infeliz toda a minha vida.

Não o era já quando todos os dias o via!

Morria de susto de que não me fosse fiel.

Queria vel-o, todos os momentos, e não era possivel.

Atribulava-me o perigo que o senhor corria entrando no convento.

Não vivia quando estava na guerra.

Desesperava-me por não ser mais formosa e mais digno do senhor.

Murmurava da modestia da minha condição.

Receiava muitas vezes que a affeição que parecia ter por mim podesse de algum modo prejudical-o.

Parecia-me que o não amava bastante.

Atemorisava-me, por si, a colera dos meus parentes. Estava, emfim, n'um estado tão lamentoso como aquelle em que hoje vivo.

Se me tivesse dado algumas provas da sua paixão depois que se foi de Portugal, teria eu feito todos os esforços por sahir d'aqui.

Ter-me-hia disfarçado para ir ter com o senhor.

Ai, que teria sido de mim se não se tivesse importado commigo quando eu chegasse a França!...

Que escandalo! que desatino! que cumulo de vergonha para a minha familia, que me é tão cara depois que o não amo, ao senhor!

Já vê que a sangue frio conheço como era possivel ser ainda mais desgraçada do que me fez!

Falo-lhe razoavelmente; ao menos, uma vez na vida.

Como deve agradar-lhe esta moderação!...

Como deve agora ficar contente commigo!...

Não quero sabel-o.

Pedi-lhe já que não me escreva, e peço-lh'o outra vez.

Nunca consideraria, um pouco, na maneira porque me tratou?...

Não pensaria, nunca em que me deve mais obrigações do que a ninguem do mundo?!

(Continua).

Portuguezes em França

O MARQUEZ DE CASCAES

O embaixador extraordinario que o duque de Bragança, D. João IV, ao tempo da sua exaltação ao throno, enviou junto de Luiz XIII, foi o marquez de Cascaes, seu parente.

— «Era, diz Tallemant, um verdadeiro *portuguez derretido*; trazia no chapeu a meia de seda duma das suas amadas; imaginava e perpretava mil coisas estravagantes; quando saia a passeio, levava na carruagem innumeros pares de luvas, com que brindava as senhoras que tinham a ventura de lhe cair em graça. Mais duma vez aconteceu que cerrava as cortinas do carro, para mudar de vestuario, e surgir, depois do rapido eclipse, como o sol liberto de nuvens...»

Todas as peripécias e circumstancias da embaixada do marquez de Cascaes, reuniu-as o visconde de Santarem no seu importante *Quadro elementar*; mas a sensação que elle produziu entre nós, melhor poderá apreciar-se pela brochura que o dominicano frei Manuel Homem publicou sob o titulo de *Descripçãm da jornada e embaixada extraordinaria que fez a França Dom Alvaro Pires de Castro, conde de Monsanto, marquez de Cascaes, fronteiro-mór, etc.* Paris, Joam de Lacaille, 1644, in-4.º.

Embaixador algum egualou siquer o marquez de Cascaes no fausto da sua ostentação. Entrou em Paris no dia de Santa Ignez, certamente em allusão á celebre Ignez de Castro, e apeou-se na Place royale. Não ha dúvida de que foi uma verdadeira entrada real, em toda a amplitude da palavra. Anna de Austria recebeu o marquez com a mais amavel das deferências e recordou-lhe o duplo grau de parentesco que existia entre ambos. O fausto do marquez refinava-se na proporção dos encómios que lhe tributavam, de modo que, dentro em pouco, rolava por todo o Paris o estrépito das suas liberalidades.

Parece que o fraco do marquez estava em imaginar que a dentro das damas da côrte e até mesmo da rainha ardiam mal dissimuladas paixões, inspiradas por elle. O chronista official da embaixada declara que Anna de Austria não ia ás Tulherias sem primeiro perguntar se a carruagem do marquez já tinha passado; se a resposta fôsse negativa, o coche real retrocedia. Em Nantes, foi o marquez fortemente instado pelo municipio para assistir á recepção de Henriqueta de Inglaterra. Novas magnificências, nova paixão! Mas a joven princeza, comprehendendo desde logo o intuito do marquez, disse a uma das damas de honor: — «Retiremo nos da janella, para que não supponham que estâmos namorando.»

Tudo que Tallemant nos conta acha-se confirmado nas memórias redigidas por uma parente de M.me de Saintouge e por esta conservadas. Assim, a auctora das memórias, depois de mencionar luvas, leques, pastilhas e toda a infinidade de bagatellas que o marquez levára de Portugal e de que tirava um grande partido para com as damas, insinúa-se na familiaridade que elle se permittia junto d'ellas, e narra-nos succintamente a historia das meias de sêda, uma das quaes elle trazia pendente da cabelleira, indo assim passear serenamente, na grande avenida das Tulherias, sem se desconcertar com as risadas escarninhas que o perseguiam. Entre a multidão andava uma dama de meias verdes, mascarada num disfarce pouco de molde a provocar a attenção. Uma outra dama a acompanhava. A certa altura, as duas retiraram-se, affastando-se; mas logo o marquez, lhes foi no encalço e lhes disparou, á queima-roupa, em péssimo francez, umas declarações de amor. A dama das meias verdes respondeu-lhe de maneira a que a comédia continuásse até á chegada da carruagem della; e só quando as librés surgiram é que o marquez reconheceu a zombaria.

Esta aventura entreteve durante muitos dias a mordacidade da côrte e da cidade.

E' força dizer que o marquez alliava á paixão pelas mulheres a paixão pelo jogo, mas tam intensa que chegava a despertar a vigilância da policia. Informavam de Versailles: — «O rei está continuamente a receber queixas contra o jogo que se dá em casa do embaixador de Portugal, e pede-vos que falleis nisto ao Ministro. A dama que tinha d'antes jogo publico em Saint-Germain, mudou se para o hotel de Guise, protegida por dous fidalgos a quem se associou. O *lansquenet* joga-se lá todas as noites, até á uma hora da madrugada, numa sala separada das dependências occupadas pelo embaixador; e isto é mais que sufficiente para tornar suspeito similhante jogo. Chega a affirmar-se que varios estrangeiros ali teem perdido sommas importantes, por um processo a que á *habilidade* não era estranha... Quando voltou a Portugal, em 1691, levou comsigo cem mil crusados ganhos ao *lansquenet*, além dum rico mobiliário, muitissimos quadros, retratos de personagens da côrte, alguns de Pont-Neuf com as respectivas molduras, quatro Teniers, etc., e o seu

próprio retrato, feito pelo Rane, que veio expressamente a Lisboa para retratar a familia real. E' o marquez de Rouillac que, em 1645, dá o retoque final na phisionomia de tam singular personagem. O portuguez, «sempre de harmonia com a sua maneira sumptuosa», offerecêra ao seu confrade diplomático um lugar no navio que o devia transportar; mas o diplomata, secretamente avisado de que o marquez, levando como em triumpho o embaixador extraordinario, ao mesmo tempo que affirmava a sua singular cortezia, dava cheque e mate á França, declinou o insidioso convite.

Quatro annos depois, o filho do marquez de Cascaes, D. Luiz Alvares de Castro, era enviado por D. Pedro II a Luiz XIV, e a sua presença em Paris assignala-se pela inscripção do nome num livro destinado a popularisar os annaes de Portugal.

FRANCISQUE MICHEL.

D. Laura Sauvinet Bandeira

Não se regule a leitora pelo retrato que acompanha estas linhas de homenagem a uma das mais bonitas, elegantes, instruidas e sympathicas senhoras do nosso paiz; baste-lhe elle apenas para lhe dar os traços geraes e o geral aspecto d'uma phisionomia cheia de encanto e d'um busto cheio de graça. Para os que a conhecem, evocará todo um conjuncto de dotes raros com que a natureza prenda as mulheres verdadeiramente superiores; para os que a não conhecem pessoalmente dar-lhes-ha uma impressão pallida, comquanto muito agradavel, do que é o original.

Uma cabecinha airosa, onde se reflecte o talento e a bondade; n'um fundo de rosto pallido uns lindos olhos verdes, scismadores, e uma bocca expressiva onde o riso desabrocha com os encantos d'uma flôr.

Corpo esvelto, flexivel, elegante, rithmico nos movimentos, onde ha a harmonia e a graça, que se revelam em todas as manifestações d'aquella individualidade tão accentuada e distincta.

E' franceza de origem; mas portugueza pelo berço, pelo casamento e pelas raizes de affecto que a prendem ao nosso solo.

Teve uma educação completa; falla o francez, o allemão, o inglez e o italiano; é perfeita em prendas domesticas; toca e canta com uma grande intuição e cultura artistica, herdada de seu pae, que é um artista emerito; e é, sobretudo, uma pintora de grande merecimento.

Tem exposto em Paris e em Lisboa os seus quadros, e a nossa Sociedade de Bellas Artes tem por mais de uma vez premiado os seus trabalhos com menções honrosas e medalhas de 3.ª e 2.ª classe. Nas suas composições revela, além do conhecimento technico dos segredos da arte, uma grande idealidade e poesia. Discipula de Malhôa, é das que mais honram o eminente artista, tão progressivo nas suas obras como nas d'aquelles, numerosos, que em Portugal hoje representam a sua escola.

Uma senhora, com todo este relevo de talento, de arte, de cultura e de encanto pessoal, não podia deixar de honrar a galeria que na *Sociedade Futura* é consagrada a prestar homenagem ás que, por qualquer maneira, são lustre e esmalte do seu sexo.

CAM.

CLAUDIA DE CAMPOS

Ultimo amor

(8) (ROMANCE)

E ao dizer isto n'um momento de expansibilidade entre sincera e artificiosa, a voz e a figura de Margarida adquiriram todas as harmonias da tristeza.

Essa dôr fortissima n'uma creatura tão fraca, esse abysmo n'uma cabeça tão graciosa, as melancholias e as lagrimas que regeitavam consolações, acabaram de fascinar Mario.

Sentiu-se pequeno em presença da maior poesia de que uma mulher póde revestir se. Calou se por não encontrar palavras para exprimir o que sentia, limitando-se a fital-a.

Margarida calou se tambem entretida a observar as impressões que pela physionomia d'elle passavam.

Ella ia fazer trinta annos, e só n'essa edade e com a sua experiencia, a mulher possue o segredo de rir, gracejar ou ser sincera, sem se compromettter. Só então adquire o tacto necessario para fazer vibrar todas as cordas sensiveis da alma do homem, sem que elle possa, ao certo, conhecer se ella é franca ou falsa, ironica ou de bôa fé.

Depois de uma pausa com um accento levemente zombeteiro, como para lhe mostrar ter comprehendido que a mensagem de que elle se incumbira fôra apenas um pretexto disse:

— «Deixêmos, porém, as minhas tristezas; não foi decerto para me fallar n'ellas que me procurou e que eu o recebi, sr. Salter... Vem da parte de Angelina, segundo me disseram?

— «Sim, minha senhora. E, confuso do seu esquecimento e da interpretação que poderiam dar lhe, Mario entregou a Margarida a carta que levava.

Ella tocou a campainha collocada sobre um *guéridon*, ao seu lado, ordenou á creada que accendesse as luzes, levantou-se, approximou-se de uma serpentina, rasgou o subrescripto, e, de pé, illuminada pela claridade suave das vélas, coáda por pequeninos *abat-jours* de sêda côr de rosa, principiou a lêr.

Se Mario fôsse mais perspicaz ou conhecesse melhor o mundo feminino, vendo o tempo que Margarida gastava n'essa leitura, comprehenderia immediatamente que ella gostava de deixar se admirar, de sentir o olhar caricioso d'elle percorrel-a dos pés á cabeça. Era, porém, muito novo e inexperiente para fazer esta observação.

— «Mas isto não se faz, sr. Salter, roubarem a minha unica amiga! exclamou Margarida dobrando a folha de papel e indo de novo sentar-se no logar que deixára. Sabe o que devo agora fazer para me vingar?

— «O que é?

— «Obrigal-o a tomar o logar de Angelina, acompanhando me, e aturando me até ás dez horas da noite.

— «Estou ás suas ordens, minha senhora. Isso, porém, não é para mim um castigo, bem pelo contrario, atalhou Mario radiante.

— «Não me lisonjeie, disse ella, ao ver-lhe a physionomia brilhante de prazer; sou incredula, sr. Salter, irremediavelmente incredula.

Sim, era esse o seu peior mal, a terrivel descrença, que lhe não permittia acreditar nem no Deus da sua infancia.

Como seria expansiva, como toda a sua amargura se diluiria em lagrimas de intimo goso, se podesse crêr na sinceridade absoluta do rapaz, ao lado de quem se achava.

— «São oito horas e meia disse Margarida, depois de um silencio, consultando o seu pequenino relogio de oiro. Parta já, sr. Salter, olhe que não tem tempo a perder. Toda a sua familia deve estar no theatro, inquieta e descontente com esta demora.

— «E o castigo que me promettera, não o mereço? ousou elle dizer.

— «Quiz brincar um momento; mas como vê, a alegria divorciou-se de mim ha muito.

Pezaroso e contrariado por esta decisão, mas não se atrevendo a pedir nada, preferindo obedecer, sem discutir, a correr o risco de lhe ser desagradavel, ou parecer menos delicado, Mario levantou se immediatamente.

Ella levantou-se tambem, tocou de novo a campainha, deu ordem á creada para o allumiar e acompanhar até ao portado, e extendeu-lhe pela primeira vez a mão, acompanhando esse gesto de um olhar meigo e reconhecido, por vêl-o tão respeitosamente submisso ás apparentes contradicções do seu espirito.

Quando Mario chegou ao theatro, ia perdido n'uma d'essas meditações vagabundas, durante as quaes se cruzam e debatem no cerebro os pensamentos mais oppostos.

Indifferente a tudo que o rodeiava, quando terminou o espectaculo e poude emfim fechar-se no seu quarto, tentou formar um plano, arranjar qualquer maneira de poder tornar a falar-lhe. Todos os pretextos, porém, lhe pareciam ridiculos.

E assim passou uma noite de tortura, saltando sem transição, da esperança ao desespero, devorando uma existencia de gosos e martyrios ficticios, e adormecendo afinal cansado e aniquilado pelos terrores da incerteza — terrores por onde principiam as verdadeiras paixões.

VII

Mario levantou-se ao romper da manhã, desesperado contra a sua covardia, effeito tanto da edade como da educação pura, que lhe davam a modestia, a timidez, quasi os receios e os pudores de uma donzella.

Porque não teria tido a coragem de pedir a Margarida licença para tornar a visital-a? Que absurda commoção lhe embargára a voz? Não eram nobres os seus sentimentos? Que vergonha havia, pois em confessal-os? E' certo que não podia santificar pelo casamento o seu affecto, caso elle fôsse partilhado; mas podia entregar lhe a vida inteira minorar-lhe o soffrimento, roubal-a de carinhos de respeitos, de cuidados.

Agora, o que fazer? Apresentar-se lá sem ter a certeza de ser agradavel a sua presença? Confiar novamente no acaso?

Mas que lenta e insupportavel agonia esperar indefinidamente, guardando vivos na memoria os mais pequenos pormenores da sala onde estivéra, da maneira porque fôra recebido, da *toilette*, dos gestos, da voz, do olhar, da figura, de todos os encantos, em fim, da mulher que o prendia!

E' preciso não ignorar as pequenas miserias e as sublimes ingenuidades da adolescencia; é preciso ter desposado as aladas chimeras que se offerecem á imaginação poetica e ardente dos vinte annos, para comprehender bem o estado da alma de Mario

— «O que tens? Não te encontras bem? perguntou Mr. Salter, ao jantar, inquieto com a pallidez e o silencio do filho

— «Uma ligeira dôr de cabeça, que vae passar com um bom passeio, redarguiu elle.

(Continua).

EXPEDIENTE:

A Sociedade Futura encontra-se á venda nas principaes livrarias e na Galeria Monaco.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

3 mezes.....	350 réis	1 anno	1$200 réis
6 »	650 »	NUMERO AVULSO.....	100 »

Impresso na IMPRENSA LUCAS

Rua Diario de Noticias, 93

Secretaria — *Virginia Guerra Quaresma.*

Editor — *Henrique Pinto do Amaral*

1 de Janeiro de 1904 — Anno II, N.º 27

Sociedade Futura

Revista d'Arte

DIRECTÔRA: — *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

SUMMARIO:

A Redacção — *Marqueza de Unhão*
Marqueza de Alorna — *O pintasilgo e o Rouxinol*
Ramalho Ortigão — *O Asseio*
Maria Velleda — *Dr. Candido de Figueiredo*
Rodrigues Lobo — *Os falsos amigos*
Guerra Junqueiro — *João Penha*
Visconde de S. Boaventura — *Ribeiro de Carvalho*
Maria Velleda — *Mulheres e Creanças*
Thomaz Canizzaro — *Cancioneiro estrangeiro*
A Redacção — *D. Emilia Patacho*
A Redacção — *D. Maria Velleda*
A Redacção — *Senna Freitas*
Couto Nogueira — *José Duro*
Simões Dias — *Quadras soltas*
Ladislau Patrício — *Portugal*
Mello Simas — *A mulher na Astronomia*
Theophilo Braga — *Juden Errante*
Cesario Verde — *Aguarellas*
Claudia de Campos — *Ultimo Amor*

ILLUSTRAÇÕES:

Marqueza de Unhão; Monumento de Richard Wagner; Dr. Candido de Figueiredo; João Penha; Ribeiro de Carvalho; Caim; *Baixo relevo* de Costa Motta; D. Emilia Patacho; D. Maria Velleda; Senna Freitas; Monumento a Eça de Queiroz.

● REDACÇÃO — *LARGO DAS TAIPAS, 87* ●

LISBOA

1 de Janeiro de 1904 — Anno II, N.º 27

Sociedade Futura

Revista d'Arte

DIRECTÔRA: — *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

MARQUEZA DE UNHÃO

(Dama Camarista de S. M. a Rainha D. Maria Pia)

Marqueza de Unhão

Os seus titulos de nobreza não se restringem sómente aos seus pergaminhos, se bem que elles estejam authenticados.

O seu espirito esmeradamente cultivado, a sua insinuante gentileza, e a sua alma generosa valorisam e enaltecem a aristocrata das mais illustres que conta a sociedade portugueza.

Nos salões intimos ou de gala distinguem-na este precioso conjuncto de dotes que são mais do que sufficientes para a elevarem a um pedestal de culto.

Sua Magestade, a Rainha D. Maria Pia, escolheu a para sua Dama Camarista e não podia ser mais bem cabida a honra nem mais proveitosa a preferencia porque a sr.ª Marqueza de Unhão tem na sua feição de alma, accentuadamente caritativa, alguma coisa de afinidade com o bondoso coração da Augusta Soberana.

O seu trato affavel tanto se estende aos illustres de genealogia, como ella, como aos humildes com quem ás vezes se quer nivelar, na graça d'um sorriso meigo, ou na maviosa expressão d'um sentimento caricioso, impondo sempre uma veneração muito profunda com que a acompanham sempre aquelles a quem é facultada a ventura indizivel de a conhecerem, em todas as manifestações da sua distincta individualidade.

O Pintasilgo e o Rouxinol

Um pintasilgo imprudente
Desviou-se do seu ninho,
E nem um só grão d'alpista
Encontrou pelo caminho.

Pela fome conduzido,
Entrou n'um bosque sombrio.
Onde retinia ao longe
De um rouxinol o assobio.

Ao doce cantor das selvas
Voou affoito e lhe disse
Se tinha grão de sobejo
Que com elle repartisse.

— Tenho, — respondeu prompto
O musico das florestas —
Tenho grão e sei cantigas,
Terás d'elle, escuta estas! —

Começou logo a cantar,
Cantou até que amanheceu,
E entretanto o pintasilgo
Foi definhando e morreu!

MARQUEZA D'ALORNA

O asseio

A puerilidade no excesso do asseio é segundo todos os viajantes que me precederam, o grande ridiculo nacional da Hollanda. Eu assim o confirmo, declarando porêm para descargo da minha consciencia, que a mais verde creancice de limpeza me repugna menos do que uma robusta hombriedade de porcaria. Horror por horror, prefiro uma arvore pintada a um pente sujo, e antes quero que nos meus pesadellos me appareça uma vacca em cima de um tapete, do que uma escova de dentes cahida atraz de uma commoda.

A impressão geral que deixou no meu espirito a paizagem hollandeza assemelha-se, em resumo, á recordação de um d'esses vividos e pintalgados albuns japonezes, em que as tres mil ilhas do imperio do Nascer do Sol, banhadas na humida vaporisação côr da aurora, se nos deixam vêr ou advinhar de relance, ridentes, fagueiras, envoltas nos meandros azues da agua, cheias de extranhos espalhamentos de sol e encerrando uma vida exotica, calma de todas as revoltas dos nervosos e de todos os estos do sangue, docemente penetrada até ás origens pela mansidão contemplativa, scismadora, magnetica dos brancos luares profundos e dos vastos lagos crystalinos e immoveis. Fecho os olhos e revejo angulos luminosos de um archipelago verdejante: minusculas ilhas da variagada côr mimosa tenra das flôres dos jacintos, um encruzilhamento confuzo de pontes rusticas, de uma das quaes atravessadas em arco entre choroes, se ri para mim com a sua enorme bocca sem dentes encantadora e alegre comadre, de touca branca monumental como um obelisco, tamancos immensos e recurvos, mãos nas ilhargas, pernas abertas, bicos dos pés mettidos para dentro; uma fita de canal em que voga lentamente ao sol posto uma barca, puxada á sirga por uma rapariguinha de doze annos e levando dentro sentado á pôpa, um velho adormecido; uma estrada plana, recta, calçada de tijolo, ao longo da trota um cavallo preto da Frisa ou da Zelandia de longas clinas ao vento, sacudindo um argentino carrilhão, e levando á kermesse, na carreta rural engrinaldada de rosas, uma familia em festa, que me parece estar ainda, voltando-se para traz, familiarmente, n'um gesto delicado, para me dizer adeus!

RAMALHO ORTIGÃO

MONUMENTO DE RICHARD WAGNER

(Do esculptôr GUSTAVO EBERLEIN)

A cidade de Berlim acaba de prestár posthuma justiça ao génio inconfundivel do grande maestro Wagner, erigindo-lhe uma estátua entre as arvores seculáres de Thiergaten, proximo das que foram levantádas a Goethe e Schiller—os dois maiores poetas da Allemanha.

Dr. Candido de Figueiredo

Minha querida amiga:

Pede me um artigo que acompanhe o retrato do dr. Candido Figueiredo, e não pesa decerto as responsabilidades que o cumprimento das suas ordens impende sobre os meus hombros tão debeis!..

O que me vale — pobre de mim! — é ser mulher. Sabe porquê? Porque, vendo um nome feminino a subscrever estas laudas, nenhum dos leitores da *Sociedade* terá coragem que baste para lê'las. E mais uma vez ficarei ignorada.

Quem perde com isto não sou eu, que de sobejo me julgo honorificada, pondo em fóco o meu pseudonymo obscurissimo, na sua elegante revista, e ao lado do nome glorioso de Candido de Figueiredo.

Tambem não fica lesado o grande artista, que, desde menina e moça, venho venerando como um dos primeiros que me crearam o gosto pelo Bello e me inspiraram o amor da Litteratura. Pouco importa que a penna não seja de ouro, quando se escreve ácerca de Alguem.

Se um nome auctorisado firmasse estas linhas, Candido de Figueiredo ficaria no mesmo plano, porque ninguem pode, já agora, accrescentar um raio na auréola que lhe cinge a fronte.

Não perde o grande artista, nem perco, eu, decerto; mas a minha boa amiga é que vae ficar *desapontada*, quando, em vez do artigo que espera, se lhe deparar esta carta escripta vertiginosamente, entre uma colher de xarope e uma pastilha de antiprina...

E — veja! — se se tratasse de qualquer novato, de qualquer João Ninguem, que houvesse perpretado um soneto e uma duzia de redondilhas, sei que poderia escrever alguma coisa de menos tremido que isto...

Assim... palavra! — tenho medo! .. Afigura-se-me que «do alto d'estas muralhas, dezenove seculos me contemplam!...»

Quem não conhece Candido de Figueiredo? E para que falar do seu talento, da sua vasta erudição, do seu espirito finissimo, da sua alma branca de poeta? Quem não conhece Candido de Figueiredo?! Inquestionavelmente, só quem tenha a desdita de não saber ler...

Por isso, limito-me a dizer-lhe das minhas impressões pessoaes:

Foi ha 6 annos que eu entrevistei, pela primeira vez, o amoravel jardineiro dos *Chrysanthemos*. Um pouco timida e acanhada, fui apresentar-lhe não sei quantas bagatellas rimadas, que desejava publicar sob o seu patrocinio. Quando a pessoa que me apresentava m'o indicou, eu fiquei, positivamente.. desilludida! Esperava defrontar um homem muito alto, com umas grandes barbas de Apostolo, uns oculos azues e o gesto severo de um Patriarca.

É bem pelo contrario... quem me falava, animando-me a proseguir no caminho da Arte, dizendo-me coisas amaveis, de um aristocratico sabor palaciano, longe de intimidar me como eu esperava, impondo á minha pequenez de neophyta o seu vulto gigantesco de consagrado, era um delicado e subtil mundano, sem modos athleticos, sem barbas de Apostolo e... sem oculos azues!

Depois avistei-o varias vezes, e, de cada vez que o avistava, colhia sempre proveitoso fructo da sua despretenciosa mas distinctisssima conversação.

Tenho ali, no melhor cantinho da minha estante, os livros, com dedicatoria, que devo á amabilidade do dr. Candido de Figueiredo. No meu archivo epistolar, guardo tambem algumas cartas do eminente escriptor, e são-me ellas de grande desvanecimento, já por causa da sua procedencia, já pelas boas palavras de generoso incitamento que me traziam.

Não cuide que eu escreva estes ultimos periodos, pretendendo arrogar-me uma importancia hypothetica.

Não... isto significa apenas que Candido de Figueiredo, sobre ser um impeccavel prosador, um finissimo poeta, um professor sem rival, é tambem um *bom*, na mais nobre accepção da palavra, um generoso e honesto coração.

Eu não sei de melhor elogio que lhe possa fazer-lhe...

Vê, minha amiga, como foi mal succedido o seu galante convite?

Como queria que a timida andorinha podesse biographar o condor?

Faça d'esta carta o que quizer! Olhe, eu no seu caso — rasgava a!

Amiga e admiradora,

MARIA VELLEDA

OS FALSOS AMIGOS

Guarde-te Deus de um engano
De um bom rosto contrafeito
De homens que trazem no peito
Sempre um cavallo troyano.

Palavras todas d'amores,
Tenção preversa e damnada,
Peçonha dissimulada,
Como vibora entreflôres.

Co'a fala sempre a sabor,
Te dão perolas de fel,
Põem te pelos beiços mel,
Para que engulas melhor.

RODRIGUES LOBO

Homenagem ao eminente poeta João Penha

Por vezes no riso de João Penha ha um modo altivo de chorar. Sente a dor, mas esconde-a. E, para que o mundo ih'a não suspeite, encara-o hostil, despede-lhe sarcasmos. Bondade, timidez, orgulho. E' bom e soffre ; é timido e cala ; é orgulhoso e ri. Poeta mascarado, os transeuntes só o reconhecem pela mascara. Onde os olhos banaes leem, — *Vinho e Fel* — traduzem os meus, — Desventura e lagrimas. Ha duas edições dos versos de João Penha : uma, a impressa, e a outra, inédita, a que elle guarda no coração como um tesoiro inviolavel. A edição para o mundo e a edição para Deus. Meu alto poeta, meu querido amigo: Deixe ver ao mundo a edição original, a edição divina dos seus poemas. Revele-se, transfigure-se. Dê-nos um ultimo livro : o da alma profunda, espiritual, religiosa...

Guerra Junqueiro

RIBEIRO DE CARVALHO

«...Não me daria grande trabalho apontar plagios escandalosos em livros que por ahi andam a demonstrar a falta absoluta de faculdades creadoras em certos individuos da grey nova que se julgam genios e que se impõem como taes.

Não é, porém, esse o intuito d'este ligeiro escripto.

Basta frisar o bem que conviria aos moços menos audacia, mais respeito pelos velhos, mais modestia e mais probidade.

Convençam se que depois de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida e D. João da Camara nada se adeantou na prosa; e de que, depois de Guerra Junqueiro, de Antonio Feijó e de Eugenio de Castro, nada se adeantou na poesia.

O leitor já deve ter estranhado que, pensando eu assim, a respeito da generalidade dos novos, tenha começado por me declarar admirador sincero de um novo.

E' que Ribeiro de Carvalho pertence a excepções — que as ha felizmente.

Em primeiro logar, recommenda-se pela modestia e pela delicadeza; é bem educado, como já disse; não deprime os outros para se elevar a si, respeita os que trabalharam e se distinguiram no seu tempo.

Em segundo logar, possue em grau elevado um dote natural, que se attribue a muitos, mas que poucos teem: talento, mas talento a valer.

E' ás suas poderosas faculdades intellectuaes reune o maior thesouro de um poeta — um coração. O coração disse um grande philosopho, é o pendulo universal dos rythmos.

E' uma completa organisação artistica. E' uma alma da mais fina tempera.

— Ribeiro de Carvalho conta vinte e tres annos e já publicou, além de muitos outros trabalhos litterarios, quatro livros de versos.

De um d'esses livros, *Terra de Portugal*, escreveu Abel Botelho, que não é um critico de amenidades nem de lisonjas:

«São estancias d'uma cadencia merencoria e grave, de rimas plangentes, lembrando a toada commovida e singela de um campanario de aldeia. São a nova cartilha da Saudade. Umas recordam o céo, outras lembram o mar. E' Bernardirno Ribeiro, com a ingenua limpidez das suas redondilhas, torturada na complexa engrenagem da vida moderna. E' o breviario da alma do portuguez de hoje, alancada de amarguras e alteberada na contemplativa paixão do Passado.

Este poeta, sim, dá me impressões, embala-me ao rythmo transcendente da emoção, faz-me sonhar e faz-me desejar. Os seus canticos são a litania sagrada da Patria. Mais do que habeis conbinações de palavras, elles condensam, por uma fórma cheia de verdade e de belleza, a feição maguada e fatalista do genio nacional. Não trovejam revoltas, distillam lagrimas.

E como esta qualidade de sentir, junta com a sensibilidade lyrica, são as duas formulas essenciaes da alma portugueza, tambem só devem ser essencialmente considerados poetas aquelles que nol as saibam exteriorizar capazmente.»

(Fragmento d'um artigo do sr. Visconde S. Boaventura, publicado nos *Echos da Academia*).

Mulheres e creanças

Apezar de tudo quanto se tem escripto, se tem propagandado em beneficio da Infancia, a verdade é que, moralmente, muito pouco se tem conseguido; e as creanças, como as mulheres, arrastam ainda pela rua d'Amargura o pesado lenho do seu martyrio.

Dir-me-ão que exaggero... E eu que, infelizmente, tenho hoje da Vida e da Humanidade a mais dolorosa experiencia e a mais nitida comprehensão, asseguro-vos que não ha sombra de exaggero no que venho de afiançar. A creança, talqualmente como a mulher, soffre hoje, como hontem, — e quem sabe? como soffrerá talvez ámanhã, — do abandono a que a votam, da indifferença com que a tratam.

Pobres pequeninas existencias, vegetando sequiosas, á mingua do divino orvalho — o Amor!

Um filho é, para quasi toda a gente, — um obstaculo e um encargo, que afastam do seu caminho e de que se alliviam, na primeira occasião opportuna. Começando pela ama e acabando pelo collegio, onde a internam e exilam, e onde o seu pequenino coração hade apertar-se, na nostalgia do beijo, das tepidas caricias em que elle gostaria de embalar se, — a creança, apenas abre os olhos á luz, é um forçado da Vida, uma victima do Desamor e da Vaidade.

Por isso eu amo as creanças. Amo as porque são fracas, porque são desprotegidas... e tambem porque o Futuro lhes pertence, porque de cada uma ha-de jorrar a luz que illumine a treva d'esta sociedade injusta e gangrenosa... senão catadupear a lama em que ella se involverá, como n'um manto de miseria e de ignominia.

Da educação, boa ou má, proveitosa ou negativa que se lhes ministrar, depende a gloria ou a baixeza de Amanhã. Se uma creança, que morre, pode ser um miseravel de menos, tambem pode ser uma esperança que se desfolha. Quanto a mim, lamento infinitamente mais a morte de uma creança do que a morte de um adulto. Este, melhor ou peor, cumpriu a sua missão na terra. Mas a creança? essa flor mimosa, ainda por desabrochar? Viu-lhe alguem a pureza crystallina do seio, que nenhum reptil ainda manchou com a sua baba asquerosa? Desataram se d'ella perfumes, que purificassem os pestilentes ares?

As creanças não deviam morrer. E é pena que um flagello intelligente não passe a sua fouce pela seara humana, poupando apenas as creanças, os bons e os poucos cerebros que se preoccupam com o Problema Social. E as gerações vindouras emendariam as faltas da actual geração.

MARIA VELLEDA

Cancioneiro estrangeiro

II. PALAZZO DELLA VENTURA

(Sonho que sou um cavalleiro andante)

Per deserti, col sole, a notte oscura,
Sogno che sono um cavaliere errante,
Paladino d'amor, cerco anelante
L'incantata magion de la Ventura.

Ma l'acciar franto e fessa è l'armatura,
Io casco a terra esausto e vacillante
E allor mel veggo incontro sfolgorante
De la beltà più maestosa e pura.

Picchio a l'ingresso e grido con furore:
«Sono il diseredato, il vagabondo...
Schiudetevi al mio pianto, aurate porte!»

S'apron le porte d'oro con fragore ..
E veggo dentro con dolor profondo
Nient'altro, ohimè, che orror, silenzio e morte!

*

SOGNO

Sonhei — nem sempre o sonho é cousa vã —

Sognai — nè sempre il sogno è vana cosa —
Da un frenetico vento esser levato
Attraverso lo spazio costellato
Dove l'aurora eterna al ciel si sposa.

Le stelle che fugar l'alba non osa
Vedendomi passar triste e curvato
«Amico,» mi dicean da ciascun lato,
«Nostra sorella ov'è, dove riposa?»

Pien di timore allor, gli occhi avvallando
Perchè non le tradisser le mie pene,
Ivo muto e furtivo oltre passando,

Ed alle stelle in ciel dove Dio regna
Dir non osavo quanto sei, mio bene,
Falsa e di quelle soreline indegna!

(Do Anthero de Quental).

Trad. de THOMAZ CANNIZZARO

Esculptura de Teixeira Lopes — CAIM

A ENTREGA DAS CHAVES DA CIDADE DE GÔA — (Baixo relevo de Costa Motta)

D. Emilia Patacho

(MÉDICA)

O vulto feminino a quem hoje vimos render uma tenue manifestação da nossa homenagem, é d'aquelles que collaboram na causa feminista só com o mutismo dos titulos do seu valor individual, praticamente confirmado.

Queremos dizer que não é necessario a mulheres, como D. Emilia Patacho, defender em ardnas polemicas o ideal que nós advogamos, porque, desde os mais humildes bancos das escolas a que pertenceram, até ao honroso logar a que as elevou o seu merito real, luctaram n'este mesmo campo e feriram-se nos mesmos espinhos.

D. Emilia Patacho é uma das nossas médicas mais distinctas. O seu curso foi uma longa serie de successivos e brilhantes triumphos e hoje a sua vida profissional, orientada com admiravel criterio, é entre nós uma cabal demonstração de quanto pode a mulher, franqueando-se-lhe todo o campo de actividade scientifica.

Os mais intransigentes antagonistas do feminismo não teem podido negar o talento que a illustre medica tem revelado na sua profissão, ainda mesmo que regateia este exemplo altamente significativo d'uma excepção muito restricta.

Os pesados problemas da grave sciencia que ella tem assimilado não a tem feito, como de ordinario succede, perder a sua linha accentuadamente feminil.

Ella que tem documentado possuir uma alma verdadeiramente varonil, na sua figura esbelta e graciosa, tem-se conservado, impeccavelmente, muito *feminina*.

D. Maria Velleda

Cumprimos hoje o grato dever de enfileirar na nossa galeria o retrato da deliciosa estylista que, pelas suas prosas tão subtilmente matisadas, possue o raro condão de nos atirahir com aquelle magico encanto de que só o talento conhece o segredo.

Ha na sua forma inconfundivel de escrever um não sei quê de gracioso; e todas as suas concepções litterarias se leem d'um folego.

As suas poesias, decerto, não teem a expontaneidade que tanto a individualisa como prosadora porque, indubitavelmente, o privilegiado talento de Maria Velleda parece ter surgido para revelar o grande prestigio da prosa, quando é delicadamente colorida e esmaltada Mas nem por isso as quadras singellas que traça deixam de transluzir, com nitidez, o seu sentimentalismo — esse profundo e indefenido sentimentalismo onde estremecem, saturados de ardor, as vibrações impetuosas d'um coração meridional.

Sobretudo ella sabe, com arte adoravel, imprimir nos quatro pequeninos versos de uma quadra todo o escrinio do seu espirito fulgurante e da sua bella alma.

Os numerosos artigos de propaganda feminista que tem disperso pela imprensa periodica e com que já por vezes, tem honrado gentilmente a nossa revista, cheios das feericas scintillações d'um talento robustissimo e d'uma convicção inabalavel, hão-de servir de preciosos documentos quando um dia em que o nosso Ideal triumphar, se escrever uma completa historia da Mulher intellectual.

Senna Freitas

Eis um nome que ha-de ficar. D'entre a pleiade dos nossos melhores escriptores contemporaneos, aquelle cujo retrato honra hoje as paginas da *Sociedade Futura*, é um dos que mais accentuadamente se tem distinguido, marcando as suas producções com o sello inegualavel do talento.

Estylista aprimorado, orador fluentissimo, *diseur* inconfundivel, Senna Freitas possue o raro condão de avassalar, quer nos delicie com uma pagina burilada dos seus livros, quer desfie rosicleres de diamantes do alto da tribuna, ou entreteça as flores do seu verbo esplendido n'uma conversação intima, que, por sêl-o, não deixa comtudo de revelar o homem de letras, o erudito, o poeta da descripção e do sentimento.

Que dizer mais ? Tudo quanto acrescentassemos não conseguiria estereotypar, por pallidamente que fosse, a nossa profunda admiração e o nosso immenso respeito pelo nome fulgente que illumina o alto d'esta pagina.

Apenas entre-aberta á mulher a porta cadeada de preconceitos e de ignorancia, detraz da qual a emparedaram tanto tempo, depressa a transpoz ; mas o homem começa a ter medo que elle lhe passe adiante na estrada em que elle a ultrapassou porque era o Senhor, e amontoa argumentos para provocar-lhe a inferioridade intellectual. Mas ella deixa-o fallar e avança sempre.

M.me HUDRY-MENOS

José Duro

(POETAS MORTOS)

Um dia de sol lindo, o d'ôje. Tudo em volta é vida, sempre vida. Flôres perfumando a atmosfera quente dum céu bello, arvores erguendo-se num agitar vago e tremulo da folhagem recortando sombras, e os longes deliciosos dum vêrde escurecido dos campos extenuados á luz do sol a tornal-os ferteis, a tornal-os grandes!

Tenho na mão o «Fél».

Contraste singular entre essa natureza que sorri cheia de graça e êsse livro que chora cheio de dôr, sem o entrevêr querido duma esperança.

Livro dum doente, obra dum artista o «Fél» é uma dessas manifestações extraordinarias de sinceridade que um cérebro verdadeiramente viu e pensou nos contactos com um meio corrupto em que se debatem existencias.

Sem as ambages dos trocadilhos, nem as hipocrisias das banalidades, por vêzes o exotismo dos nefelibatas, todo o livro está impregnado duma naturalidade que impresiona, duma realidade que desperta o sentimento.

Tôdas as suas angustias, todos os seus soffrimentos, são para nós sinceros.

Mais devêra sêr feita cientificamente a critica dêste livro que propriamente encarado debaixo do ponto de vista artistico.

E' uma dessas producções que antes a pathologia deveria inquirir, um dêsses estados morbidos, semelhando Anthero, recordando Nobre.

***

José Duro n'essa *obra dum incoherente*, nêsse *livro brutal*, assim lhe chama na primeira quadra do seu livro, condensou todo o mal de viver uma existencia horrivelmente imperfeita, incompativel com o seu organismo fraco onde se alimentava a doença que transformou o seu temperamento de artista de molde produzir o «Fél».

A tuberculose ia-lhe destruindo o corpo, á medida que o meio mais infinitamente tuberculôso lhe ia destruindo a alma de poeta.

E' pois um livro doente que faz mal, que torna péssimos os mais fracos que torna mais alentados os que teem esperança, os que desejam.

José Duro desejou. Mas era fraco pâra conseguir o que desejava.

Impedia-o a doença tornando o impotente epéssimo. Dai o seu desespêro.

Tivéra elle nascido um são, e a sua obra

teria sido a dum forte que se julga superiôr e incapaz de transigir com as podridões do meio.

Esse soberbo trecho «Rustica» que o seu cérebro d'artista concebeu nuns momentos de tranquillidade, porventura, de animadôra esperança tenuemente delineada, mostra bem qual seria o seu valôr, se fisicamente pudêsse resistir á doença que o torturava.

Quem me déra vivêr a vida das montanhas,
A minha mão d'artista arrotear os campos;
E por manhãs d'amôr colhêr os fructos lampos
Vestir me do burel, de linho e d'estamenhas.

Eis o que elle desejava, como elle adorava a vida que lhe fazia mal porque pâra êlle era muito forte. E contudo adorava a.

Como êlle queria ser, como queria vivêr e amar e que o seu amôr fôsse fecundo:

Vivermos, num casal, Mulher que me entonteces,
Como os paes de Jesus viviam em Belém;
Amar-te só a ti, não querer a mais ninguem,
O meu retrato vêr nos filhos que me désses.

Filhos do nosso amôr, ali por pé da porta,
— O coração liberto — á sombra dos arbustos,
Mostrando á luz do dia os braços nús, robustos,
Que haviam de amanhar os campos mais a horta

Mais adiante diz:

Que a vida que eu arrasto, amargurada, incalma,
Enrouqueceu-me a voz e amorteceu-me a vista...
Tornou-me o que eu não era — um grande pessimista:
Mostrou-me tudo máu e enegreceu-me a alma.

E termina:

Fugir a êste luxo a esta vida hiante
Aonde tudo é falso, estupido, vulgar,
Ouvir o riso franco em vêz do riso alvar,
E têr um bom amigo em cada semelhante!

A vida ei-la aí pujante, vencendo com as suas rajadas imcomparaveis o seu *spleen* d'organismo debil.

O modo de sêr do artista péssimo ei-lo aí manifestamente patenteado nessa imperfeição dos homens e das coisas.

Nada de choraminguices rêles, nem de amôres desfeitos, antes vôos largos pâra horizontes grandes e plênos de luz.

Tudo verdadeiro, sentidamente verdadeiro.

Que ligação estreita entre José Duro e CesarioVerde. Ambos sinceros, ambos doentes.

Morreram. Cesario era comtudo mais forte, mais resistente.

Que distancia enorme entre êsses dois admiraveis artistas e os cabotinos d'ôje fabricando tristezas!...

.....

A morte de José Duro foi pâra êlle um bem.

E a morte foi grande, sempre grande, como essa vida que óra me estonteia os sentidos, no contactear com a natureza, quando o levou pâra o transformar talvez, numa existencia, capaz de supportar a luz vivificante do sol, que lhe fazia mal, que asfixiava o seu estado febril de pessimista sem remedio.

COUTO NOGUEIRA

Quadras soltas

Ou *tudo* ou *nada* era o mote
Da nossa mutua affeição
Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração!

Aquellas noites, que noites
Tão longas por ti velei!
Aquelles sonhos, que sonhos,
Tão curtos por ti sonhei!

Punha-me a chorar ás vezes
Sem conhecida razão,
Como quizessem em prantos
Afogar o coração!

Sombra da minha ventura
Comtigo o *tudo* passou
Deixando-me só o *nada*,
Que esse, por meu mal, ficou!

E assim aquella divisa
Da nossa mutua affeição
Apagou-se para sempre
No meu, no teu coração!

SIMÕES DIAS

Monumento a Eça de Queiroz

Levantado em 1903, no largo do Barao de Quintella. Foi esculpido por Teixeira Lopes, sendo as despezas custeadas por um grupo de amigos do grande romancista.

Portugal

A's SENHORAS PORTUGUEZAS

Paiz do Amor, que foste! paiz santo,
Das armas e barões — paiz amado!
Perdeste o teu condão, o teu encanto,
E és hoje o Portugal desventurado!

Depois de ter's causado enorme espanto,
Resta te agora, Heroe avelhentado,
Este refugio ultimador — o pranto!
Esta elegia soluçante — o fado!...

Legou-te o Tempo o bem do seu tributo...
E, após o palpitar de tantos annos,
Agora, em cada peito, quando esculo,

Oiço tombar o pó dos desenganos!...
— Senhoras do méu Reino: estaes de luto:
Morreu o amor em peitos lusitanos!

1902. Coimbra.

LADISLAU PATRICIO.

A mulher na astronomia

EM todas as edades e sob todas as condições a mulher tem-se mostrado capaz de poder competir com o homem em longos e difficeis trabalhos intellectuaes, a historia não deixa margem para dúvidas, e se, até hoje artes como a litteratura, a pintura, a musica teem, em mais larga escala, absorvido as meditações da mulher intelligente, é isso, talvez, devido á differença radical que existe entre sciencia e arte.

Effectivamente a sciencia falla ao cerebro, a arte ao coração; a sciencia, transmittindo os seus resultados evidentes, alcança todas as intelligencias, adapta-se a todas as opiniões, ao passo que a arte, inteiramente subjectiva, exige, para ser comprehendida, uma capacidade receptora vibrando harmoniosamente com o systema transmissor, e é da faculdade subtil de percepção, que o bello sexo possue em muito mais alto grau do que o sexo chamado forte, por convenção, que parece derivar o cunho sentimental caracteristico da maior parte dos trabalhos artisticos da mulher.

Esta, para sahir dos limites restrictos em que a sociedade a está envolvendo, tem de luctar contra os resultados da educação, de rotina, da opinião, contra os seus proprios sentimentos e até vencer obstaculos opposstos pelas leis naturaes; d'aqui a necessidade de desenvolver uma actividade, de dispender uma intelligencia incomparavelmente superiores ás de um homem em identicas condições de talento e fortuna.

Comtudo não é pequeno o numero de mulheres cujo trabalho intellectual exerceu consideravel influencia no progresso scientifico.

A astronomia, e assim devia ser, é das sciencias que maior numero de themas offerece ás reflexões de cerebros femininos e das que mais concorre para a manisfestação dos seus dotes de paciencia, espirito, sagacidade e delicadeza.

A astronomia espherica como a physica, a astronomia mathematica como a de observação, teem-lhe absorvido e continuam a absorver-lhe o espirito, ultimamente porem, e especialmente depois que o emprego da photographia e da espectroscopia veiu mudar, quasi por completo, a orientação no estudo physico do ceu, um como que sentimento de solidariedade tende particularmente a dirigir-lhe a attenção para as estrellas.

Poucos são os astronomos cujo nome não possa indicar simultaneamente duas individualidades, demonstrando mais uma vez que em psycologia nem sempre é verdadeiro o axioma arithmetico de que um mais um somma dois.

Hevelius na observação e calculo das estrellas do seu catalogo, Huggins e Lokyer nas suas investigações espectroscopicas, Kirch, Lalande, Faye nos mais transcendentes calculos e concepções theoricas, Janssen, Maunder, Hall, Gill, Roberts, Fleming, etc. na execução das mais variadas e precisas observações, devem uma grande parte dos seus trabalhos difficeis e das suas maravilhosas descobertas á cooperação intelligente e activa que encontraram em companheiras dedicadas, auxiliando os com a sua intelligencia com os seus conselhos, com o seu incitamento, muitas vezes mesmo com ideias novas e concepções arrojadas, mas sobre tudo com a perseverança e energia que caracterisam o bello sexo, quando se sente verdadeiramente inclinado para uma certa ideia ou para um determinado assumpto.

Querendo porem fazer depender a orientação d'estas da dos homens a quem, felizmente para a sciencia, ligaram o seu nome e existencia, não faltam, na historia da astronomia, exemplos demostrando a actividade feminina, especialmente n'este ultimo quarto de seculo.

Os logares que muitas têm occupado entre os homens mais illustrados, importando reconhecimento de valor do seu talento, das suas concepções ou das suas descobertas, mostram-nos sobretudo que o merito intellectual não se molda n'este ou n'aquelle sexo, como não tem predilecção por esta ou por aquella nacionalidade.

Assim, Maria Mitchel foi nomeada dirc

tora do observatorio de Vassar college, Miss Brown directora da secção solar da British Astronomical Association, Mrs. Maunder vice-presidente da mesma sociedade, Sophia Kowalewski professora da universidade de Stokolmo, Miss Mary Whitney directora do observatorio de Vassar college, Miss Byrd do de Smith college, Miss Cuningham do de Swarthmore college, Miss Isaac Roberts do conselho da Sociedade Astronomica de França, Miss Agnes Clerke da Royal Astronomical Society, etc. etc. e em torno dos nomes verdadeiramente monumentaes de Maria Agnesi, Hortencia Lepaute, Carolina Hereshel, etc., enxameia uma legião, sustentada pela energia e pelo exemplo, cujo auxilio não tem sido dos menos valiosos para o progresso e evolução da astronomia moderna. Folheando revistas da especialidade não raro se encontram nomes como o de Mrs. Fleming empregando a espectroscopia para desvendar n'uma chapa photographica mysterios da composição dos mundos, Miss Agnes Clerke applicando uma sagacidade pouco vulgar, mesmo em espiritos elevados, a concepções como as da grandeza e limites do universo, Dorothéa Klumpke adaptando os principios da mais alta mathematica aos problemas da astronomia theorica, Mary Whitney, Carolina Furness, Mary, Bird, Alice Davis determinando posições d'astros pelos modernos processos de alta precisão, Mrs. Ceraski, Dejardin, Belgmann, emfim de um numero tal que seria impossivel citar n'um artigo de poucas linhas, não contando mesmo os das trabalhadoras infatigaveis que actualmente nos differentes observatorio da Europa e da America se encarregam particularmente do estudo e medição dos clichés photographicos.

São os resultados do progresso scientifico que medem a civilisação de um povo.

Na França, na Russia, e com especialidade na Inglaterra e na America, a mulher rivalisa com o homem para a evolução d'esse progresso; entre nós, só ha bem pouco tempo se tenta romper com a rotina, abrindo os cursos superiores á mulher portugueza, cujas qualidades de intelligencia, perseverança e energia se estão constantemente evidenciando não inferiores ás de qualquer outra. De resto, nos paizes civilisados generalisa-se o respeito e a consideração pelo talento da mulher, e as estatuas levantadas á memoria de Maria Agnesi e de Catharina Scarpelini, mostram bem que não só espiritos de *élite* são sensiveis ás manifestações do genio.

Mello e Simas

O judeu errante

Detem-te um instante no passo que levas
Os raios faiscam diante de ti;
E' tetrica a noite de horrisonas trevas,
Profundos abysmos retumbam aqui!

E assim que o proscripto seus passos detinha,
Os raios silvaram:
Caminha! caminha!

— Oh alma transida de incognitos males,
Que buscas nas sombras da vaga amplidão?
Os lobos famintos farejam nos valles,
O platano estala ao passar do tufão!

E o vulto seguia, seguia; não vinha,
E os ventos rugiram:
Caminha! caminha!

Cansado da estrada se não te adormenta
O estrondo soturno das rihas do mar!
Investes a furia da rija tormenta,
Não ouves quem, triste, te quer consolar!

E o vulto que passa consolos não tinha,
E os mares bramiram:
Caminha! caminha!

Oh tu que no mundo divagas errante!
Talvez que o segredo me saibas dizer
Talvez escutasses o nome da amante...
Um nome que encerra encantado poder?

— Eu só sei que arrasto uma sorte mesquinha
E o mar, vento, raios
Bradaram: Caminha!

Theophilo Braga

Aguarellas

N'aquelle pic-nic de burguezas,
Houve uma cousa simplesmente bella,
E que sem ter historia nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarella.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher sem imposturas tolas
A um granzoal azul de grão de bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos,
Nós acampámos inda o sol se via,
E houve talhadas de melão, damascos
E vinho verde molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro, a sahir da renda
Dos teus seios como duas rôlas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas.

Cesario Verde

CLAUDIA DE CAMPOS

Ultimo amor

(9) (ROMANCE)

— « Um passeio ás Fontainhas, atalhou logo D. Josepha, com ar zombeteiro. Parece impossivel que um rapaz da tua classe, educado com a nobreza, visite creaturas de certa ordem, e lhes ligue importancia...

— A provocação era grande e directa.

Uma subita colera ruborisou o rosto de Mario, que não podendo, pelo respeito devido a sua mãe dar a resposta que lhe acudiu aos labios, pediu licença allegando sentir-se indisposto e sem appetite para se retirar antes de servida a sobremesa.

— Mr. Salter, pesaroso, admoestou a mulher instando com o filho para tomar mais alguma cousa

Este, porém, agradecendo ao pae a sua solicitude, recusou demorar-se mais, e tomando no corredor o chapeu, saiu, encaminhando-se para a estrada que ia ter á praia das Maeras, n'uma revolta de toda a sua alma contra a estupida malvadez do mundo e a leza e brutal injustiça de sua mãe.

Margarida de Lencastre, com todas as suas aristocracias innatas, em toda a sua inconfundivel belleza, ser tomada por uma *creatura de certa ordem!*... Por ter a coragem de separar se de um marido a quem não amava ; por ter a desventura de amar um homem vil que a trahira,e inclausurando-se em seguida o resto da mocidade para expiar um engano escusavel de que fôra victima, era então, por isso desprezivel ?

E ao pensar isto Mario, n'uma raiva surda, atirava para longe com a ponta da bengalla, as pedrinhas que encontrava, esmigalhando desapiedadamente alguma herva desabrochada no seu caminho.

— «Em que vae pensando, sr. Salter? perguntou de subito uma voz, quasi ao seu lado.

Elle voltou se, e encarando com o dr. Macedo, que lhe extendia familiarmente a mão:

— «Vou pensando que é muito duro ouvir calumniar injustamente alguem, que não temos o direito de defender.

E n'uma necessidade imperiosa de expansão, contou ao medico o episodio que acabava de passar-se á mesa.

— «Esses sentimentos honram n'o, meu bom amigo, replicou o dr. Macedo, satisfeito A sua indignação é nobre e dá-me sincero prazer. Eu lhe digo: A sociedade está constituida por tal fórma, que a mulher depende absolutamente de nós. Se nos recusarmos, pois, a amparal-a e a defendel-a, cáe ; e, sósinha, por mais que faça, não conseguirá nunca levantar-se. Creia que quando uma d'ellas se desvia do caminho do dever, é quasi sempre por culpa nossa. Mas vamos andando, que a tarde está boa, e não quero interromper o seu passeio Já vejo, que temos muito que conversar no assumpto. Temos muito que dizer.

E o dr. Macedo metteu affavelmente o braço no de Mario, apoiando-se n'elle.

Mario encurtou o passo, graduando o pelo do velho amigo de seu pae, e preparou se para o ouvir com respeito.

O dr. Macedo continuou :

— «Queremos mulheres castas, mulheres puras, mulheres fieis ? Demos-lhe primeiro o exemplo de todas as virtudes, em vez de, por um imperdoavel egoismo, nos servimos, em nosso proveito, da sua fraqueza, que depois, á pressa arvorados em moralistas, com ridicula indignação punimos. Creia na minha velha experiencia, sr. Salter, tudo isto é uma comedia ignobil. O meu amigo não conhece os homens ainda. Na sua generalidade, e aqui para nós, são mesquinhos, vaidosos, grosseiramente sensuaes, de idéas acanhadas. de moral equivoca e sem nenhum sentimento de justiça, quando se não trate das suas pessoas, — bem entendido. O amor, para elles, é uma cousa muito secundaria, que despojam de tudo quanto póde ennobrecer, deixando-lhe apenas o lado puramente material, que só rebaixa a sua companheira ; emquanto que para a mulher, creatura fraca delicada e sonhadora, vivendo n'um ambiente de luxo e de graça, que lhe afina a belleza e a sentimentalidade innata, essa paixão é o unico fim da vida. Sei que o não enfastio, e que está de accordo commigo. Agora junte estes dois entes; o primeiro, de um vulgar e baixo materialismo, usando da sua inteira liberdade, com o direito de mentir, de mystificar, cair e levantar-se quando muito bem quizer, tendo sempre a seu favor as leis — ou os legisladores não fossem homens ! — a segunda de um idealismo requintado, presa para sempre desde que entrega o coração, sem poder queixar-se vendo-se illudida, sem poder libertar-se ao ver-se trahida, escrava de mil preconceitos, de mil absurdas convenções, e ainda por cima tentada a toda o instante, e o resultado são os dramas e tragedias que a toda a hora presenceamos. A uma compete-lhe dar tudo ; ao outro sómente exigir. Ella só tem deveres, elle direitos. Porquê ?

Fazendo esta pergunta, o dr. Macedo tinha parado deixando o braço de Mario, e vibrante todo elle de sincera indignação.

Mario ouvira-o em religioso silencio, absolutamente dominado pelas observações que traduziam do modo mais completo os seus proprios sentimentos, e commovido pela indulgencia e bondade d'aquelle velho, em cuja alma via reflexos da sua.

O sol caira, de todo, no horisonte distante, quasi ao extremo da extrada, longa e recta, que seguiam.

Os dois caminharam um momento silenciosos : Mario, absorto em reflexões suaves, nas quaes embalava, de certo,as suas aspirações a uma justiça pura, e os seus idealismos; o doutor recapitulando na mente o que acabava de dizer, para reunir as suas conclusões, n'uma fórma positiva.

Por fim, andados alguns passos, o velho tornou a parar e pousando a mão, quasi no hombro de Mario, paternalmente, n'um gesto tão commum aos experientes da vida quando querem imprimir as suas palavras no espirito d'aquelles que apenas vão entrando n'ella, resumiu :

— « Dumas quando escreveu : «Mata-a !» devia tambem escrever — visto que entende termos direito de tirar a vida uns aos outros — «Mata-o !» Porque, se a mulher em algum caso merece a morte, o que merecerá aquelle que a illude conscientemente, mentindo aos seus juramentos, tirando-lhe, a familia, a honra, muitas vezes a fortuna, e desamparando-a brutalmente depois de satisfeito o capricho? E o mais triste é haver mulheres de intelligencia tão pequenina e sentimentos tão pouco elevados, que se façam echo da voz publica, ferindo as suas irmãs, ainda primeiro que nós. Bem sei que são phrases inuteis, visto não podermos emendar o mundo e desmanchar o que está feito, — continuou elle com um sorriso de doce ironia ; — mas podemos e devemos ter o amor da Justiça e do Bem, na sua mais elevada accepção, luctando corajosamente contra as falsas Lucrecias e os habeis Tartufos, para obrigar a respeitar o que é respeitavel e desprezar o que é desprezivel.

(Continua).

EXPEDIENTE:

A SOCIEDADE FUTURA, por ausencia da sua directora, nas ilhas dos Açores. suspendeu a sua publicação durante quatro mezes. D'essa interrupção pedimos desculpa aos nossos presados assignantes

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

3 mezes.....	350 réis	1 anno	1$200 réis
6 »	600 »	NUMERO AVULSO.....	100 »

IMPRESSO NA IMPRENSA LUCAS

Rua do Diario de Noticias, 9

SECRETARIA — *Virginia Guerra Quaresma*

EDITOR — *Henrique Pinto do Amaral.*

A SOCIEDADE FUTURA encontra-se á venda nas principaes livrarias e na Galeria Monaco.

1 de Março de 1904 — Anno II, N.° 28

Sociedade Futura

Revista d'Arte

DIRECTÔRA : — *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

SUMMARIO

Albino Forjaz de Sampayo — *Columbano Bordallo Pinheiro.*
Teixeira de Queiroz — *A morte de Gonçalves Crespo*
Domitilla de Carvalho — *No Hospital.*
Olga Sarmento da Silveira — *Madame Lucile Kitzo.*
Christovam Ayres — *Sympathia* (traducção de Campoamór)
Theophilo Braga — *Romantismo e Rvcolução.*
Albertina Paraíso — *Sombrios.*
A redacção — *Dr. Frederico Hopffer.*
A redacção — *Duque de Bonito*
Lucile Kitzô } — *Cancioneiro estrangeiro.*
Henri Faure }
Bulhão Pato — *No sarau.*
Candido de Figueiredo — *Versos.*
A redacção — *Domitilia de Carvalho.*
A redacção — *Tres livros* (Bibliographia).

ILLUSTRAÇÕES :

Columbano Bordallo Pinheiro ; Monumento a Affonso d'Albuquerque (esculptura de Costa Motta) ; De volta da Romaria (quadro de José Malhôa) ; Madame Lucile Kitzô ; Barco de pesca ; Mosquesteiro (aguarella de Luciano Lallemant) ; Dr. Frederico Hopffer ; Duque de Bonito ; Busto (quadro de José Malhôa) ; Domitilla de Carvalho.

REDACÇÃO — *LARGO DAS TAIPAS, 87*

LISBOA

MUNDO ELEGANTE

Magnifica revista de modas, musica, bellas-artes
lttteratura e actualidades

Director: A. de Sousa

◆ PUBLICAÇÃO QUINZENAL ◆

Feita em Paris sob os auspicios de Sua Magestade a Rainha D. Amelia

REDACTORA CORRESPONDENTE

Olga Moraes Sarmento da Silvaira

N'esta redacção acceitam-se assignanturas

EM PORTUGAL:

Por anno, 24 numeros, 6$000 réis ● Semestre, 12 numeros, 3$200 réis

NUMERO AVULSO 300 RÉIS

1 de Março de 1904 — Anno II, N.º 28

Sociedade Futura

Revista d'Arte

DIRECTÔRA: — *Olga Moraes Sarmento da Silveira*

COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

Na exposição Columbano

NENHUM pintor portuguez me emociona mais, nem faz sentir com mais atropello os meus pobres nervos, do que este grande e original Columbano. E aqui estou eu, que não percebo nada de pinturas, nem de *processos*, de technicas, nem de exposições, deante da sua obra, essa obra colossal e inconfundivel, a mais nervosamente artistica d'este reino, e deante d'Elle, esse homem pequeno e timido que se encolhe nos enviézes da sombra, indifferente aos elogios, costumado ás desapprovações; alma gretada pelas injustiças, feita d'uma méscla rude de genio e de soffrimentos, de energias e de desprezos.

Quantos cuidados, quanta Vida, quanto Sonho, quanto Amor e quantas afflicções lhe não custaria todas essas obras primas, que a admiração amiga reuniu alli?

Quantos dias de desalento e quantas horas de enthusiasmo?

E Elle, esse homem pequenino e timido que se furta á chusma, e que eu sei grande de o sentir grande, com a sua barba em que pousa sempre a sua mão nervosa, as suas lunetas de myope, a sua estatura acanhada e timida, apezar de tudo e contra tudo, construida a sua chymera na solidão, forte no seu sonho, oppunha a indifferença á indifferença e atirava n'uma loucura punhados de genio para a tela...

.....

Paro deante d'um quadro. De todas as cabeças de mulher, da obra de Columbano foi esta que me impressionou mais. O seu titulo é *A mulher que ri*. E' uma cabeça esgalgada e secca onde a coloração emaciou, como a uma rosa a quem emmudecesse o sangue nas arterias. As cordoveias são descarnadas como as do pescoço das velhinhas. Uma fita de seda afoga-a como uma gargalheira. Para quem a vê melhor, aquella ruina de mulher, deve soffrer por força. O seu riso, um rir fanado de convalescente, e tão pallido como as varetas d'um leque d'um marfim antigo. Parece que alguem a forçou a rir esse riso que ella arrasta, que é sómente um disfarce da bocca, essa rubra flor dos beijos e das palavras de amor, das mentiras e das orações. E aquella cabeça avança livida, cançada, trazendo no riso a mascara da sua dôr, que é ainda maior porque ella quer chorar e não póde ter lagrimas, quer contal-a e nem palavras tem...

.....

São assim todas as tellas de Columbano. Este homem, o maior dos nossos pintores emotivos deve soffrer muito, intimamente. E esse soffrimento trasborda, vive com elle nas suas telas, que todas ellas afinal são arrancadas ao fundo da sua dôr, exagera-se, roça pela caricatura, e dá ás almas e ás coisas a concentração sombria do seu sentimento, do seu *modo de ser*, que sente para cada coisa uma angustia, para cada alma uma afflição. A sua luz tonal, essa luz bizarra que é a sua grande força, fez com que o scismassem um daltonico. Longe d'isso, porém. O seu daltonismo é o daltonismo moral, essa feição peculiar e macabra d'uma psychologia pessimista, de quem desce ao fundo dos olhos de cada um e vem de lá maguado do que viu. As suas telas são tragedias. Todos os seus retratos soffrem. E não fui capaz de descortinar, mesmo nas suas tonalidades mais suaves, umas creaturas que não estivessem absortas na sua dôr, almas que elle surprehendeu á vida, suffocado o olhar, rouco o olhar, surrada a alma, a carnação amortecida, um ar de angustia que faz doer e mal.

.....

As outras telas que me impressionaram são, a *Cigana*, essa cabeça dorida de cigana, e a *Primavera*. A *Mulher da Luva* e a *Mulher da Mascara* são ainda as mesmas creaturas soffredoras. Do anceio louco da cabeça de cigana, essa deliciosa torturada cabeça, ao soffrer intimo da *Mulher da Luva* ha só differença de atavios. O soffrimento é o mesmo. Em ambas pesa o mesmo ar somnambuloso das almas a quem a alegria alheia é um sarcasmo.

Os outros quadros, *Scena do interior*, etc., são ainda as mesmas carnações, os mesmos tons, a mesma dôr, as mesmas creaturas, a quem Columbano deu vida da sua vida.

.....

Passa por mim Columbano. Sai-o da exposição e vou scismando em quantas outras preciosidades nos daria, se el e não morresse nunca... nunca...

Janeiro - 1904.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.

Inedito

Monumento
a Affonso de Albuquerque

♦ ESCULPTURA DE COSTA MOTTA ♦

A morte de Gonçalves Crespo

. . . . . .

Nos ultimos tempos da sua vida, durante os dois mezes em que a terrivel molestia caminhou implacavelmente, contradizendo dia a dia os heroicos esforços da sciencia e os da sua incansavel esposa, a physionomia de Crespo adquirio uma energica expressão de melancolia. O seu sorriso tinha um fundo de amargura, o olhar vago de myope fixava-se indeterminadamente como n'uma escuridade distante, sem um ponto vivo a que se prender. Pensava na morte; ás vezes surprehendiam-n'o a chorar. Uma das idéas fixas da sua vida, a de que, apesar d'uma apparencia robusta, era fraco e morreria cedo, realisava-se.

Sentia-o instinctivamente, e elle que tanto amou a vida triste ou alegre que ella lhe foi, apavorava-se com a idéa na morte. Era preciso que o seu assistente e amigo, o professor Sousa Martins, e tódas as pessoas que o viam, fingissem uma certa alegria esperançosa, para o enganarem, e eu era um dos que mais concorriam para este effeito, amesquinhando lhe com desdens o padecimento.

Na ultima noute que vivêu, tocou-me a mim, como um dos seus amigos, acompanhar sua esposa para ambos velarmos pelo doente. Toda a minha vida conservarei vivo na memoria esse doloroso quadro d'agonia, com todas as tristes circumstancias que o caracterisaram: — ao fim de dois mezes de noites em claro, a sr.ª D. Maria Amalia estava anniquillada e tudo quanto fazia era automaticamente. Havendo necessidade de se lhe dar de hora a hora os medicamentos, com o fim piedoso de lhe serem minoradas as angustias dos ultimos instantes, o doente exigia que isto fosse feito por sua esposa, que elle chamava n'uma voz já pouco intelligivel.

Eu então accordava-a do torpor em que estava sobre um sophá e, concluido o trabalho que só ella sabia fazer, vencida pela enorme lucta moral e physica, deixava se cahir de novo no mesmo logar, com a cabeça entre os braços.

As feições do doente eram cadavericas: — rosto prolongado e sorrindo, olhos grandes de myope, sem brilho e sem mobilidade, a bocca entre-aberta para respirar melhor e a longa respiração estertorosa que já começava a pronunciar-se, lançava no estreito ambiente, saturado d'acido phenico, um murmurio rouco, prenuncio da morte. Como felizmente os seus meios de sensibilidade já não eram grandes, não conhecendo o fim proximo de sua vida, com a intelligencia que ainda conservava, exprimia palavras de consolação, affirmativa esperar ainda melhorar.

«A morte aperfeiçoa o homem mais perfeito» — disse Renan a proposito da lenda da resurreição do sublime Nazareno, que inspirou ao auctor das *Miniaturas* e dos *Noturnos* alguns dos seus melhores versos. Por muito sympatica que fosse a lenda de Gonçalves Crespo, por extraordinario que fosse o seu talento, não poderia esperar-se que a sua morte causasse uma tamanha commoção. Tanto em Portugal como no Brazil o seu nome era estimado e querido e isso viu-se pelas manifestações de sentimento que o publico litterario dos dois paizes prodigalisou a sua boa esposa. O poeta das *Miniaturas* e dos *Noturnos* nunca poderá ter o que se chama popularidade, ou melhor vulgarisação. A aristocratica correcção dos seus versos, a elegancia e delicadeza subtil das suas imagens, a ironia dolente e desdenhosa de algumas das suas poesias, a fina melancholia de outras, não são, de certo, qualidades que todos possam facilmente receber. Além d'isto evitava com orgulho e altivez de verdadeiro artista a fogozidade postiça de alguns poetas e a sensibilidade pueril de outros. Era um artista de optimos nervos, que só póde agradar a entendimentos delicados. E no entretanto tem sonetos de um lyrismo camoneano, que são um encanto.

TEIXEIRA DE QUEIROZ

No Hospital

E' linda como os anjos. Na pureza
Do seu olhar macio, avelludado,
Ha sempre a mesma prece, a mesma reza
Que o meu peito recolhe contristado.

Com gestos de quem pede e a tristeza
De quem presente o fim amarguralo,
Ergue as mãos pequeninas de princeza
E sorri para todos com agrado.

Com aquella ideal resignação
E a mesma fé em Deus Nosso Senhor,
Ha dois annos que a vejo doentinha.

Quando, presa d'immensa compaixão,
Do seu leito me acerco «está melhor!»
Ella responde logo — «melhorsinha».

Coimbra. DOMITILIA DE CARVALHO

DE VOLTA DA ROMARIA, quadro de JOSÉ MALHÖA ✦✦✦✦✦✦✦✦

M.me Lucile Kitzô

Um talento feminino, revelando-se pela capacidade philosophica e pelo sentimento poetico, sustenta na Romania actual a tradição da cultura latina occidental, representada pelo phenomeno historico da lingua daco-romana ou Valaquio. M.me Lucile Kiztô, uma gloria intellectual da Romania, terminou em 1893 na Faculdade de Lettras e Philosophia e seu curso, publicando como these para receber o grau de licenciatura o precioso livro intitulado, *O problema das Relações entre a Philosophia e a Sciencia, com uma analyse das soluções dadas a este problema por Kant, Comte e Spencer*. (Craiova, 1893 1 vol. de 166 pag.) Basta o ennunciado d'esta these para notar a vastidão do seu espirito penetrante; pela exposição vê-se que comprehendeu a essencia das concepções de Kant, de Comte e Spencer no que ellas encerram de fundamental, isto é, o criterio da objectividade systematisando os elementos constructivos para uma nova synthese do universo. Kant preparou no criticismo o processo psychologico, demonstrando que a verdade consiste na necessaria relação entre os dados objectivos e a sua representação subjectiva; Comte deu a perfeita systematisação aos dados objectivos na hierarchia das Sciencias, concluindo pela final preponderancia da synthese racional ou subjectiva; e Herbert Spencer determinou a forma d'essa subjectividade, explicando a phenomenalidade physica, organica e moral pelo principio universal de movimento, e demonstrado pelas Sciencias inductivas. M.me Kitzô seguiu com desassombro estas altas abstracções acompanhando a evolução historica da Philosophia moderna.

No seu recente livro *Au Clair du Rêve* (Paris, Libr. Plon. 1903, 1 vol. de 204 pag.), a illustre escriptora adoptou a lingua franceza para a expressão dos mais dedicados sentimentos poeticos. A lingua franceza tem na sua versificação a belleza do antigo lyrismo medieval, superior na fórma aos poetas modernos da França, extremamente prosaicos pelo excesso de palavras de exclusiva funcção grammatical. D'este delicioso livro *Au Clair du Rêve*, transcrevemos na nossa revista os dois bellos Sonetos dedicados a Theophilo Braga e esposa, consagrados á memoria de seus filhos. (Pag 121 a 124). Deve-lhes ter consolado este ecco longinquo que vem do oriente europeu, lá da Romania, prolongar a existencia subjectiva d'esses entes queridos. M.me Kitzô escreve em uma lingua, que nos não é de todo estranha; no daco-romano ou Valaquio existem os elementos caracteristicos das nossas linguas romanicas através de um vocabulario misturado de palavras magyares, allemãs, gregas, turcas, e slavas; embora muitas das suas flexões não existam nas linguas do grupo romanico, essa lingua pela irregularidade da sua phonologia e morphologia é um documento sobrevivente da antiga lingua analytica cujos dialectos se romanisaram sob a influencia do latim escripto E' um vivo prazer observar como, na cultura do povo romanico, fulgura n'esta escriptora illustre o genio occidental, de que ella é digna herdeira. Saudamol-a com enthusiasmo.

OLGA SARMENTO DA SILVEIRA

Sympathia

(DE CAMPOAMÔR)

Vi-te uma vez apenas, um momento;
É isso que faz a aragem com as palmas,
Fêl-o dentro de mim o pensamento...
E assim, mesmo de longe, nossas almas
São palmeiras casadas pelo vento!

Trad. inédita de

CHRISTOVAM AYRES

BARCO DE PESCA — Aveiro

Bellas Artes

MOSQUETEIRO, AGUARELLA DE LUCIANO LALLEMANT
GRAVURA DE T. BORDALLO PINHEIRO.

Romantismo e revolução

(INÉDITO)

A orginalidade das Litteraturas manifesta se pelo fundo ethnico e elaboração artistica das *tradições* populares, em que se basea o seu nacionalismo, e a sua vitalidade provém da aspiração moral ou politica, de que são a expressão.

Se a Edade média interessa profundamete por conter os germens das Litteraturas modernas, a Revolução, ou a explosão temporal franceza não é mesmo absorvente pelas aspirações sociaes e individuaes que se manifestam na grande commoção que se reflectiu em todas as nações da Europa. Os Encyclopedistas, no seu critissismo negativo repellindo a Edade média e egualmente a imitação da Antiguidade classica, procuravam a verdade da arte no typo e esponteinadade da Natureza. Pierre Laffite, no *Curso de Philosophia primeira*, explica este movimento de regressão á natureza: «Inicia-se no seculo XVIII, quando o edificio catholico sob o golpe dos philosephos começou a desmoronarar-se. O homem desligando-se de toda a preoccupação celeste, volta-se para a terra e encontra se face a face coma natureza. Tudo se fatichisa então, e uma linguagem nova surge da renovação dos pensamentos e dos sentimentos. Diderot é o iniciado, d'este estylo deslumbrante de imagens, que nos parece hoje a cousa mais natural, mas que muitos dos seus contemporaneos consideraram ridiculas: as suas *paginas ardentes*, os seus *sorrisos ensopados de lagrimas*, suscitam os motejos de um Palissot. Depois d'elle Rousseau, doido máo, mas observador habil, descobre-nos e conta uma paixão que não brilha em parte alguma como nos seus devaneios de' um passeante solitario, — a poesia dos bosques dos prados, dos lagos. — Desde então, o amor dos campos, o amor das cousas rudes apodera se tanto de todas as classes sociaes, que as proprias rainhas fazem-se camponezas installando se no Trianon. Cousa espantosa! a terrivel Revolução, longe de sustar este movimento, suscita-lhe uma nova energia: pensamentos e imagens que Theocritico não desdenharia infiltram se nos discursos os mais violentes; a Ecloga está como que ao lado de cadafalso. Com Chateaubriand o impulso dado accentua-se mais. O purismo litterario do velho Abb Morellet debalde se insurge quando topa no *Atala* d'estes expressões: *Chora a patria ausente; deserto que se desenrola; a grande voz do rio*; contemporaneos, cujos sentimentos o auctor traduz maravilhosamente, enthusiasmam-se com elle e mostram aos seus successores em que via devem seguir. O que se chama o *Romantismo* em França, o *Lakismo* em Inglaterra, não teve outra origem. E' a penetração na poesia de uma ordem de sentimentos e de ideias que ainda se não tinham affirmado a não ser na prosa. O exito de Romantismo não assenta nos seus Dramas, em que pretendia exceder Corneille, affrontando muitas vezes o senso commum, sim nas suas tendencias feitchicas inteiramente; fez reviver a natureza e animar o estylo.»

O *exotismo* em litteratura veiu tambem no começo do seculo XIX mostrar que existem obras bellas entre povos e civilisações que nunca conheceram os modelos classicos os greco romanos; a revelação do drama indiano de Kalidasa, a *Sacuntála*, traduzido por Schlegel, poz em evidencia que no sentimento humano existe uma permanencia de unidade affectiva, que se reflete na solidariedade da vida e na continuiedade da civilisação. Este impulso do *exotismo* manifesta-se tambem entre os Encyclopedistas do seculo XVIII, quando Diderot, Mercier, Sedaine, Voltaire e Beaumarchais tomaram conhecimento de theatro chinez. Por esta mesma tendencia, Madame de Siaël no seu livro *De l'Allemagne* foi uma iniciadora do Romantismo em França.

O exotismo na sua verdadeira comprehensão é, segundo a critica moderna, um dos meios para fecundar as Litteraturas nacionaes dando-lhes a aspiração humana do universialismo.

THEOPHILO BRAGA

Sombrios

Eu olhava o teu rosto suave e lindo,
Como o nauta o pharol abençoando,
E, de olhos postos n'esse olhar amado,
Sentia as minhas maguas refluindo
Pelo infinito azul immaculado.

Mas um dia fatal desviaste o rosto,
E a minha alma — sensitiva pura —
Retrahindo-se em intimo dusgosto,
Passou d'um mundo de ideaes composto
Aos páramos sombrios da amargura!

ALBERTINA PARAIZO.

Dr. Frederico Hopffer

Ao honrarmos hoje a galeria da *Sociedade Futura* com a inserção do retrato do Dr. Francisco Frederico Hopffer, não é nosso intuito traçarmos-lhe a biographia ou fazermos um estudo critico sobre a sua individualidade eminentemente scientifica.

Faltam nos os dados chronologicos d'um lado e d'outro, julgamos que só um erudito, dentro dos elementos aridos do campo da sciencia, e eximindo se de todos os convencionalismos artisticos se poderia desempenhar da segunda missão.

Que importa, porem? Não é em parte uma lacuna que deixamos no espirito dos nossos illustrados leitores porque todos conhecem, decerto, os titulos brilhantes com que o Dr. Frederico Hopffer se tem affirmado como scientifico.

Os seus numerosos tratados sobre medicina, os seus artigos eloquentes, de polemica, com os vultos mais abalisados do nosso centro intellectual de que se tem sempre sahido victorioso — e, emfim, todas as homenagens que lhe teem sido, com toda a justiça, rendidas dão nos documentos irrefragaveis para vermos no Dr Hopffer um dos talentos mais robustos da sciencia contemporanea

A Academia Real das Sciencias, nomeando-o seu socio, tributou um preito merecido ao seu grande talento e mostrou á evidencia, que, nem mesmo aquelles que vivem modestamente no latibulo, deixam de ser lembrados e de lhes ser reconhecido o que valem.

Comm. Pasquale Garofalo

Duque de Bonito e Marquez de Camella

Na sociedade intellectual e aristocratica da Italia occupa o duque de Bonito um logar distinctissimo. Não nos surprehenderiamos se, falando d'um italiano, tivessemos de o apontar, simultaneamente, como um litterato, um artista, um critico e um philosopho como é o vulto illustre cujo retrato encima estas linhas.

O que sobretudo nos enthusiasma no Duque de Bonito, é o philosopho, o pensador profundo n'essa sciencia vasta e cheia de attractivos no seu véo de mysterio que vae desapparecendo, com uma acceleração desoladora, dos paizes de raça latina para fixar as suas raizes seculares entre os povos saxonios e germanicos.

Desde a sua primeira obra philosophica publicada em 1872 sob o titulo da *Litteratura e Filosofia* até *Sintesi o Genesi di Scienza* que é uma phase de evolução do pensamento scientifico muito alem do nosso tempo, tem caminhado entre os triumphos da gloria.

Na litteratura, sempre entre os applausos das multidões e a admiração dos sabios e dos criticos mais intransigentes é o auctor consagrado de verdadeiras obras primas entre as quaes citaremos: *Scritti poetici*, com a tragedia *Bianca, Cappello*, e *Liriche*; *Scritti vari*; *Il Conte di Sarno* e *La Congiura dei Baroni*, etc

A sua reputação de erudito e de litterato, provando que a arte não tem fronteiras, atravessou os Alpes, e tronou-se indistinctamente conhecida entre todas as nações cultas. Assim é condecorado com a commenda de 1.ª classe da ordem *Alberino* de Saxonia; com a *Coroa da Italia*, por proposta do ministro de instrucção publica; membro da Real Academia da Belgica e socio correspondente do Instituto de Coimbra.

Cancioneiro Estrangeiro

A MR. DR. THEOPHILO BRAGA

SONNETS

I

La tombe

Arrête-toi, passant, devant ces deux tombeaux ;
Ceux qui dorment là bas furent jeunes et beaux,
En les laisant marcher dans des sentiers de roses,
Les chimeres couvraient leurs fronts blancs de fleurs roses.

Elles baisaient ces yeux on so mi rait l'azur,
Et qui n'ont jamais vu que ce qui fut très pur,
Ces beaux yeux que frôlaint, la nuit des ailes d'ange,
Et qui brillaient parfois d'une lumiére étrange

Car c'etaient les enfants du Poete songeur,
Qui sanglote là-bas, blanchi par sa douleur ;
Va lui dire, passant, que sur ces chères tombes

Passent, pendant la nuit, des essaims de colombes;
Elles viennent des cieux et portent aux enfants
Dans leur tombe endormis des rêves rayonnants.

II

Le Rêve

Ils rêvent : les soleils des leurs songes brillants
Sont plus eblouissants, et les lis qui fleurissent
Sous leurs cieux plus sereins sont encore plus blancs,
Et plus chantants sous bois les ruisseaux qui bruissent

Et tout ce qui devait, hélas ! charmer leur sort,
Frêles illusions doucement souriantes,
Chimères aux yeux gais que la mains de la Mort
Fauchas, tuant ainsi leur grâces triomphantes,

Tout mettra de l'azur dans ces rêves si beaux
Et fera dans la nuit sombre do ces tombeaux
Passer des visions chantant d'une voix claire ;

Puis au-dessus de tout, comme planent toujours
Au-dessus des berceaux de candides amours,
Planera le baiser suprême de leur mère.

M.ME LUCILE KITZÔ

C'echo de l'olifant

DE THEOPHILO BRAGA

(Doze de Inglaterra)

Or, dans son palais d'Aix est rentré l'Empereur.
Le front sombre et chagrin, il demeure rêveur :
S'il est dolent le cœur du puissant Charlemagne,
C'est que ses meilleurs Preux sont restés en Espagne!
Quand il s'en retournait, il avait entendu
De très loin résonner l'Olifant éperdu...

«C'est Roland ! se dit-il... Ce signal est la preuve
«Que mes Pairs sont soumis à quelque grave épreuve !»...

A cette heure, en effet, le fier corps de Roland
Pénetre au défilé de Roncevaux.
Croulant
Du haut des monts, voilà qu'un roc énorme roule,
Avec un grand fracas, d'autres suivent en foule ;
Mais les bons chevaliers, qu'on voudrait écraser,
Ont'un courage au cœur que rien ne peut briser.

Le secours que le prince à Roncevaux envoie
Constate, hélas ! qu'ils sont d'un désastre la proie !

Au retour, les témoins disent :
«Grand Empereur,
«Vos douze Pairs sont tous restés au champ d'honneur;
«Mais autour de ces Preux, comme en un cimetière,
«D'ennemis massacrés gît une troupe altière !»
«Nous avons vu Roland sur un tertre étendu :
«Il serrait dans ses bras, s'étant bien défendu,
«Sa chère Durandal, de reliques parée ;
«Mais il avait rompu cette épée adorée,
«Pour la soustraire aux mains d'un ennemi sans foi.
«Moise fit ainsi des Tables de la Loi !»

Charlemagne, navré de cette boucherie,
Arrache ses cheveux et sa barbe fleurie.

Aude accourt prés de lui...
Pâle d'effroi, tremblant,
Elle voit Durandal rompue !
«Ah ! De Roland
«Que savez-vous, Seigneur ? Dit-elle à Charlemagne.
Désolé, Empereur de France et d'Allemagne

Frémit à cette voix, et répond tristement :
«Pendant qu'il guerroyait contre le Musulman,
«Un félon l'a trahi . . Plutôt que d'être esclave,
«Il aima mieux périr, en chevalier, en brave !
«Mais sur le sol sanglant avant de se coucher,
«Il rompit Durandal en deux, sur un rocher.
«Il est mort, ayant fait une hécatombe immense,
«Donnant son âme à Dieu, sa pensée à la France !»

La belle Aude, les yeux fixés à terre, suit
Ce récit affligeant ; puis, soudain, comme un fruit
Que l'autan fait tomber de l'arbre, elle s'affaisse,
Et murmure :
«Ici-bas en vain Roland me laisse;
«Je sais comme il m'aimait, mes jours doivent finir ;
«Dans la tombe et la gloire à lui je vais m'unir !»

Au mort offrant son âme en un divin sourire,
Aux pieds de l'Empereur de douleur elle expire !

Trad. Inédite de

HENRI FAURE

BUSTO
QUADRO DE JOSÉ MALHÔA

No sarau

Quadras do poema em laboração:
NUNO ALBARES

(INÉDITO)

O truão, Dom Anequim,
Tange em frenente alegria
Os cascaveis da folia:
Não ha zombeteiro assim!

Ter mão com elle, ter mão,
Que se topa um insolente,
Com a lingua de serpente
Põe-n'o mais rasn que o chão!

Sobre lubricos tapetes,
Em cobras revoluteia
E vae da graciosa veia
Tirando os seus villancetes.

Diz a um grupo das mais bellas:

«Nunca vi, em tanta aurora
Nas rosas olhos de estrellas;
Pois bem os vejo agora!...

«E seios a palpitar,
Como las ondas do mar?...
Tambem só em vós, donzellas.»

E depois a um gentil moço,
Indicando-lhe uma d'ellas:

«Da que tem os olhos verdes,
Se não foges, cavalleiro,
Com seres um tal braceiro,
Fica certo que te perdes...

«Que não ha folha de espada,
Que lhe resista á mirada!

«E aquella, aquella que vae,
Com tanta graça bailando,
D'olhos negros, curiscando,
Que nem o Monte Sinai!..

«Apega-te a Santa Barbara,
Porque os olhos do teu par,
Não são olhos, são relampagos,
Que te podem assombrar!

«E vós, senhora, tambem,
Tende de mão na crueldade,
Que assim não mata ninguem;

«Por que o verdugo mais fero
Pede perdão ao matar,
E vós mataes a bailar!

«Vive Deus! Folgar donzeis:
Festa egual jámais tereis!...

Moule de Caparica, Torre.

BULHÃO PATO

A.

(INÉDITO)

Nome que não se diz, nome que não se escreve.

ANTHERO.

Teu nome, doce ambrosia,
encheu-me a alma, embriagou-me:
— se a tua voz me extasia,
ou se me curvo a teus pés,
quero pronunciar teu nome
e não me occorre, bem vês!

Se imagino que despertas
ao calôr vivido, intenso,
que me acalenta, incendeia,
busco um nome, scismo, penso,
e chamo-te *Gulnein!*

Se, do poente da vida,
vejo que no oriente assomas
e me envias teus arminhos
de primavera florida,
O meu outono engrinalda-se,
e chamo-te *Margarida!*

Se te escuto a tala, o canto,
que me arrebata e me enleia,
a timida voz levanto
para chamar-te *Sereia!*

Quando o teu busto se inclina
a receber o meu culto,
como uma imagem divina
em adorado painel,
lembro-me de Raphael,
e chamo-te — *Fornarina!*

Se me elevo, como Dante,
num devaneio feliz,
a um paraiso distante,
donde a furto me sorris,
abraço o sonho radiante
e chamo-te *Beatriz!*

Se a minha intima historia
faz recordar a do Tasso,
— no destino e não na glória, —
a minha alma sonhadra
aspira, trancorre o espaço
e chama por ti, *Leonóra!*

Se a visão, que me deslumbra,
se retrahin na penumbra,
no mistério que te cinge;
se o que tu pensas me escondes,
se falo e não me respondes,
é que o teu nome é *Esfinge!*

CANDIDO DE FIGUEIREDO

DOMITILIA DE CARVALHO

O que a individualidade de Domitilia de Carvalho representa no nosso meio tão acanhado tem decerto sido escripto por pennas mais auctorisadas do que a nossa.

Estamos, comtudo, convictas de que a homenagem que a nossa revista se honra em render-lhe se nivela com as suas mais sinceras e com aquellas que tenham sido impelidas pelo mais alto enthusiasmo.

Anda tão repercutido, n'um echo grato, por todo o paiz, o reconhecimento do seu extraordinario valor como intellectual, que tudo o que hoje dissessemos seria aquilatado um pleonasmo imperdoavel.

As suas formaturas nas faculdades de philosophia e de mathematica, e a que está concluindo na de medicina, teem-na jmcado de loiros, de gloria, a que principalmente nós — mulheres — devemos votar profundo culto.

Não é, porém, só a erudita de espirito arido que podemos ver em Domitilia de Carvalho.

Ligeiros como o alar da phantasia, os seus sonetos, tão amoraveis, attestam-na como poetisa.

É por isso que na physionomía d'ella em vez da sombra de gravidade e do aspecto pesado com que se revelam os scientificos, transparece a melancholia graciosa com que se impoem os poetas.

Trez livros

Muito raramente se proporcionam occasiões felizes, como a de hoje, em que nos seja facultado fallar, ao mesmo tempo, de tres obras de singular valor cuja apparição honre sobremaneira as lettras e a arte.

Eis aqui triumphantes, sobre a nossa banca de trabalho, os livros a que nos vamos referir.

Fecundados por tres talentos fulgentissimos de mulheres, teem, para nós, um duplo motivo de admiração e de enthusiasmo espiritual.

*

Os nossos poetas — Já ha tempo haviamos collocado as nossas leitoras na doce perspéctiva, de verem brevemente, surgir á luz da publicidade um livro com uma collecção das composições musicaes da Condessa de Proença-a-Velha.

E eis que hoje nos apparece esse livro tão desejado, excedendo toda a expectativa, por mais lisongeira que fosse, e que só por si bastaria para fazer a consagração d'um artista.

Nunca a alma portugueza encontrou na arte musical — affirmamo-lo com verdadeiro desassombro — quem tão bem a soubesse interpretar.

Lagrimas e sorrisos d'esta gente tradicional da nossa terra, se entretecem, aljofradas d'uma luminosa poeira de amor e com intuição profunda da arte, nas melodias devidas ao talento da illustre titular.

A arte não tem para ella segredos; e, se na primeira melodia em que se abre o livro nos faz ouvir a tonalidade singella, graciosa e subtil que é apanagio dos nossos cantos populares, vamos a fecha-lo e logo se destaca, n'um requinte de gravidade e de dôr, como nas concepções de Beethoven ou de Chopin, *A maior dôr humana*.

E' assombrosa esta melodia e temos a convicção de que não haveria entre os mestres mais eminentes do mundo artistico, quem não achasse honra e satisfação em a subscrever.

Na impossibilidade de nos referirmos a todas, não podemos, porem, deixar na penumbra *O Canto de Jau* onde a sr.ª Condessa de Proença, do pedestal em que a sua linhagem aristocratica a colloca, comprehende, n'um grande sentimento de artista, quanta gloria e orgulho houve em ser escravo de Camões!

De longe — Poucas edições se teem feito em Portugal tão esmeradamente elaboradas como aquella em que nos apparece o livro de contos produzido, recentemente, pelo grande e incontestavel talento de Caïel.

E' porque os nossos editores, de ordinario scepticos do acolhimento que o publico presta a livros litterarios d'esta vez comprehenderam, e muito bem, que era necessario render uma homenagem condigna á gloriosa auctora do *De longe*, tão querida e tão conhecida no nosso meio litterario.

E', na verdade, encantador e elegantissimo o volume de contos do nosso illustre compatriota!

Mesmo *lá de longe* ella não se esquece das coisas portuguezas e trata-as amoravelmente, illuminadas pelo seu poderoso cerebro e pela sua alma diamantina.

Ha um estudo profundo sobre os caracteres, typos e palestras do nosso povo, que mais uma vez affirmam a observação criteriosa com que sonda o espirito popular. *A Philosophia da cidade* e muitos outros contos que facil seria enumerar, são preciosos documentos escriptos da psychologia do nosso povo.

Uma felicitação cordealissima, portanto, a Caïel, pelo seu esplendido livro.

Mujeres de raza latina — De ha muito que, entre nós, é conhecida a individualidade litteraria de Concépcion Gimeno de Flaquer.

Já nos temos referido, por vezes, a ella com a homenagem de admiração que nos inspira o seu viril talento.

Os seus livros, que documentam um estudo muito àturado da psychologia feminina e de todos os grandes problemas sociologicos em geral, constituem thesoiros consagrados, da litteratura da nação visinha.

E' hoje que mais uma vez registamos um triumpho alcançado pela nossa collega hespanhola, na presença do livro que teve a amabilidade de nos offerecer.

Subordinando-o ao titulo que epigraphe estas linhas, Concépcion de Flaquer segue sempre a rigor, a corrente com que tem impulsionado a *Historia do Feminismo*, apresentando-nos estudos de mulheres, nos differentes centros sociaes de paizes de raça latina, admiravelmente comprehendidos e concretisados.

Comquanto não seja uma obra portugueza, como as duas a que procedentemente citamos, não deixa por isso de grangear a nossa sympathia e de motivar, para nós, sincero prazer intellectual mais esta manifestação do fecundo talento de Gimeno de Flaquer.

EXPEDIENTE:

Por absolucta falta de espaço retirámos entre outros originaes de valôr, o romance da nossa distincta collaboradora, D. Claudia de Campos.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

3 mezes	350 réis	1 anno	1$200 réis
6 »	600 »	NUMERO AVULSO	100 »

IMPRESSO NA IMPRENSA LUCAS

Rua do Diario de Noticias, 9ª

SECRETARIA — *Virginia Guerra Quaresma.*

EDITOR — *Henrique Pinto do Amaral.*

A *SOCIEDADE FUTURA encontra-se á venda nas principaes livrarias e na Galeria Monaco.*